Universidade Nova de Lisboa
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O Caso Dora, de Freud, Visto na Perspectiva das Estruturas Elementares do Parentesco

Luís Miguel de Jesus Lopes Barreiros

Dissertação de Doutoramento em Psicologia Aplicada
(Especialidade de Psicanálise)

2008

Orientador

Professor Doutor Frederico Pereira

RESUMO

A presente tese tem como objectivo apresentar o caso Dora, de Freud (Freud, 1901/1996a), à luz do paradigma das estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss.

Começamos por delinear os fundamentos psicodinâmicos inerentes às estruturas elementares do parentesco. Posteriormente passamos à sua aplicação ao caso Malinowski e depois ao caso Dora.

No caso Dora ocupamo-nos da acusação da rapariga ao pai. Dora protestou pelo facto de se sentir dada pelo pai ao Sr. K como contrapartida da Sr.ª K. Esta acusação converge com o princípio fundamental inerente às estruturas elementares do parentesco: o princípio da troca de mulheres entre homens.

Mostramos depois que a ideia da troca, enquanto ideia sobrevalorizada pelo aparelho psíquico de Dora, estrutura as relações de objecto da rapariga com todos aqueles que a rodeiam, assim como organiza todas as manifestações psicopatológicas desde sintomas e associações livres em estado de vigília, até aos sonhos relatados.

A ideia sobrevalorizada da troca, em Dora, revela-se constante, transparente e imutável ao longo da história clínica narrada por Freud. A troca funciona para Dora, enquanto ideia sobrevalorizada, como paradigma catalizador das transformações nas suas relações com familiares e amigos, assim como dos sonhos sumetidos a análise. Concluímos, por tudo isto, que esta ideia funcionou como um devaneio emblemático alicerçado psicodinamicamente nas estruturas elementares do parentesco.

SUMMARY

We wish to show the Dora case, of Freud, in the light of Lévi-Strauss's paradigm of the elementary structures of kinship.

First, we try to establish the psychodynamic foundations of the elementary structures of kinship. Later we will apply the same paradigm to Malinowski's case and to Dora's case.

In the Dora case, we are concerned with the girl's accusation to her father. Dora protested that her father gave her to Mr. K. as a compensation of Mrs. K. This accusation converges with the fundamental principle inherent to the elementary structures of kinship: the principle of the exchange of women between men.

Then we show that the idea of exchange, as an overvalued idea by Dora's psychic apparatus structures the girl's object relations with all of those wich are with her, and organizes the psychopathological manifestations from symptoms and free associations in state of vigilance to related dreams.

The overvalued idea of exchange, in Dora, it is a constant, transparent and immutable idea throughout the clinical story narrated by Freud. The exchange works to Dora, as overvalued idea, like a paradigm wich catalyse the transformations of her relations with family members and friends, and of her dreams submitted to analysis. In the end, we conclude that this idea worked as an emblematic daydream psychodinamicaly supported in the elementary structures of kinship.

PALAVRAS-CHAVE

Troca na relação de objecto; devaneio emblemático; estruturas elementares do parentesco; aparelho psicoparental

AGRADECIMENTOS

À minha Mãe e Pai, Irmãos e Sobrinhos
À Bolachinha
Ao Bebusko Miguel

Ao meu Orientador, Professor Frederico Pereira, pelo apoio prestado desde o início

Ao Professor Dutra de Freitas, amigo que apesar da distância longínqua se manteve próximo na inspiração

À FCT e ao FSE no ambito do III Quadro Comunitário de Apoio pelo auxílio financeiro

ÍNDICE

RESUMO **3**

PALAVRAS-CHAVE **5**

AGRADECIMENTOS **6**

INTRODUÇÃO **11**

PARTE I – DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES DO PARENTESCO ÀS ESTRUTURAS ELEMENTARES DO APARELHO PSICOPARENTAL. ANÁLISE E CONSEQUÊNCIAS **13**

Do Ser Humano enquanto Propriedade de Outro às Estruturas Elementares do Parentesco. Importância desta Constatação nos Primórdios do Movimento Psicanalítico 14

Presenças de Saussure e de Jakobson em Lévi-Strauss 17

Passagem da Natureza à Cultura. O Modelo Estrutural da Linguagem 29

Casamento ou Aliança Preferencial entre Primos Cruzados. Dialéctica entre a Filiação e a Aliança nas Estruturas Elementares do Parentesco 57

Fundamentos Psicanalíticos da Hierarquia entre os Sexos nas Estruturas Elementares do Parentesco 118

A Perspectiva de Georges Bataille *118*

A Perspectiva de Karen Horney *121*

A Perspectiva de Melanie Klein sobre o Desenvolvimento da Sexualidade no Sexo Feminino *130*

Fundamento Paradoxal nas Estruturas Elementares do Parentesco 141

A Bissexualidade e a Troca nas Estruturas Elementares do Parentesco *159*

A Histeria nas Estruturas Elementares do Parentesco *160*

A Horda Primitiva e o Átomo de Parentesco Interno *166*

O Núcleo e o Envelope ou Invólucro das Estruturas Elementares do Parentesco *170*

O Aparente Paradoxo da Tomada de Posições Opostas. Loewald e a Tese da Angústia do Retorno ao Útero. Comparação com a Tese de Fairbairn *180*

As Estruturas Elementares do Parentesco nas Concepções de Michel Foucault. Do «Dispositivo da Aliança» ao «Dispositivo da Sexualidade» 190

Jung e o Psicologema da Aliança entre Primos Cruzados 198

PARTE II – O CASO MALINOWSKI **207**

Aspectos Psicodinâmicos no Diário de Malinowski. As Estruturas Elementares do Aparelho Psíquico de Malinowski 208

O Primeiro Sonho, de 20 de Setembro de 1914. Um Sonho Premonitório *217*

A Simbólica Psicanalítica de um Sonho Premonitório *224*

Viajando de Barco. Hemorragia e «Sangue que Flúi do Cérebro» *237*

O Décimo Terceiro Sonho de 14 de Fevereiro de 1918 ..... *250*

O Amigo Billy e Marianna *252*

Malinowski e o Missionário Saville *254*

Geografia Sexual *268*

Malinowski: «O Senhor do Fogo» *277*

O Caso do Polícia Alemão *299*

A Terra e a Mãe *331*

Malinowski e a Representação da sua Sexualidade nas Trobriand *333*

Luta Edipiana pela Supremacia na Disciplina-Mãe *337*

Sobre a Evidência do Conteúdo Manifesto *339*

Conclusões Gerais *343*

PARTE III – O CASO DORA, DE FREUD **350**

ANÁLISE DO CASO DORA 351
CONCLUSÃO 493
REFERÊNCIAS 496

> [Dora] "entra, no entanto, aos olhos de Freud, numa situação típica. Como explica o Sr. Claude Lévi-Strauss em *As Estruturas Elementares do Parentesco*, a troca de laços de aliança consiste exactamente no seguinte: *eu recebi uma mulher e devo uma filha*" (Lacan, 1956-57/1995, p. 146)[1].

[1] "(…) rentre pourtant bien aux yeux de Freud, dans une situation typique comme M. Lévi-Strauss l'explique dans les 'structures elementaires de la parenté': l'échange des liens de l'alliance consiste exactement en ceci: j'ai reçu une femme et je dois une fille" (Lacan, 1956-57, p. 344).

LISTA DE FIGURAS

← Índice

Figura da Aliança Bilateral (Troca Restrita)

Figura da Aliança com a Prima Cruzada Patrilateral (Ciclo Curto da Troca Generalizada)

Figura da Aliança com a Prima Cruzada Patrilateral (Pormenor)

Figura da Aliança com a Prima Cruzada Matrilateral (Ciclo Longo da Troca Generalizada)

Figura da Aliança com a Prima Cruzada Matrilateral (Ciclo Longo da Troca Generalizada), (Pormenor)

INTRODUÇÃO

← Índice

Depois de muitas discussões desde as análises pioneiras de Morgan (1877/s.d-a, 1877/s.d-b) sobre o parentesco Lévi-Strauss (1949/1982) terá fornecido, entre outras importantes contribuições teóricas, um paradigma inovador neste controverso domínio. Partindo dos pressupostos teóricos de Mauss (1923-24/1988) e adaptando o princípio geral da dádiva e da contra-dádiva enquanto fenómeno social total permeador de todas as dimensões (económica, política, social, militar, psicológica, jurídica, etc.) da vida em sociedade, Lévi-Strauss (1949/1982) sublinha por seu lado a controversa fusão dos conceitos de *sujeito* e de *mercadoria (objecto)* tal como aplicados às mulheres no contexto das estruturas elementares do parentesco. Admitindo inspirar-se nos paradigmas do marxismo, da psicanálise e da geologia ─ suas "três professoras" (cf. 1955/1993, p. 52)[2] ─ Lévi-Strauss (1955/1993) mostra o ser humano, de modo enigmático e num sistema integrado, como objecto. Sendo as mulheres trocadas entre homens ao serviço da homeostase social através de uma política de alianças pré-determinada podemos ver a categoria da alienação a funcionar de modo invertido ao pressuposto pelas premissas marxistas. Pois se a alienação pressupõe separar a mercadoria do processo de produção que lhe deu origem colocando o sujeito "numa relação alienada com o produto da sua actividade" (Marx, 1844/1989, p. 161) seria de esperar que as mulheres enquanto sujeitos se sentissem subjectivamente menos alienadas tanto mais quanto mais fossem trocadas em sociedades reguladas pelas ditas estruturas elementares do parentesco caracterizadoras, nesta acepção, do processo da sua "produção" ou da "produção" do género feminino. Através da troca os homens "produzem" as mulheres mediante ideologias legitimadoras e através da troca das mulheres / mercadorias produzem relações entre eles próprios ─ eis uma das mensagens essenciais que Lévi-Strauss (1949/1982) nos deixa.

[2] "trois maîtresses" (Lévi-Strauss, 1955, p. 61).

A fim de irmos além da fria descrição dos pressupostos sustentadores dos sistemas entraremos no caso Dora (Freud, 1901/1996a). Aqui a dor e o sofrimento pautados por uma história clínica contada por Freud (1901/1996a) dão um rosto humano, embora dramático, às estruturas elementares do parentesco. Dora, mulher moderna ocidental e habitante de uma sociedade regulada por estruturas complexas do parentesco, acusa o pai de a querer trocar pela esposa de um amigo (Pepina Zellenka, a dita Sr.ª K) dando a filha de volta a este (Hans Zellenka, o referido Sr. K) como contrapartida.

Dora personifica o sofrimento subjectivado das estruturas elementares do parentesco tal como manifestadas através da ideia sobrevalorizada da troca. A sua história clínica consiste no desenrolar sistemático desta ideia que no seu percurso abrange todos os personagens da história através de um jogo de identificações múltiplas. A ideação sobrevalorizada da troca de objectos consiste no meio pelo qual Dora concebe a essência das relações entre seres humanos.

Ao invocar a troca de seres humanos entre si Dora invoca a objectividade de um princípio regulador de vastos sistemas de parentesco que existem antes e para além dela própria enquanto sujeito isolado. Invoca um sistema que, embora sobrevalorizado, lhe fornece uma grelha interpretativa para se situar e interpretar o mundo humano que a rodeia. Invoca ainda um sistema que apesar de ser no seu conteúdo manifesto detestado e criticado é ambivalentemente desejado e mantido na medida em que traduz a psicodinâmica das suas componentes homossexuais e heterossexuais em conflito, assim como dos seus desejos incestuosos.

PARTE I – DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES DO PARENTESCO ÀS ESTRUTURAS ELEMENTARES DO APARELHO PSICOPARENTAL. ANÁLISE E CONSEQUÊNCIAS

← Índice

Do Ser Humano enquanto Propriedade de Outro às Estruturas Elementares do Parentesco. Importância desta Constatação nos Primórdios do Movimento Psicanalítico

← Índice

Resumo: *Logo nos primórdios do movimento psicanalítico houve a consciência da problemática relativa à relação entre os sexos. Ainda pela pena de Rank ficou um testemunho da importância deste tema para a teorização psicanalítica posterior. As consequências da ideia de que um ser humano pode ser encarado como objecto propriedade de outro, particularmente as mulheres enquanto propriedade dos homens, já tinham sido reconhecidas. Por outro lado esta problemática marxista e freudiana iria ser aproveitada por Lévi-Strauss para o deenvolvimento da sua teoria estruturalista da proibição universal do incesto entendida como passagem da natureza à cultura.*

Tendo Lévi-Strauss sido, juntamente com Freud, um dos grandes teorizadores das consequências da proibição universal do incesto, e tendo a influência do autor alemão sido admitida pelo próprio, importa assim notar como o paradigma freudiano a respeito do complexo de Édipo está subjacente na primeira das grandes obras de Lévi-Strauss, *As Estruturas Elementares do Parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1973).

Além disso, importa ter presente que as discussões sobre o direito de propriedade das mulheres pelos homens – elemento omnipresente na teoria lévi-straussiana – constituíram uma preocupação existente nas polémicas que o criador da psicanálise mantinha com os seus colaboradores no início dos tempos analíticos, na denominada Sociedade Psicanalítica de Viena (Nunberg & Federn, 1906-08/1962). Neste sentido, a discussão entre as posições sociais-democratas de Adler e a visão antropopsicológica de Freud mereceram, a respeito das relações entre os sexos e da possível tensão entre o matriarcado e o patriarcado, os seguintes comentários de Otto Rank (In Nunberg & Federn, 1906-08/1962): “A discussão sobre o matriarcado foi muito escassa. Através do

direito de herança, o patriarcado deslocou o matriarcado. Nos seus estudos Karl Marx mostra como, sob o balanço da posse pessoal, tudo se torna propriedade. A mulher também se torna uma posse e esta é a raiz do seu destino" (p. 352)[3].

Estes comentários foram apurados por Nunberg & Federn (1906-08/1962) que, especificando-os ainda mais, corrigiram Rank no sentido de melhor clarificar a posição de Adler a este respeito: "É interessante ver como a atenção de Adler foi atraída pelos aspectos políticos e sociais do problema, enquanto Freud pensou nisto em termos psicológicos e antropológicos. Adler refere-se à doutrina marxista segundo a qual os modos de produção numa sociedade, e em certo tempo, determinam as suas condições políticas, sociais e culturais. Assim, numa sociedade capitalista, de acordo com Marx, a mulher, também, torna-se uma posse privada. Naquele tempo os casamentos por dinheiro eram muito comuns entre a burguesia, e a nobreza utilizava o casamento para propósitos políticos económicos ─ circunstâncias que certamente deram apoio à teoria de Marx. Rank pareceu condensar a discussão de Adler a um ponto que quase se tornou ininteligivel. Adler deve ter dito aprximadamente o seguinte: 'Na medida em que, sob o domínio da posse privada, tudo se torna propriedade privada, assim também acontece com a mulher. Primeiro ela é posse do pai; depois é posse do marido. Isto determina o seu destino'" (p. 352, n. 8)[4].

Faltava portanto, tal como este registo histórico das minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena atesta, uma ligação dinâmica que tornasse inteligível a relação entre os restos de

[3] "The discussion of matriarchy was too meager. Through the right of inheritance, patriarchy displaced matriarchy. In his studies Karl Marx shows how, under the sway of ownership, everything becomes property. Woman also becomes a possession and this is the root of her fate" (Rank In Nunberg & Federn, 1906-08/1962, p. 352).

[4] "It is interesting to note how Adler's attention was attracted by the social and political aspects of the problem, whereas Freud thought of it in psychological and anthropological terms. Adler refers here to the Marxist doctrine that the modes of production predominant in a society at any given time determine its political, social, and cultural conditions. Thus, in a capitalistic society, according to Marx, woman, too, becomes a private possession. At that time marriages for reasons of money were quite common among the bourgeoisie, and the nobility utilized marriage for political and economic purposes as a matter of course—circumstances which certainly gave support to Marx's theory. Rank seems to have condensed Adler's discussion to a point where it becomes almost unintelligible. Adler must have said approximately the following: "Just as, under the sway of private ownership, everything becomes private property, so does woman. First she is the father's possession; then the husband's. That determines her fate"" (Nunberg & Federn, 1906-08/1962, p. 352, n. 8).

patriarcado existentes na modernas sociedades industrializadas e a prevalência que, ainda, os homens mantêm sobre as mulheres em muitos dos sectores sociais. Qual, pois, a relação entre as estruturas do aparelho psíquico e as relações exteriores entre objectos pautadas pelo domínio masculino? É esta a questão a que nos propomos responder visando aplicá-la posteriormente ao caso Dora (Freud, 1901/1996a) e começando por analisar desde já os pressupostos analíticos fundamentais da teoria das estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss (1949/1973).

Para Lévi-Strauss (1949/1973) o social está intrinsecamente ligado ao mental e o parentesco é o domínio onde tal ligação melhor se expressa. Para o autor das *Estruturas Elementares* (Lévi-Strauss, 1949/1973), o parentesco é, por excelência, o domínio da significação imediatamente antes da linguagem. De todos os sistemas com expressão social (ciência, arte, etc.), o parentesco é aquele que mais se aproxima da linguagem e portanto importa entendê-lo segundo o modelo desta: "O sistema de parentesco é uma linguagem; não é uma linguagem universal, e outros meios de expressão e acção podem ser preferidos (...) a língua é o sistema de significação por excelência; ela não pode não significar e o todo de sua existência está na significação. Ao contrário, a questão deve ser examinada com um rigor crescente, à medida que nos afastamos da língua para encarar outros sistemas que também pretendem a significação, mas cujo valor de significação permanece parcial, fragmentário ou subjetivo: organização social, arte, etc." (pp. 65-66).

Aproveitando, no domínio da linguística estrutural, as inovações introduzidas por Saussure (1916/1972) e pela fonologia de Troubetzkoy (1939/1949), Lévi-Strauss (1949/1973) irá importar para a análise estrutural do parentesco a noção fundamental da oposição entre fonemas na produção da significação da linguagem. Após o conhecimento, na *New School* (Estados Unidos), da obra de Jakobson, "exilado como ele e administrando cursos de fonologia estrutural em francês" (Dosse, 1991, 29)[5], Lévi-Strauss irá proceder à tese da equiparação estrutural entre o parentesco e a linguagem nas *Estruturas Elementares do Parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1973).

[5] "exilé comme lui et qui donne des cours de phonologie structurale en français"[5] (Dosse, 1991, 29).

Presenças de Saussure e de Jakobson em Lévi-Strauss

← Índice

Resumo: *De Saussure, Lévi-Strauss retém o postulado da língua como sistema constituído por partes solidárias sincrónicas e o postulado da língua como forma e não como substância. Sublinha o postulado saussuriano segundo o qual todo o signo une um conceito e uma imagem acústica e não uma coisa e um nome. O conceito é para Saussure o significado e a imagem acústica o significante. O signo enquanto relação significado/significante é constituído por uma relação arbitrária entre ambos. É isto que faz da língua uma forma na medida em que é constituída por relações que vão para além da matéria fónica (os sons elementares ou fonemas da língua que constituem as palavras). As relações significado/significante geram as significações que flutuam e variam no sistema estável da língua (as palavras tornam-se polivalentes apesar de a língua ondem vivem se manter a mesma). A questão que Lévi-Strauss vai colocar, a partir daqui, é: será a cultura significativa? Partilhará a cultura as propriedades da língua? É da fonologia estrutural de Jakobson, no entanto, que provêm as principais influências sobre Lévi-Strauss. Para Jakobson a língua é um sistema que comporta vários níveis inter-relacionados mas com relativa autonomia. A comparação sistemática entre estes níveis ou sistemas linguísticos entre si revela as suas estruturas invariantes. Os «traços distintivos», mais elementares que os fonemas, formam os elementos básicos da língua. Embora finitos em quantidade as línguas nunca esgotam por completo combinatória potencial dos traços distintivos entre si. É o signo enquanto relação recíproca entre o significante (matéria fónica, natureza) e o significado (sentido, cultura) que serve de modelo para análise da cultura em Lévi-Strauss. O modelo da passagem da natureza à cultura segue o modelo do signo. Lévi-Strauss vai procurar o sistema social ou nível mais significativo da cultura que mais se aproxime da sistematicidade da língua começando por referir os sistemas de parentesco. Passa depois a explicitar a significação destes e os processos pelo qual esta se constrói.*

Para Saussure (1916/1972), a língua (fenómeno de natureza colectiva oposto e complementar da "fala" enquanto fenómeno de natureza individual) constitui um sistema. Num sistema não há termos absolutos ou isolados mas relações de dependência mútua: segundo Saussure (1916/1995) "a língua é uma forma e não uma substância" (p. 206)[6]. Sendo esta forma identificada com o conjunto das oposições verificadas nas relações associativas tal como nas sintagmáticas, então "na língua não há senão diferenças" (Saussure, 1916/1995, p. 202)[7]. Logo, "o signo linguístico é arbitrário" (Saussure, 1916/1995, p. 124)[8]. A relação (de significação) significado/significante é imotivada. Sendo dada *a priori* em determinada língua, o sujeito falante não pode interferir nela. A relação conceito/imagem acústica é não necessária. Os significados que se equivalem entre línguas diferentes, são constituídos por diferentes significantes, isto é, por diferentes fonemas.

Sendo a significação a relação entre elementos de domínios diferentes, e necessitando simultaneamente de recorrer a esta relação e a relações de dependência mútua entre elementos do mesmo domínio, podemos recorrer à noção de «valor» que pressupõe que um elemento pode ser trocado por outro elemento de natureza diferente, e, sobretudo que o seu poder de troca é condicionado por relações fixas existentes entre ele e elementos da mesma natureza (cf. Ducrot & Todorov, 1978, p. 33). O mesmo se passa com o elemento linguístico que é o signo, isto é, "a associação de uma imagem acústica (significante) com um conceito (significado), o que faz com que ele preencha a primeira condição, pois o seu poder de troca consiste em servir para designar uma realidade linguística que lhe é estranha (realidade atingida por intermédio do seu significado, mas que não é o seu significado) (...), sendo o poder significativo que o constitui estritamente condicionado por relações que o unem aos outros signos da língua, de modo que não podemos apreendê-lo sem o reintegrar numa rede de relações intra-linguísticas" (Ducrot & Todorov, 1978, p. 33-34), facto que permite preencher a segunda condição. Jakobson (1977), por exemplo, explicava a formação do denominado "Valor linguístico" (p. 61) através da confluência de duas relações, uma "heterogénea", outra "homogénea" sendo a

[6] "*la langue est une forme et non une substance*" (Saussure, 1916/1972, p. 169).
[7] "*dans la langue il n'y a que des différences*" (Saussure, 1916/1972, p. 166).
[8] "*le signe linguistique est arbitraire*" (Saussure, 1916/1972, p. 100).

primeira composta por "uma coisa *diferente* susceptível de ser *trocada* por aquela cujo valor se quer determinar» (relação significado / significante)" (p. 61) e a segunda por "coisas *parecidas* que são *comparáveis* com aquela cujo valor está em causa (duas relações significado / significante comparáveis entre si) " (p. 62). Do mesmo modo, para Saussure (1916/1995) "o valor de qualquer termo é determinado pelos que dele se aproximam" (p. 196)[9] sendo "um dado termo (…) como que o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem os outros termos coordenados, cuja soma é indefinida" (p. 212)[10]. Logo, a unidade linguística (significado, conceito ou palavra) é um valor. É neste sentido que os signos são valores relativos, negativos e opositivos uns relativamente aos outros.

Pode assim notar-se que, para Saussure (1916/1995), o sistema de signos é um sistema fechado, passível de ser submetido a análise. Fonologicamente é estabelecido o inventário dos fonemas de uma língua dada - fonemas que, tal como os signos "são acima de tudo entidades opositivas, relativas e negativas" (Saussure, 1916/1995, p. 201)[11] -, assim como o inventário lexical. A sintaxe é constituída por um sistema acabado de formas e de regras. O sistema (entenda-se, a língua como sistema de valores) não tem exterior (eliminação do referente na relação de significação), mas apenas relações internas. A língua é, portanto, um sistema de valores autónomo.

Tem agora um outro peso a afirmação de Lévi-Strauss (1945/1970), segundo a qual "O sistema de parentesco é uma linguagem" (p. 65). Lévi-Strauss quer significar que algo se passa na fenomenologia das relações de parentesco entre seres humanos que faz com que este de certo modo seja um sistema fechado na medida em que produz autonomamente as suas próprias significações, i.e., confere sentido às relações mútuas das pessoas entre si na medida em que estas só buscam significado sendo substituídas por outras relações parentais da mesma natureza.

[9] "la valeur de n'importe quel terme est déterminée par ce qui l'entoure" (Saussure, 1916/1972, p. 160).
[10] "Un terme donné- est comme le centre d'une constellation, le point où convergent d'autres termes coordonnés, dont la somme est indéfinie" (Saussure, 1916/1972, p. 174).
[11] "sont avant tout des entités oppòsitives, relatives et négatives" (Saussure, 1916/1972, p. 164).

Jakobson (1977) opera algumas críticas ao sistema de Saussure, nomeadamente ao nível do conceito de signo linguístico.

Segundo Saussure (1916/1995) o signo linguístico "une um conceito e uma imagem acústica" (p. 122)[12]. Mas o que é a imagem acústica? "Não é o som material, puramente físico, mas a marca psíquica desse som, a sua representação fornecida pelo testemunho dos sentidos" (Saussure, 1916/1995, p. 122)[13]. Para Jakobson (1977), semelhante situação mais não é do que "a marca de um psicologismo ingénuo" (p. 44), pois ignora o valor funcional dos sons no interior de uma língua determinada, isto é, o "valor linguístico" do "dado acústico" (p. 25), ou seja, o "valor linguístico" do "fonema" (p. 51). Saussure (1916/1995) regressa assim à fonética motora, apoiado na ideologia da sua época, ideologia segundo a qual bastava elaborar a "sistemática dos fenómenos motores" para adquirir a "sistemática dos fenómenos acústicos" na medida em que se acreditava que – erradamente para Jakobson (1977) – "estudando a *produção* do som em vez do próprio som se obtinha o equivalente motor do fenómeno acústico, equivalente mais acessível, mais instrutivo e mais rico em meios de análise" (p. 25).

Para Jakobson (1977), procurar a relação entre o som e o sentido é procurar saber qual a função de cada unidade mínima de som (unidade que, para Saussure, é o fonema) numa língua, isto é, qual a capacidade (valor linguístico) de cada unidade mínima de som na distinção dos significados ou conceitos (que contêm essas unidades) entre si (a procura da unidade mínima, revela também, a inspiração no modelo da física determinista da sua época). A combinatória das unidades mínimas entre si determina o sentido, tendo em atenção que "se fala para se ser ouvido", e que para se poder "interpretar, classificar e delimitar os vários sons da linguagem, temos de ter em conta o sentido de que estão carregados, uma vez que é para se ser compreendido que se tenta ser ouvido" (Jakobson, 1977, p. 34). Deste modo, o pressuposto fundamental do sistema de Jakobson (1977) será a determinação da função das unidades mínimas do som (domínio acústico) numa língua,

[12] "un concept et une image acoustique" (Saussure, 1916/1972, p. 98).
[13] "n'est pas le son matériel, chose purement physique, mais l'empreinte psychique de ce son, la représentation que nous en donne le témoignage de nos sens" (Saussure, 1916/1972, p. 98).

isto é, "trata-se de isolar o mais pequeno, o último elemento fónico carregado de valor significativo, (isto é), trata-se de encontrar os *quanta* da língua" (p. 34).

Segundo Saussure (1916/1995) o significante tem um carácter linear, "é de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo", logo, "representa uma extensão e essa extensão é mensurável numa só dimensão. É uma linha" (p. 128)[14]. Se cada ponto dessa linha das sucessividades representar um signo e sendo o signo constituído pela relação significado/significante, a cada significado apenas pode corresponder um significante. Sendo o significado produto de relações fixas intra-linguísticas (portanto, relações opositivas entre significados), pode haver acumulação de significados num mesmo ponto da linha, isto é, no mesmo significante. O significante é, portanto, indivisível. O significante é o fonema, logo o fonema é indivisível (ao mesmo som acústico corresponde o mesmo acto motor ou fónico). Às unidades compostas por um mesmo acto correspondente ao mesmo som, dá-se o nome de fonemas (cf. Saussure, 1916/1995, p. 80). Dois sons não podem ser pronunciados simultaneamente, pois isso implicaria a execução de dois actos motores simultâneos, o que é impossível.

A única justificação contra tal argumento é que dois sons mínimos simultâneos não possam ser sensorialmente audíveis e por isso só são detectáveis nas diferenças de sentido que produzem ao nível dos significados. Mas isto é atentar contra a arbitrariedade do signo, pois é admitir que sem as diferenças acústicas ao nível das unidades mínimas sonoras nunca se constituiriam as diferenças entre significados. Em abono desta posição, refira-se a "ordem indeterminada" (Saussure, 1916/1995, p. 212)[15], segundo a qual a associação entre significados se efectua, pois tal será admitir que sem se recorrer aos significantes não se consegue explicar a formação dos significados. Deste modo, para Jakobson (1977) as unidades sonoras mínimas são as unidades ou traços distintivos. Estes formam feixes ou fonemas. Os fonemas formam morfemas que por sua vez formam as palavras. Os traços distintivos constituem variáveis combinatórias, tal como os fonemas, e sendo as variáveis combinatórias matematicamente reguladas e combinatoriamente

[14] "*il représente une étendue,* et (…) *cette étendue est mesurable dans une seule dimension* : c'est une ligne" (Saussure, 1916/1972, p. 103).
[15] "ordre indéterminé" (Saussure, 1916/1972, p. 103).

atribuídas, só ao nível das palavras e das frases o sujeito falante goza de relativa liberdade combinatória (discursiva). Assim, sendo a relação significado / significante uma relação necessária, só os traços distintivos e os fonemas são entidades relativas, opositivas e negativas; isoladamente nada significam; os significados deixam de ser, tal como eram em Saussure (1916/1995), negativos ─ passam a ser apenas relativos e opositivos. A combinatória das entidades linguísticas entre si, isto é, dos fonemas entre si, permite *a priori* pôr em causa a irredutibilidade do fonema, uma vez que a combinação dos fonemas entre si permite a formação de uma quantidade de relações (logo, de sons e seus respectivos valores funcionais relacionados com os fonemas) superiores à quantidade de fonemas correspondentes que formaram a combinação original. Qualquer traço distintivo é binário; os traços distintivos são idênticos para todas as línguas (as línguas apenas diferem pelo modo como combinam esses traços em fonemas). Segundo Ducrot & Todorov (1978), no sistema de Jakobson[16] "os traços linguísticos são idênticos para todas as línguas" (p. 171), afirmando com isto que existem "universais fonológicos" (p. 212) ou invariantes significativos pesquisados e encontrados a partir dos sistemas fonológicos isolados por Troubetzkoy (1939/1949) na maioria das línguas do mundo, para cada uma das quais este terá construído o respectivo quadro consonântico e vocálico.

Há, assim, uma diferença fundamental entre Saussure (1916/1972) e Jakobson (1977) na passagem do som à significação, do som ao sentido: para Saussure (1916/1972), os significados, os conceitos da língua determinam os sons constituintes, os fonemas, na produção da significação; para Jakobson (1977), além dos fonemas existem ainda sons mais elementares, os traços distintivos, só reconhecíveis através de oposições binárias, oposições mútuas. São estes traços distintivos ou significantes que através das oposições binárias entre si determinam os significados na produção da significação linguística. A relação é pois inversa entre um autor e outro e Lévi-Strauss (1952/1970), apesar da influência de ambos, vai colher de Jakobson (1977) a tese do primado do significante sobre o significado.

[16] A obra de Jakobson que os autores referem é: R. Jakobson, C. Fant & M. Halle — *Preliminaries to Speech Analysis,* M. I. T. Press, Technical Report 13, 1952.

A tese binária das oposições sonoras fundamentais na base das línguas e respectiva relação com a produção dos significados é, no entanto, polémica como o atestam linguistas como Martinet (1974/1983) para quem, por exemplo, o sistema de Troubetzkoy (1939/1949) – autor no qual Lévi-Strauss se inspirou para a análise estrutural do parentesco – é criticável. Segundo Martinet (1974/1983), Troubetzkoy (1939/1949) classificava as oposições fundamentais "1. Segundo as relações que elas estabelecem com todo o sistema; 2. segundo a relação entre os termos da oposição; 3. em relação à extensão do seu poder distintivo" (p. 115). O problema estaria no terceiro princípio de classificação na medida em que tratando-se de traços distintivos não se trataria de signos. E a análise de signos coloca dificuldades de mais difícil resolução na medida em que "Opor signos levanta problemas suplementares, porque, no nível dos significados, torna-se muito difícil saber se se «opõem» realmente significados (linguísticos ou semiológicos) ou objectos extra-linguístícos (ou extra-semiológicos) (…) Não se deve esquecer que os sistemas fonológicos comportam um número limitado de unidades, e que se pode portanto inventariar todas as possibilidades de oposição das unidades entre si. Isto é quase impossível quando se trata, por exemplo, dos substantivos de uma língua" (Martinet, 1974/1983, p. 115).

Esta problemática é importante na epistemologia da psicanálise. Depois do estabelecimento dos mecanismos fundamentais do deslocamento, da condensação e da figurabilidade ao nível do processo primário na *Interpretação dos Sonhos*, por Freud (1900/1981b), Lacan (1953-54/1986) adopta de modo sistemático, a partir de inícios dos anos 50 do século XX, a via estrutural linguística baseado no primado do significante sobre o significado tal como acontecia com Jakobson (1963, 1977) e Lévi-Strauss (1950/1974). As críticas segundo as quais a psicanálise lacaniana estaria datada devido à colagem a um modelo linguístico a prazo ultrapassável devido à normal evolução científica perdem terreno devido à falta de visão de conjunto tanto do edifício psicanalítico quanto das suas relações com as ciências sociais. Na década de 60 e 70, Abraham e Torok (1976, 1978/2001) oferecem outra alternativa epistémica psicanalítica quando, disputando a primazia do significante lacaniano, propõem a busca dos significados ao nível do inconsciente quer narrado, quer escrito, renovando a perspectiva

semântica ao colocarem em relevo um novo mecanismo não previsto por Freud, embora neste baseado: o mecanismo do «deslocamento semântico» operando em diferentes níveis e constitutivo das denominadas «criptas» do inconsciente. A «regressão anasémica», tal como mostrado no caso da reanálise do «Homem dos Lobos» (Abraham & Torok, 1976), analisando significados-chave em diferentes níveis do texto escrito ou narrado, seria assim outra das formas de atingir os significados últimos inerentes às cenas originárias ou protofantasias (Laplanche & Pontalis, 1967/1994). O «deslocamento de segundo grau» enquanto mecanismo que preside à formação críptica no *Verbário do Homem dos Lobos* (Abraham & Torok, 1976) não é um "deslocamento metonímico simples, fazendo referência a determinado elemento de uma situação concreta em lugar de outro, efectivamente visado (como quando dizemos «pena» para significar «lápis» ou «escritor») mas um deslocamento de segundo grau; é a palavra ela própria, enquanto entidade lexicológica, quem constitui a situação global onde se encontra antecipada uma acepção sobre o conjunto das acepções. Esta particularidade podemos exprimi-la também dizendo que não se trata aqui de *metonímia de coisas* mas de *metonímia de palavras*" (p. 117-118)[17]. As palavras no discurso falado ou escrito encaixam-se umas nas outras para além do mero deslocamento ou condensação linear. Distribuem-se em níveis diferentes, em significações diversas de uma mesma palavra. Constituem, afinal, os denominados *alosemas*. A contiguidade lexicológica de que se trata aqui "não é da ordem da representação de palavras, mas releva da contiguidade lexicológica das significações diversas duma mesma palavra, isto é dos *alosemas*, da mesma maneira pela qual são repertoriadas num dicionário" (Abraham & Torok, 1976, p. 118)[18].

Esta iniciativa coloca novamente em jogo as críticas de Martinet (1974/1983) a Troubetzkoy (1939/1949) tal como as reproduzimos mais acima. Isto para mostrar o

[17] "déplacement métonymique simple, faisant référence à tel élément d'une situation concrète à la place de tel autre, effectivement visé (comme quand on dit « plume » pour signifier « style » ou « écrivain ») mais un déplacement au second degré; c'est le mot lui-même, en tant qu'entité lexicologique, qui constitue la situation globale où se trouve prélevée une acception sur l'ensemble des acceptions. Cette particularité, on pourrait aussi l'exprimer, en disant qu'il ne s'agit pas ici de *métonymie de choses* mais de *métonymie de mots*" (Abraham & Torok, 1976, p. 117-118).

[18] "n'est pas de l'ordre de la représentation de choses, ni même de l'ordre de la représentation de mots, mais relève de la contiguïté lexicologique des significations diverses d'un même mot, c'est-à-dire des *allosèmes,* telles qu'elles sont répertoriées dans un dictionnaire" (Abraham & Torok, 1976, p. 118).

quanto a pretensa inspiração em determinado modelo científico vigente em determinada época não significa necessariamente uma paragem ou um desrespeito pelo acrescento de novidades científicas ao longo do tempo.

O problema da significação enquanto relação entre o significado e o significante, a discussão sobre a primazia ou não do significante sobre o significado e a questão da representação da significação no aparelho psíquico é, como se torna visível, um problema complexo.

A perspectiva estrutural coloca-nos a dimensão da linguagem, além de "informadora", também como "*formadora,* no duplo sentido da *estruturante da experiência* e de *constituinte do sujeito*" (Pereira, 1990, p. 327). Veremos no caso Dora (Freud, 1901/1996a) como as estruturas elementares do parentesco, sendo o sistema que mais próximo reside da linguagem, passam por via desta a participar na constituição do sujeito respondendo simultâneamente à "Questão de saber até que ponto e como [introduz] a linguagem na ordem simbólica das sociedades uma certa organização" tornando "intelígivel o facto de a linguagem actualizada na fala revelar também o sujeito e o cenário da acção, e informar na precisa medida em que oculta". No caso Dora (Freud, 1901/1996a) a linguagem do parentesco estruturadora das relações de objecto da rapariga com os familiares e amigos revelar-nos-á o sujeito Dora no seu cenário de acção ─ complexo familiar imaginado mediante a ideia sobrevalorizada da troca de objectos. Através da "linguagem" das estruturas elementares do parentesco, no caso Dora, estamos afinal a procurar fornecer, embora em sentido muito lato, uma possivel resposta à "*questão matricial:* «O que é a linguagem?»" (Pereira, 1990, p. 327).

As principais consequências do modelo proposto por Saussure (1916/1972) inserem-se, segundo Pereira (1990, pp. 329-331), na longa tradição filosófica que vai dos gregos aos modernos, tradição caracterizada pela preocupação constante pelas relações entre a linguagem e as ideias, e no seio destas pelo modo como emergem a Verdade, por uma lado, e a Mentira e o Erro, por outro. Estará a Verdade fora da linguagem ou pelo contrário só através da primeira a alcançaremos? E como explicar o Erro e a Mentira?

Consistirão num mau uso da linguagem ou numa relação com ela distorcida? Para tratar quer da Verdade, quer da Mentira e do Erro, e apesar da variação dos significados, alguma constância tem que haver na linguagem pois caso contrário o estabelecimento de leis mesmo que parciais e a própria dobra da linguagem sobre si própria na produção da ciência linguística não seriam possíveis. A questão essencial, em Saussure (1916/1972), consistiria assim em saber o que faz a constância ou similitude da unidade linguística (signo) apesar das constantes modificações entre significado e significante? (cf. Pereira, 1990, p. 331). Aqui Pereira (1990) sublinha novamente a relatividade do signo linguístico vendo nos signos "entidades opositivas (…) e negativas" (Saussure, 1916/1995, p. 201) implicando isto que "Se cada signo é definido pelo sistema completo das suas oposições e contrastes, então qualquer nova palavra introduz *nuances* maiores ou menores de significação, e acarretaria uma mudança geral do estatuto dos signos. Devido a isso: *ou não há mudança linguística, ou não há comunicação efectiva*. Como há mudança linguística, a visão saussuriana espelhada no «Curso de Linguística Geral» desembocaria na impossibilidade da comunicação! - o que é um paradoxo estimulante…" (1990, p. 332). Trata-se aqui do aspecto sistémico da linguagem, das potencialidades da linguagem em significar o sujeito. Acontece que perante a linguagem o sujeito não é passivo. Onde se situa então o sujeito concreto perante a linguagem, que tipo de relação mantém com esta? É aqui que "(…) é necessário acrescentar um terceiro aspecto na vida dos signos: *a sua dimensão representativa.* Esta dimensão representativa obedece a uma dinâmica psicológica e não linguística, definindo ela um sub-sistema do sistema total de oposições e contrastes, sub-sistema determinado racionalmente e psicologicamente" (Pereira, 1990, p. 332). Entrámos na dimensão psicológica da relação do sujeito com a linguagem. Neste ponto Pereira (1990, p. 332) invoca Vigotski (1934/2001) sobre a distinção fundamental entre o "sentido de uma palavra" ou signo, por um lado, e o seu "significado", por outro, sendo para este último "o sentido de uma palavra (…) a soma de todos os factos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exacta" (p. 465). Pereira (1990) sublinha sobre isto que há um valor de uso, afectivo, dado na relação do sujeito

concreto com a linguagem e expresso nos significados que o primeiro encontra na segunda uma vez que "*a significação é valor de uso, e não é apenas pela análise formal das unidades da língua que o seu sentido se descobrirá, mas pela sua utilização efectiva por sujeitos psicológicos concretos. A análise formal dará o possível do sentido, o limite máximo do campo de variação, mas só a identificação concreta do uso dos signos poderá precisar o seu sentido e significação na troca comunicacional, na linguagem interior, e até na linguagem expressiva*" (pp. 332-333). Temos assim o que podemos chamar de valor de troca dos signos, valor entendido na perspectiva sistémica da linguagem e definido como a troca de signos entre si na medida em que "são acima de tudo entidades opositivas, relativas e negativas" (Saussure, 1916/1995, p. 201)[19]. Colocaremos ainda os significados idiossincráticos estabelecidos pela relação dos sujeitos psicológicos concretos com a linguagem, significados distintos do «sentido das palavras», no âmbito do denominado valor de uso. Postularemos assim, como pretendemos fazer na presente tese, que o paradigma da troca (Mauss, 1923-24/1988) subjacente ao sistema das estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) é o que mais se aproxima da significação produzida pela linguagem. A partir daqui mostraremos, no caso Dora (Freud, 1901/1996a), que a troca de objectos enquanto ideia sobrevalorizada expressa na acusação de Dora ao pai fornece à rapariga o valor de uso, subjectivo, afectivo, que ela entretém com esta ideia e simultâneamente o valor de troca inerente à objectividade do paradigma da troca que exige, independentemente da vontade subjectiva do sujeito concreto, que a toda a dádiva de um objecto corresponda uma contra-dádiva de outro objecto. Por outras palavras, o poder estruturador da ideia da troca coincide com as necessidades subjectivas, edipianas, de Dora. Isto leva a que a acusação de ser objecto de troca entre as vontades do pai e do Sr. K atinja a plena significação no próprio enunciado da acusação ─ ou seja, nas palavras de Pereira (1990), a "dimensão representativa" da "dinâmica psicológica" de Dora expressa-se e expressa ao mesmo tempo o esgotamento total da significação que a ideia de troca contém. Neste sentido é uma acusação cujo enunciado se pode aproximar, talvez, dos enunciados *performativos* de Austin (1955/1965). As duas dimensões, representativa (valor de uso) e significativa (valor de troca) coincidem de tal modo que a acusação de ser trocada entre homens contém a

[19] "sont avant tout des entités oppòsitives, relatives et négatives" (Saussure, 1916/1972, p. 164).

significação máxima que é possivel extraír do caso Dora sendo tão clara, transparente, intransformável e reveladora do sujeito no momento da análise que a denominaremos por *emblemática* no sentido das estruturas dos *sonhos emblemáticos* de Pereira (2002). Fica a pairar no entanto uma sombra sobre a proposta teórica aqui apresentada ─ a de suspeitar que possa não ter havido "comunicação efectiva" de Dora a Freud (1901/1996a) na medida em que esta apenas teria vivido subjectivamente a "dimensão representativa", os "significados" sustentados pela significação máxima que a ideia da troca foi capaz de gerar, permanecendo assim no interior dos limites da ideação sobrevalorizada da troca. Isto manteria em aberto a angustiante hipótese da "impossibilidade da comunicação" (p. 332) tal como Pereira (1990) referiu sobre as consequências do sistema saussuriano.

Passagem da Natureza à Cultura. O Modelo Estrutural da Linguagem

← Índice

Resumo: *Explicação dos aspectos essenciais da teoria levi-straussiana da proibição universal do incesto. A troca de mulheres segundo as estruturas elementares do parentesco enquanto avatar psicossocial da proibição universal do incesto e como marca da Cultura sobre a Natureza.*

Lévi-Strauss (1949/1973) encara a linguagem em duas dimensões ontológicas simultâneas: uma dimensão da Natureza e uma dimensão da Cultura. Na natureza coloca a matéria fónica, a matéria sonora, o puro som, o fonema que isolado nada significa. Na cultura coloca a produção de sentido, a significação, a sempre incompleta conjunção entre significados e significantes. Isto não significa, no entanto, que a cultura determine a estrutura da linguagem. Antes é o contrário que acontece. São as estruturas simbólicas da linguagem que determinam a definição da cultura. Mas é a cultura que escolhe as configurações civilizacionais dentro das condições de possibilidade do simbolismo da linguagem. Para Lévi-Strauss (1950/1974), "É próprio da natureza da sociedade exprimir-se simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; contrariamente, as condutas individuais normais jamais são simbólicas por elas mesmas: são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói" (p. 7)[20].

A linguagem é portanto uma síntese *a priori*, isto é, os elementos de significação (fonemas) estão dados à partida, antes da cultura (*a priori*) e na sua combinatória significam a totalidade do que é possível significar (síntese); é a cultura que fragmenta esta síntese *a priori* erigindo sistemas simbólicos autónomos e incomensuráveis entre si: "Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas visam a exprimir certos aspectos da

[20] "Il est de la nature de la société qu'elle s'exprime symboliquement dans ses coutumes et dans ses institutions; au contraire, les conduites individuelles normales *ne sont jamais symboliques par elles-mêmes:* elles sont les éléments à partir desquels un système symbolique, qui ne peut être que collectif, se construit" (Lévi-Strauss, 1950, p. xiii).

realidade física e da realidade social e, ainda mais, as relações que estes dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros. O fato de eles não poderem sempre ocorrer de modo integralmente satisfatório, e sobretudo equivalente, resulta, inicialmente, de condições de funcionamento próprias a cada sistema: eles permanecem sempre incomensuráveis; e a seguir, introduzindo elementos alógenos nesses sistemas, a história determina os deslizamentos de uma sociedade em direção de outra e desigualdades no ritmo relativo de evolução de cada sistema particular" (Lévi-Strauss, 1950/1974, p. 9)[21].

Mas Lévi-Strauss (1950/1974) vai mais longe. Tirando as devidas consequências desta posição, admite que o mundo significou para o homem desde sempre. Isto leva a postular uma natureza descontínua do sentido, da significação e da linguagem. Não há continuidade de progresso na construção do sentido. Este é parte integrante do mundo. Filogenética e colectivamente o mundo sempre significou e sempre há-de significar algo para o homem (determinação do significado pelo significante): "Quaisquer que tenham sido o momento e as circunstâncias de seu aparecimento na escala da vida animal, a linguagem só pode ter nascido de uma vez. As coisas não puderam passar a significar progressivamente. Em seguida de uma transformação (...) efetuou-se uma passagem de um estágio em que nada tinha, a um outro em que tudo tinha sentido (...) todo o Universo, de um só golpe, tornou-se *significativo*" (p. 32-33)[22].

Ou seja, é a linguagem que marca a passagem da Natureza à Cultura. Autores há, como Freitas (2008b, 2008c), que objectam entretanto pelo facto de este enunciado de Lévi

[21] "Toute culture peut être considérée comme un ensemble de systèmes symboliques au premier rang desquels se placent le langage, les règles matrimoniales, les rapports économiques, l'art, la science, la religion. Tous ces systèmes visent à exprimer certains aspects de la réalité physique et de la réalité sociale, et plus encore, les relations que ces deux types de réalité entretiennent entre eux et que les systèmes symboliques eux-mêmes entretiennent les uns avec les autres. Qu'ils n'y puissent jamais parvenir de façon intégralement satisfaisante, et surtout équivalente, résulte d'abord des conditions de fonctionnement propres à chaque système: ils restent toujours incommensurables; et ensuite, de ce que l'histoire introduit dans ces systèmes des éléments allogènes, détermine des glissements d'une société vers une autre, et des inégalités dans le rythme relatif d'évolution de chaque système particulier" (Lévi-Strauss, 1950, pp. xv-xvi).

[22] "Quels qu'aient été le moment et les circonstances de son apparition dans l'échelle de la vie animale, le langage n'a pu naître que tout d'un coup. Les choses n'ont pas pu se mettre à signifier progressivement. A la suite d'une transformation (…) un passage s'est effectué, d'un stade où rien n'avait un sens, à un autre où tout en possédait" (Lévi-Strauss, 1950, p. xxxix).

Strauss ser reducionista e incompleto, argumentando que a linguagem é apenas uma das estruturas que contribuem para a passagem do sujeito da Natureza à Cultura, além de questionarem o real significado que Lévi-Strauss possa ter atribuído ao conceito de "filogénese". Para Freitas (2008c) há outros meios concorrentes e complementares igualmente importantes inerentes a esta passagem tais como a Memória dos Freitas na formação da subjectividade, constituida através da aceitação tácita ─ pelo sujeito que passa da Natureza à Cultura (a criança, por exemplo) ─ de tudo o que vai encontrar no mundo: objectos, relevo geográfico do meio natal, comportamentos dos demais sujeitos que compõem sua alteridade, e esta só será reconhecida na relação intersubjectiva acrítica e irreflexiva com as pessoas que compõem o meio familiar e social no qual o sujeito em formação rumo à Cultura se encontra e com o qual tem contacto, verbal ou não. Para Freitas (2008c), em suma, a linguagem não é a única estrutura que funda a cultura, ou que coloca o indivíduo (a criança, por exemplo) como ser no mundo. O sujeito só acede ao ser no mundo aceitando tacitamente o que o mundo e o meio social lhe apresenta, não só na linguagem, aprendida de maneira irreflexiva, acrítica, automática, na intersubjectividade de senso comum com o meio familiar e social, mas também captando os *imprints* da Memória dos Freitas, que muitas vezes nem sequer são verbalizados, podendo ser transmitidos à criança através de gestos, informações e histórias incompletas transmitidas pela alteridade (pais, familiares, pessoas do meio social, etc.) em cujo "buraco" a criança/pessoa vai criar os seus mitos pessoais; bem como através da assimilação/aprendizagem de condutas não verbais e de vivências míticas provindas, aprendidas e/ou apreendidas, especialmente a partir de pais e avós, mas também de outros parentes e do meio social, como a percepção de fracasso ou sucesso, bom humor e mau humor, hábitos familiares de ingerir alimentos ou fazer as refeições, hermetismo e/ou obscurantismo ancestral na transmissão de conhecimentos e idéias, ou o seu contrário, franqueza e disponibilidade/prestimosidade de um parente (pai, mãe, avô, tios, amigos da família, etc.) na comunicação de conhecimentos e idéias; gosto por animais ou horror a ter animais em casa... enfim, muitos modos de apresentar o mundo à criança, que o aceita tacitamente e vai formando, com isso, a sua Memória dos Freitas, incorporando de maneira tácita tais impressões/imprints/informações do mundo que encontra, formando assim a sua subjectividade. É a Memória dos Freitas que inaugura a subjectividade, de

maneira diferente em cada indivíduo, mesmo no caso de irmãos, numa mesma família. A assimilação cultural, para cada um de nós, é ao mesmo tempo igual (enquanto se aceita tacitamente enunciados culturais universais de uma dada cultura local comunitária) e desigual (enquanto cada um apreende, na sua Memória dos Freitas, de forma diferente dos demais, os enunciados e mitos da Memória dos Freitas que são apresentados ─ mesmo entre irmãos). Obviamente que a linguagem, aqui, é igualmente um instrumento de aculturação, mas esta não o é isoladamente, como pretendeu Lévi-Strauss. Para Lévi-Strauss a passagem da Natureza à Cultura dá-se segundo o modelo cibernético das oposições binárias de fonemas entre si na produção da significação ─ Freitas (2008c) circunscreve críticamente esta posição apenas e sómente no que respeita à linguagem. Destas oposições, a cultura escolhe aquelas que melhor se lhe adaptam. Isto só pode ser feito pela moldagem do ser humano desde o nascimento, ou seja, pela moldagem linguística da intersubjectividade da criança ─ e também extra-linguística, na perspectiva de Freitas (2008c). Segundo Lévi-Strauss (1949/1982), "É o (...) pensamento infantil, que fornece, em todas as culturas, um fundo comum e indiferenciado de estruturas mentais e de esquemas de sociabilidade, do qual cada uma retira os elementos que lhe permitirão construir seu modelo particular. As observações da psicologia da infância revelam, em forma concreta e viva, mecanismos que temos certa dificuldade em atingir pela análise teórica, porque correspondem a exigências e formas de atividade muito fundamentais e, por essa razão, enterradas nos mais profundos recantos do espírito. A criança não os deixa perceber porque seu pensamento oferece a imagem de um suposto "estágio" da evolução intelectual, mas porque sua experiência, menos que a do adulto, sofreu a influência da cultura particular a que pertence. As observações de Susan Isaacs[23] são, deste ponto de vista, especialmente preciosas" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 124)[24].

---

[23] Lévi-Strauss esclarece que esta observação parte do apoio parcial na obra de Susan Isaacs, *Social Development in Young Children,* Londres, 1933.

[24] "c'est (…) la pensée infantile, qui fournit, à toutes les cultures, un fond commun et indifférencié de structures mentales et de schemes de sociabilité où chacune puise les éléments qui lui permettront de construire son modèle particulier. Les observations de la psychologie de l'enfance révèlent, sous une forme concrète et vivante, des mécanismes que nous avons quelque difficulté à atteindre par analyse théorique, parce qu'ils correspondent à des exigences et à des formes d'activité très fondamentales et, pour cette raison, enfouies aux plus profonds recoins de l'esprit. L'enfant ne les laisse pas apercevoir parce que sa pensée offre l'image d'un prétendu « stade » de l'évolution intellectuelle; mais parce que son expérience, moins que celle de l'adulte, a subi l'influence de la culture particulière à laquelle il appartient" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 99).

O pensamento da criança, o pensamento infantil, vai assim ser testemunho de um importante fenómeno. É na descrição deste fenómeno que se vai revelar a interpretação muito particular do autor francês relativamente à tese de Freud esboçada nos *Três Ensaios* (Freud, 1905/1981). Para Lévi-Strauss (1949/1982), "Quanto mais penetramos nos níveis profundos da vida mental, mais esta nos apresenta estruturas, cujo número diminui ao mesmo tempo que cresce o rigor e a simplicidade delas. Por essa razão, preferiríamos falar do "polimorfismo" do pensamento infantil, dando a este termo um sentido vizinho daquele em que a psicanálise o emprega quando descreve a criança como um "perverso polimorfo". Que se entende por isso, com efeito? Que a criança apresenta, em forma rudimentar e de maneira coexistente, todos os tipos de erotismo entre os quais o adulto procurará sua especialização no plano normal ou patológico. Considerando a relação entre as atitudes sociais da criança e os diferentes tipos de organização realizados pelas sociedades humanas, preferiríamos dizer, da mesma maneira, que a criança é (...) um "social polimorfo" " (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 133)[25].

Do mesmo modo que a sexualidade opera a sua definição entre normalidade ou patologia escolhendo entre os vários tipos de erotismo infantil, assim também o polimorfismo social da criança se define na base da escolha entre sons elementares possíveis na construção do que virá a ser uma língua: " (...) durante o período do balbucio, anterior ao início da linguagem articulada, a criança produz a totalidade dos sons realizáveis na linguagem humana dos quais sua própria língua só conservará alguns. Assim é que toda criança soube, desde os primeiros meses de vida, emitir sons, alguns dos quais lhe aparecerão mais tarde extremamente difíceis de reproduzir, malogrando em imitá-los de maneira satisfatória quando aprender línguas muito afastadas da sua própria. Cada língua

[25] "plus nous nous enfonçons vers les niveaux profonds de la vie mentale, plus celle-ci nous présente des structures, dont le nombre diminue en même temps que s'accroît leur rigueur et leur simplicité. Pour cette raison, nous parlerions plus volontiers du «polymorphisme» de la pensée infantile, en donnant à ce terme un sens voisin de celui où la psychanalyse l'emploie quand elle décrit l'enfant comme un «pervers polymorphe». Qu'entend-on par là en effet? Que l'enfant présente, sous une forme rudimentaire et de façon coexistante, tous les types d'érotisme entre lesquels l'adulte cherchera sa spécialisation sur le plan normal ou pathologique. Envisageant la relation entre les attitudes sociales de l'enfant et les différents types d'organisation réalisés par les sociétés humaines, nous dirions volontiers, de la même manière, que l'enfant est, pour l'ethnologue, un «social polymorphe»" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 110).

opera pois uma seleção, e de certo ponto de vista essa seleção é regressiva" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 133)[26].

Deve notar-se como as teses de Piaget e de Lévi-Strauss se interpenetram neste ponto. Segundo Piaget (1932/1992), "Um dos traços mais marcantes da mentalidade egocêntrica, do ponto de vista intelectual, é o sincretismo, o mesmo é dizer a percepção, a concepção ou o raciocínio através de esquemas globais e não analisados. Descrito por Decroly e Claparède no domínio da percepção, este fenómeno encontra-se no pensamento da criança sob todos os seus aspectos: explicação, compreensão, raciocínio, etc." (p. 153)[27]. Ainda para Piaget (1932/1992), "na medida em que a sua palavra se encontra revestida de autoridade, na medida em que, particularmente, o ensino verbal leva a melhor sobre a experiência em comum, também o adulto consolida o verbalismo infantil" (p. 153)[28]. Nítida influência de Piaget sobre Lévi-Strauss. Tal como já vimos, também para este último a selecção de fonemas usados pela criança vai ser operada pela Cultura (mundo dos adultos), cultura que se expressa pelo poder místico da palavra impregnada de autoridade do adulto[29] na cooperação intergeracional entre adulto e criança (note-se como o problema da transmissão psíquica intergeracional posto por Freud (1913/1981b) em *Totem e Tabu* também já está aqui equacionado). O adulto modela a criança através do poder da palavra[30]. O poder da palavra[31] tem deste modo conotações místicas na

[26] "pendant la période du babillage, antérieure au début du langage articulé, l'enfant produit la totalité des sons réalisables dans le langage humain, et dont sa propre langue ne retiendra que quelques-uns. Si bien que tout enfant a su, dans les premiers mois de sa vie, émettre des sons dont certains lui apparaîtront plus tard comme extrêmement difficiles à reproduire, et qu'il échouera à imiter de façon satisfaisante quand il apprendra des langues très éloignées de la sienne propre. Chaque langue opère donc une sélection, et d'un certain point de vue, cette sélection est régressive" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 109).

[27] "L'un des traits les plus frappants de la mentalité égocentrique, au point de vue intellectuel, est le syncrétisme, c'est-à-dire la perception, la conception ou le raisonnement par schemes globaux et inanalysés. Décrit par Decroly et Claparède dans le domaine de la perception, ce phénomène se retrouve dans la pensée de l'enfant sous tous ses aspects: explication, compréhension, raisonnement, etc." (Piaget, 1932/1992, p. 153).

[28] "(...) dans la mesure où sa parole se revêt d'autorité, dans la mesure, en particulier, oú l'enseignement verbal l'emporte sur l'expérience en commun, il va de soi aussi que l'adulte consolide le verbalisme enfantin" (Piaget, 1932/1992, p. 153).

[29] E também, segundo Freitas, pelo poder mítico daquilo que é captado na aprendizagem não-verbal e intuitiva tal como percebida no adulto.

[30] E também do que é transmitido sem palavras, segundo Freitas (2008c).

[31] E também de outros signos percebidos pela criança e não traduzidos em palavras, segundo Freitas (2008c).

medida em que se revela como um poder que impõe ordem ao pensamento da criança na produção do que Piaget (1932/1992) designa por "verbalismo infantil"[32]: "O que é o verbalismo, por exemplo, senão o duplo produto do método da autoridade oral e do sincretismo próprio à linguagem egocêntrica da criança? Em suma, para socializar realmente o espírito, a cooperação é necessária, pois só esta virá a libertar a criança da mística da palavra adulta" (p. 326)[33].

Este "panmorfismo"-sincretismo do pensamento infantil (Piaget, 1932/1992), enquanto modelo da síntese de todos os pensamentos possíveis em todos os lugares e culturas, produzirá então a "ilusão subjectiva" ou "ilusão arcaica" pela identificação entre pensamento infantil, pensamento psicopatológico e pensamento primitivo, na medida em que esta corresponde à regressão ao estado em que co-residiam simultaneamente (síntese) todas as diferenças possíveis entre sonoridades elementares desta ou daquela língua a formar, e entre erotismos duma configuração sexual normal ou patológica por vir (Lévi-Strauss, 1949/1982). Lévi-Strauss (1949/1982) conclui, deste modo, que a comparação entre os pensamentos infantil, psicopatológico e primitivo é ela mesma uma característica (regressiva) de um estado infantil neutro que se perdeu: "Na medida em que a psiconeurose pode definir-se como a forma mais alta de síntese mental dada no plano de uma consciência puramente individual, o pensamento do doente assemelha-se ao pensamento da criança. Estas formas de pensamento já não se conformam mais, ou ainda não se conformam, com a estrutura seletiva do grupo particular de que dependem. Uma e outra dispõem então de relativa liberdade para elaborar sua própria síntese. Esta síntese está condenada sem dúvida a permanecer instável e sempre precária, porque se realiza num plano individual e não nos quadros do meio social. Mas é em todo caso uma síntese, ou, se preferirmos, um redemoinho caleidoscópico de sínteses, esboçadas ou deformadas. De toda maneira, não é jamais a ausência de síntese (exceto talvez no caso especial da hebefrenia). A "regressão" aparente não é por conseguinte o retorno a um "estágio" arcaico da evolução intelectual do indivíduo ou da espécie, mas a reconstituição de uma

[32] E não apenas verbalismo, segundo Freitas (2008c).
[33] "Qu'est-ce que le «verbalisme», par exemple, sinon le double produit de la méthode d'autorité orale et du syncrétisme propre au langage égocentrique de l'enfant? Bref, pour socialiser réellement l'esprit, la coopération est nécessaire, car seule celle-ci parviendra à délivrer l'enfant de la mystique de la parole adulte" (Piaget, 1932/1992, p. 326).

situação análoga à que domina somente no início do pensamento individual. Pensamento patológico e pensamento primitivo opõem-se ao pensamento infantil na medida em que são pensamentos de adultos" (p. 135-136)[34]. Tenhamos em atenção que esta exposição visa sobretudo dar o testemunho histórico do raciocínio de Lévi-Strauss (1949/1982) e da coerência que lhe subjaz em função do paradigma que o autor propõe, assim como do uso feito relativamente aos dados clínicos condicionados pelo tempo. As posições de Lévi-Strauss aqui expostas no presente parágrafo são actualmente contestadas do ponto de vista clínico psicopatológico: autores como Freitas (2008c) contestam na actualidade a afirmação de Lévi-Strauss (1949/1982) ─ de que o "pensamento patológico e pensamento primitivo [se opõem] ao pensamento infantil na medida em que são pensamentos de adultos" sendo "a comparação entre os pensamentos infantil, psicopatológico e primitivo (…) ela mesma uma característica (regressiva) de um estado infantil neutro que se perdeu" ─ caracterizando-a como absurda e acrescentando que "Não há «um estado infantil neutro que se perdeu», além de que o pensamento doente não se assemelha, em nada, com o pensamento da criança".

Apoiando-se nas análises sobre crianças de Susan Isaacs[35], Lévi-Strauss postula a reciprocidade como expressão e fundamento das emoções básicas de amor e ódio entre seres humanos. Para o autor, o que está em jogo na reciprocidade é a relação intersubjectiva, uma relação que opera por identificação com o outro. Segundo Lévi-Strauss (1949/1982) a reciprocidade "é função de um sentimento progressivo (...) que por si mesmo resulta de uma experiência vivida do fato coletivo e de um mecanismo mais

[34] "Dans la mesure où la psycho-névrose peut se définir comme la forme la plus haute de synthèse, mentale donnée sur le plan d'une conscience purement individuelle, la pensée du malade ressemble à la pensée de l'enfant: ces formes de pensée ne se conforment plus, ou pas encore, à la structure sélective du groupe particulier dont elles relèvent; l'une et l'autre disposent donc d'une liberté relative pour élaborer leur propre synthèse. Cette synthèse est sans doute condamnée à rester instable et toujours précaire, parce qu'elle se réalise sur un plan individuel et non dans les cadres d'un milieu social; mais c'est tout de même une synthèse, ou, si l'on préfère, un tournoiement kaléidoscopique de synthèses, ébauchées ou déformées; en tout cas, ce n'est jamais une absence de synthèse (sauf peut-être le cas spécial de l'hébéphrénie). La «régression» apparente n'est donc pas un retour à un «stade» archaïque de l'évolution intellectuelle de l'individu ou de l'espèce: c'est la reconstitution d'une situation analogue à celle qui préside aux débuts de la pensée individuelle seulement. Pensée pathologique et pensée primitive s'opposent à la pensée infantile en tant qu'elles sont des pensées d'adulte" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 113).

[35] Susan Isaacs, *Social Development in Young Children,* Londres, 1933.

profundo de identificação com o outro" (p. 125)[36]. Temos assim o conceito de identificação enquanto mecanismo psicanalítico equacionado com a reciprocidade.

Laplanche & Pontalis (1967/1994) definem e compõem muito bem o conceito de identificação através dos seus dois sentidos possíveis, nomeadamente o da "identificação heteropática (Scheler) e centrípeta (Wallon)[37], em que é o indivíduo que identifica a sua própria pessoa com outra, e uma identificação idiopática e centrífuga, em que o indivíduo identifica o outro com a sua própria pessoa" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994). A coexistência dos dois movimentos explicaria "a formação do 'nós'" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994) autorizando, para os autores, o uso da expressão "multiplicidade de personalidades psíquicas" (Freud, 1897/1996, p. 298). Ou seja, tal como Lévi-Strauss admite a reciprocidade como fenómeno de natureza mental inconsciente (Lévi-Strauss, 1949/1982), assim também Laplanche e Pontalis (1967/1994) apontam o carácter colectivo (intersubjectivo) da identificação enquanto mecanismo essencial do aparelho psíquico. A reciprocidade e a identificação são, portanto, fenómenos complementares ao alcance da tese complementarista de Devereux (1967/1980), tese segundo a qual a dimensão consciente de um (reciprocidade) implica a dimensão inconsciente do outro (identificação) e vice-versa, não podendo ambas as dimensões ser conhecidas simultaneamente na medida em que segundo o autor (Devereux, 1967/1980) "o facto de conceber a psique como uma série de funções (operações) ajuda-nos bastante a compreender porque razão um comportamento dado pode ser completamente explicado, tanto em termos psicológicos quanto em termos sociológicos, e também porque razão, apesar da sua convergência, estas duas explicações não podem ser dadas simultâneamente

[36] "fonction d'un sentiment progressif de réciprocité, qui résulte lui-même d'une expérience vécue du fait collectif, et d'un mécanisme plus profond d'identification à autrui" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 100).

[37] Wallon (1975) liga sobretudo o conceito de «identificação» aos de «assimilação» e sobretudo de «projecção». Para Wallon (1975), "Um papel muito vasto cabe, nas flutuações do Eu, à identificação. Trata-se dum facto muito original, mas que comporta níveis muito diferentes e mesmo duas orientações inversas: centrípeta e centrífuga. É diferente do confusionismo precisamente porque é orientada e difere da participação porque não é dependência mas assimilação. O Eu tanto projecta noutrem os traços da sua personagem, como por vezes não ousa sequer reconhecer-se. Wernicke notara que os doentes que o consultavam apresentavam frequentemente a pessoa que os acompanhava como sendo o doente e eles próprios como sendo o acompanhante. É aquilo a que chamou "transitivismo". Esta tendência é de tal modo frequente, mesmo nos indivíduos normais, que se pode, sem risco de grande erro, aplicar ao seu autor os juízos atribuídos a outrem. O retrato dos nossos próprios defeitos é procurado fora de nós mesmos" (p. 169).

(…) Com efeito, segundo esta concepção, o que, num contexto, é tratado como estando «por dentro» pode, noutro contexto, ser tratado como estando «por fora», e reciprocamente. A mesma coisa é possível, embora mais dificilmente, se encararmos a psique enquanto composta por regiões" (p. 433)[38].

Pode notar-se deste modo que os mecanismos de identificação que se jogam no interior dos complexos familiares (Lacan, 1936/1987) ou átomos de parentesco (Lévi-Strauss, 1973/1993) encontram a sua contrapartida no exterior dos mecanismos de reciprocidade. Há uma mudança de nível entre as identificações intra e extrafamiliares e a reciprocidade, mas ambos os mecanismos se inter-traduzem e ao conteúdo manifesto (sintoma, símbolo) de um corresponde o conteúdo latente (trauma) do outro. As identificações intrafamiliares podem ser sintoma da reciprocidade e esta ser sintoma das identificações intrafamiliares. A reciprocidade é sintoma simbolizado das identificações intrafamiliares e estas são sintoma simbolizado da reciprocidade. Através do símbolo há conversão de umas nas outras. Estas pressuposições teóricas são importantes para a renovação da análise do caso Dora, de Freud (1901/1981a), reanálise que pretendemos levar a cabo na terceira parte da presente tese. Uma das teses de Freud (1893-95/1996) nos *Estudos sobre a Histeria* está também aqui presente na medida em que os sintomas "possuem uma ligação originária ou de longa data com os traumas, e representam símbolos destes nas atividades da memória" (p. 124)[39] sendo o fenómeno da conversão constituído pela "transformação da excitação psíquica em sintomas somáticos crónicos" (p. 116)[40]. Os corpos biológicos que constituem os corpos familiares que se agregam por sua vez em corpos sociais ou "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[41] constituem o domínio da conversão simbólica de sintomas. Ou seja, entendemos a reciprocidade descrita por Lévi-

[38] "(...) le fait de concevoir la psyché comme une série de fonctions (opérations) nous aide beaucoup à comprendre pourquoi un comportement donné peut être complètement expliqué, tant en termes psychologiques qu'en termes sociologiques, et aussi pourquoi, malgré leur convergence, ces deux explications ne peuvent être utilisées simultanément (…) En effet, selon cette conception, ce qui, dans un contexte, est traité comme étant «dedans» peut, dans un autre contexte, être traité comme étant «dehors», et réciproquement. La même chose est possible, quoique plus difficile, si l'on envisage la psyché comme composée de régions" (Devereux, 1967/1980, p. 433).

[39] "(…) to have an original or long-standing connection with traumas, and stand as symbols for them in the activities of the memory" (Breuer & Freud, 1893-95/1981, p. 95).

[40] "transformation of psychical excitation into chronic somatic symptoms" (Breuer & Freud, 1893-95/1981, p. 95).

[41] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).

Strauss como um mecanismo fundamental no domínio da qual o rasto ou os trilhos das primeiras identificações psicodinâmicas ganham sentido e através da qual permanecem na memória. Do mesmo modo, os processos de incorporação e introjecção de objectos que operam na constituição do ego actuam no campo da reciprocidade tal como entendida, adaptada e demonstrada através da análise do caso Dora, de Freud (1901/1981a). Neste processo tem que ser dada atenção ao facto de Freud parecer diferenciar entre o «investimento» (*catexis*) e a «identificação» remetida para o domínio da sublimação (Freud, 1924/1996). Significa isto que a criança sai do complexo de Édipo devido à ameaça de castração e entra no jogo de identificações com objectos externos ao núcleo familiar. Para Freud (1924/1996), "[Os investimentos] de objeto são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno [do investimento] libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital — afastou o perigo de sua perda — e, por outro, paralisou-o — removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança" (p. 196)[42].

As identificações operam assim na intersubjectividade, na relação com o outro. As identificações jogam-se na reciprocidade e na troca e provêm da proibição universal do incesto. Por esta razão todo o sistema antropopsicodinâmico e antropopsicológico de Lévi-Strauss assenta ele também na proibição do incesto como fenómeno central

[42] "The object-cathexes are given up and replaced by identifications. The authority of the father or the parents is introjected into the ego, and there it forms the nucleus of the super-ego, which takes over the severity of the father and perpetuates his prohibition against incest, and so secures the ego from the return of the libidinal object-cathexis. The libidinal trends belonging to the Oedipus complex are in part desexualized and subhmated (a thing which probably happens with every transformation into an identification) and in part inhibited in their aim and changed into impulses of affection. The whole process has, on the one hand, preserved the genital organ — has averted the danger of its loss — and, on the other, has paralysed it — has removed its function. This process ushers in the latency period, which now interrupts the child's sexual development" (Freud, 1924/1981, pp. 176-177).

promotor da passagem da Natureza (domínio das pulsões sexuais incestuosas) à Cultura (interiorização da lei do pai na formação do superego). A proibição do incesto está subjacente à troca de mulheres tal como definida nas *Estruturas Elementares do Parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1973).

A troca e a reciprocidade constituem assim o fundamento irredutível (sintético *a priori*) de toda a fenomenologia psicológica e social. A relação (de identificação) eu-outro constitui-se desde logo como uma oposição sintetizada (isto é, satisfeita, ultrapassada) na troca recíproca. *A priori* porque a inevitabilidade da reciprocidade é a única contrapartida face aos investimentos narcísicos do ego infantil da primeira infância. A questão que Lévi-Strauss (1949/1982) levanta obtém como resposta uma síntese dos fundamentos do sistema proposto: "Em que consistem as estruturas mentais para as quais apelamos e cuja universalidade acreditamos poder estabelecer? São, parece, em número de três: a exigência da Regra como Regra; a noção de reciprocidade considerada como a forma mais imediata em que possa ser integrada a oposição entre o eu e o outro; enfim, o caráter sintético do dom, isto é, o fato de que a transferência consentida de um valor de um indivíduo para outro os transforma em parceiros, e acrescenta uma qualidade nova ao valor transferido" (p. 123)[43]. A "Regra como Regra" parece ter a natureza de um postulado fundamentador das outras duas estruturas mentais. Onde residirá, no entanto, a sua essência? Já o vimos: nos primeiros investimentos de formação do ego e na relação eu-outro experimentada pela criança nos processos de identificação e contra-identificação logo desde a mais precoce infância. Lévi-Strauss (1949/1982) mostra-o referindo o "pensamento infantil" (p. 134)[44] como "uma espécie de ponto de encontro, ou centro de dispersão, para todas as sínteses culturais possíveis" (p. 134)[45] entendendo o pensamento infantil como um domínio de "capital comum de estruturas mentais e de esquemas

[43] "En quoi consistent les structures mentales auxquelles nous avons fait appel et dont nous croyons pouvoir établir l'universalité? Elles sont, semble-t-il, au nombre de trois : l'exigence de la Règle comme Règle; la notion de réciprocité considérée comme la forme la plus immédiate sous laquelle puisse être intégrée l'opposition de moi et d'autrui; enfin, le caractère synthétique du Don, c'est-à-dire le fait que le transfert consenti d'une valeur d'un individu à un autre change ceux-ci en partenaires, et ajoute une qualité nouvelle à la valeur transférée" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 98).
[44] "pensée infantile" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 110).
[45] "une sorte de point de rencontre, ou de centre de dispersion, pour toutes les synthèses culturelles possibles" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 111).

institucionais que constituem o investimento inicial de que o homem dispõe para lançar seus empreendimentos sociais" (p. 134)[46]. Os sistemas de parentesco são os primeiros investimentos psicossociais mais próximos das pulsões da vida inconsciente organizando-a em redes de átomos de parentesco (Lévi-Strauss, 1973/1993) edipianos assentes na reciprocidade dos investimentos libidinais.

Tal como as oposições binárias entre fonemas ao nível da linguagem são sintetizadas em morfemas, palavras, frases e discursos falados numa fala que actualiza as estruturas binárias da linguagem nessa dádiva discursiva recíproca entre seres humanos composta por palavras, assim também as relações de parentesco pelas quais as crianças entram na ordem psicossocial (nomeando as figuras da mãe, do pai, dos irmãos e dos colaterais) se estruturam através de elementos em relações opositivas binárias. É aqui que se vai constituir a "Regra como Regra" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 123)[47], cujos avatares serão as regras quer prescritivas, quer proibitivas do parentesco. Interessa assim descobrir quais os elementos que servem de suporte às oposições que, quando conjugadas entre si, formam as *estruturas elementares do parentesco*. Segundo Lévi-Strauss (1949/1982), "(...) se é verdade que a passagem do estado de natureza ao de cultura se define pela aptidão, por parte do homem, em pensar as relações biológicas sob forma de sistemas de oposições, a saber, oposição entre os homens proprietários e as mulheres apropriadas, oposição, no meio destas últimas, entre as esposas, mulheres adquiridas, e as irmãs e filhas, mulheres cedidas, oposição entre dois tipos de laços, os de aliança e os de parentesco, oposição, nas linhagens, entre as séries consecutivas (compostas de indivíduos do mesmo sexo) e as séries alternadas (onde o sexo muda ao passar de um indivíduo ao seguinte), se é verdade, finalmente, que a troca é o resultado imediato desses pares de oposições e que a dicotomia dos primos é o reflexo da troca, então, não se poderá sem dúvida dizer que "as comunidades humanas tendem automática e inconscientemente a se desintegrarem, segundo regras matemáticas rígidas, em elementos rigorosamente simétricos", mas será preciso talvez admitir que a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, quer se apresentem em formas definidas ou vagas, constituem

[46] "capital commun de structures mentales et de schemes institutionnels, qui constituent la mise de fonds initiale dont l'homme dispose pour lancer ses entreprises sociales" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 111).
[47] "Règle comme Règle" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 93).

não fenómenos que se trata de explicar, mas os dados fundamentais e imediatos da realidade mental e social, e que se deve reconhecer neles os pontos de partida de toda tentativa de explicação" (p. 175)[48]. Neste ponto, tal como notaram Roudinesco & Plon (1997/2000), Lévi-Strauss situa-se para além das clássicas posições a respeito da proibição do incesto, na medida em que "A partir de 1949, sobretudo em *As Estruturas Elementares do Parentesco,* Lévi-Strauss deu à famosa questão da proibição do incesto um novo esclarecimento. Em vez de basear a génese da cultura numa hipotética renúncia dos homens à prática do incesto, como tinham feito Freud e os seus herdeiros, ou, ao contrário, de opor a essa origem o florilégio da diversidade cultural (desde Malinowski até aos culturalistas), contornou essa bipolarização para mostrar que a proibição realizava a passagem da natureza para a cultura" (p. 48). A proibição constitui-se e exprime-se, portanto, num sistema permanente de elementos em oposição mútua que, através das gerações, desenham alianças entre primos cruzados.

Há portanto um dado fundamental da Natureza, uma oposição significante básica sobre a qual se vai erigir o pensamento ("realidade mental") que se manifesta, se fenomenaliza nos sistemas de parentesco ("realidade social"): a oposição complementar macho/fêmea. É esta oposição que se traduzirá na Cultura[49] em oposições complementares homem / mulher, proprietários / apropriados, e entre os apropriados em mulheres adquiridas / mulheres cedidas (irmãs e filhas); e ainda a oposição entre o parentesco (filiação e

[48] "s'il est vrai - comme nous essayons de le démontrer ici - que le passage de l'état de nature à l'état de culture se définisse par l'aptitude, de la part de l'homme, à penser les relations biologiques sous la forme de systèmes d'oppositions: opposition entre les hommes propriétaires et les femmes appropriées; opposition, parmi ces dernières, entre les épouses, femmes acquises, et les soeurs et les filles, femmes cédées; opposition entre deux types de liens, les liens d'alliance et les liens de parenté; opposition, dans les lignées, entre les séries consécutives (composées d'individus du même sexe) et les séries alternatives (où le sexe change en passant d'un individu au suivant); s'il est vrai, enfin, que l'échange soit le résultat immédiat de ces couples d'oppositions et que la dichotomie des cousins soit le reflet de l'échange: alors, on ne pourra sans doute pas dire que «les communautés humaines tendent automatiquement et inconsciemment à se désintégrer, selon des règles mathématiques rigides, en éléments rigoureusement symétriques»; mais il faudra peut-être admettre que la dualité, l'alternance, l'opposition et la symétrie, qu'elles se présentent sous des formes définies ou sous des formes floues, constituent, moins des phénomènes qu'il s'agit d'expliquer, que les données fondamentales et immédiates de la réalité mentale et sociale, et qu'on doit reconnaître en elles les points de départ de toute tentative d'explication" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 157-158).

[49] Héritier (1989), na mesma linha de Lévi-Strauss (1949/1982), embora com conclusões contrárias relativamente ao papel dos sexos, considera que as "oposições binárias" enquanto significantes retirados da natureza são "como sinais culturais e não (...) portadoras de um sentido universal – o sentido reside na própria existência destas oposições e não no seu conteúdo –; é a linguagem do jogo social e do poder" (Héritier, 1989).

consanguinidade) / aliança (casamento), e a oposição determinada pelo sexo entre gerações alternadas / gerações consecutivas no seio das linhagens. A troca (de bens e serviços, mulheres e palavras) é afinal o resultado de todas estas oposições binárias que culmina no fenómeno da aliança preferencial entre primos cruzados, relembrando Lévi-Strauss que "O surgimento do pensamento simbólico devia exigir que as mulheres, tal como as palavras, fossem coisas que se trocam" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 536)[50]. Note-se que as estruturas elementares do parentesco se ordenam, para Lévi-Strauss, segundo as formas fundamentais do pensamento: dualidade, alternância, oposição e simetria. Importa pois determo-nos no fenómeno central do parentesco que expressa esta realidade mental, ou seja, o casamento entre os primos cruzados. A realidade mental inerente aos sistemas de parentesco é a única que nos interessa no presente caso.

Dito isto devemos esclarecer que as mesmas críticas que Leach (1974) elaborou à obra de Lévi-Strauss (1949/1973) se aplicariam ao que na presente tese pretendemos levar a cabo, não fosse o facto de o esclarecermos desde já. Segundo Leach (1974), "Lévi-Strauss argumenta com razão que as implicações estruturais de um casamento podem ser entendidas se o considerarmos como um item em toda uma série de transações entre grupos de parentes. Até aí muito bem. Mas em nenhum dos exemplos que dá em seu livro este princípio é levado suficientemente longe. As reciprocidades das obrigações de parentesco não são meramente símbolos de aliança, são, também transações econômicas, transações políticas, cartas de direito de domicílio e uso de terra. Nenhum quadro satisfatório de «como um sistema de parentesco funciona» pode ser propiciado sem que sejam considerados simultaneamente estes vários aspectos e implicações da organização de parentesco" (p. 139)[51]. Ora, aqui apenas nos circunscrevemos à realidade mental dos sistemas de parentesco tal como entendidos apenas na acepção das estruturas elementares

[50] "L'émergence de la pensée symbolique devait exiger que les femmes, comme les paroles, fussent des choses qui s'échangent" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 569).

[51] "Lévi-Strauss (1949, p- 606) rightly argues that the structural implications of a marriage can only be understood if we think of it as one item in a whole series of transactions between kin groups. So far, so good. But in none of the examples which he provides in his book does he carry this principle far enough. The reciprocities of kinship obligation are not merely symbols of alliance, they are also economic transactions, political transactions, charters to rights of domicile and land use. No useful picture of 'how a kinship system works' can be provided unless these several aspects or implications of the kinship organization are considered simultaneously" (Leach, 1961/1982, p. 90).

do parentesco enquanto avatares da reciprocidade e da troca. No que concerne à referida realidade mental ainda a circunscrevemos mais entendendo-a apenas segundo as componentes psicodinâmicas que lhe subjazem. As estruturas elementares do parentesco constituem na sua empiricidade (princípio de realidade ou realidade externa) uma manifestação articulada da realidade interna do aparelho mental. Em contrapartida, as estruturas elementares do parentesco oferecem um quadro descritivo óptimo dos investimentos egóicos na realidade externa. Esta é uma perspectiva nova, na medida em que a história da psicanálise apenas descreve clínica e epistemologicamente a formação do aparelho psíquico através dos seus primeiros investimentos na realidade externa do ponto de vista de um aparelho psíquico isolado, individualizado (Doron, 1978/1979; Jones, 1953/1989b, 1953/1989c, 1953/1989d; Laplanche & Pontalis, 1967/1994; Mijolla, 2002/2005; Robert, 1964/1968; Roudinesco & Plon, 1997/2000). Lampl-de Groot (1964) tocou na questão a partir das formulações de Freud (1923/1981) sobre a segunda tópica ao indicar o ego como mediador entre o id e o superego, discutindo basicamente o problema de saber se durante o desenvolvimento da criança as funções do ego permaneciam as mesmas, embora adaptadas, na idade adulta ou se haveria acrescentamento de novas funções no adulto. Decidiu-se pela primeira tese e pelo caminho chamou à atenção para o facto de que "a organização do ego infantil não existe ainda enquanto sistema" (Lampl-De Groot, 1964)[52]. Mesmo que o ego da criança comece

[52] "(…) an infant's ego organization does not yet exist as a system" (Lampl-De Groot, 1964). Sobre a existência ou não de uma eventual organização do ego do recém-nascido o assunto parece controverso. Os piagetianos parecem defender uma organização que, embora incipiente, se revela numa dimensão sensório-motora. Segundo Dolle (1997/1999), "Psicologicamente, a criança, durante as primeiras semanas e os primeiros meses de vida extra-uterina, situa-se num dualismo inicial onde não distingue o que é do seu corpo e o que é do meio exterior. Mas ela toma pouco a pouco «consciência» do seu poder de agir à distância sobre o seu meio ambiente, chorando para fazer cessar um estado de fome, um incómodo em relação com a defecação, etc. Por isso podemos falar de um egocentrismo inicial, ou egocentrismo sensório-motor" (p. 135-136). Logo a seguir são evocados um conjunto de mecanismos que permitem ao recém-nascido interagir com o mundo exterior. São as "respostas prontas e estereotipadas" tais como o "reflexo de Moro, de se pôr direito e de marcha automática, de encurvamento das costas (reflexo de Galant), *Grasping--reflex, rooting-reflex,* de sucção, de deglutição, etc" (p. 136). Segundo Dolle (1997/1999), Piaget (1971/1986) defenderia a existência de «conduta» desde o início na medida em que "Há (…) quase desde a nascença, «conduta» no sentido de reacção total do indivíduo, e não apenas activação de automatismos particulares ou locais, relacionados entre eles unicamente do interior" (Piaget, 1971/1986, p. 38). Experiências mais recentes parecem indicar que os recém-nascidos usam determinados comportamentos com contextualização social quando, por exemplo, direccionam " (…) a sua atenção (isto é, dirigem a cabeça) para sons com um determinado padrão, e não para sons monótonos, particularmente para aqueles que se encontram dentro da gama de frequência do discurso humano" (Smith, Cowie, & Blades, 1991/2001, p. 100), reconhecem o rosto humano através dos seus contornos, agarram, exploram,

por existir não sendo um sistema, tornar-se-á um sistema na medida em que existe num sistema de egos. Defendemos que este sistema de egos enquanto "comunidade de (…) egos" (Freud, 1921/1996, p. 145)[53] é psiquicamente representável nos sistemas de parentesco tal como entendidos a partir das estruturas elementares do parentesco. Lampl-De Groot (1964) sublinhou ainda a importância da distinção necessária entre génese e função no aparelho psíquico. É preciso entender que não discutimos a origem das estruturas elementares do parentesco. Apenas analisamos a sua psicodinâmica manifestada enquanto sistema auto-organizador de relações de aparelhos psíquicos entre si, enquanto investimentos de egos noutros egos, investimentos definidores da relação de parentesco. É na relação que a criança se torna adulto e as estruturas elementares do parentesco constituem um dos sistemas deste conjunto de relações, isto apesar de o precoce ego do recém-nascido não se apresentar ainda organizado em sistema. As estruturas elementares do parentesco testemunham o investimento na realidade externa feito por aparelhos psíquicos em relação. Neste aspecto tentamos ir para além do que julgava Posinsky (1970) quando, nos anos setenta, fazia uma curta recensão da obra de Lévi-Strauss (1949/1982) para psicanalistas referindo que "A análise estrutural do parentesco é cientificamente válida, tendo sido transportada para outros domínios: linguística, mitologia, ritual, simbolismo, roupa e moda, cozinha, etc. Em todos os casos, apesar do quanto instrutivos possam ser, os resultados descrevem as regras de comunicação, mas não o seu conteúdo ou dinâmica. A análise estrutural das regras do *baseball*, ou do *poker*, sem dúvida revelarão um sistema subjacente de trocas, reciprocidades, alianças, e comunicação; mas frustrantemente pouco terão a dizer sobre o

---

puxam e sugam o peito de quem lhes fornece cuidados (Smith et al., 1991/2001, p. 100), parecem obter "satisfação perante reacções ou atenções contingenciais dispensadas por parte dos outros" (Smith et al., 1991/2001, p. 100) tal como quando os adultos dão respostas contingentes ao sorriso ou ao choro do bebé ou jogam com este fazendo esconder e reaparecer alternadamente o rosto no campo visual do bebé (cf. Smith et al., 1991/2001, p. 101), obtendo assim respostas cada vez mais conseguidas na reciprocidade entre a criança e o adulto. Sobre o desenvolvimento do ego, Winnicott (1956/2000) defenderá uma posição mais matizada ao equacionar o desenvolvimento do ego com a aquisição da "capacidade de esperar" (p. 405) pelas "recuperações" (p. 405) do ego após as reacções deste sobre o mundo externo, reacções baseadas nas respostas instintivas com que vem biologicamente equipado. As experiências instintivas tanto podem fortalecer quanto enfraquecer o ego. O "ego inicial" (Winnicott, 1954/2000, p. 380) é visto, então, como um "somatório de experiências" "instintivas" (Winnicott, 1956/2000, p. 405) que apenas ganham significado na relação com a mãe (cf. 1956/2000, p. 405). Esta relação chega a ser, ao que parece, estruturadora do desenvolvimento do ego já na pré-natalidade através de "uma experiência de equilíbrio sintónico entre dois ritmos biológicos que o bebé e a mãe encontram na gravidez, [representando] uma vinculação intra-uterina" (Sá, 2003, p. 183).

[53] "community of their egos" (Freud, 1921/1991, p. 167).

que o jogo significa para os jogadores e os espectadores" (Posinsky, 1970)[54]. As regras de comunicação – a troca e as suas manifestações nos tipos de aliança – não são apenas formais, mas fruto de uma relação complexa de tipo continente-conteúdo. Na continuação desta linha de pensamento entramos num novo paradigma psicanalítico, já proposto por Mitchell (2000) mas por nós reformulado, ao criticar no domínio das relações de objecto e do quadro clínico da histeria a clássica redução da atenção dos analistas às estritas relações de filiação e descendência dentro do núcleo edipiano. Para Mitchell (2000) os analistas "enfatizaram a descendência e a filiação ─ as relações entre pais e filhos. No entanto, apesar da prática dos vários tipos dominantes de psicoterapias replicarem a relação criança-pais na relação diádica paciente-terapeuta, a observação de outras culturas não perpetua o foco desta relação. Após a Segunda Guerra mundial, a importância da afinidade ─ incluindo tanto os parceiros de casamento quanto as relações entre colaterais e irmãos ─ começam a rivalizar com a 'teoria da descendência'. Infelizmente, isto não beneficiou um melhor entendimento da histeria, na medida em que quando este conceito emergiu, a histeria desapareceu. A afinidade e a lateralidade, tal como acredito, são necessárias para reestruturar a psicanálise enquanto teoria e enquanto prática" (p. 40)[55]. É toda a controvérsia que a tese de Lévi-Strauss (1949/1982) transporta sobre a problemática do parentesco, a ultrapassagem da teoria da filiação pela teoria da aliança.

No mesmo sentido, a restrição ao núcleo estrito da psicodinâmica inerente às estruturas elementares do parentesco coloca-nos fora da generalidade das observações críticas feitas

[54] "The *structural* analysis of *kinship* is scientifically valuable, and it has been carried into other areas: linguistics, mythology, ritual, symbolism, clothing and fashions, cooking, etc. In every instance the results, no matter how instructive, describe the rules of communication, but not its contents or dynamics. A structural analysis of the *rules* of baseball, or poker, will doubtless reveal an underlying system of exchange, reciprocity, alliance, and communication; but it will fall frustratingly short of what the game is all about to the participants and spectators" (Posinsky, 1970).

[55] "(…) emphasized *descent* and *filiation* - the relations between parents and children. However where the practice of the various dominant psychotherapies replicate to the present time the parent-child situation in the therapist-patient dyad, the observation of other cultures does not perpetuate this focus. In cross-cultural studies after the Second World War, the importance of *affinity* - including marriage partners as well as lateral peer and sibling relations - began to rival 'descent' theory. Unfortunately, this has not benefited an understanding of hysteria, for as this concept came in, hysteria disappeared from circulation. Affinity and laterality, I believe, need to be used to restructure psychoanalysis as theory and practice" (Mitchell, 2000, p. 40).

às teses de Lévi-Strauss (1949/1982). O inconsciente lévi-straussiano parece apenas vazio e formal, mas acaba por incluir o sujeito pulsional freudiano, ao contrário do que Ricoeur (1988) pensava e do que Lévi-Strauss (1962/1976) quis fazer passar mais tarde quando veio a declarar que "Devemos confessá-lo hoje: sem o querer e sem o prever, favorecemos essas interpretações falíveis, ao parecer, demasiadas vezes, nas *Estruturas elementares do parentesco,* estar à procura de uma gênese inconsciente da permuta matrimonial" (p. 287)[56]. Afirmação compreensível vinda de um autor que se apoiou fortemente na obra freudiana e mais tarde tenta descolar da inevitável «angústia de influência» (Bloom, 1973/1991) que esta lhe gerou no seu processo de autonomia intelectual. Ricoeur (1988) foi dos primeiros, senão o primeiro, a fazer uma importante observação sobre o sistema levi-straussiano, observação aceite pelo autor das *Estruturas Elementares do Parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1973) ao referir que "Reconhecemos perfeitamente esse aspecto de nossa tentativa nas palavras de Ricoeur, quando a qualifica, com razão, de "kantismo sem sujeito transcendental"" (Lévi-Strauss, 1964/1991, p.20)[57]. Para Ricoeur (1988), " (…) as leis linguísticas designam um nível inconsciente e, nesse sentido, não reflexivo, não histórico do espírito. Este inconsciente não é o inconsciente freudiano da pulsão, do desejo, no seu poder de simbolização, é mais um inconsciente kantiano do que freudiano, um inconsciente categorial, combinatório; é uma ordem acabada ou o finitismo da ordem, mas tal que ele se ignora. Digo inconsciente kantiano, mas apenas por atenção à sua organização, porque se trata muito mais de um sistema categorial sem referência um sujeito pensante" (p. 34). Porque razão desapareceria o sujeito pensante, mas mais ainda, o sujeito pulsional freudiano? Por causa da "identidade postulada entre as leis do mundo e as do pensamento" (Lévi-Strauss, 1958/1970, p. 109)[58], porque "a análise estrutural (…) só pode emergir no espírito na medida em que o seu modelo está previamente presente no corpo" (Lévi-Strauss, 1971, p. 619)[59]. Esta mediação entre a natureza e a cultura, mediação levada a cabo por vários sistemas

[56] "Nous devons le confesser aujourd'hui: sans le vouloir et sans le prévoir, nous avons tendu une perche à ces interprétations fautives en paraissant trop souvent, dans *les Structures élémentaires de la parenté,* être à la recherche d'une genèse inconsciente de l'échange matrimonial" (Lévi-Strauss, 1962, p. 333).
[57] "Nous reconnaissons parfaitement cet aspect de notre tentative sous la plume de M. Ricceur, lorsqu'il la qualifie avec raison de «kantisme sans sujet transcendantal»" (Lévi-Strauss, 1964, p. 19).
[58] "(…) identité postulée des lois du monde et de celles de la pensée" (Lévi-Strauss, 1958, p. 102).
[59] "(…) l'analyse structurale (…) ne peut emerger dans l'esprit que parce que son modèle est déjà dans le corps" (Lévi-Strauss, 1971, p. 619).

culturais entre os quais os sistemas de parentesco que de entre todos os outros mais se organizam como uma linguagem, levará Lévi-Strauss (1955/1993) a referir que "No entanto, existo. Não, certamente, como indivíduo; pois que sou eu, desse ponto de vista, senão o risco em cada instante posto em causa da luta entre uma outra sociedade, formada por alguns biliões de células nervosas, abrigadas sob a termiteira do crânio, e o meu corpo que lhe serve de robô? Nem a psicologia, nem a metafísica, nem a arte podem servir-me de refúgio, mitos doravante sujeitos a uma sociologia de um novo género que nascerá um dia e não lhes será mais benévola que a outra. O eu não é apenas odioso: não tem lugar entre um *nós e um nada*" (p. 393)[60]. Mostraremos que a dinâmica das pulsões do sujeito tal como entendida pela literatura psicanalítica está prevista pelas estruturas elementares do parentesco e que subjaz a estas últimas. O ego existe e medeia entre as motivações biopsicológicas mais profundas (*id*) e os imperativos sociais do superego: a prová-lo estão as estruturas elementares do parentesco que testemunham a segunda tópica freudiana por outros meios. Delrieux (1993, p. 25)[61] já o tinha notado quando apontou no interior das estruturas elementares, por um lado o engendramento de exigências advindas da "esfera da razão prática" kantiana (superego), por outro a vontade instituinte lidando com a especificação dos desejos (ego), tendo no geral as estruturas elementares do parentesco que lidar com conflitos espontâneos aos quais subjaz sempre a agressividade humana (id).

---

[60] "Pourtant, j'existe. Non point, certes, comme individu; car que suis-je sous ce rapport, sinon l'enjeu à chaque instant remis en cause de la lutte entre une autre société, formée de quelques milliards de cellules nerveuses abritées sous la termitière du crâne, et mon corps, qui lui sert de robot? Ni la psychologie, ni la métaphysique, ni l'art ne peuvent me servir de refuge, mythes désormais passibles, aussi par l'intérieur, d'une sociologie d'un nouveau genre qui naîtra un jour et ne leur sera pas plus bienveillante que l'autre. Le moi n'est pas seulement haïssable: il n'a pas de place entre un *nous* et un *rien*" (Lévi-Strauss, 1955, p. 496).

[61] "Dans *Les Structures Elémentaires de la Parenté,* il met au compte des *"structures fondamentales de l'esprit humain"*, trois exigences déclarées universelles: *"L'exigence de la Règle comme Règle; la notion de réciprocité considérée comme la forme la plm immédiate sous laquelle puisse être intégrée l'opposition du moi et d'autrui*; *le caractère synthétique du Don, c 'est à dire le fait que le transfert consenti d'une valeur d'un individu à un autre change ceux-ci en partenaires, et ajoute une qualité nouvelle à la valeur transférée"* (Ib). Il est patent que des structures mentales universelles engendrant de telles exigences, relèvent de ce qu'en termes kantiens on appellerait la sphère de.la raison pratique, et que la nature de leurs contenus suppose nécessairement l'intervention de la conscience, et en outre celle de la volonté instituante ou bien d'un désir à spécifier, car ces règles vont trop à rencontre dês rapports spontanés conflictuels unissant moi et autrui, de l'agressivité constitutionelle dont Lévi-Strauss disserte dans cet ouvrage (1947, chap. 7)" (Delrieux, 1993, p. 25).

Além disto, não há na abordagem que aqui empreendemos nenhuma redução do psicológico ao sociológico, como Lévi-Strauss chegou a fazer (cf. Bastos, 2000), pois as estruturas elementares do parentesco são entendidas como investimentos objectais em sistema. Também não há uma redução do sociológico ao psicológico na medida em que as estruturas elementares do parentesco têm como realidade empírica sistemas de parentesco histórica e etnologicamente situados. Há, sim, um valor acrescentado ao olhar os investimentos egóicos e as relações de objecto sob o prisma das estruturas elementares do parentesco na estrita medida em que as relações entre sexos estão delineadas segundo, *mutatis mutandis*, a troca de pessoas (objectos) estruturadas em rede, em sistema. Isto permite-nos enquadrar as relações de objecto como uma estrutura de relações de investimento mútuas. Tal como Fox (1967), para quem "não se trata de nos declararmos a favor *ou* da estrutura *ou* do sentimento" (p. 176)[62], também aqui estrutura e pulsão fazem parte do mesmo sistema.

Também não reificamos a denominada função simbólica (Bastos, 2000; Lévi-Strauss, 1950/1974), deixando de lado a questão de saber se a manifestação das sociedades tem que ser simbólica ou não: Godelier (1996/2000), por exemplo, veio a afastar-se da tese que dava premência ao simbólico em prol do imaginário no psiquismo humano.

Tentamos explicar o processo pelo qual, apenas no restrito domínio da presente tese, se insere a invenção humana (cf. Bastos, 2000) no confronto com as estruturas elementares do parentesco. Os egos que se debatem no seio das estruturas elementares do parentesco, como o de Dora (Freud, 1901/1981a), arranjam necessariamente maneiras de ter que lidar com os conflitos emocionais nos quais se encontram submergidos. Não será certamente por acaso que Freud (cf. 1912-13/1996, p. 85) equipara a histeria ao processo artístico. A mudança de lugar das figuras de parentesco no seio das estruturas elementares do parentesco de Dora expressa o modo pelo qual se dá a "introdução de processos de acumulação" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 70)[63] – enquanto recombinação, histérica, das relações entre as figuras de parentesco significativas do aparelho psíquico de Dora – no

[62] "Nor is it a case of declaring for *either* structure *or* sentiment, but of seeing both as part of a single system" (1967, p. 176).
[63] "introduction de processus d'accumulation" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 35).

"interior de processos de repetição" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 70)[64] enquanto constituintes do cerne psicodinâmico das estruturas elementares do parentesco. Os «mecanismos de defesa» (Freud, 1936/1966) podem ser também, para além da tese lacaniana, considerados reacções inventivas de um ego que gere a conflitualidade entre a natureza (id) e a cultura (superego), um ego sujeito a desejos, fantasmas, ilusões e delírios (cf. Bastos, 2000, p. 122).

Considerar o caso Dora (Freud, 1901/1996a) à luz da tese das estruturas elementares do parentesco pressupõe que estas constituem parte do núcleo inconsciente do aparelho psíquico freudiano. Não há expressão sociológica das estruturas elementares do parentesco nas sociedades ocidentais modernas pela simples razão de que não há troca de mulheres, manifesta, entre homens. Há expressão, sim, das estruturas complexas do parentesco que não estão teorizadas em absoluto. As estruturas elementares do parentesco tratam de " (…) tipos de sociedade onde a escolha do cônjuge é pré-indicada ao indivíduo. Quer dizer que o lugar de nascimento, segundo a regra de filiação que enquadra o universo social, é acompanhado pela designação da pessoa que se deve desposar, ou da categoria da pessoa, ou, por omissão, da parte do mundo social onde se deve escolher o seu cônjuge. Uma grande parte das sociedades humanas funciona segundo esse modelo" (Héritier, 1996/1998, p. 39). Se prosseguirmos teremos em seguida as estruturas semi-complexas que "correspondem a sistemas sociais que funcionam também com grupos de filiação de tipo uni ou bilinear (raramente de tipo cognato), sistemas que definem de maneira precisa grupos claramente determinados de filiação. Mas em vez de proceder por indicações prescritivas ou preferenciais, em vez de designar o grupo onde um indivíduo deve escolher um cônjuge, tais sistemas designam pelo contrário os grupos onde não pode escolher um cônjuge. Funcionam, pois, por proibições, interditos, e não por prescrições ou preferências, mas sempre por referência a grupos de filiação constituídos" (Héritier, 1996/1998, pp. 43-44). Finalmente teriamos as estruturas complexas cujo "funcionamento é ainda pouco conhecido" (Héritier, 1996/1998, p. 44), essencialmente caracterizadas por "um conjunto de interdições, mas não referentes a grupos de filiação definidos de maneira unilinear: designa apenas

[64] "processus de répétition" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 35).

indivíduos em razão das cadeias genealógicas de consanguinidade e de aliança que os unem ao Ego e, logo, de uma proibição mínima do incesto, mínima naquilo que ela traz não sobre classes inteiras de ascendentes mas sobre indivíduos" (Héritier, 1996/1998, p. 44). Deste modo as estruturas complexas são as que melhor caracterizam as relações de parentesco nas sociedades ocidentais e, nomeadamente, na sociedade vienense que viu nascer a psicanálise de Freud (Bettelheim, 1956/1991). Portanto, à luz das investigações actuais a problemática da relação entre as estruturas elementares e as complexas é uma problemática de caracterização dos processos de transição inerentes à passagem de umas a outras, ou seja, trata-se do problema de "saber se as regras de funcionamento das estruturas semicomplexas da aliança (…) são transponíveis ou não para as estruturas complexas da aliança, e se sim, de que maneira, são as estruturas complexas da aliança que prevalecem nas nossas sociedades ocidentais" (Héritier, 1996/1998, p. 38). No seguimento desta problemática o que aqui propômos é algo muito mais modesto e circunscrito. Pretendemos delinear os mecanismos psicanalíticos básicos no seio das estruturas elementares do parentesco e mostrar, através do caso Dora, como as incertezas e vicissitudes relativas à escolha do objecto amoroso numa mulher ocidental evocam o núcleo inconsciente das estruturas elementares do parentesco nas sociedades ocidentais caracterizadas essencialmente pelas estruturas complexas. Defendemos portanto, neste preciso ponto, que as estruturas elementares do parentesco passaram ao longo da história de um conteúdo manifesto sociológico para um conteúdo latente psicológico com expressões sobrevalorizadas de natureza psicopatológica. Antes articulavam-se com o colectivo dos mitos, agora têm expressão através de mitos pessoais que gerem processos de "filiação imaginária" (Green, 1983, p. 82)[65] e de formações oníricas cujo conteúdo manifesto apresenta a troca de irmãs entre dois amigos tal como narrado por Devereux (1965/1978, pp. 185-186) a respeito de um paciente seu em plena sociedade norte-americana no anos sessenta do século XX. Autores como Santner (1996) que criticaram este tipo de abordagem através da análise do caso Schreber (Freud, 1911/1981; Schreber, 1903/2000), apontando como fraqueza o facto de não se distinguir a identificação heterossexual com o pai da identificação homossexual com o mesmo (Édipo invertido) devido à erosão da função paterna nas sociedades com estruturas complexas como as

[65] "filiation imaginaire" (Green, 1983, p. 82).

nossas (cf. Santner, 1996, p. 92, n.45), perderam de vista a possibilidade que aqui exploramos. Sendo as estruturas elementares do parentesco constitutivas do núcleo superegóico inconsciente, estas acabam por aparecer em histórias com ideação sobrevalorizada enquanto resolução da angústia inerente aos processos de identificação do sujeito nas sociedades modernas. Se Schreber tem uma "crise de investidura" (Santner, 1996, p. 32)[66] delirantemente "resolvida" através da sua identificação com figuras marginais como "o judeu" e as mulheres na Alemanha nazi é porque sente que não conseguindo uma identificação plena com a figura do pai enquanto "autoridade simbólica" (Santner, 1996, p. 32)[67] então mais vale ser a mulher que agrada a este (Édipo invertido). A sua própria função paterna, afectada pelo facto de não ter descendência e de temer a figura do pai, passa a investir na figura da mulher trocada entre duas imagos paternas: o pai terreno temido e Deus enquanto Pai idealizado. O núcleo duro psicodinâmico das estruturas elementares do parentesco preencheu com um delírio elaborado a angústia de identidade de Schreber inerente às estruturas complexas caracterizadoras da sociedade onde viveu.

Ainda nesta perspectiva situamo-nos na linha de autores que, tal como Dolto (1981/1989), apelaram ao cruzamento de paradigmas como o das estruturas elementares do parentesco e da psicanálise ao referir que "As autorizações e as interdições de casamento com tios, tias e primos, por certas sociedades, poderiam ser estudadas numa perspectiva analítica" (p. 282) podendo estas "(…) apoiar ou não a estrutura social e caracterial da criança" (p. 282), exercício cuja aplicação levamos a cabo com particular pormenor no caso Dora (Freud, 1901/1996a).

Também a crítica da possível relação circular entre as teses de Lévi-Strauss e as de Freud não se aplica ao que aqui levamos a cabo. Não se trata de aplicar um sistema (de Lévi-Strauss) a outro (de Freud) que o pressuporia de alguma forma, porque o que Lévi-Strauss teoriza são factos socialmente existentes sobre a constituição de alianças entre pessoas. Ao fazê-lo acaba por coincidir na forma com as descrições já feitas por Freud e

[66] "investiture crisis" (Santner, 1996, p. 32).
[67] "symbolic authority" (Santner, 1996, p. 32).

seguidores sobre os investimentos de objecto dentro e fora do Édipo. Além disso fá-lo descrevendo um mecanismo de inter-relações entre a escolha de pessoas na prossecução das alianças. Isto pressupõe mecanismos psicodinâmicos que Lévi-Strauss não desenvolveu. Defendemos que são os mesmos mecanismos que a psicanálise utiliza. Mais importante que isso é o facto de a "escolha" preferencial e/ou obrigatória ou prescritiva de pessoas no seio das estruturas elementares do parentesco ser feita por um conjunto de estruturas mentais transformáveis entre si e que, lidas psicanaliticamente, acrescentam valor ao paradigma das relações de objecto na medida em que permitem uma nova leitura dos investimentos inter-relacionados do ego e das escolhas de objecto, leitura não desenvolvida na psicanálise actual. A leitura psicanalítica das regras das estruturas elementares do parentesco aqui proposta é apenas um caminho entre outros possíveis sobre tais regras. É claro que se nada prova que esta leitura não possa ser feita e fazendo a mesma algum sentido à medida que se "lêem" as estruturas elementares tal como o fazemos, então este permanece um caminho aberto para a sua interpretação. Isto coloca o problema da relação entre a regra e o cumprimento ou não daquilo que ela dita. Lévi-Strauss estava ciente deste facto na medida em que sabia que as estruturas elementares eram sobretudo ideais da regulação das alianças. Muitos pormenores da política de alianças escapam-lhes, no entanto. Não obstante permanecem como ideais reguladores na qualidade de modelos. O mesmo se aplica ao que aqui fazemos. Corresponderá a dimensão psicanalítica das estruturas elementares a algo de concreto? Corresponderá a algo apenas na medida em que a sua direcção é aqui apontada e explicada? Constituirá a nossa explicação as "regras do jogo" (Wittgenstein, 1921/1995) que pretendemos implementar? Poderá haver outras regras do jogo? O que é que realmente se cumpre quando se cumpre uma regra? O que é que se faz quando se interpreta uma regra ou um conjunto de regras? É que "Uma regra é como um sinal postado a meio do caminho. — Não deixa ele também qualquer dúvida em aberto sobre o caminho que eu tenho que seguir? Mostra a direcção que eu tenho que seguir quando passo por ele, se pela estrada, ou pelo campo ou a corta-mato? Como se determina o sentido em que eu devo segui-lo? Na direcção, por exemplo, do dedo indicador da mão nele desenhada, ou na direcção oposta? — E se em vez de um sinal postado a meio do caminho estiver uma cadeia

cerrada de sinais, ou traços de giz que se cruzam no chão? — Há apenas neste caso *uma* interpretação?" (Wittgenstein, 1921/1995, pp. 242-243).

Não se trata na presente proposta de teorizar uma psicanálise social ou grupal mas sim uma psicanálise que dá conta das vicissitudes de aparelhos psíquicos que investem e lidam com a realidade em inter-relação, em sistema, uns com os outros. Este sistema existe na história humana e tem uma lógica interna aqui identificada com uma lógica recíproca fenomenologicamente manifestada nos sistemas de parentesco. Com este passo abre-se mais uma porta à denominada transmissão psíquica intergeracional já equacionada por Freud (1913/1981b) desde *Totem e Tabu* e continuada por autores como Kaës, entre outros (Kaës, Faimberg, Enriquez, & Baranes, 1993) e pretende-se reforçar um pouco mais o pensar das relações entre o externo e o interno na perspectiva da teoria analítica, dimensão segundo Amaral Dias (1988) enfraquecida em psicanálise na medida em que "Passar do interno ao externo sem perder de vista a metodologia analítica, validada pela operacionalidade clínica dos conceitos formulados, não tem sido também tarefa fácil para a Psicanálise. A maior parte dos trabalhos sobre o «exterior» perdeu a capacidade platónica imanente ao pensar analítico (isto é, às equivalências internas), transformando-se a nosso ver em puras aplicações da teoria, sem que daí se reformulem as implicações transfero-contratransferenciais, a nosso ver referente maior da «técnica» e da «cura»" (p. 204).

Finalmente, não fazemos qualquer juízo de valor sobre os pressupostos da teoria da dádiva de mulheres entre homens subjacente às estruturas elementares do parentesco. O facto etnograficamente verificado de que são os homens que trocam mulheres (quando tal acontece) não impede que, como o próprio Lévi-Strauss reconhece, não possam ser as mulheres a trocar os homens entre si, coisa que certamente fazem por outros meios. Esta possibilidade está aliás já presente e aberta pela via imaginária mítica no seio das estruturas elementares do parentesco quando Lévi-Strauss aponta em determinado contexto etnográfico que "Os mitos falam certamente de um uso que consistia na troca de

seus maridos pelas mulheres, talvez irmãs" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 430)[68]. A teoria apenas se desenvolve, no entanto, sobre a constatação factual. Importa procurar as razões sobre as quais tal aconteceu e acontece ainda em certas regiões do mundo. As análises sobre género e relações entre sexos que o feminismo veio a desenvolver depois de Freud, Lévi-Strauss e Lacan têm o seu lugar ao denunciar o potencial mau uso teórico que possa ser feito relativamente ao papel aparentemente proeminente do masculino sobre o feminino ao referirem que "Apesar de purgada do seu etnocentrismo Vitoriano, a celebração antropológica do homem caçador enquanto catalisador decisivo na transição para a humanidade plena ainda depende da passividade e da dependência das mulheres (ver Washburn & Lancaster)[69]"contrapondo logo de seguida que "Além da identificação das tendências patriarcais de tais teorias, os académicos feministas contrapuseram-lhes histórias alternativas. No seu modelo comportamental de acasalamento, Sarah Blaffer Hrdy[70] restaura a iniciativa feminina nos registos da evolução sublinhando a evolução matrifocal nos grupos de primatas assim como o significado do prazer sexual feminino. Nancy Tanner & Adrienne Zihlman[71] reforçam o primeiro plano da mulher enquanto recolectora na evolução humana. Ao enfatizar a influência exercida pela escolha feminina entre os machos com maiores capacidades sociais nos domínios do desenvolvimento da sociabilidade primata, o primeiro trabalho de Zihlman acabou por atribuír às fêmeas uma actualização dos poderes de domesticação típicos das idealizações Vitorianas sobre a mulher. Na medida em que estas histórias continuam a imaginar as orígens da natureza humana em função da escolha sexual e do controlo, elas partilham no entanto a lógica das explicações patriarcais" (Jann, 1994, p. 303)[72]. O próprio criador da teoria da selecção

---

[68] "Les mythes parlent certainement d'un usage consistant dans l'échange de leurs maris par les femmes, peut-être des soeurs" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 444).

[69] Washburn, Sherwood L., and C. S. Lancaster. "The Evolution of Hunting". *Man the Hunter*. Ed. Richard Lee and Irven DeVore. Chicago: Aldine, 1968 . 293-303.

[70] Hrdy, Sarah Blaffer. *The Woman that Never Evolved*. Cambridge: Harvard UP, 1981.

[71] Tanner, Nancy, and Adrienne Zihlman. "Women in Evolution, Part I: Innovation and Selection in Human Origins". *Signs* 1 (1976): 585-608.

[72] "Although purged of its Victorian ethnocentrism, the anthropological celebration of man the hunter as the decisive catalyst in the transition to full humanity still depends upon the passivity and dependence of women (see Washburn and Lancaster)[72]"contrapondo logo de seguida que "In addition to identifying the

natural não escapa ficando na mira desta visão das coisas uma vez que "tanto Darwin quanto os antropólogos que o influenciaram fizeram dos papéis burgueses do género uma parte funcional das suas genealogias enquanto escreveram as concepções Vitorianas sobre a natureza feminina dando-lhes uma aparência de normas culturais e biológicas provindas do passado" (Jann, 1994, pp. 287-288)[73]. Esta é, em nosso ver, a base das críticas feministas que são feitas aos paradigmas freudiano, lévi-straussiano e lacaniano mas que não invalidam os pressupostos nos quais assentam apesar da sua importância inegável.

---

patriarchal biases of such theories, feminist scholars have countered them with alternative histories. In her sociobiological model of mating behavior, Sarah Blaffer Hrdy[72] restores female agency to the evolutionary record by emphasizing the matrifocal organization of primate groups and the significance of female sexual pleasure. Nancy Tanner and Adrienne Zihlman[72] offer the first major reinstatement of woman the gatherer in the foreground of human evolution. By emphasizing the influence exerted by female choice of the more socially skilled males on the development of primate sociability, Zihlman's early work in effect credited females with an updated version of those very domesticating powers that informed Victorian idealizations of woman. Insofar as such accounts continue to imagine the origins of human nature in terms of sexual choice and control, however, they share in the logic of patriarchal explanations" (Jann, 1994, p. 303).

[73] "both Darwin and the anthropologists who influenced him made bourgeois gender roles a functional part of their genealogies while in the process writing Victorian conceptions of female nature back into the past as biological and cultural norms" (Jann, 1994, pp. 287-288).

Casamento ou Aliança Preferencial entre Primos Cruzados. Dialéctica entre a Filiação e a Aliança nas Estruturas Elementares do Parentesco

← Índice

Resumo: *O parentesco como fenómeno psicodinâmico. A troca de mulheres nas estruturas elementares do parentesco à luz dos principais mecanismos psicodinâmicos. O aparelho psíquico (Freud) como «aparelho psicoparental» assente no átomo de parentesco ou «átomo psicoparental».*

Para Lévi-Strauss, a questão essencial na passagem da Natureza à Cultura passa pelo parentesco. Há um pressuposto psicológico inerente ao fenómeno das relações de parentesco. Segundo o autor (Lévi-Strauss, 1945/1970), "(...) a família biológica está presente e se prolonga na sociedade humana. Mas o que confere ao parentesco seu carácter de fato social não é o que ele deve conservar da natureza: é o procedimento essencial pelo qual se separa dela. Um sistema de parentesco não consiste nos elos objectivos de filiação ou consanguinidade dados entre os indivíduos; só existe na consciência dos homens, é um sistema arbitrário de representações, não o desenvolvimento espontâneo de uma situação de fato" (p. 68-69)[74].

Importa, neste ponto, fazer algumas observações. Algumas das posições teóricas de autores como Freud (1913/1981b) e Lévi-Strauss (1949/1982) podem ser criticamente contextualizadas à luz da ciência actual. Mas as críticas que se lhes possam fazer devem ser contextualizadas nos temas e conceitos sobre os quais se debruçam. Deste modo as especulações, que inevitavelmente têm uma configuração mítica, sobre os primeiros tipos de aliança na pré-história da humanidade e sobre as relações entre elementos da mesma família acabaram por ser postas em causa pela etologia no que concerne às comparações com as sociedades animais. Isto vale para a discussão sobre o incesto e,

[74] "(…) la famille biologique est présente et se prolonge dans la société humaine. Mais ce qui confère à la parenté son caractère de fait social n'est pas ce qu'elle doit conserver de la nature: c'est la démarche essentielle par laquelle elle s'en sépare. Un système de parenté ne consiste pas dans les liens objectifs de filiation ou de consanguinité donnés entre les individus; il n'existe que dans la conscience des hommes, il est un système arbitraire de représentations, non le développement spontané I d'une situation de fait" (Lévi-Strauss, 1945/1958, p. 61).

consequentemente, para os fundamentos do parentesco e do aparelho psíquico na sua problemática edipiana, assim como para as posições freudianas filogenéticas de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1981b). Cyrulnik (1994/2001) esquematizou bem o problema ao referir que " (…) foi Claude Lévi-Strauss o primeiro que recorreu a referências animais para precisar, por contraste, a regra da proibição do incesto no homem: "Por toda a parte onde a regra se manifesta [...] nós sabemos de certeza que se está no estádio da cultura." Era em 1947, numa época em que os dados etológicos não existiam; Lévi-Strauss escrevia que "a vida social dos macacos não se presta a qualquer norma [...]. As relações [sexuais são] deixadas ao acaso dos encontros [...]. O estado de natureza é caracterizado pela promiscuidade dos sexos e a confusão dos graus de parentesco[75]" (p. 30-31). Contra isto Cyrulnik (1994/2001, p. 31) esclarece que, à luz da moderna etologia, a vida social dos animais é fortemente estruturada. As funções da espécie tais como a caça, a educação das crias, e em geral as adaptações de sobrevivência são determinadas por comportamentos estruturados segundo rituais de interacção. A escolha do parceiro nada deve ao acaso pois a bioquímica hormonal determinada pelo programa genético, o desenvolvimento do indivíduo e o meio ecológio e social acabam por concluí-la segundo a lógica da evolução. Também não existe promiscuidade entre os sexos, na medida em que as crias macho e as crias fêmea têm desenvolvimentos e comportamentos diferentes. A divisão de tarefas no interior dos grupos é sexuada, o que pressupõe a existência de uma organização grupal. Quanto aos graus de parentesco Cyrulnik (1994/2001, p. 31) afirma que estes são reconhecidos pelos animais[76] pois tanto os macacos, quanto os mamíferos e as aves reconhecem as caras e acompanham com maior facilidade os membros da mesma família. Ora é precisamente aqui que importa esclarecer o limite das críticas etológicas às posições teóricas dos autores em questão e consequentemente a algumas das posições a que a presente tese dá forma. Segundo Cyrulnik (1994/2001), o denominado "grau de parentesco" corresponde apenas por aproximação, no mundo animal, ao "grau de familiaridade" (p. 31-32). Nesta altura, Cyrulnik (1994/2001) recorre ao conceito de impressão (*imprinting*) para explicar modo pelo qual os componentes do

[75] As citações relativas a Lévi-Strauss são retiradas, segundo Cyrulnik, dos seguintes autores: J.-D. de Lannoy e R Feyereisen *in L'Inceste,* col. "Que sais-je?", Paris, Presses Universitaires de France, 1992.
[76] Cyrulnik refere neste ponto, como base de apoio, os seguintes autores: V. Dasser, "Animal Behaviour", *in* J. Vauclair, *L'Inteligence Animale,* Paris, Éd. du Seuil, 1990; e R. Zayan, comunicação pessoal, 1994.

meio se incorporam no organismo através de um processo biológico: “A impressão é um processo biológico pelo qual um elemento do meio, percebido por altura de um período sensível, se incorpora num organismo como uma espécie de supermemória. Desde esse instante, o meio cessa de ser informe, ele torna-se uma categoria sensível. A formiga impregnada de uma molécula olfactiva, o pintaínho impregnado de um adorno de cores, o cachorrinho de uma configuração de estímulos, o macaco de uma cara ou de um conjunto comportamental, percebem um mundo estruturado em categorias binárias: bem-estar/mal-estar, familiar/estranho, conhecido/desconhecido, a explorar/a evitar. A este nível do seu desenvolvimento, o animal impregnado possui um código de acção sobre o seu mundo. Mas este código comportamental radica nas emoções que experimenta, quando é ele que as atribui às categorias que ele percebe” (p. 32). É notável, ainda assim, como ao nível da linguagem das emoções básicas a etologia moderna admite a sua organização em termos binários enquanto determinantes da significação da realidade externa. Quanto à relação entre o grau de parentesco (mundo humano) e o grau de familiaridade (mundo animal), Cyrulnik (1994/2001) acaba por nos esclarecer sobre a sua não coincidência. Volta, então, à discussão sobre a noção de incesto referindo que “A etologia não pode abordar o incesto que não existe senão sob uma forma verbal, como o incesto espiritual (afilhado / madrinha), o incesto das estruturas de parentesco (sogro, cunhada, primos cruzados), ou o incesto daqueles que usam o mesmo nome, isto é, a maior parte dos seres humanos. Em contrapartida, a etologia pode esclarecer o sentimento que a todo o ser vivo é dado pela senha biológica de lutar contra uma proximidade demasiado grande. Esse sentimento do "demasiado próximo", que impede a individualização fusionando, nem sempre se chama "incesto". Por exemplo, certos gêmeos, ditos "contactos" jogam com o sexo do outro sem experimentar sentimento incestuoso. Do mesmo modo, os encefalopatas doentes da doença de Alzheimer ou psicóticos, que percebem mal "quem é quem" e nos quais a confusão das sensações provoca uma confusão dos gestos, não chamam "incesto" a esta impulsão sexual. É a testemunha falante e socializada que experimenta o horror do incesto; o doente, esse, não se representa a significação do seu gesto. Assim os perversos, desprovidos de empatia, não se representam o mundo das emoções do outro e jogam com o sexo do seu próprio filho com o maior gozo e por vezes com a mais amorosa vivência do mundo. É grande o seu espanto quando o discurso social pronuncia a seu respeito a

palavra "incesto" e eles defendem-se com uma real sinceridade dizendo: "Mas não é grave, pois ela gozou!" Para eles só conta o jogo sexual, porquanto eles não têm acesso à representação das emoções ou das idéias culposas que esse "jogo" inspirará no mundo mental da criança, a qual, ao contrário, entende o discurso social e experimentará esse jogo como um crime. A etologia do incesto pode pois descrever uma estrutura afectiva, a sua efectivação, os seus efeitos emocionais, mas ela nada tem a dizer sobre o que não existe senão no mundo da verbalidade" (p. 32-33). Depois disto é possível continuar a pensar numa relativa autonomia dos sistemas de parentesco e das complexidades emocionais a estes associada, mesmo apesar da adopção errada de alguns postulados tais como os já denunciados por Cyrulnik a respeito de Lévi-Strauss, e também alguns postulados filogenéticos adoptados por Freud (1913/1981b), nomeadamente o do casamento grupal pré-histórico e o consequente sistema de parentesco classificatório – posição adoptada a partir de MacLennan (1865/1876)[77], Morgan (1877/s.d-a, 1877/s.d-b)[78], Fison[79], Westermarck[80] e Spencer e Gillen[81]; o da vivência social em pequenas comunidades onde as fêmeas eram açambarcadas pelo macho ciumento dominante – posição adoptada a partir de Darwin[82] – e a inevitável expulsão dos irmãos com o consequente assassinato do macho da horda primal pelos mesmos – posição adoptada a partir de Atkinson[83]; e o da incorporação do corpo paterno numa refeição totémica comum – posição adoptada a partir da tese de Robertson Smith (1894/2002).

De volta à discussão sobre o parentesco na acepção levi-straussiana podemos dizer que este só é "um sistema arbitrário de representações" (Lévi-Strauss, 1945/1970, p. 68-69)[84] na medida em que as suas designações nominais não correspondem àquelas impostas pela natureza, como no caso em que o termo classificatório «mãe», além da mãe biológica,

[77] A obra referida é: MacLennan, J. F., *Primitive Marriage,* Edinburgo, 1865.
[78] A edição original referida por Freud é: Morgan, L. H., *Ancient Society,* Londres, 1877.
[79] As obras referidas são: Fison, L., 'The Nanga', J. *Anthrop. Inst,* 14, 14 (11)., 1885; Fison, L. e Howitt, A.W., *Kamilaroi and Kurnay*, Melborne, 1880.
[80] A obra referida é: Westermarck, E. (1901) *The History of Human Marriage,* 3ª ed., Londres, (7), 1901, orig. de 1891.
[81] A obra referida é: Spencer, B., e Gillen, F. J., *The Native Tribes of Central Australia,* Londres, 1899.
[82] A obra referida é: Darwin, C., *The Descent of Man*, Londres, 1871.
[83] A obra referida é: Atkinson, J. J., *Primal Law,* Londres, 1903, incluída também em Lang, A., *Social Origins*.
[84] "système arbitraire de représentations" (Lévi-Strauss, 1945/1958, p. 61).

serve de contentor às «irmãs da mãe» (caso em que a Cultura, pela nomeação, se impõe arbitrariamente à Natureza). Depreende-se deste exemplo que o parentesco só exista como facto da consciência humana, como "realidade psíquica" (Freud, 1912-13/1996, p. 162)[85] descoincidente no presente com a "realidade histórica" (Freud, 1912-13/1996, p. 162)[86] tal como quando Freud (1912-13/1996) referia que "(...) a realidade psíquica — a respeito da qual não temos dúvida quanto à forma que tomou — coincidiu no princípio com a realidade concreta, ou seja, que os homens primitivos realmente fizeram aquilo que todas as provas mostram que pretendiam fazer" (p. 162)[87], referindo-se aqui à realidade psíquica do complexo de Édipo e à pretensa realidade histórica da morte concreta do pai pelos filhos na horda primitiva. Apesar da improbabilidade e da inverificabilidade da realidade histórica da morte do pai, o facto a reter é que na realidade psíquica neurótica (omnipotência dos pensamentos) este é um acontecimento constatável e com ramificações para outras cadeias associativas e sintomáticas do aparelho psíquico. O parentesco classificatório constitui, neste sentido, um espaço de representação da realidade psíquica. Este é um importante passo porque estamos a defender desde já que os sistemas de parentesco – tal como entendidos *apenas* a partir das estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) – articulam a realidade psíquica, o aparelho psíquico, através das fantasias de origem e das moções pulsionais constituintes das primeiras formações do ego. Nas estruturas elementares do parentesco jogam-se os mecanismos de defesa, os processos de introjecção, incorporação e projecção. As estruturas elementares do parentesco, tal como aqui entendidas, representam o prolongamento dos primeiros investimentos do ego na realidade externa assim como uma expressão *sui generis* da segunda tópica freudiana, a partir de *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1981).

Esta realidade psíquica vai contrapor-se à realidade concreta da Natureza regulando o incesto (Natureza) através da sua proibição. A proibição universal do incesto vai estar presente de alguma forma nos povos de todo o mundo e a sua regulação ─ "Regra pela

[85] "psychical reality" (Freud, 1913/1981b, p. 161).
[86] "*Historical* reality" (Freud, 1913/1981b, p. 161).
[87] "psychical reality—as to the form taken by which we are in no doubt— coincided at the beginning with factual reality: that primitive men actually *did* what all the evidence shows that they intended to do" (Freud, 1913/1981b, p. 161).

Regra" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 123)[88] enquanto estrutura mental inconsciente, imposição da Ordem sobre o Arbitrário ─ irá ser feita pela aliança ou casamento preferencial entre primos cruzados. A aliança preferencial entre primos cruzados constituirá o "sistema" que na acepção de Freud (1912-13/1996) se exprime por uma "função intelectual que exige unidade, conexão e inteligibilidade" que, tal como nos delírios e neuropsicoses em geral, exige "uma nova arrumação do material psíquico (...) feita com um novo objectivo em vista (...) [uma] redisposição (...) radical, (...) [com um] resultado (...) inteligível do ponto de vista do sistema" (p. 105)[89].

Pode ver-se desde já que a "função intelectual" (Freud, 1912-13/1996)[90] operando através da revisão secundária e sendo do domínio do processo secundário ao serviço do princípio de realidade, constitui o recalcamento (Freud, 1915/1981a). O que a aliança preferencial com os primos cruzados recalca é, portanto, o incesto. Isto implica que temos que considerar no seio das estruturas elementares do parentesco a "quota de afecto" (*Afektbetrag*) (Freud, 1915/1996e, p. 157)[91] – enquanto outro dos representantes psíquicos da pulsão, para além da ideia (*vorstellung*) – que subjaz às estruturas elementares do parentesco e corresponde à pulsão "na medida em que [esta] se afasta da ideia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afectos" (Freud, 1915/1996e, p. 157)[92]. Depois temos ainda o "conteúdo ideacional" (Freud, 1915/1996e, p. 160-161)[93] entendido como ideia (*vorstellung*) representante e substituta da pulsão na forma do incesto e o retorno do recalcado na forma do representante do recalcado enquanto proibição ou tabu do incesto (representante pulsional). Estas duas dimensões, a da quota de afecto e a da ideia, enquanto dimensões complementares da pulsão são importantes pois permitem-nos deixar já pelo caminho enquadramentos que situarão a nossa demonstração no caso Dora (Freud, 1901/1981a).

---

[88] "Règle comme Règle" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 98).
[89] "intellectual function in us which demands unity, connection and intelligibility" (…) "rearrangement of the psychical material (…) made with a fresh aim in view; and the rearrangement may often have to be a drastic one if the outcome is to be made to appear intelligible from the point of view of the system" (Freud, 1913/1981b, p. 95).
[90] "intellectual function" (Freud, 1913/1981b, p. 95).
[91] "*quota of affect*" (Freud, 1915/1991b, p. 152).
[92] "so far as the latter has become detached from the idea and finds expression, proportionate to its quantity, in processes which are sensed as affects" (Freud, 1915/1991b, p. 152).
[93] "ideational content" (Freud, 1915/1991b, p. 156).

Dora, como veremos, actua (*acting out*) a sua histeria na família nuclear e na relação desta com o casal dos K. através de um conjunto de representações ou ideias estruturadas segundo as *estruturas elementares do parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1973) enquanto, paralelamente, a conversão somática dos seus sintomas é proporcional às intensidades das suas quotas de afecto. Veremos, no entanto, que as quotas de afecto sentidas como sintomas histéricos apenas são compreensíveis através das suas representações e transformações nas trocas (reciprocidade) de personagens entre o casal dos K. e os pais de Dora.

Seguimos assim o próprio caminho de Freud (1915/1996e) quando referia que "(...) o recalcamento não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início (…) só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a actividade mental consciente e a inconsciente; e que a *essência do recalcamento consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância*" (p. 152)[94].

Estamos ainda na primeira tópica do aparelho psíquico.

Isto implica que a cisão entre o consciente e o inconsciente leva a que o último permaneça no seio do primeiro pois só assim se justifica a permanência do investimento libidinal quer na formação de substitutos ideacionais, quer na formação de sintomas. Ora, deste modo, teremos que mostrar o modo pelo qual no núcleo das estruturas elementares do parentesco o representante pulsional (consciente) mantém recalcados os seus conteúdos ideacionais e afectivos (inconsciente) e, em termos da segunda tópica, o modo pelo qual a transmissão intergeracional nas estruturas elementares do parentesco forma núcleos superegóicos inconscientes no seio do ego.

[94] "repression is not a defensive mechanism which is present from the very beginning, and that it cannot arise until a sharp cleavage has occurred between conscious and unconscious mental activity — that *the essence of repression lies simply in turning something away, and keeping it at a distance, from the conscious*" (Freud, 1915/1991b, p. 146-147).

A fim de alcançarmos o mecanismo deste processo importa ver em que consistem as estruturas elementares do parentesco, na acepção de Lévi-Strauss, e de que modo as noções de consciente e inconsciente, tal como Freud as delineou, estão nelas presentes.

Para Lévi-Strauss (1949/1973) a aliança impera sobre a filiação. Significa isto que é entre as linhas de descendência e filiação que se solda a solidariedade social através da aliança. A aliança implica a renúncia ao incesto com o consequente alargamento a "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[95] ou "unidades cada vez maiores" (Freud, 1921/1996, p. 53)[96] tais como famílias, clãs, tribos e nações. Certamente compreende também, no desvio de interesses relativamente ao núcleo familiar e na escolha objectal, a sublimação, na medida em que " (...) os instintos parciais da sexualidade, bem como a tendência sexual que deles se compõe, revelam grande capacidade de mudar de objecto, de tomar um objeto por outro — e de tomar, portanto, um objecto que seja mais facilmente acessível. A deslocabilidade e a facilidade de aceitar um substituto devem actuar poderosamente contra o efeito patogénico da frustração. Entre esses processos protectores contra o adoecer devido à privação, existe um que adquiriu especial significação cultural. Consiste no fato de a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adoptar um outro, que genericamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, já não possui mais um carácter sexual, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos 'sublimação', segundo o consenso geral que situa os objectivos sociais acima dos objectivos sexuais, que no fundo, visam aos próprios interesses do indivíduo. Aliás, a sublimação é apenas um caso especial da maneira pela qual as inclinações sexuais se vinculam a outras, não-sexuais" (Freud, 1916-17/1996b, p. 349)[97]. A sublimação, no contexto das estruturas

[95] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[96] "larger units" (Freud, 1921/1991, p. 130).
[97] "the component instincts of sexuality, as well as the sexual current which is compounded from them, exhibit a large capacity for changing their object, for taking another in its place—and one, therefore, that is more easily attainable. This displaceability and readiness to accept a substitute must operate powerfully against the pathogenic effect of a frustration. Among these protective processes against falling ill owing to deprivation there is one which has gained special cultural significance. It consists in the sexual trend abandoning its aim of obtaining a component or a reproductive pleasure and taking on another which is related genetically to the abandoned one but is itself no longer sexual and must be described as social. We call this process 'sublimation', in accordance with the general estimate that places social aims higher than

elementares do parentesco, é ilustrada sobretudo pela combinatória e substituição dos personagens entre si. É neste ponto sobretudo que se verifica o seu carácter "social" de relação entre objectos. A vinculação a determinado personagem, como acontece no caso Dora (Freud, 1901/1981a), e a consequente e concomitante mudança de lugar dos personagens com ela relacionados no interior dos respectivos átomos edipianos de parentesco (Green, 1983; Lévi-Strauss, 1973/1993) constituirá o que Freud (1916-17/1996b) apelida de " (…) maneira pela qual as inclinações sexuais se vinculam a outras, não-sexuais" (p. 349)[98]. Tenhamos em mente, portanto, que além do recalcamento também a sublimação enquanto conceito psicanalítico está presente nas estruturas elementares do parentesco.

Segundo Lévi-Strauss (1949/1973) existem três estruturas elementares do parentesco enquanto expressão da troca ou reciprocidade: a aliança bilateral, expressão da troca restrita; a aliança patrilateral, expressão do ciclo curto da troca generalizada, e a aliança matrilateral, expressão do ciclo longo da troca generalizada.

A aliança bilateral (troca restrita) é caracterizada pela troca de mulheres entre dois grupos apenas, tal como representada pela figura abaixo indicada.

---

the sexual ones, which are at bottom self-interested. Sublimation is, incidentally, only a special case of the way in which sexual trends are attached to other, non-sexual ones" (Freud, 1916-17/1991, p. 345).

[98] the way in which sexual trends are attached to other, non-sexual ones" (Freud, 1916-17/1991, p. 345).

Figura da Aliança Bilateral (Troca Restrita):

← Índice

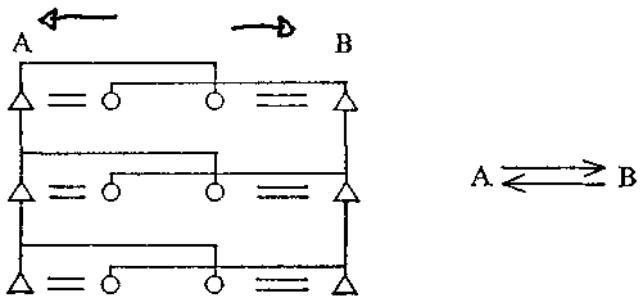


Figura 1.
Aliança Bilateral – Troca Restrita (Sperber, 1968, p. 174)

Na figura 1 acima indicada podemos ver a troca de mulheres a ser feita na mesma geração: a uma mulher (irmã) dada pelo grupo de irmãos (A) ao grupo de irmãos (B) corresponde uma dádiva recíproca de outra mulher (irmã) do grupo de irmãos (B) ao grupo de irmãos (A). Na geração seguinte, a mesma troca directa, simultânea, de grupo a grupo vai acontecer. Mas agora poderemos verificar que as mulheres trocadas ocupam as seguintes posições de parentesco: o homem do grupo de irmãos (A) contraiu aliança com uma prima sua que é filha do irmão da mãe dele, e simultaneamente filha da irmã do pai dele. Ou seja, é sua prima pelo lado tanto da sua mãe quanto do seu pai, é sua prima cruzada[99] bilateral.

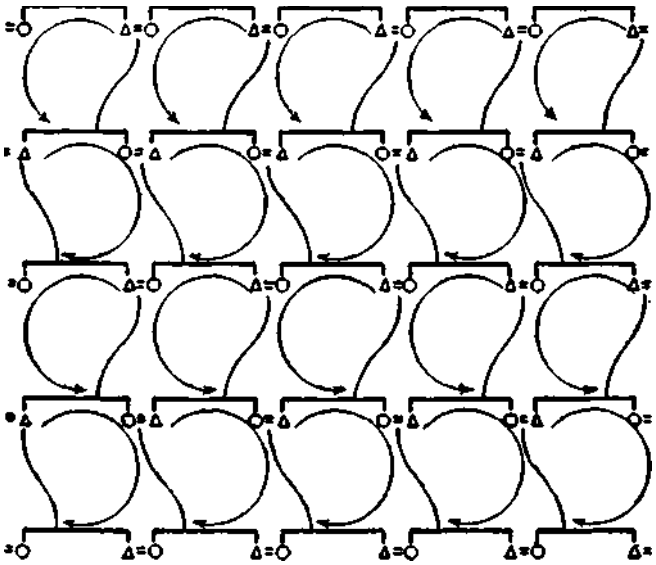
Da troca restrita passamos à troca generalizada. Nesta distinguem-se dois ciclos a cada um dos quais correspondem dois tipos de aliança: o ciclo curto da troca generalizada expresso pela aliança com a prima cruzada patrilateral e o ciclo longo da troca generalizada expresso pela aliança com a prima cruzada matrilateral.

Lévi-Strauss exprime diagramaticamente a aliança patrilateral na figura abaixo indicada.

[99] Denominam-se primos cruzados os filhos de irmãos de sexo diferente; os filhos de irmãos do mesmo sexo denominam-se primos paralelos.

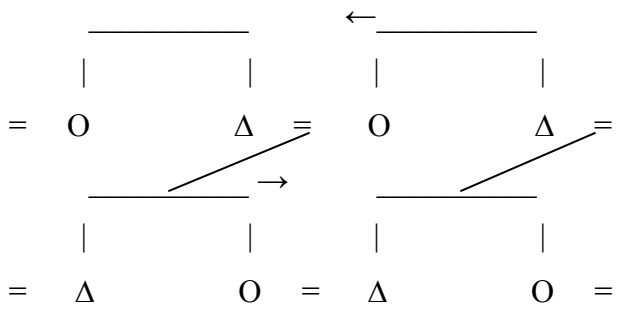
Figura da Aliança com a Prima Cruzada Patrilateral (Ciclo Curto da Troca Generalizada):

← Índice



Aliança com a Prima Cruzada Patrilateral – Ciclo Curto da Troca Generalizada (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 521)

Estamos em presença de um ciclo de troca de mulheres entre grupos de irmãos que se fecha na passagem de uma geração à seguinte. Neste tipo de aliança cada homem casa-se com a filha da irmã do pai dele, isto é, com a sua prima cruzada (ele e ela são filhos de irmãos de sexo oposto) patrilateral (prima pelo lado do pai dele). No entanto, um pormenor inerente a esta aliança deve ser destacado, conforme exemplificado na figura abaixo.



Aliança com a Prima Cruzada Patrilateral (Pormenor)

Vemos assim que a uma mulher dada numa direcção na geração anterior corresponde uma mulher dada em direcção contrária na geração seguinte (ver a direcção das setas). O ciclo fechou-se entre dois grupos na transição de uma geração a outra. O que é importante notar aqui é que a mulher da geração posterior é filha da irmã do pai do homem com quem contrai aliança sendo assim sua prima cruzada patrilateral. Esta mulher constitui, no entanto, uma compensação pela perda de outra mulher na geração anterior: a sua mãe. Uma mulher foi dada a um homem na geração anterior por um irmão (ou um pai). Estes homens ficaram credores de uma mulher – o homem do grupo que a recebeu ficou em dívida para com estes. Esta dívida vai ser saldada por uma contra-dádiva na geração seguinte sob a forma de uma filha desta mulher ao filho do homem que a deu (segundo a figura acima). Ou seja, o irmão que na geração anterior renunciou ao incesto com a irmã em virtude da exigência recíproca da troca de mulheres, vai afinal "recuperá-la" sob a forma da filha da sua irmã para o seu filho. Recuperou, afinal, aquilo que tinha dado. Gerou-se assim uma espécie de "incesto diferido" ocultado pelas figuras dos primos. A aliança com a prima patrilateral corresponde à "realização do desejo" incestuoso dos irmãos da geração imediatamente precedente. A aliança patrilateral leva-nos, deste modo, ao que Lévi-Strauss (1949/1982) denominou por "incesto social" (p. 98, 497, 530)[100]. Vemos assim que ao longo das gerações, dois grupos trocam mulheres entre si, compensando-se mutuamente na passagem entre duas gerações consecutivas e, deste

[100] "inceste social" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 68, 523, 561).

modo, fechando a possibilidade de integração de novos grupos no seio da troca. Os primos patrilaterais são fruto duma operação de repetição da aliança entre os mesmos grupos de gerações anteriores, não admitindo a entrada de novos elementos de outros grupos. Recordemos aqui o ensinamento essencial de Freud (1914/1996) quando ligou intimamente a repetição ao *acting out* da recordação. Para Freud (1914/1996) a repetição era a recordação "não como lembrança, mas como acção" (p. 165)[101] no comportamento, única maneira de o ego recordar ou relembrar determinados acontecimentos de um passado muito precoce. No contexto aqui considerado o incesto é actuado (*acting out*) em forma de sistema através da aliança patrilateral, aquela a que Lévi-Strauss (1949/1982) chama "incesto social" (p. 98, 497, 530)[102]. Neste tipo de aliança a solidariedade social fica comprometida, na medida em que fica segmentada ao longo das linhas de filiação. Daí a raridade deste tipo de aliança. A "soldadura" das linhas de filiação com ampla capacidade de abrangência inter-grupal caberá à aliança matrilateral.

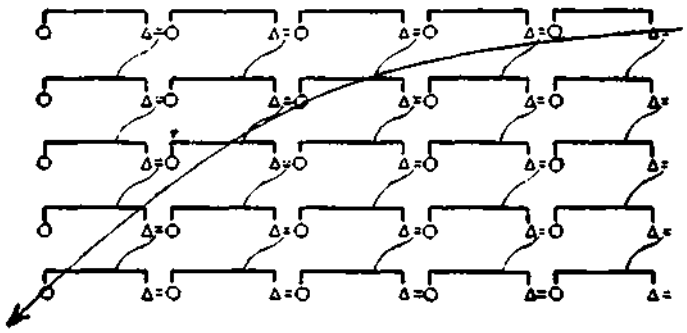
Forma complementar e oposta da aliança patrilateral é a aliança matrilateral no seio da reciprocidade. A aliança matrilateral constitui o ideal da solidariedade social em termos de alianças. Significa isto que abrange o maior número possível de grupos no âmago da troca.

A figura imediatamente abaixo representa a aliança com a filha do irmão da mãe ou prima cruzada matrilateral.

[101] "not as a memory but as an action" (Freud, 1914/1981, p. 150).
[102] "inceste social" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 68, 523, 561).

Figura da Aliança com a Prima Cruzada Matrilateral (Ciclo Longo da Troca Generalizada):

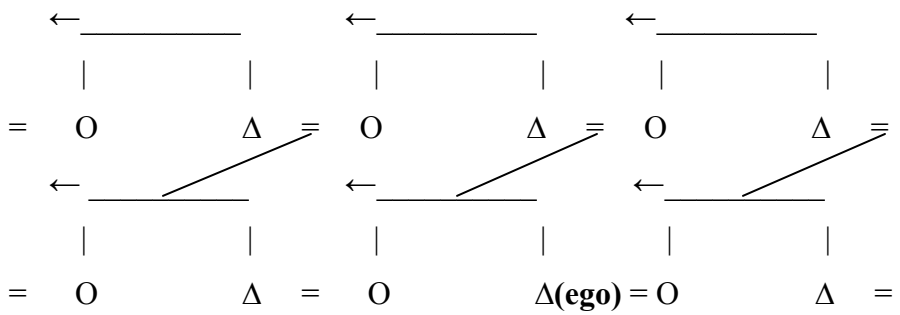
← Índice



Aliança com a Prima Cruzada Matrilateral – Ciclo Longo da Troca Generalizada (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 521)

As setas representam o sentido geral da troca de mulheres. As mulheres são dadas na mesma direcção de geração em geração. Estamos em presença de uma troca diferida, não de uma troca directa. Ou seja, o grupo que cede uma mulher na forma de filha ou irmã, não a recupera imediatamente a partir do grupo que a recebe nem ao nível da mesma geração, nem da geração seguinte. Se um grupo A dá uma mulher a um grupo B este dá uma mulher a um grupo C que dará por sua vez outra mulher ao grupo A: (A → B → C → A). O número de grupos intermediários entre os dadores e receptores originais A e B é, teoricamente, infinito. Daí que o esquema possa ser representado como se segue: (A → B → C → ... n → A). Teoricamente a aliança matrilateral integra sempre novos grupos, promovendo assim a solidariedade social.

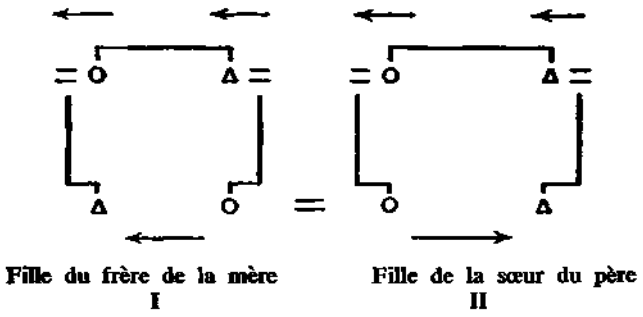
Vejamos agora mais em pormenor, segundo a figura abaixo, como se processa este tipo de aliança entre os primos.



Aliança com a Prima Cruzada Matrilateral – Ciclo Longo da Troca Generalizada (Pormenor)

Se verificarmos o esquema acima indicado, poderemos ver que Ego (o homem assinalado a negrito) contraiu aliança com uma mulher que é filha do irmão da sua mãe (é sua prima pelo lado da mãe, ou seja, prima matrilateral) e ele é filho da irmã do pai dela, ou seja, ambos são filhos de irmãos de sexo diferente (por isso são primos cruzados). A mulher com quem contraiu aliança é assim sua prima cruzada matrilateral. Esta é, portanto, a denominada aliança matrilateral típica do ciclo longo (porque potencialmente integrador de novos grupos) da troca generalizada.

Lévi-Strauss procedeu a uma esquematização sintética contrastante entre os dois tipos de aliança (patrilateral e matrilateral) recorrendo aos denominados quadriláteros da troca tal como mostrados na figura abaixo.



Quadriláteros da Troca – I: Filha do irmão da mãe; II: Filha da irmã do pai (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 511)

Tal como já referido, pode notar-se a mesma direcção da troca inter-geracional de mulheres entre grupos no caso da aliança com a filha do irmão da mãe ou prima cruzada matrilateral (I) e a direcção contrária da troca inter-geracional de mulheres entre grupos no caso da aliança com a filha da irmã do pai ou prima cruzada patrilateral (II).

Os quadriláteros da troca podem, além disto, providenciar-nos outras leituras do ponto de vista psicanalítico. Já vimos que Lévi-Strauss identificou a aliança patrilateral com o "incesto social", aliança reveladora de uma fraca capacidade de integração inter-grupal, entendendo por «grupos» o correspondente às unidades familiares básicas conotadas com o denominado «átomo de parentesco». Para Lévi-Strauss (1952/1970), "Uma estrutura de parentesco verdadeiramente elementar – um átomo do parentesco, se é lícito dizer – consiste em um marido, uma mulher, uma criança e um representante do grupo do qual o primeiro recebeu a segunda. A proibição universal do incesto nos veda realmente constituir o elemento de parentesco com uma única família consanguínea; ele resulta necessariamente da união de duas famílias ou grupos consanguíneos" (p. 90)[103], ou seja, um átomo de parentesco "(…) implica sempre, desde o início, uma relação de aliança. Esta resulta de um facto praticamente universal nas sociedades humanas: para que um

[103] "Une structure de parenté vraiment élémentaire — un atome de parenté, sil'on peut dire — consiste en un mari, une femme, un enfant et un représentant du groupe dont le premier a reçu la seconde. La prohibition universelle de l'inceste nous interdit en effet de constituer l'élément de parenté avec une famille consanguine seule; il résulte nécessairement de l'union de deux familles, ou groupes consanguins" (Lévi-Strauss, 1952/1958, pp. 82-83).

homem obtenha uma esposa, é preciso que esta lhe seja directa ou indirectamente cedida por outro homem que, nos casos mais simples, está em relação a ela em posição de pai ou de irmão" (1973/1993, p. 90-91)[104].

Dito isto torna-se possível verificar na figura dos quadriláteros, nomeadamente na aliança patrilateral (II), o conceito psicanalítico da «inveja do pénis» sublimado no desejo de ter um filho relativamente ao sexo feminino. Vimos que era o homem, na qualidade de pai ou irmão que, na aliança patrilateral, recuperava a irmã ou filha dada através da prima patrilateral para o respectivo primo cruzado enquanto substituto do pai ou irmão. Neste caso, não só estaríamos face ao incesto social na medida em que se recuperava imediatamente o que se tinha dado (a filha ou irmã) relativamente ao mesmo grupo, como estaríamos ainda perante o desejo incestuoso paterno ou fraterno relativamente à filha ou irmã dada. A este desejo poderia também, naturalmente, corresponder a sedução infantil da filha relativamente ao pai, embora isto permaneça apenas implícito no respectivo quadrilátero patrilateral. Esta é uma leitura na perspectiva do sexo masculino (pai ou irmão). Vejamos agora o que se passa na perspectiva do sexo feminino (mãe, filha). Interessa sobretudo verificar que, na aliança patrilateral, tal como representada no esquema acima colocado, há uma correspondência entre os sexos nas linhas verticais de filiação, na medida em que o conteúdo manifesto da aliança patrilateral (quadrilátero II) coloca em evidência uma mãe que "dá" uma filha e não tanto um pai que dá uma filha na medida em que este trata de a recuperar imediatamente na geração seguinte. Se uma mãe "dá" uma filha, é porque fica com um filho (real ou fantasiado). Neste sentido esta esquematização está de acordo com Freud (1932/1996c) quando refere que "A diferença na reacção da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha mostra que o velho factor representado pela falta de pénis não perdeu, até agora, a sua força. A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem excepção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos. Uma mãe pode transferir para o seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma, e dele

[104] "(…) implique toujours, donnée au départ, une relation d'alliance. Celle-ci résulte d'un fait pratiquement universel dans les sociétés humaines : pour qu'un homme obtienne une épouse, il faut que celle-ci lui soit directement ou indirectement cédée par un autre homme qui, dans les cas les plus simples, est vis-à-vis d'elle en position de père ou de frère" (Lévi-Strauss, 1973, pp. 103-104).

esperar a satisfação de tudo aquilo que nela restou do seu complexo de masculinidade. Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe" (p. 132-133)[105]. Importa notar que estes conceitos da terminologia psicanalítica são aqui empregues, sujeitos a reflexão e aplicados com a consciência da sua posterior evolução e crítica dentro da teoria psicanalítica. De um modo geral parece ser admissível na moderna teoria analítica a relativização do conceito de inveja do pénis (Moulton, 1970) e sua substituição por um novo entendimento do "desenvolvimento do género"[106] e "construção da feminilidade"[107] (Dahl, 1996), deixando o conceito da inveja do pénis circunscrito apenas ao domínio dos mecanismos de defesa, enquanto "consequência psicológica de muitos conflitos intra-psíquicos, medos e defesas" (Karme, 1981)[108], a usar como "solução defensiva para dilemas intra-psíquicos" (Dahl, 1996)[109]. O conceito chegou até a encontrar o seu oposto complementar em autores como Tarpley (1993). Para este a inveja do pénis, nas mulheres, tem a sua contrapartida na inveja da vagina, nos homens. Em determinados casos psicopatológicos, Tarpley (1993) defende, inclusive, que a inveja da vagina pode levar os homens à violação feminina. Apesar das várias críticas ao falocentrismo freudiano da inveja do pénis (Decker, 1991; Horney, 1924, 1926; Jones, 1927, 1935; Klein, 1932b; Torok, 1964/2001), e apenas nos referimos àquelas vindas de dentro da psicanálise, tal como a outros conceitos fulcrais, a sua homologia com realidades mais abrangentes tais como as estruturas elementares do parentesco deve ser considerada e reflectida.

Na aliança patrilateral a perspectiva do desejo incestuoso irmão-irmã corresponde à perspectiva do desejo incestuoso complementar mãe-filho pois é este que permite libertar

---

[105] "The difference in a mother's reaction to the birth of a son or a daughter shows that the old factor of lack of a penis has even now not lost its strength. A mother is only brought unlimited satisfaction by her relation to a son; this is altogether the most perfect, the most free from ambivalence of all human relationships. A mother can transfer to her son the ambition which she has been obliged to suppress in herself, and she can expect from him the satisfaction of all that has been left over in her of her masculinity complex. Even a marriage is not made secure until the wife has succeeded in making her husband her child as well and in acting as a mother to him" (Freud, 1932/1981d, pp. 133-134).
[106] "gender development" (Dahl, 1996).
[107] "construction of femininity" (Dahl, 1996).
[108] "(…) psychological consequence of many intrapsychic conflicts, fears, and defenses" (Karme, 1981).
[109] "defensive solution to intrapsychic dilemmas" (Dahl, 1996).

a filha para a aliança com o filho do irmão. Na perspectiva dos homens, à perspectiva da perda de uma irmã (pelo irmão) corresponde a perspectiva da dádiva ou cedência de uma filha (pelo pai). A esta perspectiva, a mais defendida por Lévi-Strauss, parece portanto subjazer a tese freudiana da renúncia edipiana ao incesto. Lévi-Strauss (1949/1982, p. 525), no entanto, afasta-se aqui da tese psicanalítica e sublinha uma perspectiva utilitarista das vantagens de ter um cunhado para ajudar a família original dando como exemplo o testemunho de Mead (1935/2000) quando, ao investigar entre os *Arapesh* (Nova-Guiné) os motivos da zanga entre marido e mulher e o facto de esta ir para casa do irmão durante o conflito, resolveu perguntar "O que diriam os anciãos ao jovem que quisesse tomar sua irmã para esposa? Não sabiam. Ninguém sabia. Os anciãos nunca discutiram o assunto. Então fi-los perguntar aos velhos, um por vez. E as respostas foram as mesmas. Paravam nisso: "O quê, você gostaria de se casar com sua irmã? O que é que há com você? Você não quer um cunhado? Não percebe que, se se casar com a irmã de outro homem e outro homem casar-se com sua irmã, você terá pelo menos dois cunhados, ao passo que, se se casar com sua irmã, não terá nenhum? Com quem você irá caçar, com quem irá cultivar, a quem irá visitar?"" (p. 101). Naturalmente a resposta dos velhos *Arapesh* não invalida a problemática subjacente do incesto. Apenas a confirma por denegação (Freud, 1925/1981a).

Deste modo, e mais uma vez na perspectiva feminina, nomeadamente materna, a aliança patrilateral ensina-nos que devido ao conceito da «inveja do pénis» e ao complexo de masculinidade por parte do sexo feminino, há uma retenção de um filho por uma mãe, na medida em que nesta "o desejo apaziguado de um pénis destina-se a ser convertido no desejo de um bebé e de um marido, que possui um pénis" (Freud, 1937/1996, p. 268)[110]. Neste ponto temos que levantar um problema já abordado por Torok (1964/2001) sobre a posição freudiana a respeito da relação entre a sexualidade da mulher e o desejo de ter um filho do pai. Para Torok (1964/2001) tal posição contém em si própria a contradição que levaria ao consequente bloqueamento do desenvolvimento sexual masculino na medida em que "É inconcebivel que a «inveja do pénis» se transforme directamente em «desejo

[110] "the appeased wish for a penis is destined to be converted into a wish for a baby and for a husband, who possesses a penis" (Freud, 1937/1981, p. 251).

de ter um filho do Pai». Com efeito, se este desempenha o papel de pénis-objecto cobiçado e fornece um preenchimento até aí defeituoso, como será a sua evolução aceite, o desenvolvimento do seu próprio projecto desejado e encorajado por uma Mãe que, sem ele, cairia na amargura e na inveja. Semelhante Mãe não teria senão um desejo: apoderar-se da criança-pénis, garantia ilusória da sua plenitude, num estado de eterno apendice" (p. 146)[111]. Um dos possíveis enquadramentos desta posição no contexto da tese que aqui nos propomos defender seria o de relembrar o carácter obrigatório, compulsivo, da troca de mulheres entre homens tal como empiricamente observado nos sistemas de parentesco, por Lévi-Strauss (1949/1982) e seguidores. A arquitectura fundamental das estruturas elementares do parentesco prevê que a mulher seja uma dádiva para outro homem, dádiva que gerando automaticamente uma dívida a ser saldada obriga a que o homem que deu a mulher na qualidade de irmã, filha ou respectivo equivalente seja compensado pela aquisição ou contra-dádiva de outra mulher por outro homem. A observação de Torok (1964/2001) fica enquadrada na denominada aliança patrilateral uma vez que, enquanto representante do incesto (na qualidade de «incesto social») a dádiva de uma irmã ou filha por um irmão ou pai (ou equivalente) na geração dos pais é imediatamente compensada pela contra-dádiva da filha na geração dos filhos fazendo com que a sobrinha desse homem (pelo lado da irmã) seja dada em aliança ao seu filho. Nesta troca, que se fechou incestuosamente sobre si própria na passagem entre duas gerações consecutivas, a mãe "libertou" a filha por imposição masculina e "ficou" com o filho. O que este subsistema das estruturas elementares do parentesco mostra é aquilo a que Torok (1964/2001) chamou a "cumplicidade" do homem na subjugação das mulheres: "ninguém duvidará que de acordo com os seus próprios interesses o homem seja cumplice do estado de dependência da mulher, estado que ele erige em princípio religioso, metafísico ou antropológico. Que interesse tem o homem em submeter ao seu domínio o ser através do qual ele próprio se poderia compreender e dar-se a compreender? A revelação de si a si através do outro sexo, eis o que será o cumprimento da nossa humanidade e eis o que

[111] "Il est inconcevable notamment que 1'«envie du pénis» se transforme directement en «désir d'avoir un enfant du Père». En effet si l'enfant doit jouer le rôle d'un pénis-objet convoité et apporter une complétude jusque-là défectueuse, comment son évolution serait-elle acceptée, son épanouissement dans son propre projet souhaité et encouragé par une Mère qui, sans lui, retomberait dans l'amertume et dans l'envie. Pareille Mère n'a qu'un voeu: garder l'enfant-pénis, garant illusoire de sa plénitude, en état d'éternel appendice" (Torok, 1964/2001, p. 146).

escapa à maior parte de nós" (p. 169)[112]. Mas este tipo de aliança (patrilateral) foi designado como extremamente raro por Lévi-Strauss (1966/1973, p. xx) e mesmo os críticos e seguidores da sua tese (Héritier, 1979, 1981, 1994, 1996/1998, 1994/2001; Leach, 1954, 1960/1979a, 1970/1989, 1974, 1960/1979b) parecem não o ter contradito neste ponto. Sendo empiricamente raro, mas estando contido na psicodinâmica das estruturas elementares do parentesco, pode ser visto como a presença da vontade feminina (*anima* ou imago feminina) num mundo dominado por homens. Note-se que a tese de Loewald (1951) passa a ter aqui mais um ponto de apoio. Loewald (1951) suporta a tese de que a criança tem medo do útero da mãe, na medida em que este constituiria para ela um estado de identidade não-estruturada anterior ao nascimento; a criança desejaria afinal uma autonomia da matriz original materna. Neste sentido os homens funcionariam como guardiões da autonomia da criança tendo a voz do homem um papel de guia essencial para a identidade do menino. O que Loewald (1951) discute ao nível do complexo edipiano está já sistematizado nas estruturas elementares do parentesco. Para Torok (1964/2001) a inveja do pénis na rapariga não é constituinte da essência da sua sexualidade, sendo apenas um momento do seu desenvolvimento sexual, onde "a descoberta do sexo do rapaz feita pela rapariguinha constitui apenas um momento de exploração do seu próprio sexo de menina" (p. 137)[113]. Na relação entre sexos, a inveja do pénis só ganha força com a entrada da mãe em cena, e não do pai. A autoridade da mãe que interfere através de um "conjunto de actos" de higiene (Torok, 1964/2001, p. 141)[114] no interior do corpo da filha (mãe anal), acaba por ocultar-lhe a sexualidade feminina uma vez que é a autoridade materna que se impõe no ego da filha impedindo-lhe assim uma autonomia crescente com o consequente reavivar dos conflitos pré-genitais anais: "Vimos que esta «parte preciosa» era constituída por um conjunto de actos tornada privilégio da Mãe anal. A filha dispunha portanto de um instrumento que lhe permitia

[112] "Qui douterait qu'à l'encontre de ses propres intérêts supérieurs l'homme soit presque universellement complice de l'état de dépendance de la femme et qu'il se plaise à l'ériger en principe religieux, métaphysique ou anthropologique. Quel intérêt prend-il à soumettre à sa maîtrise l'être à travers qui il pourrait se comprendre et se donner à comprendre? La révélation de soi à soi à travers l'autre sexe, voilà qui serait l'accomplissement de notre humanité et voilà qui échappe à la plupart d'entre nous" (Torok, 1964/2001, p. 169).

[113] "la découverte faite par la fillette du sexe du garçon s'inscrit dans un moment d'exploration de son propre sexe de fille" (Torok, 1964/2001, p. 137).

[114] "*ensemble d'actes*" (Torok, 1964/2001, p. 141).

recuperar, de uma maneira indirecta, o que lhe tinha sido roubado. Isto constituiu a identificação com a Mãe soberana dos seus poderes. Ora, o que constataremos é uma lacuna nesta mesma identificação, lacuna que a «inveja do pénis» atesta conforme os seus desejos. Para concluír, somos conduzidos a incriminar ao recalcamento dos conflitos pré-genitais anais uma inibição específica, total ou parcial, da masturbação, do orgasmo e da actividade fantasmática concomitante. A «inveja do pénis» aparece assim como uma reivindicação disfarçada ─ não pelo orgão e os atributos do outro sexo ─ mas pelos seus próprios desejos de maturação e auto-elaboração a favor do reencontro de si na conjunção das experiências orgástica e identificatória" (Torok, 1964/2001, p. 141-142)[115]. É nesta altura que a filha deixa de assumir a procura da feminilidade e passa a buscar o que julga que a mãe tem: o pénis (objecto em falta), apenas erradamente confundido com a autoridade materna. Naturalmente a inveja que passa a sentir pelo objecto em falta só pode ser a inveja de um objecto idealizado como omnipotente e antes procurado no outro sexo tentando assim autonomizar-se da autoridade opressiva materna. Tudo se processa segundo um discurso inconsciente da filha dirigido à imago materna de acordo com cinco passos: "1º «Vê, é nesta coisa e não em mim própria que eu procuro aquilo de que fui desapossada»; 2º «A minha procura é feita em vão pois trata-se aqui de uma coisa inapropriável. A evidente vanidade da minha procura deve garantir a minha renúcia definitiva aos desejos que tu reprovas em mim»; 3º «Insisto sobre o valor desta coisa inacessível a fim de que tu possas medir o valor da grandeza do meu sacrifício ao despojar-me do meu desejo»; 4º «Por meu turno deverei acusar-te e despojar-te, mas é precisamente isto que devo evitar, negar, ignorar, pois preciso do teu amor»; 5º «Em suma, idealizar o pénis para melhor o cobiçar em seguida não significa tranquilizar-te no sentido de que não o alcançarei, de que nunca o acederei em mim. Isso seria tão

[115] "Nous avons vu que cette «part précieuse» était un ensemble d'actes devenu le privilège de la Mère anale. La fillette disposait pourtant d'un instrument lui permettant de recouvrer, d'une manière indirecte, ce qui lui a été ravi. C'était l'identification à la Mère souveraine de ses pouvoirs. Or, ce que l'on constatera c'est une lacune dans cette identification même, lacune que l' «envie du pénis» atteste à souhait. Pour conclure, nous sommes ainsi conduits à incriminer en plus du refoulement de conflits prégénitaux anaux, une inhibition spécifique, totale ou partielle, de la masturbation, de l'orgasme et de l'activité fantasmatique concomitante. L' «envie du pénis» apparaît alors comme une revendication déguisée — non pas de l'organe et des attributs de l'autre sexe — mais de ses *propres désirs de maturation et d'auto-élaboration à la faveur de la rencontre de soi dans la conjonction des expériences orgastique et identificatoire*" (Torok, 1964/2001, p. 141-142).

impossível, digo-te eu, quanto mudar de corpo»"(Torok, 1964/2001, p. 139)[116]. A inveja do pénis é sempre a inveja do pénis idealizado (cf. Torok, 1964/2001, p. 137). Para Torok (1964/2001), a cumplicidade que os homens alimentam na subjugação das mulheres ao seu poder passa também pela cumplicidade das próprias mulheres na manutenção deste estado de coisas. Note-se que, portanto, a aliança patrilateral coloca a tese de Torok em duas dimensões: 1) uma mãe que retém um filho e 2) uma mãe que liberta uma filha para a troca. Neste contexto poder-se-ia pensar que a clássica tese de Freud ganhava terreno, mas deve notar-se que a mãe que retém um filho já não o fará apenas como satisfação do desejo pelo pai, mas por identificação com a autoridade da mãe fálica da geração anterior. Ao fazê-lo está simultaneamente a reforçar a autoridade masculina na gestão da troca de mulheres empiricamente mostrada nas estruturas elementares do parentesco. A confirmação desta realidade complementar aparece por sua vez na libertação da filha para a troca no seio da aliança patrilateral. A libertação da filha para a troca, pela mãe, conjuga-se simultaneamente com a obrigação da libertação da filha para a troca, pelo pai. Isto é congruente com a descrição que Torok dá sobre o difícil caminho que a rapariga percorre entre a identificação com a mãe fálica e a identificação com o pai, pois "no que concerne à mulher, partamos da seguinte consideração: ao saír do estádio anal a pequena rapariga deve poder levar a cabo, nos fantasmas de masturbação, uma identificação simultânea com os pais genitais. Ora, este movimento deve sofrer uma dupla dificuldade: anal, antes de mais, na medida em que a autonomia obtida pela satisfação masturbatória significa necessariamente uma desapropriação sádica da Mãe relativamente às suas prerrogativas; edipiana, depois, na medida em que uma realização fantasmática da Cena primitiva através da identificação com os dois pais implica o despojamento da Mãe. Esta dupla dificuldade acaba por não ser ultrapassada ─ a não ser em casos de excepção ─ subsistindo uma lacuna nas identificações: 1º ao Pai, na especificidade do seu sexo; 2º à Mãe, enquanto parceira genital deste. Esta lacuna fundamental segue a par de uma

[116] "1° «Vois-tu, c'est dans une chose et pas en moi-même que je cherche ce dont je suis dessaisie»; 2° «Ma recherche est vaine car il s'agit d'une chose inappropriable. L'évidente vanité de ma recherche doit garantir mon renoncement définitif aux désirs que tu réprouves en moi»; 3° «Je tiens à insister sur la valeur de cette chose inaccessible pour que tu mesures la grandeur de mon sacrifice de me laisser dépouiller de mon désir»; 4° «Je devrais t'accuser et te dépouiller à mon tour, mais c'est précisément cela que je veux éviter, nier, ignorer, puisque j'ai besoin de ton amour»; 5° «En bref, idéaliser le pénis pour mieux le convoiter ensuite, n'est-ce pas te rassurer en te montrant que jamais je ne me rejoindrai, jamais je n'accéderai à cela en moi. Ce serait, te dis-je, aussi impossible que de changer de corps»" (Torok, 1964/2001, p. 139).

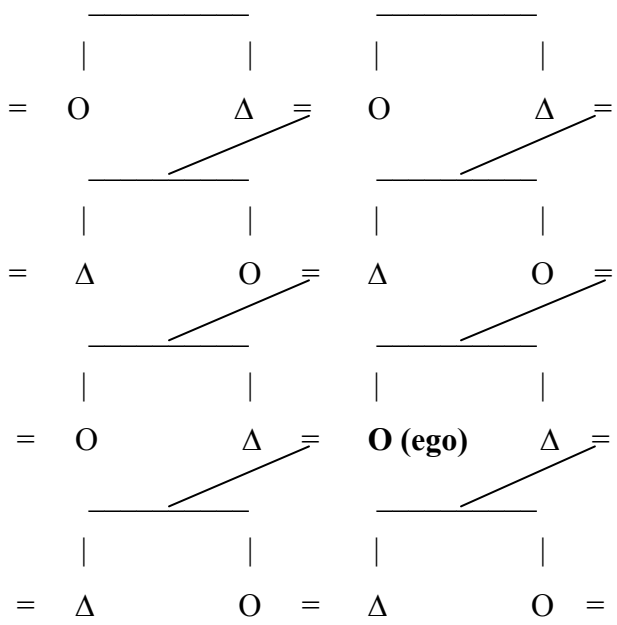
conjunção imagóica particular: Mãe exigente, castrada e ciumenta. Pai invejado, depreciado e sobrevalorizado, por sua vez. A única saída para o impasse destas identificações encontra-se na constituição de um ideal fálico inacessível (imagem mítica de um Pai idealizado) comportando por seu turno uma reafirmação da mãe ao conservar as suas prerrogativas e a nostalgia de preencher assim uma lacuna fatal para o destino genital: a identificação com o Pai" (Torok, 1964/2001, p. 167-168)[117]. Simétricamente, o rapaz que é retido pela mãe na aliança patrilateral só pode ascender à sua libertação através de uma identificação com o pai, mas também tendo de passar pela angústia da liquidação do rival com quem se identifica: "O pequeno rapaz, no momento de se separar da Mãe anal pode apoiar-se numa identificação com o pai portador do «falo». Por este meio ele escapa ao domínio materno: o Pai fálico é o seu aliado e a Mãe não é ainda o seu objecto genital. Deste modo ele escapou a dois momentos angustiantes da sua evolução: 1º a liquidação da sua relação materna anal por uma incorporação identificatória particularmente perigosa (e isto tanto pela destituição do domínio materno quanto pela expulsão edipiana invertida da mãe) e 2º o momento edipiano propriamente dito, implicando uma identificação com o rival genital e a sua eliminação. Esta dupla lacuna nas identificações do rapaz, vêmo-lo, é simétrica daquela que referimos sobre a rapariga. Aqui, como lá, o impossível desejo de acesso (ao objecto) cristaliza-se segundo as mesmas invejas paralelas do objecto ilusório: o «pénis»" (Torok, 1964/2001, p. 169)[118].

---

[117] "En ce qui concerne la femme, partons de la considération suivante: au sortir du stade anal la fillette devrait pouvoir réaliser dans des fantasmes masturbatoires une identification simultanée aux parents génitaux. Or, ce mouvement doit se heurter à une double difficulté: anale d'abord, d'autant que l'autonomie dans la satisfaction masturbatoire signifie nécessairement une dépossession sadique de la Mère de ses prérogatives; oedipienne ensuite, dans la mesure où une réalisation fantasmatique de la Scène primitive par l'identification aux deux parents implique l'évincement de la Mère. Tant que cette double difficulté n'est pas surmontée — et elle ne l'est de fait que dans des cas d'exception — il subsistera une lacune dans des identifications: 1° au Père dans la spécificité de son sexe; 2° à la Mère, en tant que partenaire génitale de celui-ci. Cette lacune fondamentale va de pair avec une conjonction imagoïque particulière: Mère exigeante, châtrée et jalouse. Père envié, déprécié et survalorisé à la fois. La seule issue de cette impasse des identifications s'ouvre sur la constitution d'un inaccessible idéal phallique (image mythique d'un Père idéalisé) comportant à la fois une réassurance de la Mère de conserver ses prérogatives et la nostalgie de combler ainsi une lacune fatale pour le destin génital: l'identification au Père" (Torok, 1964/2001, p. 167-168).

[118] "Le petit garçon, au moment de se dégager de la Mère anale, peut prendre appui sur une identification au Père porteur du «phallus». Par là, il se soustrait à la maîtrise maternelle: le Père phallique est son allié et la Mère n'est pas encore son objet génital. Il aura ainsi éludé deux moments angoissants de son évolution: 1° la liquidation de sa relation maternelle anale par une incorporation identificatoire particulièrement dangereuse (et cela tant par la destitution de la maîtrise que par l'éviction oedipienne inversée de la Mère) et 2º le moment oedipien proprement dit, impliquant une identification au rival génital et son élimination.

Quer o rapaz, quer a rapariga, buscam o mesmo objecto ilusório – a autoridade (fálica) –, o falo enquanto objecto necessariamente idealizado. Podemos agora ver que o sistema das estruturas elementares do parentesco enquanto sistema contentor de várias ideologias reguladoras das relações entre seres humanos assenta numa gestão constante de idealizações formadas entre sexos e gerações. Se nos colocarmos no vértice da menina, no contexto da aliança patrilateral, podemos ver que o impulso da troca provém de uma dupla conjunção, a saber: primeiro, de uma identificação com a mãe anal-fálica (mistura securizante de amor e autoridade) e, segundo, de uma tentativa de identificação com o falo paterno, após desilusão proveniente da ausência de objecto fálico na mãe. Acontece que, mantendo o princípio da troca recíproca, a mãe da menina com quem esta se identifica também foi uma mulher trocada. Aplicando o mesmo princípio, também ela sofreu a mesma identificação e desidentificação desiludida com a sua mãe, avó da menina. O mecanismo da repetição com fundamentos psicodinâmicos identificatórios / desidentificatórios intergeracionais é constituído assim pela aliança patrilateral incestuosa. Observemos o esquema abaixo indicado representativo da aliança patrilateral abarcando quatro gerações consecutivas:



Cette double lacune dans les identifications du garçon, on le voit, est tout à fait symétrique à celle que nous avons relevée chez la fille. Ici, comme là, l'impossible désir de l'accession se cristallise dans des envies parallèles du même objet illusoire: le «pénis»" (Torok, 1964/2001, p. 169).

Embora na análise dos sistemas de parentesco ego seja, por convenção, um indivíduo de sexo masculino, na presente tese tomamos a liberdade de fixar o vértice no sexo do indivíduo que mais vantagem ofereça do ponto de vista da estratégia da explicação. Apontemos o vértice da troca para a menina da geração mais recente, aqui denominada por «ego». A «repetição» intergeracional consiste no facto de que a mulher recebida na geração seguinte como compensação da mulher dada na geração anterior é filha da irmã do pai do homem com quem contraiu aliança (filho do irmão da mãe dela). A proibição do incesto entre irmãos na geração anterior foi deslocada para a aliança entre os filhos deles próprios na geração seguinte (incesto social, diferido) – o homem que na geração anterior deu a irmã para aliança "recuperou-a" sob a forma da filha dela para o seu próprio filho. Na perspectiva da menina (vértice feminino da troca), segundo Torok, esta identificou-se primeiro com uma mãe cuja procura do objecto fálico é testemunhada pelos trilhos deixados pelas alianças consecutivas das quais é produto. Para chegar a esta posição, a menina (futura mulher a trocar) teve que se identificar primeiro com a mãe, depois com o pai e, finalmente como síntese solucionadora desta alternância, identificou-se com o casal parental – "realização fantasmática da Cena primitiva por identificação com os dois pais" (Torok, 1964/2001, p. 169)[119]. Ora a identificação com os dois pais, de que fala Torok (1964/2001, p. 169), adquire a particular configuração da aliança patrilateral, no caso da menina. A aliança patrilateral é um sistema actuado (*acting out*) da identificação da menina com o casal parental. A avó da menina foi dada numa direcção e a mãe da menina constituiu a contra-dádiva compensadora na direcção contrária entre dois grupos de irmãos. A menina vai ser dada na mesma direcção da avó e a sua futura filha irá constituir a contra-dádiva compensadora na direcção contrária na geração seguinte. Se olharmos o processo em termos de gerações alternadas veremos que a troca de mulheres se mantém na mesma direcção a cada duas gerações. Em termos psicodinâmicos alguma coisa se passa para que o ciclo de trocas se feche na geração seguinte. Poderia a menina identificar-se com a avó após desilusão com a identificação materna? Se continuarmos na perspectiva de Torok (1964/2001) tudo indica que a menina ao autonomizar-se da mãe se identificou com a avó. Isto implica que, em termos de

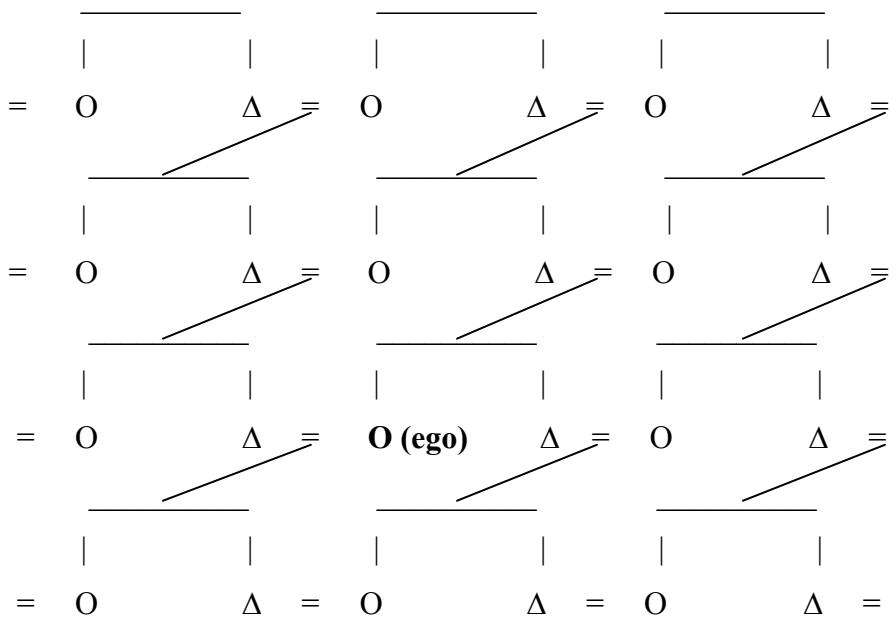
[119] "réalisation fantasmatique de la Scène primitive par l'identification aux deux parents" (Torok, 1964/2001, p. 169).

estruturas elementares do parentesco, incorporou o superego materno saltando uma geração ascendente. Então ela foi dada na mesma direcção da avó. Assim sendo, foi dada na direcção contrária à da mãe. Isto implica que mesmo através da identificação com a avó acabou por fechar o ciclo da troca e como tal acabou por coincidir com o que manda a ideologia masculina manifesta das estruturas elementares do parentesco: ou seja, que fosse dada em direcção contrária à da mãe a fim de saldar a dívida causada no grupo de irmãos dador. Ao fazê-lo repetiu novamente a estrutura da aliança patrilateral. Agora podemos enquadrar numa perspectiva renovada a afirmação de Abraham (1974-75/2001) para quem o "aparelho psíquico" é "herdado dos avós" (p. 416)[120]. Ou seja, trata-se do processo que André Green (1983) denominou por "anonimização do superego" (p. 94)[121] enquanto processo composto pela "identificação ao superego dos pais" (p. 94)[122].

Note-se que a discussão da troca entre objectos (imagos paternas e maternas) segundo a perspectiva do vértice feminino da troca implica que coloquemos o impulso da troca, a pulsão da troca, não nos homens (conteúdo manifesto das estruturas elementares do parentesco), mas nas mulheres, particularmente na relação mãe-filha. Isto já não é evidenciado pelas estruturas elementares do parentesco, mas pode ser deduzido enquanto dimensão que lhes subjaz.

As estruturas elementares do parentesco prevêem a libertação do jugo da pulsão incestuosa precisamente ao nível da aliança com a prima cruzada matrilateral. Deste modo, podemos notar no esquema abaixo reproduzido (ver também Quadrilátero II, da troca) que para que haja captação da prima cruzada matrilateral pelo filho da irmã do pai dela teve que haver libertação da filha pelo pai e do filho pela mãe, ou seja, teve que haver uma liquidação do complexo de Édipo.

[120] " (…) appareil psychique (…) hérité des grands-parents" (Abraham, 1974-75/2001, p. 416).
[121] "anonymisation du Surmoi" (Green, 1983, p. 94).
[122] "identification au Surmoi des parents" (Green, 1983, p. 94).



Diferentemente da aliança patrilateral, no encadeamento das alianças matrilaterais o homem da geração ascendente não procurou recuperar a irmã dada através da aliança da filha desta com o seu filho (incesto social deslocado). Pelo contrário, libertou a própria filha para a aliança com o filho da irmã. A irmã, na qualidade de mãe, libertou o filho para aliança com a filha do irmão. O modelo da aliança matrilateral constitui o modelo psicossocial da liquidação do Édipo tal como Freud o formulou.

A aliança entre primos cruzados constitui, defendemos, a mais simples e acessível estrutura do conceito de sublimação psicossocial da pulsão sexual incestuosa: na perspectiva da geração dos pais há uma renúncia à sedução pela criança; na perspectiva da geração dos filhos há uma renúncia ao amor incestuoso pelos pais. Neste último caso estaria contido o abandono do investimento do amor pela mãe por parte do rapaz e a identificação deste com o pai, pois segundo Freud, "Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objectal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. Estamos acostumados a encarar o

último resultado como o mais normal; ele permite que a relação afectuosa com a mãe seja, em certa medida, mantida. Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no carácter de um menino" (Freud, 1923/1996, p. 45)[123].

Estaria também contido o abandono do investimento objectal do pai por parte da rapariga e sua identificação com a mãe, com a consequente renúncia ao complexo de masculinidade, pois segundo Freud (1925/1996a) na medida em que a rapariga "abandona seu desejo de um pénis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, *toma o pai como objecto de amor*. A mãe se torna o objecto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher (...) Malogrando-se mais tarde e tendo de ser abandonada, a ligação da menina a seu pai pode ceder lugar a uma identificação com ele, e pode ser que assim a menina retorne a seu complexo de masculinidade e, talvez, permaneça fixada nele" (p. 284-285)[124]. O complemento desta tese reside, como já vimos, em Torok (1964/2001). Afinal, a renúncia à masculinidade por parte da rapariga seria produto de uma identificação bem conseguida com a mãe. O maior problema é que, tal como explicamos no paradigma das estruturas elementares do parentesco, a mãe na acepção torokiana da questão é quem transmite à filha a encapotada "inveja do pénis".

Resta-nos ainda outra transformação da configuração edipiana, a do denominado Édipo negativo. Como enquadrá-lo nas estruturas elementares do parentesco? Segundo Freud (1923/1996), estamos em presença do Édipo negativo quando "um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objectal afectuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta

[123] "Along with the demolition of the Oedipus complex, the boy's object-cathexis of his mother must be given up. Its place may be filled by one of two things: either an identification with his mother or an intensification of his identification with his father. We are accustomed to regard the latter outcome as the more normal; it permits the affectionate relation to the mother to be in a measure retained. In this way the dissolution of the Oedipus complex would consolidate the masculinity in a boy's character" (Freud, 1923/1981, p. 32).

[124] "gives up her wish for a penis and puts in place of it a wish for a child: and *with that purpose in view* she takes her father as a love-object. Her mother becomes the object of her jealousy. The girl has turned into a little woman (…) When the girl's attachment to her father comes to grief later on and has to be abandoned, it may give place to an identification with him and the girl may thus return to her masculinity complex and perhaps remain fixated in it" (Freud, 1925/1981c, p. 256).

uma atitude afectuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe" (p. 46)[125].

Ou seja, através de uma identificação com o objecto materno, a criança do sexo masculino comporta-se passiva e homossexualmente para com o pai. Segundo a descrição psicanalítica freudiana estamos numa perspectiva isolada do Édipo, neste caso negativo. A nossa perspectiva é relacional. Isto implica considerar o Édipo negativo em termos de átomos de parentesco ligados ou combinados entre si nos três tipos de troca previstos pelas estruturas elementares do parentesco. Devemos referir ainda que o facto do enquadramento teórico aqui proposto sobre o conceito do «Édipo negativo» ser feito tendo consciência das críticas que determinados autores lhe referem na perspectiva da clínica psicopatológica. É assim que Freitas (2008b) aponta por exemplo que "(…) preliminarmente, na falta de um juízo mais acabado, no momento, penso que há dificuldade de se colocar o Édipo negativo (ou invertido) como um problema conflitivo, como postula Freud, à medida que não só eu mas vários colegas, que já recebemos homossexuais para análise, jamais fomos procurados porque o conflito a ser tratado fosse a homossexualidade, e sim conflitos inerentes a disfunções e adoecimentos psíquicos em nada diferentes daqueles encontrados em heterossexuais. Daí eu achar que o Édipo negativo não é um conceito tão irrefutável quanto o Édipo positivo" (Freitas, 2008b). Não obstante, nas considerações que aqui fazemos sobre o Édipo negativo o que nos move é simular as suas variações dentro do paradigma das estruturas elementares do parentesco a fim de nelas sublinharmos determinadas dimensões psicodinâmicas.

Para situar esta problemática é preciso relembrar os fundamentos básicos do conceito da dádiva e da contra-dádiva. O cerne da questão reside, como Mauss (1923-24) bem explicou, no fenómeno da dádiva e da contra-dádiva aparentemente presenteada mas de facto obrigatória. Como diz Mauss (1923-24/1988) sobre a dádiva, "O que, no presente recebido, trocado, obriga, é o facto de a coisa recebida não ser inerte. Mesmo abandonada

[125] "(…) a boy has not merely an ambivalent attitude towards his father and an affectionate object-choice towards his mother, but at the same time he also behaves like a girl and displays an affectionate feminine attitude to his father and a corresponding jealousy and hostility towards his mother" (Freud, 1923/1981, p. 33).

pelo doador, ela é, ainda qualquer coisa dele. Através dela, ele tem domínio sobre o beneficiário, como através dela, proprietário, ele tem domínio sobre o ladrão" (p. 67)[126]. Apesar do vasto leque de objectos, cargos, festas, etc., que podem ser trocados, são as pessoas, nomeadamente as mulheres, que aqui constituem objecto de análise. Quem dá tem vantagem sobre quem recebe e a saída para esta situação encontra-se na restituição da dádiva ou no *potlatch*[127] enquanto destruição sumptuosa do objecto recebido e da riqueza acumulada. Apoiando-se nos testemunhos locais maoris da Nova Zelândia, Mauss (1923-24/1988) conclui que o espírito (*hau*) da coisa dada obriga-a sempre a "regressar ao lugar do seu nascimento, ao santuário da floresta e do clã e ao proprietário" (p. 67)[128] porque " (…) aceitar qualquer coisa de alguém é aceitar qualquer coisa da sua essência espiritual, da sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e isso não apenas porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente, essa essência, essa comida, esses bens, móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos ou essas comunhões, têm poder mágico e religioso sobre vós" (p. 68)[129].

A troca, a dádiva e contra-dádiva de mulheres tal como preconizada pelas estruturas elementares do parentesco acompanha a formação das primeiras relações de objecto e os primeiros investimentos do ego na relação. Relativamente ao enquadramento do Édipo negativo nas estruturas elementares do parentesco temos que reter o princípio básico da teoria da troca, princípio segundo o qual está em vantagem quem dá.

Vejamos agora a configuração do Édipo negativo na troca bilateral conforme o esquema abaixo indicado.

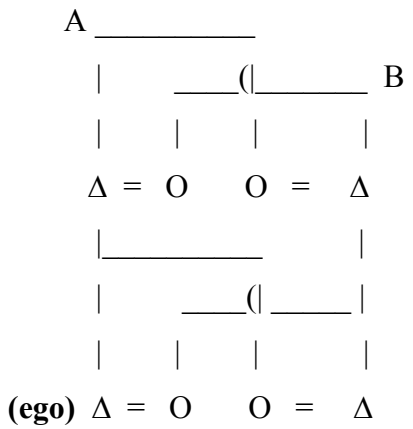
---

[126] "Ce qui, dans le cadeau reçu, échangé, oblige, c'est que la chose reçue n'est pas inerte. Même abandonnée par le donateur, elle est encore quelque chose de lui. Par elle, il a prise sur le bénéficiaire, comme par elle, propriétaire, il a prise sur le voleur" (Mauss, 1923-24, p. 19).

[127] "«Potlatch» quer dizer essencialmente «alimentar», «consumir»" (Mauss, 1923-24/1988, p. 56-57).

[128] "revenir au lieu de sa naissance, au sanctuaire de la forêt et du clan et au propriétaire" (Mauss, 1923-24, p. 19).

[129] "accepter quelque chose de quelqu'un, c'est accepter quelque chose de son essence spirituelle, de son âme ; la conservation de cette chose serait dangereuse et mortelle et cela non pas simplement parce qu'elle serait illicite, mais aussi parce que cette chose qui vient de la personne, non seulement moralement, mais physiquement et spirituellement, cette essence, cette nourriture [129], ces biens, meubles ou immeubles, ces femmes ou ces descendants, ces rites ou ces communions, donnent prise magique et religieuse sur vous" (Mauss, 1923-24, pp. 19-20).



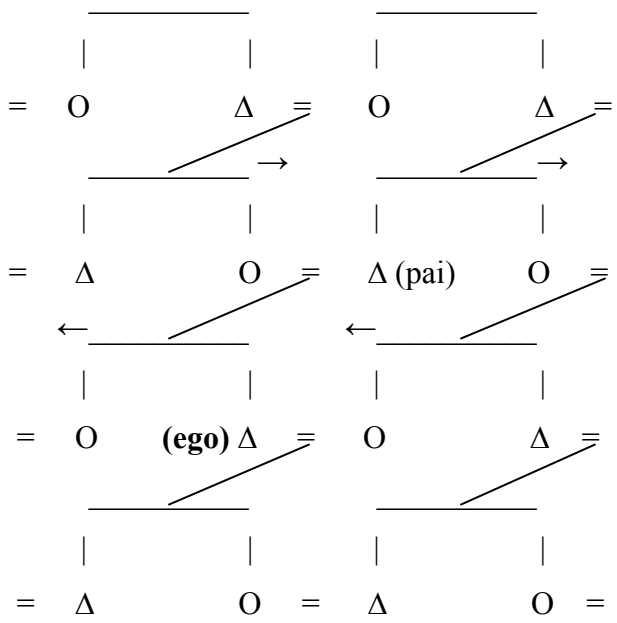
Simplificadamente temos presentes dois grupos de irmãos, A e B, que trocam as irmãs entre si. Note-se que a mulher do grupo de irmãos A é dada na direcção de B e a mulher do grupo de irmãos B é dada na direcção de A. Primeira constatação: na geração seguinte o grupo de irmãs entretanto formado a partir das alianças da geração anterior mantém a mesma direcção da dádiva de mulheres. Se tomarmos por referência na rede genealógica um indivíduo a quem chamamos «ego», poderemos verificar que ego contraiu aliança com a sua prima bilateral, prima pelo lado do irmão da mãe de ego e simultaneamente pelo lado da irmã do pai de ego. Segundo a definição clássica de Freud, ego permanece no Édipo negativo se se comportar como uma menina com ciúmes e agressividade relativamente à mãe e atitude afectuosa relativamente ao pai. Mas onde iria ego, neste caso masculino, colher o modelo de identificação de uma menina, fora do Édipo isoladamente considerado? Além da sua mãe, só poderia ser a sua irmã ou seu equivalente. A tese de Mitchell (2000) sobre a importância dos irmãos no psiquismo humano adquire aqui nova força. Acontece que no paradigma relacional aqui empregue é a aliança da irmã que tem que ser considerada e não a irmã considerada isoladamente no interior do Édipo. A direcção da dádiva repetiu-se na geração de ego, isto é, ego dá a sua irmã ao grupo de irmãos B tal como o seu pai tinha dado a sua tia paterna ao mesmo

grupo. Ao nível da mesma geração as vantagens da dádiva são imediatamente anuladas pela contra-dádiva. Então como equiparar a atitude feminina de ego no Édipo negativo com a desvantagem de quem recebe a dádiva da mulher? As descrições psicodinâmicas de alguns factos etnográficos podem ajudar-nos a solucionar este problema. A solução está na relação de ego com o tio materno. Malinowski (1916/1988, 1924/1992, 1927/2000) foi quem abriu o debate com a psicanálise freudiana, prosseguido depois com E. Jones (1924/1951), no início do século XX ao tentar refutar a importância da função paterna tal como admitida no complexo de Édipo. Para Malinowski (1916/1988, 1924/1992, 1927/2000), entre os Trobriand o irmão da mãe assumiria as funções de pai de ego (pai classificatório) o que reduziria o Édipo descrito por Freud a uma variante psicológica da cultura ocidental comprometendo a sua pretensa universalidade. De facto as coisas não se passam deste modo e o Édipo limita-se a adquirir configurações diversas de acordo com os sistemas de parentesco vigentes. Spiro (1982) mostrou aliás de forma bastante convincente a partir dos escritos de Malinowski que mesmo entre os Trobriand o complexo de Édipo constituía uma formação psicodinâmica ainda mais intensa do que nas sociedades ocidentais. As funções paternas do irmão da mãe constituem, não obstante, uma característica bastante espalhada por diferentes culturas podendo ter significações e funções diversas. Mas há constantes psicodinâmicas que continuam a verificar-se e o próprio Lévi-Strauss (1949/1982) dá-nos indicações valiosas neste sentido quando nos refere que a pulsão homicida típica das configurações edipianas descritas por Freud se encontra também na relação avuncular tio-sobrinho provando assim que a psicodinâmica da relação pai-filho subjaz à da relação tio-sobrinho. Segundo Lévi-Strauss (1949/1982), "Nos contos *tlingites*, o tio materno teme continuamente encontrar em seu sobrinho um rival no amor de sua mulher mais jovem, e procura matá-lo (…). A mesma situação repete-se na América do Sul no Xingu" (p. 477)[130]. Para os estritos limites a que aqui nos propomos basta-nos verificar que a aquisição da função paterna enquanto pai classificatório por parte do irmão da mãe pode corresponder a uma formação de compromisso entre o desejo incestuoso do irmão pela irmã e a sublimação necessária à constituição dos sistemas de parentesco. No contexto do nosso esquema

[130] "dans les contes Tlingit, l'oncle maternel redoute continuellement, en son neveu, le rival à l'amour de sa plus jeune femme et cherche à le tuer (J. R. SWANTON, Tlingit Myths and Texts, *Bureau of American Ethnology, Bulletin* 39)" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 501).

acima reproduzido, o irmão da mãe identifica-se com o pai de ego tornando-se um pai classificatório deste na medida em que esta é a maneira de "recuperar" a irmã dada. A dádiva manifesta relativa ao homem que na mesma geração dá a irmã como compensação pela irmã recebida de outro homem deixa em estado latente o seu desejo incestuoso que emerge depois na importância da relação avuncular tio - sobrinho. Então o Édipo negativo pode explicar-se neste contexto através da identificação de ego com a mãe como forma de aceder a uma masculinidade não conseguida (modelada no pai) escapando assim à angústia de castração. A mãe de ego é, na sua geração, uma irmã trocada entre homens. Isto repete-se na geração de ego na medida em que também a sua irmã é trocada entre homens. A mãe de ego foi trocada entre dois homens, cunhados entre si. O homem que a deu para aliança, "recuperou-a" tornando-se o pai classificatório, substituto, de ego, filho dela. Ao assumir o papel passivo da mãe (ou da irmã), ego torna-se objecto de troca entre homens, tal como as mulheres. Ego, no Édipo negativo, passa a ser a contra-dádiva ao homem em dívida causada não pela mulher objectivamente dada mas pelo desejo incestuoso não satisfeito. Embora sendo o sistema de parentesco Trobriand um sistema matrilinear tal não invalida que apliquemos o exemplo da importância do tio materno sublinhada por Malinowski (1916/1988, 1924/1992, 1927/2000) à troca bilateral tal como entendida segundo Lévi-Strauss (1949/1973). A troca bilateral é a base a partir da qual derivam as trocas patrilaterais e matrilaterais.

Vejamos agora o caso da psicodinâmica do Édipo negativo pelo vértice da aliança patrilateral. A descrição segue-se ao esquema abaixo reproduzido.



Ego é o homem que contraiu aliança com a filha da irmã do seu pai, portanto prima pelo lado do pai de ego, logo prima cruzada patrilateral. Sigamos a psicodinâmica até aqui explorada. Voltemos à teoria da dádiva. O pai de ego foi o homem que fez a dádiva de uma irmã (sua tia paterna) na geração anterior. Ficaram em dívida para com ele. Objectivamente este homem foi um homem que na mesma geração recebeu a contra-dádiva de uma mulher com quem contraiu aliança. Aparentemente a dívida estaria saldada neste ponto. Isto é o que permanece no conteúdo manifesto nas estruturas elementares do parentesco. Mas a questão que nos deve nortear aqui deve incidir no motivo pelo qual este homem fez o seu filho contrair aliança com a filha da sua irmã logo na geração seguinte? Já o vimos: trata-se do denominado "incesto social". Isto significa que a contra-dádiva foi satisfeita não com a contra-dádiva de uma mulher na mesma geração mas através da passagem à acção (*acting out*) estruturada segundo a aliança patrilateral. Mais um passo e vamos agora colocar em contexto o Édipo negativo. Como explicar agora a configuração do Édipo negativo no seio da estrutura patrilateral da aliança? O Édipo negativo é caracterizado essencialmente pela atitude passiva-homossexual da criança masculina relativamente ao pai e pela agressividade ciumenta em relação à mãe. Então o filho tem que "assumir" o lugar da mãe. Ao assumir o lugar da

mãe o filho assume o lugar de uma mulher que não foi suficiente para a liquidação da dívida gerada pela perda da irmã do homem com quem esta contraiu aliança. Aparentemente dar-se-ia a liquidação do Édipo para a criança masculina na medida em que como se pode ver no diagrama acima reproduzido a mãe liberta o filho (ego) para a aliança patrilateral. Acontece que esta aliança corresponde à tentativa de recuperação da irmã dada pelo pai de ego na geração anterior. Então ego ao entrar na aliança patrilateral entra como elemento que satisfaz o desejo do pai incestuoso relativamente à irmã. A criança masculina ocupa assim o lugar da irmã do pai e nisto consiste a atitude passiva-feminina em relação à figura paterna no contexto das estruturas elementares do parentesco. Ao repetir por sua vez este tipo de aliança com o seu filho, ego reproduz intergeracionalmente o conteúdo latente negativo edipiano manifestado pela aliança patrilateral − reformulação do princípio freudiano da "unidade dos irmãos germanos"[131] de Radcliffe-Brown (1950/1982, p. 25). Para este, segundo o princípio da unidade dos irmãos germanos "A irmã do pai pertence ao grupo germano do pai e por esta razão ela é uma parente da mesma espécie geral do pai e do irmão do pai, e similarmente o irmão da mãe é um parente da mesma espécie da mãe e da irmã desta. Esta forma de conceber os tios e as tias manifesta-se na terminologia de parentesco de muitas sociedades africanas" (p. 40)[132]. Segundo este princípio, a irmã do pai deveria ser uma espécie de «mãe masculino» ou «pai-mulher» de ego tal como previsto por Radcliffe-Brown (1950/1982): "O termo para «irmão da mãe» em muitas tribos bantas é *umálume,* que literalmente significa «mãe masculino», sendo *uma* o termo para «mãe» e *lume* significando «homem». De modo semelhante, entre muitos povos africanos a irmã do pai é designada pelo termo de «pai» ou é chamada «pai-mulher», Ê o que se passa, por exemplo, entre os Kitara, os Ndau, os Yao, os Huana, e há muitos outros. Para alguns europeus estas expressões «pai-mulher» e «mãe-homem» podem parecer o cúmulo do absurdo. A razão disto é simplesmente a confusão de pensamento resultante da ambiguidade das palavras que empregamos para «pai» e «mãe». Há uma relação puramente física entre uma mulher e a criança que ela dá à luz, ou o homem que a procria. A mesma relação existe entre um

[131] "unity of the sibling group" (1950/1982, p. 25).

[132] "The father's sister belongs to the father's sibling group and therefore she is a relative of the same general kind as the father and the father's brother, and similarly the mother's brother is a relative of the same kind as the mother and her sister. This way of thinking about uncles and aunts is shown in the kinship terminology of many African societies" (Radcliffe-Brown, 1950, p. 25).

filho espúrio e os seus progenitores. Mas este filho não tem «pai» nem «mãe» (porque a relação social — e jurídica — entre pais e filhos é diferente da relação física)" (p. 41)[133]. A irmã do pai de ego não precisa, na simulação por nós considerada, ser encarada um «pai-mulher» na medida em que a configuração patrilateral do Édipo negativo procura sobretudo a satisfação incestuosa do pai de ego relativamente à irmã. Ao identificar-se meramente com a mãe (visão isolada do Édipo) ego não satisfaz suficientemente um pai que perdeu uma irmã, mas ao executar passivamente uma aliança (patrilateral) activamente ordenada pelo pai ou tio materno (seu equivalente) ego entra no Édipo negativo no contexto relacional quaternário (para além da estrutura clássica ternária do Édipo) das estruturas elementares do parentesco. Podemos usar a terminologia de Green (1983) neste caso e dizer que a configuração edipiana negativa na aliança patrilateral opera segundo uma "dupla identificação" (Green, 1983, p. 105)[134]: uma "identificação regressiva" (Green, 1983, p. 105)[135] que vai do adulto à criança, neste caso do tio materno ao sobrinho (o tio pretende recuperar a irmã dada) e uma "identificação progressiva" (Green, 1983, p. 105)[136] que vai da criança ao adulto, neste caso do sobrinho ao tio materno (o sobrinho identifica-se com a mãe que é irmã do tio suprimindo assim a mulher que este perdeu podendo, nesta medida, fazer de "mulher" do pai em virtude da identificação classificatória entre pai e tio, ou seja, entre cunhados). Neste passo é já possível notar que a nossa explicação vai para além da fornecida por Green (1983) sobre a psicodinâmica do átomo de parentesco de Lévi-Strauss (1945/1970, 1952/1970, 1973/1993). De facto, como bem notou Benoist (In Green, 1983, pp. 102-103), Green (1983) não considerou devidamente a presença do tio materno no átomo de parentesco analiticamente enquadrado. Não obstante, em resposta a Benoist, Green (1983, p. 103)

---

[133] "The term for 'mother's brother' in many Bantu tribes is *umalume*, which is literally 'male mother', *uma* being the term for 'mother' and *lume* meaning 'male'. Similarly, in a number of African peoples the father's sister is referred to by the term for 'father' or is called 'female father'. Examples are the Kitara, the Ndau, the Yao, the Huana, and there are others. To some Europeans this use of the terms 'female father', 'male mother' may seem the height of absurdity. The reason for this is simply a confusion of thought resulting from the ambiguity of our own words for father and mother. There is the purely physical relation between a child and a woman who gives birth to it or the man who begets it. The same relation exists between a colt and its dam and sire. But the colt does not have a father and a mother. For there is the social (and legal) relation between parents and children which is something other than the physical relation" (Radcliffe-Brown, 1950, p. 25).

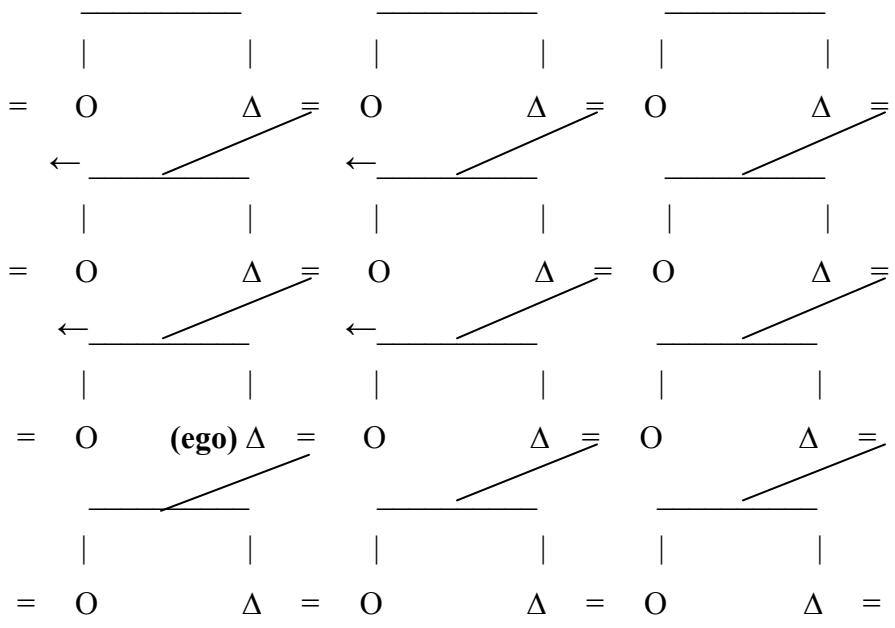
[134] "double identification" (Green, 1983, p. 105).

[135] "identification regressive" (Green, 1983, p. 105).

[136] "identification progressive" (Green, 1983, p. 105).

reafirmou contudo o interesse do tio materno enquanto representante do grupo dador de mulheres, logo da mãe de ego. Talvez por isso indique a presença latente da figura da mãe no respectivo átomo, latente na medida em que representada por um homem. Apesar disto julgamos deste modo conseguir adiantar alguns elementos de explicação para esta problemática conseguindo dar uma resposta mais satisfatória ao apelo de Perelberg (1995) quando referia que "O tio materno (ou um representante do grupo da mãe) constitui portanto, segundo Lévi-Strauss, uma pré-condição para a estrutura poder existir. Talvez isto seja ainda um desafio para a psicanálise, isto é, identificar a representação inconsciente deste quarto termo. Pergunto-me a mim próprio como seria possível incluír este quarto termo no conceito da 'configuração edipiana' e depois conceptualizar o processo inconsciente da sua internalização e 'transmissão'" (Perelberg, 1995)[137].

Qual a melhor resolução prevista pelas estruturas elementares do parentesco para a pulsão incestuosa? É uma solução em forma de modelo previsto pela aliança matrilateral. Consultemos novamente o esquema referente à aliança com a prima cruzada matrilateral.



[137] "The maternal uncle (or a representative of the mother's group) is thus, according to Lévi-Strauss, a precondition for the structure to exist. Perhaps this is still the challenge for psychoanalysis, to identify the unconscious representation of this fourth term. I wonder how it might be possible to include this fourth term in the concept of 'oedipal configuration' and thus conceptualise the unconscious process of its internalisation and 'transmission'" (Perelberg, 1995).

Ego forma aliança com uma mulher que é filha do irmão da sua mãe. Tenhamos presente o fundamento da dádiva. A mãe de ego foi uma mulher dada pelo seu tio materno. Este irmão da mãe de ego teve que renunciar ao incesto, pelo menos segundo a tendência que o modelo impõe − recorde-se que as estruturas elementares gerem modelos (Lévi-Strauss, 1966/1973), tipos-ideais (Weber, 1904/1993)[138], identificações ideais superegóicas. Ao nível da geração do tio materno de ego, o irmão da mãe deu a irmã e não a recuperou de imediato em forma de contra-dádiva porque o homem que a recebeu, seu cunhado, fez a dádiva da sua irmã a outro homem. Na geração seguinte (a de ego) a direcção da dádiva das mulheres continuou a ser a mesma: um homem de determinado grupo de irmãos dá a sua irmã a outro homem e este dá por sua vez a sua irmã a um homem de outro grupo de irmãos. Mudemos agora o vértice da análise para uma perspectiva transversal. Podemos ver que o irmão da mãe de ego dá em aliança a sua filha ao filho da sua irmã. Por este facto já tínhamos indicado estarmos perante a liquidação do Édipo tal como Freud a descreveu na sua forma positiva na medida em que o pai liberta o filho e a mãe a filha. É neste sentido que o modelo psicodinâmico da aliança com a prima cruzada matrilateral indica o caminho para a dissolução do Édipo (Freud, 1924/1981) e é este processo concreto que aqui denominamos por sublimação. Relativizamos no entanto as dimensões do complexo de castração e da inveja do pénis que Freud (1924/1981) invocou na liquidação do Édipo. Note-se que além da psicodinâmica do processo, a sociodinâmica está também assegurada uma vez que se os homens trocam entre si as mulheres sempre na mesma direcção entre gerações consecutivas então isto permite a absorção progressiva de outros grupos que através da aliança integram "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[139], "unidades maiores" (Freud, 1921/1996, p. 112)[140] cada vez mais vastas. Durkheim (1897/1989) chamou-lhe solidariedade orgânica e Freud (1916-17/1996b) chamou-lhe sublimação ao referir que "os impulsos instintuais sexuais, em particular, são extraordinariamente plásticos (…). Um deles pode assumir o lugar do

[138] "Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenómenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogéneo de pensamento" (Weber, 1904/1993, pp. 137-138).
[139] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[140] "(…) men come together in larger units" (Freud, 1921/1991, p. 130).

outro, um pode assumir a intensidade do outro; no caso de a realidade frustrar a satisfação de um deles, a satisfação de outro pode proporcionar compensação completa. Relacionam-se uns com os outros à semelhança de uma rede de canais intercomunicantes cheios de líquido; e isto se processa assim, apesar de estarem eles sujeitos à primazia dos genitais — um estado de coisas que absolutamente não se combina com facilidade e um quadro único. Ademais, os instintos parciais da sexualidade, bem como a tendência sexual que deles se compõe, revelam grande capacidade de mudar de objecto, de tomar um objecto por outro — e de tomar, portanto, um objecto que seja mais facilmente acessível. A deslocabilidade e a facilidade de aceitar um substituto deve actuar poderosamente contra o efeito patogénico da frustração. Entre esses processos protectores contra o adoecer devido à privação, existe um que adquiriu especial significação cultural. Consiste no fato de a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adoptar um outro, que genericamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, já não possui mais um carácter sexual, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos 'sublimação', segundo o consenso geral que situa os objectivos sociais acima dos objectivos sexuais, que no fundo, visam aos próprios interesses próprios do indivíduo. Aliás, a sublimação é apenas um caso especial da maneira pela qual as inclinações sexuais se vinculam a outras, não-sexuais" (pp. 348-349)[141]. Poder-se-ia perguntar agora se nas sociedades onde se pratica a aliança com a prima cruzada matrilateral tal implica que nestas o complexo de Édipo esteja resolvido e os conflitos a este inerentes não se verifiquem? Isto não seria admissível uma vez que se sabe que a conflituosidade psicodinâmica de natureza pré-edipiana e edipiana se verifica

[141] "the sexual instinctual impulses in particular are extraordinarily *plastic* (…) One of them can take the place of another, one of them can take over another's intensity; if the satisfaction of one of them is frustrated by reality, the satisfaction of another can afford complete compensation. They are related to one another like a network of intercommunicating channels filled with a liquid; and this is so in spite of their being subject to the primacy of the genitals — a state of affairs that is not at all easily combined in a single picture. Further, the component instincts of sexuality, as well as the sexual current which is compounded from them, exhibit a large capacity for changing their object, for taking another in its place — and one, therefore, that is more easily attainable. This displaceability and readiness to accept a substitute must operate powerfully against the pathogenic effect of a frustration. Among these protective processes against falling ill owing to deprivation there is one which has gained special cultural significance. It consists in the sexual trend abandoning its aim of obtaining a component or a reproductive pleasure and taking on another which is related genetically to the abandoned one but is itself no longer sexual and must be described as social. We call this process 'sublimation', in accordance with the general estimate that places social aims higher than the sexual ones, which are at bottom self-interested. Sublimation is, incidentally, only a special case of the way in which sexual trends are attached to other, non-sexual ones" (Freud, 1916-17/1981b, p. 345).

igualmente nestas sociedades (Bateson, 1936/1958; Godelier, 1982; Herdt, 1981; Herdt, 1992a, 1992b, 1984/1992). Mas para os efeitos que nos propomos atingir basta-nos analisar esta questão ao nível do modelo das estruturas elementares do parentesco. Não é necessário por enquanto recorrer à análise empírica. Note-se que mesmo no contexto do modelo da troca matrilateral de mulheres é possível verificar que permanece em estado latente o desejo homossexual do homem que libertou a filha relativamente ao filho. Segundo o vértice do tio materno, se este libertou a filha é porque "reteve" um filho − "identificação regressiva" de Green (1983, p. 105)[142] − desejo relativamente ao qual corresponderá o desejo da criança, futuro adulto, que ao identificar-se com a mãe compensará a irmã perdida pelo homem que é seu tio materno − "identificação progressiva" de Green (1983, p. 105)[143], embora uma identificação formada no âmbito do Édipo negativo, de Freud (1923/1981). Do mesmo modo é possível deduzir o estado latente relativamente à mãe que "retém" homossexualmente uma filha, libertando um filho. Isto passa-se ao nível da geração de ego. Se mudarmos o vértice da análise para a geração dos pais e o interpretarmos na perspectiva dos movimentos da dádiva e da contra-dádiva verificaremos que aos desejos incestuosos entre a irmã dada e o tio materno corresponde ego enquanto imago masculina do tio para a mãe e a prima matrilateral corresponde à imago feminina da mãe para o tio. Não é certamente por acaso que Rubin (1975) ao denunciar os sistemas de parentesco e particularmente as estruturas elementares da troca como uma das dimensões legitimadoras da opressão sexual feminina fala dos sistemas de alianças com a prima cruzada como aqueles em que "Uma pessoa (…) não é apenas heterossexual mas também 'sexualmente primo-cruzada'. Se a regra de casamento determina o casamento com a prima cruzada matrilateral, então um homem constituirá 'a parte sexual masculina da filha do irmão da mãe' e uma mulher constituirá a 'parte sexual feminina do filho da irmã do pai'" (p. 181)[144]. Afinal as estruturas elementares do parentesco anunciam uma espécie de «terceiro sexo», uma «androginia» (Rubin, 1975, p. 181) formada pela mútua contenção dos sexos dos primos cruzados entre si. Se bem interpretamos Rubin (1975), o «terceiro sexo» está fundido e anunciado numa

[142] "identification regressive" (Green, 1983, p. 105).
[143] "identification progressive" (Green, 1983, p. 105).
[144] "A person (…) is not only heterosexual, but "cross-cousin-sexual". If the rule of marriage further specifies matrilateral cross-cousin marriage, then a man will be "mother's-brother's-daughter- sexual" and a woman will be "father's-sister's-son-sexual"" (Rubin, 1975, p. 181).

espécie de «sexualidade-primo-cruzada» na qual o sexo da prima já está contido por via da descendência no sexo do primo pelo lado do irmão da mãe deste e o do primo no da prima pelo lado da irmã do pai desta. Mesmo sob a sublimação (nunca completa) da aliança matrilateral é possível a tentação incestuosa, tentação que "Rói a consciência social com uma espécie de nostalgia e de remorso, onde vemos, em última análise, a profunda razão do papel, aparentemente anormal, desempenhado pelo irmão da mãe da noiva, contrariamente a todas as indicações do sistema" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 323)[145]. Compreende-se assim que a "(…) intensidade dos desejos incestuosos ainda pode ser detectada por detrás da proibição contra eles" (Freud, 1927-31/1996, p. 20)[146]. Defendemos que esta tentação acontece também nas sociedades dominadas pela aliança matrilateral e não apenas pela aliança patrilateral, como Lévi-Strauss previa. Lévi-Strauss apenas considerou a sociodinâmica das estruturas elementares do parentesco. Aqui apenas nos ocupamos da sua psicodinâmica. Pode-se concluir, portanto, que a aliança matrilateral contém sempre em estado latente uma potencial regressão edipiana à aliança patrilateral. Esta potencial regressão deve-se à "bissexualidade constitucional de cada indivíduo" (Freud, 1923/1996, p. 44)[147] que fundamenta a futura escolha (simples ou invertida) no Édipo. Por isso começámos a análise pela aliança com a prima cruzada bilateral, avatar da bissexualidade, e dela deduzimos a psicodinâmica da aliança patrilateral e matrilateral num processo contínuo sempre assente na dedução coerente das estruturas elementares do parentesco enquanto corpo sólido de objectos e respectivas imagos. Além de tudo isto deve ainda acrescentar-se que, em termos de incesto, as estruturas elementares do parentesco gerem explicitamente um incesto moderado na medida em que tratam de alianças entre primos.

O que fizemos até agora foi contextualizar mecanismos psicodinâmicos essenciais nas estruturas elementares do parentesco. As três formas básicas da sexualidade − bissexualidade, heterossexualidade e homossexualidade −, foram sobretudo entendidas a

[145] "il ronge la conscience sociale d'une sorte de nostalgie et de remords, où nous voyons, en dernière analyse, la raison profonde du rôle, en apparence anormal, joué par le frère de la mère de la fiancée, contrairement à toutes les indications du système" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 356).
[146] "The strength of the incestuous wishes can still be detected behind the prohibition against them" (Freud, 1927/1991, p. 199).
[147] "constitutional bisexuality of each individual" (Freud, 1923/1981, p. 31).

partir da estrutura já não ternária, mas quaternária do complexo de Édipo, nomeadamente a partir da psicodinâmica do átomo de parentesco. Façamos agora exercício contrário. Vamos partir de uma das combinatórias possíveis da configuração edipiana, o Édipo negativo, e tentar ver como a partir daqui se poderá entender uma enigmática afirmação de Lévi-Strauss sobre a dominação da troca de mulheres pelos homens. Para Lévi-Strauss, "o laço de reciprocidade, que funda o casamento, não é estabelecido entre homens e mulheres, mas entre homens por meio de mulheres, que são somente a ocasião principal" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 155)[148]. Esta afirmação deixa-nos a suspeita sobre a possível latência da pulsão homossexual masculina sob as estruturas elementares do parentesco. O problema que colocámos fez aparecer o Édipo negativo na configuração das estruturas. Agora temos que nos perguntar se as estruturas elementares nos mostram a configuração correlativa do Édipo negativo por as mesmas estarem "fundamentadas" numa fuga à homossexualidade masculina? Na verdade não se trata de uma questão de autêntico fundamento ou de causa-efeito na medida em que defendemos que a posição de análise depende sempre do vértice da estrutura, consoante este seja formado por uma figura topológica do respectivo átomo de parentesco (mãe de ego, pai de ego, marido, esposa, filho, filha, irmão, irmã, irmão da mãe - sobrinho uterino) ou de uma das três configurações da troca. Consoante o vértice da análise assim aparecem ou se ocultam determinadas relações psicodinâmicas entre figuras do parentesco. Recuperemos então o que já referimos sobre o Édipo negativo ou invertido. Sobre isto partimos da relação entre ego e o respectivo pai. Ego ocupa o lugar da mãe junto do pai como compensação actuada da perda da mãe pelo tio materno. Neste ponto podemos ver que o vértice incide sobre ego masculino, parte do ego masculino para o lugar do pai. Ao fazermos isto temos de estar cientes da importância de ego enquanto criança em quem são investidos desejos por realizar. Lévi-Strauss (1945/1970) confirma isto quando diz que " (…) se a relação dos "cunhados" forma o eixo inevitável em torno do qual se constrói a estrutura do parentesco, por que fazer intervir a criança saída do casamento na estrutura elementar? Deve ficar entendido que a criança representa talvez tanto a criança nascida como a

[148] "le lien de réciprocité qui fonde le mariage n'est pas établi entre des hommes et des femmes, mais entre des hommes au moyen de femmes, qui en sont seulement la principale occasion" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 135).

nascer" (p. 64)[149]. Isto não acontece por acaso pois a teoria clássica do parentesco prevê esta situação segundo as palavras de um dos seus principais fundadores. Para Radcliffe-Brown (1939/1989), "Quando duas ou mais pessoas têm um interesse comum no mesmo objecto e têm consciência desse interesse comum, estabelece-se uma relação social. Elas formam, por um momento ou por um longo período, uma associação e o objecto dessa associação terá um valor social. Para um homem e sua mulher, o nascimento de uma criança, a criança em si e o seu bem-estar e felicidade, ou então a sua morte, são objectos de um interesse comum, que os mantém juntos e que tem, consequentemente, no que diz respeito à associação formada por eles, um valor social. Através desta definição, um objecto só poderá ter um valor social em relação a uma dada associação de pessoas. No caso mais simples de todos, teremos uma relação tríplice: o sujeito (1) e o sujeito (2) estão ambos interessados do mesmo modo no objecto e cada um dos sujeitos tem um interesse pelo outro, ou pelo menos em certos aspectos do comportamento do outro, especialmente no comportamento que está relacionado directamente com o objecto" (p. 206)[150]. A criança enquanto continuadora do grupo (linhagem, clã) nas suas várias dimensões unifica os interesses conflituosos do grupo do pai e do grupo da mãe através de um conjunto de regras de parentesco que asseguram o que deve herdar de um e de outro (Radcliffe-Brown, 1935/1989). Autores como Jung (1940/2000) e Layard (1966) traduzirão inclusive esta importância da criança nos sistemas de parentesco primitivo identificando-a com o arquétipo da «criança divina». No seguimento do Édipo clássico, o amor simultâneo pela mãe por parte do pai e do filho traduzir-se-ia numa relação de oposição entre os dois. O modelo mítico da «criança divina» traduziria assim nos sistemas de parentesco o "terceiro factor (…) que unifica" (Layard, 1966, p. 43)[151] os

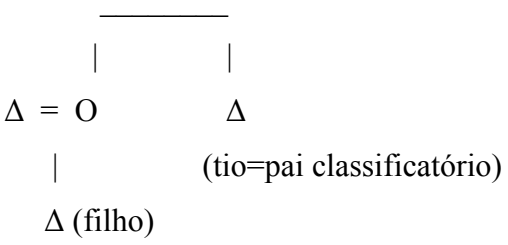
[149] "si la relation des « beaux-frères » forme l'axe inévitable autour duquel se construit la structure de parenté, pourquoi faire intervenir l'enfant issu du mariage dans la structure élémentaire?" (Lévi-Strauss, 1945/1958, p. 57).

[150] "When two or more persons have a common interest in the same object and are aware of their community of interest a social relation is established. They form, whether for a moment or for a long period, an association, and the object may be said to have a social value. For a man and his wife the birth of a child, the child itself and its well-being and happiness or its death, are objects of a common interest which binds them together and they thus have, for the association formed by the two persons, social value. By this definition an object can only have a social value for an association of persons. In the simplest possible instance we have a triadic relation; Subject 1 and Subject 2 are both interested in the same way in the Object and each of the Subjects has an interest in the other, or at any rate in certain items of the behaviour of the other, namely those directed towards the object" (Radcliffe-Brown, 1939/1952, pp. 140-141).

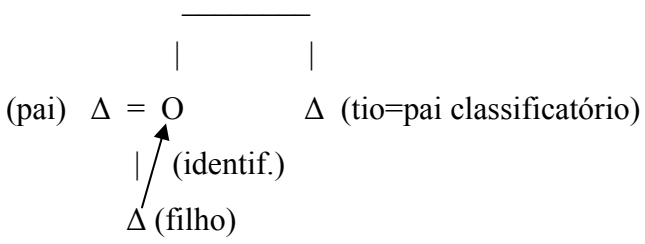
[151] "third factor which unites the opposites" (Layard, 1966, p. 43).

opostos pulsionais da relação de filiação pai-filho apontando para o futuro "simultâneamente na forma dos descendentes físicos e na forma espiritual que neles vive dando-lhes a esperança da sobrevivência após a morte" (Layard, 1966, p. 43)[152] e entre, de um modo mais geral, os opostos das descendências matrilineares e patrilineares. O aspecto psicodinâmico da herança é, no entanto, o que nos interessa. Daí que coloquemos o vértice sobre ego masculino na medida em que este herda o desejo incestuoso na forma de compromisso entre o irmão da mãe e a mãe de ego sendo o Édipo invertido a forma actuada da contra-dádiva do sobrinho ao irmão da mãe (temos em mente a aliança matrilateral). Esta contra-dádiva é talvez um sacrifício da heterossexualidade masculina. O que interessa sublinhar à luz das referências de Radcliffe-Brown (1939/1989) é que o «ego» constituiu a unidade, a unificação dos desejos dos adultos da geração anterior. A criança acaba por responder aos investimentos que nela fizeram.

Vejamos agora como fica enquadrado o Édipo negativo no esquema das estruturas elementares da troca utilizando a configuração esquemática do átomo de parentesco:

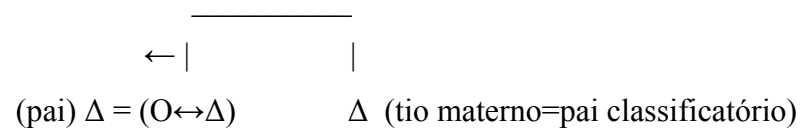


Admitimos que esta configuração vale para ambos os tipos de aliança, a patrilateral e a matrilateral. O esquema toma então a seguinte forma transformada:



[152] "(…) both in the form of physical descendants and with regard to the spirit that lives on in them and gives the hope of its survival after death" (Layard, 1966, p. 43).

A identificação do filho com a mãe implica que este ocupará o lugar desta no seio da estrutura elementar do átomo de parentesco. As duas figuras condensam-se (mãe e filho) e a atitude passiva-homossexual do filho para com o pai verifica-se. A estrutura adquire agora uma forma mais simplificada:



Podemos notar, assim, que a identificação do filho com a mãe coloca o primeiro enquanto elemento do sexo masculino a ser trocado entre homens, entre o pai fisiológico e o pai classificatório representado pelo tio materno. O essencial a observar aqui é que a detecção a que procedemos do Édipo negativo nas estruturas elementares leva-nos a suspeitar da presença de uma componente homossexual presente na troca, mesmo nas suas formas mais sublimadas. Isto, provavelmente, Lévi-Strauss nunca admitiria. Parece tê-lo admitido Devereux (1965/1978) ao relacionar a estrutura da troca de mulheres no sonho de um dos seus pacientes, embora por razões diferentes. A conclusão de Devereux (1965/1978) é de reter ao dizer-nos que "O que a sociedade regula não é apenas, portanto, a mera circulação das mulheres; é a forma que isto assume e as circunstâncias e condições nas quais toma lugar: rapto, troca, compra, preço da noiva, etc. Além disto, as regulações não dizem principalmente respeito a homens e mulheres mas às relações entre os próprios homens, uma vez que estas transacções ocorrem entre homens; as mulheres são apenas os seus objectos. A instituição do casamento que subjaz ao parentesco, simultâneamente por consanguinidade e por afinidade, numa relação de co-emergência tem como objectivo não a resolução socialmente vantajosa do problema heterossexual mas sim o afastamento do espectro ameaçador da homossexualidade latente, produto do complexo de Édipo. Os cinco hesitantes anos que decorreram até à apresentação desta teoria mostram o quanto estou consciente da sua importância e alcance. Se veio finalmente a publico, é porque, ao nível psicológico, me pareceu impossível propôr uma diferente" (p. 211)[153].

[153] "What society regulates is, thus, not the mere circulation of women; it is the form which it assumes and the circumstances and conditions in which it takes place: abduction, exchange, purchase, bride service, etc.

Note-se que Devereux (1965/1978) admite, na continuação de Lévi-Strauss (1949/1982), o facto de os homens se trocarem entre si através das mulheres. Mas Devereux aponta claramente o facto de esta forma de troca se dever a um mecanismo de defesa contra a homossexualidade latente directamente relacionada com o complexo de Édipo. Devereux não refere no entanto tratar-se da particular configuração do Édipo negativo e muito menos esclarece como se inseriria esta nas estruturas elementares da troca. Foi isto que foi feito aqui. Isto não está, afinal, em desacordo com os pressupostos gerais da teoria de Lévi-Strauss nem com as zonas ocultas que a mesma esconde. Afinal o próprio Lévi-Strauss (1949/1982) adiantou que " (…) entre alguns grupos indígenas do Brasil, a comunidade podia exprimir-se ao mesmo tempo pelo termo "cunhado" e pelo termo "irmão". O cunhado é o aliado, o colaborador, o amigo. É o nome que se dá aos homens adultos do grupo com o qual foi contraída a aliança. Quando se trata, no interior do mesmo grupo, do cunhado potencial, isto é, do primo cruzado, é aquele com o qual, quando adolescente, se praticam brincadeiras homossexuais, que deixarão sempre um vestígio no comportamento mutuamente afectuoso dos mais velhos" (p. 524)[154]. Em termos de "série complementar" (Freud, 1916-17/1996c, p. 351, 365)[155] ou "equação etiológica" (Freud, 1916-17/1996c, p. 351, 364)[156] das formações libidinais podemos ver que os termos classificatórios, «irmão» e «cunhado», condensam e deslocam (processo primário) os primeiros investimentos objectais. Os primos cruzados são como «irmãos» logo na infância, afinal são filhos de irmãos. Os primeiros afastamentos relativamente ao núcleo familiar começam aqui. A pulsão incestuosa fica diluída, embora circunscrita na

---

Moreover, the principal regulations do not concern the relationship between men and women but the relations between the men themselves, since such transactions occur between men; women are simply their objects. The institution of marriage which stands with kinship, both consanguine and afinal, in a relationship of co-emergence has as its goal not the socially advantageous resolution of the heterosexual problem but the repelling of the threatening specter of latent homosexuality, product of the Oedipus complex. My hesitating five years to present this theory explicitly shows sufficiently that I am aware of its importance and reach. If I publish it at last, it is because, on the psychological level, it seemed impossible to me to propose a different one" (Devereux, 1965/1978, p. 211).

[154] "(…) chez certains groupes indigènes du Brésil, la communauté pouvait s'exprimer, à la fois, par le terme de «beau-frère» et par celui de «frère». Le beau-frère est l'allié, le collaborateur et l'ami; c'est le nom qu'on donne aux hommes adultes de la bande avec laquelle on a contracté alliance; et lorsqu'il s'agit, au sein de la même bande, du beau-frère potentiel, c'est-à-dire du cousin croisé, c'est celui avec lequel, adolescent, on se livre à des jeux homosexuels qui laisseront toujours une trace dans le comportement mutuellement affectueux des aînés" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 554).

[155] "complemental series" (Freud, 1916-17/1981b, p. 347, 362).

[156] "aetiological equation" (Freud, 1916-17/1981b, p. 347, 362).

área edipiana. Mas não só por isto. Os primos cruzados masculinos criam um laço libidinal que permanece recalcado sob a terminologia classificatória do parentesco. Na idade adulta, a aliança entre os primos cruzados é a formação de compromisso que gere a pulsão homossexual através da troca de mulheres entre homens. Aqueles que se trataram outrora como irmãos actuam agora como primos cruzados trocando primas entre si. Mas porque é o sistema de parentesco, nomeadamente segundo a concepção que as estruturas elementares do parentesco estabelecem, que gere este estado de coisas. Em termos de série complementar poderíamos enquadrar os aspectos psicodinâmicos mais marcantes dos sistemas de parentesco de acordo com a fórmula da série complementar atribuindo ao membro da "disposição devida à fixação da libido" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[157] uma "constituição sexual" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[158] baseada na bissexualidade e uma "experiência infantil" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[159] neste caso dominada pelas brincadeiras homossexuais entre primos cruzados equiparados a «irmãos». No segundo membro da fórmula podemos atribuir à "experiência casual traumática (no adulto)" toda a psicopolítica das alianças, traumática no sentido em que ao seguirem sistemas de regras superegóicas institucionalizadas e tendencialmente obrigatórias colidem com os desejos mais íntimos dos indivíduos a elas submetidos. Naturalmente os sistemas de parentesco assentes nas estruturas elementares não se inserem simplesmente na "causação da neurose" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[160]. Mas gerem as estruturas neuróticas dos investimentos de objecto pelo ego num contínuo de configurações psicodinâmicas que vai das estruturas elementares às supostas estruturas complexas das sociedades modernas. Deste modo teríamos a fórmula da série complementar esboçada como se segue: *estruturas elementares do parentesco = disposição devida à fixação da libido + aliança bilateral / aliança matrilateral / patrilateral [experiência casual (traumática)]*. Os "vínculos" de que Lévi-Strauss (1949/1982) fala, constituídos pelas relações entre irmãos e cunhados derivam dos primeiros investimentos de objecto. Para Lévi-Strauss (1949/1982) " (…) vemos também a diferença que há entre os dois tipos de vínculos, a qual será definida de maneira suficientemente clara se dissermos que um desses tipos

[157] "Disposition due to fixation of libido" (Freud, 1916-17/1981b, p. 362).
[158] "Sexual constitution (Prehistoric experience)" (Freud, 1916-17/1981b, p. 362).
[159] "Infantile experience" (Freud, 1916-17/1981b, p. 362).
[160] "Causation of neurosis" (Freud, 1916-17/1981b, p. 362).

verifica uma solidariedade mecânica (irmão), enquanto o outro invoca uma solidariedade orgânica (cunhado ou compadre). Os irmãos são próximos uns dos outros, mas são tal por sua semelhança, assim como as estacas ou os tubos das flautas. Ao contrário, os cunhados são solidários porque se completam e possuem, um para o outro, uma eficácia funcional, quer porque desempenham o papel do outro sexo nos brinquedos eróticos da infância, quer porque a aliança masculina com eles na idade adulta *é* sancionada pelo fornecimento a cada um daquilo que não possui — uma esposa — graças à renúncia simultânea ao que um e outro detêm, a saber uma irmã. A primeira forma de solidariedade não acrescenta nada, não une nada. Funda-se num limite cultural, que se satisfaz pela reprodução de um tipo de conexão, cujo modelo é fornecido pela natureza. A outra realiza uma integração do grupo em um novo plano" (p. 524-525)[161]. Nesta explicação Lévi-Strauss (1949/1982) desvalorizou a equiparação entre irmãos e cunhados baseada na homossexualidade que ficou latente. Os irmãos são semelhantes em virtude dos investimentos feitos pelos pais e sobre os pais. A sua "semelhança", princípio da unidade dos germanos de Radcliffe-Brown (1950/1982, p. 40), provém do facto de em termos de economia psíquica investirem e contra-investirem conflituosamente ou não sobre o mesmo objecto, os pais. Os cunhados são como "irmãos sociais", na medida em que a família dos irmãos naturais é como uma espécie de micro-sociedade da sociedade mais alargada onde os cunhados actuam segundo a psicopolítica de alianças através da qual os grupos humanos se desenvolvem. Lévi-Strauss (1949/1982) acaba por colocar lado a lado a componente homossexual e os ganhos objectivos com a troca de mulheres na solidariedade entre cunhados. Mas na transição dos vínculos estabelecidos entre irmãos para os vínculos estabelecidos entre cunhados acaba por denunciar a falta de valor acrescentado dos primeiros relativamente aos segundos. Os primeiros conduziriam apenas ao incesto, os

[161] "(…) on voit aussi toute la différence entre les deux types de liens, qui sera définie de façon suffisamment claire si l'on dit que l'un constate une solidarité mécanique (frère), tandis que l'autre invoque une solidarité organique (beau-frère, ou compère). Les frères sont proches les uns des autres, mais ils le sont par leur similitude, comme les poteaux ou les tuyaux des flûtes; au contraire, les beaux-frères sont solidaires parce qu'ils se complètent et possèdent, l'un pour l'autre, une efficacité fonctionnelle; soit qu'ils jouent le rôle de l'autre sexe dans les jeux erotiques de l'enfance, ou que leur alliance masculine, à l'âge adulte, se sanctionne par la fourniture à chacun de ce qu'il ne possède pas - une épouse - grâce à la renonciation simultanée à ce que l'un et l'autre détiennent - une soeur -. La première forme de solidarité n'ajoute rien, n'unit rien; elle se fonde sur une limite culturelle, qui se satisfait par la reproduction d'un type de connexion dont la nature fournit le modèle; l'autre réalise une intégration du groupe sur un nouveau plan" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 554-555).

segundos à aliança matrilateral. O que a fórmula da série complementar das estruturas elementares nos ajuda a colocar em relevância é o facto de o comportamento actuado dos primos cruzados no contexto das alianças ser baseado nos primeiros investimentos objectais libidinais na infância dos mesmos. A heterossexualidade dos cunhados adultos executada através da troca de mulheres assenta, na perspectiva deste vértice da troca, na componente homossexual dos primos cruzados que na infância se vinculavam como "irmãos" directamente entre si através do jogo e da brincadeira.

Chegados a este ponto defendemos que a psicopolítica de alianças entre primos cruzados e, portanto, a troca de mulheres pelos homens no contexto das estruturas elementares do parentesco constitui o recalcamento. A última análise sobre a suposta latência da homossexualidade masculina nas estruturas elementares constitui mais um elemento de apoio para esta posição de carácter mais geral. Deste modo podemos aceitar a tese de Deleuze & Guattari (1966/1996) para quem os sistemas de parentesco são o recalcamento apenas como tese orientadora geral. Para Deleuze & Guattari (1966/1996), "É pela proibição do incesto com a irmã que se faz a aliança lateral, é pela proibição do incesto com a mãe que a filiação se torna extensa. Não há aqui nenhum recalcamento do pai, nenhuma forclusão do nome do pai. A posição respectiva da mãe ou do pai como parente ou aliado, o carácter patrilinear ou matrilinear da filiação, o carácter patrilateral ou matrilateral do casamento, são elementos activos do recalcamento, e não objectos que ele atinja" (p. 165). A aliança é uma "segunda instância que é precisamente a representação recalcante, porque as filiações só se tornam extensas em função das alianças laterais que medem os segmentos variáveis" (p. 170). Aceitamos a patrilateralidade e a matrilateralidade como elementos activos do recalcamento e a aliança como representação recalcante mas situamo-nos nos processos de investimento objectal do ego em sistema na configuração pré-edipiana e edipiana e não para além dela. As alianças formadas no seio das estruturas elementares do parentesco contêm naturalmente um elemento de repressão enquanto mecanismo externo e um elemento de recalcamento que, apoiado no primeiro, se torna um mecanismo interno na medida em que a restituição das mulheres dadas é feita através de mecanismos de substituição de personagens que se fazem acompanhar de constituintes dos processos primário e secundário (Freud,

1900/1981b). Neste sentido apoiamo-nos no esclarecimento de Garcia-Roza (1995) para quem "Uma pessoa pode reprimir uma outra, no sentido de impedir um acto ou uma palavra dessa outra, mas uma pessoa não pode recalcar uma outra. Quando muito podemos criar condições para que um recalque se faça, mas ele será sempre um processo interno a alguém. Esta é uma diferença clara nos múltiplos empregos dos termos "repressão" e "recalque" em português; o primeiro refere-se a uma acção que se exerce sobre alguém a partir da exterioridade, enquanto que o segundo designa um processo interno ao próprio eu" (pp. 164-165). Nas alianças estabelecidas segundo as estruturas elementares do parentesco trabalhamos sobre a distinção entre repressão e recalcamento situando a primeira nos processos de autoridade explícita dos mais velhos sobre os mais novos no prosseguimento da política de alianças e o segundo nos fundamentos psicodinâmicos dos processos primário e secundário que sustentam as relações formadas pelas três estruturas elementares do parentesco. A tese de Deleuze & Guattari (1966/1996) situa a problemática para além do Édipo e acaba por negar a sua existência situando-o ao serviço do "*socius* primitivo" (p. 150) cuja função é rejeitar as alianças e filiações, logo o absolutismo do Estado. Os termos de parentesco classificatório («pai», «mãe», «irmão», «irmã», «tio», etc) apenas corresponderiam a diferentes intensidades do desejo e não a pessoas reais. A extensão das alianças e filiações mais não poderiam fazer do que codificar o mundo e o desejo humano através dos sistemas de parentesco segmentando o fluxo contínuo intensivo do desejo ancestral que Deleuze & Guattari (1966/1996) denominam por "filiação intensiva" (p. 159), enquanto unidade indiferenciada de desejo da qual a proibição do incesto seria apenas um resultado pouco relevante no domínio da extensão das filiações e alianças. De facto, os sistemas de parentesco são demasiado vastos e complexos para se defender semelhante posição com a propriedade que é devida num caso destes. Optamos pela restrição desta posição àquela sobre a qual nos ocupamos: a de que as estruturas elementares do parentesco constituem as bases do processo de recalcamento nomeadamente ao nível dos processos de investimento objectal em sistema pelo ego.

Outro pormenor a ter em conta na passagem de Devereux (1965/1978) consiste na afirmação do autor de acordo com a qual, para os homens as "mulheres são apenas os

seus objectos" (p. 211)[162]. Isto permite-nos antever uma dialéctica entre os conceitos psicanalíticos de realidade externa e realidade psíquica (cf. Freud, 1912-13/1996). As mulheres são objectos trocados na realidade exterior mas na realidade psíquica dos homens são conservados, ou seja, são mantidos na esfera do incesto. Em termos de relação de objecto, as mulheres são objectos exteriorizados na troca, mas permanecem objectos internalizados incestuosos na realidade psíquica dos homens. As mulheres são maus objectos na realidade externa e bons objectos na realidade interna dos homens num processo psicossocial em que os homens têm ascendência sobre o sexo feminino. Quando Freud (1912-13/1996) discutia o complexo de Édipo em termos de realidade externa ou histórica e realidade psíquica interna colocava como suposição a possibilidade de outrora estas terem coincidido. Nas palavras do criador da psicanálise, "a realidade psíquica — a respeito da qual não temos dúvida quanto à forma que tomou — coincidiu no princípio com a realidade concreta, ou seja, (...) os homens primitivos realmente fizeram aquilo que todas as provas mostram que pretendiam fazer [matar o pai][163]" (p. 162)[164]. Ora, em termos de estruturas elementares da troca entre os sexos, o que verificamos é que ambas as formas de troca patrilateral (incestuosa) e matrilateral (sublimada) permanecem como opostos complementares nas mesmas estruturas de reciprocidade. Segundo Lévi-Strauss (1949/1982), "(...) as três estruturas elementares da troca, a bilateral, a matrilateral e a patrilateral, estão sempre presentes no espírito humano, ao menos em forma inconsciente, e (...) o espírito não pode evocar uma delas sem pensá-la em oposição ─ mas também em correlação ─ com as duas outras. O casamento matrilateral e o casamento patrilateral constituem os dois pólos da troca generalizada. Mas opõem-se entre si como o ciclo de troca mais curto ao ciclo de troca mais longo, e ambos opõem-se ao casamento bilateral como o caso geral ao caso particular" (p. 506)[165]. O que Lévi-Strauss colocou em

[162] "women are simply their objects" (Devereux, 1965/1978, p. 211).
[163] Acrescentado nosso.
[164] "psychical reality—as to the form taken by which we are in no doubt— coincided at the beginning with factual reality: that primitive men actually *did* what all the evidence shows that they intended to do" (Freud, 1913/1981b, p. 161).
[165] "(…) les trois structures élémentaires de l'échange: bilatéral, matrilatéral et patrilatéral, sont toujours présentes à l'esprit humain, au moins sous une forme inconsciente, et qu'il ne peut évoquer l'une d'elles sans la penser en opposition - mais aussi en corrélation - avec les deux autres. Le mariage matrilatéral et le mariage patrilatéral constituent les deux pôles de l'échange généralisé; mais ils s'opposent entre eux comme le cycle d'échange le plus court au cycle d'échange le plus long; et tous deux s'opposent au mariage bilatéral comme le cas général au cas particulier" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 533).

evidência na presente passagem foi uma contribuição para o problema posto por Freud sobre o processo inerente à transmissão psíquica intergeracional. Já tocámos nesta problemática quando discutimos a subtileza da transmissão intergeracional da inveja do pénis entre as mulheres no contexto das estruturas elementares do parentesco através dos ensinamentos de Torok (1964/2001). Recordemos agora como Freud (1912-13/1996) colocou a questão original da transmissão psíquica intergeracional de um ponto de vista generalista. Para Freud (1912-13/1996), " (...) quanto podemos atribuir à continuidade psíquica na sequência das gerações? Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?" (p. 159)[166]. Na transmissão psíquica entre gerações o recalcamento dos conteúdos psíquicos conflituosos é sempre incompleto e o retorno do recalcado faz-se presente inevitavelmente nas gerações posteriores uma vez que "Mesmo a mais implacável repressão tem de deixar lugar para impulsos substitutos deformados e para as reacções que deles resultem. Se assim for, portanto, podemos presumir com segurança que nenhuma geração pode ocultar, à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na actividade mental inconsciente, um *apparatus* que os capacita a interpretar as reacções de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos. Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimónias e dogmas que restaram da relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção" (Freud, 1912-13/1996, p. 160)[167].

[166] "how much can we attribute to psychical continuity in the sequence of generations? and what are the ways and means employed by one generation in order to hand on its mental states to the next one?" (Freud, 1913/1981b, p. 158).

[167] "Even the most ruthless suppression must leave room for distorted surrogate impulses and for reactions resulting from them. If so, however, we may safely assume that no generation is able to conceal any of its more important mental processes from its successor. For psycho-analysis has shown us that everyone possesses in his unconscious mental activity an apparatus which enables him to interpret other people's reactions, that is, to undo the distortions which other people have imposed on the expression of their feelings. An unconscious understanding such as this of all the customs, ceremonies and dogmas left behind by the original relation to the father may have made it possible for later generations to take over their heritage of emotion" (Freud, 1913/1981b, p. 159).

O inconsciente que Lévi-Strauss postulou para as estruturas elementares da troca colhe principalmente a partir da noção freudiana de inconsciente segundo a qual a criança fantasia ser incestuosamente seduzida pelos seus pais, tal como Freud notou no contexto da teoria da sedução ao referir o facto de as suas pacientes lhe contarem " (…) haverem sido seduzidas pelo pai [sendo] forçado a reconhecer, por fim, que tais relatos eram inverídicos, e [chegando] a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais" (Freud, 1932/1996c, p. 120-121)[168]. A fantasia de sedução é atribuída também pela teoria analítica para as crianças do sexo masculino. Significa isto que o recalcamento nunca é completo e que o retorno do recalcado aparece sempre nas gerações vindouras. A regressão ao Édipo está sempre presente[169]. Toda a criança do sexo feminino regride na acusação de ter sido seduzida, toda a criança do sexo masculino expressa de algum modo a pulsão de morte relativamente à figura da autoridade paterna em virtude do amor incestuoso regressivo pela mãe. O Édipo negativo quer para o sexo masculino, quer para o sexo feminino é, também ele, sempre regressivo.

As estruturas elementares do parentesco equacionam a realidade psicodinâmica tal como prevista por Freud em configurações históricas psicossociais concretas (sistemas de parentesco). Determinado tipo de casamentos tal como praticados por algumas sociedades elementares mostram que as relações entre objectos no contexto das estruturas elementares hierarquizam os sexos. A vantagem da teoria de Lévi-Strauss consiste não só em mostrar a presença do Édipo nas estruturas da troca, particularmente nas alianças, como também em vectorizar as trocas de objectos (internos) na realidade externa, mostrando assim que ambas, a realidade externa e a realidade interna psíquica, são "complementares" na acepção de Devereux (1967/1980) para quem " (…) um dado comportamento pode ser completamente explicado, tanto em termos psicológicos quanto em termos sociológicos (…) segundo esta concepção, o que em determinado contexto é tratado como estando "por dentro" pode, noutro contexto, ser tratado como estando por

[168] "In the period in which the main interest was directed to discovering infantile sexual traumas, almost all my women patients told me that they had been seduced by their father. I was driven to recognize in the end that these reports were untrue and so came to understand that hysterical symptoms are derived from phantasies and not from real occurrences" (Freud, 1932/1981d, p. 120).
[169] Também Horney (1924) o admitirá, como veremos.

"fora", e reciprocamente" (p. 433)[170]. Significa isto que, enquanto na realidade externa consciente as relações de objecto correspondem a uma dinâmica da realidade psíquica interna inconsciente, à realidade interna consciente corresponde por sua vez uma realidade externa inconsciente. Há sempre um «resto» deixado pelo inconsciente nesta dialéctica entre realidade interna e externa, «resto» que a metodologia do complementarismo de Devereux (1967/1980) − enquanto ideal a atingir − procura anular. Se notarmos com mais precisão veremos que o "complementarismo" de Devereux (1967/1980) não está longe do conceito de "passagem ao acto", de Freud (1914/1996). Na mesma direcção, parece-nos, vai Laplantine (1988) quando refere que "O que a clínica etnopsiquiátrica nos ensina (…) é que não há nenhum fantasma, nenhum sonho, nenhum desejo individual dado ao qual não corresponda um fenómeno social (mito, conto, costume, tradição, rito). E reciprocamente, não há nenhum fenómeno cultural ao qual não corresponda um fantasma, um sonho, um desejo. Dito de outro modo o sintoma privado, expressão de um conflito intrapsíquico, reactualiza-se a partir da cultura, nomeadamente uma forma de cultura da qual o paciente (e, com ele, geralmente o terapeuta) não tem nenhum conhecimento" (p. 106)[171].

Nas estruturas elementares da troca, a pulsão incestuosa regressiva e a sublimação progressiva estão intrinsecamente relacionadas. Uma comporta sempre a possibilidade da ocorrência fenoménica da outra. A tentação patrilateral persiste sempre mesmo nas sociedades que praticam a aliança matrilateral e a aliança patrilateral contém sempre a possibilidade de abertura a novos grupos devido ao aumento do conflito asfixiante no seu interior. É o que Lévi-Strauss (1949/1982) expressa por outras palavras: "Ninguém invoca impunemente os espectros. Ao se apegarem ao fantasma [*fântome*] do casamento patrilateral, os sistemas de troca generalizada ganham na garantia, mas se expõem

[170] " (...) un comportement donné peut être complètement expliqué, tant en termes psychologiques qu'en termes sociologiques (...) selon cette conception, ce qui, dans un contexte, est traité comme étant «dedans» peut, dans un autre contexte, être traité comme étant «dehors», et réciproquement" (Devereux, 1967/1980, p. 433).

[171] "Ce que la clinique ethnopsychiatrique nous apprend (...) c' est qu'il n'est aucun fantasme, aucun rêve, aucun désir d'un individu donné auquel ne corresponde un phénomène social (mythe, conte, coutume, tradition, rite). Et réciproquement, il n'est aucun phénomène culturel auquel ne corresponde un fantasme, un rêve, un désir. Autrement dit le symptôme *privé*, expression d'un conflit intrapsychique, réactualise de la culture, et notamment une forme de culture dont le patient (et avec lui generalement le térapeute) n'a aucune connaissance" (Laplantine, 1988, p. 106).

também a um novo risco, porque o casamento patrilateral, contrapartida do casamento matrilateral, é ao mesmo tempo a negação deste último. Nos sistemas de reciprocidade, o casamento com a filha da irmã do pai – ciclo curto – está para o casamento com a filha do irmão da mãe – ciclo longo – como o próprio incesto está para o conjunto dos sistemas de reciprocidade. Falando a linguagem dos matemáticos, o incesto é o "limite" da reciprocidade, isto é, o ponto em que esta se anula. O que o incesto é para a reciprocidade em geral, a forma de reciprocidade mais baixa (casamento patrilateral) é também com relação à forma mais alta (casamento matrilateral). Para os grupos que, com o casamento entre filho de irmã e filha de irmão, chegaram à forma mais subtil, porém também mais frágil, da reciprocidade, o casamento entre filha de irmã e filho de irmão constitui o perigo sempre presente, mas também a irresistível tentação de um "incesto social", mais rigoroso, ainda, para o grupo do que o incesto biológico, que nunca chega a comprometer a segurança do sistema, porque não pode ser concebido como solução. Compreende-se, portanto, que, em todas as fórmulas anteriormente citadas, os dois tipos de casamento achem-se associados, embora sejam ao mesmo tempo opostos (…) Como espantar-se depois de tudo isto, com a violência demonstrada por certos povos que praticam o casamento matrilateral, na condenação do casamento patrilateral? Um não é somente o contrário e a negação do outro, mas traz também a nostalgia [*nostalgie*] e o pesar [*regret*] do último" (1949/1982, pp. 496, 497)[172].

[172] "On n'invoque jamais impunément les spectres. En se serrant contre le fantôme du mariage patrilatéral, les systèmes d'échange généralisé gagnent une assurance; ils s'exposent aussi à un nouveau risque, puisque le mariage patrilatéral, contre-partie du mariage matrilatéral, en est, en même temps, la négation. Au sein des systèmes de réciprocité, le mariage avec la fille de la soeur du père - cycle court - est, au mariage avec la fille du frère de la mère - cycle long - ce que l'inceste, lui-même, est à l'ensemble des systèmes de réciprocité: l'inceste est, pour parler le langage des mathématiciens, la «limite» de la réciprocité, c'est-à-dire le point où elle s'annule; et ce que l'inceste est à la réciprocité en général, la forme de réciprocité la plus basse (mariage patrilatéral) l'est aussi par rapport à la forme la plus haute (mariage matrilatéral). Pour les groupes qui, avec le mariage entre fils de soeur et fille de frère, sont parvenus à la forme la plus subtile, mais aussi la plus fragile, de la réciprocité, le mariage entre fille de soeur et fils de frère constitue le danger toujours présent, mais aussi la tentation irrésistible, d'un «inceste social» plus périlleux, encore, pour le groupe, que l'inceste biologique qui ne parvient jamais à compromettre la sécurité du système, parce qu'il ne peut être conçu comme une solution. On comprend donc que, dans toutes les formules précédemment citées, les deux types de mariage soient associés en même temps qu'opposés (…) Comment s'étonner, après cela, de la violence avec laquelle certains peuples, qui pratiquent le mariage matrilatéral, ont condamné le mariage patrilatéral? L'un n'est pas seulement le contraire et la négation de l'autre; il en apporte, aussi, la nostalgie et le regret" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 523, 524).

Note-se que a aliança patrilateral foi equacionada como um "fantasma" devido à sua presença latente, não explícita, sob a troca generalizada da aliança matrilateral. Um fantasma que actua sob o "pesar", a "nostalgia" e o "remorso" regressivos, características típicas dos fantasmas do aparelho psíquico. A inevitável relação entre os dois sexos está dada na aliança bilateral. Neste âmbito podemos colocar a problemática das fantasias de origem ou fantasmas originários na medida em que a decisão sobre a prioridade dos modos de herança psíquica (via materna, via paterna ou combinadas) tal como dedutíveis a partir das estruturas elementares dos sistemas de parentesco constitui uma elaboração psicossocial da problemática que Freud descreveu sobre as fantasias de origem. Tal como o ego do sujeito se pergunta a si próprio «de onde venho?», também a angústia encerrada na transmissão psíquica entre gerações contém inscrita esta dúvida nas estruturas elementares do parentesco. A tentação de voltar à aliança patrilateral sob a matrilateral ou a necessidade de transitar da aliança patrilateral para a matrilateral em nome da sublimação contém a dúvida sobre qual das duas existiu primeiro buscando num suposto passado uma legitimidade mítica que no presente da geração dos herdeiros não se apresenta com a clareza necessária (função das ideologias e mitologias várias agregadas ao parentesco). A fantasia das origens subjaz à própria pretensa cientificidade das teorias sobre as origens humanas quando o próprio Morgan postulou o casamento de grupo como originador dos sistemas de parentesco do presente (Morgan, 1877/s.d-a, 1877/s.d-b) face à dúvida sobre qual das duas linhas de filiação, materna ou paterna, teria existido primeiro. Por outro lado a questão por Freud levantada "sobre a solidez de fundamento de uma origem situada aquém do sujeito individual: uma origem da história global da espécie humana" (Roudinesco & Plon, 1997/2000) e na qual se abordam as fantasias filogenéticas (Freud, 1913/1981b, 1915/1987a, 1915/1987b, 1939/1981; Ritvo, 1990/1992) está também ela inscrita na problemática das estruturas elementares do parentesco posto que podemos tentar compreender estruturas psicopatológicas como a neurose e a psicose que nos remetem especulativamente para um passado remoto em alguma medida evocador da psicodinâmica do sistema das estruturas elementares do parentesco tal como se manifestam no presente. A discussão sobre a suposta prioridade do matriarcado sobre o patriarcado num passado remoto que determinado tipo de evolucionistas postularam tem certamente relações pouco exploradas com as fantasias

originárias. Sobre isto deixamos de lado a questão da possível distinção entre fantasia e fantasma − Roudinesco (1997/2000), por exemplo, não a aceita −, e sobre o papel da relação entre fantasias inconscientes que levariam à formação do núcleo duro do sonho e das fantasias conscientes ao serviço da elaboração secundária (sonhos acordados, romances familiares, etc) cujo estatuto metapsicológico parece não ter sido claramente definido por Freud (Freud, 1900/1981a, 1900/1981b; Laplanche & Pontalis, 1967/1994; Roudinesco & Plon, 1997/2000).

Freud supôs que a coincidência entre a realidade psíquica e a realidade externa terá ocorrido num passado remoto, coincidência caracterizada pela morte do pai pelos filhos. A morte do pai, praticada concretamente no passado, teria agora apenas existência na realidade psíquica da neurose (Freud, 1912-13/1996). A questão, já se viu, é como explicar a transmissão psíquica deste acto concreto (suposto) para a realidade interna assim como a sua continuidade no seio desta última? A resposta a esta questão, partindo da teoria das estruturas elementares da troca para a suposição de Freud, consiste em sublinhar o carácter a-temporal das três estruturas elementares do parentesco e concluir pela manifestação fenoménica parcial e dialéctica destas quer na realidade externa, quer na realidade psíquica. Assim, a transmissão psíquica intergeracional está inevitavelmente dada *a priori* apenas diferindo nos modos concretos da sua transmissão (ritual, oralidade, educação, estruturas patológicas da neurose e psicose). Mas devemos ir mais longe ao acreditarmos constituírem as três estruturas elementares da troca o modelo ontológico das relações entre os sexos. As componentes fundamentais da heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade estão nelas enquadradas. O grupo das perversões[173] ou parafilias têm nelas expressão. Através da relação entre dois sexos tal como prevista nas estruturas elementares do parentesco, torna-se possível analisar grande parte das relações hierárquicas entre os mesmos. A transmissão psíquica intergeracional de complexos, atitudes, formações patológicas, fantasmas, fica deste modo ao alcance dos conflitos surgidos entre dois sexos numa relação de oposição complementar binária. As estruturas elementares da troca constituem, assim, um organizador psíquico complexo

[173] Inclui-se aqui o caso das relações de natureza pedófila entre os Baruya, da Nova-Guiné (Godelier, 1982), assim como do travestismo na relação tio materno-sobrinho uterino entre os Iatmul, também da Nova-Guiné (Bateson, 1936/1958).

tradutor original das relações de tensão entre os sexos. Usamos o conceito de «organizador psíquico» na continuação de Käes (1999) que equipara o aparelho psíquico grupal à formação do sonho e tal como este último constituído pelos processos de *difracção* e *multiplicação do semelhante*. Para Käes (1999) "O modelo do aparelho psíquico grupal conduziu-nos a tomar em consideração dois outros mecanismos para os quais Freud esboçou o seu papel na formação do sonho: a *difracção* e a *multiplicação do semelhante*. A difracção é responsável pela figuração múltipla dos aspectos do Eu representado pelas suas personagens e pelos seus objectos que em conjunto formam um grupo interno. Ela consiste numa projecção difractiva no interior da cena psíquica, numa descondensação tirando proveito do deslocamento. Tal como na cena do sonho, os diferentes membros de um grupo podem representar para um dado sujeito os diferentes aspectos do seu grupo interno" (pp. 75-76)[174]. A difracção corresponde aos processos de identificação e projecção entre as figuras topológicas do parentesco e as três estruturas elementares da bilateralidade, patrilateralidade e matrilateralidade à repetição do semelhante entre gerações. No seguimento de Käes (1999) também Anzieu (1999) identifica os fantasmas na qualidade de organizadores psíquicos grupais tais como o fantasma individual (p. 200) , a imago parental (p. 204), os fantasmas originários (p. 207) − segundo a classificação de Laplanche & Pontalis (1967/1994) relacionados com as origens do indivíduo (fantasmas de vida intra-uterina), com as origens da diferença entre os sexos (fantasmas de castração) e com as origens da sexualidade (fantasmas de sedução) − o complexo de Édipo (p. 209) e a imagem do corpo (p. 218). Os conceitos de projecção e identificação constituem neste aspecto dimensões basilares entre as figuras de parentesco no interior das estruturas elementares. No interior das estruturas elementares do aparelho psíquico trata-se da "hipótese da homologia entre a organização grupal interna do fantasma e a situação grupal onde certos membros servem a outros tanto de reparadores identificatórios quanto de suportes projectivos para a sua tópica subjectiva e

[174] "Le modèle de l'appareil psychique groupal nous a conduit à prendre en considération deux autres mécanismes dont Freud esquisse le rôle dans la formation du rêve: la *diffraction* et la *multiplication du semblable.* La diffraction est responsable de la figuration multiple des aspects du Moi représenté par ses personnages et par ses objets qui ensemble forment un groupe interne. Elle consiste en une projection diffractive à l'intérieur de la scène psychique, en une décondensation mettant à profit le déplacement. Comme dans la scène du rêve, les différents membres d'un groupe peuvent représenter pour un sujet donné les différents aspects de son groupe interne" (Kaës, 1999, pp. 75-76).

as suas pulsões" (Anzieu, 1999, p. 199)[175]. As estruturas elementares constituem nesta acepção uma espécie de caixa de "ressonância fantasmática" (Anzieu, 1999, p. 199)[176]. A homologia entre aparelho psíquico grupal − concepção psicodinâmica das estruturas elementares do parentesco que aqui defendemos − e aparelho psíquico individual revela-se na medida em que "a homologia do aparelho psíquico grupal com o aparelho psíquico individual é reversível: assim que Freud elaborou a segunda tópica, concebeu o jogo das instâncias (id, ego, superego) no aparelho psíquico individual como um grupo interno" (Anzieu, 1999, p. 199)[177]. Esta homologia é corporificada pelas estruturas elementares do parentesco na realidade externa e pela sua dimensão complementar (Devereux, 1967/1980, 1978) na realidade interna sob a forma daquilo que designamos por «estruturas elementares do aparelho psicoparental» constituinte do «grupo interno» de que fala Anzieu (1999), equivalente do "grupo familiar introjectado" (Eiguer, 1983/1989, p. 88). O grupo interno previsto pelas estruturas elementares do aparelho psicoparental corresponde ao átomo de parentesco de Lévi-Strauss enriquecido com a dinâmica trazida pela troca de objectos representada pela figura do tio materno. O processo sublimatório é alavancado pela figura topológica do tio materno que assim coloca o Édipo clássico ternário no contexto de uma estrutura quaternária. Note-se que Lévi-Strauss (1945/1970) coloca inclusive a figura do irmão da mãe como um produto das premissas do sistema das estruturas elementares uma vez que não há "necessidade de explicar como o tio materno faz sua aparição na estrutura de parentesco: ele não aparece, ele é imediatamente dado, ele é a sua condição. O erro da sociologia tradicional, como da linguística tradicional, é de ter considerado os termos, e não as relações entre os termos" (p. 64)[178]. É como se um élan vital percorresse a fixidez funcional limitada a que cada figura de parentesco (pai, mãe, filho, filha, tio, etc) está votada. Tal como a libido nas primeiras discussões pré-

[175] "hypothèse d'une homologie entre l'organisation groupale interne du fantasme et la situation groupale où certains membres servent à d'autres tantôt de repères identificatoires et tantôt de supports projectifs pour leur topique subjective et leurs pulsions" (Anzieu, 1999, p. 199).
[176] "résonance fantasmatique" (Anzieu, 1999, p. 199).
[177] "l'homologie de l'appareil psychique groupal avec l'appareil psychique individuel est réversible: lorsque Freud a élaboré la seconde topique, il a conçu le jeu des instances (ça, moi, surmoi) dans l'appareil psychique individuel comme un groupe interne" (Anzieu, 1999, p. 199).
[178] "On n'a donc pas besoin d'expliquer comment l'oncle maternel fait son apparition dans la structure de parenté: il n'y apparaît pas, il y est immédiatement donné, il en est la condition. L'erreur de la sociologie traditionnelle, comme de la linguistique traditionnelle, est d'avoir considéré les termes, et non les relaltions entre les termes" (Lévi-Strauss, 1945/1958, pp. 56-57).

psicanalíticas percorria o sistema do ego (Freud, 1895/1981) fazendo aparecer à vez as personagens mais importantes nas histórias de vida dos pacientes de Freud (1886-99/1981) até culminar na descoberta das relações sistematizadas no interior do Édipo (Freud, 1897/1986), assim também a teoria de Lévi-Strauss (1949/1982) admite as figuras topológicas de parentesco como epifenómenos, lugares topológicos no seio das estruturas elementares do parentesco, "(…) sítios num espaço puramente estrutural (…) primeiros em relação às coisas e aos seres reais que os vêm ocupar e também em relação aos papéis e aos acontecimentos sempre um pouco imaginários que necessariamente surgem quando eles são ocupados" (Deleuze, 1972/1977, p. 249) percorridos pela dádiva e a contra-dádiva enquanto dimensão fundamental das relações humanas. Então já não encaramos o grupo interno isolado, como os autores acima referidos, mas inevitavelmente coligado com outros grupos internos porque o átomo de parentesco existe por definição em aliança com outros átomos de parentesco através das gerações filiadas entre si.

Há transmissão psíquica intergeracional porque os sexos têm que se relacionar (são dois) e só podem relacionar-se hierarquizando-se (Godelier, 1996, pp. 26-27). Esta hierarquia expressa-se através da troca, mais concretamente, através das três estruturas elementares da troca complementares das estruturas elementares do aparelho psicoparental enquanto organizador psíquico de grupos internos constituídos por átomos psicoparentais. As ideologias e concepções simbólicas subjacentes à justificação destas trocas constituem o núcleo de representações psíquicas a transmitir às gerações seguintes.

Fundamentos Psicanalíticos da Hierarquia entre os Sexos nas Estruturas Elementares do Parentesco

← Índice

Resumo: *As possíveis razões sobre o aparente domínio dos homens sobre as mulheres tal como manifestado nas estruturas elementares do parentesco. Mecanismos psicodinâmicos na base da hierarquia estabelecida entre os sexos tal como expressa nas estruturas elementares do parentesco.*

A Perspectiva de Georges Bataille

← Índice

A perspectiva de Bataille (1957/1988) é importante neste capítulo pelo facto de este autor evocar uma relação inicial de comunhão entre as estruturas elementares do parentesco e a vida sexual, comunhão mais tarde transformada em exclusão da segunda para fora dos limites das primeiras.

Para Bataille (1957/1988) a tradicional oposição entre erotismo e casamento constitui um fenómeno secundário cuja origem se encontra no fenómeno das estruturas elementares do parentesco tal como delineadas por Lévi-Strauss (Lévi-Strauss, 1949/1973). Deste modo, "É possível pensar que, no momento em que estas regras [*estruturas elementares do parentesco*][179] se estabeleceram, em que foram levantadas estas barreiras e em que elas foram abatidas, elas determinavam verdadeiramente as condições da actividade sexual. Aparentemente, o casamento é a sobrevivência duma época em que as relações sexuais dele dependiam essencialmente. Ter-se-ia formado um regime de proibições e de autorizações, referente à actividade sexual, com todo o seu rigor, se desde o início ele não tivesse estado destinado a uma outra finalidade além do estabelecimento material de um lar? Tudo indica, ao que parece, que as relações íntimas foram encaradas nestes regulamentos. Se não fosse assim, como explicar o movimento contranatural da renúncia aos parentes próximos? Trata-se de um movimento extraordinário, que confunde a

[179] O acrescentado entre parêntesis rectos é nosso.

imaginação, numa espécie de revolução interior, cuja intensidade foi certamente muito grande, pois que, à mera ideia de infringir esta regra, o terror se apoderava e se apodera dos espiritos" (Bataille, 1957/1988, pp. 187-188).

A natureza sexual das proibições manifestada pelas estruturas elementares do parentesco mais não faz do que, paradoxalmente, acentuar a dimensão sexual do objecto proibido: "Sendo a proibição de natureza sexual, esta sublinha, aparentemente, o valor sexual do seu objecto. Ou melhor, dá um valor erótico a esse objecto. É aqui justamente que reside o que opõe o homem ao animal: o limite oposto à livre actividade dá um novo valor ao irresistível impulso animal" (Bataille, 1957/1988, p. 187).

Implica isto que a dissociação entre erotismo e casamento acabará por se dar: "As regras do casamento (...) podem *ter tido* por objecto inicial todo o curso da vida sexual, mas parecem não ter finalmente outro sentido senão a repartição das riquezas. As mulheres tomaram o sentido restrito da sua fecundidade e do seu trabalho. Mas esta evolução contraditória estava já dada. A vida erótica não pode ser *legislada* senão durante um certo tempo. As regras acabaram por ter como consequência lançar o erotismo para fora de toda a regra. O erotismo, uma vez dissociado do casamento deu a este uma vantagem principalmente material, de que Lévi-Strauss tem toda a razão em sublinhar a importância. As regras que visam a partilha das mulheres objecto de desejo asseguraram a partilha das mulheres força de trabalho" (Bataille, 1957/1988, p. 188).

Assim, a regulação dos aspectos económicos e materiais tomou a prioridade sobre a vida sexual. As estruturas elementares do parentesco, embora fundamentadas na proibição universal do incesto, acabaram por tomar como objecto de legislação a economia dos casamentos. Mas, para Bataille (1957/1988), as estruturas elementares do parentesco devido precisamente à regulação do incesto provam a importância da vida sexual, importância que no entanto terá sido maior no passado. Ora é precisamente este aspecto que em nossa opinião atesta uma convergência, embora de pormenor, entre a tese de Bataille e aquela que aqui propomos. As estruturas elementares do parentesco conservam resquícios do passado, embora tenham nas sociedades elementares outra função: uma

regulação essencialmente económica. Bataille (1957/1988) não indica no entanto onde e como poderão encontrar-se estas estruturas no homem moderno. O que Bataille encara como um resquício de uma regulação sexual, nós encaramos como uma configuração subjacente à mente humana, nomeadamente entendida em termos de relação entre objectos. Deste modo a vida sexual outrora ordenada pelas estruturas elementares através da regulação dos casamentos continua agora regulada pelas mesmas estruturas através da sexualidade na acepção freudiana do termo e manifesta-se nas estruturas elementares do aparelho psíquico em termos de alianças e filiações entre objectos internos. A "revolução interior" de que fala Bataille (1957/1988, p. 188) continua agora no aparelho psíquico do homem moderno tal como nessa supostamente anterior cisão entre erotismo e casamento.

A conjunção entre erotismo e casamento, primeiro, e a sua disjunção, por fim, testemunhada segundo Bataille (1957/1988) pelas estruturas elementares do parentesco ajuda a compreender a valorização sexual do objecto interdito, mas não certamente a hierarquia estabelecida entre os sexos no interior das mesmas. São os homens que dominam aparentemente a realidade histórica e social das estruturas elementares. São os homens que detêm o poder de trocar as mulheres. São os homens que explicitamente trocam as mulheres. Importa, portanto, tentar entender as motivações psicodinâmicas possivelmente subjacentes a este estado de coisas. Ao procedermos deste modo estaremos a ser metodologicamente consequentes na medida em que, tal como já adiantado relativamente à tese de Devereux (1967/1980, 1978), procuraremos a complementaridade psicológica (realidade interna) da dimensão sociológica (realidade externa) do fenómeno das estruturas elementares.

A Perspectiva de Karen Horney

← Índice

Para Horney (1932) existe positivamente um medo por parte dos homens relativamente às mulheres. Trata-se de um medo inconsciente objectivado na vagina enquanto órgão sexual. Tanto a adoração estereotipada da beleza feminina quanto a homossexualidade masculina esconde, no fundo, para Horney (1932), este medo. O medo da vagina é tão profundo que, segundo Horney (1932), ultrapassa o medo da castração que em termos edipianos o rapaz possa sentir pela figura da autoridade paterna: "Sem dúvida o medo da vagina oculta-se muitas vezes sob o medo do pai, que também está presente; ou, na linguagem do inconsciente, sob o medo do pénis reside a vagina da mulher" (p. 353)[180].

Apesar de não esquecer a maternidade como um dos fenómenos que mais diferencia as mulheres dos homens, Horney (1932) tira importantes consequências do medo inconsciente da vagina por parte do sexo masculino enquadrando-o nas teorias sexuais da infância desenvolvidas desde Freud (1905/1981) referindo que "As diferenças anatómicas entre os sexos conduzem a uma situação totalmente diferente no caso das raparigas e no caso dos rapazes, e para entendermos realmente as suas angústias e as formas diversas que assumem num caso e noutro temos que levar em conta antes de mais *a situação real das crianças* no período da sua sexualidade precoce. A natureza da rapariga enquanto biologicamente condicionada dá-lhe o desejo de receber, de tomar em si; ela sente ou sabe que a sua genitália é muito pequena para o pénis do pai e isto fá-la reagir aos seus próprios desejos genitais com angústia directa: ela teme que caso os seus desejos sejam realizados, ela ou a sua genitália sejam destruídos. O rapaz, por outro lado, sente ou instintivamente julga que o seu pénis é muito pequeno para a genitália da mãe reagindo a isto com o medo da sua própria inadequação, com o medo de ser rejeitado ou ridicularizado. Experimenta assim uma angústia localizada num lugar diferente do da

[180] "No doubt the dread of the vagina often conceals itself behind the dread of the father, which is also present; or, in the language of the unconscious, behind the dread of the penis is the woman's vagina" (Horney, 1932, p. 353).

rapariga: o seu medo original das mulheres não é de modo algum uma angústia de castração mas sim a reacção à ameaça dirigida à sua auto-estima" (pp. 355-356)[181].

Há aqui um notável afastamento em relação à ortodoxia freudiana pois já não se trata de angústia de castração no rapaz no quadro do complexo de Édipo. Trata-se de consideração pessoal, de auto-estima que o próprio tem que preservar contra o medo de uma possível rejeição feminina. É, portanto, o medo de rejeição que está subjacente às relações entre homens e mulheres, com os custos emocionais que isso implica para os primeiros.

A relação precoce do rapaz com o objecto materno é assim essencial. É na prestação de cuidados da mãe ao rapaz que este sente ainda mais a inadequação do seu órgão sexual relativamente a uma mulher adulta. Isto fará aumentar a raiva contra o objecto materno. E, neste ponto, Horney (1932) afasta também a tradicional tese psicanalítica que associava tipicamente o sadismo ao sexo masculino e o masoquismo ao feminino. Pois por esta ordem de ideias o rapaz apenas reage secundariamente com raiva à afronta ao seu respeito próprio, afronta causada pela mãe durante os cuidados prestados. O sadismo não seria, deste modo, um traço primário mas uma reacção secundária do carácter masculino.

Em jeito de síntese, Horney (1932) opta por concluir sublinhando a importância da defesa que todo o homem sente relativamente ao seu amor próprio adiantando que "(…) a angústia ligada à sua auto-estima deixa traços distintivos em todo o homem conferindo às suas atitudes perante as mulheres uma marca particular que não existe nas atitudes das mulheres perante os homens ou, a existir, é adquirida secundariamente. (…) De acordo com a minha

[181] "The anatomical differences between the sexes lead to a totally different situation in girls and in boys, and really to understand both their anxiety and the diversity of their anxiety we must take into account first of all *the children's real situation* in the period of their early sexuality. The girl's nature as biologically conditioned gives her the desire to receive, to take into herself; she feels or knows that her genital is too small for her father's penis and this makes her react to her own genital wishes with direct anxiety: she dreads that if her wishes were fulfilled, she herself or her genital would be destroyed. The boy, on the other hand, feels or instinctively judges that his penis is much too small for his mother's genital and reacts with the dread of his own inadequacy, of being rejected and derided. Thus he experiences anxiety which is located in quite a different quarter from the girl's: his original dread of women is not castration-anxiety at all, but a reaction to the menace to his self-respect" (Horney, 1932, pp. 355-356).

experiência o medo de ser rejeitado e ridicularizado é um ingrediente típico na análise de todo o homem, independentemente da sua mentalidade ou da estrutura da sua neurose" (p. 357)[182].

Em consequência deste facto de natureza psicodinâmica outras conclusões se seguem e a necessidade de provar a eficiência sexual e a conquista enquanto traços do carácter masculino são duas delas. Para Horney (1932), "(…) uma das exigências relativas às diferenças biológicas entre os sexos é esta: a de que o homem é obrigado a continuamente provar a sua masculinidade à mulher. Não existe uma necessidade análoga para ela: mesmo sendo frígida, ela pode envolver-se numa relação sexual, conceber e criar um filho. Ela desempenha o seu papel *sendo* simplesmente, sem nada ter que *fazer* ─ um facto que sempre encheu os homens de respeito e ressentimento. O homem por outro lado tem que *fazer* algo de modo a preencher-se a ele próprio. O ideal da 'eficiência' é tipicamente um ideal masculino. (…) Um homem deste tipo na sua forma extrema tem portanto um único interesse: conquistar. O seu objectivo é ter 'possuído' muitas mulheres, entre as quais as mais bonitas e procuradas. (…) Caso um homem não deseje uma mulher que seja sua igual ou superior ─ não estará ele a proteger a sua auto-estima ameaçada segundo aquele útil princípio de 'depreciar o que não se consegue alcançar'? Da prostituta ou da mulher de virtude fácil não é necessário temer a rejeição, nem as exigências inerentes à esfera sexual, ética ou intelectual: pode-se sempre ter a sensação de se ser superior" (p. 359)[183].

---

[182] "I think that the anxiety connected with his self-respect leaves more or less distinct traces in every man and gives to his general attitude to women a particular stamp which either does not exist in women's attitude to men or, if it does, is acquired secondarily. In other words, it is no integral part of their feminine nature. (…) According to my experience the dread of being rejected and derided is a typical ingredient in the analysis of every man, no matter what his mentality or the structure of his neurosis" (Horney, 1932, p. 357).

[183] "(…) one of the exigencies of the biological differences between the sexes is this: that the man is actually obliged to go on proving his manhood to the woman. There is no analogous necessity for her: even if she is frigid, she can engage in sexual intercourse and conceive and bear a child. She performs her part by merely *being,* without any *doing*—a fact which has always filled men with admiration and resentment. The man on the other hand has to *do* something in order to fulfill himself. The ideal of ' efficiency' is a typical masculine ideal. (…) A man of this type in its more extreme form has therefore one interest only: to conquer. His aim is to have 'possessed' many women, and the most beautiful and most sought-after women. (…) If a man does not desire any woman who is his equal or even his superior—may it not be that he is protecting his threatened self-regard in accordance with that most useful principle of 'sour grapes'? From the prostitute or the woman of easy virtue one need fear no rejection, and no demands in the sexual, ethical or intellectual sphere: one can feel oneself the superior" (Horney, 1932, p. 359).

Por causa disto, Horney (1932) tira outra conclusão situada mais uma vez fora dos postulados freudianos clássicos: a angústia de castração no sexo masculino constitui uma resposta ao desejo que os homens nutrem em serem mulheres. É assim que "Uma vez termos percebido que a angústia de castração masculina é em larga medida a resposta do ego ao desejo de ser uma mulher, não partilharemos mais a convicção de Freud segundo a qual a bissexualidade se manifesta com mais clareza na fêmea do que no macho" (p. 358)[184].

É possível notar como aqui a tese de Horney (1932) vai substanciar a de Devereux (1965/1978), autor para quem as estruturas elementares do parentesco confirmam a latência homossexual masculina no processo de troca de mulheres na constituição de alianças. Mas isto confirma ainda a nossa própria tese sobre as estruturas elementares do parentesco quando sobre a mesma previmos uma bissexualidade presente tanto no caso do sexo masculino quanto no caso do sexo feminino.

Relembremos entretanto a citação de Horney (1932) quando esta equaciona a prostituição nas sociedades modernas como fenómeno aniquilador da angústia da conquista inerente à condição masculina. Afinal, a prostituição implica um abaixamento das mulheres na hierarquia social, implica uma mulher sem homem, implica mulheres cuja sexualidade "circula" livremente ao sabor da casualidade dos encontros masculinos. De acordo com a tese de Horney (1932), a inferioridade genital causada pelos cuidados maternos seria neutralizada pelo estatuto social inferior da prostituta aos olhos do respectivo homem. Mas de acordo com outra das previsões da nossa tese também a ausência de regulação da circulação das mulheres prostituídas nas sociedades modernas evita a comparação genital dos homens entre si e mesmo que esta ocorra a sua desvalorização imediata é consequência da condição da prostituta uma vez esta residir nas franjas da marginalidade. Veremos no caso Malinowski (1914-18/1989) como este receio esteve presente na altura em que o investigador realizou trabalho de campo numa sociedade dominada pelas estruturas elementares do parentesco.

---

[184] "Once we realize that masculine castration-anxiety is very largely the ego's response to the *wish to be a woman,* we shall not altogether share Freud's conviction that bisexuality manifests itself more clearly in the female than in the male" (Horney, 1932, p. 358).

O que pretendemos sublinhar, apesar de tudo, é que a tese de Horney (1932) pode conter uma possibilidade heurística de entender as motivações psicodinâmicas (não económicas) da prostituição como um fenómeno residual das estruturas elementares do parentesco e, na base destas, das estruturas elementares da troca de objectos internos. Neste sentido, já teríamos outra perspectiva de entender o porquê da dominação masculina omnipresente em todas as sociedades nas estruturas elementares do parentesco assim como a razão de serem os homens a proceder à troca das mulheres e não o contrário. Evitariam, nesta perspectiva, a angústia da comparação genital masculina.

Desta ordem de coisas sobressai imediatamente outra questão crucial: se as estruturas elementares do parentesco sempre se mantiveram ancoradas na supremacia masculina, a que se poderá dever o grau de participação das mulheres neste sistema, partindo do princípio de que não se revoltaram? É neste ponto que psicodinamicamente teremos que considerar os conceitos de «inveja do pénis» e «complexo de masculinidade» nas mulheres, temática que vem na sequência do que mais atrás já referimos.

Neste ponto Horney (1924) opera mais uma vez um afastamento relativamente à tese de Freud, adiantando sobre a inveja do pénis que "A sensação de inferioridade da pequena rapariga (tal como Abraham apontou numa passagem) não é primária" (p. 54)[185]. Mas, apesar de tudo, para Horney a inveja do pénis existe na menina apenas como uma vicissitude do desenvolvimento sexual. É na anatomia da interioridade do órgão sexual da mulher contraposta à anatomia da exterioridade do órgão sexual do homem que se dá uma dialéctica do desenvolvimento sexual responsável por algumas das características do comportamento em ambos os sexos: assim, a subjectividade comummente atribuída ao sexo feminino dever-se-ia à dificuldade da aplicação do teste do princípio de realidade a um órgão que não se vê (vagina) contraposta à objectividade comummente atribuída ao sexo masculino devido à facilidade de aplicação do teste do princípio de realidade a um órgão externo claramente visível (pénis). Devido a esta dialéctica, a menina vai procurar

[185] "The little girl's sense of inferiority is (as Abraham had also pointed out in one passage) by no means primary" (Horney, 1924, p. 54).

não um pénis mas o seu substituto na forma do pai ou de um filho (aplicação do princípio de realidade). Apesar de neste ponto a posição de Horney (1924) ser freudiana, o que a autora destaca é a *possessão* que guia a rapariga e que é inerente a todo o processo. Afinal, de acordo com o artigo posterior de Horney (1924), o que a menina quer é possuir homens, tal como o menino – mais tarde o conquistador – quer é possuir mulheres. A possessão guia os dois sexos, embora de modos diferentes e os estatutos de superioridade ou de inferioridade (como o da prostituta) são deste modo secundários e não primários.

No entanto, o princípio de prazer continua operante no Édipo da menina, na forma de uma fantasia de ser raptada e violada por um homem, nomeadamente, o pai. Horney (1924) refere casos em que determinadas mulheres adultas estão firmemente convencidas de que após uma canção de embalar cantada pelo pai em tenra idade, estas teriam sido posteriormente violadas pelo mesmo (Horney, 1924). E, neste ponto a autora conclui levantando uma hipótese que nos leva novamente de volta à problemática das estruturas elementares do parentesco. Segundo Horney (1924), "As numerosas e certeiras observações deste tipo mostram-nos como é importante percebermos que nesta idade precoce (…) a criança constrói, com base numa identificação (hostil ou amorosa) com a sua mãe, uma fantasia que sofreu uma completa apropriação sexual pelo pai; e além disso na fantasia esta experiência apresenta-se como tendo acontecido ─ tanto mais um facto quanto assim deve ter sido num tempo distante em que todas as mulheres foram primariamente propriedade do pai" (p. 56)[186].

Há duas noções a destacar aqui: a de propriedade e a de posse. A «possessão» na sua dimensão imaginária de imago de um pai que possui uma mãe ou uma filha e a «propriedade» enquanto ideologia ao serviço do princípio de realidade coroada pela supremacia masculina no processo de troca de mulheres entendidas estas na qualidade de propriedade dos homens.

[186] "The numerous unmistakable observations of this kind show us how important it is to realize that at this early stage (…) the child constructs, on the basis of a (hostile or loving) identification with its mother, a phantasy that it has suffered full sexual appropriation by the father; and further that in phantasy this experience presents itself as having actually taken place—as much a fact as it must have been at that distant time when all women were primarily the property of the father" (Horney, 1924, p. 56).

O "tempo distante" em que, segundo Horney (1924), as mulheres teriam sido propriedade do pai não é distante, é omnipresente e existe como potencialidade num complexo sistema ao nível da realidade objectal interna – é constituído pelas estruturas elementares do aparelho psíquico.

Partimos do princípio de que as mulheres não se revoltariam. Mas num sistema patriarcal em que os homens gerem a troca de mulheres na constituição de alianças teremos que ter em conta a existência desta possibilidade. Julgamos que a teorização de Horney (1924) a prevê na medida em que admite a base do complexo de castração numa identificação entre a filha e o pai. Segundo Horney (1924), "(…) esta fantasia básica de ter sofrido uma castração através de uma relação amorosa com o pai (…) tem a sua base fundamental na atitude vingativa relativamente aos homens enquanto característica proeminente nas mulheres em quem o complexo de castração é marcante" (p. 63)[187].

Só depois da decepção e do abandono sentidos pela filha após esta entender que o pai não lhe dá o pénis desejado (inveja do pénis e complexo de masculinidade) é que a mesma abandona este desejo e entra psicodinamicamente nas estruturas elementares do parentesco. Ou seja, a mulher que constitui aliança segundo o modelo das três estruturas elementares fundamentais já descritas pode agora procurar o substituto do pénis do pai no homem com quem formará aliança ou num futuro filho. Mas nesta mesma configuração de coisas, pode também alimentar sentimentos de vingança contra os mesmos homens e, nomeadamente contra o primeiro homem com quem contrai a respectiva aliança, por esta ser a relação que substitui o pai enquanto homem na qualidade daquele que foi o primeiro objecto de desejo, objecto posteriormente castrador na fantasia da rapariga (Freud, 1917/1981; Horney, 1924).

Dois anos após este artigo, Horney (1926) recoloca ainda melhor a problemática da inveja do pénis nas mulheres e da angústia de castração nos homens. Afinal as mulheres invejam o pénis porque vivem numa sociedade dominada por homens. Para Horney

[187] "(…) this basic phantasy of having suffered castration through the love-relation with the father (…) have the most fundamental basis of the revengeful attitude towards men which is so often a prominent feature in women in whom the castration complex is marked" (Horney, 1924, p. 63).

(1926), a inveja do pénis na menina tem a sua explicação no contexto do complexo de Édipo durante o qual a rapariga procede à sua identificação com o pai e passa a desejar a posse de um pénis como forma de evitar a culpabilidade derivada da atracção heterossexual entre filha e pai. Esta identificação tem no entanto o preço da inferioridade sentida pela perda da identidade própria do sexo feminino. A rapariga renuncia à identidade do próprio sexo – "separação da condição feminina" (Horney, 1926, p. 333, 339)[188].

Para Horney (1926, pp. 335-336) o ego feminino suporta melhor a inferioridade do que a culpa. Daí que a deserção que as mulheres fazem relativamente à essência da sua condição feminina seja resultado da regressão destas ao complexo de Édipo no qual a menina fantasiou ser como o pai. Não o conseguindo prefere numa sociedade essencialmente dominada por homens sentir-se inferior a estes (ideal masculino não alcançado) do que culpada por tê-lo desejado. Estão assim formadas as condições para a cumplicidade das mulheres quer na adopção de atitudes masculinas, quer na subserviência que muitas alimentam relativamente ao mundo masculino. Esta tese foi recuperada e desenvolvida, já o vimos, por Torok (1964/2001). E subjaz, defendemos, como um dos aspectos essenciais sobre a perturbante natureza manifesta das estruturas elementares do parentesco embora estas últimas contenham em si as potencialidades para o desenvolvimento da condição feminina.

Deste modo, para Horney (1926, p. 337) o que oculta o medo da danificação do órgão da vagina (ideia concreta), nas mulheres, é o medo da castração (ideia abstracta) derivado da culpa da sua identificação com o pai. Aqui dá-se um afastamento das premissas freudianas uma vez que o medo da castração se revela como uma formação secundária. As mulheres culpam-se inconscientemente na medida em que fantasiam ter tido um pénis que lhes foi amputado (vagina) em virtude do desejo de quererem ser como o pai e não o terem conseguido. O pénis continua assim a ser desejado como forma de aniquilação da culpa sentida. Já vimos mais atrás que o «pénis» consiste sobretudo num lugar simbólico de deposição da autoridade e não apenas como órgão anatómico que é. É neste sentido

[188] "flight from womanhood" (Horney, 1926, p. 333, 339).

que as mulheres continuam nas sociedades modernas a perpetuar as condições da sua subserviência relativamente aos homens entrando num círculo vicioso que lhes é devolvido especularmente pela estrutura social. Nesta medida, Horney (1926) avisa que "Devido ao carácter masculino da nossa civilização tem sido muito mais difícil para as mulheres conseguir qualquer sublimação que pudesse satisfazer a sua natureza, pois todas as profissões mais comuns foram preenchidas pelos homens. Mais uma vez isto deve ter tido influência sobre os sentimentos de inferioridade das mulheres, uma vez que não puderam conseguir o mesmo que os homens nestas profissões masculinas parecendo assim ter havido uma razão de facto para a sua inferioridade. Parece-me impossível julgar até que ponto os motivos inconscientes que levaram à separação da condição feminina são reforçados pela actual subordinação social das mulheres. Podemos conceber esta relação como uma interacção entre factores psíquicos e sociais" (p. 338)[189].

A conexão entre factores sociais e psíquicos que na opinião de Horney (1926) concorrem para a conservadora subordinação das mulheres aos homens (embora possa permitir uma regulação diferente das relações entre os sexos) reside nas estruturas elementares do parentesco, tal como até agora as temos vindo a analisar e forma o núcleo central do aparelho psíquico, núcleo que designamos mais propriamente por «aparelho psicoparental». Não obstante, a tese de Horney (1926) tem aqui a enorme vantagem de lançar alguma luz sobre as possíveis razões relativas ao facto de o conteúdo manifesto das estruturas elementares do parentesco aparecer dominado por homens que trocam mulheres e não o contrário. Ajudou-nos a entender o porquê desta hierarquia que não é definitiva, mas apenas uma configuração possível no seio das estruturas elementares.

[189] "Owing to the hitherto purely masculine character of our civilization it has been much harder for women to achieve any sublimation which should really satisfy their nature, for all the ordinary professions have been filled by men. This again must have exercised an influence upon women's feelings of inferiority, for naturally they could not accomplish the same as men in these masculine professions and so it appeared that there was a basis in fact for their inferiority. It seems to me impossible to judge to how great a degree the unconscious motives for the flight from womanhood are reinforced by the actual social subordination of women. One might conceive of the connection as an interaction of psychic and social factors" (Horney, 1926, p. 338).

A Perspectiva de Melanie Klein sobre o Desenvolvimento da Sexualidade no Sexo Feminino

← Índice

Uma das teses essenciais para Klein (1926) sobre o desenvolvimento sexual da menina é a de que esta teme a presença de objectos internos maus no interior do seu corpo, assim como teme as consequências da presença destes na destruição do mesmo. Não sendo o princípio de realidade aplicável ao estado geral do interior corporal, à menina só resta a verificação deste por intermédio das representações fantasmáticas. Tal estado de coisas vai implicar uma regressão constante às relações originais com as primeiras imagos maternas, a da «mãe boa» («seio bom» enquanto fornecedor de leite) e da «mãe má» («seio mau» privador do fornecimento de leite na altura do desmame).

A imago materna enquanto objecto total ou o seio mau enquanto objecto parcial representante do primeiro, simboliza não só a privação do leite, como a presença do pénis paterno no interior da mãe. Enquanto casal unido pai e mãe passam a ser, na perspectiva da menina, objecto da inveja do prazer de que ambos usufruem na união sexual (coito). Juntamente com os ataques originais fantasmáticos ao corpo da mãe em virtude da privação oral do seio, a menina passa a temer retaliações não só desta como também do casal unido pois este também é objecto de ataques fantasmáticos.

O pénis paterno que a menina fantasia no interior do corpo materno pode também ser um pénis bom ou um pénis mau e neste aspecto Klein admite também a representação do objecto total (o pai como pessoa), por parte da menina, enquanto representado pelo objecto parcial do órgão do pénis. Isto influencia, segundo Klein (1932/1997), as vertentes sádicas e masoquistas das relações heterossexuais da futura mulher, uma vez que, “A escolha da menina de um parceiro sádico também está baseada em um impulso para incorporar uma vez mais um pénis sádico "mau" (pois é assim que ela vê o acto sexual) que destruirá os objetos perigosos dentro dela. Assim, a raiz mais profunda do masoquismo feminino pareceria ser o medo da mulher dos objetos perigosos que ela

internalizou; e o seu masoquismo não seria outra coisa, em última instância, do que suas pulsões sádicas voltadas para dentro contra esses objetos internalizados" (p. 221)[190].

Note-se nesta passagem como a autora prevê uma defesa contra maus objectos internos recorrendo ao sadismo do parceiro (escolha de objecto). Para Klein o sadismo do parceiro significa o próprio masoquismo da mulher (sadismo dirigido contra o ego) que escolheu o objecto masculino sádico. Mas recordemo-nos que segundo Klein (1932/1997) as primeiras imagos, boas e más, a serem formadas no aparelho psíquico da criança são sobre a mãe nutridora. Deste modo, o que a autora nos está a referir é que para destruir os maus objectos internos (maternos) a criança recorre fantasmaticamente ao pénis paterno, objecto parcial representante do pai como pessoa. Depreende-se que o pénis paterno possa liquidar maus objectos internos na qualidade quer de «bom pénis» quer de «mau pénis». O que interessa notar aqui, para já, é que a menina recorre nas suas fantasias a um homem para resolver as suas relações arcaicas com a mãe. E isto tem toda a importância para a nossa tese. Pois se as estruturas elementares do parentesco evidenciam na realidade externa uma troca de mulheres entre homens, então esta mesma troca pode ser uma tentativa de solução da realidade fantasmática inerente às relações entre a menina e a mãe. Nesta perspectiva, os pais ou irmãos que trocam filhas ou irmãs poderão estar a fazê-lo como forma de diminuir a tensionalidade invejosa e odienta da relação filha-mãe. Este seria mais um factor que ajudaria a explicar a aparente subalternidade das mulheres em deixarem-se trocar na realidade externa das estruturas elementares do parentesco.

Dado este estado de coisas teríamos que averiguar em termos de comparação qual a maior carga de ódio e inveja destrutiva relativamente ao corpo da mãe quer da parte da menina, quer da parte do menino. O esclarecimento de Klein (1932/1997) a este respeito parece ser peremptório: "Uma vez que os impulsos destrutivos da menina contra o corpo da mãe são mais poderosos e duradouros do que os do menino, ela desenvolverá métodos mais fortes, clandestinos e sagazes, de ataque, baseados na [magia] dos excrementos e

[190] "Her choice of a sadistic partner is also based upon an impulsion once more to incorporate a sadistic 'bad' penis (for that is how she views the sexual act) which shall destroy the dangerous objects within her. Thus the deepest root of feminine masochism would seem to be the woman's fear of the dangerous objects she has internalized, in especial her father's penis; and her masochism would ultimately be no other than her sadistic instincts turned inwards against those internalized objects" (Klein, 1932a).

outras substâncias e na [omnipotência] dos seus pensamentos, em conformidade com a natureza escondida e misteriosa daquele mundo dentro do corpo da mãe e do seu próprio corpo; ao passo que o menino concentrará seus sentimentos de ódio no [pénis] do pai, que ele presume estar dentro da mãe, e sobre o [pénis] real dele e, assim, os dirige em grande medida para o mundo externo e para aquilo que é tangível e visível. Ele também faz maior uso da [omnipotência] sádica do seu [pénis], resultando em que ele dispõe também de outros modos de controlar a ansiedade, ao passo que o modo da mulher de controlar a ansiedade permanece sob o domínio da relação dela com um mundo interno, com aquilo que é oculto e, portanto, com o inconsciente" (p. 224)[191].

Passagem notável, esta, de Klein (1932/1997). Aproveita uma das teses de Horney (1924) sobre os estatutos diferentes do princípio de realidade no desenvolvimento da sexualidade feminina e da sexualidade masculina, e admite que a possibilidade da escolha do objecto parcial do pénis paterno tanto dentro da mãe como enquanto órgão anatómico real e visível no corpo do pai e no seu próprio corpo permite ao rapaz investir mais facilmente a carga de afecto relativa ao ódio sentido em relação à mãe e ao pai (casal unido) na diminuição da sua angústia. O pénis, em virtude da sua exterioridade, permite mais facilmente testar a realidade da angústia de castração. O menino gere a angústia de castração mais objectivamente pois pode confirmar a presença do órgão genital perante o aumento da mesma. A menina gere a angústia de castração mais subjectivamente na medida em que tem que gerir a dúvida de saber se terá tido pénis tendo sido posteriormente castrada (interioridade da vagina).

Passagem notável, dizíamos, pela razão de que Klein (1932/1997) admite o ponto de vista relacional entre a criança e um grupo interno de objectos em aliança (casal unido) uma

[191] "Since the girl's destructive impulses against her mother's body are more powerful and enduring than the boy's, she will evolve secret and cunning methods of attack, based upon the magic of excrements and other products of her body and upon the omnipotence of her thoughts, in conformity with the secret and hidden nature of that world within her mother's body and her own;[337] whereas the boy will concentrate his feelings of hatred not only on his father's penis, supposedly inside his mother, but on his real one, and thus directs them to a larger extent towards the external world and what is tangible and visible. He also makes greater use of the sadistic omnipotence of his penis, with the result that he has other modes of mastering anxiety as well,[338] while the woman's mode of mastering anxiety remains under the dominion of her relation to an inner world, to what is concealed, and therefore to the unconscious" (Klein, 1932a).

vez que "A situação edipiana – seja a precoce ou a completa – ambas de significação e alcance insofismáveis, têm em análise suas vicissitudes consectárias à chegada ou a descoberta da existência também de irmãos e irmãs, ou de familiares e agregados ao círculo familiar de um modo geral. A suposta heresia daquele tempo, os chamados estágios precoces do que seria a situação triangular continuaram para dentro do anteriormente descrito complexo edipiano pleno e serviram de modelo, com o grupo familiar, também para o relacionamento com o grupo social mais amplo. O modo de convivência ou a maneira de ser com esse grupo social, inconscientemente já repete e revive, em suas grandes linhas, o tipo de relação afectiva do que se conhece como o "grupo interno". Este, segundo se comprova em clínica psicanalítica ou de psicoterapia analítica de grupo, não passa de uma réplica do "grupo externo" com a diferenca única e importante, de que a realidade psíquica o colore à maneira de seus instintos conforme as pressões ou predominância interna inconsciente dos sentimentos de amor ou de ódio inerentes ao indivíduo que estabelece o relacionamento" (Corrêa, 1975). O ódio e a inveja sobre o casal unido dos pais dirigem-se a um grupo enquanto objecto. O que nos permite tirar, pelo caminho, uma preciosa conclusão: a *aliança*, nas estruturas elementares da troca de objectos (realidade interna) e nas estruturas elementares do parentesco (realidade externa), *é um objecto* na tradicional definição psicanalítica do termo.

Que avanços permite, então, a teoria de Klein para o nosso paradigma? A visão relacional de Klein permite-nos notar que a interacção das perspectivas das subjectividades objectais entre si produz um objecto «em movimento». Isto é, sendo a subjectividade do universo fantasmático feminino condicionada pela anatomia das mulheres – tese de Horney (1924) –, é possível notar que a subjectividade interactuante da filha sobre a mãe produz um objecto parcial que diminui a sua tensionalidade odienta: esse objecto parcial é o pénis paterno. Repare-se agora como, relativamente à tese de Lévi-Strauss (1949/1982), o que se passa ao nível da realidade fantasmática é exactamente o inverso do que este autor conclui sobre as estruturas elementares do parentesco na realidade externa: "O surgimento do pensamento simbólico devia exigir que as mulheres, tal como

as palavras, fossem coisas que se trocam" (p. 536)[192]. Coisas, objectos, pessoas. Como explicar então a inversão que vai do mundo fantasmático feminino ao domínio masculino das estruturas elementares do parentesco na realidade externa? Sendo o objecto parcial do pénis paterno representante do objecto total do pai enquanto pessoa, este acabará por ser investido durante o desenvolvimento sexual da menina através dos mecanismos de identificação inerentes ao complexo de Édipo. A dialéctica fantasmática das subjectividades mãe-filha produziu a objectividade do objecto masculino paterno. Este por sua vez, numa segunda fase do movimento dialéctico, reduziu as subjectividades fantasmáticas femininas ao estatuto de *objecto* (deu-lhes realidade, concretizou-as reduzindo a sua tensão inerente) *passivo* na medida em que é um objecto cuja troca obedece às vontades masculinas erigidas em sistema (estruturas elementares do parentesco). A fenomenologia hegeliana da dialéctica senhor-escravo (Hegel, 1817/1894) teria no paradigma kleiniano – lévi-straussiano novas aplicações. Trata-se de uma dialéctica senhor-escravo cujas inversões antitéticas ao longo do processo fantasmático de desenvolvimento sexual se reflecte nas tensões entre os sexos. É também uma fenomenologia dialéctica que ajudaria a explicar não só as tensões intra-mundos fantasmáticos mas também a transição do mundo fantasmático para um dos aspectos do mundo externo ao nível das estruturas elementares. Neste sentido, o *objecto parcial paterno*, *passivo* (escravo) no mundo fantasmático feminino torna-se *activo* (senhor) na realidade externa em virtude da sua *contradição interna* já presente no mundo subjectivo, fantasmático, das mulheres. Como consequência da mesma contradição interna fantasmática, o *objecto activo feminino* torna-se *passivo* (escravo) enquanto *objecto de troca* no mundo das estruturas elementares dominado pelos homens (senhor). Além de tudo isto, a própria conceptualização kleiniana da teoria das relações de objecto é inerentemente dialéctica, facto verificado já por Laplanche & Pontalis (1967/1994), uma vez que é constituída por "pares antitéticos entre os quais se estabelece a dialéctica dos fantasmas: bom objecto/mau objecto; introjecção/projecção; parcial/total" (p. 276)[193].

---

[192] "L'émergence de la pensée symbolique devait exiger que les femmes, comme les paroles, fussent des choses qui s'échangent" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 569).

[193] Para uma visão do mesmo género, mas com outros matizes, sobre o paradigma dialéctico hegeliano na psicanálise da relação de objecto (ver Birtles, 2002).

A dialéctica que aqui explanámos evidencia contradições internas inerentes à sexualidade feminina. Tal situação transmite-nos a impressão de que por parte dos homens não haveria qualquer necessidade de reacção sobre o sexo feminino com o fim de adquirir sobre este a supremacia evidenciada nas estruturas elementares. No entanto, outros aspectos da teoria de Klein (1932/1997) permitem-nos suspeitar da possibilidade de, além do processo de desenvolvimento da sexualidade feminina, haver sobre esta uma reacção defensiva por parte da sexualidade masculina. Tratar-se-ia então de uma formação reactiva masculina algures situada na psicodinâmica das estruturas elementares do parentesco e dirigida contra um potencial poder feminino. Este potencial poder feminino derivaria do "(...) medo que a mulher tem do pénis internalizado [e que] cria nela uma premência para testar a sua situação de ansiedade repetidamente, o que resulta em ela se encontrar sob uma compulsão constante de realizar o acto sexual com seu objeto ou, como variante disso, a trocar esse objeto por outro" (Klein, 1932/1997, p. 222)[194].

Contra esta compulsão para a "administração da prova" decorrente da dinâmica do mundo fantasmático feminino, potencialmente tradutível numa realidade externa caracterizada pelo domínio das vontades femininas na troca de homens (troca de objectos), o mundo fantasmático masculino terá reagido erigindo a superestrutura superegóica segundo a "lógica da situação" (Popper, 1961/1992, p. 83)[195] das estruturas

[194] "(…) the woman's fear of the internalized penis urges her to be always renewing the process of testing her anxiety-situation, with the result that she will be under a constant compulsion to perform the sexual act with her object, or, as a variant to this, to exchange that object for another" (Klein, 1932/1997).

[195] "*logic of the situation*" (Popper, 1961/1992, p. 83). Tocamos aqui num ponto que constitui talvez uma subversão da «vigésima quinta tese» de Popper (1961/1992) sobre a epistemologia das ciências sociais. Segundo Popper (1961/1992), na "*Vigésima quinta Tese*: A investigação lógica dos métodos de economia política conduz a um resultado aplicável à totalidade das ciências sociais. Este resultado demonstra a existência, nas ciências sociais, de um *método puramente objectivo*, que se poderá designar por método compreensivo-*objectivo* ou por lógica da situação. Uma ciência social objectivo-compreensiva pode ser desenvolvida independentemente de quaisquer ideias subjectivas ou psicológicas. Ela consiste em analisar a situação do indivíduo actuante no sentido de explicar a acção a partir da situação sem recurso a outros meios psicológicos. A «compreensão» objectiva consiste no vermos que a acção foi objectivamente de *ordem situacional*. Por outras palavras, a situação é analisada tão amplamente que os factores de início aparentemente psicológicos, tais como desejos, impulsos, recordações e associações, se convertem em factores situacionais. O indivíduo com estes ou aqueles desejos converte-se num indivíduo a cuja situação corresponde a persecução deste ou daqueles fins *objectivos*. E um indivíduo com estas ou aquelas recordações ou situações dá lugar a um indivíduo, a cuja situação corresponde o estar objectivamente apetrechado com estas ou aquelas teorias ou com estas ou aquelas situações.Isto permite-nos, pois, compreender as suas acções no sentido objectivo, podendo afirmar-se: na realidade, tenho outros objectivos e outras teorias (diferentes das de Carlos Magno, por exemplo), mas se eu tivesse estado na sua situação

deste modo analisada – situação essa que inclui objectivos e conhecimentos – porventura teria agido, tal como qualquer um de vós, de modo idêntico. O método da análise da situação é, consequentemente um método individualista, mas não psicológico, porquanto ele elimina, em princípio, os factores psicológicos e substitui-os por elementos situacionais objectivos. É o que eu designo por, normalmente, «lógica da situação» (*situational logic* ou *logic of the situation*)" (p. 83).

Deste modo, as estruturas elementares do parentesco na realidade externa contêm uma «lógica da situação», na acepção popperiana do termo, definida pela objectividade sócio-económica e histórica – função social e económica da troca de mulheres, necessidade de um homem ter cunhados para estender relações sociais (Lévi-Strauss, 1949/1973), etc –, e aparentemente independente de quaisquer motivações psicodinâmicas. Consequentemente, neste sentido, pode sempre argumentar-se nos paradigmas funcionalistas e estruturalistas que as estruturas elementares do parentesco são um fenómeno de natureza sociológica. Assim, a lógica da situação constitui uma leitura metodológica independente, logo geradora de teorias sociológicas pertencentes a campos científicos autónomos. Não obstante, as motivações psicológicas de um fenómeno com repercussões sociais permanecem sempre. Claro que Popper não contradiria isto tal como o comprova algumas afirmações que fez noutra das suas obras (Popper, 1962/1966). Mas a novidade consiste em verificar que na tese presentemente proposta as motivações psicodinâmicas subjacentes às estruturas elementares do parentesco estão conjugadas num sistema superegóico, sistema que expressa as características do inconsciente precisamente na medida em que as vontades conscientes dos indivíduos em interacção e reguladas pelas estruturas elementares do parentesco os ultrapassam. É a mesma problemática de que trata Popper nas relações entre psicologia e ciências sociais quando este refere que "Social life is not only a trial of strength between opposing groups: it is action within a more or less resilient or brittle framework of institutions and traditions, and it creates—apart from any conscious counter-action—many unforeseen reactions in this framework, some of them perhaps even unforeseeable" (Popper, 1962/1966, pp. 296-297), assim como para a necessidade de uma "(...) theory of the unintended social repercussions of our actions, and by the need for what I have described as the logic of social situations" (Popper, 1962/1966, p. 300). E aqui atingimos a tese, com vários proponentes na psicanálise pós-freudiana, segundo a qual o inconsciente é o Outro em mim.

Em nossa opinião, as estruturas elementares do parentesco tal como por nós encaradas na presente tese, constituem uma interface entre a teoria da «lógica situacional» de Popper correspondente ao domínio da fenomenologia sociológica na tese complementarista de Devereux (1967/1980, 1978) e as suas bases psicodinâmicas encobertas correspondem ao domínio da fenomenologia psicológica na tese do mesmo autor. O que as estruturas elementares do parentesco operam é um conjunto de transformações que incidem sobre as mesmas zonas das dimensões sociológicas e psicológicas dos fenómenos enquanto "factos crús" (Devereux, 1978), isto é, tanto sobre os «motivos operantes» quanto sobre os «motivos instrumentais» dos mesmos (ver como exemplo a correspondência cruzada entre motivos operantes e instrumentais na passagem da explicação psicológica à sociológica no homicídio programado da bruxa Mohave, Sahaykwisa, In Devereux, 1978). É porque os «motivos operantes» e «instrumentais» (Devereux, 1978) de um fenómeno se sobrepõem em simultâneo que um deles constitui o inconsciente do outro e portanto que ambos pertencem a domínios epistémicos diferentes de explicação: a psicológica e a sociológica. Popper (1962/1966) debate-se com o mesmo problema quando admite que "(…) psychology—the psychology of the individual—is one of the social sciences, even though it is not the basis of all social science. Nobody would deny the importance for political science of psychological facts such as the craving for power, and the various neurotic phenomena connected with it. But 'craving for power' is undoubtedly a social notion as well as a psychological one: we must not forget that, if we study, for example, the first appearance in childhood of this craving, then we study it in the setting of a certain social institution, for example, that of our modern family. (The Eskimo family may give rise to rather different phenomena.) Another psychological fact which is significant for sociology, and which raises grave political and institutional problems, is that to live in the haven of a tribe, or of a 'community' approaching a tribe, is for many men an emotional necessity (especially for young people who, perhaps in accordance with a parallelism between ontogenetic and phylogenetic development, seem to have to pass through a tribal or 'American-Indian' stage)" (p. 299).

elementares do parentesco tal como decorrem actualmente em todo o mundo. Neste sentido a "lógica da situação" (Popper, 1961/1992, p. 83) a partir da qual derivariam as estruturas elementares do parentesco pareceria não conter quaisquer factores fantasmáticos psicodinâmicos tais como os descritos por Klein (1932/1997) e nisto consistiria uma das faces do recalcamento da dimensão psicológica das estruturas elementares em favor da sua dimensão sociológica só aparentemente mais evidente.

Prosseguindo na consideração das consequências da teoria de Klein (1932/1997) sobre a natureza das relações hierárquicas entre os sexos tal como delineadas pelas estruturas elementares do parentesco, atentemos agora na afirmação segundo a qual a menina "(...) na imaginação (...), além de ter atacado os pais, (...) machucou ou matou os irmãos e irmãs dentro da mãe. O medo que ela sente de retaliação e seu sentimento de culpa por causa disso dá origem a perturbações em sua relação com os irmãos e irmãs reais e conseqüentemente na sua capacidade para a adaptação social em geral" (p. 226, n.1)[196].

É caso para notar que estamos aqui numa espécie de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1981b) às avessas. Agora não é um grupo de irmãos a matar a figura paterna, mas uma mulher singular a matar a mãe, e por intermédio desta, os irmãos e o pai nela contidos. Parece que tanto a tese de Freud (1913/1981b) em *Totem e Tabu* quanto a de Klein (1932/1997) sobre o desenvolvimento sexual feminino concordam numa coisa ─ quer da parte dos irmãos machos quer das irmãs o pai acaba por ser um objecto a eliminar através da mãe no caso da rapariga, directamente no caso dos rapazes. Se as coisas se passam deste modo no mundo fantasmático, então torna-se mais compreensível a dominação dos homens nas

---

Se compararmos com Devereux (1978), notaremos que Popper (1962/1966) está a colocar a questão nos mesmos termos que o primeiro. Sendo a ânsia do poder um fenómeno prescrutável desde a infância não poderemos esquecer, diz-nos Popper (1962/1966), que este ocorre no interior de uma estrutura familiar típica desta ou daquela sociedade. Ou seja, se observarmos (explicação psicológica) como manifestações conscientes os traços de personalidade infantil (motivações operantes) relacionados com a ânsia pelo poder, então estes transportarão inconscientemente traços da família ou grupo familiar (motivações instrumentais) nos quais se formaram. E se observarmos (explicação sociológica) a estrutura familiar expressa (motivações operantes correspondentes às outrora motivações instrumentais da explicação psicológica), então esta ocultará traços e idiossincrasias pessoais (motivações instrumentais correspondentes às outrora motivações operantes da explicação psicológica) inconscientes dos seus membros componentes.

[196] "It must be remembered that in her imagination, besides having attacked her parents, the girl has injured or killed her brothers and sisters inside her mother. Her fear of retaliation and her sense of guilt on account of this give rise to disturbances in her relation to her real brothers and sisters and consequently in her capacity for social adaptation in general" (Klein, 1932a, n. 343).

estruturas elementares do parentesco. Se a menina destrói, em fantasia, os produtos da procriação no interior do corpo materno, então os homens assumem na realidade externa o controlo da troca de mulheres, logo o controlo da função reprodutora que lhes falta assegurando o funcionamento social em geral. Além disto evitam a morte da figura materna, conservando-a como símbolo da reprodução feminina deslocada para as irmãs dos outros homens (exogamia). E constroem as relações sociais na base da troca de filhas e irmãs, situação dificilmente alcançável pelas mulheres em virtude dos fantasmas sádicos dirigidos por estas contra o corpo materno e seus conteúdos (outros irmãos e irmãs). Desta maneira promovem a solidariedade social (Durkheim, 1893/1989) através da troca de mulheres assegurando a "adaptação social" (Klein, 1932/1997, p. 226) no interior do mundo feminino assim como entre o mundo feminino e o mundo masculino. O conjunto deste quadro ajudaria a explicar a "conivência" das mulheres em aceitarem o regime das estruturas elementares do parentesco, regime dominado pelos homens tal como verificado por Lévi-Strauss (1949/1973) e alguns dos seus continuadores.

Também a lógica da dádiva e da contra-dádiva (Mauss, 1923-24) parece estar presente no mundo fantasmático feminino e, tal como nas estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973). Para Klein (1932/1997) a pulsão sádica subjaz aos fantasmas da relação entre a menina e a mãe uma vez que "O ato de ter destruído a criança [dentro da mãe] é igualado na sua fantasia com a destruição completa daquele reservatório do qual ela extrai a satisfação de todas as suas necessidades mentais e físicas. Esse medo, que é de uma importância tremenda na vida mental da menininha, vai fortalecer ainda mais os vínculos que a ligam à mãe. Dá origem a um ímpeto a fazer restituição e devolver à mãe tudo que a menina tirou dela — ímpeto que encontra expressão em numerosas sublimações de um tipo especificamente feminino" (p. 226)[197]. A contra-dádiva visa mais a restituição do produto de um roubo do que propriamente de uma dádiva da mãe. Daí o

[197] "In having thus destroyed her mother she has, she believes, completely demolished that reservoir from which she draws the satisfaction of all her moral and physical needs. This fear, which is of such tremendous importance in the mental life of the small girl, goes to strengthen still further the ties that bind her to her mother. It gives rise to an impulsion to make restitution and give her mother back all that she has taken from her—an impulsion which finds expression in numerous sublimations of a specifically feminine kind" (Klein, 1932a).

medo. Quanto ao impeto de restituição "(…) corre em sentido contrário a um outro ímpeto, também fortalecido pelo mesmo medo, de despojar a mãe de tudo que esta tem com a finalidade de salvar seu próprio corpo. Nesse estágio do seu desenvolvimento, portanto, a menina é governada por uma compulsão de simultaneamente tomar e devolver" (p. 226)[198]. Então existem dois medos simultâneos ─ por um lado o medo da retaliação por causa de um roubo de conteúdos internos do corpo materno, por outro um medo de esvaziar por completo os conteúdos da mãe, conteúdos dos quais a menina depende para a sua própria sobrevivência. Para Klein (1932/1997), "Enquanto estão engajadas nessas atividades ou depois de as terem completado, as crianças muitas vezes mostram raiva, depressão ou desapontamento ou mesmo reações de tipo destrutivo, que são determinadas pelo medo de não serem capazes de fazer restituição. Uma ansiedade desse tipo, que é um obstáculo subjacente a todas as tendências construtivas, provém de várias fontes. A menina tomou posse, em fantasia, do pênis do pai, das fezes e das crianças e, então, devido ao medo do pênis, das crianças e dos excrementos que se instala com as suas fantasias sádicas, ela perde a fé nas qualidades boas deles. As perguntas que ocupam sua mente agora são: serão as coisas que ela devolve à mãe "boas", e será que ela pode devolvê-las corretamente no que diz respeito à qualidade e quantidade e mesmo no que diz respeito à ordem segundo a qual elas deveriam ser arrumadas dentro (pois isso também faz parte da precondição da restituição)? Novamente, se realmente acredita que devolveu direito e de verdade à mãe os conteúdos "bons" do seu corpo, ela fica com medo de ter posto em perigo a sua própria pessoa ao fazer isso" (p. 227)[199]. A questão que interessa colocar agora no contexto da tese que propomos é: como resolver estes dois

---

[198] "(…) runs counter to another impulsion, itself stimulated by the same fear, to take away everything her mother has got so as to save her own body. At this stage of her development, therefore, the girl is governed by a compulsion both to take away and to give back" (Klein, 1932a).

[199] "While they are engaged in these activities or after they have completed them, children will often show rage, depression or disappointment, or even reactions of a destructive kind. Anxiety of this kind, which is an underlying obstacle to all constructive tendencies, arises from various sources. The girl has in imagination taken possession of her father's penis and faeces and children, and then, owing to the fear of penis, children and excrements that sets in with her sadistic phantasies, she loses faith in their rightness. The questions in her mind now are: will the things she gives back to her mother be 'good', and can she give them back properly as regards quality and quantity and even as regards the order in which they should be arranged inside (for that, too, is a necessary part of the act of restitution)? Again, if she does believe that she has well and duly given her mother back the 'good' contents of her body she becomes afraid of having endangered her own person by so doing" (Klein, 1932a).

medos no contexto da relação entre os sexos? As estruturas elementares do parentesco dizem-nos neste sentido que as mulheres denegaram estes medos fantasmáticos delegando nos homens a gerência dos seus fantasmas. Então os homens trocam as mulheres assegurando a adaptação social e a repressão da conflitualidade com a consequente pacificação intra-grupal das relações entre sexos.

Fundamento Paradoxal nas Estruturas Elementares do Parentesco

← Índice

Resumo: *As estruturas elementares do parentesco assentam num paradoxo que constitui a força motriz da sua (psico)dinâmica: a proibição universal do incesto requer a sua existência. Este paradoxo anuncia as forças contraditórias em que se encontra mergulhado o indivíduo das sociedades modernas enquanto representante, por um lado, da liberdade inerente às estruturas complexas assentes na livre escolha do objecto amoroso; por outro, eterno saudosista da lei e da ordem inerente às estruturas elementares do parentesco onde a angústia das vicissitudes inerentes à escolha objectal se encontra limitada dentro dos quadros da psicopolítica de alianças. Este mesmo paradoxo insanável é posteriormente entendido por Foucault no quadro da passagem do «dispositivo da aliança» (estruturas elementares do parentesco) ao «dispositivo da sexualidade» (estruturas complexas).*

Dupré (1981) sublinha a importância da lógica paradoxal na obra de Lévi-Strauss (1949/1973), na medida em que esta pressuporia como fundamento das sociedades o incesto e a sua simultânea proibição.

Do mesmo modo defendemos um processo de *double bind*[200] ou "duplo-vínculo" (Bateson, 1969/1987) constitutivo quer das alianças nas sociedades de estruturas elementares, quer do aparelho psíquico na constituição de alianças entre objectos internos. O desenvolvimento do aparelho psíquico pressupõe uma aceitação do incesto na formação do complexo de Édipo e a sua simultânea negação no processo da sua liquidação. Ao nível do Édipo, o *duplo-vínculo* pode ser interpretado como contradição entre o desejo pela mãe e a ordem de proibição pelo pai relativamente à pulsão sexual

[200] Para Bateson (1969/1987) todos os fenómenos do mundo vivo são produto do que o autor designa por «sindromes transcontextuais», aquelas que operam uma "tecedura" constante entre diferentes contextos ou classes na medida em que "Este entrelaçar de contextos e de mensagens que o contexto propõe ─ mas que, tal como todas as mensagens, tem 'significado' apenas em virtude do contexto ─ constitui o tema do chamado duplo-vínculo" (pp. 275-276). [Orig.: " "This weaving of contexts and of messages which propose context – but which, like all messages whatsoever, have "meaning" only by virtue of context – is the subject matter of the so-called double bind theory" (Bateson, 1969/1987, pp. 275-276)].

incestuosa do rapaz ou como contradição entre o desejo pelo pai e a competição simultânea com a mãe relativamente à pulsão sexual incestuosa da rapariga. Outro dos modos de interpretar o *double bind* em contexto edipiano seria admitir apenas a relação pai-filho. Assim, o pai constitui simultaneamente o modelo para os desejos do filho e o obstáculo aos desejos do mesmo. É a tese de Girard (1972), tese segundo a qual Freud (1923/1981) teria sido levado a teorizar a instância do «superego» como aquela onde a identificação com a autoridade paterna dilui os conflitos entre pai e filho existentes ao nível do «ego». O pai funciona paradoxalmente como modelo e obstáculo simultâneos na dinâmica dos processos de identificação prosseguidos pelo filho, ou seja, "O pai é o primeiro modelo e o primeiro obstáculo num mundo onde a dissolução das diferenças começa a multiplicar as ocasiões de *duplo-vínculo*" (Girard, 1972, pp. 259-260)[201]. Para Girard (1972), o indissolúvel *double bind* constitutivo das relações miméticas entre filho e pai teria sido artificialmente "eliminado" com a criação do «superego», pois "(…) para estabelecer a ditadura do Superego sobre bases inabaláveis, é suficiente eliminar o que tende a trazer de volta o objecto e a rivalidade na definição dele próprio. Restabelecemos assim plenamente uma ordem das coisas que é a do 'bom-senso' e que Freud simplesmente desacreditou. No Édipo, o pai é o rival infâme; não se trata de fazer dele um modelo venerado. Reciprocamente, no Superego, o pai é um modelo venerado, não se trata de fazer dele um rival infâme" (p. 255)[202].

Note-se como até aqui, embora Girard (1972) não salvaguarde este ponto, o superego se apresenta como uma metalinguagem da instância psíquica do «ego» enquanto linguagem descritiva objectal (ou linguagem de objectos).

Mas o paradoxo ou *duplo-vínculo* verificar-se-ia ainda noutra perspectiva ao nível da formação de alianças nas estruturas elementares do parentesco.

---

[201] "Le père est alors le premier modèle et le premier obstacle dans un monde où la dissolution des différences commence à multiplier les occasions de *double bind*" (Girard, 1972, pp. 259-260).

[202] "(...) pour établir la dictature du Surmoi sur des bases inébranlables, il suffit d'éliminer tout ce qui tend à ramener l'objet et la rivalité dans la définition de celui-ci. On rétablit pleinement, en somme, un ordre des choses qui est celui du "bon sens" et que Freud a seulement ebranlé. Dans l'Œdipe, le père est rival honni; il n'est donc pas question d'en faire un modèle vénéré. Réciproquement, dans le Surmoi, le père est un modèle vénéré, il n'est pas question d'en faire un rival honni" (Girard, 1972, p. 255).

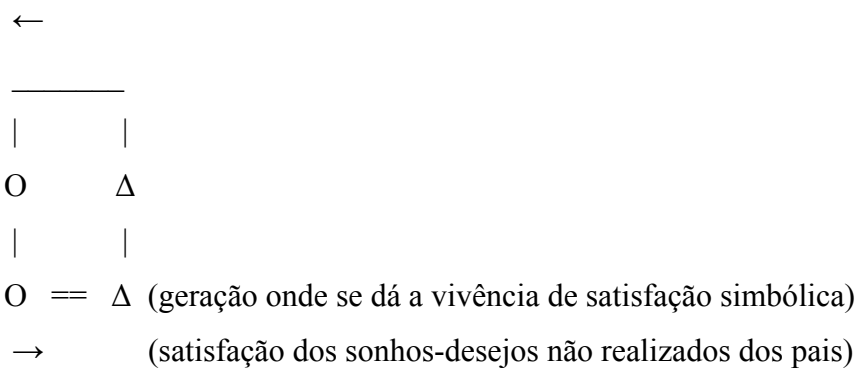
A questão condutora aqui consiste em averiguarmos sobre o porquê da aceitação, por parte de Lévi-Strauss, do fantasma da aliança patrilateral (incesto social) "roçar" a consciência social como um "remorso"? Na linha freudiana, esta aliança, já o vimos, corresponde a um desejo que constantemente pede realização. A nossa chamada de atenção, vai no entanto, para a possibilidade de a aliança patrilateral constituir um modelo daquilo que pode ser uma sociedade fechada (e um grupo interno de objectos no aparelho psíquico) num equilíbrio supostamente ocorrido num passado sempre procurado. Neste sentido, um dos teóricos dos sistemas de parentesco, Radcliffe-Brown (1940/1981), já tinha pressuposto (por inspiração freudiana) que a família constituía uma espécie de micro-sociedade, modelo para a sociedade em geral. Estamos a partir, naturalmente, do princípio de que a aliança patrilateral e o seu conteúdo latente incestuoso é o que mais se aproxima, com as devidas proporções, da família enquanto célula nuclear.

Queremos com isto dizer que o ideal da aliança matrilateral, o fim da sublimação, visa atingir por progressão um grupo de objectos inter-relacionados que mimem o melhor possível a relação primordial mãe-criança no útero. O paradoxo consiste em atingir por progressão (por outros meios) o que foi vivido (vivência de satisfação) regressivamente na relação uterina. É isto que nos ensinam as estruturas elementares do parentesco, embora com uma aparência cognitivista expressa nas relações binárias de oposição complementar entre aliança patrilateral e matrilateral.

A questão coloca-se agora da seguinte maneira: de que modo, nos termos das estruturas elementares do parentesco, é realizada a vivência de satisfação?

Esta questão torna-se mais delicada neste ponto, uma vez termos que saber se estamos a considerar a satisfação por via da descarga energética proporcionada pelo objecto (Freud, 1900/1981b) ou, neste caso, através de um grupo de objectos tal como previstos na configuração do átomo de parentesco, ou se estamos a considerar os objectos como tal e não a satisfação libidinal que proporcionam tomando em atenção as indicações de Fairbairn para quem "(...) há muito tempo que a investigação psicopatológica, que no

passado incidiu, sucessivamente, primeiro no impulso, e mais tarde no Eu, deveria agora incidir *no objecto* para o qual o impulso se dirige. (...) a libido (e na verdade 'impulso' em geral) (...) dirige [-se] essencialmente para os objectos (e não para o prazer)" (Fairbairn, 1943/2000b, p. 84)[203]. A teoria das estruturas elementares, devido à configuração inter-relacionada discreta dos objectos, aproxima-se mais da concepção fairbairniana, mas permite também integrar a vivência de satisfação na sua concepção energética tal como elaborada por Freud. Observemos então o diagrama da aliança patrilateral abaixo reproduzido:



A filha da irmã forma aliança (investe, a aliança é um investimento) com o filho do irmão. Os irmãos levam a cabo uma escolha objectal mútua deslocada (investida) nos seus filhos. As consequências podem, no entanto, ser as seguintes: neste casamento, a mãe ao «dar» a filha ao filho do irmão fica com o filho. O irmão, ao dar o filho à filha da irmã fica com a filha. Isto é o Édipo positivo ─ a mãe fica com o filho, o pai com a filha. O conteúdo manifesto da aliança mostra um afastamento mãe/filha e pai/filho, logo uma aparente renúncia à componente homossexual. O conteúdo latente da aliança patrilateral é composto pelo Édipo positivo.

O casamento patrilateral apresenta ainda a vantagem de conter em si a relação mãe-filho, relação sublinhada na literatura psicanalítica pós-freudiana.

[203] "(…) it is high time that psychopathological inquiry, which in the past has been successively focused, first upon impulse, and later upon the ego, should now be focused upon *the object* towards which impulse is directed (…) libido (and indeed 'impulse' in general) is directed essentially towards objects (and not towards pleasure)" (Fairbairn, 1943/1999a, pp. 60-61).

Podemos assim verificar que a geração descendente, na qual se dá a "satisfação simbólica" dos desejos incestuosos, é a projecção da vivência de satisfação (típica da relação mãe-filho) dos irmãos da geração ascendente, relativamente aos seus progenitores. Os filhos realizam fantasmaticamente a vivência de satisfação dos pais enquanto irmãos da geração ascendente. Segundo Freud (1915/1996f), "A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram" (p. 98)[204] e Fortes (1949) confirma-o por exemplo entre os *Tallensi* onde os filhos residem relativamente aos pais numa situação de identificação conflituosa, em nosso ver situação de *duplo-vínculo* na medida em que "*As crianças constituem a realização da vida dos seus pais ─ e ao mesmo tempo sentem-se de algum modo como os rivais dos seus pais* [itálico nosso]. Os pais sofrem e desgastam-se em dar vida ao seu filho. São eles que lhe dão um lugar na sociedade. Mas o filho nunca escapa do constrangimento que eles lhe impõem. Nas relações que mantêm, pais e filhos têm de lidar com sentimentos e motivos conflituosos manifestos ou latentes assim como com a pressão de forças sociais divergentes" (p. 197)[205]. As gerações descendentes, receptáculos críticos[206] da transmissão psíquica das gerações ascendentes, realizarão os sonhos destas nos moldes da relação de objecto enquanto escolha objectal sublimada entre primos cruzados imposta pelas alianças patrilaterais e matrilaterais. As estruturas elementares são portanto um caminho indirecto para a sublimação do desejo incestuoso. Segundo Freud (1900-01/1996), "(...) toda a complexa actividade de pensamento que se desenrola desde a imagem mnémica até o momento em que a identidade perceptiva é estabelecida pelo mundo exterior, toda essa actividade de pensamento constitui simplesmente um caminho indirecto para a realização de desejo, caminho esse que a experiência tornou necessário" (p. 595)[207]. Se colocarmos

---

[204] "The child shall fulfil those wishful dreams of the parents which they never carried out" (Freud, 1914/1991, p. 85).

[205] "*Children are the fulfilment of their parents' life -and at the same time felt to be in some way their parents' rivals* [itálico nosso]. Parents suffer and spend themselves to give life to their child. They provide for him and fix his place in society. But he can never escape from their constraint. In all their relations with each other parents and children have to cope with actually or potentially conflicting motives and sentiments as well as with the pull and pressure of divergent social forces" (Fortes, 1949, p. 197).

[206] Ver o conceito de «aparelho de interpretar» em (Freud, 1912-13/1996, p. 160).

[207] "(…) all the complicated thought-activity which is spun out from the mnemic image to the moment at which the perceptual identity is established by the external world — all this activity of thought merely

as imagens mnésicas como um dos suportes ou significantes através dos quais são transmitidos os conteúdos psíquicos entre gerações e na base do que Green designou por "reverberação mnésica"[208] intergeracional (Green In Baranes, 1993, p. 183) – problema da transmissão psíquica intergeracional (Freud, 1913/1981b; Lewin, 1968)[209] –, tendo em atenção a sua componente biofilogenética, então perspectivaremos as estruturas elementares do parentesco nomeadamente na sua dimensão de aliança entre primos cruzados como tentativa de resolução do incesto através do pensamento humano e, particularmente, através do que Freud (1900-01/1996) designa por "identidade de pensamento", conceito que descreve um procedimento por meio do qual "O processo primário [se] esforça por promover uma descarga da excitação, a fim de que, com a ajuda da quantidade de excitação assim acumulada, possa estabelecer uma "identidade perceptiva" [com a vivência de satisfação]. O processo secundário, contudo, abandonou essa intenção e adoptou outra em seu lugar — o estabelecimento de uma "identidade de pensamento" [com aquela vivência]. O pensar, como um todo, não passa de uma via indirecta que vai da lembrança de uma satisfação (lembrança esta adoptada como uma representação-meta) até [um investimento idêntico] da mesma lembrança (...)" (p. 628)[210]. Trata-se de uma identidade de pensamento, note-se, sempre assente numa identidade de percepção na medida em que é esta última que constitui o suporte material (o significante) responsável pela transmissão psíquica entre gerações e constituinte dos vários mecanismos de defesa. Perguntava Fontanari (2003) "Como pode um aparelho psíquico ocupar mais de um corpo?" (p. 8), questão colocada no paradigma da psicanálise das configurações vinculares. Respondemos que o faz na medida em que o aparelho psíquico da segunda tópica freudiana visa a unificação dos corpos biológicos através da

---

constitutes a roundabout path to wish-fulfilment which has been made necessary by experience" (Freud, 1900/1981b, pp. 566-567).

[208] "réverbération mnésique entre générations" (Green In Baranes, 1993, p. 183). A obra de Green que Baranes cita é «Temps et memoire», *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 41, p.179-205, 1990.

[209] Lewin (1968), ao considerar a importância das imagens visuais, desenvolve uma concepção das coisas que acaba por retomar a tese de Freud, em *Totem e Tabu*, referindo que o conteúdo latente das imagens dos sonhos da humanidade actual em muito se aproxima do conteúdo manifesto da realidade concreta da humanidade pré-histórica.

[210] "The primary process endeavours to bring about a discharge of excitation in order that, with the help of the amount of excitation thus accumulated, it may establish a 'perceptual identity' [with the experience of satisfaction]. The secondary process, however, has abandoned this intention and taken on another in its place — the establishment of a *thought* identity' [with that experience]. All thinking is no more than a circuitous path from the memory of a satisfaction (a memory which has been adopted as a purposive idea) to an identical cathexis of the same memory" (Freud, 1900/1981b, p. 602).

sua troca recíproca, troca fenomenológica e estruturalmente expressa nas estruturas elementares do parentesco. A dialéctica paradoxal entre a pulsão de vida e pulsão de morte (Freud, 1920/1981) está estruturada nas estruturas elementares: na medida em que o aparelho psíquico subjaz à unidade primordial perdida mas sempre procurada entre mãe e criança, esta procura faz-se na medida em que promove a diversidade anti-incestuosa através das alianças translinhageiras, mas simultaneamente fá-lo segundo um modelo de unidade que é a negação da própria vida social – o narcisismo primário típico da relação mãe-criança (objecto perdido). As estruturas elementares do parentesco constituem assim a primeira racionalização sobre o objecto materno perdido, aquele que aquele que Freud (1912/1996) referia estar, afinal, eternamente perdido sendo somente acessível através de uma permanente substituição de objectos entre si, pois " (...) em consequência da irrupção bifásica da escolha de objecto, e da interposição da barreira contra o incesto, o objecto final do instinto sexual nunca mais será o objecto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo. A psicanálise revelou-nos que quando o objecto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objectos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa" (p. 194)[211]. Esta "sucessão infindável de objectos substitutos" encontra-se nos sistemas de parentesco assentes nas estruturas elementares do parentesco enquanto primeiro sistema organizador da classificação das relações de objecto entre seres humanos, primeiro na realidade externa e depois na realidade interna do aparelho psíquico. A procura da "satisfação completa" já está inscrita no cerne das estruturas elementares do parentesco na medida em que é anunciada pela

[211] "(…) as a result of the diphasic onset of object-choice, and the interposition of the barrier against incest, the final object of the sexual instinct is never any longer the original object but only a surrogate for it. Psycho-analysis has shown us that when the original object of a wishful impulse has been lost as a result of repression, it is frequently represented by an endless series of substitutive objects none of which, however, brings full satisfaction" (Freud, 1912/1981, p. 189).

Lacan (1954-55/1992) irá mais tarde sublinhar a importância desta tese para a psicanálise ao referir que " (…) o objecto da busca humana nunca é um objecto de reencontros no sentido da reminiscência. O sujeito não reencontra os trilhos pré-formados de sua relação natural com o mundo exterior. O objecto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objecto. (…) o sujeito tem sempre de reconstituir o objecto, ele procura reencontrar-lhe a totalidade a partir de sei lá que unidade perdida na origem. Esta simbólica construção teórica – que as primeiras descobertas sobre o sistema nervoso sugerem a Freud na medida em que são aplicáveis à sua experiência clínica – já deixa pressagiar o que temos de chamar de alcance metafísico de sua obra (1954-55/1992, p. 174).

aliança matrilateral integradora de novos grupos e promotora de uma concepção do aparelho psíquico assente no ideal de uma humanidade aliada entre si, casada entre si, ideal de uma aliança total nunca atingido. Por seu turno a substituição de objectos típica do paradigma da relação de objecto em psicanálise mas também do trabalho do sonho ao serviço da distorção e da censura do desejo encontra também a sua fenomenologia nos sistemas de parentesco classificatório como quando Lévi-Strauss (1949/1982)[212] nos revela que "Numerosas sociedades praticam, por ocasião do casamento, a confusão das gerações, a mistura das idades, a inversão dos papéis e a identificação de relações aos nossos olhos incompatíveis. E como estes usos lhes parecem em perfeita harmonia com a proibição do incesto concebida às vezes de maneira muito rigorosa, é possível concluir, por um lado, que nenhuma dessas práticas exclui a vida da família, e de outro lado, que a proibição deve se definir por caracteres diferentes, que lhe sejam comuns através de suas múltiplas modalidades. Entre os *Chukchee*, por exemplo, 'a idade das mulheres trocadas em casamento pouco é levada em consideração. Assim, no rio *Oloi*, um homem chamado *QImIqäi* casou seu filho, de cinco anos de idade, com uma moça de vinte anos. Em troca deu sua filha, que tinha doze anos, e esta casou-se com um jovem de mais de vinte anos. A mulher do menino desempenhava o papel de ama, dava-lhe de comer e punha-o na cama...'. O autor cita também o caso de uma mulher casada com uma criancinha de dois anos, e que, tendo tido um filho de um "companheiro de casamento", isto é, de um amante oficial e temporário, dividia seus cuidados entre as duas criancinhas. 'Quando dava de mamar a seu bebé dava também de mamar a seu marido-bebé... e neste caso, o pequeno marido tomava com satisfação o seio de sua mulher. Quando pedi que me explicassem o comportamento da mulher, o Chukchee respondeu: Quem sabe? Talvez seja um meio mágico para assegurar o futuro amor de seu jovem marido'. É certo, em todo caso, que estas uniões na aparência inconcebíveis são compatíveis com um folclore de exaltado romantismo, cheio de paixões súbitas, de Príncipes Encantados e de Belas Adormecidas no Bosque, de belezas ciumentas e de amores triunfantes. Conhecem-se fatos análogos na América do Sul[213]' " (pp. 527-528)[214].

---

[212] Apoiado em W. Bogoras, *The Chukchee,* Jesup North Pacific Expedition*,* vol, 9. (Memoirs of the Americain Museum of Natural History*,,* vol. 11, 1904-1909), p. 517.

[213] Aqui Lévi-Strauss apoia-se em P. A. Means, *Ancient Civilizations of the Andes,* Nova Iorque 1931, p. 360.

Assim, as trocas de mulheres entre homens na constituição de alianças ao nível das estruturas elementares constitui uma expressão do processo secundário freudiano aplicado a unidades sociais que na forma de átomos de parentesco visam ser integradas em "unidades maiores" (Freud, 1921/1996, p. 112)[215], "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[216] ultrapassando assim a inércia ou movimento centrípeto que os membros de cada família desenvolvem relativamente a esta, na medida em que "o casal basta-se a si mesmo, e (...) as famílias resistem à inclusão em associações mais amplas" (Freud, 1932/1996c, p. 133)[217].

Mas para que isto suceda, que visam afinal as estruturas elementares do parentesco? Já o vimos, a obtenção de uma solidariedade psicossocial (integração de novos grupos na cadeia de alianças) que promova tendencialmente, através da troca de seres humanos e objectos, a unidade nunca completamente conseguida dos seres humanos entre si. A solidariedade social, o grau de coesão dos indivíduos entre si, foi tipologizada por Durkheim (1897/1989) em *solidariedade mecânica* e *solidariedade orgânica*. Corresponde ao conceito de *valência* enquanto operador dos *grupos básicos* em Bion (1948-51/1970) e ao ego e superego[218] freudianos. Durkheim (1897/1989), tal como Freud, admite duas consciências que representam as duas formas de solidariedade que se

---

[214] "Chez les Chukchee, par exemple, «l'âge des femmes échangées en mariage n'est guère pris en considération. Ainsi, sur la rivière Oloi, un homme nommé *QimIqäi* maria son fils, âgé de cinq ans, à une fille de vingt ans. En échange il donna sa nièce qui avait douze ans, et celle-ci épousa un jeune homme de plus de vingt ans. La femme du petit garçon jouait le rôle de nourrice, le faisait manger elle-même et le mettait au lit...». L'auteur cite aussi le cas d'une femme mariée à un bébé de deux ans et qui, ayant elle-même un enfant d'un «compagnon de mariage», c'est-à-dire d'un amant officiel et temporaire, partageait ses soins entre les deux nourrissons: «Quand elle allaitait son bébé, elle allaitait aussi son mari-bébé ... Et dans ce cas, le petit mari prenait volontiers le sein de sa femme. Quand je demandai qu'on m'expliquât la conduite de la femme, le Chukchee répondit: Qui sait? Peut-être est-ce un moyen magique pour s'assurer le futur amour de son jeune mari». Il est certain, en tout cas, que ces unions en apparence inconcevables sont compatibles avec un folklore d'un romantisme exalté, tout plein de coups de foudre, de Princes Charmants et de Belles au Bois Dormant, de beautés farouches et d'amours triomphantes. On connaît des faits analogues en Amérique du Sud" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 558).

[215] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).

[216] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).

[217] "Lovers find sufficiency in each other, and families too resist inclusion in more comprehensive associations" (Freud, 1932/1981d, p. 134).

[218] Para mais relações entre o conceito de superego em Freud e a teoria dos sistemas sociais (ver Parsons, 1993).

interpenetram no indivíduo: a individual – solidariedade orgânica, que "não nos representa senão a nós naquilo que temos de pessoal e distinto, naquilo que faz de nós um indivíduo" (1897/1989, p. 151)[219] –, e a colectiva – solidariedade mecânica, "comum a todo o nosso grupo, que, por consequência, não se reduz a nós próprios, mas é a sociedade viva e actuante em nós" (1897/1989, p. 151)[220]. A solidariedade mecânica (imperativo superegóico) aproxima-se dos estados fusionais e do "sentimento oceânico" (Freud, 1929/1981, p. 73)[221] com restauração do narcisismo primário. Acontece que esta unidade já foi biopsicologicamente vivida pela criança com a respectiva mãe em estado intra-uterino. A coincidência entre o narcisismo primário (aproximativamente representado pela aliança patrilateral) e a sublimação (aproximativamente representada pela aliança matrilateral) constitui, noutra linguagem, o «paradoxo» de que falamos. A sublimação pressupõe o narcisismo primário na condição de o ultrapassar. Mas a sublimação expressa-se por um mecanismo de escolha e regulação objectal que tende para uma harmonia cujo modelo apenas foi experimentado individualmente em estado intra-uterino, estado incestuoso em última análise.

O que está em jogo aqui é o papel das estruturas elementares como organizador psíquico superestrutural do objecto (materno) perdido. A interpretação que Lacan (1965-66/1998) dava da tese de Freud, para quem "A teoria [das pulsões] é, por assim dizer, nossa mitologia. [As pulsões] são entidades míticas, [magníficas na] sua imprecisão" (Freud, 1932/1996b, p. 98)[222], teria um enquadramento diferente na nossa abordagem uma vez passarmos a colocar directamente nas alianças entre objectos internos e externos no contexto das estruturas elementares um ideal mítico de uma humanidade casada entre si, aliada entre si, na forma de um limite matemático para o qual as alianças objectais tendem mas nunca atingem na sua plenitude. Segundo Lacan (1964/1998), "As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comummente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo,

[219] "(…) qui ne représente au contraire que nous dans ce que nous avons de personnel et de distinct, dans ce qui fait de nous un individu " (Durkheim, 1893/1967, p. 121).
[220] "(…) qui nous est commune avec notre groupe tout entier, qui, par conséquent, n'est pas nous-même, mais la société vivant et agissant en nous" (Durkheim, 1893/1967, p. 121).
[221] "oceanic feeling" (Freud, 1929/1991, p. 252).
[222] "The theory of the instincts is so to say our mythology. Instincts are mythical entities, magnificent in their indefiniteness" (Freud, 1932/1981c, p. 95).

reproduzindo nele a relação do sujeito com o objecto perdido" (Lacan, 1964/1998, p. 867). Vê-se que esta é uma concepção bem inspirada em Lévi-Strauss. No paradigma psicanalítico fundador da teoria pulsional energética as pulsões seriam como mitos na medida em que se referem a um passado constitutivo da vida do indivíduo, mas permanecem no presente, actualizando o passado e determinando o futuro. O mesmo se aplica às estruturas elementares do parentesco encaradas pelo prisma da relação de objecto pois a substituição dos objectos entre si, objectos correspondentes às figuras topológicas do parentesco, visam segundo diferentes mas finitas combinatórias a reconstituição dos traços mnésicos deixados pela relação primordial com o objecto primário materno. Estas reconstituições são míticas no sentido em que modelam o presente e o futuro em função de um passado perdido pois "Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: "antes da criação do mundo", ou "durante os primeiros tempos", em todo caso, "faz muito tempo". Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro" (Lévi-Strauss, 1955/1970, p. 241)[223].

Chegados a este ponto podemos dizer que durante a análise das estruturas elementares do parentesco nos situamos numa constante tentativa de formalização de uma questão que se pode enunciar nestes termos: terão os objectos internos do aparelho psíquico começado por ser objectos externos?

Sobre a pretensa morte do pai pelos irmãos expulsos da horda, referiu Freud que "a realidade psíquica (...) coincidiu no princípio com a realidade concreta" (Freud, 1912-13/1996)[224]. Em princípio, a questão que formulámos acima estaria respondida. O que interessa, no entanto, prestando fidelidade à metodologia que até agora temos seguido é partirmos do presente das estruturas elementares do parentesco tal como até aqui

[223] "Un mythe se rapporte toujours à des événements passés: «avant la création: du monde» ou « pendant les premiers âges» en tout cas: «il y a longtemps». Mais la valeur intrinsèque attribuée au mythe provient de ce que ces événements, censés se dérouler à un moment du temps, forment aussi une structure permanente. Celle-ci se rapporte simultanément au passé, au présent et au futur" (Lévi-Strauss, 1955/1958, p. 231).
[224] "psychical reality (…) coincided at the beginning with factual reality" (Freud, 1913/1981b, p. 161).

descritas e, regressivamente, seguindo princípios básicos freudianos, vislumbrarmos numa espécie de realidade virtual aquilo que poderia ter sido esse ponto alfa do aparelho psíquico que tendo coincidido no início com os seus objectos externos os interiorizou posteriormente. Trata-se de uma espécie de «quadro onírico experimental» deduzido a partir das estruturas elementares do parentesco, segundo alguns dos princípios do processo primário a fim de verificar e comparar o resultado final com as referidas estruturas.

Recordemo-nos que já antes de Lévi-Strauss (1949/1973) se ter munido da noção de «oposição complementar» e de «simetria» para análise dos sistemas de parentesco, Freud (1900-01/1996) tinha usado para o processo de interpretação dos sonhos a ideia de que "no próprio pensamento inconsciente, toda cadeia de ideias está atrelada a seu oposto contraditório" (p. 501)[225] e que "A oposição entre dois pensamentos, a relação de inversão, pode ser representada nos sonhos de maneira realmente notável. Pode ser representada pela transformação de outra parte do conteúdo onírico em seu oposto — como numa reflexão *a posteriori*" (p. 679)[226].

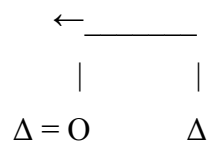
A noção de "reflexão *a posteriori*" concorda com a tese já defendida, tese segundo a qual as estruturas elementares do parentesco constituem uma "identidade de pensamento" via "processo secundário" com o objectivo de interditar o incesto. Embora tenhamos que reparar que, também por via da mesma "reflexão" ou "identidade de pensamento", se pode visar a negação do incesto afirmando-o simultaneamente segundo o mecanismo da denegação (Freud, 1925/1981a).

Retornemos à aliança patrilateral. Nesta, os objectos pertencentes à mesma geração são os componentes do já referido átomo de parentesco. O esquema fica como se segue:

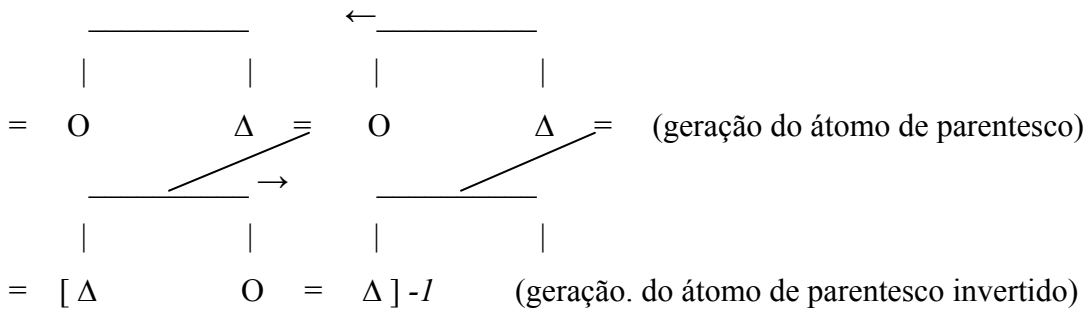
---

[225] "in unconscious thinking itself every train of thought is yoked with its contradictory opposite" (Freud, 1900/1981b, p. 468).

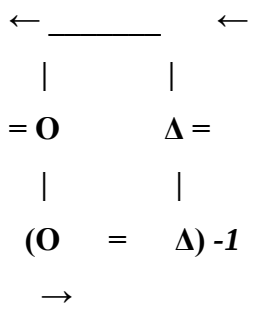
[226] "Opposition between two thoughts, the relation of *reversal,* may be represented in dreams in a most remarkable way. It may be represented by some *other* piece of the dream-content being turned into its opposite—as it were by an afterthought" (Freud, 1900/1981b, p. 661).



Por motivos de comodidade, suprimimos a criança na geração descendente uma vez que ela vai aparecer. A seta indica a direcção da cedência da mulher, da irmã pelo irmão ao cunhado. Neste caso, podemos induzir uma renúncia ao incesto entre irmãos: o irmão cede a irmã recebendo em troca uma mulher de outro homem. No entanto, permanecemos aqui ao nível das exigências formais da troca. Isto não impede que o homem que cede a mulher sua irmã não tenha pela mesma, no plano psicológico, desejos incestuosos. Vamos agora aplicar, porque são mecanismos do processo primário inconsciente, os princípios freudianos de "relação de inversão" e de "oposição de pensamentos". Deste modo, o irmão que tivesse pela irmã desejos incestuosos iria ser objecto da oposição entre dois pensamentos: obediência à imposição da troca de mulheres com a consequente renúncia à irmã (pensamento manifesto) e contenção do desejo incestuoso pela mesma (pensamento latente). O que é que se produziria em termos de realidade psíquica após a colisão destes dois pensamentos opostos na cadeia associativa? Produzir-se-ia, como realização de desejo, uma inversão dos lugares ocupados por cada uma das figuras objectais de parentesco na tópica do átomo de parentesco. O esquema devido à realização de desejo adquiriria assim a seguinte forma:



(Aliança Patrilateral)



(Quadrilátero Patrilateral)

Trata-se, como se pode observar, do reaparecimento da aliança patrilateral ou "incesto social" (Lévi-Strauss, 1949/1982)[227]. A novidade relativamente à exposição que já fizemos mais atrás sobre este tipo de aliança é que ela foi agora reconstruída com base num princípio de inversão de opostos identificado como propriedade do funcionamento do processo primário onírico. Pela inversão de opostos a relação entre a germanidade e a aliança da geração ascendente inverteu-se e transformou-se num átomo de parentesco invertido na geração descendente. Isto implica que, enquanto realização do desejo incestuoso recalcado na geração ascendente, o irmão passou a ocupar na geração descendente o lugar de marido da irmã na tópica do átomo de parentesco (deslocamento e substituição da germanidade pela aliança), o marido passou a ocupar o lugar de irmão da mulher (deslocamento e substituição da aliança pela germanidade) e a irmã o lugar de mulher do irmão (deslocamento e substituição da germanidade pela aliança). Nesta

[227] "inceste social" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 68, 523, 561).

configuração o que acontece é que, como já referido, o irmão em termos reais fica representado pelo filho, a irmã pela filha, e a aliança entre os dois primos cruzados dá origem à aliança patrilateral (quadrilátero patrilateral) enquanto incesto deslocado («incesto social») para a geração descendente. Deste modo, a aliança patrilateral dos primos cruzados apresenta um conteúdo manifesto numa proibição concreta do incesto entre irmãos, mas simultaneamente retém no conteúdo latente o desejo não directamente satisfeito do incesto entre irmãos e, a um nível mais profundo ainda, esconde um conteúdo latente formado pelo Édipo positivo (a mãe liberta a filha para a troca e fica com o filho, o pai liberta o filho para a troca e fica com a filha).

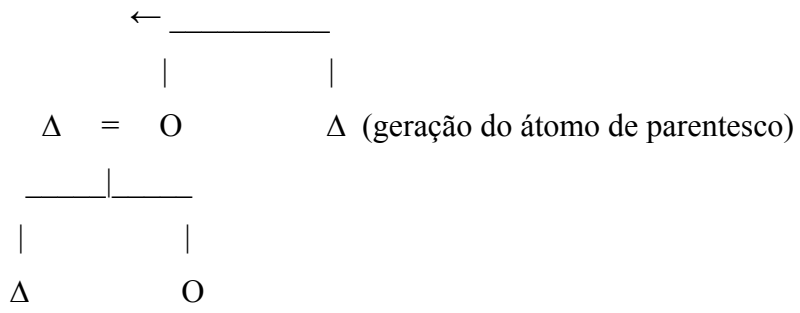
Esta é a explicação pormenorizada daquilo que Bonaparte (1934) já tinha intuído sobre a tese de Freud (1913/1981b) em *Totem e Tabu* quando sobre relações as entre alguns dos mecanismos do processo primário (condensação e deslocamento) e as nomenclaturas de parentesco adiantou que "Se o primitivo submetido à exogamia não tem o direito de ter relações sexuais com as mulheres do seu clã, é porque estas mulheres são todas, por deslocamento, por contágio se assim podemos dizer, mulheres da sua família, «mães» ou «irmãs». Seria um incesto amplificado que ele cometeria caso acasalasse com elas. Do mesmo modo, no totemismo, a veneração do animal totem, a protecção que acreditamos ser por ele dada aos do seu clã, e a interdição de o matar, entre outras características, mostram-nos que o totem (qualificado como ancestral pelos primitivos do seu clã) é para eles um substituto do «pai». A antiga defesa edipiana relativa ao parricídio deslocou-se para o animal totem" (pp. 21-22)[228]. Quando aplicamos os mesmos mecanismos à teoria de Lévi-Strauss fazêmo-lo com a consciência de que a natureza da operação é a mesma daquela indicada por Freud (1913/1981b) e Bonaparte (1934), mas o alcance e a interpretação dos resultados é outra, pois usa uma teoria baseada em evidências empíricas, teoria que não existia na altura em que o criador da psicanálise viveu.

[228] "Si le primitif soumis à l'exogamie n'a pas le droit d'avoir des rapports sexuels avec les femmes de son clan, c'est que ces femmes sont toutes, par "déplacement", contagion si l'on peut dire, des femmes de sa famille, des "mères" ou des "sœurs". C'est un inceste élargi qu'il commettrait en s'accouplant à elles. De même, dans le totémisme, la vénération de l'animal totem, la protection que l'on croit qu'il accorde à ceux de son clan, et l'interdiction de le tuer, et bien d'autres indices encore, font voir que le totem (lequel est expressément qualifié par les primitifs d'ancêtre de leur clan) est pour eux un substitut du "père". C'est l'antique défense œdipienne du parricide qui s'est "déplacée" sur l'animal totem" (pp. 21-22).

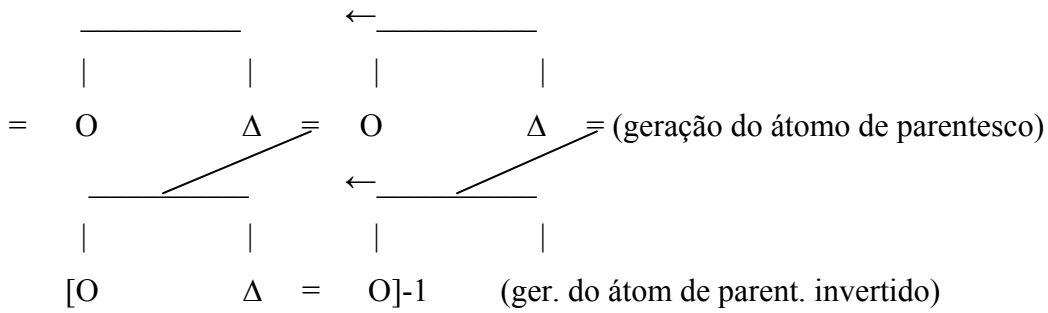
A dialéctica entre a filiação / descendência e a aliança, no esquema acima reproduzido, ensina-nos ainda que a substituição da aliança pela germanidade (filiação) após inversão do átomo de parentesco via processo primário mostra que o fundamento da aliança é afinal a solidariedade típica da filiação – metáfora dos homens como «irmãos» uns dos outros (Mitchell, 2000) –, e que a substituição da germanidade pela aliança mostra que a última contém uma componente de satisfação de desejo da primeira reafirmando-a, portanto. Ou seja, em termos psicodinâmicos a questão não é a da precedência ou não da filiação sobre a aliança, mas de dialéctica entre ambas, para além daquilo que postula a teoria das estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss (1949/1973).

Considerámos o quadrilátero patrilateral da aliança patrilateral no qual verificámos a latência do Édipo positivo. O passo seguinte é mostrar, seguindo os mesmos princípios freudianos explanadores do processo de formação onírica, como se dá a transformação do Édipo positivo de um conteúdo latente na configuração da aliança patrilateral para um conteúdo manifesto da aliança matrilateral.

Passemos a reproduzir novamente a geração do átomo de parentesco:

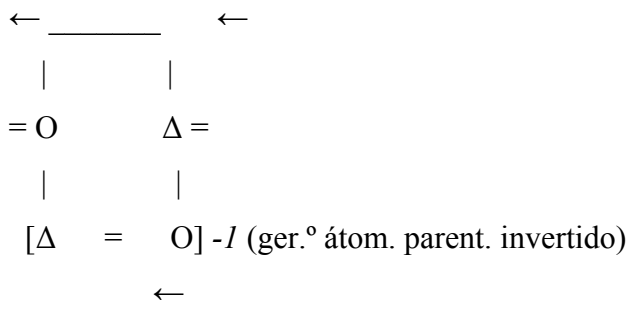


Vejamos segundo o mecanismo de inversão dos opostos, enquanto realização de desejo, como fica a geração descendente:



(Aliança Matrilateral)

O quadrilátero matrilateral refere-nos agora que houve transformação da germanidade em aliança, mas o irmão continuou a fazer a dádiva da irmã a outro homem o que implica que a mulher a quem se aliou veio de outro átomo de parentesco e, portanto, a direcção da troca de mulheres manteve-se da geração ascendente para a geração descendente. Contrariamente ao quadrilátero patrilateral, no matrilateral houve inversão dos sexos dos objectos nas linhas de filiação:



(Quadrilátero Matrilateral)

Se quisermos interpretar a aliança produzida em termos de quadrilátero matrilateral podemos verificar que a mãe da geração ascendente libertou o filho para aliança na geração descendente e o pai libertou a filha. Num capítulo anterior referimos esta nova configuração como o conteúdo manifesto da liquidação do Édipo na geração descendente. Vamos, momentaneamente, pensar só nos quatro objectos do quadrilátero. É como se a aliança da geração descendente se desse entre as partes masculinas e femininas recalcadas dos objectos da geração ascendente. É como se o filho da mulher correspondesse à imago

masculina da mãe (ou da irmã) e a filha do homem correspondesse à imago feminina do pai (ou do irmão). Houve uma aliança de imagos parentais na geração dos filhos. Tanto o pai quanto o irmão renunciaram à filha/irmã, quanto a mãe/irmã renunciaram ao filho/irmão.

Estamos assim perante um dos primeiros fenómenos do mundo psicossexual elaborados por Freud após sugestão de Fliess: a bissexualidade. Estamos agora em condições de entender uma enigmática afirmação do criador da psicanálise num paradigma mais alargado das estruturas elementares do parentesco e das relações de objecto. Numa carta a Fliess, datada de 1 de Agosto de 1899, referia Freud: "Mas a bissexualidade! É claro que você tem razão quanto a ela. Estou-me acostumando a encarar cada acto sexual como um processo em que há quatro indivíduos envolvidos" (Freud, 1899/1986, p. 365).

A novidade não consiste em dizer que estes quatro indivíduos são formados, além dos dois envolvidos, pelas duas imagos parentais de cada um. O que interessa notar é que a aliança entre dois indivíduos e suas respectivas imagos corresponde às configurações de dois átomos de parentesco compostos entre si após uma inversão de opostos das suas relações de germanidade e aliança manifestadas numa correlação patrilateral ou matrilateral de quatro objectos cada. E sendo o "complexo de Édipo (...) completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, (...) devido à bissexualidade originalmente presente na criança" (Freud, 1923/1996, p. 45)[229], este ficará automaticamente integrado na relação de objecto tal como mostrado nas estruturas elementares do parentesco ─ por um lado Édipo negativo latente e Édipo positivo manifesto na aliança matrilateral do ciclo longo da troca de objectos, por outro Édipo positivo latente e negativo manifesto na aliança patrilateral do ciclo curto da troca de objectos.

[229] "(…) Oedipus complex, which is twofold, positive and negative, and is due to the bisexuality originally present in children" (Freud, 1923/1981, p. 33).

A Bissexualidade e a Troca nas Estruturas Elementares do Parentesco

← Índice

Outra conclusão a tirar deste exercício consiste na troca enquanto resultado da bissexualidade e da ambivalência por esta trazida. Afinal, é como se cada ser humano enquanto ser bissexual contivesse em si uma potencialidade para a troca advinda da simultâneidade de imagos opostas complementares masculinas e femininas, potencialidade que marca a possibilidade de qualquer processo de futura socialização. Poder-se-ia dizer que os "fluxos" contínuos (por isso ambivalentes da filiação) são cortados pela "máquina" do "*socius*" expressa pelo jogo de alianças (Deleuze & Guattari, 1966/1996). Acontece que acaba por ser a filiação a comandar as alianças, não como Deleuze e Guattari (Deleuze & Guattari, 1966/1996) prevêem, mas devido à bissexualidade de cada ser humano tal como exemplificado nas estruturas elementares do parentesco.

Numa perspectiva mais sólida pode notar-se agora que o paradoxo inerente à proibição do incesto e à sua prévia suposição nas estruturas elementares do parentesco pode basear-se na bissexualidade enquanto fundamento da troca. É a bissexualidade que auto-referida a si própria supera o narcisismo primário e entra na sublimação da troca de objectos. Foi isto que expressámos dizendo que a socialização advém da oposição complementar de imagos masculinas e femininas no mesmo indivíduo, a "oposição entre masculino e feminino que se combina na bissexualidade" (Freud, 1905/1996, p. 151)[230]. O desenvolvimento da troca de objectos segundo as configurações dos quadriláteros patrilaterais e matrilaterais irá provocar a multiplicidade de níveis de linguagem inerente aos conflitos da vida psicológica e sociológica. A auto-referência da bissexualidade a si própria no mesmo indivíduo resulta na projecção das imagos em conflito para a realidade externa sob a forma das estruturas elementares da troca de objectos.

[230] "(…) opposing masculinity and femininity which are combined in bisexuality" (Freud, 1905/1981, p. 160).

A Histeria nas Estruturas Elementares do Parentesco

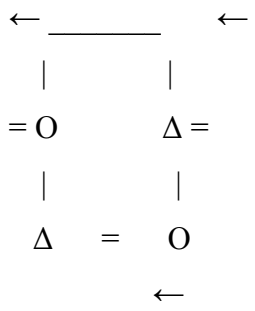
← Índice

Como entender a histeria equacionada no paradigma das estruturas elementares do parentesco? Algumas das contribuições de Freud poderão ter aqui um novo enquadramento. Para Freud (1908/1996a), " (...) há muitos sintomas onde a exposição de uma fantasia sexual (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de natureza sexual) não é suficiente para efectuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas fantasias sexuais, uma de carácter feminino e outra de carácter masculino" (p. 153)[231].

Se seguirmos os resultados a que chegámos poderemos contextualizar esta afirmação em termos de oposição complementar na relação de objecto matrilateral das estruturas elementares.

Deste modo entenderíamos a aliança como a referida "resolução de sintomas" na medida em que estariam em jogo a conjugação entre duas fantasias sexuais, uma masculina e outra feminina. A aliança seria a resolução ou formação de compromisso entre duas fantasias originadas na filiação, ou seja, na relação entre irmãos. O mecanismo da formação de compromisso revela um dos seus avatares nas estruturas elementares da troca de mulheres entre homens. Isto na medida em que cada linha de filiação de objectos femininos liberta, segundo a vontade masculina, uma mulher para outra linha de filiação na constituição da aliança. Tal implica que cada homem, nesta troca, vê designada para si uma inevitável "escolha de objecto" na medida em que a cada mulher cedida corresponde biunivocamente uma mulher recebida. Conforme o esquema abaixo do quadrilátero matrilateral,

[231] "(…) there are many symptoms where the uncovering of a sexual phantasy (or of a number of phantasies, one of which, the most significant and the earliest, is of a sexual nature) is not enough to bring about a resolution of the symptoms. To resolve it one has to have *two* sexual phantasies, of which one has a masculine and the other a feminine character" (Freud, 1908/1981a, p. 164).

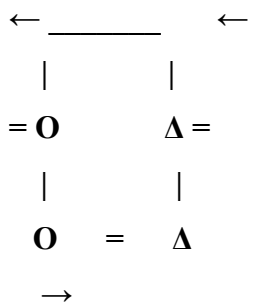


(Quadrilátero Matrilateral)

a aliança da geração descendente revela-se como a resolução sintomática das imagos dos pais da geração ascendente. A aliança entre a imago masculina da mãe e a imago feminina do pai representa assim "a união de duas fantasias libidinais de carácter sexual oposto" (Freud, 1908/1996a, p. 153)[232]. Além da solidariedade entre a formação onírica e a formação sintomática histérica (Freud, 1900/1981b), também a formação de parentesco mostra a sua ligação com as duas primeiras.

Apesar de ressalvar o duplo carácter feminino e masculino das fantasias sexuais, adianta Freud (1908/1996a) que "uma dessas fantasias origina-se de um impulso homossexual" (p. 153)[233]. Como explicar isto em termos de estruturas elementares? O quadrilátero matrilateral apresenta-nos uma aliança entre imagos representada por objectos heterossexuais. Teremos que supor, na linha do que já referimos, que recalcado temporariamente sob o quadrilátero matrilateral terá que estar o quadrilátero patrilateral enquanto representante da relação incestuosa dos objectos. Aqui entra a transmissão fantasmática edipiana negativa intergeracional, transmissão na qual o pai transmite a sua imago masculina ao filho e a mãe a sua imago feminina à filha, ambas retiradas da constituição bissexual de cada um dos progenitores por identificação, conforme o esquema do quadrilátero patrilateral abaixo representado:

[232] "(…) two libidinal phantasies of an opposite sexual character" (Freud, 1908/1981a, p. 165).
[233] "(…) one of these phantasies springs from a homosexual impulse" (Freud, 1908/1981a, p. 164).



(Quadrilátero Patrilateral)

Circuito fechado de deslocamento patrilateral do objecto

A aliança patrilateral dos primos implica no seu conteúdo manifesto uma identificação homossexual do filho com o pai e da filha com a mãe. Não obstante, como já concluímos, a aliança patrilateral recalca como potencialidade a sublimar a aliança matrilateral heterossexual.

O que interessa notar é que não só há identificação homossexual entre as imagos parentais e filiais, como o objecto de troca se desloca em circuito fechado numa «mesmidade» auto-referenciada. Para que o homem da geração ascendente recupere incestuosamente o objecto germano feminino terá que forçar uma identificação homossexual do seu filho consigo a fim de, por intermédio deste, captar a imago feminina da irmã do pai deslocada e condensada na filha dela. Ainda assim, esta aliança patrilateral revela-se como uma formação de compromisso na medida em que embora determinada pela geração ascendente permite a procura, ao nível da geração descendente, de um equilíbrio entre as imagos masculina e feminina – a prima cruzada patrilateral pode compensar a imago feminina enquanto produto da identificação com o objecto materno através da imago masculina do irmão da mãe deslocada e condensada no esposo, e o

esposo pode compensar a imago masculina enquanto produto da identificação com o objecto paterno através da imago feminina da irmã do pai deslocada e condensada na esposa.

Refere Freud (1908/1996a), relativamente aos sintomas histéricos, que "Estes nada mais são do que fantasias inconscientes exteriorizadas por meio da 'conversão'" (p. 151)[234] e que "quando os sintomas são somáticos, com freqüência são retirados do círculo das mesmas sensações sexuais e inervações motoras que originalmente acompanhavam as fantasias quando estas ainda eram conscientes" (Freud, 1908/1996a, p. 151)[235]. Se seguirmos o caminho até aqui traçado, poderemos ver na aliança interna entre objectos de filiação unilinear masculina e feminina uma possibilidade de reenquadramento do conceito de «conversão somática» entre uma fantasia e um sintoma corporal. A questão orientadora consiste em ver qual a posição topológica de «ego» no seio das estruturas elementares do aparelho psíquico. Se a identificação se der entre «ego» e a filiação unilinear do objecto feminino, então a conversão somática dar-se-á segundo a filiação unilinear do objecto masculino. Por exemplo, uma fantasia incestuosa com a mãe (e/ou mulheres pertencentes à filiação unilinear do objecto materno: tias, tias-avós, etc.) por parte de «ego» terá a sua "inervação motora" modelada segundo o objecto paterno (e/ou homens pertencentes à filiação unilinear do objecto paterno: tios, tios-avós, etc.). Esta histeria seria explicada deste modo como uma aliança entre, não apenas o objecto materno e o objecto paterno, mas entre as filiações extensas dos parentes componentes de cada uma delas. Estas filiações, já o dissemos, passariam pela configuração do átomo de parentesco interno. Assim, seria possível entender mais proficuamente a ideia avançada por Freud (1908/1996a) quando adianta que "No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus significados sexuais, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso,

[234] "Hysterical symptoms are nothing other than unconscious phantasies brought into view through 'conversion'" (Freud, 1908/1981a, p. 162).

[235] "(…) in so far as the symptoms are somatic ones, they are often enough taken from the circle of the same sexual sensations and motor innervations as those which had originally accompanied the phantasy when it was still conscious" (Freud, 1908/1981a, p. 162).

podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos significados sexuais, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela" (p. 154)[236].

Os múltiplos significados de um sintoma (sobredeterminação) estão ancorados numa aliança interna entre objectos de filiação materna e paterna, ou seja, a sobredeterminação corresponde a uma filiação bilateral interna. Sendo a filiação de cada objecto essencialmente bilateral no aparelho psíquico (ambivalência), torna-se compreensível que o deslocamento e a condensação de «ego» na genealogia psíquica dos objectos internos se sirva "da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela" (Freud, 1908/1996a, p. 154)[237], isto é, da filiação de um objecto masculino para a filiação de um objecto feminino ou vice-versa. Estes deslocamentos entre linhas de filiação objectal feminina ou masculina constituem os mecanismos de defesa, recalcamento e resistência que recortam a ambivalência dos objectos sobredeterminando-os através da aliança objectal nas filiações unilaterais masculinas e/ou femininas, isto é, nos quadriláteros de objectos patrilaterais (incesto) e matrilaterais (sublimação).

Nas estruturas elementares do parentesco temos, recordemo-nos, enquanto estruturas opostas complementares a aliança patrilateral (incesto social) e a aliança matrilateral (sublimação). Do ponto de vista regressivo, a aliança patrilateral enquanto representação do «incesto social» estaria mais próxima da constituição sexual dos seres humanos na qualidade de "experiência pré-histórica" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[238] e da

[236] "In psycho-analytic treatment it is very important to be prepared for a symptom's having a bisexual meaning. We need not then be surprised or misled if a symptom seems to persist undiminished although we have already resolved one of its sexual meanings; for it is still being maintained by the — perhaps unsuspected — one belonging to the opposite sex. In the treatment of such cases, moreover, one may observe how the patient avails himself, during the analysis of the one sexual meaning, of the convenient possibility of constantly switching his associations, as though on to an adjoining track, into the field of the contrary meaning" (Freud, 1908/1981a, p. 166).

[237] "(…) of the convenient possibility of constantly switching his associations, as though on to an adjoining track, into the field of the contrary meaning" (Freud, 1908/1981a, p. 166).

[238] "prehistoric experience" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).

"experiência infantil" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[239] pela qual todos passam e a aliança matrilateral mais próxima da "experiência casual (traumática) no adulto" (Freud, 1916-17/1996c, p. 365)[240]. Na Conferência XXIII sobre a formação de sintomas Freud (1916-17/1996c) usou inclusive para a explicação do conceito de "série complementar" um diagrama com os termos referidos relacionados em "árvore genealógica" (p. 364)[241]. Tal não aconteceu por acaso. Lévi-Strauss já tinha admitido que a aliança patrilateral "roça" a consciência como um "remorso" e que constitui uma tentação constante mesmo para as sociedades que praticam a aliança matrilateral com amplas capacidades de integração social de novos grupos. Isto só se explica, em nossa opinião, pelas dificuldades individuais psicodinâmicas que experimentam todos os indivíduos na liquidação do Édipo mesmo em sociedades que os obriguem a contrair aliança fora dos grupos de origem. Significa, portanto, que a aliança matrilateral pode constituir um trauma no sentido psicanalítico e assim formar uma série complementar com a aliança patrilateral nas estruturas elementares do parentesco. De onde extrapolamos a ideia segundo a qual toda e qualquer aliança entre objectos internos do aparelho psíquico constitui uma série complementar entre a filiação unilinear masculina e a filiação unilinear feminina de objectos internos: quando a "disposição devida à fixação da líbido" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[242] se dá numa filiação objectal feminina, a "experiência casual traumática" (Freud, 1916-17/1996c, p. 365)[243] está na filiação objectal masculina e vice-versa. A neurose, como produto final da "árvore genealógica" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[244] da formação de sintomas, está em alguma aliança objectal interna enquanto "causação da neurose" (Freud, 1916-17/1996c, p. 364)[245].

[239] "infantile experience" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[240] "accidental experience (traumatic) [adult]" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[241] "genealogical tree" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[242] "Disposition due to libido fixation" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[243] "Accidental experience (traumatic) [adult]" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[244] "genealogical tree" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).
[245] "Causation of Neurosis" (Freud, 1916-17/1981c, p. 362).

A Horda Primitiva e o Átomo de Parentesco Interno

← Índice

Referimos a bissexualidade como o fundamento paradoxal de auto-referência das estruturas elementares do parentesco e como a base da constituição de níveis hierárquicos nas alianças entre grupos e entre objectos internos do aparelho psíquico.

Recordemo-nos agora do encadeamento das teses de Darwin[246], Atkinson[247] e Robertson Smith (1894/2002) explicitamente usadas por Freud (1939/1996) − de Darwin, tomou "de empréstimo a hipótese de que os seres humanos originalmente viviam em pequenas hordas, cada uma das quais sob o governo despótico de um macho mais velho que se apropriava de todas as fêmeas e castigava ou se livrava dos machos mais novos, inclusive os filhos" (pp. 144-145)[248], de Atkinson tomou "a idéia de que esse sistema patriarcal terminou por uma rebelião por parte dos filhos, que se reuniram em bando contra o pai, o derrotaram e o devoraram em comum" (p. 145)[249] e de R. Smith presumiu que "a horda paterna cedeu lugar ao clã fraterno totêmico. A fim de poder viver em paz uns com os outros, os irmãos vitoriosos renunciaram às mulheres por cuja causa, afinal de contas, haviam matado o pai, e instituíram a exogamia" (p. 145)[250]. E sobre as relações entre a realidade psíquica e a realidade histórica, a respeito da morte do pai, Freud (1912-13/1996) é peremptório na afirmação da maior importância da primeira sobre a segunda: "O que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades" (pp. 160-161)[251], o que implica que "o simples impulso hostil contra o pai, a mera existência de uma fantasia — plena de desejo de matá-lo e devorá-lo, teriam sido suficientes para produzir a reação

[246] Darwin, C., *The Descent of Man*, Londres, 1871.
[247] Atkinson, J. J., *Primal Law,* Londres, 1903
[248] "(…) borrowed the hypothesis that human beings originally lived in small hordes, each of which was under the despotic rule of an older male who appropriated all the females and castigated or disposed of the younger males, including his sons" (Freud, 1939/1981, p. 131).
[249] "(…) the idea that this patriarchal system ended in a rebellion by the sons, who banded together against their father, overcame him and devoured him in common" (Freud, 1939/1981, p. 131).
[250] "(…) the father-horde gave place to the totemic brother-clan. In order to be able to live in peace with one another, the victorious brothers renounced the women on whose account they had, after all, killed their father, and instituted exogamy" (Freud, 1939/1981, p. 131).
[251] "What characterizes neurotics is that they prefer psychical to factual reality and react just as seriously to thoughts as normal people do to realities" (Freud, 1939/1981, p. 159).

moral que criou o totemismo e o tabu" (Freud, 1912-13/1996, p. 161)[252], o que permite concluir que deste modo "evitaríamos a necessidade de atribuir a origem de nosso legado cultural (...) a um crime odioso, revoltante para todos os nossos sentimentos" (Freud, 1912-13/1996, p. 161)[253].

Se tivermos em atenção a já referida constituição do átomo de parentesco enquanto formador da realidade psíquica objectal interna verificaremos que este comporta enquanto «núcleo» de quatro elementos inter-relacionados um elemento que simultaneamente ocupa uma posição na «periferia» deste – trata-se do «irmão da mãe» ou «tio materno». O irmão que nesta qualidade troca a irmã, renunciando ao incesto e instituindo a exogamia coincide com o grupo fraterno que substituiu a horda paterna, segundo Robertson Smith (1894/2002). Coincide ainda, na qualidade de «irmão» na periferia do átomo, com os irmãos expulsos pelo macho despótico que se apropriava das mulheres da horda (Darwin), e coincide, na qualidade de possível elemento conflituoso com o pai (cunhado) do sobrinho uterino com a tese de Atkinson sobre a revolta dos irmãos contra o pai.

O que interessa sublinhar aqui, na continuação de Freud e do que mais atrás defendemos mas com mais abrangência do que a tese de *Totem e Tabu*, é que a realidade psíquica impera sobre a realidade externa não apenas na medida em que envolve impulsos homicidas edipianos, mas sobretudo porque a dinâmica dos objectos internos é impulsionada por um operador de abertura da estrutura do átomo na qualidade de «tio materno» enquanto representante da troca interna de objectos. Note-se que este «tio materno» é também, tal como assegurado por muitas culturas entre as quais a dos Trobriand, um condensador e representante psíquico do pai fisiológico na qualidade de «pai classificatório» (Malinowski, 1927/2000) e muitas vezes em conflito com o primeiro (Spiro, 1982).

[252] "(…) the mere existence of a wishful *phantasy* of killing and devouring him, would have been enough to produce the moral reaction that created totemism and taboo" (Freud, 1939/1981, p. 160).
[253] "(…) avoid the necessity for deriving the origin of our cultural legacy, of which we justly feel so proud, from a hideous crime, revolting to all our feelings" (Freud, 1939/1981, p. 160).

Este «tio materno» enquanto lugar topológico no seio da estrutura do átomo psicoparental interno é o representante daquilo que Slöterdijk (1996) referiu por " (…) regras do casamento" entendidas "como uma espécie de política externa da horda" (p. 28). O átomo de parentesco interno constitui a herança filogenética dos conflitos necessários à internalização da realidade externa pelo aparelho psíquico em prol da sobrevivência deste. As hordas primitivas que agora residem nas profundezas do aparelho psíquico do homem moderno começaram por ser "ilhas flutuantes que [erravam] espontânea e lentamente sobre os rios da velha natureza – viradas para fora, contra o meio-ambiente, através da evolução revolucionária de técnicas de distanciamento, sobretudo pela original sincronia de fuga e contra-ataque, e viradas para dentro, apanhadas por um «efeito de estufa» emocional, o qual funde os membros da horda numa espécie de instituição psico-social total, através de ritmos, música, rituais, ciúme, excessos de vigilância e linguagem. Estes grupos podem designar-se por *ilhas-sociais,* porque sobressaem de facto, nos seus ambientes, como esferas animadas, rodeadas por um anel invisível de distanciamento que mantém afastada a pressão da velha Natureza sobre os corpos humanos. Debaixo dessa protecção, o *homo sapiens* pôde tornar-se num ser que evita conflitos com o exterior e os potencia no seu interior" (Slöterdijk, 1996, p. 20). São estes conflitos que, antes externos agora internos, as estruturas elementares do aparelho psíquico gerem na vivência do homem moderno. Homem que, submergido nas amarras do individualismo contemporâneo " (…) tende a tornar-se, também para si próprio, justamente um (e no) "sistema psíquico", tal como o retratam as descrições mais avançadas" (Slöterdijk, 1996, p. 75). É este "sistema psíquico", no entanto, que enquanto constituído pelo átomo de parentesco torna possíveis as novas formas de socialidade do futuro, mas também a "crise dos pais e do princípio genealógico" (Slöterdijk, 1996, p. 76) nas sociedades modernas constituídas pelas estruturas complexas do parentesco. É claro que a figura do tio materno na qualidade de trocador de mulheres e de pai classificatório, logo simbólico, acaba por assumir o lugar da autoridade e portanto dos seus possíveis representantes superegóicos. Não é certamente por acaso que Slöterdijk (1996, p. 47) acaba por atribuir ao superego enquanto conceito freudiano uma origem tão velha quanto a do império, da polis e respectivos deuses e mais velha até do que os monoteísmos formados por homens e

mulheres ao longo da história humana. Era entre estes que as estruturas elementares do parentesco mais se faziam sentir na sua condição imperativa de realidade externa.

O Núcleo e o Envelope ou Invólucro das Estruturas Elementares do Parentesco

← Índice

Esta posição levanta consequências teóricas metapsicológicas importantes, na medida em que o que estamos a propor aqui não é um raciocínio linear de causa-feito, do género «se...então», nem sequer um exercício virtual do tipo «como se...», mas algo que se aproxima do que Abraham (1967/2001) referiu quando teorizou à volta das relações entre o «núcleo» e o «envelope» a respeito da consciência no contexto do sistema perceptivo e do aparelho psíquico (primeira e segunda tópica), em Freud (1900/1981b). Assim, adiantamos desde já que o papel e as acções do «tio materno» enquanto objecto interno são resultado da "inscrição" do "Envelope" ou "Invólucro" das estruturas elementares dos objectos internos na medida em que expressam a troca e a "reciprocidade objectal" (Abraham, 1967/2001, p. 221)[254] na "periferia" do "Nucleo" do átomo de parentesco. O átomo de parentesco é a «horda primitiva interna» do aparelho psíquico.

Vejamos o caso concreto da sociedade Trobriand. Deve notar-se que o tio materno, usando o exemplo desta sociedade observada por Malinowski – mantendo ocultamente uma relação de conflito com o pai fisiológico, relação tão oculta que o próprio etnógrafo observador não a considerou –, se revela como o símbolo na própria acepção de Abraham (1974-75/2001): "o símbolo é o resultado de uma operação que permanece escondida" (p. 394)[255]. A operação que permanece escondida é o conflito do tio materno (como pai classificatório) com o cunhado (como pai fisiológico da criança), ou seja, conflito derivado da relação incestuosa recalcada com a irmã pois "não há tentação no caso da mãe, há uma tentação fortemente reprimida com relação à irmã" (Malinowski, 1927/2000, p. 90)[256] ou complexo nuclear irmão-irmã no qual "O irmão da mãe é que se acha investido da autoridade sobre os filhos" (Malinowski, 1927/2000, p. 23)[257]. Tendo em mente que o complexo irmão-irmã entre os Trobriand, tal como analisado por Jones (1924/1951), é um deslocamento do complexo de Édipo, então o Édipo fica enquadrado

[254] "reciprocité objectale" (Abraham, 1967/2001, p. 221).
[255] "Le symbole est le résultat d'une opération qui reste cachée" (Abraham, 1974-75/2001, p. 394).
[256] "(…) there is no temptation in the case of the mother, a violent and strongly repressed one towards the sister" (Malinowski, 1927/1937, p. 97).
[257] "The authority over the children is vested in the mother's brother" (Malinowski, 1927/1937, p. 10).

na rede alargada da troca e da reciprocidade devido à presença do tio materno enquanto operador de abertura da estrutura do átomo de parentesco. São os efeitos da filiação (contexto do Édipo) que ficam escondidos pelo tio materno enquanto símbolo da aliança na filiação (tio materno enquanto conteúdo latente na medida em que recalca o desejo incestuoso pela irmã e promove a aliança) e símbolo da filiação na aliança (tio materno enquanto conteúdo manifesto na medida em que desloca a filha da irmã para a aliança com o seu filho promovendo o incesto social). A figura do tio materno, em plenas estruturas elementares do parentesco, representa um «traço de memória» na qualidade de testemunha do desejo incestuoso da criança, que ele foi outrora, pelos pais, traço memorial que "responde literalmente à descrição freudiana do símbolo e do sintoma" (Abraham, 1967/2001, p. 220)[258]. E Abraham (1967/2001) conclui, referindo como característica do traço de memória a unidade entre percepção e fantasma: "Fantasma e percepção formam, enquanto traço memorial, uma unidade indissolúvel. É nisto que a sua estrutura é semelhante à do sintoma e do símbolo: tiram o seu ser da unidade que realizam entre exigências opostas: casca e núcleo" (p. 220)[259].

Trata-se agora de indicar exactamente em que consiste o Núcleo e o Envelope ou Periferia das estruturas elementares do parentesco.

É a relação entre consciência e aparelho perceptivo teorizada por Freud (1900/1981b) no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* e analisada por Laplache e Pontalis (1967/1994) que serve de modelo para os comentários de Abraham (1967/2001) sobre o núcleo e a periferia. Para Abraham o corpo pulsional é, em última análise, o núcleo orgânico ou núcleo primário incognoscível. Esta periferia é envolvida por outra à qual serve de núcleo – a segunda periferia funciona como inconsciente. Esta é envolvida por uma segunda periferia que envolve a primeira enquanto núcleo – corresponde ao pré-consciente. E o pré-consciente funciona como núcleo de uma terceira periferia envolvente

[258] "(...) répondrait littéralement à la description freudienne du symbole et du symptôme" (Abraham, 1967/2001, p. 220).
[259] "Fantasme et perception forment, en tant que trace mémorielle, une unité indissoluble. C'est en cela que leur structure est semblable à celle du symptôme et du symbole: ils tirent leur être de l'unité qu'ils réalisent entre des exigences opposées: Enveloppe et Noyau" (p. 220).

na qualidade de consciente. Há assim uma série de encaixes sucessivos entre um núcleo primário e suas periferias adjacentes, encaixes formadores da consciência e do próprio ego (Abraham, 1967/2001). Entre o núcleo do inconsciente e o envelope do pré-consciente define-se uma troca recíproca entre as pulsões do primeiro e as representações correspondentes do segundo. É neste espaço de trocas que se forma a denominada "reciprocidade objectal" (1967/2001, p. 221)[260].

A questão que se coloca nesta teorização de Abraham (1967/2001) é, em nossa opinião, a de saber que vantagens dela advêm relativamente ao que Freud já tinha adiantado sobre a problemática das relações entre a percepção e a consciência na *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1981b)? Julgamos que Abraham (1967/2001) tem alguma contribuição neste ponto e que a sua explicação merece ser retida. Trata-se do problema da unidade da consciência, da função sintética do ego relembrada por Freud (1912-13/1996), após a *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1981a, 1900/1981b), em *Totem e Tabu*: "Existe em nós uma função intelectual que exige unidade, conexão e inteligibilidade de qualquer material, seja da percepção ou do pensamento" (p. 105)[261]. Mas como esta unidade se manifesta desde logo ao nível da percepção que envia as sensações para o aparelho psíquico e ainda ao nível do consciente que as unifica sob a revisão secundária enquanto função intelectual, como não evitar o paradoxo de duas "unidades" aparentemente autónomas? E como explicar a unidade da consciência perante a diversidade de objectos no aparelho psíquico e seu mútuo conflito? Em última análise, como entender o fenómeno fundamental da consciência enquanto objecto de si própria?

A tensão entre incesto e sublimação que a figura do tio materno condensa nos quadriláteros matrilateral e patrilateral das estruturas elementares do parentesco constitui uma resposta arquetípica universal dos sistemas de parentesco ao problema da unidade da consciência levantado na *Interpretação dos Sonhos* de Freud (1900/1981a, 1900/1981b). Voltemos a Abraham (1974-75/2001): "O que é o símbolo? O símbolo é o resultado

[260] "reciprocité objectale" (Abraham, 1967/2001, p. 221).
[261] "There is an intellectual function in us which demands unity, connection and intelligibility from any material, whether of perception or thought" (Freud, 1913/1981b, p. 95).

duma operação que permanece escondida?" (p. 394)[262]. O que é que permanece escondido nas estruturas elementares do parentesco? A perda do objecto original, o objecto materno. Agora Abraham (1974-75/2001) introduz a dimensão onírica enquanto relação fundamental entre algo escondido (conteúdo latente) e algo que aparece como seu representante (conteúdo manifesto): "O que nos aparece por exemplo no simbolismo do sonho, é na realidade uma série de enigmas que valem pela sua alusão a outra coisa para além seu sentido manifesto. Ora, na sua origem, todo o símbolo é uma metáfora. Só pelo esquecimento forçado a metáfora se torna símbolo. É o recalcamento da sua orígem metafórica que faz o símbolo. E, certamente, o recalcamento da orígem implica um aparelho de recalcar. Quando as duas partes se reunem, o símbolo deixa de ser símbolo. A metáfora, de onde provem ela? Da incorporação do desgrampeamento original assim ultrapassado. A metáfora ao tornar-se símbolo (tendo uma parte perdida) realiza metaforicamente o corte. O símbolo no seu ser próprio é o analógico do corte (daquilo que lhe falta). Por outro lado ele pode ser definido pela semelhança do seu complemento relativamente ao que falta ao sujeito. Deste modo quando lhe restituímos a sua parte em falta, ele torna a transformar-se na sua metáfora de orígem. O símbolo é portanto uma dupla metáfora. Uma metáfora do que é cortado e uma metáfora do próprio corte" (p. 394)[263].

Pela metáfora o ser humano tem consciência do objecto perdido e da relação original mãe-criança e, ainda, é pela metáfora que teoriza a própria perda.

---

[262] "Qu'est-ce que le symbole? Le symbole est le résultat d'une opération qui reste cachée" (Abraham, 1974-75/2001, p. 394).

[263] "Ce qui nous apparaît par exemple dans le symbolisme du rêve, c'est en réalité une série d'énigmes qui valent par leur allusion à autre chose que le sens manifeste. Or, à l'origine, tout symbole est métaphore. Ce n'est que par l'oubli forcé qu'elle devient symbole. C'est le refoulement de son origine métaphorique qui fait le symbole. Et bien sûr, le refoulement de l'origine implique un appareil à refoulement. Quand les deux parties sont réunies, le symbole cesse d'être symbole. La métaphore, d'où provient-elle? De l'incorporation du décramponnement originel ainsi surmonté. La métaphore en devenant symbole (ayant une partie perdue) réalise métaphoriquement la coupure. Le symbole dans son être même est l'analogique de la coupure (du fait de ce qui lui manque). D'un autre côté il peut être saisi dans la ressemblance de son complément à ce qui manque au sujet. Ainsi quand on lui restitue sa part manquante, il se retransforme en sa métaphore d'origine. Le symbole est donc une double métaphore. Celle de ce qui est coupé et celle de la coupure elle-même" (Abraham, 1974-75/2001, p. 394).

No conteúdo manifesto do sonho residem os símbolos que escondem o conteúdo latente da metáfora originária da relação com o objecto materno perdido.

A teoria das estruturas elementares dos objectos do aparelho psíquico aparece como um aparelho transformador de símbolos em metáforas e, no sentido de Abraham (1974-75/2001), aparece como um aparelho metafórico na medida em que restitui constantemente (unifica pela metáfora) o que simbolicamente está dividido, separado (símbolo como relação entre uma presença e uma ausência). A troca é a metáfora do corte que isola o ser humano enquanto objecto a ser trocado. Cada aliança parcial representa um corte para a mulher cedida mas representa em simultâneo uma restituição do objecto perdido para o grupo que recebe a mulher. O recalcamento (esquecimento) incide sobre o facto de que a troca de mulheres visa sempre a restituição (metafórica) do objecto outrora perdido. Elas apenas se tornam símbolos locais (preço da noiva, trocas de objectos entre famílias a aliar, rituais vários) devido à presença deste recalcamento.

Se entendermos a figura topológica do tio materno enquanto operador de abertura do átomo de parentesco, isto é, enquanto impulsionador da dádiva e contra-dádiva de mulheres, então poderemos agora enquadrar esta figura como um dos símbolos da troca pois além de "irmão da mãe" e portanto "pai" classificatório, ele condensa ainda a figura de pai fisiológico. Ou seja, num regime de filiação matrilinear, tal como acontece entre os componentes da já referida sociedade Trobriand, o tio materno pode funcionar como símbolo da troca na medida em que é "pai" classificatório do seu sobrinho materno: a presença da sua paternidade classificatória implica a ausência da sua paternidade fisiológica (haverá outro tio materno que estruturalmente terá atribuída a relação avuncular e na qual fará de pai classificatório para o filho deste homem). A questão orientadora que agora teremos que colocar, segundo o paradigma de Abraham (1967/2001), será: e como se dará a transformação da troca enquanto simbólica na troca enquanto metafórica? Para tal teremos que dar mais um passo e passar a enquadrar o tio materno como "barreira de contacto" entre átomos de parentesco na troca de objectos. Não obstante o conceito de "barreira de contacto" ter demasiadas conotações neurológicas dos tempos pré-psicanalíticos (Freud, 1895/1981) usamo-lo como conceito

regulador e como precursor do conceito de "superfície de contacto" de Abraham (1974-75/2001). Enquanto "superfície de contacto", o tio materno revela-se como núcleo e periferia de uma aliança entre dois ou mais átomos de parentesco aliados. E é precisamente neste sentido que a dimensão simbólica da troca se transforma na dimensão metafórica. Há uma demanda do "pai" classificatório (precursor do pai metafórico) em detrimento do pai real (fisiológico) nas estruturas elementares da troca de objectos na medida em que deste modo o tio materno é o representante da troca enquanto tal (ele torna-se a metáfora da troca) e não apenas o representante da troca parcial nas alianças entre determinados grupos locais. A metáfora das estruturas elementares do parentesco unifica numa aliança total ideal e idealizada homens e mulheres entre si.

Podemos agora concluir, interpretando o paradigma críptico do núcleo-periferia de Abraham (1967/2001) a partir das estruturas elementares do parentesco, que o tio materno é a metáfora da troca enquanto tal – troca objectal ou "reciprocidade objectal" –; que o tio materno representa o reparador da perda do objecto materno original ao veicular pela troca o ideal de uma aliança total entre os homens, que a cripta fundamental da humanidade consiste numa anulação sistemática (estruturas elementares com reciprocidade de objectos segundo três tipos de alianças internas) da angústia gerada pela perda do objecto original materno, anulação que consiste em repartir colectivamente por todos os seres humanos, segundo estruturas determinadas, a angústia que neuroticamente faz adoecer cada um na sua individualidade. Para Abraham e Torok (1973/2001), uma *cripta* trata, em sentido genérico e respeitando o modelo do núcleo-periferia, de uma "instalação no seio do Ego de um lugar fechado, de uma verdadeira cripta, e isto enquanto consequência de um mecanismo autónomo, uma espécie de anti-introjecção, comparável à formação de um casulo em torno da crisálida / Por menos que se tenha pais com «tendência para segredos», pais para quem o dizer não é estritamente complementar do não-dito recalcado, ainda assim estes transmitirão uma lacuna no próprio inconsciente, um saber não sabido, uma *nescience*, objecto de um «recalcamento» antes do seu inteiro desenvolvimento / Um dito enterrado, de um pai, torna-se um morto sem sepultura perante a criança. Este fantasma desconhecido retorna depois perante o inconsciente e exerce a sua perseguição induzindo fobias, loucuras, obsessões. O seu efeito pode ir ao

ponto de atravessar gerações e determinar o destino de uma linhagem" (p. 297)[264]. A ossatura genealógica das três estruturas elementares do parentesco constitui o quadro de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional onde as formações psicopatológicas referidas por Abraham & Torok (1973/2001) podem ser contextualizadas. Tal como no paradigma traçado no *Verbário do Homem dos Lobos* (Abraham & Torok, 1976), entendemos a cripta das estruturas elementares do aparelho psicoparental essencialmente constituída pelo átomo de parentesco na medida em que neste cada figura topológica de parentesco («pai», «mãe», «filhos», «irmão da mãe») só adquire plena significação na sua relação com as outras figuras. Esta relação é simbólica no sentido de Abraham (1974-75/2001, p. 394) pois cada figura topológica do parentesco pode ser símbolo de outra pertencente ao átomo na medida em que contenha dela traços latentes, "escondidos" como diria Abraham (1974-75/2001, p. 394).

As estruturas elementares do parentesco constituem, nesta perspectiva, a psico-socialização estrutural da neurose e da psicose. Interessante resultado na medida em que constitui o oposto complementar da conclusão de Freud (1912-13/1996) quando dizia das neuroses que estas são "(...) estruturas associais; esforçam-se por conseguir, por meios particulares, o que na sociedade se efectua através do esforço colectivo" (p. 85)[265]. As estruturas que Freud refere serem "associais" agora (nas sociedades modernas) foram sociais no passado e são no presente proto-sociais. Constituem os fundamentos de uma psico-socialidade latente e encarnam nas estruturas elementares do parentesco.

Sobre o referido paradoxo da consciência enquanto objecto de si própria, levantado por Freud (1900/1981b) no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* e contextualizado por Abraham (1967/2001), cabe-nos ainda adiantar que a sua forma de expressão máxima se

---

[264] "(...) installation au sein du *Moi* d'un lieu clos, d'une véritable *crypte,* et cela comme conséquence d'un mécanisme autonome, sorte d'anti-introjection, comparable à la formation d'un cocon autour de la chrysalide / Pour peu qu'il ait des parents «à secrets», des parents dont le dire n'est pas strictement complémentaire à leur non-dire refoulé, ceux-ci lui transmettront une lacune dans l'inconscient même, un savoir non su, une *nescience*, objet d'un «refoulement» avant la lettre / Un dire enterré d'un parent devient chez l'enfant un mort sans sépulture. Ce fantôme inconnu revient alors depuis l'inconscient et exerce sa hantise, en induisant phobies, folies, obsessions. Son effet peut aller jusque a traverser des générations et déterminer le destin d'une lignée" (Abraham & Torok, 1973/2001, p. 297).

[265] "(…) neuroses are asocial structures; they endeavour to achieve by private means what is effected in society by collective effort" (Freud, 1913/1981b, p. 73).

expressa nas estruturas elementares do parentesco, nomeadamente através da posição do tio materno. Enquanto operador de abertura na periferia do átomo de parentesco o tio materno representa a auto-consciência de um sistema que o ultrapassa (estruturas elementares do parentesco), sistema relativamente ao qual ele é objecto. O tio materno é, no entanto, também o objecto através do qual o sistema se expressa e é trazido ao domínio do princípio de realidade. Assim, é na mesma consciência, que para Freud "(...) se actualizam, 'na diferença' diz Freud (GW XVII 79) − 'as percepções de si e do outro'. 'O aparelho psíquico − faz notar a *Traumdeutung* desde logo − virado para o mundo exterior com a ajuda dos orgãos sensoriais do sistema Percepção, constitui ele próprio um mundo exterior para este orgão sensorial que é a Consciência' (GW II-III 620)" (Abraham, 1967/2001, p. 220)[266]. A diferença eu / outro é tornada consciente pelo mesmo sistema de percepção-consciência. A questão é agora a de saber onde, nas estruturas elementares do parentesco, intervém o sistema de percepção-consicência? É no tio materno enquanto representante da troca de objectos, isto é, enquanto regulador das diferenças entre filiações no estabelecimento de novas alianças em prol da solidariedade psicossocial idealmente sempre expansiva. Mas é essencialmente enquanto ainda regulado pelo desejo da criança outrora incestuosa que o tio foi que o sistema de percepção-consciência toma lugar nas estruturas elementares do parentesco. A criança incestuosa que o tio foi e à qual renunciou em prol das estruturas elementares do parentesco, constitui a denominada "vivência de satisfação" teorizada por Freud (1900/1981b) no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*. A vivência de satisfação do tio materno constituiu a relação original deste com o objecto materno, objecto e relação para sempre perdidas. As interpostas mulheres que circulam na troca generalizada são os substitutos maternos do objecto perdido. A troca de mulheres, feita sob a égide da figura do tio materno, é a outrora vivência de satisfação procurada por outros meios. Assim, "A vivência de satisfação constitui a origem da procura da identidade de percepção. Ela liga a uma descarga eminentemente satisfatória a representação de um objecto electivo" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 196) e portanto a repetição da percepção vai ficar

[266] "(...) s'actualisent, "dans la différence" dit Freud (GW XVII 79) − "les perceptions de soi et de l'autre". "L'appareil psychique − fait remarquer la *Traumdeutung* déjà − tourné vers le monde extérieur à l'aide des organes sensoriels du système Perception, constitue lui-même un monde extérieur pour cet organe sensoriel qu'est la Conscience" (GW II-III 620)" (Abraham, 1967/2001, p. 220).

ligada à satisfação da necessidade (Freud, 1900/1981b). O que resta perceptivamente da relação incestuosa original do tio materno vai por este ser substituída, mas simultaneamente preservada, ao passar à denominada identidade de pensamento nas estruturas elementares do parentesco. Pois, ao modificar a identidade de percepção (equivalente, enquanto linguagem não energética, da vivência de satisfação), a identidade de pensamento veiculada na troca generalizada pelo tio materno (e equivalentes da autoridade masculina) "visa libertar os processos psíquicos da regulação exclusiva pelo princípio de prazer" e ao mesmo tempo "Mantém-se ao serviço da identidade de percepção" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 196) na medida em que " (...) toda a complexa actividade de pensamento que se desenrola desde a imagem mnémica até o momento em que a identidade perceptiva é estabelecida pelo mundo exterior, toda essa actividade de pensamento constitui simplesmente um caminho indirecto para a realização de desejo, caminho esse que a experiência tornou necessário" (Freud, 1900-01/1996, p. 595)[267]. O caminho indirecto para a realização de desejo segue as vias da troca objectal nas estruturas elementares do parentesco e tem o seu ideal na aliança matrilateral de objectos.

Estamos agora em condições de concluir com uma importante afirmação de Abraham (1974-75/2001), segundo o qual "(...) a noção do Superego ultrapassou uma etapa importante em direcção à ideia da filiação de onde provêem as estruturas tópicas individuais. E muitas vezes esta filiação limita-se implícitamente à do Superego não se estendendo ainda ao desejo inconsciente. Será preciso intrduzir o conceito *genealógico* por excelência na metapsicologia" (p. 395)[268]. Ou seja, a teorização psicanalítica do superego comporta pontos de intersecção com o id, tal como o próprio Freud já tinha previsto. As estruturas elementares do parentesco falam-nos afinal de um enigmático conjunto corporado, que gere corpos biopsicológicos em alianças contínuas segundo um

[267] "(…) all the complicated thought-activity which is spun out from the mnemic image to the moment at which the perceptual identity is established by the external world — all this activity of thought merely constitutes a roundabout path to wish-fulfilment which has been made necessary by experience" (Freud, 1900/1981b, pp. 566-567).

[268] "(...) la notion du Surmoi il a franchi une étape importante vers l'idée de la filiation dont résultent les structures topiques individuelles. Et certes, cette filiation se borne implicitement à celle du Surmoi et ne s'étend pas encore au désir inconscient. Il aura fallu introduire le concept *généalogique* par excellence dans la métapsychologie" (Abraham, 1974-75/2001, p. 395).

ideal de comunidade totalizante. As estruturas elementares ajudam a explicitar uma genealogia das filiações transgeracionais aliadas segundo relações objectais que seguem o modelo das três estruturas elementares da troca. Do mesmo modo que para Abraham (1974-75/2001) a metapsicologia é "um sistema de conceitos que não tem outro estatuto na linguagem que não o de ser o fundamento ou a condição de possibilidade em último recurso de tudo o que consideramos como humano" (pp. 393-394)[269], assim também as estruturas elementares do parentesco, avatares externos das estruturas elementares objectais do aparelho psíquico, constituem o quadro das condições de possibilidade das relações irredutiveis subjacentes a todos os seres humanos. É neste sentido que, defendemos, a metapsicologia freudiana se torna genealógica.

[269] "un systéme de concepts qui n'a aucun statut dans le langage autre que d'être le fondement ou la condition de possibilité en dernière ressort de tout ce que nous considerons comme humain" (pp. 393-394).

O Aparente Paradoxo da Tomada de Posições Opostas. Loewald e a Tese da Angústia do Retorno ao Útero. Comparação com a Tese de Fairbairn

← Índice

Se há autores que vincam o papel da mãe na securização psicológica da criança outros descobrem numa excessiva preponderância da função materna precisamente a fonte de uma angústia a ser evitada. Entre os primeiros podemos situar Fairbairn (1943/2000a), para quem "Na medida em que podemos conceber o estado mental da criança antes do nascimento, devemos considerá-lo como sendo caracterizado por um grau de identificação primária tão absoluta que impossibilita a manutenção de qualquer pensamento de diferenciação do corpo materno, que constitui todo o seu ambiente e todo o mundo da sua experiência. O processo de identificação que caracteriza subsequentemente as relações emocionais da infância representaria assim a persistência na vida extra-uterina de uma atitude emocional que existia antes do nascimento. Na medida em que ela influencia o comportamento, representaria também uma tentativa para recuperar emocionalmente um estado original de segurança que foi rudemente perturbado pela experiência do nascimento" (p. 336)[270].

A própria relação social e a noção de sociedade estão baseadas na regressão à oralidade materna uma vez que "A relação oral da criança com a mãe na situação de mamar representa a sua primeira experiência de uma relação de amor, e é, por isso, a fundação sobre a qual se baseiam todas as suas futuras relações com os objectos de amor. Representa também a sua primeira experiência de uma relação social; e por isso forma a base da sua atitude subsequente para com a sociedade" (Fairbairn, 1940/2000, p. 41)[271].

---

[270] "So far as we can conceive the mental state of the child before birth, we must regard it as characterized by a degree of primary identification so absolute as to preclude his entertaining any thought of differentiation from the maternal body, which constitutes his whole environment and the whole world of his experience. The process of identification which subsequently characterizes the emotional relationships of childhood would thus appear to represent the persistence into extra-uterine life of an emotional attitude existing before birth. So far as it influences behaviour, it would also appear to represent an attempt to restore emotionally an original state of security which was rudely disturbed by the experience of birth" (Fairbairn, 1943/1999b, p. 275).

[271] "The child's oral relationship with his mother in the situation of suckling represents his first experience of a love relationship, and is, therefore, the foundation upon which all his future relationships with love

Para outros autores, como Loewald (1951), poderemos verificar que não só a figura da mãe não é tão valorizada enquanto fonte de segurança para a criança como é da mãe que esta se quer libertar sob pena de anulação do seu Self.

A questão que devemos colocar aqui, questão para a qual Fairbairn (1927-51/2000) e Loewald (1951) constituem dois exemplos entre outros possíveis, é a da procura da razão pela qual a mesma componente da teoria psicanalítica permite duas interpretações opostas? Veremos como ambas as propostas relativamente ao papel materno securizante na formação da criança podem ser dialecticamente opostas e sintetizadas na teoria das estruturas elementares do parentesco tal como até aqui a temos delineado.

Loewald (1951) critica a concepção adaptativa comummente atribuída ao conflito entre o ego e a realidade. Refere a função sintética do ego em Freud (tendente para a unificação, para a síntese) como estando ao serviço da defesa. A questão para Loewald é: como se dá a adaptação do ego? Como se desenvolve o ego entre o id, o superego e a realidade?

Recorda a concepção original de Freud sobre o ego como sendo o de um sentimento que abarca a unidade íntima com o ambiente, ou seja, com a mãe (narcisismo primário), restringindo-se no desenvolvimento para a idade adulta (Freud, 1929/1996). Aqui entra a unidade mãe (seio)-criança (boca), unidade fragmentada com o desenvolvimento. O fluxo libidinal é tanto maior entre a mãe e a criança quanto mais desfeita esta unidade se torna. E neste processo começa a "constituição do objecto libidinal" que irá culminar na fase fálica conduzindo à situação edipiana com a emergência do superego.

Refere o equacionamento, em Freud, entre o pai e a realidade (Freud, 1913/1981b, 1927/1981, 1929/1981). O pai separa a criança da mãe enquanto objecto libidinal, submetendo-a à autoridade paterna. Para Loewald (1951), esta primeira concepção de realidade enquanto instância exterior ao ego, em Freud, sobrepôs-se a uma segunda

---

objects are based. It also represents his first experience of a social relationship" (Fairbairn, 1940/1999, pp. 24-25).

concepção na qual a realidade enquanto representada pelo pai já é inerente ao ego desde o nascimento.

Segundo Loewald, a relação ego-realidade provém de uma unidade ego-realidade anterior. O que o ego tenta constantemente unificar, integrar, sintetizar (função sintética) é precisamente a unidade anterior criança-mãe; o que é essencial, portanto, é uma relação de conexão sempre refeita no processo de desenvolvimento psicossexual e não de conflito ou hostilidade entre ego e realidade. O ego defende-se não da realidade, mas da perda de realidade, isto é, da perda de relação com o mundo que existia na relação libidinal com a mãe.

Tradicionalmente, a teoria analítica via a interferência do pai (complexo de castração) na relação da criança com a mãe como o factor constitutivo da realidade e do superego. Loewald (1951) critica esta tese como incompleta e acrescenta a de Horney (1932) sobre o "medo da vulva" expresso por pacientes através de medos como os de ser afogado, sugado, ou dominado no âmbito das relações sexuais ou das relações com a mãe. Neste sentido Loewald (1951) aponta para uma componente materna do complexo de castração na medida em que o que o ser humano receia é o retorno ao estado de indiferenciação no útero materno, o que implica que a interferência paterna funciona como reforço do ego e não como interferência castradora na relação criança-mãe. Deste modo, a identificação com o pai (identificação com um ideal) no Édipo nada tem que ver, segundo Loewald (1951), com uma atitude passiva ou feminina tal como sublinhado por Freud (1921/1991).

Deste modo Loewald (1951) admite quatro correntes dinâmicas no complexo de Édipo, entre as quais por um lado uma relação libidinal (posição narcisista primária) positiva relativamente à mãe e uma relação defensiva, negativa, caracterizada pelo medo do retorno ao útero e respectiva identidade desestruturada com a mãe; e por outro uma identificação positiva com o pai que protege da ameaça de retorno ao útero e uma relação defensiva com o mesmo em virtude da ameaça de castração.

Sublinha, portanto, duas componentes contrárias no Édipo relativamente à mãe: o desejo e o medo simultâneos de retorno ao útero. Trata-se de uma posição importante para a tese que aqui defendemos.

A perda de realidade observada na regressão explica-se assim como um regresso ao útero onde não há perda de objectos, mas onde estes se tornam menos objectivos tal como começaram por ser. Na neurose compulsiva-obsessiva o ego e a realidade regressam a um nível mágico de integração, tal como na reacção esquizofrénica.

A função sintética e de unificação do ego (Freud) tem assim por base a regressão indiferenciadora à unidade primordial mãe-criança (narcisismo primário) e a progressão diferenciadora para a reintegração entre o ego e a realidade em níveis diferentes.

A introjecção e a projecção, o "interior" e o "exterior", são apenas o mesmo processo com duas direcções contrárias no desenvolvimento do ego precoce.

É neste sentido que Loewald (1951) apoia a tese de Federn[272] sobre as psicoses, nas quais não há perda de realidade mas uma regressão ao estado fluído entre a realidade e o ego típica dos estádios mais primitivos da integração entre o ego e a realidade.

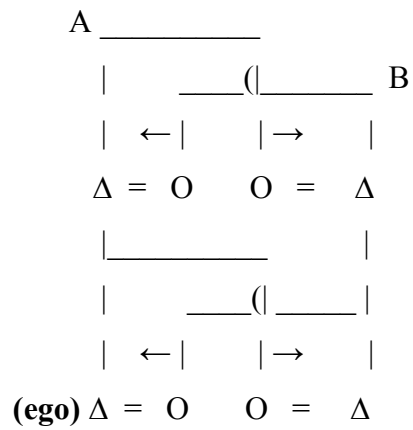
Loewald (1951) recorda a tese freudiana segundo a qual os estádios mais primitivos de integração entre o ego e a realidade permanecem lado a lado com os estádios posteriores. Critica assim a concepção estática do ego que encara este como fixado num estádio de desenvolvimento supostamente mais avançado. Para Loewald (1951) o ego maduro, o ego dito completamente desenvolvido é aquele que integra a sua realidade de tal modo que os primeiros e mais profundos níveis de integração entre o ego e a realidade permanecem como fontes dinâmicas para uma organização sempre crescente.

É esta organização sempre crescente que opera por “unidades sociais superiores” (Freud, 1905/1996, p. 213)[273] ou “unidades cada vez maiores” (Freud, 1921/1996, p. 53)[274] por

[272] Federn, Paul, “Die Wirklichkeit des Todestriebes”, *Almanach der Psychoanalyse,* Vienna, 1931.

nós identificadas com os grupos de aliança na teoria das estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973). Temos que atender ao facto de, no entanto, tais grupos de aliança se moverem dinamicamente entre os pólos regressivo do incesto e progressivo da sublimação. E é neste ponto que defendemos que as estruturas elementares do parentesco permitem uma leitura das posições extremas dos exemplos de Fairbairn (1940/2000, 1943/2000a) e de Loewald (1951) relativamente à importância da figura materna no aparelho psíquico da criança. Afinal é nisto que consiste como já referido a posição paradoxal das estruturas elementares do parentesco.

Procuremos então esquematizar como se daria o processo de troca de objectos segundo o paradigma de Loewald (1951) no contexto das estruturas elementares. Teremos que admitir que embora dominadas pelos homens as estruturas elementares processam-se pela angústia inconsciente destes relativamente ao medo de retorno ao útero. Vejamos como ficaria a circulação do objecto feminino contentor na aliança bilateral de objectos:



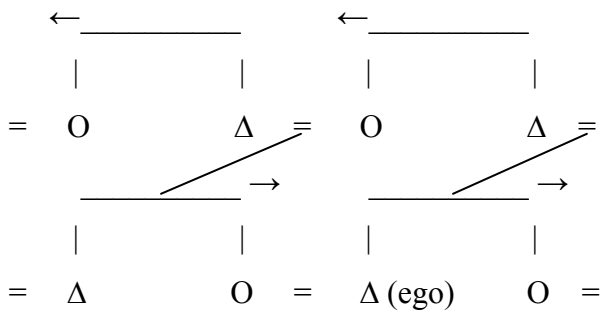
Agora veríamos a troca do objecto feminino – na qualidade de irmã –, pelo irmão, como a troca de um mau objecto interno trocado enquanto objecto externo. Mau objecto interno na medida em que a «irmã», equivalente classificatória da «mãe», representa a indiferenciação e dissolução do ego característica do estado uterino pré-edipiano. A "carga de afecto" (Freud, 1893/1996, p. 215) da angústia de indiferenciação é deslocada

[273] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[274] "larger units" (Freud, 1921/1991, p. 130).

para outro homem: a troca da irmã desloca o medo regressivo de retorno ao útero e condensa o mesmo medo experimentado no passado na altura da ainda indiferenciada forma do ego na primitiva relação com a mãe. O outro homem, animado por idêntica motivação, faz o mesmo em sentido contrário ("contra-dádiva" ou "contra-dom", Mauss, 1923-24/1988).

Acontece que se este tipo de troca de objectos se prolongar nas gerações seguintes deparamos com o que podemos designar por duplo incesto na medida em que a mulher com quem o homem contrai aliança é uma prima bilateral, portanto, uma prima dele tanto pelo lado da mãe (prima cruzada matrilateral) quanto do pai (prima cruzada patrilateral).

A solução será então a de proceder à "escolha de objecto" a fim de diminuir a "carga de afecto" (Freud, 1893/1996, p. 215) incestuosa, objecto proveniente de apenas uma das filiações: ou da filiação de objectos à qual pertence o objecto paterno ou da filiação de objectos à qual pertence o objecto materno. Estamos agora nos denominados regimes de filiação unilinear de objectos. De acordo com o paradigma das estruturas elementares do parentesco podemos considerar assim a aliança com a prima cruzada patrilateral, aliança na qual ocorre o que denominaremos por «escolha de objecto patrilateral».



(Aliança Patrilateral)

A "carga de afecto" (Freud, 1893/1996, p. 215) incestuosa diminuiu agora, uma vez a escolha de objecto determinar o "incesto social" (Lévi-Strauss, 1949/1982)[275] tendo em

[275] "inceste social" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 68, 523, 561).

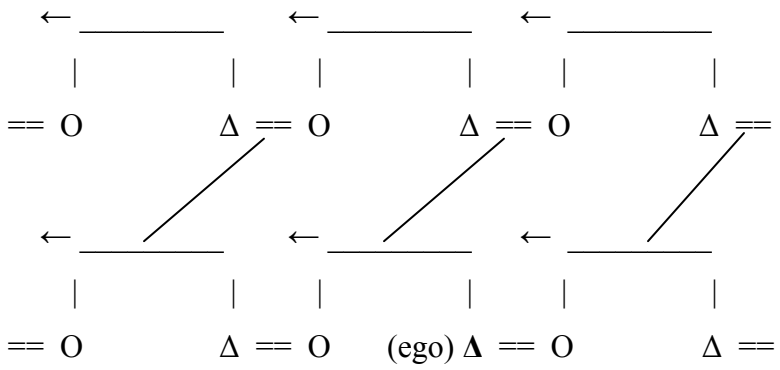
linha de conta apenas uma das filiações de objectos: a filiação de objectos patrilaterais à qual pertence a prima cruzada patrilateral.

Como enquadrar agora a angústia de retorno ao útero (Loewald, 1951) fazendo desta a moção que dá o impulso à troca de mulheres no domínio do princípio de realidade? Reportemo-nos ao esquema acima reproduzido para uma correcta consideração das coisas. O homem da geração ascendente "dá" a irmã a outro homem e recupera-a de forma diferida através da filha desta para o seu filho. Assim, a filha – na qualidade de prima cruzada patrilateral – é a representante da irmã (mãe) do homem da geração anterior e o filho deste é o representante do mesmo homem que anteriormente deu a irmã (equivalente à mãe enquanto objecto perdido). O que se torna interessante notar é que perante o princípio de realidade da troca de mulheres, o contrato entre os dois homens esconde afinal o "retorno do recalcado" constituído, segundo o paradigma de Loewald (1951), pelo angústia do retorno ao útero materno. A prima cruzada patrilateral é a representante da mãe que atesta simultaneamente a eliminação da angústia do retorno ao útero na medida em que a representante da indiferenciação uterina é "dada", deslocada, para outro homem, e também o retorno dessa angústia num representante recalcante da figura materna original, ou seja, através da prima patrilateral que acaba por contrair aliança com um homem (filho) de um outro homem anteriormente dador da mulher (irmã) agora substituída pela filha. Estamos assim perante a configuração estrutural do denominado "retorno do recalcado" (Freud, 1896/1996b, p. 271) nas relações de objecto das estruturas elementares do parentesco. O retorno do recalcado tem uma estrutura de aliança patrilateral. E esta atesta do ponto de vista sistemático estrutural das relações de objecto aquilo que Abraham (1914/2002) já tinha referido sobre o casamento entendido como formação de compromisso na medida em que "O casamento com um parente constitui um compromisso para um neurótico que deve permanecer à mesma distância tanto do objecto original dos seus desejos incestuosos quanto da mulher, estrangeira à sua linhagem" (p. 350)[276]. O casamento ou aliança com a prima cruzada é, precisamente, a formação de compromisso que permite ao desejo incestuoso ficar a meia distância entre o

[276] "Le mariage avec un parent est un *compromis* pour le névrosé qui doit rester à distance aussi bien de l'objet originel de ses désirs incestueux que de la femme, étrangère à sa lignée" (Abraham, 1914/2002, p. 350).

desejo original pela mãe e o desejo por uma mulher não pertencente à linhagem de objectos internos incestuosos.

Mas o retorno do recalcado tem que ser enfrentado, caso contrário o processo civilizacional sublimatório estaria comprometido. É por isso que a estrutura patrilateral enquanto relação de objecto assente numa realidade psíquica interna e numa realidade externa vai ter que assumir outra configuração estrutural dominante. A partir da perspectiva de outro vértice das estruturas elementares do parentesco podemos deduzir que para que o "retorno do recalcado" não aconteça na geração seguinte – o que causaria um aumento da "carga de afecto" (Freud, 1893/1996, p. 215) durante o tempo de uma vida –, a angústia de retorno à indiferenciação uterina (Loewald, 1951) tem que ser deslocada na representação de um objecto feminino na qualidade de prima cruzada matrilateral. Vamos assistir deste modo ao surgimento da aliança com a prima cruzada matrilateral, tal como reproduzida na figura abaixo indicada, conforme a figura abaixo explicitada.



(Aliança Matrilateral)

O impedimento do retorno do recalcado na geração seguinte faz-se, a partir do vértice do irmão da mãe, pela liquidação do Édipo e o consequente alcance da sua configuração positiva. O irmão da mãe (equivalente e substituto da autoridade do pai fisiológico) faz a dádiva da sua filha ao «ego» da geração descendente sendo este uma dádiva da própria

mãe que é irmã do primeiro. Os irmãos da geração ascendente liquidaram o desejo incestuoso dentro das possibilidades limitadas que as estruturas elementares permitem. Afinal continua a haver aliança entre primos constituindo esta o traço mnésico da procura do objecto materno perdido inscrito na arquitectura das estruturas elementares do parentesco.

Se encararmos o esquema da aliança com a prima cruzada matrilateral acima reproduzido e imaginarmos uma linha obliqua que atravesse de cima para baixo, do passado para o futuro, uma linha que abarque todas as alianças e filiações, veremos que as mulheres parecem ser substitutas umas das outras e como que "descendentes" de uma mulher original que no passado teria sido a primeira a ser dada ao primeiro homem que a recebeu. O mito adãmico da origem da mulher teria aqui uma outra interpretação, na medida em que a mulher enquanto «produto da costela de um homem» seria, no fim de contas, a mulher enquanto resultado de uma operação dominada pelos homens: as mulheres trocadas enquanto resultado das alianças de objectos dominadas pelos corpos dos homens. As diferentes filiações de seres humanos (objectos humanos) coincidiriam, assim, no início mítico dos tempos, com o corpo do mesmo homem, na medida em que todos descenderiam do mesmo corpo, conteúdo modelado por um continente divino que mais não seria do que a própria cadeia de alianças das estruturas elementares do parentesco. Isto ao nível manifesto das estruturas elementares. Porque ao nível latente o que se procura é o objecto materno perdido, a "primeira" mulher dada a exigir devolução: luta dos homens entre si pelas mulheres, uma luta diferida através das mulheres.

A «intervenção divina» reside sempre no limite ideal da cadeia de alianças, limite que não sendo nunca atingido permite no entanto a integração renovada de novos seres humanos nessa unidade ideal sempre procurada que é a de uma humanidade aliada entre si, casada entre si, unidade que representa afinal a primitiva e ambivalente indiferenciação uterina.

O "retorno do recalcado" fica como que infinitamente adiado para o final da cadeia de alianças, momento em que a primeira e última mulher enquanto objecto de dádiva constituiriam afinal a mesma mulher.

É como se o paradoxo do sistema das estruturas elementares ─ pressuposição do incesto e sua simultânea proibição (Dupré, 1981) ─ exigisse a sua resolução através da devolução ou contra-dádiva do equivalente da "primeira" mulher dada no "momento zero" do tempo cronológico. A "primeira" mulher mítica dada enquanto conteúdo do sistema passa a ser exigida na condição de continente. O continente do sistema das estruturas elementares do parentesco consiste na procura (masculina ou feminina) da união de todos os conteúdos ou seres humanos entre si aliados numa aliança total, unificação do "sistema ♀♂" (Bion, 1962/1991). Nesta altura dar-se-ia a transformação de K→O (Bion, 1963/1984), a transformação da lógica da dádiva e contra-dádiva inerente às estruturas elementares do parentesco (K) na absolutização (O) da sociedade enquanto objecto de si própria (Durkheim, 1912/1968) e do narcisismo primário do aparelho psíquico traduzido pela crença na posse de uma micro-sociedade no seu interior composta por "pessoas internas" (Riviere, 1955/1969, p. 57; Winnicott, 1935/2000, p. 204).

O sistema das estruturas elementares do parentesco está subjacente, nesta perspectiva, aos delírios de todo o género de salvadores religiosos e nacionalistas enquanto presumíveis representantes da defesa do solo pátrio, do império mais poderoso, da sociedade ideal ou do deus único enquanto avatares do objecto materno perdido. Embora possam servir de substrato a desenvolvimentos megalómanos psicopatológicos a nível ontogenético, as estruturas elementares do parentesco são essencialmente não megalómanas mas sim "megalopáticas" (Slöterdijk, 1996) no sentido em que tendem sempre para o grande, para a formação de "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[277], "unidades cada vez maiores" (Freud, 1921/1996, p. 53)[278], podendo patologicamente degenerar em "loucura divina no super-grande" (Slöterdijk, 1996, p. 33).

[277] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[278] "larger units" (Freud, 1921/1991, p. 130).

As Estruturas Elementares do Parentesco nas Concepções de Michel Foucault. Do «Dispositivo da Aliança» ao «Dispositivo da Sexualidade»

← Índice

Resumo: *Entre as estruturas elementares do parentesco no contexto das sociedades tradicionais e as estruturas complexas nas sociedades modernas existe uma transição. Foucault não teoriza as estruturas complexas, mas equaciona a relação entre a passagem das primeiras para as segundas assim como a sua sintomatologia psicossocial mais evidente. Denominando as estruturas elementares por «dispositivo da aliança» e as complexas por «dispositivo da sexualidade» acaba por nos fornecer um paradigma de transição importante na medida em que defendemos que sob as estruturas complexas, sobre as quais se debruça a psicanálise e a psicologia psicanalítica nas sociedades modernas, subjazem as estruturas elementares que circunscrevem as vicissitudes do desejo humano.*

Foucault analisa a passagem do "dispositivo da aliança" dominado pelas estruturas elementares do parentesco ao "dispositivo da sexualidade" constituído pelas estruturas complexas (Foucault, 1976/1990). Para Foucault o dispositivo da sexualidade sobrepõe-se ao da aliança nas sociedades ocidentais modernas. Mas a lei, a regra, caracteriza a aliança tal como em Lévi-Strauss (1949/1973). A família vai ser o último reduto do dispositivo da aliança, o único a tentar impor os limites da regra à sexualidade proliferante. Para o dispositivo da aliança "o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com status definido" (Foucault, 1976/1990, p. 101); para o dispositivo da sexualidade a pertinência recai sobre "(…) as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por ténues ou imperceptíveis que sejam" (Foucault, 1976/1990, p. 101). O dispositivo da aliança vincula-se a uma "homeostase do corpo social" o qual é "sua função manter"; visa deste modo a "reprodução" e mantém relações privilegiadas "com o direito"; já "o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global" (Foucault,

1976/1990, p. 101). Foucault considera assim a economia de dois corpos: o «corpo social» e o «corpo biopsicológico» enquanto produtor e consumidor.

Para Foucault (1976/1990) o dispositivo da sexualidade cindiu-se, divergiu mais do dispositivo da aliança desde o século XVII, mas não substituiu aquele por completo. O dispositivo da sexualidade teve origem inclusive no dispositivo da aliança, tal como atestam as primeiras formas de exame moral da consciência como a "prática da penitência e, em seguida, a do exame de consciência e o da direcção espiritual": as formas pelas quais os últimos se manifestam visam a delimitação entre o que é proibido e permitido – "adultério, relação fora do casamento, relação com pessoa interdita pelo sangue, ou a condição, o carácter legítimo ou não do ato de conjunção" (Foucault, 1976/1990, p. 102).

Ou seja, as primeiras formas de inculcamento religioso de limites morais ao comportamento seguem o modelo das estruturas elementares do parentesco nos moldes de uma dialéctica entre a prescrição e a proibição de alianças (Lévi-Strauss, 1949/1973). Só depois, progressivamente, a moral passa a expressar em novos padrões o dispositivo da sexualidade como que descentrando-se a pouco e pouco do dispositivo da aliança: " (...) com a nova pastoral – e sua aplicação nos seminários, colégios e conventos – passou-se de uma problemática da relação para uma problemática da "carne", isto é, do corpo, da sensação, da natureza do prazer, dos movimentos mais secretos da concupiscência, das formas subtis da deleitação e do consentimento. A "sexualidade" estava brotando, nascendo de uma técnica de poder que, originariamente, estivera centrada na aliança. Desde então não parou de funcionar em atinência a um sistema de aliança e apoiando-se nele" (Foucault, 1976/1990, p. 102).

Os eixos marido-mulher e pais-filhos, os eixos da aliança e da descendência/filiação regularam a sexualidade no dispositivo da aliança: "A célula familiar, assim como foi valorizada durante o século XVIII, permitiu que, em suas duas dimensões principais – o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos – se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo de sexualidade (o corpo feminino, a precocidade infantil, a regulação dos

nascimentos e, em menor proporção, sem dúvida, a especificação dos perversos)" (Foucault, 1976/1990, p. 102).

Há aqui uma subtileza que deve ser notada. No átomo de parentesco (Lévi-Strauss, 1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) está subjacente uma dimensão relacional, ou seja, cada átomo de parentesco contém o seu elemento de vinculação na figura do tio materno no paradigma das estruturas elementares do parentesco. A dádiva de uma mulher a partir de um átomo de parentesco implica desde logo uma contra-dádiva sob pena de a sua não efectivação gerar uma dívida com quebra de solidariedade social. Ora, Foucault apenas admite na célula familiar dois eixos sem consideração do eixo vinculador (dimensão avuncular) responsável pela rede de parentesco sempre subjacente às relações dos seres humanos entre si. Nas considerações de Foucault, o elemento avuncular (a relação entre irmãos que determina a relação tio materno-sobrinho uterino) fica latente no eixo pais-filhos, enquanto no paradigma de Lévi-Strauss esta era uma relação manifesta. A relação avuncular anti-incestuosa é o elemento dinâmico responsável pela unificação progressiva das redes de parentesco e da formação de "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[279]. Parece assim que Foucault fica preso em considerações atomísticas sobre o papel da célula familiar. Mas o autor acaba por deslocar o elemento dinâmico que retirou ao dispositivo da aliança (o elemento relacional da troca de seres humanos) para o dispositivo da sexualidade. Esta é, em nossa opinião, a subtileza de Foucault relaivamente a Lévi-Strauss. O paradigma de Foucault fica mais flexível para abordar as questões da sexualidade e do poder nas sociedades industriais complexas do Ocidente. Mas perde em precisão na medida em que coloca a ênfase relacional – antes atribuída por Lévi-Strauss (1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) a figuras de parentesco concretas (marido-mulher, pais-filhos, irmão-irmã, tio materno-sobrinho uterino) –, numa entidade substituta da libido freudiana: o dispositivo da sexualidade cuja "razão de ser" é "proliferar (...) penetrar nos corpos" (Foucault, 1976/1990, p. 101) assemelhando-se em muito ao carácter difuso da libido freudiana cuja conversão de "libido do ego"[280] em

[279] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[280] "ego-libido" (Freud, 1905/1981, p. 216).

"libido do objecto"[281] se dá ao "concentrar-se nos objectos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, nortear no indivíduo a actividade sexual que leva à satisfação, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido" (Freud, 1905/1996, pp. 205-206)[282]. Trata-se de um dispositivo que através de uma sexualidade assexuada passa de corpo a corpo independentemente da sua masculinidade ou feminilidade: "Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo" (Freud, 1932/1996c, p. 130)[283].

As duas dimensões entrecruzam-se através do operador de abertura, do operador de permutação que é a família: "A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança" (Foucault, 1976/1990, p. 103). A problemática do incesto vai ser introduzida nesta dimensão. Para Foucault, "numa sociedade como a nossa", o incesto "aparece como altamente interdito na família, na medida em que representa o dispositivo de aliança; mas é, também, algo continuamente requerido para que a família seja realmente um foco permanente de incitação à sexualidade" (Foucault, 1976/1990, p. 103). Ou seja, o incesto não tem autonomia, o incesto é a expressão ora do dispositivo da aliança regulador, ora do dispositivo da sexualidade que incita à desregulação numa tensão sempre por resolver. Assim, para Foucault, não existe realmente um desejo incestuoso que implique a sua proibição através da passagem da natureza à cultura, mas antes um receio de diluição da ordem – a "regra como regra" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 123)[284] –, diluição advinda do desrespeito pelas "leis e as formas jurídicas da aliança" (Foucault, 1976/1990) por parte do dispositivo da sexualidade.

---

[281] "object-libido" (Freud, 1905/1981, p. 216).
[282] "(…) concentrating upon objects, becoming fixed upon them or abandoning them, moving from one object to another and, from these situations, directing the subject's sexual activity, which leads to the satisfaction, that is, to the partial and temporary extinction, of the libido" (Freud, 1905/1981, p. 216).
[283] "There is only one libido, which serves both the masculine and the feminine sexual functions. To it itself we cannot assign any sex" (Freud, 1932/1981d, p. 131).
[284] "Règle comme Règle" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 98).

Novas personagens vão aparecer devido ao cruzamento da sexualidade com a aliança no interior da célula familiar. A ameaça, pela sexualidade, à ordem das estruturas da aliança vai criar figuras tais como “a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurasténica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher” (Foucault, 1976/1990, p. 104). Estas são afinal “ (...) figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal: transferem a perturbação da segunda para a ordem da primeira; dão oportunidade para que o sistema da aliança faça valer seus direitos na ordem da sexualidade” (Foucault, 1976/1990, p. 104). Novas figuras de autoridade vão tentar explicar esta interferência da sexualidade na aliança para, de um modo umas vezes mais indiscreto, outras vezes mais subtil, tentar impor uma ordem que, sob novos avatares, é afinal uma ordem da mesma natureza daquela outrora explicitamente reinante nas estruturas da aliança na medida em que “Nasce, então, uma demanda incessante a partir da família: de que a ajudem a resolver as interferências infelizes entre a sexualidade e a aliança; e, presa na cilada desse dispositivo de sexualidade que sobre ela investira de fora, que contribuíra para solidificá-la em sua forma moderna, lança aos médicos, aos pedagogos, aos psiquiatras, aos padres e também aos pastores, a todos os "especialistas" possíveis, o longo lamento de seu sofrimento sexual. Tudo se passa como se ela descobrisse, subitamente, o temível segredo do que lhe tinham inculcado e que não se cansaram de sugerir-lhe: ela, coluna fundamental da aliança, era o germe de todos os infortúnios do sexo. Ei-la desde a metade do século XIX, pelo menos, a assediar em si mesma os mínimos traços de sexualidade, arrancando a si própria as confissões mais difíceis, solicitando a escuta de todos os que podem saber muito, abrindo-se amplamente a um exame infinito” (Foucault, 1976/1990, pp. 104-105).

A perturbação crescente das estruturas da aliança causada pela sexualidade insere-se afinal no paradigma da selecção natural. Retomaremos este ponto na primeira metade da análise dedicada ao caso Dora (Freud, 1901/1996a). Embora esta perturbação esteja ao serviço das denominadas estruturas complexas do parentesco nas sociedades modernas onde não existe pré-determinação da escolha do conjuge em função dos grupos de

parentesco preferenciais a que pertence, e onde a liberdade individual da escolha prevalece, não obstante o núcleo das estruturas elementares subsiste como possibilidade regressiva edipiana e pré-edipiana face à angústia da escolha de objecto tal como mostraremos no caso Dora (Freud, 1901/1996a).

É neste sentido que Freitas (2008b) acrescenta ter havido recentemente uma modificação nos paragimas das regras sociais que, antes mais restritivas, impunham o cruzamento da sexualidade com a aliança no interior da célula familiar. Este postulado, ou regra, sempre exerceu uma imposição caracterizada por interferências infelizes entre a sexualidade e a aliança. Foi neste contexto que o longo lamento do sofrimento sexual das populações foi lançado sobre médicos, pedagogos, psiquiatras, padres, pastores, e a todos os "especialistas" possíveis. O cruzamento da sexualidade com a aliança no interior da célula familiar, na imensa maioria das vezes, desde que foi estabelecida, foi a razão de uma dissociação entre o desejo erótico, especialmente nas mulheres, mas também nos homens. Deste modo a aliança, desde pelo menos a segunda metade do século XIX, assedia em si mesma os mínimos traços de sexualidade, arranca a si própria as confissões mais difíceis, solicitando a escuta de todos os que a possam esclarecer obrigando a sociedade a abrir mão dessa regra restritiva do casamento entre parentes próximos, deslocando a restrição para, preferencialmente, parceiros sexuais cujas características sociais, interesses, status e vizinhança física da família passasse a ser o alvo da troca (e oferecimento, embora agora apenas sugerido pelo grupo familiar). A seleção de mulheres dadas em troca, embora tivesse esta restrição, passou a ser menos despótica e incipientemente democrática, deixando ao livre arbítrio da mulher, bem como do homem, a escolha do parceiro ou parceira, respectivamente. Tendo a escolha passado a partir daí a contemplar o par, não por consanguinidade ou laços de família, mas pela força da escolha afectiva e do apelo sexual, de um modo geral os parceiros passaram a ter melhores características quanto à forma física, quanto aos modos de comportamento e temperamento, a atracção física e sexual necessariamente terá poduzido em vários casos proles com melhores características físicas, mais *holding* na formação emocional pelos pais biológicos assim como maiores probabilidades de um crescimento físico e emocional saudáveis.

Desde Charcot ─ que tentava "separar o domínio da sexualidade do sistema da aliança" (Foucault, 1976/1990, p. 105) ao retirar o doente à família tratando-o de acordo com o modelo médico-neurológico ─ até à advento da psicanálise, o caminho vai ser o mesmo. Esta buscava afinal a "lei da aliança" nos "jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto" (Foucault, 1976/1990, p. 106) para dominar a sexualidade emergente. A esperança de encontrar a relação pais-filhos (aliança) no fundo da problemática da sexualidade levava a não se temer os "riscos de que a sexualidade aparecesse, por natureza, estranha à lei: ela só se constituía pela lei. Pais, não receeis levar vossos filhos à análise: ela lhes ensinará que, de toda maneira, é a vós que eles amam. Filhos, não vos queixeis demais de não serdes órfãos e de sempre encontrardes no fundo de vós mesmos, vossa Mãe-Objecto ou o signo soberano do Pai: é através deles que tendes acesso ao desejo" (Foucault, 1976/1990, p. 106).

Isto explicaria o consumismo da psicanálise nas sociedades ocidentais na medida em que a procura desta ia de encontro à necessidade de reforço do dispositivo da aliança e da família (Foucault, 1976/1990).

Neste momento Foucault vai concluir pelo contrário da sua tese inicial referindo relativamente ao dispositivo da sexualidade que "com a tecnologia da "carne" no cristianismo clássico, ele nasceu apoiando-se nos sistemas de aliança e nas regras que o regem; mas, hoje, desempenha um papel inverso; é ele quem tende a sustentar o velho dispositivo de aliança" (Foucault, 1976/1990, p. 107). Foucault parece ambiguamente ora postular que a proliferação do dispositivo da sexualidade só se compreende por referência à lei do dispositivo da aliança, ora que em virtude da preponderância do primeiro sobre o segundo nas modernas sociedades o dispositivo da sexualidade tem por isso domínio sobre a aliança que permanece assim como que recalcada sob este. A sexualização da família explicaria assim as quatro grandes estratégias que desde o século XIX se impuseram até hoje: a sexualização da criança, a histerização da mulher, a especificação dos perversos e a regulação das populações" (Foucault, 1976/1990). Se "na pastoral cristã, a lei da aliança codificava essa carne que se estava começando a descobrir e

impunha-lhe, antes de mais nada, uma armação ainda jurídica", agora "com a psicanálise, é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, saturando-as de desejo" (Foucault, 1976/1990, p. 107).

Importa notar aqui que concordamos parcialmente com este ponto da tese de Foucault. Defendemos um retorno das estruturas elementares do parentesco no aparelho psíquico quando na realidade exterior o dispositivo da aliança perdeu importância em prol da sexualidade embora não se tenha anulado por completo. A questão é que ao defender o dispositivo da aliança directamente centrado na família, Foucault elimina a dinâmica das figuras de parentesco e suas relações estruturais tal como Lévi-Strauss (1949/1973) as formulou. Além disso, como já referimos, esta dinâmica é assumida genericamente por um dispositivo de sexualidade difuso nos corpos da realidade exterior. Em contrapartida, a nossa tese prevê um retorno das estruturas da aliança entre objectos da realidade psíquica como forma de impor a ordem que falta no dispositivo da sexualidade. A nossa tese tenta enquadrar deste modo as relações de objecto da realidade psíquica na medida em que estas possam colher explicação a partir da ordem inerente às estruturas elementares do parentesco, isto é, da ordem inerente às estruturas elementares do aparelho psíquico.

Jung e o Psicologema da Aliança entre Primos Cruzados

← Índice

Resumo: *O caso de Jung é notável na medida em que representa, pegando no paradigma de transição de Foucault, um investigador que teoriza e simultaneamente vivencia as estruturas elementares do parentesco (dispositivo da aliança) a partir das estruturas complexas (dispositivo da sexualidade) sob a forma de uma visão de natureza mística. Representa portanto um caso de tomada de consciência do «núcleo» das estruturas elementares sob a «casca» das estruturas complexas caracterizadoras de um investigador pertencente a uma sociedade moderna.*

Jung (1971/1999) teceu interessantes observações sobre a aliança entre primos cruzados, observações que em nossa opinião devem ser levadas em conta. A teorização de Jung (1971/1999) aproxima-se da de Lévi-Strauss (1949/1973) na medida em que ambos sublinham a componente psicológica do fenómeno em questão, embora se oponham quanto às soluções oferecidas.

Para Jung (1971/1999) a ordem social primitiva antecedeu a formação moderna do Estado e, face ao predomínio deste nas sociedades actuais, sob o mesmo permaneceu inconsciente. Na medida em que a aliança entre primos cruzados caracteriza de um modo ou de outro a ordem social primitiva (Lévi-Strauss, 1949/1973), Jung – influenciado por John Layard (1945/1982) – debruça-se sobre esta enquanto fenómeno psicossocial fundamental.

Para Jung (1971/1999), "o casamento da irmã com o irmão da mulher" ou "*casamento através da troca de irmãs*"[285] enquanto "duplo casamento constitui (...) um paralelo primitivo (...) da relação dupla, consciente e inconsciente (...) do *animus* e da *anima*" (p. 92). Jung (1971/1999) não o refere, mas ao designar este como um duplo casamento está a apontar para a aliança bilateral conforme já analisada em capítulos precedentes. A

[285] "*sister exchange marriage*" (Jung, 1971/1999, p. 93).

seguir às considerações sobre as denominadas «organizações dualistas» também analisadas por Lévi-Strauss (1956/1970), organizações que contam como características a oposição entre metades da mesma tribo, com divisão de tarefas, prestação de serviços mútuos e designações binárias tais como "leste-oeste, superior-inferior, dia-noite, alto-baixo, masculino-feminino, água-terra, direita-esquerda", Jung (1971/1999) conclui que "É fácil deduzir desses nomes que as duas metades são percebidas como opostas entre si, devendo ser entendidas, portanto, como a expressão de uma *oposição endopsíquica* [itálico nosso]. Esta oposição pode ser formulada como o eu (símbolo macho) e a outra (símbolo fêmea), ou seja, como o consciente em oposição ao inconsciente (personificado pela *anima*). A cisão primária da psique em consciente e inconsciente parece ser a origem da divisão da tribo e da aldeia. Trata-se de uma cisão de facto, mas da qual não se tem consciência enquanto tal" (p. 93).

Ao invés de se condenar facilmente tal asserção como reducionismo psicológico simplista importa antes verificar em que medida tal teorização acaba por se aproximar da psicologia intelectualista de Lévi-Strauss (ver crítica à noção de «arquétipo» e à ausência de visão relacional na análise simbólica, 1955/1970) dando no entanto primado ao indivíduo na base de um fenómeno de natureza colectiva como é o da aliança entre primos cruzados.

Para Jung (1971/1999) a aliança entre primos cruzados, aliança na qual um homem "desposa a filha do irmão da mãe e dá sua irmã em casamento ao irmão de sua mulher (*casamento através da troca de irmãs*)" (p. 94)[286] constitui afinal o "modelo originário do psicologema específico da alquimia, sob a forma de dois casamentos de irmão e irmã entrecruzados" (p. 94). Esta é a descrição da aliança com a prima cruzada bilateral, tal como analisada por Lévi-Strauss (1949/1973). É importante notar que segundo Jung (1971/1999) a aliança entre primos cruzados constitui um psicologema, ou seja, um elemento fundamental irredutível da realidade psicológica e social humana. Afinal, a empresa de inspiração positivista da procura dos "átomos da alma" (Jung, 1936/2000, p. 70) é a mesma quer em Jung (1971/1999) com o seu "psicologema" (p. 92, 94), quer em

[286] "*sister-exchange marriage*" (Jung, 1971/1999, p. 93).

Lévi-Strauss com o seu átomo de parentesco (Lévi-Strauss, 1945/1970, 1952/1970, 1973/1993), e ambos assentes no mesmo fenómeno empírico psicossocial do casamento entre primos cruzados.

Mas a direcção tomada pelas posições de Jung é singular. Jung não reduz as exigências da endogamia ao paradigma do incesto (afastamento da ortodoxia freudiana). Deste modo destitui a projecção enquanto mecanismo de defesa ao serviço da pulsão incestuosa endogamicamente manifestada. Acontece assim que " (...) as exigências da endogamia" não têm "por motivo final a projecção, mas sim uma união interior dos componentes da personalidade, segundo o esquema do 'cross-cousin-marriage', porém ao nível das 'bodas espirituais', sob a forma de uma experiência interior não projectada" (Jung, 1971/1999, p. 98). Isto é, para Jung a aliança dos primos cruzados é um arquétipo colectivo presente na estrutura do espírito humano. Afinal, a denominada "solidariedade orgânica" (Durkheim, 1893/1989)[287] enquanto modelo da unidade social encontra numa espécie de estrutura *a priori* do espírito humano enquanto "oposição endopsíquica" (Jung, 1971/1999, p. 93) – *casamento através da troca de irmãs* –, a manifestação da sua unidade desejada e expressa numa "revisão secundária" (Freud, 1912-13/1996, p. 104)[288] tradutível através de uma "função intelectual que exige unidade, conexão e inteligibilidade de qualquer material, seja da percepção ou do pensamento" (Freud, 1912-13/1996, p. 105)[289], unidade manifestada afinal pelo psicologema da aliança dos primos cruzados.

Deste modo para Jung (1971/1999) inconsciente e realidade social primitiva equivalem-se. Tal como o inconsciente subjaz ao consciente, assim também a realidade social primitiva subjaz à moderna realidade das sociedades actuais, pois "Do mesmo modo que todo o passado pouco a pouco vai caindo no inconsciente, assim também a ordem social primitiva" (Jung, 1971/1999, p. 99). A forma óptima de expressão da realidade primitiva "constitui um arquétipo que unificava da melhor forma possível a oposição entre a endogamia e a exogamia, posto que, em vez do casamento entre irmão e irmã que era

[287] "solidarité organique" (Durkheim, 1893/1967, p. 121).
[288] "secondary revision" (Freud, 1913/1981b, p. 95).
[289] "(…) intellectual function in us which demands unity, connection and intelligibility from any material, whether of perception or thought" (Freud, 1913/1981b, p. 95).

proibido, ela instituía o "casamento dos primos cruzados"[290]. Este tipo de união realiza-se entre parentes ainda próximos o bastante para satisfazer de algum modo a tendência endógama, mas já suficientemente distantes para incluir outros grupos e promover a expansão coesa e ordenada da tribo" (Jung, 1971/1999, p. 99). Note-se que isto só acontece sob a aliança com a prima cruzada matrilateral de acordo com os ensinamentos de Lévi-Strauss (1949/1973).

Ou seja, parece que Jung admite um mecanismo psicológico de formação de compromisso entre duas tendências opostas mas complementares: a endogamia e a exogamia. O que Jung não especifica é o mecanismo pelo qual se faz a inclusão dos grupos a partir da pulsão incestuosa. Não será preciso muito para, nesta mesma linha, notarmos as possíveis relações com o conceito de "série complementar" (Freud, 1916-17/1996c, p. 351, 365)[291], conceito no qual a componente traumática mais actual no aparelho psíquico actualiza e faz despoletar o trauma original ocorrido na infância. E ainda no mesmo sentido, observação crucial para a nossa tese, poderemos facilmente notar que a aliança patrilateral permanecendo sob a aliança matrilateral nas estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973) constitui uma expressão mais endógama sob a expressão mais exógama da aliança matrilateral. Notamos, portanto, que a relação entre as duas formas de aliança nas estruturas elementares do parentesco constitui assim o mecanismo de funcionamento dialéctico do denominado «psicologema» de Jung, «psicologema» modelado de uma forma linear no modelo da aliança entre primos cruzados. O psicologema ou casamento entre primos cruzados era uma estrutura elementar para Jung, estrutura que mostrava o funcionamento básico do próprio aparelho psíquico. Ao ultrapassar a tendência incestuosa sempre presente, os aparelhos psíquicos de cada indivíduo mesclam-se intergeneracionalmente segundo o modelo da aliança dos primos cruzados e alargam-se a "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[292] pois " (...) ao passo que a tendência exógama abolia pouco a pouco seus limites graças a uma dicotomia crescente, a tendência endógama tinha que fortalecer-se necessariamente, a fim de acentuar o parentesco e mantê-lo coeso. Semelhante reacção

[290] "cross-cousin-marriage" (Jung, 1971/1999, p. 99).
[291] "complemental series" (Freud, 1916-17/1981b, p. 347, 362).
[292] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).

desenrolou-se principalmente no domínio religioso e depois também no político, dando no primeiro origem às comunidades de culto e confissões religiosas - como as confrarias e a "fraternidade" cristã - e no segundo, às nações" (Jung, 1971/1999, p. 99).

A problemática inerente à dinâmica das relações indivíduo-grupo está tratada aqui em moldes que poderão depois ser aproximados daqueles considerados por Bion (1948-51/1989).

O alargamento anti-incestuoso a unidades sociais cada vez maiores "cria uma massa amorfa, cujos pródromos já são perceptíveis nos fenómenos modernos da psique das massas. A ordem exógama primitiva aproxima-se progressivamente do estado de caos, controlado com a maior dificuldade. Frente a isso só há um remédio: o fortalecimento interior do indivíduo, ameaçado de imbecilização e de dissolução na psique das massas (...) Nenhuma religião foi capaz de proteger contra essa ameaça e o nosso factor de ordem, o Estado, revelou-se até como o promotor mais eficaz da massificação" (Jung, 1971/1999, p. 99).

Face a isto Jung (1971/1999) propõe como solução " (...) a imunização do indivíduo contra o veneno da psique das massas. Como já dissemos, seria concebível que a tendência endógama interviesse nesse momento compensatoriamente, promovendo, no plano psíquico, o casamento, no interior do homem, entre parentes próximos. Em outras palavras, esse casamento seria a unificação dos componentes separados da personalidade que serviria de contrapeso à dicotomia crescente, ou seja, à dissociação psíquica do homem massificado" (p. 99).

Extraordinariamente Jung revela nesta passagem uma aplicação directa de um dos postulados da psicologia antropológica (aliança entre primos cruzados) como forma de resolução do problema da massificação do indivíduo nas sociedades modernas. Não sendo possível fazê-lo nos moldes do passado, a interpretação do outrora preferido discípulo de Freud torna-se mais subtil no sentido de explicar, em termos de aliança entre

os arquétipos do *animus* e da *anima*[293], a necessidade da união das componentes interiores da moderna personalidade dissociada.

A integração total (ideal, utópica) entre os grupos de filiação segundo o modelo das estruturas elementares do parentesco seria, em termos junguianos, o oposto do processo de individuação (massificação, primazia do grupo sobre o indivíduo). Em contrapartida, o encerramento familiar do indivíduo pela pulsão incestuosa criaria o inevitável conflito entre parentes num processo destrutivo anti-social. A figura mediadora estaria então na aliança entre primos cruzados.

A nossa tese visa mostrar que este processo se passa ao nível dos grupos internos de objectos do aparelho psíquico. Entre outros, Jung pressentiu isto ao desenvolver uma teorização sobre o *casamento entre primos cruzados*[294]. Veremos mais à frente que a aliança entre primos cruzados se constitui como um processo dialéctico continente-conteúdo ou, para usar a terminologia de Abraham (1967/2001), periferia-núcleo. O

---

[293] "*Anima e animus* - Personificação da natureza feminina do inconsciente do homem e da natureza masculina do inconsciente da mulher. Tal bissexualidade psíquica é reflexo de um facto biológico; o maior número de genes masculinos (ou femininos) determina os sexos. Um número restrito de genes do sexo oposto parece produzir um caracter correspondente ao sexo oposto mas devido à sua inferioridade, usualmente permanece inconsciente. C.G.Jung: 'Desde a orígem, todo homem traz em si a imagem da mulher; não a imagem desta ou daquela mulher, mas a de um tipo determinado. Tal imagem é, no fundo, um conglomerado hereditário inconsciente, de origem remota, incrustada no sistema vivo, tipo de todas as experiências da linhagem ancestral em torno do ser feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher, sistema de adaptação psíquico herdado. . . O mesmo acontece quanto à mulher. Ela também traz em si uma imagem do homem. A experiência mostra-nos que seria mais exacto dizer: uma imagem de *homens*, enquanto que no homem se trata em geral da imagem da *mulher*; sendo inconsciente esta imagem é sempre projectada inconscientemente no ser amado; ela constitui uma das razões essenciais da atracção passional e de seu contrário [*Seelenprobleme der Gegenwart*, 5ª ed., 1950, pág. 256 sgs.]' (...) 'No decurso do processo de individuação, a alma se associa à consciência do eu e possui, pois, um indice feminino no homem e masculino na mulher. A *anima* do homem procura unir e juntar, o *animus* da mulher procura diferenciar e reconhecer. São posições estritamente contrárias. . . No plano da realidade consciente constituem uma situação conflitual, mesmo quando a relação consciente dos dois parceiros é harmoniosa' (*Die Psychologie der Ubertragung*, 1946 [*Ges. Werke XVI*. 1958, pág. 323]" (Jung, 1961/2000).

Note-se como Jung refere que "A anima do homem procura unir e juntar, o animus da mulher procura diferenciar e reconhecer". É de reparar que a união e a integração de novos grupos no seio da troca e da reciprocidade é a característica principal das estruturas elementares do parentesco dominadas pelo sexo masculino segundo o paradigma de Lévi-Strauss (1949/1973). Resta saber se o falocentrismo e o patriarcado enjeitarão de alguma forma uma posição sexista por parte dos autores em questão (para uma crítica construtiva às noções de «género» e «sexo» nas obras de Freud e Lévi-Strauss ver Rubin, 1975).

[294] "*cross cousin-marriage"*

Modelo Metapsicológico (Teoria, Periferia, Continente) das estruturas elementares do parentesco opera segundo uma psicodinâmica por captação de objectos em alianças sempre mais integradoras das linhas de filiação (transmissão psíquica na intergeracionalidade e intrageracionalidade) embora sempre ameaçado pela regressão incestuosa endogâmica patrilateral e simultaneamente transforma-se em Núcleo (Conteúdo) a cada aliança consumada, Núcleo que naturalmente constituirá uma Periferia de outros Núcleos (alianças) a gerar segundo os modelos das alianças anteriores.

Dialéctica semelhante parece ter sido antevista ainda por Jung (1925/1971) com a denominada relação psicológica do casamento. Comentava o autor relativamente à relação possível entre os parceiros da aliança que estes "(…) podem facilmente perder-se num labirinto de tal natureza, encontrando nele uma tal abundância de experiências possíveis que os seus interesses pessoais são completamente absorvidos, muitas vezes de modo não muito agradável, uma vez que a sua única ocupação consiste em perseguir os passos do parceiro através de todas as contorções e reviravoltas do seu carácter. Há sempre tantas experiências disponíveis que mesmo a personalidade mais simples é por elas rodeada, senão mesmo atolada; ele é engolido pelo seu parceiro mais complexo e não vê saída. É comum uma mulher ser totalmente contida, espiritualmente, no seu marido, e um marido ser totalmente contido, emocionalmente, na sua mulher. Podemos descrever esta situação como o problema do 'contido' e do 'contentor'" (p. 169)[295].

A diferença relativamente a Jung consiste no facto de a dialéctica continente-conteúdo nas relações entre objectos das estruturas elementares do parentesco ligar entre si grupos de objectos na forma de estruturas de átomos de parentesco e não apenas os objectos entre si no interior do mesmo grupo (relação dual complementar homem-mulher no seio da aliança). O processo de individuação, de que falava Jung, necessário para a formação

[295] "(…) can easily lose themselves in such a labyrinthine nature, finding in it such an abundance of possible experiences that their personal interests are completely absorbed, sometimes in a not very agreeable way, since their sole occupation then consists in tracking the other through all the twists and turns of his character. There is always so much experience available that the simpler personality is surrounded, if not actually swamped by it; he is swallowed up in his more complex partner and cannot see his way out. lt is an almost regular occurrence for a woman to be wholly contained, spiritually, in her husband, and for a husband to be wholly contained, emotionally, in his wife. One could describe this as the problem of the 'contained' and the 'container'" (Jung, 1925/1971, p. 169).

do que há de mais verdadeiro no Self de cada indivíduo já está enquadrado nas estruturas elementares do parentesco. O indivíduo, embora ameaçado por um excesso de individualidade incestuosa (regressão patrilateral) e por um excesso de grupalidade liquidadora do Self (progressão matrilateral), constitui-se dialecticamente no interior da tensão bipolar constantemente gerada por estes dois extremos.

Numa espécie de visão ocorrida na altura de um internamento hospitalar, Jung (1961/2000) situa-se no "jardim das romãs", onde teria ocorrido "o casamento de Malchuth com Tiphereth" acabando por concluir que "no fundo, tratava-se de mim mesmo: eu era o casamento, e minha beatitude era a de um casamento feliz" (p. 257). Ou seja, Jung atesta de forma espectacular a existência de traços psicóides num delírio incorporando o sistema ♀♂, isto é, o jogo de correspondências complementares entre as partes feminina (*anima*) e masculina (*animus*) da personalidade. Para usarmos uma expressão de Bion (1962/1991), poderíamos adiantar que neste caso particular Jung terá tomado a seu cargo a expressão da totalidade do sistema contentor-contido ou "sistema ♀♂" (Bion, 1962/1991) onde a mais primitiva manifestação de K (conhecimento) se dá na relação mãe-criança, relação traduzida em termos de relação de objecto pelos orgãos do peito e da boca ou entre contentor e contido na qualidade de relação de comensalidade como benefício mútuo entre contido e conteúdo sendo o aparelho contido-contentor (criança-mãe) parte do aparelho da função alfa (Bion, 1962/1991). O que nos interessa relevar, para a nossa tese, é que o delírio vivido sob a forma de casamento ou aliança entre partes masculina e feminina na personalidade de Jung pretende atingir a transformação do conhecimento em realidade última (transformação K→O) sob a forma do casamento. É esta transformação (K→O) − atingida sob a forma do casamento enquanto ideal de uma humanidade casada, aliada entre si e com ideação sobrevalorizada da sua auto-imagem divinizada (Durkheim, 1912/1968) – que é procurada pelas estruturas elementares do parentesco, e por consequência, pelas estruturas elementares do aparelho psíquico. Os vínculos L, H e K são assim realizações da função alfa (Bion, 1963/1984) constituída pela cadeia de alianças nas estruturas elementares do parentesco. As relações fundamentais de amor e ódio estão teorizadas num conhecimento regulador (estruturas elementares do parentesco) que constituem a Razão (R) que faz a ponte para a

realidade e que se alia às Ideias (I) enquanto realização das pulsões (Bion, 1963/1984). A realização das pulsões incestuosas é expressa pela aliança patrilateral (regressão), a ponte para a realidade é feita através da aliança matrilateral (progressão sublimatória com renúncia ao incesto).

Importa notar que o uso que aqui fazemos de algumas das ideias de Jung nada tem que ver com a aceitação acrítica da sua linguagem mística. O que interessa sobretudo é relevar a coincidência entre algumas das conclusões do autor sobre a aliança bilateral e a exposição de mecanismos psicodinâmicos a esta inerentes. Tais mecanismos são aqueles que descrevemos e explicamos no contexto das denominadas estruturas elementares do parentesco. A conjunção entre os resultados das intuições de Jung e os mecanismos das estruturas elementares é favorável à possibilidade da existência de uma psicologia comum a ambos.

PARTE II – O CASO MALINOWSKI

← Índice

Aspectos Psicodinâmicos no Diário de Malinowski. As Estruturas Elementares do Aparelho Psíquico de Malinowski

← Índice

Resumo: *após as considerações teóricas sobre a tese de Foucault a respeito das relações entre o dispositivo da aliança e da sexualidade nas sociedades modernas pretendemos colocar em relevo um caso concreto, Malinowski, de um etnógrafo que em contacto directo com a vivência dos sistemas de aliança numa sociedade tradicional (Trobriand) apresenta sob a forma de um diário pessoal as vicissitudes pelas quais tiveram que passar as suas próprias concepções sexuais à luz do sistema psicoparental que era o seu, típico da Europa moderna de então. Trata-se do caso de um sujeito que, formado nas estruturas complexas do parentesco de uma sociedade moderna, se encontra submerso nas estruturas elementares do parentesco numa sociedade tradicional. Mediremos as consequências desta colisão através das transformações do seu aparelho psicoparental a partir dos sonhos relatados. As transformações das representações de palavra e de coisa articuladas sob a rede associativa do seu diário pessoal manifestam as transformações do aparelho psíquico do etnógrafo em situação de tensão com o aparelho psicoparental trobriandês. Através das primeiras obteremos as segundas. Analisaremos portanto um caso onde o dispositivo da sexualidade típico das estruturas complexas se inscreve na vivência das estruturas elementares do parentesco tornadas objecto de estudo e espelho do aparelho psíquico do etnógrafo. No caso de Malinowski não houve tomada de consciência do «núcleo» das estruturas elementares sob a «casca» das estruturas complexas típicas de um investigador pertencente a uma sociedade moderna. Houve somente projecção das últimas sobre as primeiras.*

Pretendemos aqui explicitar algumas componentes psicodinâmicas na análise do diário de Malinowski (1914-18/1989). O processo de escrita subjacente ao diário obedece, na sua

essência, aos princípios básicos delineados na *Interpretação dos Sonhos*, de Freud (1900/1981a, 1900/1981b). A escrita subjacente ao diário revela-o como uma formação de compromisso defensiva / reparadora, assente numa pluralidade de motivos expressos em diferentes camadas que, no texto, reproduzem as várias camadas do aparelho psíquico. A obra científica de Malinowski ─ escrita principalmente após a elaboração do diário e a estadia nas Trobriand ─ apenas no que às posições sobre a psicanálise de Freud, e sobretudo sobre a universalidade do Édipo, diz respeito foi produzida sob a censura da revisão secundária. Esta revisão secundária visou, sobretudo, a eliminação da angústia, relativa ao complexo de Édipo, manifesta no diário.

De um modo geral, o diário é construído sob uma rede associativa constituída por representações de palavra e representações de coisa. Remeteremos as representações de coisa para a identidade de percepção (de um modo geral o conteúdo latente ou recalcado designativo das figuras materna e paterna) e as representações de palavra para a identidade de pensamento (ao serviço dos mecanismos de defesa do ego e da revisão secundária). Faremos uma tentativa de aplicação das noções de representação de coisa e representação de palavra segundo definição que Freud (1891/1979, 1915/1996a) delas deu ao referir que " (…) corresponde à palavra um complicado processo associativo no qual se reúnem os elementos de origem visual, acústica e cinestésica (…). Uma palavra, contudo, adquire seu *significado* ligando-se a uma 'apresentação do objecto', pelo menos se nos restringirmos a uma consideração de substantivos. A própria apresentação do objecto é, mais uma vez, um complexo de associações formadas por uma grande variedade de apresentações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas e outras. (…) uma apresentação do objecto consiste simplesmente nisso — que a aparência de haver uma 'coisa' de cujos vários 'atributos' essas impressões dos sentidos dão testemunho, deve-se meramente ao fato de que, ao enumerarmos as impressões sensoriais que recebemos de um objecto, pressupomos a possibilidade de haver grande número de outras impressões na mesma cadeia de associações (J.S. Mill). Assim, a apresentação do objecto é vista como uma apresentação que não é fechada e quase como uma que não pode ser fechada,

enquanto que a apresentação da palavra é vista como algo fechado, muito embora capaz de extensão" (1891/1979, pp. 70-73, 1915/1996a, pp. 221-222)[296].

Enquanto esquema de análise resolvemos proceder à investigação do diário de Malinowski (1914-18/1989) segundo três dimensões fundamentais: 1) Tentativa de relacionamento sincrónico dos sonhos entre si; 2) Tentativa de relacionamento diacrónico de cada sonho com o contexto fundamental que lhe dá suporte no estado de vigília (restos diurnos e passado mais longo); 3) Tentativa de relacionamento sincrónico e diacrónico de factos e acontecimentos entre si. É no entrelaçamento destas dimensões que as transformações do aparelho psicoparental de Malinowski se manifestam gerindo sempre a tensão, a «barreira de contacto» (Bion, 1962/1991), entre as estruturas elementares dos Trobriand e as estruturas complexas do parentesco nas quais Malinowski se insere, tudo experimentado sob a vivência de satisfação no aparelho psicoparental do etnógrafo. O diário revela-se como a narrativa das vicissitudes da "barreira de contacto" onde as figuras topológicas do parentesco (elementos alfa) são ocupadas por figuras reais sujeitas a desejos contraditórios (elementos beta) sempre em combinatórias diferentes entre si (função alfa). A narrativa do diário é uma versão da função alfa na medida em que "A

[296] "(…) there corresponds to the word a complicated associative process into which the elements of visual, acoustic and kinaesthetic origin (…) enter together. A word, however, acquires its *meaning* by being linked to an 'object-presentation', at all events if we restrict ourselves to a consideration of substantives. The object-presentation itself is once again a complex of associations made up of the greatest variety of visual, acoustic, tactile, kinaesthetic and other presentations. Philosophy tells us that an object-presentation consists in nothing more than this - that the appearance of there being a 'thing' to whose various 'attributes' these sense-impressions bear witness is merely due to the fact that, in enumerating the sense-impressions which we have received from an object, we also assume the possibility of there being a large number of further impressions in the same chain of associations (J. S. Mill). The object-presentation is thus seen to be one which is not closed and almost one which cannot be closed, while the word-presentation is seen to be something closed, even though capable of extension" (Freud, 1915/1991c, pp. 221-222).

Do mesmo modo que teremos em atenção a reformulação dada à relação entre os conceitos de representação de palavra e representação de coisa segundo Laplanche & Pontalis (1967/1994). Para estes (1967/1994), "1) A representação é (...) nitidamente diferenciada do traço mnésico: ela reinveste e reaviva este, que não é em si mesmo nada mais do que a inscrição do acontecimento; 2) A representação de coisa não deve ser entendida como um análogo mental do conjunto da coisa. Esta está presente em diversos sistemas ou complexos associativos quanto a este ou aquele dos seus aspectos. As representações de palavra são introduzidas numa concepção que liga a verbalização e a tomada de consciência. Assim, desde o *Projecto de Uma Psicologia Científica* (*Entwurf einer Psychologie*, 1895) que encontramos a ideia de que é associando-se a uma imagem verbal que a imagem mnésica pode adquirir o «índice de qualidade» específico da consciência. Essa ideia permanecerá constante em Freud e é fundamental para compreendermos a passagem do processo primário para o processo secundário, da identidade de percepção para a identidade de pensamento" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 296).

função-alfa humana quer durante o sono quer durante a vigília transforma as impressões dos sentidos relacionadas com a experiência emocional, ganhando coerência à medida que estas proliferam formando a barreira de contacto. Esta barreira de contacto, continuamente em processo de formação, marca o ponto de contacto e de separação entre os elementos conscientes e inconscientes e dá orígem à distinção entre eles. A natureza da barreira de contacto depende da natureza d fornecimento de elementos-alfa e do modo pelo qual estes se relacionam entre si. Podem formar conjuntos coerentes. Podem formar conjuntos aglomerados. Podem ser ordenados sequencialmente dando a aparência de uma narrativa (pelo menos na forma pela qual a barreira-de-contacto se pode revelar a si própria num sonho). Podem ser ordenados logicamente. Podem ser ordenados geometricamente" (Bion, 1962/1991, p. 17)[297]. O externo das estruturas elementares do parentesco Trobriand é vivido internamente por Malinowski e o interno das estruturas complexas de Malinowski é projectado no externo das estruturas Trobriand. A barreira de contacto transforma as estruturas entre si naquelas que virão a ser as posições oficiais de Malinowski sobre a psicanálise (narrativa oficial) e, neste aspecto, a tese complementarista de Devereux (1967/1980, p. 433, 1972/1978, pp. 10-11) já está presente na medida em que o externo e o interno das estruturas elementares dos trobriand e das estruturas complexas do etnógrafo são o externo e o interno uma da outra. A explicação do "facto cru" (Devereux, 1972/1978, pp. 10-11)[298] (a universalidade do Édipo e os mecanismos psicodinâmicos nas estruturas elementares do parentesco trobriand a partir da suposta função do irmão da mãe de ego) comporta duas motivações ─ um motivo operante, outro instrumental ─ de natureza psicológica e sociológica (Devereux, 1972/1978, p. 11). O motivo operante está próximo do que constitui o desejo a satisfazer, o instrumental corresponde à situação criada de modo a satisfazer o motivo operante, próximo portanto do conceito de *acting out* de Freud (1897/1981). Ao motivo

[297] "The man's alpha-function whether in sleeping or waking transforms the sense-impressions related to an emotional experience, into alpha-elements, which cohere as they proliferate to form the contact-barrier. This contact-barrier, thus continuously in process of formation, marks the point of contact and separation between conscious and unconscious elements and originates the distinction between them. The nature of the contact-barrier will depend on the nature of the supply of alpha-elements and on the manner of their relationship to each other. They may cohere. They may be agglomerated. They may be ordered sequentially to give the appearance of narrative (at least in the form in which the contact-barrier may reveal itself in a dream). They may be ordered logically. They may be ordered geometrically" (Bion, 1962/1991, p. 17).
[298] "raw fact" (Devereux, 1972/1978, pp. 10-11).

operante da explicação sociológica corresponde o motivo instrumental da explicação psicológica e ao motivo instrumental da explicação sociológica corresponde o motivo operante da explicação psicológica (Devereux, 1972/1978, p. 11). As estruturas elementares do parentesco trobriand correspondem à motivação instrumental de Malinowski e as análises psicodinâmicas que sobre elas faz correspondem à motivação operante na explicação psicológica por Malinowski construída.

O procedimento que aqui desenvolvemos visa, na sua organização interna, aproximar o mais fielmente possível a associação livre que preside ao processo de escrita do diário à análise que se pretende levar a cabo no presente texto. O etnógrafo estava ciente, ao que indica o diário, da noção técnica da associação livre tal como usada em psicanálise. Algumas passagens parecem ser disso testemunha, embora outras possam testemunhar também influências da psicologia associacionista de então: "Esta manhã senti-me decididamente melhor, o coração um pouco cansado. Ontem durante a tarde tentei entender a minha *disposição* e analisar em flagrante o meu estado psicológico durante o período febril; naturalmente, vazio e indolente, com fraca definição da realidade; associações restritas ou ausência de pensamentos; total ausência de estados metafísicos (p. 135) (...) fragmento de algumas associações: pensamento sobre o casamento com E. R. M. (p. 173) (...) Esta manhã (1.6.18) ocorreu-me que o objectivo de manter um diário e tentar controlar os pensamentos e a própria vida a todo o momento deve servir para consolidar a vida, para integrar o pensamento, para evitar a fragmentação de temas (p. 175) (...) Os princípios da associação pelo espaço, tempo, e similaridade constituem apenas as categorias mais externas, que dificilmente darão qualquer solução (p. 236) (...) Os meus pensamentos galopavam. Mentalmente continuava a falar, a explicar, a persuadir − mas não sobre trabalho, apenas sobre frivolidades. Tentei desviar a corrente de associações, mas em vão. Purificar é parar com tudo (p. 262) (…) Ao caír da noite, depois do jantar, pensei em E. R. M. enquanto estava na parte fresca e agradável da varanda; pensei nela com uma saudade serena e feliz. Por momentos algumas memórias

desagradáveis: o meu dente partido, o Sr. B. Sp, etc. 'Associação de ideias' − que princípio fútil!" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 135, 173, 175, 236, 262, 273-274)[299].

Deve notar-se que o Diário se desenvolve numa cadeia associativa de ideias, pensamentos e factos. Pretendemos vincar a importância da cadeia associativa na detecção de traços inconscientes. Todo o afecto sem representação, fora da cadeia associativa, constituía o motor do sintoma pois "Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada carga de afecto (*affektbetrag*) da qual o ego se desfaz, seja por meio de uma reacção motora, seja pela actividade psíquica associativa" (Freud, 1893/1996, p. 215). Procuraremos o recalcado e as resistências ao longo da narração de Malinowski, sem no entanto sair do contexto desta uma vez que a narração é ela própria uma representação do recalcado.

Os pressupostos teóricos da etnografia do Édipo de um modo geral não estão ligados entre si (padrão do pai ausente, homossexualidade, pulsões sexuais dirigidas para a mãe, sonhos, mitos, etc.) ou, quando estão, apresentam-se de um modo contraditório (processo secundário). Paralelamente, os dados do *Diário* (ideias, sentimentos, factos ocorridos, presença da mãe, de mulheres amadas, etc.) também não estão ligados entre si (processo primário). A questão é saber de que modo o processo primário engendra ou ajuda a esclarecer o processo secundário racionalizante da narração.

Notar que as contradições nos argumentos teóricos respeitantes à etnografia do Édipo podem constituir a expressão ambivalente do reconhecimento do Édipo trobriandês. Esta

[299] "This morning I feel decidedly better, heart a bit tired. Fine cool morning, northwest wind. Yesterday during the afternoon I tried to understand my *Stimmung* and to analyze in *flagrante* my psychological state during my feverishness; naturally, emptiness and sluggishness, weak grasp of reality; shallow associations or absence of thoughts; total absence of metaphysical states" (p. 135) (…) "fragment of associations: thought of marriage to E. R. M." (p. 173) (…) "This morning (1.6.18) it occurred to me that the purpose in keeping a diary and trying to control one's life and thoughts at every moment must be to consolidate life, to integrate one's thinking, to avoid fragmenting themes" (p. 175) (…) "The principles of association by space, time, similarity are just the most external categories, which give hardly any clue at all" (p. 236) (…) ". My thoughts were galloping. In my mind I kept on talking, explaining, persuading − but not about work, only about trifles. I tried to divert the stream of associations, but in vain. Distilling is to stop it altogether" (p. 262) (…) "In the evening, after supper, thought about E. R. M. as I sat alone on the pleasant, cool side of the veranda; I thought about her with calm, happy longing. At moments unpleasant memories: my broken teeth, Sir B. Sp. etc. 'Association of ideas' − what a futile principle!" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 135, 173, 175, 236, 262, 273-274).

espécie de «amnésia das contradições» seria produto, afinal, da prevalência do processo primário (afectivo) inerente ao processo secundário (teórico).

Este problema seria colocado, do ponto de vista epistemológico, na clássica relação observador - observado. Seria de admitir ou de esperar que, em alguma medida, o observador projectasse no objecto de estudo observado uma problemática que, embora deslocada, lhe diz intimamente respeito. O que parece, à primeira vista, é que não há projecção do Édipo sobre os Trobriand. Mas há, afinal, projecção, embora sob a forma da denegação. Interessa, então, saber como se processa esta denegação.

A negação (denegação, afinal) do Édipo nas Trobriand, isto é, a tentativa de prova da sua ausência, a insistência na ausência do Édipo nas Trobriand constitui, portanto, a dimensão pela qual podemos «medir» a «amnésia das contradições» teóricas de Malinowski. A «amnésia das contradições» constitui um «sistema» na acepção freudiana (Freud, 1912-13/1996) dominado por uma "razão baseada nas premissas do sistema" (p. 105)[300] cuja narração constitui o delírio e uma "razão oculta"[301] (p. 105), determinante, que "devemos julgar como sendo a verdadeiramente operante e real" (p. 105)[302]. A negação do Édipo nas Trobriand é uma revisão secundária do sistema de pensamento malinowskiano. Revisão secundária que, apesar do esforço intelectual, se revela defeituosa, deixando transparecer incoerências e contradições.

Note-se também que se a cadeia associativa constituir o ego, o trabalho de campo vivido, fazendo parte da cadeia associativa, pode ser visto como ambivalente na medida em que as relações transferênciais e contratransferênciais são neste evidenciadas sob o signo da transferência negativa. O que mais importa referir é que sob a transferência negativa a teorização da relação de Malinowski, em trabalho de campo, com a população local é «excluída» para fora da cadeia associativa, permanecendo nela recalcada ao nível da consciência, isto é, do processo de escrita do *Diário*. Isto teria a sua contrapartida na ausência da presença nativa nos sonhos de Malinowski correspondendo a transferência

[300] "a reason based upon the premises of the system" (Freud, 1913/1981b, p. 95).
[301] "concealed reason" (Freud, 1913/1981b, p. 96).
[302] "judge to be the truly operative and the real one" (Freud, 1913/1981b, p. 96).

negativa relativa aos nativos na associação livre do diário à ausência dos mesmos nos sonhos do etnógrafo. Esta exclusão de um dos elementos essenciais da cadeia associativa do ego parece ser da mesma natureza que o processo subjacente à paralisia histérica (desconhecimento de um órgão relativo à imagem do corpo) descrito por Freud (Breuer & Freud, 1893-95/1981). Caso fosse, estaríamos colocados na problemática da demarcação entre observador e observado, de acordo com Devereux (1967/1980). Ora o processo de demarcação observador – observado constantemente refeito (Devereux, 1967/1980), atinge a sua máxima ambivalência precisamente na discussão da universalidade do Édipo, uma vez ser algo que afecta tanto a vida afectiva de Malinowski quanto as relações afectivas dos trobriandeses, sendo que a negação da universalidade do Édipo sustentada no caso trobriandês trata de um objecto científico demarcado do investigador participante Malinowski, demarcação que no entanto traduz o prolongamento do observador Malinowski na mesma linha já teorizada por Devereux (1967/1980) quando este refere que "mesmo se a ciência do comportamento (enquanto operação) fôr redefinida como observação recíproca do sujeito e do observador, a palavra «observação» perde o seu sentido se não chegarmos a estabelecer, por meios específicos, uma demarcação entre o observador e o sujeito. As barreiras experimentais, que se supõe entravarem a contra-observação, não podem constituir uma demarcação logicamente defensável. Podemos, com efeito, demonstrar que, do ponto de vista do sujeito elas constitutem maanifestamente um prolongamento do observador" (p. 377)[303]. Sobre a demarcação entre sujeito e objecto adianta o autor que "(...) devemos conceber e definir o lugar da demarcação entre observador e sujeito, pois veremos que esta «demarcação» é, na realidade, um cavalgamento constantemente regenerado" (p. 381)[304]. Para Devereux (1967/1980) a demarcação mais pertinente "cientificamente situa-se no ponto onde se produz uma perturbação que podemos relacionar com o princípio de complementaridade.

[303] "(…) même si la science du comportement (en tant qu'operation) est redéfinie comme observation réciproque du sujet et de l'observateur, le mot «observation» cesse d'avoir sens si l'on n'arrive pas à établir, par des moyens spécifiable une démarcation entre l'observateur et le sujet. Les barrières expérimentales, supposées entraver la contre-observation, ne peuvent constituer une démarcation logiquement défendable. On peut, en effet, démontrer que, du point de vue du sujet elles constituent manifestement un prolongement de l'observateur" (Devereux, 1967/1980, p. 377).

[304] "(...) on devrait concevoir et définir le lieu dela démarcation entre observateur et sujet, car nous verrons que cette «démarcation» est, en realité, un chevauchement constemment régénéré" (Devereux, 1967/1980, p. 381).

Em muitos casos, este ponto está − pelo menos para o observador imparcial do conjunto da situação experimental situado profundamente «no interior» do observador ou do experimentador real. O ponto / instante no qual o observador exclama: «É isto que eu percebo» pode muito bem ser ainda o ponto no qual prevalece uma situação susceptível de ser relacionada com o princípio de complementaridade" (p. 397)[305]. O observado aqui seria constituído pela população trobriandesa e demais indivíduos que povoam o *Diário*, o observador seria Malinowski. As fronteiras oscilantes do ego de Malinowski, segundo o processo de escrita, seriam reveladas pelas transferências e contratransferências tidas no trabalho de campo. As aproximações e distanciamentos sentidos relativamente aos trobriandeses seriam de natureza semelhante aos diversos sintomas descritos no *Diário*.

Levaremos em conta uma análise das relações sujeito-objecto, exemplificada através da obra de Malinowski relativamente às suas posições sobre a psicanálise e, particularmente, sobre a universalidade do complexo de Édipo colocando em contraste duas das suas obras: A *Diary in the Strict Sense of the Term* (Malinowski, 1914-18/1989) e *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* (Malinowski, 1927/2000), no contexto da sua etnografia.

[305] "scientifiquement se situe au point où se produit une perturbation que l'on peut rapporter au principe de complémentarité. Dans de nombreux cas, ce point est − au moins pour l'observateur impartial de l'ensemble de la situation expérimentale situé profondément «à l'intérieur» de l'observateur ou de l'expérimentateur réel. Le point/instant auquel l'observateur s'exclame: «Et c'est cela que je perçois» peut fort bien être aussi le point auquel prévaut une situation susceptible d'être rapportée au principe de complémentarité" (Devereux, 1967/1980, p. 397).

O Primeiro Sonho, de 20 de Setembro de 1914. Um Sonho Premonitório

← Índice

Na sequência dos vinte sonhos relatados no diário de Malinowski julgamos da maior importância notar a convergência temática entre o primeiro e o último, até devido às datas de cada um deles, quase inaugurando, respectivamente, o começo e o fim da obra.

De modo diferente, ambos os sonhos expressam um regresso à infância. O primeiro com uma descrição sucinta de sentimentos auto-eróticos, o último com recordações da mãe, na altura já morta havia pouco tempo.

Ora, a figura da mãe de Malinowski permeia todo o processo de escrita do diário. As alusões à mãe e seus substitutos quer em paisagens, quer sobretudo no que às mulheres diz respeito, são frequentes e povoam as mais variadas situações que o etnógrafo viveu.

Face às expectativas de uma viagem de longa duração, a um lugar longínquo, viagem investida com fortes ambições pessoais, seria natural que uma tal situação mobilizasse mecanismos psíquicos que de algum modo testemunhassem a reconstituição das primeiras cenas de infância, cenas nas quais aquela que mais cuidados providenciou ao sonhador fosse agora de algum modo evocada: a mãe, sobretudo quando tal viagem significava, entre outras coisas, precisamente um afastamento da mãe a quem Malinowski permanecia tão ligado.

O primeiro sonho surge e é narrado. Segundo o Maliniwoski (1914-18/1989), "Hoje, segunda-feira, 20 de Setembro de 1914, tive um sonho estranho: homossexualidade, com o meu próprio duplo enquanto parceiro. Estranhos sentimentos auto-eróticos; a impressão de que gostaria de ter uma boca tal como a minha para beijar, um pescoço que curvasse como o meu, uma testa tal como a minha (vista de perfil)" (pp. 12-13)[306].

[306] "Today, Monday, 9.20.14, I had a strange dream; homosex., with my own double as partner. Strangely autoerotic feelings; the impression that I'd like to have a mouth just like mine to kiss, a neck that curves just like mine, a forehead just like mine (seen from the side)" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 12-13).

Alguma ambiguidade transparece na descrição deste sonho. Segundo o autor, os elementos componentes são um duplo de si próprio, homossexualidade, auto-erotismo, uma boca que quer beijar-se a si própria, pescoço e testa.

A ambiguidade reside, em nossa opinião, precisamente na conjunção entre homossexualidade e auto-erotismo. O facto de se sonhar com órgãos do próprio corpo, desejando manifestamente possuir-se a si próprio mediante os mesmos, pode denunciar uma componente homossexual, tal como auto-erótica.

Tal não teria grande importância não fosse o facto de a teoria psicanalítica ter dado desde sempre considerável destaque ao auto-erotismo no domínio dos processos psicodinâmicos.

É a Havelock Ellis (1901) que Freud (1905/1996) vai buscar o termo a fim de o refinar e dar-lhe o lugar que desde então passa a ter em teoria psicanalítica. Para o criador da psicanálise (Freud, 1905/1996), "Como traço mais destacado dessa prática sexual, salientemos que a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *auto-erótica*, para dizê-lo com a feliz denominação introduzida por Havelock Ellis [1910]" (p. 170)[307].

Embora Freud (1905/1996) conceda importância a muitos outros órgãos enquanto zonas auto-eróticas, aos lábios cabe o rememorar de um prazer (o fenómeno do sugar, moldado na amamentação) anteriormente adquirido com a mãe ou seus substitutos: "Está claro, além disso, que o acto da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora relembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das actividades da criança — mamar no

[307] "(…) the most striking feature of this sexual activity is that the instinct is not directed towards other people, but obtains satisfaction from the subject's own body. It is 'auto-erotic', to call it by a happily chosen term introduced by Havelock Ellis (1910)" (Freud, 1905/1981, p. 181).

seio materno (ou em seus substitutos) — há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação de prazer" (1905/1996, p. 171)[308].

Os traços mnésicos que evocam o prazer da sensação do sugar, logo o prazer ligado ao órgão que exerce a função da alimentação - a boca, os lábios -, são os mesmos traços mnésicos ligados à figura e ao corpo daquela que providenciou a alimentação, o afecto e, ligado a tudo isto, a estimulação sexual: a mãe. Para Freud "A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento — uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não se serve de um objecto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cómodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios. ("Pena eu não poder beijar a mim mesmo", dir-se-ia subjazer a isso)" (1905/1996, p. 171)[309].

---

[308] "(…) it is clear that the behaviour of a child who indulges in thumb-sucking is determined by a search for some pleasure which has already been experienced and is now remembered. In the simplest case he proceeds to find this satisfaction by sucking rhythmically at some part of the skin or mucous membrane. It is also easy to guess the occasions on which the child had his first experiences of the pleasure which he is now striving to renew. It was the child's first and most vital activity, his sucking at his mother's breast, or at substitutes for it, that must have familiarized him with this pleasure. The child's lips, in our view, behave like an erotogenic zone, and no doubt stimulation by the warm flow of milk is the cause of the pleasurable sensation" (Freud, 1905/1981, p. 181).

[309] "The satisfaction of the erotogenic zone is associated, in the first instance, with the satisfaction of the need for nourishment. To begin with, sexual activity attaches itself to functions serving the purpose of self-preservation and does not become independent of them until later. No one who has seen a baby sinking

Mesmo após a separação entre as pulsões do ego e as pulsões de auto-conservação, a mãe permanece como o referencial, o molde, a partir do qual se farão todas as suas substituições uma vez que " (…) desses primeiros e mais importantes de todos os vínculos sexuais, resta, mesmo depois que a actividade sexual se separa da nutrição, uma parcela significativa que ajuda a preparar a escolha do objecto e, dessa maneira, restaurar a felicidade perdida. Durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele. Talvez se queira contestar a identificação do amor sexual com os sentimentos ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica mais rigorosa permitirá estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida. O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa — usualmente, a mãe — contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objecto sexual plenamente legítimo" (1905/1996, p. 210-211)[310].

---

back satiated from the breast and falling asleep with flushed cheeks and a blissful smile can escape the reflection that this picture persists as a prototype of the expression of sexual satisfaction in later life. The need for repeating the sexual satisfaction now becomes detached from the need for taking nourishment—a separation which becomes inevitable when the teeth appear and food is no longer taken in only by sucking, but is also chewed up. The child does not make use of an extraneous body for his sucking, but prefers a part of his own skin because it is more convenient, because it makes him independent of the external world, which he is not yet able to control, and because in that way he provides himself, as it were, with a second erotogenic zone, though one of an inferior kind. The inferiority of this second region is among the reasons why at a later date he seeks the corresponding part—the lips—of another person. ('It's a pity I can't kiss myself', he seems to be saying)" (Freud, 1905/1981, pp. 181-182).

[310] "But even after sexual activity has become detached from the taking of nourishment, an important part of this first and most significant of all sexual relations is left over, which helps to prepare for the choice of an object and thus to restore the happiness that has been lost. All through the period of latency children learn to feel for other people who help them in their helplessness and satisfy their needs a love which is on the model of, and a continuation of, their relation as sucklings to their nursing mother. There may perhaps be an inclination to dispute the possibility of identifying a child's affection and esteem for those who look after him with sexual love. I think, however, that a closer psychological examination may make it possible to establish this identity beyond any doubt. A child's intercourse with anyone responsible for his care affords him an unending source of sexual excitation and satisfaction from his erotogenic zones. This is especially so since the person in charge of him, who, after all, is as a rule his mother, herself regards him with feelings that are derived from her own sexual life: she strokes him, kisses him, rocks him and quite clearly treats him as a substitute for a complete sexual object" (Freud, 1905/1981, pp. 222-223).

Ou seja, e é isto que pretendemos começar por sublinhar, a inauguração que o presente sonho traduz no processo de abertura do diário expressa o desejo pela figura materna separada pela viagem empreendida. O processo de escrita do diário vai constituir um constante reatamento com a ausência da mãe. O auto-erotismo labial do primeiro sonho é uma regressão ao prazer da fase oral na qual a figura materna ocupou outrora um lugar essencial. O auto-erotismo labial constitui, portanto, uma substituição da mãe.

Outra dimensão resta, ainda, a apontar a este beijo auto-erótico. Porque se trata de uma figura agora desprovida da presença materna, Malinowski procede à substituição da mãe pelo seu próprio duplo. A relação auto-erótica que, neste sonho, é também uma relação homossexual, traduz-se afinal pela auto-fecundação de um pensamento representada nas bocas de duas cabeças que, afinal, são a mesma boca e a mesma cabeça. Uma auto-fecundação visa a produção de algo: de um pensamento que, narcisicamente, se quer afirmar pela novidade, pela revolução metodológica e intelectual – a metodologia etnográfica do trabalho de campo. Estamos no domínio das teorias infantis da sexualidade. Freud (1908/1996b) começa por enumerar as três teorias infantis fundamentais sobre a sexualidade humana, a saber, 1) o "desconhecimento das diferenças entre os sexos (...) Consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pénis, tal como o menino sabe a partir do seu próprio corpo*" (p. 196)[311]; 2) "A ignorância da vagina também permite às crianças acreditar na segunda das suas teorias sexuais. Se o bebé se desenvolve no corpo da mãe, sendo então retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal. *O bebé precisa ser expelido como excremento, numa evacuação*" (p. 198)[312]; 3) "A terceira das teorias sexuais típicas surge nas crianças quando, por qualquer circunstância doméstica, eles testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais (...) adoptando (...) uma *concepção*

[311] "(…) the neglect of the differences between the sexes (…) It consists in *attributing to everyone, including females, the possession of a penis,* such as the boy knows from his own body" (Freud, 1908/1981b, p. 215).

[312] "Their ignorance of the vagina also makes it possible for children to believe in the second of their sexual theories. If the baby grows in the mother's body and is then removed from it, this can only happen along the one possible pathway —the anal aperture. *The baby must be evacuated like a piece of excrement, like a stool*" (Freud, 1908/1981b, p. 215).

sádica do coito" (p. 199)[313]. Mas há ainda uma quarta conjectura infantil que Freud (1908/1996b) descreve como uma "importante teoria de que a criança é gerada num beijo – teoria que obviamente revela a predominância da zona erógena da boca" (p. 202)[314]. Designa-a, no entanto, como uma característica exclusivamente feminina expressando uma forte inibição nas pesquisas sexuais da infância (Freud, 1908/1996b, p. 202). Ora, tratando-se de um homem, neste caso Malinowski, teríamos que incluir neste sonho uma componente feminina, componente que integraria os vários traços do carácter do autor. Isto complica as coisas, uma vez que para haver auto-fecundação teria que estar presente algum traço do carácter paterno. Mas o pai não se encontra explicitamente presente. Tal estado de coisas, leva-nos então a emitir a seguinte hipótese explicativa: o sonho auto-erótico de Malinowski evoca o auto-oferecimento feminino do autor a um pai fecundador a fim de, sendo fecundado por este, alcançar uma produção intelectual e etnográfica (sublimada), tendo simultaneamente a vantagem de assim proceder a uma dupla identificação: primeiro com o pai fecundador (incorporação do ideal do ego, futuro super-ego), depois com a mãe, uma vez assim poder mantê-la propriedade sua e, deste modo, protegê-la sacrificando-se ele próprio ao pai. Estamos a avançar a hipótese de, já neste sonho, se anunciar um Édipo que Freud (1923/1981) designou por «invertido» ou «negativo». Como método experimental-comparativo, tentaremos detectar a mesma configuração edipiana negativa em algumas passagens do diário "agidas" (*acting out*) entre o autor e as paisagens Trobriand envolventes.

Sabendo que um sonho é também, segundo Freud, um processo alucinatório, não podemos deixar de apontar para a extraordinária semelhança entre algumas concepções desenvolvidas a partir da análise sobre as memórias de Schreber e este particular aspecto do sonho de Malinowski. De acordo com Freud (1911/1996) "O Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso; e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentaria nos primeiros anos da sua infância. Se assim fosse, então o delírio de que, por causa da

[313] "The third of the typical sexual theories arises in children if, through some chance domestic occurrence, they become witnesses of sexual intercourse between their parents (…) They adopt what may be called a *sadistic view of coition*" (Freud, 1908/1981b, p. 220).
[314] "(…) significant theory that a baby is got by a kiss—a theory which obviously betrays the predominance of the erotogenic zone of the mouth" (Freud, 1908/1981b, p. 223).

sua emasculação, o mundo se povoaria de «uma nova raça de homens nascidos no espírito de Schreber – delírio cuja realização continuamente adiava para um futuro cada vez mais remoto – teria também a intenção de oferecer-lhe uma saída para a sua falta de filhos. Se os homenzinhos que o próprio Schreber acha tão enigmáticos fossem crianças, então não teríamos dificuldade em compreender porque se achavam reunidos em tão grande número em sua cabeça (158): eles eram, verdadeiramente, os «filhos de seu espírito»" (Freud, 1911/1996, p. 66)[315].

Não tendo ainda filhos na altura da execução da etnografia trobiandesa, e sendo uma preocupação expressa pelo autor no seu diário, julgamos em alguma medida poder tratar-se, no sonho evocado, de uma "emasculação" sublimada na qual Malinowski procede a uma substituição intelectualizada dos filhos desejados pelo produto intelectual que é a sua revolução etnográfica, produto somatizado de uma «cabeça» com «boca fecundante». De alguma maneira, a sua etnografia com os seus numerosos aspectos revolucionários constitui o/s filho/s da sua "cabeça".

[315] "Dr. Schreber may have formed a phantasy that if he were a woman he would manage the business of having children more successfully; and he may thus have found his way back into the feminine attitude towards his father which he had exhibited in the earliest years of his childhood. If that were so, then his delusion that as a result of his emasculation the world was to be peopled with 'a new race of men, born from the spirit of Schreber' (288)—a delusion the realization of which he was continually postponing to a more and more remote future—would also be designed to offer him an escape from his childlessness. If the 'little men' whom Schreber himself finds so puzzling were children, then we should have no difficulty in understanding why they were collected in such great numbers on his head: they were in truth the 'children of his spirit'" (Freud, 1911/1981, p. 58).

A Simbólica Psicanalítica de um Sonho Premonitório

← Índice

Foquemos a atenção e imaginemos a figura facial, relatada no sonho, vista de perfil: é a face de Malinowski, face na qual os ângulos côncavos são formados entre a testa e o nariz (implícito), por um lado, entre o nariz e a boca, por outro. A nuca forma um ângulo côncavo na retaguarda dos ângulos da face. Os olhos de certo modo também estão já implícitos neste sonho auto-erótico e de natureza homossexual. Também eles formam concavidades entre a fronte (a testa) e a as faces. O nariz, implícito, constituiria neste sonho iniciador do diário o único constituinte de um ângulo convexo na sua extremidade e, à primeira vista, o único representante de uma componente fálica.

Estamos no domínio do conceito psicanalítico de *facilitação somática*[316]. Segundo Otto Fenichel (1945/2000): "Em todos os sintomas o investimento total dos impulsos censuráveis parece condensar-se numa função fisiológica determinada" (p. 263)[317]. As condicionantes que presidem, segundo Fenichel (cf. 1945/2000, p. 263), à selecção da região afectada são: 1) As fantasias sexuais e a correspondente erogeneidade da parte afectada; 2) Factos puramente físicos, isto é, o sintoma usa com maior facilidade o órgão que apresenta um *locus minoris resistentiae*, *locus* criado por uma debilidade constitucional ou uma enfermidade adquirida; 3) A selecção do órgão depende da situação em que teve lugar a repressão, por outras palavras, os órgãos que servirão no futuro de base às perturbações são aqueles que no período da repressão estiveram mais activos ou sob o efeito de uma maior tensão; 4) Outras vezes a selecção do órgão afectado tem uma mais vincada relação com a maior capacidade de expressão, por parte da função desse órgão, da pulsão sexual.

Sobre esta última dimensão, Fenichel (1945/2000) torna as coisas bastante mais explícitas ao referir-nos, a respeito da capacidade de expressão simbólica por parte da função do órgão que "As tendências de incorporação encontram a sua melhor expressão na boca,

---

[316] Tradução inglesa: "*somatic compliance*"; no alemão: "*somatisches entgegenkommen*".
[317] "*En todos os sintomas la catexis total de los impulsos censurables parece condensar-se en una función fisiológica determinada*" (Fenichel, 1945/2000, p. 263).

nos orgãos respiratórios e na pele, e as tendências de eliminação no aparelho intestinal, assim como também no respiratório. Os orgãos convexos, como a mão, o pé, o nariz, e os seios podem simbolizar o pénis e representar desejos masculinos; os orgãos côncavos, como a boca, o ânus, as fossas nasais e as partes de flexão das extremidades podem simbolizar a vagina e representar desejos femininos" (pp. 263-264)[318].

Primeira lição a retirar deste sonho: estamos na presença de um enorme investimento sexual condensado no órgão complexo da cabeça. Sendo um "órgão" componente da extremidade superior do corpo atesta um deslocamento do «prazer de órgão» de baixo para cima, confirmando a exacta descrição de Freud para quem "(…) é muito comum acontecer que os sinais de estimulação, as sensações e as inervações e até mesmo os processos de erecção, que pertencem propriamente aos genitais, se desloquem para outras regiões remotas do corpo — como, por exemplo, deslocarem-se para cima, para a cabeça e a face. Estando dessa forma convencidos de que não têm onde se apoiarem para sua caracterização daquilo que é sexual, os senhores, sem dúvida, terão de se decidir a seguir meu exemplo, e estender a descrição de 'sexual' também às actividades do início da infância que buscam o prazer do órgão" (Freud, 1916-17/1996a, p. 329)[319].

Note-se a cabeça como órgão do pensamento, da reflexão, ou seja, este sonho coloca em «imagem visual» o «prazer de órgão» (genital masculino) transcrito em termos de «prazer de órgão» da cabeça, isto é, uma «transcrição» que é uma «racionalização» da pulsão sexual genital em termos intelectuais. Esta cabeça já é «fálica» na medida em que a intelectualização vai ser usada como auto-afirmação narcísica na produção de uma obra

[318] "Las tendencias de incorporación encuentran su mejor expresión en la boca, los órganos respiratorios y la piel, y las tendencias de eliminación en el aparato intestinal, así como también en el respiratorio. Los órganos convexos, como la mano, el pie, la nariz y los senos pueden simbolizar el pene y representar deseos masculinos; los órganos cóncavos, como la boca, el ano, las fosas nasales y las partes de flexión de las extremidades pueden simbolizar la vagina y representar deseos femeninos" (Fenichel, 1945/2000, pp. 263-264).

[319] "(…) it is quite usual for signs of stimulation, sensations and innervations, and even the processes of erection, which belong properly to the genitals, to be displaced on to other, remote regions of the body—as, for instance, by transposition upwards, to the head and face. Being thus convinced that you have nothing to catch hold of for your characterization of what is sexual, you will no doubt have to make up your minds to follow my example and extend the description of being 'sexual' to the activities of early childhood, too, which strive for organ-pleasure" (Freud, 1916-17/1981a, p. 324).

científica que visa «rever secundariamente», logo «denegar», as pulsões sexuais incestuosas edipianas do etnógrafo. Pulman (2002, p. 121) chama à atenção o facto de Malinowski descurar a oralidade na sexualidade trobriandesa e dar uma imagem patética do que poderia ser a analidade nos trobriand. Ora, o recalcamento da oralidade nos seus escritos cientificos sobre psicanálise pode ser uma consequência da revisão secundária do seu mecanismo de defesa visivel a partir do momento em que o etnógrafo nos relata o primeiro dos sonhos tidos na altura em que se instala na Nova-Guiné. A oralidade (desejo de ter uma boca como a dele próprio), neste sonho, implica uma dependência e um desejo incestuoso pela mãe. O vínculo K (conhecimento, ciência, saber) teorizado por Bion (1962/1991) pode ter neste contexto algo a dizer. Segundo Bion (1962/1991, p. 90, 91), a mais primitiva manifestação de K (conhecimento) dá-se na relação mãe-criança, relação traduzida em termos de relação de objecto pelos orgãos do peito e da boca ou entre contentor e contido; trata-se de um modelo baseado na ideia da criança que explora um objecto com a boca, referindo também que a fala do bébé substitui a fala da mãe. A oralidade (vertente da dependência materna) subjacente ao diário vai ser recalcada pela forma da letra escrita (vertente da ciência, vínculo K), forma que assumirá posteriormente uma maior sistematização, durante a obra vindoura, na recusa da universalidade do Édipo.

Sintetizando e metaforizando o sonho analisado, a tese que pretendemos por agora defender pode definir-se pela asserção segundo a qual a obra científica de Malinowski, relativa às posições teóricas sobre a psicanálise, constitui um “deslocamento para cima”, para uma “cabeça” (racionalização intelectualizada sob revisão secundária) de sinais de estimulação e sensações sexuais e, de um modo geral, da angústia de base incestuosa, tão bem testemunhadas no diário.

Este sonho de Malinoswki (1914-18/1989) parece manifestar aliás semelhanças com um dos casos descritos por Winnicott (1949/2000) enquanto expressão da divisão mente–corpo. O diário de Malinowski (1914-18/1989) é testemunho de um processo de regressão psíquica efectuada pelo etnógrafo. O sonho de Malinowski (1914-18/1989) aproxima-se do narcisismo primário restaurador do “ambiente perfeito” (Winnicott,

1949/2000, p. 334) da maternagem. Tal como a mulher que Winnicott (1949/2000) analisou e que registava num diário todos os episódios da análise concluindo que este "era uma projecção de seu aparato mental" (1949/2000, p. 342) assim também Malinowski usou o seu diário enquanto registo transfigurado dos pontos regredidos da história da sua líbido no "ambiente" materno das Trobriand. A elaboração teórica de Malinowski sobre a psicanálise de Freud (nomeadamente as críticas ao complexo de Édipo) constitui o modo como a mente do etnógrafo geriu a falha da adaptação ambiental, i.e, os aspectos negativos da sua relação com a mãe. Segundo Winnicott (1949/2000), "A necessidade de um ambiente bom, de início absoluta, torna-se rapidamente relativa. A mãe devotada comum é suficientemente boa. Se ela é suficientemente boa, o bebé virá a dar conta de suas falhas através da actividade mental (…) Uma das raízes da mente, portanto, é o funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham cada falha da adaptação ambiental (activa)" (p. 335). Tal como testemunhado no diário, a mente de Malinowski transparece não só através dos vários sintomas psicossomáticos relatados como também nas elaborações intelectuais que os tentam explicar.

Poderíamos ainda acrescentar, relativamente ao primeiro sonho de Malinowski, o facto de ter em princípio uma espécie de relação invertida com a distinção de Freud entre "sonhos de cima" e "sonhos de baixo" na medida em que para Freud (1922/1996a) "É possível distinguir entre sonhos oriundos *de cima* e sonhos oriundos *de baixo*, desde que a distinção não se faça com demasiada nitidez. Sonhos de baixo são os provocados pela intensidade de um desejo inconsciente (reprimido), que encontrou meio de ser representado em algum dos resíduos diurnos. Podem ser encarados como incursões do reprimido na vida desperta. Os sonhos de cima correspondem a pensamentos ou intenções do dia anterior que durante a noite conseguiram obter reforço de um material reprimido excluído do ego" (p. 127)[320].

[320] "It is possible to distinguish between dreams from *above* and dreams *from below,* provided the distinction is not made too sharply. Dreams from below are those which are provoked by the strength of an unconscious (repressed) wish which has found a means of being represented in some of the day's residues. They may be regarded as inroads of the repressed into waking life. Dreams from above correspond to thoughts or intentions of the day before which have contrived during the night to obtain reinforcement from repressed material that is debarred from the ego" (Freud, 1922/1981, p. 111).

O que é interessante notar, aqui, é que o sonho do duplo, relativo à cabeça, aparentemente localizado em cima é oriundo de baixo, isto é, o desejo inconsciente refere-se a um desejo incestuoso dirigido à mãe. Mas, mais ainda, se os sonhos oriundos de baixo constituem incursões do reprimido na vida desperta então toda a estrutura e "lógica" do diário está já condensada neste sonho, isto é, o diário pode também ser encarado como um «sonho acordado». Segundo Freud (1907/1996), "Os desejos motivadores variam de acordo com o sexo, o carácter e as circunstâncias da pessoa que fantasia, dividindo-se naturalmente em dois grupos principais: ou são desejos ambiciosos, que se destinam a elevar a personalidade do sujeito, ou são desejos eróticos. (…) Nos homens jovens os desejos egoístas e ambiciosos ocupam o primeiro plano, de forma bem clara, ao lado dos desejos eróticos. Mas não acentuaremos a oposição entre essas duas tendências, preferindo salientar o fato de que estão frequentemente unidas. Assim como em muitos retábulos em que é visível num canto qualquer o retrato do doador, na maioria das fantasias de ambição podemos descobrir em algum canto a dama a que seu criador dedicou todos aqueles feitos heróicos e a cujos pés deposita seus triunfos. Veremos que aqui existem motivos bem fortes para ocultamento; à jovem bem-educada só é permitido um mínimo de desejos eróticos, e o rapaz tem de aprender a suprimir o excesso de auto-estima remanescente de sua infância mimada, para que possa encontrar seu lugar numa sociedade repleta de outros indivíduos com idênticas reivindicações" (pp. 137-138)[321].

O "herói" fantasia, afinal, um sucesso perante a sua amada: "Penso muito em E. R. M. − penso em como faremos a nossa «grande entrada» no baile da Legião de Honra"

[321] "These motivating wishes vary according to the sex, character and circumstances of the person who is having the phantasy; but they fall naturally into two main groups. They are either ambitious wishes, which serve to elevate the subject's personality; or they are erotic ones. In young women the erotic wishes predominate almost exclusively, for their ambition is as a rule absorbed by erotic trends. In young men egoistic and ambitious wishes come to the fore clearly enough alongside of erotic ones. But we will not lay stress on the opposition between the two trends; we would rather emphasize the fact that they are often united. Just as, in many altar-pieces, the portrait of the donor is to be seen in a corner of the picture, so, in the majority of ambitious phantasies, we can discover in some comer or other the lady for whom the creator of the phantasy performs all his heroic deeds and at whose feet all his triumphs are laid. Here, as you see, there are strong enough motives for concealment; the well-brought-up young woman is only allowed a minimum of erotic desire, and the young man has to learn to suppress the excess of self-regard which he brings with him from the spoilt days of his childhood, so that he may find his place in a society which is full of other individuals making equally strong demands" (Freud, 1907/1981, pp. 146-147).

(Malinowski, 1914-18/1989, p. 254)[322]. Mas perante todas as incertezas, todas as dúvidas que acompanham a aventura de um autor que quer um lugar na história da ciência, o seu ego tem que se submeter a um processo de racionalização a fim de se caracterizar pela invulnerabilidade típica dos heróis de aventuras – será que a sua amada Elsie aceita um herói que não combateu na primeira grande guerra enquanto esta se desenrolava? O heroísmo que não pôde ser comprovado no campo de batalha − "Triste em alguns momentos por não me ter testado a mim próprio" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 179)[323] − será assim testado no trabalho de campo etnográfico pois aqui também se trata de conquistar "terreno" aos selvagens e para a ciência: "Por um momento olhei o Destino nos olhos. Sei que se tivesse que ter ido para a guerra, teria ido calmamente e sem muito espalhafato interior. Agora: enquadrar o dia-a-dia em termos heróicos; ser implacável relativamente a apetites e fraquezas; não ser dado a depressões e digressões tais como a inabilidade em tirar fotos. Afastar a inépcia, a ânsia e o sentimentalismo. O meu amor por E. R. M. pode ser, deve ser, baseado no sentimento de que ela tem fé no meu heroísmo, e que se eu tivesse sido chamado para a guerra não teria tentado escapar" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 180)[324].

Após actuação do processo de racionalização, o fortalecimento do ego do etnógrafo é nítido: "Felicidade filosófica: «O que quer que aconteça − não me afectará», sentimento de que o caminho estreito conduz à sepultura, para onde não posso levar tristezas ou alegrias, esperanças ou medos, e que cada momento da vida é cheio daquilo que foi e daquilo que virá" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 180)[325]. Ao longo do diário é notória uma constante alternância entre estados afectivos de tipo depressivo e estados afectivos

[322] "*I think about E. R. M. a great deal – how we'll make our «grande entrée» at the ball [Under the Rams] (ribbon of the Legion of honour)*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 254).
[323] "*At moments sad because I cannot subject myself to a test*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 179).
[324] "For a moment I looked Destiny in the eyes. I know that if I had had to go to a war, I would have gone calmly and without too much inner fuss. Now: place everyday life in that heroic frame; be ruthless in relation to appetites and weakness; not to yeld to depressions and such digressions as the inability to take photos. Shake of clumsiness, yearning, sentimentalism. My love for E. R. M. can be, must be, based on the feeling that she has faith in my heroism, that if I had been called to the colors, I would not have tried to get out of it" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 180).
[325] "Philosophical happiness: «Whatever may happen – it won't affect me», feeling that the straight road leads to the tomb, where I can't take along either sorrows or joys, hopes or fears, and that every moment of life is full of what will be and what was" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 180).

esfusiantes e optimistas. Depois de dúvidas existenciais perante o destino e sobre o seu narcisismo, o "herói" Malinowski adquire uma espécie de invulnerabilidade, típica de escritores de romances psicológicos, já descrita por Freud (1907/1996) nestes termos: "Nas criações desses escritores um aspecto salienta-se de forma irrefutável: todas possuem um herói, centro do interesse, para quem o autor procura de todas as maneiras possíveis dirigir a nossa simpatia, e que parece estar sob a protecção de uma Providência especial. Se ao fim de um capítulo deixamos o herói ferido, inconsciente e esvaindo-se em sangue, com certeza o encontraremos no próximo cuidadosamente assistido e próximo da recuperação. Se o primeiro volume termina com o naufrágio do herói, no segundo logo o veremos milagrosamente salvo, sem o que a história não poderia prosseguir. O sentimento de segurança com que acompanhamos o herói através de suas perigosas aventuras é o mesmo com que o herói da vida real atira-se à água para salvar um homem que se afoga, ou se expõe à artilharia inimiga para investir contra uma bateria. Este é o genuíno sentimento heróico, expresso por um dos nossos melhores escritores numa frase inimitável: "Nada me pode acontecer"[326]. Parece-me que através desse sinal revelador de invulnerabilidade, podemos reconhecer de imediato Sua Majestade o Ego, o herói de todo devaneio e de todas as histórias" (pp. 139-140)[327].

Nesta linha de comentários gostaríamos de, ao contrário do que tem sido afirmado de um modo geral sobre este escrito particular de Malinowski, propor a sua classificação num novo género, o da «etnografia psicológica», a meio caminho ente a clássica etnografia e o típico romance psicológico. Na «etnografia psicológica» as formações reactivas,

[326] ["*Es kann dir nix g'schehen*". Esta frase de Anzengruber, dramaturgo vienense, era uma das favoritas de Freud] (Strachey in Freud, 1907/1996, p 140).

[327] "One feature above all cannot fail to strike us about the creations of these story-writers: each of them has a hero who is the centre of interest, for whom the writer tries to win our sympathy by every possible means and whom he seems to place under the protection of a special Providence. If, at the end of one chapter of my story, I leave the hero unconscious and bleeding from severe wounds, I am sure to find him at the beginning of the next being carefully nursed and on the way to recovery; and if the first volume closes with the ship he is in going down in a storm at sea, I am certain, at the opening of the second volume, to read of his miraculous rescue—a rescue without which the story could not proceed. The feeling of security with which I follow the hero through his perilous adventures is the same as the feeling with which a hero in real life throws himself into the water to save a drowning man or exposes himself to the enemy's fire in order to storm a battery. It is the true heroic feeling, which one of our best writers has expressed in an inimitable phrase: 'Nothing can happen to me!' It seems to me, however, that through this revealing characteristic of invulnerability we can immediately recognize His Majesty the Ego, the hero alike of every day-dream and of every story" (Freud, 1907/1981, pp. 149-150).

deslocamentos, agidos (*acting out*'s), etc, são imediatamente enquadradas na interacção entre o investigador e os sujeitos ou grupo de sujeitos analisados. Os aspectos psicológicos e sociológicos podem adquirir, deste modo, uma imbricada configuração à maneira de um quadro impressionista. A possibilidade dos reducionismos psicológicos e sociológicos fica assim mais limitada.

Voltemos, entretanto, ao «sonho acordado». Como descrever e explicar o seu mecanismo? Para Freud (1907/1996) "Não devemos supor que os produtos dessa actividade imaginativa — as diversas fantasias, castelos no ar e devaneios — sejam estereotipados ou inalteráveis. Ao contrário, adaptam-se às impressões mutáveis que o sujeito tem da vida, alterando-se a cada mudança de sua situação e recebendo de cada nova impressão activa uma espécie de 'carimbo de data de 'fabricação'. A relação entre a fantasia e o tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse entre três tempos — os três momentos abrangidos pela nossa ideação. O trabalho mental vincula-se a uma impressão actual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une" (p. 138)[328].

[328] "We must not suppose that the products of this imaginative activity—the various phantasies, castles in the air and daydreams—are stereotyped or unalterable. On the contrary, they fie themselves in to the subject's shifting impressions of life, change with every change in his situation, and receive from every fresh active impression what might be called a 'date-mark'. The relation of a phantasy to time is in general very important. We may say that it hovers, as it were, between three times—the three moments of time which our ideation involves. Mental work is linked to some current impression, some provoking occasion in the present which has been able to arouse one of the subject's major wishes. From there it harks back to a memory of an earlier experience (usually an infantile one) in which this wish was fulfilled; and it now creates a situation relating to the future which represents a fulfilment of the wish. What it thus creates is a day-dream or phantasy, which carries about it traces of its origin from the occasion which provoked it and from the memory. Thus past, present and future are strung together, as it were, on the thread of the wish that runs through them" (Freud, 1907/1981, pp. 147-148).

O desejo de que Elsie o admire pela aventura levada a cabo nas Trobriand constitui um devaneio ou sonho acordado que pode ser explicado através do seguinte mecanismo: o acontecimento motivador do sonho acordado, no presente, foi a reflexão sobre a ausência da sua participação na primeira grande guerra (veremos, mais tarde, como o "teatro de guerra" aparece conotado com o corpo da mãe no sonho nº 12, de 21 de Janeiro de 1918). A realização deste desejo, já indicámos, é substituída pela execução do trabalho de campo etnográfico. Mas são as «imagens mnésicas» (lembranças) referentes à «realização desse desejo» no passado que permitirão a sua projecção no futuro: esse desejo foi moldado na «vivência de satisfação» realizada através do íntimo contacto com a mãe numa infância recuada. Elsie, imaginada enquanto espectadora de um herói conquistador (de selvagens, da ciência e de mulheres), substitui a mãe de outrora e as Trobriand o corpo materno conquistado. A «vivência de satisfação» do passado, despertada por uma impressão do presente, forja um futuro de sucesso no qual a conquista do corpo materno trobriandês implica a conquista de Elsie e a sua admiração. Neste quadro convivem erotismo e ambição. A eliminação da angústia é alcançada por intermédio da suposição básica de acasalamento (amor por Elsie) que remete a suposição básica de fuga-luta (resto diurno do sonho acordado centrado numa guerra que suscita sentimentos ambivalentes de participação) e a suposição básica de dependência (amor incestuoso pela mãe) para o estado latente no "sistema protomental" (Bion, 1948-51/1970, p. 91)[329] de Malinowski. Este seria o enquadramento explicativo da situação emocional de Malinowski, baseado nas primeiras formulações teóricas de Bion (1948-51/1970; 1948-51/1989; 1962/1991). Observação da maior importância, pois argumentaremos que o sistema protomental de Bion (1948-51/1970, p. 91) apresenta uma fenomenologia emocional, no trabalho de campo, homóloga de um estado de coisas inerentes ao conceito de «aparelho psicoparental», neste caso de Malinowski.

Voltemos, entretanto, ao elemento da boca presente no sonho do duplo de Malinowski. Antes, reproduziremos outra passagem de Freud que, julgamos, será elucidativa daquilo

[329] "protomental system" (Bion, 1948-51/1989, pp. 108, 154).

que aqui se encontra em jogo. Segundo Freud (1910/1996), "Tanto os instintos[330] sexuais como os instintos do ego, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objectos que os fazem ser escolhidos como objectos de amor — seus *encantos*[331]" (p. 225)[332]. A importante distinção entre pulsões sexuais e pulsões do ego está aqui pela primeira vez na obra de Freud (1910/1996) definida e, inclusive, encontra-se também implícita a noção de *apoio* ou anáclise (Laplanche & Pontalis, 1967/1994) das pulsões do ego nas pulsões sexuais durante o primeiro ano de vida. A boca está assim duplamente investida: enquanto «representação de coisa» na qualidade de órgão, enquanto «representação de palavra» na qualidade da palavra emitida na produção do diário escrito. Note-se que na dimensão da representação de palavra a boca prenuncia desde logo as pulsões sexuais deslocadas no jogo das séries associativas de palavras que compõem o diário. É o diário e a complexidade de associações entre paisagens, personagens e estados de espírito do autor que expressa a essência das pulsões do ego de Malinowski. Isto é, o motor das séries associativas formadas na trama do diário é constituído pelas pulsões sexuais; o diário, ao serviço e enquanto expressão das pulsões do ego, actua relativamente às primeiras como mecanismo de defesa[333].

Do mesmo modo que Anzieu (1959/1990a, p. 71) viu na boca aberta de Irma (no sonho de Freud da «injecção dada a Irmã») um "convite à palavra livre" e até uma "aceitação da resistência", assim também gostaríamos de apelar para a eventualidade de, no primeiro sonho de Malinowski, o desejo desta boca gémea da sua própria boca anunciar não só a

---

[330] Naturalmente, seguimos as críticas de há muito feitas a Strachey sobre o emprego do vocábulo "instinto" em lugar do de "pulsão" relativamente ao original alemão "trieb".

[331] Em alemão,"Reize" que significa tanto "encantos" como "estímulos"

[332] "The sexual and ego-instincts alike have in general the same organs and systems of organs at their disposal. Sexual pleasure is not attached merely to the function of the genitals. The mouth serves for kissing as well as for eating and communication by speech; the eyes perceive not only alterations in the external world which are important for the preservation of life, but also characteristics of objects which lead to their being chosen as objects of love—their charms" (Freud, 1910/1981, pp. 215-216).

[333] Entre alguns destes mecanismos de defesa encontram-se os já referidos por Anna Freud na continuação do trabalho de Sigmund Freud: recalcamento, regressão, formação reactiva, isolamento, anulação retroactiva, projecção, introjecção, volta ou retorno sobre si mesmo, interversão ou reinversão da pulsão e sublimação (Freud, 1936/1966).

associação livre enquanto arquitectura do diário, mas também manifestar a resistência psíquica à sua adopção na cultura nativa. De facto, o sonho mostra na sua particularidade de imagem do corpo, o desejo por uma boca clonada e não por uma boca nativa, mostra as complexidades de um desejo moldado em associações de palavra e de coisa, associações expressivas de uma problemática emocional que é acima de tudo a de Malinowski e não a dos nativos e da sua cultura. Mostra afinal a imposição das suas associações de palavra sobre as dos nativos, problemática que terá o seu testemunho por excelência na controvérsia relativa à ignorância da paternidade fisiológica entre os Trobriand e na forma como o etnógrafo colheu e tratou as informações relativas a este tema. A ausência de identidade relativa, na perspectiva de Malinowski, entre irmão da mãe e pai fisiológico no sistema de parentesco matrilinear trobriandês parece-nos, aliás, estar fundamentada em motivos edipianos inerentes à estrutura psíquica do etnógrafo. Assim, a ausência da figura paterna no diário pode revelar uma problemática edipiana que esteja na origem da concepção segundo a qual a pouca importância do pai fisiológico em detrimento do tio materno caracterizaria, segundo Malinowski, a educação das crianças trobriandesas até cerca dos cinco anos de idade. Em termos estruturais, se o ego de Malinowski, caracterizado pela cadeia associativa de representações de objecto e de palavras elimina do seu conteúdo a figura paterna manifesta (embora não as suas representações latentes na medida em que condensadas e deslocadas), então também a sua representação do complexo de Édipo dos outros (os trobriandeses) não admite no seu conteúdo a importância da figura paterna entre estes, julgando-se na presença de um Édipo diferente daquele que é característico dos sistemas de parentesco ocidentais. Esta argumentação é uma denegação na medida em que reproduz o complexo de Édipo entre os trobriandeses segundo os mecanismos pelos quais este opera inconscientemente: o tio materno condensa e desloca a figura do pai no Édipo trobriandês. Com isto produz-se uma revisão secundária ao serviço da problemática edipiana de Malinowski. Para esta tese apoiamo-nos essencialmente na obra de Spiro (1982) que mostrou que o complexo de Édipo entre os Trobriand seria vivido ainda com maior intensidade do que aquela experimentada pelos ocidentais. Noutra perspectiva bastaria até que o Édipo trobriandês não fosse vivido sob a imposição da repressão directa do pai sobre os filhos embora de facto o pai cuidasse dos mesmos até cerca dos cinco anos de idade. Isto porque como

relembra Laplanche (1987/1988) "O complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efectivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. Ele retira a sua eficácia do facto de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei (ponto que J. Lacan acentuou). Isto reduz o alcance da objecção introduzida por Malinowski e retomada pela chamada escola culturalista, segundo a qual, em determinadas civilizações em que o pai é desprovido de toda a função repressiva, não existiria complexo de Édipo, mas um complexo nuclear característico de tal estrutura social: na realidade, nessas civilizações, os psicanalistas procuram descobrir em que personagens reais, e mesmo em que instituição, se encarna a instância interditória, em que modalidades sociais se especifica a estrutura triangular constituída pela criança, o seu objecto natural e o portador da lei. Essa concepção estrutural do Édipo vai ao encontro da tese do autor das *Estruturas Elementares do Parentesco,* que faz da interdição do incesto a lei universal e mínima para que uma «cultura» se diferencie da «natureza»" (p. 84).

Notar, entretanto, que sob tudo isto existe um «desejo de pesquisa» por parte de Malinowski no empreendimento Trobriand. Adoptamos esta expressão a partir da concepção que Dadoun (1972) desenvolve sobre a injecção dada a Irma no sonho de Freud. Segundo o autor (Dadoun, 1972), "a visão molar sugerida por Freud − «Um grande *hall* − muitos convidados, recebêmo-los − toma em consideração o incómodo que se passa em Freud, o sonhador, a um nível molecular: as transformações locais − garganta, boca, nariz, ventre − no decurso das quais se dá uma distribuição ou redistribuição do seu desejo, que se coloca fundamentalmente como desejo de pesquisa, as trocas e passagens por breves abalos que constituem ou contribuem para a organização ou reorganização da sua economia libidinal, suporte dinâmico dos seus investimentos científicos" (p. 249)[334].

[334] "la vision molaire suggérée par Freud - «*Un grand hall*» - beaucoup d'invités, nous recevons - gêne la prise en considération de ce qui se passe dans Freud le rêveur à un niveau moléculaire: les transformations locales - gorge, bouche, nez, ventre - au cours desquelles s'opère une distribution ou une redistribution de son désir, qui se pose fondamentalement comme désir de recherche, les échanges et passages par secousses brèves qui constituent ou qui contribuent à l'organisation ou réorganisation de son économie libidinale, support dynamique de ses engagements scientifiques" (Dadoun, 1972, p. 249).

A boca de Irma está povoada de personagens que evocam o complexo familiar de Freud e traduzem as suas pulsões sexuais nas vicissitudes de um desejo de pesquisa que irá culminar na criação da psicanálise. Do mesmo modo, a boca de Malinowski é o instrumento de uso da palavra (representação de palavra) ao serviço do inquérito etnográfico *in vivo*, inquérito não obstante fundamentado num desejo que transforma os outros (trobriandeses) em objecto (representação de objecto) de satisfação narcísica traduzida em ambição[335] científica. O desejo de pesquisa de Malinowski irá culminar na satisfação experimentada na invenção do trabalho de campo, conceito e praxis inovador nas ciências sociais de então: "Alegre sentimento de reconhecimento. Esta ilha, embora não 'descoberta' por mim, é pela primeira vez artísticamente experimentada e intelectualmente dominada" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 236)[336]. A dominação do objecto pela via intelectual foi também apontada por Freud (1905/1996) ao referir sobre a "pulsão de saber" que a "sua actividade corresponde (…) a uma forma sublimada de dominação" (p. 183)[337].

[335] "All that day longing for civilization. I thought about friends in Melbourne. At night in the dinghy, pleasantly ambitious I thought: I'll surely be "an eminent Polish scholar." (p. 160); "Yesterday in addition to my general guilt feelings, I had specific ones in relation to E. R. M. : I am wasting time, while it is my duty to her and to "our children" to work as hard as possible and to achieve a "position" in relation to myself - to be someone who really accomplished something; *make my mark in this world*" (p. 278); "Ideas about method. I analyzed the nature of my ambition. Na ambition stemming from my love of work, intoxication with my own work, my belief in the importance of science and art—eyes turned to the work do not see the artist - ambition stemming from constantly seeing oneself - romance of one's own life; eyes turned to one's own form. Read description by Sigismund Alvan, and this at once gave me courage to go on working. External ambition. When I think of my work, or works, or the revolution I want to effect in social anthropology - this is a truly creative ambition" (p. 289); "I had ambitious ideas and plans for journalistic propaganda in London (*Westminster Gazette* or *Manchester Guardian*, *New Statesman*). I tried to master the mental froth, which accompanies all ambitious plans and thoughts.. Above all I must eliminate greediness, hope of making money, from all my plans for the future. Disinterestedness must be my fundamental virtue, and to this end, poverty, contempt for excess and expensive things. As far as possible I must travel second-class, eat inexpensibly and modestly, dress simply. I must not run the risk of selling out for money"; "I thought about "New Humanism" (…) Living in my present work and impersonal plans for scientific work. - External ambitions keep crawling over roc like lice. F.R.S. (Fellow of the Royal Society] – C.S.I. [Companion of the Order of the Star of India) - Sir. Thought about how one day will be in *Who's Who*, etc, etc. True, tried to shake it off. I know that the moment I would obtain a title, etc., it would mean nothing to me. That at bottom I don't believe in, despise distinctions, that I might even refuse them" (pp. 291-292) (Malinowski, 1914-18/1989).

[336] "Joyfull feeling of recognition. This island, though not "discovered" by me, is for the first time experienced artistically and mastered intelectually" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 236).

[337] "instinct for knowledge or research (…) Its activity corresponds (...) to a sublimated manner of obtaining mastery" (Freud, 1905/1981, p. 194).

Viajando de Barco. Hemorragia e «Sangue que Flúi do Cérebro»

← Índice

Se prestarmos atenção a um dos postulados mais controversos de *Totem e Tabu*, verificaremos que todo o diário está composto com representações anímicas contendo projecções sentimentais sobre paisagens e elementos naturais das Trobriand. Freud (1912-13/1996) ligou o animismo, enquanto processo cognitivo e emocional na história das religiões, ao auto-erotismo enquanto componente da economia da libido ao referir que "Se estivermos dispostos a aceitar a explicação (…) da evolução da maneira do homem visualizar o universo — uma fase animista seguida de uma fase religiosa e esta, por sua vez, de uma fase científica — não será difícil acompanhar as vicissitudes da 'omnipotência de pensamentos' através dessas diferentes fases. Na fase animista, os homens atribuem a omnipotência a *si mesmos*. Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com os seus desejos. A visão científica do universo já não dá lugar à omnipotência humana; os homens reconheceram a sua pequenez e submeteram-se resignadamente à morte e às outras necessidades na natureza. Não obstante, um pouco da crença primitiva na omnipotência ainda sobrevive na fé dos homens no poder da mente humana, que entra em luta com as leis da realidade. (…) Manifestações dos instintos sexuais podem ser observadas desde os começos, mas, de saída, elas ainda não são dirigidas para qualquer objecto externo. Os componentes instintivos separados da sexualidade actuam independentemente uns dos outros, a fim de obter prazer e encontrar satisfação no próprio corpo do sujeito. Essa fase é conhecida como a do auto-erotismo, sendo sucedida por outra, na qual um objecto é escolhido" (pp. 98-99)[338]. A intenção não é defender a todo o

[338] "If we are prepared to accept the account given above of the evolution of human views of the universe—an animistic phase followed by a religious phase and this in turn by a scientific one —it will not be difficult to follow the vicissitudes of the 'omnipotence of thoughts' through these different phases. At the animistic stage men ascribe omnipotence to *themselves.* At the religious stage they transfer it to the gods but do not seriously abandon it themselves, for they reserve the power of influencing the gods in a variety of ways according to their wishes. The scientific view of the universe no longer affords any room for human omnipotence; men have acknowledged their smallness and submitted resignedly to death and to the other necessities of nature. None the less some of the primitive belief in omnipotence still survives in men's faith in the power of the human mind, which grapples with the laws of reality (...) Manifestations of the sexual instincts can be observed from the very first, but to begin with they are not yet directed towards any

custo esta ideia de Freud, em particular. Trata-se de chamar a atenção para a extraordinária congruência entre as intrincadas relações dos estados sentimentais de Malinowski com as descrições que fornece a partir das paisagens das ilhas que visitou e uma das teses que Freud avança em *Totem e Tabu*. Neste sentido somos da opinião de que o processo de escrita do diário revela, em Malinowski, nítidos traços animistas no sentido mais geral da tese freudiana (1912-13/1996) denunciando o animismo como uma técnica de "(…) impor as leis que regem a vida mental às coisas reais" (p. 101)[339]. É importante notar o facto de esta tese vir a ser modificada mais tarde por Searles (1960/1986) tendo este devolvido a importância devida ao carácter estruturante do ambiente não-humano na vida psíquica. Para Searles (1960/1986) "As ideias que exponho (...) desenvolvem diversos conceitos psicodinâmicos que Freud introduziu. Não é menos verdade que nas obras de Freud tal como nas de outros pesquisadores, é raro encontrar um conhecimento explícito da significação do ambiente não-humano na vida psíquica" (p. 26)[340]. Feito o reparo, o objecto da psicanálise passa a compreender "a totalidade da realidade não-humana, compreendendo aqui o mundo inanimado" (p. 26)[341] concluindo o autor que "o elemento não-humano do ambiente onde o homem se insere forma um dos consctituintes mais fundamentais da vida psíquica. Estou convencido que o indivíduo sente, consciente ou inconscientemente, um parentesco com o não-humano que o envolve, que este parentesco tem uma importância transcendente para a existência e que, tal como com outros dados essenciais, este parentesco é fonte de sentimentos ambivalentes no indivíduo e que caso este se esforce por fechar os olhos a este elo de ligação arrisca-se a comprometer a sua saúde psíquica" (p. 27)[342]. O diário de

---

external object. The separate instinctual components of sexuality work independently of one another to obtain pleasure and find satisfaction in the subject's own body. This stage is known as that of auto-erotism and it is succeeded by one in which an object is chosen" (Freud, 1913/1981b, p. 88).

[339] "(…) to impose the laws governing mental life upon real things" (Freud, 1913/1981b, p. 91).

[340] "Les idées que j'expose (...) développent divers concepts psychodynamiques que Freud a introduit. Il n'en reste pas moins vrai que dans les œuvres de Freud comme dans celles d'autres chercheurs, il est rare de trouver une connaissance explicite de la signification de l'environnement non-humain dans la vie psychique" (Searles, 1960/1986, p. 26).

[341] "la totalité de la réalité non humaine, y compris le monde inanimé" (Searles, 1960/1986, p. 26).

[342] "(...) l'élément non humain de l'environnement de l'homme forme l'un des constituants les plus fondamentaux de la vie psychique. Je suis convaincu que l'individu sent, consciemment ou inconsciemment, une parenté avec le non humain qui l'entoure, que cette parenté revête une importance transcendante pour l'existence et que, comme bien d'autres donnés essentiels, elle est une source de sentiments ambivalents chez l'individu, qui, s'il s'efforce de fermer les yeux sur la force de ce lien, risque de compromettre sa santé psychique" (Searles, 1960/1986, p. 27).

Malinowski, pela natureza do testemunho fornecido, é neste sentido uma importante narração sobre o papel dos elementos ambientais não-humanos na estruturação do aparelho psíquico de um investigador em situação de "isolamento" relativo.

No primeiro sonho de Malinowski verificámos uma componente auto-erótica plena de consequências. Tudo está somatizado, no primeiro sonho, na cabeça, entenda-se, no órgão do pensamento, um pensamento que se quer revolucionário a fim de renovar a identidade de uma disciplina, assim como a identidade narcísica do próprio sujeito. Encontramo-nos neste sonho numa metafórica «omnipotência do pensamento». Em prol da tese de Freud sobre a relação entre animismo e auto-erotismo, seria importante encontrarmos apoio, entre os próprios escritos de Malinowski, em alguma passagem que nos indicasse possíveis relações entre esta dimensão auto-erótica e as relações emocionais que o próprio autor estabelece com as paisagens envolventes.

Reportamo-nos, deste modo, a 2 de Novembro de 1914, data em que o etnógrafo nos relata o seguinte acontecimento: "Levantei-me com uma forte dor de cabeça. Permaneci com uma concentração eutanásica no barco. A perda de subjectivismo e a privação da vontade (sangue a fluír para fora do cérebro?), vivendo apenas por meio dos cinco sentidos (através de impressões) causa uma imersão directa nas paisagens das redondezas. Tive a impressão de que o ruído do motor do barco era eu próprio; senti as ondulações do barco como sendo eu próprio − era eu que chocava contra as ondas e cortava por entre elas" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 33-34)[343].

Primeira observação: novamente estamos, embora agora a declaração não seja explícita, perante outro duplo de Malinowski. A chocalheira do motor do barco, as flutuações do barco no qual Malinowski se encontra, é o próprio Malinowski[344]. Naturalmente, e na linha do comentário fornecido para o primeiro sonho, a plena identificação com os

[343] "Got up with a bad headache. Lay in euthanasian concentration on the ship. Loss of subjectivism and deprivation of the will (blood flowing away from the brain?), living only by the five senses (through impressions) causes direct merging with surroundings. Had the feeling that the rattling of the ship's engine was myself; felt the motions of the ship as my own − it was I who was bumping against the waves and cutting through them" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 33-34).
[344] Sobre satisfação real e satisfação alucinatória (cf. Laplanche & Pontalis, 1967/1994).

movimentos ondulatórios do barco constitui uma rememoração dos movimentos imprimidos pela mãe durante o período de amamentação. Claro que o que conta, aqui, não é a satisfação da fome, mas a satisfação da pulsão oral que nela se apoia[345]. O mesmo tipo de movimentos produtores de excitações mecânicas foi relatado por Freud (1905/1996) nos *Três Ensaios*. Descreveu a satisfação sexual inerente a esses movimentos, satisfação típica da infância e ilustrou-os com o caso do balanço inerente às carruagens de comboio (Freud, 1905/1996, p. 190).

Importa notar sobretudo a relação entre a dor de cabeça, a perda de subjectividade, a privação da vontade, a apreensão do mundo apenas através dos cinco sentidos e a imersão nas proximidades do ambiente circundante. Regressemos ao primeiro sonho: ali tratava-se da apreensão do próprio self de Malinowski através de um desejo de ter uma boca, pescoço e testa, tal como os dele. Ou seja, órgãos de uma cabeça. Mas acima de tudo, estamos perante uma situação auto-erótica e mesmo narcísica. Ora, no acontecimento de 11 de Fevereiro, lidamos exactamente com o oposto: perda de subjectivismo e privação da vontade. Estamos agora sob o signo da dor. Uma dor que é suspeita, segundo o etnógrafo, de ser sintoma de uma hemorragia cerebral: será o sangue a fluir do cérebro? Depois a imersão nas proximidades circundantes.

Esta metáfora do «sangue que flúi do cérebro» evoca, como é fácil de perceber, uma ausência de fronteiras entre órgãos. O próprio etnógrafo perde a noção dos limites do seu self e adquire a sensação alucinada de ser o próprio ruído do motor do barco em que navega, assim como a de ser ele próprio a navegar contra as ondas e não o barco que o transporta. Mas poderíamos também descortinar uma relação metonímica com o primeiro sonho: afinal, a testa constitui a «frente» e, de algum modo, a «cobertura» do cérebro. O «sangue que flúi do cérebro» é, afinal, uma metáfora da diluição da fronteira entre o self de Malinowski e a paisagem envolvente, uma íntima ligação dos seus órgãos sensoriais ao mundo exterior que, deste modo, passa a ser interior pois substitui uma mãe outrora

[345] Sobre o conceito de *apoio* ou *anáclise* e a relação entre pulsões sexuais e pulsões de auto-conservação (ver Laplanche & Pontalis, 1967/1994).

envolvente. Estamos no domínio daquilo que Freud designou por "identidade de percepção".

De acordo com Bion (1962/1991) poderiamos equacionar este tópico de outro modo. Poderão os elementos da paisagem nos quais a percepção de Malinowski se dissolve ser coisas em si, isto é, elementos beta? Note-se que nesta descrição não há tentativa, por exemplo, de teorização poética ou estética da paisagem e dos sentimentos que ela suscita, tal como acontece noutras partes do diário. Há sim uma tentativa de posse de objectos (paisagem) que, tal como a mãe, não podem ser integralmente possuídos, ou seja, objectos tantalizantes dos quais a personalidade de Malinowski se livra através de uma evasão ou evacuação e não através do pensamento pelo qual modificaria a frustração (posse gorada da mãe). Quando domina a evasão estamos em face de elementos beta (Bion, 1962/1991, p. 84), elementos bem patentes na carga sensorial e de sintomatologia física denotada nas palavras de Malinowski (dor de cabeça, redução aos cinco sentidos) que concorda com a descrição de Bion quando este conota os elementos beta com os procedimentos evacuatórios da musculatura, mudanças da expressão facial, etc. (Bion, 1962/1991, p. 13). O que teria acontecido se tivesse dominado a modificação pelo pensamento? Provavelmente Malinowski teria nomeado (Bion, 1962/1991, p. 84) o que sentiu fazendo a descrição da paisagem através da sua ligação a uma vivência da infância e, no fim, poderia concluir com um ensinamento estético. Neste caso, o nome (dado à emoção descrita) denotaria um elemento alfa (Bion, 1962/1991, p. 84).

Esta identidade de percepção é, neste momento, a contrapartida da identidade de pensamento.

Estamos perante uma experiência próxima de uma despersonalização episódica. O episódio da diluição do corpo de Malinowski no barco que o transporta e nas paisagens que o envolvem parece ser melhor enquadrado, agora, numa relação de carácter objectal do que numa eventual procura de prazer, segundo a ortodoxa teoria da libido.

Segundo o método adoptado para análise das camadas de texto do autor, camadas reprodutoras do aparelho mental, a contraposição à identidade de percepção caracterizadora deste episódio encontrar-se-á noutros episódios com ele relacionados. Estes serão caracterizados por uma identidade de pensamento. Esta identidade de pensamento é, sobretudo, uma revisão secundária ao serviço do princípio de realidade e portanto do recalcamento.

Vejamos então os episódios: "Uma prostituta ou divorciada de *gunika* (*gunika haine*) atraiu a minha atenção − *gagaia ura*! Diko e eu fomos da aldeia até Gaba-Gaba. Novamente senti-me forte e com saúde, um pouco irritado com os selvagens, impaciente para renovar o contacto com a natureza. Estou a começar a concentrar-me e a relaxar! Planos para o futuro... Enquanto caminhava lançava sombras enormes sobre os ramos de palmeira e as mimosas ao longo da estrada; o cheiro da selva cria um estado de ânimo característico − a subtileza da fragrância da flôr verde de *keroro*, o intumescimento lascivo dos ramos da vegetação fértil; *frangipani* − um cheiro tão pesado quanto o do incenso, com um perfil elegante − uma árvore com silhueta elegante, os seus ramos verdes com flores esculpidas em alabastro, sorrindo com pólen dourado. Árvores podres, ocasionalmente cheirando a peúgas sujas ou menstruação, às vezes tão intoxicantes como um barril de vinho «em fermentação». Estou a tentar obter uma síntese: o ânimo brilhante, alegre e aberto do mar − a água côr de esmeralda sobre o recife, o azul do céu com nuvens tímidas como flocos de neve. A atmosfera da selva é abafadora e saturada com um cheiro específico que me penetra e encharca como música" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 84, 85)[346].

[346] "A prostitute or divorcee from *gunika* (*gunika haine*) attracted my attention – *gagaia ura*! Diko and I went from the village to Gaba-Gaba. Again I felt healthy and strong; a little fed up with the savages, eager to renew contact with nature. I am beginning to concentrate and to relax! Plans for the future… As I walked I threw enormous shadows on the palms and mimosas by the road; the smell of the jungle creates a characteristic mood – the subtle, exquisite of fragrance of the green *keroro* flower, lewd swelling of the bourgeoning, fertilised vegetation; frangipani – a smell as heavy as incense, with elegant, sharply drawn profile – a tree with an elegant silhouette, its green bouquet with blossoms carved in alabaster, smiling with golden pollen. Rotting trees, occasionally smelling like dirty socks or menstruation, occasionally intoxicating like a barrel of wine «in fermentation». I am trying to sketch a synthesis: the open, joyous, bright mood of the sea – the emerald water over the reef, the blueness of the sky with tiny clouds like snowflakes. The atmosphere of the jungle is sultry, and saturated with a specific smell which penetrates and drenches you like music" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 84, 85).

A técnica de interpretação consiste, na mesma linha do que até aqui tem acontecido, em tratar como «representações de palavra» termos que noutras passagens da cadeia associativa corresponderão a estes na qualidade de «representações de coisa». Enquanto representações de palavra nesta passagem, temos: «prostituta», «*gagaia ura*» (relações sexuais), «natureza», «planos para o futuro», «cheiro» (bom e mau), «peúgas sujas», «menstruação», «barril de vinho em fermentação», «síntese», «selva» e «música».

O «cheiro» é a representação de palavra recalcante neste contexto da cadeia associativa. A este respeito, convém relembrar o que Freud (1899/1986) escreveu a Fliess, nos tempos pré-psicanalíticos, em 14 de Novembro de 1897: "Muitas vezes tive a suspeita de que algo de orgânico desempenhava um papel no recalcamento; certa vez, cheguei a dizer-lhe que era uma questão do abandono das zonas sexuais anteriores (...) essa noção estava ligada ao papel modificado desempenhado pelas sensações do olfacto; a adopção do andar erecto, o nariz levantado do chão e, ao mesmo tempo, a transformação de sensações que antes despertavam interesse, ligadas à terra, em sensações repulsivas – por um processo que ainda me é desconhecido) (Ele torce o nariz = ele considera-se particularmente nobre). Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso deve ser entendido de duas maneiras: primeiro a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provêm delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a libertação de sexualidade (...) é promovida, portanto, não só (1) através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, ou (2) através das excitações internas provenientes desses órgãos, mas também (3) das ideias, ou seja, dos traços mnémicos – logo, também por intermédio da acção retardada (...) Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por acção retardada, uma libertação da sexualidade que é muito mais intensa do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota de secreção aumentaram). Assim, existe uma acção

retardada não-neurótica, que corre normalmente e que gera a compulsão (Comummente, as nossas outras lembranças só funcionam por terem funcionado como experiências). Esse tipo de acção retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma libertação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objectos. Dito de outro modo, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objecto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos o nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o *recalcamento*. Mas então o que é que o recalcamento normal nos proporciona? Algo que, se estiver livre, pode levar à angústia; se estiver psiquicamente ligado, à rejeição – em outras palavras, é a base efectiva para uma multiplicidade de processos intelectuais do desenvolvimento, tais como a moral, a vergonha e coisas similares. Portanto, tudo isso surge à custa da sexualidade (virtual) extinta" (pp. 280-281).

A função do mau cheiro, aqui, associado a «peúgas» e «menstruação» é impedir a associação consciente entre as representações de palavra «selva» e «natureza» com a representação de coisa «mãe». Note-se que toda a descrição do passeio pela floresta oscila entre o bom e o mau cheiro, nomeadamente em três fases: começa com o bom cheiro, é interceptada pelo mau cheiro e regressa novamente ao bom cheiro. Em termos de relação objectal estaríamos, assim, numa selva-mãe ambivalentemente vivida enquanto bom e mau objecto. O bom cheiro da floresta e as representações de palavra «prostituta» e «*gagaia ura*» (relações sexuais) abrem a descrição de uma relação extremamente próxima com a «floresta-mãe». O recalcamento e a censura aparecem sob a associação da «menstruação» e das «peúgas», como já referido. Na terceira fase da descrição estamos perante o fenómeno da «acção retardada»: aquilo que foi recalcado aparece agora disfarçado sob a forma de uma tentativa estética de «síntese» entre o «alto» e o «baixo», entre o «céu» e o «mar» e a «terra» («selva» vivida sob um bom cheiro que penetra como «música»): em termos de «superfície corporal», temos um «alto» dominado por um «nariz» que detecta bons e maus cheiros originados no «baixo» (anal e genital) de uma «selva» (materna) e de uma fragrância marítima.

O sangue é um significante implícito no episódio da menstruação; o que esta evoca, em última análise é a morte. O sangue vai tornar-se explícito na morte relacionada com uma mulher nativa. Aqui a morte é vivida como castração devido a uma relação culpabilizante abandónica: "Ouvi dizer que o estado de saúde de Ineykoya (hoje mulher de Toyodala) tinha piorado − ela estava a gritar alto. Fui vê-la: ela tinha tido outra hemorragia, gritava muito alto, e aparentemente estava a morrer. Pensei no terrivel tormento que deve ser ter uma hemorragia e também em N. S. sentindo súbitamente que estava a abandoná-la. Senti também que queria estar com ela a todo o custo, para aliviar os seus sofrimentos. Forte reacção. Pensei também em E. R. M. e na minha desordem nervosa e disse para mim próprio: «a sombre da morte está entre nós e vai separar-nos». A minha traição sobre N. S. confrontou-me em toda a sua aridez" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 191-192)[347].

A nativa em questão é a mulher de um dos seus informantes de campo, Toyodala. A fraca saúde da nativa evoca a fraca saúde da sua ex-amante, N.S., mas mais do que isso evoca uma culpabilização decorrente de uma eventual traição que mais não é do que um abandono de N.S. sentido por Malinowski. Nada indica, nas palavras do etnógrafo (e é isso que interessa) que Toyodala tenha abandonado a mulher. Nem o próprio Malinowski levanta semelhante suspeita. Impõe-se portanto a questão de saber porque razão esta morte se associa imperativamente com a eventual morte de N.S. e também com a possível morte da relação entre Malinowski e Elsie. Ora, é precisamente devido a esta ultima observação que poderemos levantar a hipótese de a morte evocada no discurso do etnógrafo ser concebida por incorporação do mau objecto materno. Isto implica que a relação entre Malinowski e Elsie seja moldada na relação objectal de Malinowski com a mãe. A dificuldade consiste em saber até que ponto a morte evocada é inconscientemente dirigida a uma relação não pretendida (neste caso com Elsie) ou uma morte provocada pela existência de um mau objecto internalizado na qualidade de Sabotador Interno ou Eu Agressor, para usar uma das concepções de Fairbairn (1944/1999) tendo em atenção o

[347] "(...) I hear that Ineykoya's [Toyodala's wife] condition was worse – she was groaning loudly. I went to see: she had another hemorrhage, groaned horribly, and was apparently dying. I thought of the horrible torment of a hemorrhage and of N.S. and suddenly felt that I was deserting her. I also felt that I wanted to be with her at any cost, to allay her sufferings. Strong reaction. I also thought of E. R. M. and in my nervous disarray I told myself: «the shadow of death is between us and will separate us». My betrayal of N.S. confronted me in all its starkness" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 191-192).

facto de que com este conceito a segunda tópica freudiana já está modificada no sentido de uma estrutura tripartida do ego (Fairbairn, 1944/1999, p. 101).

Não deixa de ser interessante, a partir da «música» enquanto representação de palavra, invocar algo no domínio da percepção corporal: o ritmo. Segundo o discurso do etnógrafo, a descrição sobre a sua relação com a paisagem culmina no bom cheiro típico da selva que abafadoramente "ensopa" o corpo de Malinowski como se fosse música. Ritmo e calor, típicos elementos da vivência infantil enquanto alvo de cuidados maternos, estão aqui vincados. Freud (1905/1996) não deixou de o notar ao considerar as características das zonas erógenas referindo que "(…) os estímulos produtores de prazer estão ligados a condições especiais que desconhecemos. Entre elas, o carácter rítmico deve desempenhar algum papel, impondo-se aqui a analogia com as cócegas" (p. 172)[348]. Se chamamos a atenção para este pormenor é para melhor enquadrar a enigmática passagem na qual o etnógrafo defronte de uma nativa que lhe desperta o desejo afirma o seguinte: "na tenda, Dipapa, Kenoria. Fui sozinho para Wawela. Havia humidade, mas eu estava energético. O estado selvagem fascinava-me. […] giyovila; Kenoria é bonita, tem uma figura maravilhosa. Senti um impulso para «fazer-lhe cócegas na barriga». Controlei-me" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 153)[349]. As representações de palavra «wilderness» e «sultry» retornam. Especialmente «sultry» que já estava associada a «jungle» e «smell» (Malinowski, 1914-18/1989, p. 85). Note-se ainda a presença da representação de palavra «*giyovila*» enquanto «mulheres dos chefes». A questão, na linha do que defendemos, a pôr de imediato seria: para que representação de coisa remeterá esta representação de palavra? A presença das mulheres dos chefes, numa interpretação mais ortodoxa, levar-nos-ia a uma possível presença de um superego castrador na medida em que oculta a presença de um pai autoritário sob a forma de chefes de aldeia. Mas a representação de coisa, aqui, mais não seria do que a representação de palavra "impulse to «pat her on the belly»": as festas ou cócegas que o etnógrafo vacila em fazer à nativa

[348] "(…) the stimuli which produce the pleasure are governed by special conditions, though we do not know what those are. A rhythmic character must play a part among them and the analogy of tickling is forced upon our notice" (Freud, 1905/1981, p. 183).

[349] "(...) in the tent, Dipapa, Kenoria. I went alone to Wawela. It was sultry, but I was energetic. The wilderness fascinated me. […]; giyovila; Kenoria is pretty, has a wonderful figure. Impulse to «pat her on the belly». I mastered it" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 153).

são uma formação de compromisso defensiva entre um impulso para a satisfação sexual e a contenção desse impulso através de um gesto inofensivo – cócegas – perante chefes de aldeia, detentores de mulheres, que podem descobrir o desejo incestuoso de Malinowski relativo a uma nativa-mãe.

Como se processa então a vivência de satisfação de Malinowski neste particular episódio? Recordemos antes os termos em que Laplanche & Pontalis (1967/1994) colocaram este conceito. Para os autores (Laplanche & Pontalis, 1967/1994) a " (…) vivência de satisfação constitui a procura da identidade de percepção. Ela liga a uma descarga eminentemente satisfatória a representação de um objecto electivo. O indivíduo vai daí em diante «repetir a percepção que está ligada à satisfação da necessidade». A alucinação primitiva é o caminho mais curto para obter a identidade de percepção. De um modo mais geral, pode dizer-se que o processo primário funcionará segundo este modelo" (p. 196).

Note-se que a metáfora de Malinowski, vivida sob a percepção alterada pelo álcool, se refere ao que designámos por «órgão complexo da cabeça». Trata-se de uma possível perda de sangue e do «mergulhar» na paisagem circundante. Se enquadrarmos esta vivência numa vivência de satisfação que fantasmaticamente procure o objecto primordial, a mãe, então melhor se compreende que esta procura vivenciada como tal já funcione como mecanismo de defesa na medida em que a cabeça é conotada metaforicamente com o órgão do intelecto e se encontra situada na extremidade do corpo, logo na maior distância possível do órgão genital, lugar das pulsões sexuais incestuosas. Mas sobretudo respeitando o paradigma da análise a que nos propusemos devemos encarar a contrapartida desta vivência situada no processo primário. Pois trata-se de um projecto movido pela ambição e a procura da verdade, trata-se na acepção de Freud (1912-13/1996) da construção de uma "razão sistemática" (pp. 105, 106)[350] (traduzida em ciência) que consiga recalcar as vivências angustiantes perturbadoras. A «repetição da percepção que está ligada à satisfação da necessidade» não pode ser infinitamente repetida pois tal significaria a permanência na alucinação e a negação do princípio de

[350] "*systematic reason*" (Freud, 1913/1981b, p. 96).

realidade; assim deve ser substituída pela identidade de pensamento. A identidade de pensamento funcionará aqui como uma racionalização. Torna-se interessante notar que uma das descrições de Ferenczi (1932/1992) sobre as relações entre genitalização e intelectualização ou racionalização concorda com a situação de Malinowski. Para Ferenczi (1932/1992) é " (…) pernicioso quando a cabeça, em vez de pensar, age como órgão genital (ejaculação = hemorragia cerebral); também é pernicioso quando o órgão genital começa a pensar em vez de efectuar a sua função (genitalização da cabeça e cerebralização do órgão genital)" (p. 263). A realidade psíquica de Malinowski em pleno trabalho de campo vai pautar-se basicamente por uma dialéctica entre genitalização (sexualização encoberta do trabalho intelectual com desejo sexual não satisfeito pelas nativas trobriandesas) e racionalização (crítica aos fundamentos do complexo de Édipo na psicanálise e sua repressão na etnografia nascente).

Ao nível da recolha e interpretação de dados etnográficos ─ influência da razão oculta sobre a razão sistemática na acepção de Freud (1912-13/1996, p. 105) ─ Malinowski terá mostrado algumas das características do processo primário. Neste sentido este episódio de perda dos limites do self poderia estar na base da escolha de Malinowski entre duas das representações Trobriand sobre o sangue, a menstruação e a concepção. Segundo o etnógrafo (Malinowski, 1927/1982), "a teoria fisiológica relacionada com a crença de que o espírito introduz a criança na mulher, é aproximadamente como se segue. A criança espírito é colocado na cabeça da mulher pelo espírito. Até aí flui o sangue do corpo. A criança desce depois gradualmente com este fluxo sanguíneo até à matriz. O sangue ajuda a estruturar o corpo da criança, nutrindo-a. A ele deve-se o facto de o sangue menstrual numa mulher grávida não fluír. A mulher avisa que a sua menstruação parou; espera um, dois, três meses, e então terá a certeza de que está grávida. Outra versão muito menos autorizada sustenta que a criança é introduzida pela vagina" (p. 104)[351].

[351] "la teoría fisiológica vinculada a la creencia de que el espiritu introduce al niño en la mujer, es aproximadamente como sigue. El niño espíritu es depositado en la cabeza de la mujer por el espíritu. Hacia allí fluye sangre del cuerpo. Con este flujo sanguíneo desciende gradualmente el niño hasta instalarse en la matriz. La sangre ayuda a estructurar el cuerpo del niño, lo nutre. A ello se debe que la sangre menstrual de una mujer que la quedado encinta no fluya. La mujer advierte que su menstruación se ha detenido; espera uno, dos, tres meses, y entonce tendrá la certeza de que está embarzada. Una versión mucho menos autorizada sostiene que el niño es insertado per vaginam" (Malinowski, 1927/1982, p. 104).

Entre as duas concepções Malinowski imputa a primeira como a mais prevalecente entre os Trobriand. Sem pretensões de julgamento sobre a verdade desta escolha, importa sobretudo notar que a interpretação, ao nível do processo secundário, enquanto constituinte da sistematização de uma ciência em construção está de acordo com uma vivência alucinada que lhe pode dar significado. Poderia ter sido o próprio Malinowski a escolher deliberadamente esta versão trobriand sobre a concepção e isto estar afinal relacionado com o fantasma do episódio da hemorragia cerebral? Se fazemos esta observação é porque já Pulman (2002) tinha advertido, relativamente a outro tema, para a tendência autoritária do método etnográfico de Malinowski relativamente aos informadores que contactava referindo que "o estilo etnográfico de Malinowski foi por vezes suficientemente agressivo tendo tido um efeito inibidor sobre os seus informadores" (p. 160)[352]. Questionamo-nos até que ponto os fantasmas pessoais do etnógrafo impuseram algumas características ao seu método etnográfico e às interpretações daí decorrentes.

[352] "le style ethnographique de Malinowski fut parfois suffisamment agressif pour avoir un effet inhibant sur ses informateurs" (Pulman, 2002, p. 160).

O Décimo Terceiro Sonho de 14 de Fevereiro de 1918

← Índice

Mas o tema da hemorragia tem mais associações. Várias parecem ter sido as ligações emocionais de Malinowski com as mulheres. Além de Elsie Masson, com quem viria a contrair casamento, N.S. foi das mulheres envolvidas amorosamente com Malinowski, a mais referida. A 14 de Fevereiro de 1918, o etnógrafo (Malinowski, 1914-18/1989) relata o seguinte sonho: "Hoje tive muitos pensamentos sobre N. S. Tive um sonho: Estávamos a viver em Little Square. Mãe. Eu voltei. N. S. está lá. A Mãe estava surpreendida e acusadora por eu não ser casado com N. S. «Ela tem apenas duas semanas de vida». Eu, também, estava muito triste. Esta tristeza permeia tudo desde o sonho até ao estado acordado. Remorso: O efeito de *Villete* (novella) sobre mim faz-me sentir malvado e perverso" (p. 202)[353].

Duas mulheres presentes: N.S. e a mãe de Malinowski. Uma situação de hierarquia explícita – é a mãe que reprova a Malinowski o facto de não estar casado com N.S. No fundo, o etnógrafo não obedeceu a uma ordem materna. A ordem de "exogamia", no sonho, emitida pela figura materna mais não é do que a expressão da proibição da "endogamia", isto é, do incesto com a mãe. Trata-se de uma espécie de «mandato exogâmico materno», expressão adaptada a partir de Coimbra de Matos (In Ferreira, 1991, p. 82) que refere o «mandato exogâmico paterno» (Ferreira, 1991, p. 82). Sobretudo importa notar que o que psicologicamente se verifica neste sonho do etnógrafo coincide com a expressão social dos casamentos na teoria das estruturas elementares do parentesco. Segundo Lévi-Strauss (1949/1982), "(…) a proibição do incesto e a exogamia têm uma função essencialmente positiva" (p. 533)[354], isto é, importa mais a prescrição dos casamentos (e, em termos de teoria psicanalítica, a relação de objecto) do que a simples proibição. A prescrição diminui a angústia mediante a escolha objectal, a simples

[353] "Today many thoughts about N. S. Had a dream: We are living in the Little Square. Mother. I return. N. S. is there. Mother surprised and reproachful because I am not married to N. S. «She has only two weeks left to live». I, too, was very sad. This sadness filters from dream to waking state. Remorse; sadness. Effect of *Villette* on me is that I feel *how wicked I am*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 202).

[354] "(…) la prohibition de l'inceste et l'exogamie ont une fonction essentiellement positive" (Lévi-Strauss, 1949/1973, p. 565).

proibição não permite o investimento libidinal no processo sublimatório. Embora a escolha pré-determinada como acontece nas estruturas elementares possa gerar conflitualidade emocional permite sempre a atribuição da culpa na pessoa que ordenou a escolha evitando melancolicamente a inversão da libido sobre o ego ─ é o que acontece com Dora (Freud, 1901/1981a), como veremos. Todas as mulheres que entram na vida emocional do etnógrafo desempenham, assim, o papel de substitutos da mãe. Note-se a assonância dos significantes «*weeks*» e «*wicked*». A «malvadez», a «crueldade», a «perversidade», atributos que o etnógrafo sente pertencerem-lhe aparecem em duplicado: «*duas* semanas de vida», é o que resta a uma das *duas* mulheres que compõem o conteúdo manifesto do sonho. O etnógrafo não desposou uma mulher e, ao fazê-lo, desobedeceu à outra. O seu desobedecimento é, portanto, uma recusa da substituição da mãe por qualquer outra mulher que seja. Duas semanas de vida... depois da vida, a morte. Mas esta morte suposta, implícita no sonho, é a morte sentida como castração contra o próprio Malinowski. O desobedecimento à ordem materna significa permanecer com a mãe, continuar no desejo pela mãe e, inevitavelmente, expor-se aos fantasmas de castração.

Mas, principalmente, note-se como neste sonho o etnógrafo se recusa a ser transaccionado, trocado, entre mulheres (a mãe e a amante). Psicologicamente trata-se do avesso das estruturas elementares de Lévi-Strauss (1949/1973) nas quais são as mulheres que são trocadas entre homens. Não nos esqueçamos que a sociedade Trobriand é uma sociedade de direito materno, o que pode ter vincado ainda mais no etnógrafo o fantasma da presença de uma mãe fálica na prescrição da sua vida. Interessante situação esta, a do sonho das duas mulheres. Excelente ocasião para elucidar de um modo um pouco heterodoxo, talvez, o conceito freudiano de "série complementar»" (Freud, 1916-17/1996c, p. 362)[355]. Uma predisposição libidinal com fixação da libido (a mãe que ordena) e um acontecimento traumático – N.S., com quem Malinowski devia contrair casamento. N.S. substitui e evoca, por regressão, a fixação libidinal à figura materna. A diminuição da importância da ordem materna (a sua recusa) implica um aumento da culpabilização relativo ao outro segmento da série – N.S.

[355] "complemental series" (Freud, 1916-17/1981b, p. 347, 362).

O Amigo Billy e Marianna

← Índice

As «duas semanas» correspondem, no entanto, a um resto diurno do dia do sonho. O etnógrafo refere a sua irritação pelo facto de Billy, um comerciante com loja sedeada nas Trobriand, homem com quem Malinowski estabeleceu laços de amizade, não voltar por duas semanas ou mais, encerrando para tal a loja e a casa, lugares habitualmente frequentados por Malinowski. Ao saber da notícia, o etnógrafo desfaz caminho e permanece por um tempo num banco de terra envolto numa melancolia sonolenta: "Em Kiribi, Ilumedoi, Mick. Irritado por ouvir dizer que Billy não ia voltar durante duas semanas ou mais − fechou a loja e a casa. Voltei para trás − nas traseiras deitei-me no banco; melancolia sonolenta" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 202)[356].

Ora, Billy é um inglês com quem Malinowski se identifica, um explorador, mas um homem que cria raízes nas Trobriand, e que chega até a fazer aquilo que Malinowski não conseguiu fazer (nem com uma mulher branca): casar-se com uma nativa. A identificação com o aventureiro inglês é equacionada explicitamente pelo etnógrafo: "Tenho sempre em mente o problema básico de Billy: o seu casamento com Marianna; o seu amor pelos filhos dos dois. Ele trata Marianna como uma nativa, sublinhando o seu tom bronzeado. Hoje pensei que isto é talvez muito inteligente da sua parte, pois ele esperava o pior. Às vezes tentei − ou melhor, tive uma tendência de sentir nele um eco da minha própria saudade pela civilização, saudade de uma mulher branca" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 148)[357].

[356] "At Kiribi, Ilumedoi, Mick. Vexed to hear that Billy wouldn't be back for two weeks or more – he closed store and house. Went back – lay down on bench in the back; sleepy melancholy" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 202).

[357] "I always keep in mind Bill's basic problem: his marriage with Marianna; his love for their children. He treats Marianna as a native, stressing her bronze complexion. Today I thought that this was perhaps very clever on his part, that he expected the worst. At times I try – or rather have a [tendency] to feel in him an echo of my own longing for civilization, for a white woman" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 148).

Tal situação suscita no etnógrafo apenas mais uma manifestação da sua incapacidade de estabelecer um processo transferencial positivo com os nativos das Trobriand: continua a desejar mulheres brancas, aquilo que de momento não pode ter.

A curiosidade de Malinowski a respeito deste seu compatriota ocidental pede mais esclarecimentos. O etnógrafo questiona-se sobre o percurso de vida deste homem e sobre as razões que ali o terão levado: "Tenho tentado descobrir o que o trouxe aqui. Esteve no serviço dos caminhos de ferro. Fez poupanças; trabalhou mas minas com dois Vitorianos; tocou e abalou; *Broken Hill [no sudoeste da Austrália] ou Charles e Towers; de C. T. vem para N. G., para os campos de ouro, perde 1600 libras na loja em Yodda Cross Sul, gasta mais 460. Volta com 140. Estabelece-se neste local*. B. H. fala desfavoravelmente sobre George Auerbach. Refere 60 libras de tabaco que G. A. recusou dar-lhe de volta, assumindo que W. H. está com dificuldades financeiras. Mais ainda, é suposto G. A. ter-lhe dito que ele abriria uma estação de pesca de pepinos marinhos em Teyava e Tukwa'ukwa como retalização contra o facto de Peter ter comprado carne seca de pepino em Sinaketa. Billy ameaça-o dizendo-lhe que se instala em Kanubumekwa" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 148)[358].

Bill é um homem que arriscou e perdeu monetariamente, no entanto, permaneceu nas Trobriand. Porquê? Mulher e filhos, casamento com uma nativa. Nada de honrarias, buscar fama ou empreender revoluções. Isto contrasta com a «visão do mundo» de Malinowski e com a sua predisposição libidinal.

[358] "I have been trying to find out what brought him here. He was in *railway service; retrenchment; worked on mines with two Victorians; touch and go; Broken Hill [in southwest Australia] or Charles and Towers; from C.T. comes to N. G. to gold fields, loses 1,600 pounds on store in Yodda Cross South, spends 460. Returns with 140. Sets up this place*. B.H. speaks unfavourably about George Auerbach. Talks about the 60 lb of tobbaco that G.A. refused to give him back, assuming that W. H. is in financial difficulties. Also, G. A. is supposed to have said that he would open a *bêche-de-mer* station in Teyava and Tukwa'ukwa to retaliate for Mick's having bought copra at Sinaketa. Billy threatens him with settling in Kanubumekwa" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 148).

Malinowski e o Missionário Saville

← Índice

Saville foi um missionário que prestou serviço nas Trobriand, num período de tempo coincidente com o trabalho de campo de Malinowski. Foi também autor de algumas publicações etnológicas sobre as ilhas Trobriand, entre as quais um artigo sobre gramática da língua *mailu*[359].

Uma das preocupações de Malinowski, logo no início da sua estadia nas ilhas, foi precisamente a da recolha de termos dos dialectos locais, tendo sublinhado a importância, além disso, do conhecimento das línguas nativas como meio privilegiado para um sólido desenvolvimento do trabalho de campo etnográfico, assim como para o estabelecimento de boas relações com as populações locais. Sendo Saville um óptimo conhecedor das línguas nativas, é compreensível que os primeiros investimentos do etnógrafo fossem dirigidos para este homem. Se chamamos a atenção para a importância da língua nativa e da primeira transferência negativa, ocorrida em trabalho de campo etnográfico, dirigida a uma figura de algum modo investida de autoridade – o missionário Saville –, figura temporariamente detentora da sua posse, é para sublinharmos a relação simbólica de um investimento afectivo de Malinowski relativo a um substituto paterno e também materno (Saville), detentor de um substituto materno (dialecto *mailu*). Até porque, explicitamente, o pai de Malinowski é referido unicamente no último parágrafo da última página do diário e, mesmo assim, numa recordação de infância cujo referencial era a mãe. O diário é, aliás, uma constante mistura linguística entre polaco, inglês, *kiriwina* e mesmo francês. O inglês foi uma língua adoptiva que Malinowski teve que dominar a fim de singrar na carreira académica inglesa em antropologia. Uma das componentes principais da tese que defendeu a fim de obter o título académico tratava precisamente de dialectos locais nas Trobriand. A mãe de Malinowski era uma autodidacta com grandes conhecimentos linguísticos (além do pai que era professor de línguas) e que, ao que parece, dominava com grande perfeição o inglês. O próprio Malinowski viveu em Inglaterra, a fim de

[359] W. J. V. Saville, "A Grammar of the Mailu Language, Papua", *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 42: 397-436, 1912 (In Malinowski, 1914-18/1989, p. 25).

prosseguir os estudos universitários, em comunhão íntima com uma pianista com quem manteve relações amorosas, consideravelmente mais velha do que ele. O etnógrafo viu a mãe pela última vez em Inglaterra, imediatamente antes de empreender a viagem às Tobriand (Pulman, 2002). As figuras da pianista (associada a todas as outras mulheres que passaram pela vida do etnógrafo) e da Inglaterra enquanto nação acolhedora, ficaram certamente ligadas à representação da mãe de Malinowski como alguns dos sonhos do diário virão a demonstrar.

A 16 e 17 de Outubro de 1914, Malinowski relata a primeira impressão sobre o missionário: "(...) Disse olá a S[aville], pessoa que tinha visto antes através de sentimentos prévios dos meus óculos coloridos. Convidou-me generosamente a passar o serão e a tomar as refeições com eles, e isto tornou-se ainda mais apelativo para mim (...) Sábado, 17 de Outubro. De manhã Saville levou-me numa viagem pela ilha − até ao pau da bandeira, à aldeia, depois aos jardins, posteriormente através dos montes até ao outro lado onde nos deram côcos, e onde vi a manufactura de pulseiras (*toea*). Depois demos a volta ao cabo e andámos em missão ao longo da costa. Após o jantar li um pouco − não fiz qualquer trabalho, à espera da ajuda que Saville me tinha prometido" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 26)[360].

O missionário esperançou o etnógrafo naquela que parecia vir a ser uma primeira relação transferencial[361] positiva no trabalho de campo. Isso parece ter sido o que o levou a

[360] "(...) I said hello to S[aville] whom I saw through the rose-colored glasses of my a priori sentiments. He generously invited me to spend the night and take my meals with them, and this made him even more appealing to me (…) Saturday, 10.17. In the morning S. took me on a tour of the island – to the flagpole, to the village, then to the gardens, then across the hills to the other side where we were given coconuts, and I watched the making of *toea* (armshells). Then we rounded the promontory and went along the mission shore. After dinner I read a little – I had done no work as yet, waiting for the help S. promised me" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 26).

[361] Talvez esta possa ser, também, uma situação evocadora de uma outra vivida pelo etnógrafo e um dos seus professores mais próximos e orientador de tese de doutoramento, Stefan Pawlicki. Pawlicki era um padre cristão, professor de história da filosofia na universidade polaca jagielloniana, homem de grande cultura. Em algumas das cartas de Malinowski a Pawlicki, uma relação hierarquizada, cunhada sob o signo da transferência posítiva, parece ter sido marcante. Eis três excertos de algumas das referidas cartas:
"De momento estou a trabalhar na história da filosofia. Estou a ler sobre Aristóteles no livro de Piat que você, Padre, me recomendou e enviou. Procuro Zeller também. Ao mesmo tempo espero por si, Padre, a fim de me esclarecer algumas dúvidas. Em nenhum lado consegui clarificar estes argumentos claramente. Por enquanto estou envolvido na causalidade, lendo o *Kausal Problem* de Lang e o último livro de Mach que gostaria de discutir em pormenor consigo. Espero impacientemente pelo momento em que você, Padre,

aprofundar a relação, com a súbita desilusão daí advinda: "Na segunda de manhã (dia 19) falei com Saville sobre a minha situação e fiquei extremamente irritado pela rudeza com que ele tratou este assunto. Fiquei muito desiludido face à sua amizade e desinteresse anteriores e, a partir daí, *isto*, combinado com a atitude casual de Saville em relação ao meu trabalho, tornou-o detestável para mim" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 27)[362].

A partir daqui Saville ficou como uma das figuras que melhor expressou aquilo que Malinowski mais detestou nas Trobriand: a presença dos missionários e do homem branco com a consequente repressão da cultura nativa. Não deixou, claro, de ser uma reprovação da parte do etnógrafo cunhada com signos ambivalentes.

Transportemo-nos a 10 e 11 de Novembro de 1914. Malinowski tem nova conversa com o missionário e o conteúdo desta é sinteticamente descrito: "À noite falei desnecessariamente com Saville sobre os casamentos arranjados entre os Papuas. Quarta, dia 11, levantei-me tarde. Senti-me deprimido de manhã. Tomei uma injecção de ferro e arsénio. Empacotei. À tarde fomos à aldeia num escaler (embarcação a remo e vela). Ânimo feérico de partida e uma viagem agradável com uma magnífica vela amarela" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 36)[363].

Após desilusão confirmada com um substituto da figura parental, e consequente baixa de humor, surge em associação com este episódio a incorporação de dois elementos

---

se juntará a nós novamente e possa ser capaz de acalmar todas as minhas dúvidas e preocupações filosóficas" (Paluch, 1981, p. 284, n.7). [Orig.: "At the moment I am working on the history of philosophy. I am reading about Aristotle in Piat's book wich you, Father, have recommended and lent to me. I am looking over Zeller as well. At the same time I am waiting for you, Father, to clarify some doubtful points for me. Nowhere can I find this arguments clarified clearly. For the time being I am engaged in causality, reading Lang's *Kausal Problem* and Mach's latest book wich I would like to discuss in detail with you. I am waiting with great impatience for the moment when you, Father, will be with us again and will be able to calm all my philosophical doubts and worries" (Paluch, 1981, p. 284, n.7)].

[362] "On Monday morning (the 19th) I spoke to S. about the terms of my living there and was extremely annoyed by the crudness with wich he treated the matter. Very much disillusioned regarding his friendliness and disinterestedness and, from that time on, *this*, combined with S.'s casual attitude to my work, has made him loathsome to me" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 27).

[363] "In the evening I talked unnecessarily with S. about arranged marriage among the Papuans. Wednesday 11th got up late. Felt very miserable in the morning. I took injection of arsenic and iron. Packed. In the afternoon we went to the village in a dinghy. Fairylike mood of departure and lovely trip with magnificent yellow sail" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 36).

químicos revitalizantes: ferro e arsénio. Esta incorporação é feita por intermédio de uma injecção.

Se relatamos este facto é para melhor tentarmos esclarecer o sonho de 19 de Janeiro de 1915, ocorrido aproximadamente dois meses depois: "Perto da manhã sonhei com os meus ideais − sobre Zenia, T., N., todos num único quarto dormindo separados por partições de ferro enrugadas, onduladas. Isto teve lugar algures entre Zakopane (cidade turística nos Cárpatos, a cerca de 65 milhas a sul de Cracóvia) e Nova-Guiné. Sentimento de felicidade desperdiçada, tesouros perdidos" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 66)[364].

"Sessenta e cinco milhas (sixty-five)"; o travessão entre o 6 e o 5 representa, talvez, o período durante o qual se dá a liquidação do Édipo; o quarto dividido é a outrora imaginada união entre ânus e vagina segundo a teoria sexual infantil da cloaca, embora possa representar também o útero materno. Zakopane / Cracóvia remeteria, segundo a teoria da cloaca, para a retenção anal, para os cuidados maternos durante a aprendizagem do asseio. Nova-Guiné representaria a fase genital, com liquidação do Édipo e separação da figura materna: note-se que o quarto[365] onde tudo se passa situa-se algures entre Zakopane e Nova-Guiné, ou seja, entre a analidade, a dependência materna e a genitalidade; todas as mulheres[366] estão no mesmo quarto, todas são confundidas com a

[364] "Toward morning I dreamed about my ideals - about Zenia, T., N., all of them in one room and they sleep separated by corrugated iron partitions. This takes place somewhere between Zakopane (a resort town in the Carpathians, about sixty-five miles south of Cracow) and New Guinea. Feeling of wasted hapiness, lost treasures" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 66).

[365] Freud relata uma situação semelhante quando refere: "Ele teve um sonho em que viu dois quartos familiares que haviam sido transformados num só. Nada de concreto. O sonho dizia respeito aos órgãos genitais femininos e o ânus, que, em criança, ele havia considerado como uma só região, o 'fundo' (de acordo com a 'teoria da cloaca' infantil) enquanto agora sabia existirem duas cavidades e orifícios separados. Uma representação invertida" (Freud, 1913/1996, p. 198). [Orig.: "He had a dream in which he saw two familiar rooms which had been made into one. Nothing factual. The dream pointed to the female genitals and the anus, which, as a child, he had regarded as one area, the 'bottom' (in accordance with the infantile 'cloaca theory'), while he now knows that there are two separate cavities and orifices. A reversed representation" (Freud, 1913/1981a, p. 195)].

[366] Uma passagem paradigmática da relação de Malinowski com a mãe e da substituição desta pelas amantes é reproduzida no diário cerca de um mês após a chegada do etnógrafo às Trobriand. A angústia de separação materna ficou aqui bem patente sendo aliás motivo da execução do diário: "Ainda penso e estou apaixonado por T. Não é um amor desesperado; o sentimento de que perdi valor criativo, o valor central do self, tal como aconteceu com Z. É a magia do seu corpo que ainda me possui, e a poesia da sua presença. A praia arenosa em Folkestone e o brilho frio e cortante daquela noite. Memórias de Londres e Windsor. As minhas lembranças de momentos desperdiçados − como quando chegámos a Paddington ou quando predi a

mãe via fase anal (prestação de cuidados à criança), mas ainda assim estão separadas por paredes de ferro enrugado, isto é, o sonho destaca-lhes apesar de tudo uma potencial individualidade genitalizada em confronto com uma fixação anal. A sensação de "felicidade e tesouros perdidos" evoca os tesouros fecais com os quais a criança brinca e, por esta via, a mãe que dela cuidava.

No interior do quarto contentor das amantes estas encontram-se separadas por paredes de ferro "enrugado", ferro que é um dos elementos que o etnógrafo administra através de injecções com alguma regularidade. A última injecção administrada antes da ocorrência deste sonho esteve relacionada com a conversa tida com o Reverendo Saville. Já indicámos Saville como um dos substitutos, para Malinowski, da autoridade paterna na gerência da angústia em trabalho de campo. Sentimo-nos agora reforçados nesta posição na medida em que Malinowski refere ter falado desnecessariamente com Saville sobre o casamento "arranjado" entre os Trobriand. No sonho anteriormente comentado referimos a rejeição do etnógrafo por parte de uma mãe exogâmica, prescritiva, fálica, aquela que dita positivamente o objecto de amor que o filho deve escolher para aliança ou casamento. Neste sonho, se repararmos com atenção, encontra-se a presença da figura paterna através das paredes de ferro que separa em compartimentos diferentes os objectos de amor de Malinowski. As representações de palavra associadas que ditam a representação de coisa enquanto conteúdo latente do sonho são: «Saville» – «conversa

---

oportunidade de passar uma noite com ela ao ir para a Escola de Economia − são tantas punhaladas no meu coração. Todas as minhas associações levam na sua direcção. Mais, tenho momentos de abatimento generalizado. Conversas e passeios com Kazia e Wandzia, memórias de Paris e elementos de França, que adquirem um indescritível charme para mim por causa de uma qualquer associação misteriosa com T., talvez memórias de Z., a viagem de um dia à Normandia e aquela noite entre Paris e Fontainebleau − memórias da última noite com August Z. em Varsóvia, o passeio com Miss Nussbaum. Por fim começo por sentir uma saudade forte e profunda pela Mãe no meu ser mais íntimo. Resolvi manter apontamentos diários" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 27-28). [Orig.: "I still think about and I am in love with T. It is not a desperate love; the feeling that I had lost creative value, the basic element of the self, as happened with Z. It is the magic of her body that still feels me, and the poetry of her presence. The sandy beach at Folkestone and the cold, piercing glow of that evening. Memories of London and Windsor. My recollections of wasted moments – when we were arriving at Paddington or when I lost an opportunity to spend an evening with her by going to the School of Economics – are so many stabs at my heart. All my associations lead in her direction. Moreover, I have moments of general dejection. Themes and walks with Kazia and Wandzia, memories of Paris and elements of France, wich took an indescribable charm for me because of some mysterious association with T., perhaps memories of Z., the daytime trip to Normandy and that evening between Paris and Fontainebleau – memories of the last evening with August Z. in Warsaw, the walk with Miss Nussbaum. At last I begin to feel a deep, strong longin for [Mother] in my innermost being. I have resolved to keep a day-to-day account" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 27-28)].

sobre casamento arranjado» - «injecção de ferro» - «quarto» – «mulheres amantes separadas por paredes de ferro (pai)» – «Zakopane» (terra da mãe) – «Nova-Guiné» (separação da mãe). Ou seja, Malinowski permanece numa posição ambivalente relativamente às mulheres referidas uma vez que o sonho não refere a escolha positiva de nenhuma delas em particular, tal como não houve escolha (desta vez sob censura da mãe) no sonho anterior a este embora ocorrido na parte final da sua presença nas Trobriand. O quarto revela a presença do pai (paredes de ferro) na mãe, isto é a unidade parental. A unidade dos pais e a presença do pénis do pai na mãe nos fantasmas da criança já tinha sido referida por Klein (1930/1996): "A criança espera encontrar dentro da mãe (a) o pénis do pai, (b) excrementos e (c) crianças, identificando todas essas coisas com substâncias comestíveis. De acordo com as fantasias (ou "teorias sexuais") mais iniciais da criança a respeito do coito entre os pais, o pénis do pai (ou seu corpo inteiro) se incorpora à mãe durante o ato sexual. Assim, os ataques sádicos da criança têm como objeto tanto o pai quanto a mãe, que são mordidos, despedaçados, cortados ou esmagados na fantasia. Os ataques dão origem à ansiedade de que o indivíduo seja punido pelos pais em conjunto. Essa ansiedade também é internalizada em conseqüência da introjeção sádico-oral dos objetos e, assim, já é dirigida para o superego primitivo. Minha experiência mostra que essas situações de ansiedade nas fases iniciais do desenvolvimento mental são as mais profundas e poderosas. Também descobri que o sadismo uretral e anal, que logo se soma ao sadismo oral e muscular, desempenha um papel importante no ataque fantasiado ao corpo da mãe. Na fantasia, os excrementos se transformam em armas perigosas: o ato de urinar é equiparado a cortar, furar, queimar e afogar, enquanto a massa fecal é encarada como armas e mísseis. Num estágio posterior da fase que acabo de descrever, esses modos violentos de ataque dão lugar a agressões ocultas pelos métodos mais refinados que o sadismo pode criar, e os excrementos passam a ser igualados a substâncias venenosas" (p. 251)[367].

[367] "The child expects to find within the mother (a) the father's penis, (b) excrement and (c) children, and these things it equates with edible substances. According to the child's earliest phantasies (or 'sexual theories') of parental coitus, the father's penis (or his whole body) becomes incorporated in the mother during the act. Thus the child's sadistic attacks have for their object both father and mother, who are in phantasy bitten, torn, cut or stamped to bits. The attacks give rise to anxiety lest the subject should be punished by the united parents, and this anxiety also becomes internalized in consequence of the oral-sadistic introjection of the objects and is thus already directed towards the budding super-ego. I have found these anxiety situations of the early phases of mental development to be the most profound and

Poderíamos deste modo equacionar o pénis do pai no interior do corpo da mãe no fantasma de Malinowski com as paredes de ferro que compartimentam o quarto. É difícil dizer se as mulheres que lá se encontram são uma troca sacrificial entre Malinowski e o pai. Se assim fosse estas seriam objecto de troca entre dois homens, facto reforçado pelo princípio de realidade ancorado no parentesco trobriandês. No âmbito de uma interpretação do Édipo negativo, as mulheres representariam antes a parte feminina do self de Malinowski (componente homossexual) oferecida a um pai em troca da mãe. Por outro lado, de acordo com os ensinamentos de Klein (1930/1987) as mulheres em questão seriam antes crianças na qualidade de irmãs rivais, argumento que já nos forneceria outra sustentação à tese que pretendemos avançar. Desta maneira, respeitando os baluartes do parentesco trobriandês baseado na troca de mulheres entre homens, o que o sonho de Malinowski revelaria no seu conteúdo latente seria, como princípio geral inconsciente, uma troca de mulheres (crianças-irmãs) entre homens (irmãos), isto é, entre «homens» de linhagens diferentes (compartimentos do quarto) embora pertencentes ao mesmo clã materno (quarto). Veremos mais à frente, a partir de outros sonhos do etnógrafo, como se pode proceder à articulação entre as estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973) e os mecanismos do inconsciente tudo enquadrado na acção do investigador.

O fantasma do pénis do pai no interior da mãe seria ainda detectável num sonho de 21 de Dezembro de 1917: “Sonhos nos quais S. I. W. [Stanislaw Ignacy ("Stas") Witkiewicz] e o velho pai W., de Stas, estão misturados. O mesmo relativamente ao juíz Herbert, e outros” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 159)[368].

---

overwhelming. It is my experience that in the phantasied attack on the mother's body a considerable part is played by the urethral and anal sadism which is very soon added to the oral and muscular sadism. In phantasy the excreta are transformed in to dangerous weapons: wetting is regarded as cutting, tabbing, burning, drowning, while the faecal mass is equated with weapons and missiles. At a later stage of the phase which I have described, these violent modes of attack give place to hidden assaults by the most refined methods which sadism can devise, and the excreta are equated with poisonous substances” (Klein, 1930/1987, p. 96).

[368] “Dreams in wich S. I. W. [Stanislaw Ignacy ("Stas") Witkiewicz] and old W. Stas's father are mixed up. Also, Judge Herbert, and others” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 159).

O significante «wicz» faz a associação entre as representações de palavra Ignacy Witkie / [wicz] e Gumplo / [wicz] (o amigo de Malinowski, no sonho de 21 de Janeiro de 1915, e subordinado ao professor Felbaum, figura «paterna» detentora da autoridade no laboratório); o significante «law» da representação de palavra Stanis / [law] (lei) leva-nos à lei do Pai; aqui o filho incorporou a lei (juíz, magistrado) do pai. A representação de coisa é, pois, o pai.

A figura paterna aparece aqui, embora deslocada na figura do pai do seu melhor amigo, Stasz. Há uma dimensão superegóica de julgamento moral. Há um juiz presente.

Sigamos o método que nos serve de guia segundo o conceito que designamos por "sistema psicoparental" ou “aparelho psicoparental” caracterizador de um mecanismo defensivo pelo qual Malinowski projecta no sistema de parentesco Trobriand os seus conflitos edipianos. Com uma interessante variação, neste caso: são as regras do sistema de parentesco Trobriand que o inconsciente do etnógrafo utiliza a fim de ocultar a sua própria problemática emocional (identificação projectiva no sistema de parentesco trobriand).

Assim, segundo o sonho, pai e filho estão misturados. Note-se que é precisamente o que acontecia com as crianças trobriandesas até cerca dos 5 anos de idade, período próximo da altura da liquidação do complexo de Édipo, facto presente na etnografia de Malinowski e bastante sublinhado por Spiro (1982). Até esta idade o pai trobriandês cuida dos respectivos filhos com uma grande proximidade sentimental. Depois sobrevém a separação.

Consideremos agora a representação de palavra pela qual nos aparece o mais íntimo amigo de Malinowski: Stanislaw Witkiewicz. Notemos o facto de o pai de Stanislaw ter sido juíz: "Stanis-law(lei)", o amigo condensa a lei do pai que é juiz - dimensão superegóica interiorizada. Malinowski projecta na relação do amigo Staz com o pai aquela que deverá ter sido a sua relação com o seu próprio pai ou pelo menos um desejo disso.

Estranha configuração onírica para um autor que exclusivamente refere a mãe ao longo do diário. A questão a colocar será, portanto: estará a mãe de Malinowski presente neste sonho? A resposta parece ser afirmativa, caso prossigamos na aplicação sistemática do nosso método. A lei do pai, que no ocidente coincide com o genitor real, aqui está deslocada no irmão da mãe. A mãe está, portanto, representada numa figura masculina. O que o sonho nos refere, enquanto projecção no sistema de parentesco tobriandês, é que a lei aqui é a lei da filiação matrilinear enquanto continente de um conteúdo[369] que é o irmão da mãe. A mãe está sublimada numa lei que é no entanto exercida por um homem. O que interessa no conteúdo manifesto do sonho é a dimensão legal representada pelo pai de Stanislaw e pelo juiz Herbert: ambos são juízes. Coerentemente o juiz Herbert poderia representar o irmão da mãe, enquanto exterior à relação pai-filho Stanislaw. Mas mais importante, parece-nos, é a fusão dos sexos masculino e feminino presentes na filiação matrilinear e que o sonho condensa e desloca na figura do filho Stanislaw e dos juízes. Afinal, a fusão do filho com o pai é a fusão do filho com a lei no contexto da filiação matrilinear (mãe).

Como a unificação da lei paterna (pai) com a lei materna (mãe, irmão da mãe, filiação matrilinear) se faz centrada na unidade dos irmãos, isto é, mãe e irmão da mãe, e como Malinowski reconhece o complexo nuclear (irmão-irmã) como o único representante do desejo incestuoso nas Trobriand, o que este sonho mostra é a transposição do seu desejo incestuoso pela mãe por parte do etnógrafo, para o desejo incestuoso entre irmãos nas Trobriand; mas isto apenas mostra que o complexo de Édipo apenas foi deslocado defensivamente para a área do parentesco trobriand que admite as suas componentes incestuosas: a das relações entre irmãos.

O que a apropriação do parentesco trobriandês pelo inconsciente do etnógrafo mostra através deste sonho põe algumas questões complexas em torno daquilo que a formação dos processos de identificação da criança deve ao pai e à mãe. Havendo uma fusão

[369] Na senda de Klein, Bion designou também o contentor como feminino e o conteúdo como masculino (Bion, 1962/1991, p. 90).

fantasmática entre pai e filho no útero materno, isto é, na linhagem materna, continuará a prevalecer a importância da mãe enquanto contentor onde o conteúdo da fusão filho-pai se desenvolve? Ou isto significará uma identificação com o pai? Se seguirmos uma perspectiva kleiniana, então tal significará um abandono da mãe e um reassumir de um amor pelo pai em virtude da angústia que causa um amor incestuoso a ela dirigido e sempre passível de castração. E aqui importa notar que a falta do pénis na mãe sentida pela criança é pré-edipiana sendo apenas reforçada pelo posterior desenvolvimento da criança (um dos pontos de diferença entre Klein e Freud). Segundo Klein (1928/1987), "Freud afirma que a descoberta da ausência do pénis provoca a troca da mãe pelo pai como objeto amoroso. Minhas investigações mostram, porém, que essa descoberta age apenas como reforço nesse sentido: tudo isso ocorre num estágio muito inicial do conflito edipiano e a inveja do pénis toma o lugar do desejo de ter um filho, que por sua vez volta a substituir a inveja do pénis no desenvolvimento posterior. Acredito que a privação do seio seja a causa mais importante da opção pelo pai. A identificação com o pai é menos carregada de ansiedade do que aquela com a mãe; além disso, o sentimento de culpa em relação à mãe provoca a supercompensação, através de uma nova relação de amor com ela. Em oposição a essa nova relação de amor, há ainda o complexo de castração, que torna difícil uma atitude masculina, e o ódio contra a mãe resultante das posições anteriores. O ódio e a rivalidade com mãe, contudo, fazem mais uma vez com que a identificação com o pai seja abandonada e ele volte a ser o objeto para amar e pelo qual ela deseja ser amada" (p. 223)[370].

Para Klein seria a privação do seio (angústia de separação da mãe pelo etnógrafo, uma constante ao longo do diário) a responsável pela viragem para o pai distorcida neste sonho.

---

[370] "Freud has stated that the discovery of the lack of a penis causes the turning from the mother to the father. My findings show, however, that this discovery operates only as a reinforcement in this direction, since it follows on a very early stage in the Oedipus conflict, and is succeeded by the wish for a child, by which it is actually replaced in later development. I regard the deprivation of the breast as the most fundamental cause of the turning to the father. Identification with the father is less charged with anxiety that with the mother; moreover, the sense of guilt towards her impels to over-compensation through a fresh love relation with her. Against this new love relation with her there operates the castration complex which makes a masculine attitude difficult, and also the hatred of her which sprang from the earlier situations. Hate and rivalry of the mother, however, again lead to abandoning the identification with the father and turning to him as the object to be secured and loved" (Klein, 1928/1987, p. 78).

Noutra leitura, no entanto, esta fusão do filho com o pai pode significar um desejo de intervenção do pai com o fim de diminuir a angústia de separação de uma mãe demasiado protectora ou de simplesmente permitir a liquidação do Édipo. Neste sentido algumas observações de Lacan (1957-58/1999) sobre Klein podem ajudar a enquadrar o problema: "A ouvirmos o que ela diz, o papel predominante na evolução das primeiras relações objectais infantis seria desempenhado pelo interior do corpo da mãe, que concentraria toda a atenção da criança. Ora, vocês constatarão com surpresa que baseando-se em desenhos, em ditos e em toda uma reconstrução da psicologia da criança nessa etapa, a Sra. Melanie Klein nos atesta que, entre os maus objectos presentes no corpo da mãe - dentre eles, todos os rivais, o corpo dos irmãos e irmãs, passados, presentes e futuros -, há, muito precisamente, o pai, representado sob a forma de seu pénis. Esse é realmente um achado que justifica que nos detenhamos nele, uma vez que se situa nas primeiras etapas das relações imaginárias, às quais podem vincular-se as funções propriamente esquizofrénicas e psicóticas em geral. Essa contradição tem todo o seu valor, considerando-se que a intenção da Sra. Melanie Klein era explorar os estados pré-edipianos. Quanto mais ela recua no plano imaginário, mais constata a precocidade – muito difícil de explicar, se nos ativermos a uma ideia puramente histórica do Édipo – do aparecimento do terceiro termo paterno, e isso desde as primeiras fases imaginárias da criança. É nisso que digo que a obra diz mais do que pretende dizer" (p. 170)[371].

[371] "Si vous lisez cet article d'elle concernant précisément l'oedipe, vous verrez ayec surprise qu'elle admet et elle nous montre même par des témoignage» dans l'équivoque de son experience des dessins d'un enfant extrêmement précieux où c'est justement à l'état dit de la formation des mauvais objets à l'étape oú c'est à l'intérieur du corps de la mère qui semble à l'entendre, jouer le rôle prédominant dans l'évolution première de la relation objectale chez l'enfant, oú l'enfant est tout entier centré sur cet intérieur du corps de la mère, et même à une étape antérieure, à la phase dite paranoîde, à la phase très précise qui est liée à l'apparition du corps de la mère comme dans sa totalité. C'est à une phase déjà antérieure que, se fondant sur des dessins, sur des dires, sur toute une reconstruction de la psychologie de l'enfant à cette étape, Mme Melanie Klein nous atteste parmi les mauvais objects présents dans le corps de la mère, parmi lesquels, comme vous le savez, il y a tous les rivaux, les corps des frères, des soeurs, passés, présents et à venir, il y a très précisément le père représenté sous la forme de son pénis.
C'est bien là quelque chose qui mérite de nous arrêter au moment des rapports de la fonction imaginaire dans les premières étapes où peuvent se rattacher les fonctions proprement schizophréniques, psychotiques en général et l'oedipe, c'est qu'il est curieux d'aboutir à cette contradiction dans une intention qui est celle de Mme Melanie Klein d'aller d'abord explorer les états pré-oedipiens. Plus elle remonta, plus elle se trouve sur le plan imaginaire, plus elle constate la précocité, une précocité, si nous nous en tenons à une notion purement historique do l'oedipe, bien difficile à expliquer, la precocité de l'apparition du terme paternel, ceci des les premières phases imaginaries de l'enfant. C'est en cela que je dis que l'oeuvre en dit plus qu'elle n'en veut dire" (Lacan, 1957-1958, pp. 8-10)

A hipótese que emitimos para conciliação destas duas posições no caso de Malinowski em trabalho de campo (facto que implica termos em consideração a pulsão epistémica na dialéctica entre sujeito investigador e objecto de estudo) tomaria então a seguinte forma: o sonho de Malinowski mostra a transição temporária do Édipo negativo ou invertido para o Édipo positivo, transição ocorrida na série do Édipo completo. Na tentativa de dissolução do Édipo que nunca se deu, este sonho colocaria assim em conteúdo latente a " (…) identificação paterna [que] preservará a relação de objecto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objecto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto à identificação materna" (Freud, 1923/1996, p. 46)[372].

Ora o que importa notar aqui, essência da nossa hipótese, é o modo pelo qual Malinowski procede a esta "dissolução": o etnógrafo fá-lo segundo os moldes do sistema de parentesco trobriand. Isto implica recorrer ao fantasma dos irmãos competidores no útero ou linhagem materna (tese de Klein), tornar-se um deles e em comunidade psíquica com eles proceder à troca de mulheres (irmãs substitutas da mãe). Ao fazê-lo, destitui a autoridade paterna identificando-se com a mesma, (tese de Lacan, e de Freud em *Totem e Tabu*) e o complexo de Édipo "substituindo-o" pelo complexo nuclear irmão-irmã (tese que Malinowski defendeu contra o Édipo de Freud). Mostraremos mais à frente, com a ajuda de outros sonhos do etnógrafo, o mecanismo desta operação recorrendo às estruturas elementares na teoria de Lévi-Strauss (1949/1973). Se isto realmente tem possibilidades de acontecer, então é de prever que às estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973), primeiras formas do pensamento psico-social inconsciente, correspondam os mecanismos do sistema protomental enquanto condição do pensamento ordenado (Bion, 1962/1991, p. 16). Recorde-se que o "sistema protomental" subjaz às primeiras formas de organização social na medida em que neste "(…) existem protótipos das três suposições básicas, cada um dos quais existindo como

[372] "The father-identification will preserve the object-relation to the mother which belonged to the positive complex and will at the same time replace the object-relation to the father which belonged to the inverted complex: and the same will be true, *mutatis mutandis,* of the mother-identification" (Freud, 1923/1981, p. 34)

uma função da filiação do indivíduo ao grupo, cada um deles existindo como um todo de que parte alguma pode ser separada do restante" (Bion, 1948-51/1989, p. 91)[373] e subjaz também à estrutura dos sonhos enquanto lugar onde as suposições básicas de fuga, luta e acasalamento se manifestam e onde os estados persecutórios sentidos pelo indivíduo relativamente ao grupo se fazem sentir (Bion, 1948-51/1989, p. 80).

***

Ainda no capítulo das personagens de conotação materna para Malinowski, está um inglês também residente nas Trobriand, e cujo nome constitui uma magnifica condensação do seu carácter e da sua língua materna - língua na qual Malinowski tem que singrar como condição da sua satisfação narcísica, com tudo o que isso implica. Trata-se de English, oficial colonial a cumprir serviço em Rigo, local onde Malinowski planeava, com a ajuda de *Ahuia*, colher dados sobre a tribo *Sinaugholo*, povo residente em estreito contacto com os *Mailu* (Malinowski, 1914-18/1989, p. 78). Num episódio de 7 de Fevereiro de 1915, o etnógrafo relata-nos o seguinte: "Uma manhã como de costume; levantei-me às 7 horas. Pequeno-almoço, depois trabalho com Ahuia[374] e os outros. Aprendi que "Puliuli" era aqui. Por volta das 16 horas fomos ver English − enviei Ahuia a Gabagaba. English recebeu-me friamente; estava a numerar bastões com a ajuda da mulher − sugeri fazer-lhe um catálogo. No fim tornámo-nos bastante amigos, fazendo planos para o futuro, com ele ajudar-me, etc. Um carácter típico (como eu) − não faz nada desinteressadamente, aprecia e reconhece as pessoas apenas na medida em que precisa delas no momento" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 81-82)[375].

[373] "In the proto-mental system there exist prototypes of the three basic assumptions, each of which exists as a function of the individual's membership of the group, each existing as a whole in which no part can be separated from the rest" (Bion, 1948-51/1989, p. 101).
[374] O primeiro informador de campo de Malinowski, pessoa de quem o etnógrafo muito gostava.
[375] :"Morning as usual; I got up at 7. Breakfast, diary, work with Ahuia and the others. I learned that "Puliuli" was here. Around four went to see English – sent Ahuia to Gabagaba. English received me coldly; with the help of his wife he was numbering *clubs* – I suggested making a catalogue for him. In the end we became very amiable, making plans for the future, helping me, etc. A typical character (like me) – he won't do anything disinterestedly, he recognizes and appreciates people only to the extent he needs them at the moment" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 81-82).

Exactamente o contrário relativamente ao ocorrido com Saville: no início, recepção fria; no fim, laços de amizade estabelecidos. Ambos os homens são ingleses; ambos representam a autoridade do império colonial inglês no Pacífico Ocidental, um como missionário, outro como oficial colonial. Ambos representam a autoridade paternal e maternal, pois Malinowski mantém estreitos laços com a mãe e é orfão de pai desde os catorze anos. A mãe aparece, já o vimos, no sonho de 14 de Fevereiro de 1918, na figura da autoridade reguladora das relações matrimoniais e amorosas do etnógrafo.

Geografia Sexual

← Índice

Estamos no domínio das interacções tensionais entre língua materna, ou língua falada pela mãe (inglês) e língua selvagem (*mailu*, *motu*). Se não descurarmos a cadeia associativa do diário, verificaremos que, logo em seguida à descrição das relações que entretanto Malinowski empreendeu com o oficial English, o etnógrafo passa a relatar o seguinte: "Pequenas nuvens maravilhosas e violetas num céu verde-marinho pálido; um pôr do Sol vermelho, e debaixo deste uma estreita faixa de mar brilhante. Um pequeno e estreito vale, coberto com vegetação; gosto da paisagem a partir desta varanda − atmosfera típica de uma plantação. Voltámos para casa, por vezes com medo das cobras (*gaigai*)" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82)[376].

"*Gaigai*" significa "cobra", em *motu*. Termo extremamente parecido com "*gagai*" ou "*gagaia*" cujo significado na mesma língua aponta para "relação sexual". Temos, assim, um medo (explícito) de cobras, medo descrito frente a uma paisagem composta por um estreito e apertado vale coberto com vegetação.

No dia seguinte, 8 de Fevereiro de 1915, Malinowski decide acabar a tarefa de catalogação que English estava a empreender: "Por volta das 16 horas, corri apressadamente até English, onde depressa e com eficiência acabei de catalogar as suas colecções. Jantei com English. Antes do jantar andei pela varanda onde tive momentos de grande concentração e elevação spiritual, interrompidos por ondas violentas de instinto sexual pelas raparigas nativas, criadas de English. Dissolvi-me na paisagem. O pequeno vale está rodeado por pequenos montes, por detrás dos quais se avistam vultos de cumes distantes tão longínquos quanto Main Range. À volta da casa estão árvores altas com troncos brancos e pequenas folhas" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82)[377]. Note-se como

[376] "Wonderful violet cloudlets in the pale sea-green sky; red sunset, under it glows the narrow belt of the sea. A shallow little valley, covered with vegetation; I like the scene from this veranda – typical plantation atmosphere. Went back home, at moments fear of *gaigai*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82).

[377] "At about 4, I rushed over to English's, where I quickly and efficiently finished cataloging his collections. Supper at English's. Before supper I walked in the veranda and had moments of concentration

agora, nesta passagem, a dissolução do self do etnógrafo já tem uma maior contiguidade com as pulsões sexuais. O desejo sexual pelas nativas está positivamente sancionado por serem criadas (passividade, subalternização) de English, representação de palavra evocadora da língua inglesa que permite o reforço do narcisismo do etnógrafo (obtenção da tese e publicação do trabalho de campo com reconhecimento pela comunidade científica ango-saxónica) e condição da sublimação das pulsões sexuais incestuosas: English é um homem que fala o inglês e, neste sentido, emite um «mandato exogâmico paternal» (Coímbra de Matos In Ferreira, 1991, p. 82) na medida em que é um substituto da figura paterna que sanciona o desejo incestuoso "prescrevendo", direccionando a sexualidade de Malinowski para as substitutas da mãe – as criadas nativas. A "pulsão de saber" (Freud, 1905/1996, p. 183)[378] enquanto vertente da pesquisa sexual está bem documentada noutra passagem na qual a dissolvência na paisagem-mãe precede um sonho cujo conteúdo manifesto demonstra o seu deslocamento e condensação: "(...) caminhei em direcção ao mar; as estrelas brilhavam e a oeste estava uma lua crescente. Sentei-me solitariamente, não pensando em demasia, mas sem saudades de casa; senti um prazer monótono em deixar-me disolver sem emoção na paisagem. Adormeci com dificuldade, sonhando com as possibilidades de pesquisa na Nova-Guiné" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 73)[379].

Se agora compararmos os dois deslocamentos que a pulsão de saber sofreu no aparelho psíquico do etnógrafo, a exploração da sexualidade das nativas e as possibilidades de pesquisa que a Nova-Guiné oferecia, poderemos dizer que a primeira sofreu um maior grau de recalcamento em virtude da maior proximidade tópica do desejo incestuoso. Um dos segmentos da rede associativa apresentar-se-ia do seguinte modo: "mãe" – "Elsie (amada)" – "nativas" – "pesquisa na Nova-Guiné".

---

and spiritual elevation, interrupted by violent surges of sexual instinct for native girls, for English's servants. I dissolved in the landscape. The little valley is surrounded by low hills, behind wich loom distant peaks as far as Main Range. Around the house, tall trees with white trunks and shinning leaves" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82).

[378] "instinct for knowledge or research" (Freud, 1905/1981, p. 194).

[379] "walked down to the sea; the stars were shining and there was a crescent moon in the west. I sat withdrawn, not thinking much, but without homesickness; felt a dull pleasure in soullessly letting myself dissolve in the landscape. I fell asleep with difficulty, dreaming about the possibilities of research in New Guinea" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 73).

Novamente podemos verificar a recorrência do tema da sexualização da paisagem. Sob a protecção de English, na casa de English, Malinowski experimenta uma certa libertação de pulsões sexuais dirigidas para as nativas numa particular condição: aqui, elas são efectivamente criadas do homem branco. A mescla entre poder (colonial) e sexualidade está, nesta passagem, equacionada de um modo bastante explícito. Mas, outra dimensão deve ser sublinhada. De facto, o etnógrafo encontra-se protegido pelo governo colonial inglês: "De todo o modo, sinto-me bem aqui: na sombra da protecção do governo" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82)[380]. Mas é uma protecção expressa pela casa (símbolo materno) do oficial colonial, por sua vez "mergulhada" na densa floresta composta por altas árvores de folhas brilhantes. Após momentos de elevação espiritual, na varanda, frente à paisagem verdejante, o etnógrafo "dissolve-se" nesta.

Trata-se de uma passagem paradigmática de muitas outras ao longo do diário que, julgamos, melhor testemunha a identificação (simbolizada, deformada) entre as paisagens naturais das Trobriand e a figura materna ou seus substitutos nas figuras das mulheres que passaram pela vida emocional de Malinowski. Permite, além disso, estabelecer outra identificação entre Inglaterra (enquanto nação) e a mãe. Mas, sobretudo, é para estas paisagens maternais que pretendemos chamar a atenção. Para tirarmos as devidas consequências, teríamos que estabelecer um coito incestuoso simbólico entre o etnógrafo e a paisagem na qual se dissolve. Um coito incestuoso simbólico pleno de fantasmas de castração: apesar da protecção inglesa de English, o etnógrafo receia que, vindas da floresta que observa a partir da varanda, possa ser atacado por cobras (*gaigai*). Mais propriamente, em que consiste afinal esta dita "elevação espiritual"? Segundo o etnógrafo: "Concepções literárias: na beleza da paisagem, redescubro a beleza da mulher ou procura-a aqui. Uma mulher maravilhosa como símbolo da beleza da natureza. Hesitações emocionais subtis; procura da verdade. Luta pela libertação dos grilhões do prazer sensual enquanto sinto a beleza" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 83)[381].

[380] "All in all, I feel fine here: in the shadow of the government protection" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82).
[381] "Literary conceptions: in the beauty of a landscape I rediscover woman's beauty or I look for it. A marvelous woman as a symbol of the beauty of nature. Subtle emotional hesitations; search for truth.

É o próprio etnógrafo que equaciona a identificação entre mulher e paisagem. Nesta identificação procura a beleza e a verdade e, acima de tudo, tem uma preocupação: libertar-se das grilhetas do prazer sensual. Culpabilização decorrente de uma ligação incestuosa à mãe. Sublimação desta culpabilização – procura da verdade e da beleza. Talvez a "verdade" seja, no entanto, demasiado incestuosa para ser encontrada. Há que embelezá-la, portanto, através do romantismo da escrita e da descrição paisagística. Agora já podemos observar uma transformação no aparelho psíquico do etnógrafo. Se na metáfora do sangue que flui do cérebro e da concomitante dissolução na paisagem observámos uma prevalência de elementos beta, agora podemos observar o enfrentar dos proto-pensamentos (desejos edipianos e pré-edipianos) enquanto maus objectos através da sua *modificação pelo pensamento* e não através da *evasão* ou *evacuação* (Bion, 1962/1991, p. 84). Há uma nomeação ("concepções literárias", "beleza feminina", "beleza da natureza", "procura da verdade", "libertação do desejo sexual") da representação da coisa em si. A coisa em si seria, talvez, correspondente à vivência de satisfação e a repetição como procura nunca satisfeita (Lacan, 1956-57/1995, p. 14) da vivência de satisfação corresponderia ao objecto eternamente perdido (a mãe imaginada e seus substitutos é sempre uma representação imperfeita do fantasma da vivência de satisfação que lhe é inerente). Com a nomeação o aparelho psíquico de Malinowski transformou os elementos beta em elementos alfa, nomeação que se processa de um modo geral nos temas evocados e de um modo particular nos nomes anglicizados pelos quais costumava tratar os nativos de acordo com o que refere Wengle (1988), para quem "(...) embora Malinowski especifique frequentemente o nome Trobriand dos nativos com quem trabalhou, parece, no decorrer do trabalho com eles, ter usado, ou ter preferido usar, apenas alcunhas anglicizadas que ele ou outros brancos lhes atribuiam (tais como Ginger, Janus, e Sixpence). Por outro lado, ao referir-se aos Ilhéus Trobriand como um todo parece ter preferido termos como os de *pretos*, *rapazes* e *selvagens*. Vejo estas tendências como dois lados da mesma moeda defensiva / reparadora. De um lado, Malinowski tentava usar uma imagem ocidental mais familiar, enquanto por outro lado

---

Struggle for liberation from fetters of sensual pleasure in feeling of beauty" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 83).

ele tentava denegrir os nativos num esforço para se distanciar e isolar das perigosas relações 'humanas' para o seu precário sentido de identidade. A esta luz, é significativo que a única vez em que Malinowski inequivocamente fala dos nativos como seus amigos se refira aos indivíduos em questão pelas suas alcunhas anglicizadas, Janus e Sixpence" (p. 120)[382]. Acrescente-se que o objecto eternamente perdido pode ser entendido, agora, na acepção de Lacan (1956-57/1995) no sentido em que não é uma "reminiscência" ou um "reconhecimento" (Platão, séc. V AC/2002, séc. V AC/2003), mas alvo de uma permanente reconstrução simbólica (Lacan, 1956-57/1995, p. 14). Esta seria a aplicação da afirmação de Bion segundo a qual, "se dominar a modificação, o nome denota um elemento-alfa, isto é, o nome é o nome da representação de uma coisa em si" (Bion, 1962/1991, p. 84)[383].

Nesta mesma linha de interpretação, outros elementos poderão ser colhidos. À noite Malinowski regressa com Diko, um ocasional informante de campo. Resolve então questioná-lo sobre o comportamento de corte ente os sexos: "Voltei no escuro, com Diko. Gosto muito dele. Falámos sobre *sihari*. «*Gagaia namo, usi ranu ia lao, namo herea*». Ele mostra-me [gestos] o que fazem a uma rapariga (*kekeni*) quando querem ter relações sexuais (*gagai)* − mostra-me como *sihari* (rapaz) se senta ao colo de Motu e de Rigo" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 83)[384].

Segundo as notas pessoais do etnógrafo, *sihari* constitui um costume trobriand segundo o qual todo o indivíduo do sexo masculino, ao cortejar uma rapariga ou mulher, deve

---

[382] "(…) although Malinowski often specified the Trobriand name for the natives he worked with, he appears, in actually working with them, to have used, or to have preferred to use, only anglicized nicknames that he or other whites gave them (such as Ginger, Janus, and Sixpence). On the other hand, in referring to the Trobriand Islanders as a whole seems to have preferred terms like *niggers*, *boys*, and *savages*. I see these tendencies as two sides of the same defensive/ reparative coin. On one side, Malinowski was attempting to dress the more familiar, Western image, whereas on the other side, he was attempting to denigrate the natives in an effort to distance and isolate himself from those "human" connections so dangerous to his precarious sense of identity. In this light, it is significant that the one and only time in the diaries that Malinowski unequivocally talks about the natives as friends of his, he referes to the individuals concerned by their anglicized nicknames, Janus and Sixpence" (p. 120).

[383] "If modification dominates, the name denotes an alpha element, that is the name is the name of the representation of a thing in itself" (Bion, 1962/1991, p. 84)

[384] "Came back in the dark, with Diko. Strong liking for him. Talked about *sihari*. «*Gagaia namo, usi ranu ia lao, namo herea*». He shows me what [gestures] they make to a *kekeni*[384] when they want to *gagai* – how *sihari* sits at Motu and Rigo" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 83).

sentar-se no colo desta. Ora, assim sendo, o simbolismo do "coito paisagístico" fica mais investido e ambivalente. Não só a "dissolvência na paisagem" pode pressupor um desejo incestuoso dirigido à mãe como pode igualmente comportar uma componente de protecção da mãe relativamente à criança, um pedido infantil de protecção e alimentação da criança que se encontrou, noutro tempo, ao colo da mãe.

Talvez seja importante transcrevermos uma das concepções do próprio Malinowski sobre o seu método etnográfico interventivo, sobretudo quando diz respeito a um tema fundamental como o da pretensa ignorância da paternidade fisiológica por parte dos nativos locais. Segundo o etnógrafo, "Com o fim de conseguir que expusessem os seus pontos de vista, nunca hesitei em colocar questões fundamentais e, muitas vezes, contradisse os nativos; não obstante, ao discutir o problema da orígem da concepção, fiquei assustado com a oposição firme de que era objecto o ponto de vista sustentado por mim, que alternava entre uma certa lassidão e uma afirmação repentina de frágil convição (...) Tendo-me inteirado disto, começei a qualificar a verdadeira explicação fisiológica sobre a procriação como «conversas de missionários» e incitava os nativos a combatê-la ou contradizê-la. Por este meio consegui obter algumas das minhas mais firmes e claras informações sobre os pontos de vista sustentados pelos nativos" (Malinowski, 1927/1982, p. 119, 120)[385].

Recordemo-nos que a metodologia opera no domínio do processo secundário e da revisão secundária. Ao nível do processo primário operam as pulsões sexuais incestuosas. A questão que se deve colocar é, então: porque razão, face à oposição nativa a Malinowski, oposição que prima pela ignorância do papel do pai na procriação (segundo Malinowski) o etnógrafo resolve intervir contratransferencialmente dizendo aos nativos que esqueçam as concepções que os missionários colonizadores lhes impõem? Segundo o método de

[385] "Con objeto de conseguir que expusieran sus puntos de vista, nunca temí plantear preguntas fundamentales y, a menudo, contradije a los nativos; sin embargo, al discutir el problema de la causa de la concepción, me asombró la tenaz oposición de que era objeto el punto de vista sustentado por mi oposición, que alternaba con cierta lasitud y un asentimiento repentino de escasa convicción. (…) Enterado de esto, comencé a calificar a la verdadera explicación fisiológica de la procreación como "habladurías de los misioneros" e incitaba a los nativos a combatirla o a contralecirla. Por ese medio pude obtener algunas de mis informaciones más seguras y claras sobre los puntos de vista que sustentan" (Malinowski, 1927/1982, p. 119, 120).

análise que seguimos, tal significa que os missionários enquanto substitutos da figura paterna típica do Ocidente entram em colisão com o que Malinowski entende ser um sistema matrilinear que não prevê para o pai fisiológico a importância que é prevista no Ocidente. Não obstante, o etnógrafo tenta o mesmo resultado ao impor aos nativos a indispensabilidade do pai real na concepção. A ironia é que os nativos previam afinal no seu sistema de crenças a função do pai na procriação de acordo com as indicações de Pulman (2002), autor para quem "A primeira vaga de contestação vem não de uma autoridade académica mas de um residente branco nas Trobriand. Billy Hancock era um negociante de pérolas instalado em Gusaweta. O diário de Malinowski testemunha que este privou com ele em diversas ocasiões. Mostra também que os dois homens estabeleceram conversas sobre questões etnográficas: 'Em casa, falo com Bill, que me aponta erros no meu artigo' (7 de Dezembro de 1917) (...) Após a partida de Malinowski, os dois homens mantiveram uma correspondência. Duas dezenas de cartas de Hancock foram conservadas na Biblioteca da Universidade de Yale. Uma delas apresenta um particular interesse: 'Caro Doutor (...) Após a sua partida, reuni uma grande quantidade de informações a respeito da concepção, do nascimento, etc., que vos enviarei mais tarde. Tive um grande choque assim que eles puseram em causa a questão Baloma-Waiwaia numa noite passada. Estou em vias de tomar notas sobre o assunto da concepção. Desejando retomar a coisas no ponto de partida com eles, disse: 'Portanto, logo que o baloma se torna velho, etc., ele banha-se na água salgada do mar, etc., torna a ficar jovem sob a forma de um waiwaia sendo apanhado por uma mulher baloma, etc.'. Nesta altura interromperam-me e disseram-me que não, o Baloma não se torna um waiwaia. Ele torna-se jovem, retorna à 'aldeia' e vive uma nova vida em Tuma, torna-se novamente velho, banha-se no mar, etc., tornando-se jovem mais uma vez e assim sucessivamente até ao infinito. Uma vida Baloma em Tuma nunca cessa. Mas, disse-lhes eu, vocês disseram ao Doutor que tal era o caso. Eles responderam-me, então: não, o Doutor disse-nos como eram as coisas e nós tivemos medo de contradizê-lo (Carta de Hancock, de 29 de Setembro de 1918 − citada em Stocking, 1977, 5). O facto de Hancock ter experimentado um 'rude choque' deixa presumir que as informações por ele recolhidas dificilmente concordam com aquelas publicadas por Malinowski. Infelizmente a sua carta não é suficientemente explícita para que seja possível fazer inferências sobre as crenças

indígenas. No entanto, um ponto merece ser sublinhado, pois faz eco de uma dificuldade metodológica que sublinhámos no capítulo precedente: as propostas de Hancock confirmam a ideia de que o estilo etnográfico de Malinowski foi por vezes suficientemente agressivo para ter um efeito inibidor sobre os seus informadores. Não há qualquer pista de uma resposta de Malinowski a esta carta" (pp. 159-160)[386]. Isto leva-nos a acreditar haver uma luta sublimada entre a imposição de duas concepções do pai, a científica (de Malinowski) e a religiosa, dos missionários. Leva-nos também a detectar uma identificação projectiva de Malinowski com o papel de missionário, embora aqui a função do missionário esteja recalcada pela do cientista revolucionário. Sobretudo a ênfase colocada na desvalorização dos missionários coincide com a ausência de referências ao pai no diário do etnógrafo. Afinal, no aparelho psicoparental de Malinowski, o sistema matrilinear trobriandês e o complexo de Édipo do etnógrafo actuariam como uma formação de compromisso na exclusão, na "morte" do pai. Portanto, este tipo de intervenção revela uma intervenção de carácter fálico por parte de um investigador que deste modo pode ocupar cientificamente o lugar do pai no seio de um povo que, segundo o mesmo, o desconhece. Pode dizer-se mesmo que Malinowski percorreu aqui o caminho que vai da angústia ao método (Devereux, 1967/1980) e que o

[386] "La première vague de contestation vint non pas d'une autorité académique mais d'un résident blanc aux Trobriand. Billy Hancock était un négociant en perles installé à Gusaweta. Le journal de Malinowski témoigne de ce qu'il séjourna chez lui à a plusieurs reprises. Il montre aussi que les deux hommes eurent des conversations sur des questions ethnographiques: " A la maison, je parle avec Bill, qui m'indique des erreurs dans mon article" (7 décembre 1917) (…) Après le départ de Malinowski, les deux hommes entretinrent une correspondance. Une vingtaine de lettres de Hancock ont été conservées à la Bibliothèque de l'Université de Yale. L'une d'elles présente un intérêt particulier: " Cher Docteur (...) Depuis que vous êtes parti, j'ai rassemblé énormément d'informations au sujet de la conception, de la naissance, etc., que je vous enverrai plus tard. J'ai eu un rude choc lorsqu'ils ont remis en cause l'affaire Baloma-Waiwaia l'autre soir. J'étais en train de prendre des notes au sujet de la conception. Souhaitant reprendre les choses au point de départ avec eux, j'ai dit: "Donc, lorsque le baloma devient vieux, etc., il se bagne dans l'eau de mer salée, etc., et il redevient jeune sous la forme d'un waiwaia et est ramassé par une femme baloma, etc." Ils m'ont alors arrêté et m'ont dit que non, le Baloma ne devient pas un waiwaia. Il redevient jeune, retourne au "village" et vit une nouvelle vie à Tuma, devient vieux à nouveau, se baigne, etc., et redevient jeune encore une fois, et ainsi de suite ad infinitum. Une vie de baloma à Tuma ne cesse jamais. Mais, leur ai-je dit, vous avez affirmé au Docteur que tel était le cas. Ils m'ont répondu: non, le Docteur nous a dit que les choses étaient ainsi et nous avons eu peur de le contredire" (lettre de Hancock du 29 septembre 1918 - citée in Stocking, 1977, 5) (…) Le fait que Hancock ait éprouvé un " rude choc " laisse présumer que les informations recueillies par lui s'accordaient véritablement assez mal avec celles publiées par l'anthropologue. Sa lettre n'est malheureusement pas assez explicite pour qu'il soit possible d'en tirer des inférences sur les croyances indigènes. Cependant, un point mérite d'être souligné, car il fait écho à une difficulté d'ordre méthodologique que nous avons soulevée dans le chapitre précédent: les propos de Hancock confirment l'idée que le style ethnographique de Malinowski fut parfois suffisamment agressif pour avoir un effet inhibant sur ses informateurs. Il n'existe aucune trace d'une éventuelle réponse de l'anthropologue à cette lettre (Pulman, 2002, pp. 159-160).

método etnográfico interventivo substituiu a angústia de ter “morto” o “pai”, sublimando-a.

A descrição deste episódio pode ainda constituir, em nosso entender, uma transposição simbólica deformadora descritiva do *apoio* (Laplanche & Pontalis, 1967/1994) das pulsões sexuais nas pulsões do ego ou de auto-conservação, característica da primeira infância.

Malinowski: «O Senhor do Fogo»

← Índice

Prossigamos, em associação livre, no diário do etnógrafo. Verificaremos que as paisagens trobriand têm outras camadas de significação no discurso escrito.

A 14 de Setembro de 1914, poucos dias após a chegada de Malinowski às Trobriand, o autor resolve visitar C. E. Herbert, um dos juízes ingleses presentes na zona. Conhece Ahuia, um dos seus mais valiosos informadores de campo e, após o almoço, dirige-se à casa deste. Acaba por regressar, já pela noite, aos seus aposentos: "Já estava escuro quando regressei. Um pôr do Sol maravilhoso. Estava frio e sentia-me cansado. Não me sentia muito forte mas crescia um laço entre mim e esta paisagem. A baia, calma, tinha os seus limites definidos pelas ramagens curvas de uma árvore de mangue reflectidos no espelho da água e na névoa da praia. A oeste o brilho púrpura penetrava o arvoredo de palmeiras e cobria a erva queimada com a sua luz brilhante, escorregando sobre as águas escuras de safira − tudo se encontrava impregnado com a promessa de um trabalho frutuoso e sucesso inesperado; parecia um paraíso em comparação com o inferno monstruoso que tinha esperado" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 10)[387].

Note-se mais uma vez o sentimento de comunhão, experimentado pelo autor, com a paisagem circundante.

Em seguida, descrição romanticizada dos elementos da natureza e, em estreita ligação com isto, um optimismo subjectivo ligado aos resultados positivos de uma missão que urge cumprir.

[387] "It was dark when I got back. Marvelous sunset; it was cold and I was feeling rested. Felt not too distinctly or strongly but surely a bond was growing up between myself and this landscape. The calm bay was framed in the curving branches of a mangrove tree, wich were also reflected in the mirror of the water and on the damp beach. The purple glow in the west penetrated the palm grove and covered the scorched grass with its blaze, slithering over the dark saphire waters – everything was pervaded with the promess of fruitful work and unexpected success; it seemed a paradise in comparison with te monstrous hell I had expected" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 10).

Prosseguindo na mesma linha de interpretação até agora trilhada, defenderemos que o estabelecimento da relação afectuosa que une o etnógrafo à paisagem descrita é uma expressão simbólica deslocada, logo inconsciente, da relação incestuosa que o une à mãe. Proporemos, neste sentido, a aplicação do conceito psicanalítico de "agido"[388] (Freud, 1897/1981; Laplanche & Pontalis, 1967/1994). O que Malinowski faz ao viver uma relação íntima com uma paisagem é "agir", nessa vivência, o sentimento recalcado (pelo menos enquanto essa vivência se desdobra) do desejo pela mãe. Naturalmente, semelhante tese coloca problemas de natureza epistemológica sobre a eventual causalidade (ou falta dela) entre a descrição de uma paisagem e um desejo pela figura materna. Mas tal implica comparar diferentes camadas de um mesmo texto (o caso presente) ou diferentes textos entre si, camadas que na "superficie textual" se coordenam sob as categorias do "implícito" e do "explícito", camadas que neste jogo de superfície textual testemunham as diferentes camadas (profundas) do aparelho psíquico.

A harmonia afectiva que Malinowski vive neste vínculo com a paisagem é "reflectida no espelho da água". Se nos recordarmos do primeiro sonho, o sonho do duplo do próprio etnógrafo, poderemos detectar neste nivel do texto um seu equivalente na forma de um "sonho acordado". A reflexão no espelho da água é, afinal, a devolução de algo pertencente ao etnógrafo, mas, agora, algo de mais complexo: o desejo pela mãe "agido" num equilíbrio interior paisagisticamente dimensionado. O brilho da luz penetra a mata (que envolve Malinowski) e cobre a erva chamuscada, de aspecto queimado: "memória encobridora" (Freud, 1901/1981b) da cena originária? Recordemo-nos que Malinowski se encontra como inovador na metodologia da observação-participante em trabalho de campo, o que nos leva a ter em consideração a problemática levantada por Laplanche & Pontalis (1967/1994) quando referiu que "O indivíduo (…) mesmo na «cena originária», donde pode parecer excluído, (…) figura de facto não apenas como observador, mas como participante que vem, por exemplo, perturbar o coito parental" (p. 158) ─ situamo-nos apenas ao nível da possível relação entre fantasma, vivência diária e método científico. O etnógrafo adquire então uma sensação de segurança, optimismo no trabalho a desenvolver, sucesso esperado: neurose sob a forma de um destino imaginado? Estamos,

[388] Acting out.

neste momento, a equacionar uma possivel equivalência entre «terra» e «mãe». Se tal se revelar exequivel, então, em consequência da passagem acima reproduzida teriamos que postular um coito simbólico entre um "brilho luminoso" fálico, penetrante, e uma erva terrestre, rasteira, de aspecto queimado, "coberta" pela luz brilhante. Tratar-se-ia, assim, de uma erva situada na junção da terra-mãe.

Este episódio pode fornecer-nos ainda uma outra ilustração de um conceito técnico psicanalítico: "*nachtraglichkeit*" (Freud, 1899/1986) ou posterioridade.

Note-se que Malinowski refere, já nesta passagem, um contraste entre dois estados corporais descritos através de dois conceitos retirados, popularmente, à mitologia cristã: «paraíso» e «inferno». As Trobriand enquanto «paraíso» climático em oposição a um temido "inferno" de altas temperaturas.

Após a chegada a Brisbane, Malinowski (1914-18/1989) fala-nos do calor dos trópicos: "Forte medo dos trópicos, aversão pelo calor e pelo clima abafado − uma espécie de pânico de encontrar um calor tão terrível quanto o de Junho e Julho último. Dei a mim próprio uma injecção de arsénio, depois de esterilizar a seringa na cozinha" (p. 4)[389].

Alguns dias se passam, entretanto, e Malinowski encontra-se agora em visita etnográfica na zona de *Kanadowa*, onde virá a conhecer o seu mais fiel informador de campo, Ahuia. Ainda na mesma área, após passar pela aldeia de *Hanuabada*, entra numa zona de mato denso e agreste. O sentimento de comunhão com a natureza é claramente apercebido pelo autor. A 18 de Setembro de 1914 o etnógrafo relata que "Entrámos num vale pequeno e estreito coberto com erva queimada e árvores de pândano, finas e espalhadas, da espécie Cyca. Aqui e ali árvores muito estranhas. *Sentimento de prazer absoluto por estar numa parte tão interessante dos trópicos*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 11)[390].

---

[389] "*Strong fear of the tropics*; *abhorrence of heat and sultriness* – a kind of *panic fear of encountering heat*[389] as terrible as last June and July. I gave myself an injection of arsenic, after sterilizing the syringe in the kitchen" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 4).

[390] "We (...) entered a narrow little valley covered with burned grass and thinly scattered pandanus and small trees of the Cycas species. Here and there very strange trees. *Feeling of sheer delight at being in so very interesting a part of the tropics*[390]" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 11).

No interior do vale verdejante, o forte medo dos trópicos revela-se agora como o mais puro e completo prazer de neles se encontrar envolvido.

O mais extraordinário episódio desta cena está, no entanto, para vir. Após escalar o vale no qual se encontrava, Malinowski observa do alto do seu cume alguns fogos acesos pelos indígenas, fogos que rapidamente tomam proporções preocupantes: "Fogos ateados em alguns lugares. Chamas vermelhas, às vezes púrpura, rastejavam pelo monte em estreitas labaredas; através do fumo azul-escuro ou safira o monte muda de côr tal como uma opala negra sob o brilho da sua superfície polida. *A partir do monte o fogo desceu pelo vale, comendo as ervas altas.* Crepitando como um siclone de *luz* e *calor*, *veio em direcção a nós*, com o vento por detrás chicoteando pedaços semi-queimados pelo ar. Pássaros e grilos voam em nuvens. *Caminhei em direcção às chamas*. Maravilhoso − uma *catástrofe completamente louca correndo directamente para mim numa velocidade furiosa*[391]" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 11, 12)[392].

Extraordiariamente, o homem que antes nos revelou ter uma repugnância e um medo de pânico do calor, enfrenta agora um fogo que adquire proporções assustadoras, caminhando na direcção (para dentro?) das chamas, enquanto descreve o ígneo espactáculo como «maravilhoso» e como «catástrofe louca» que para ele avança a alta velocidade. Enquanto decorre tal processo, o fogo «come» os altos arbustos que, antes, tinham sido atravessados pelo etnógrafo.

***

[391] O itálico é nosso.

[392] "Fires had been kindled in a few places. Red, sometimes purple flames crawled up the hillside in narrow ribbons; through the dark blue or sapphire smoke the hillside changes collour like a black opal under the glint of its polish surface. *From the hillside the fire went on down into the valley, eating at the tall strong grasses*. Roaring like a hurricane of *light* and *heat*, *it came straight toward us*, the wind behind it whipping half-burned bits into the air. Birds and crickets fly past in clouds. *I walked right into the flames*. Marvelous – some *completely mad catastrophe rushing straight on at me with furious speed*[392]" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 11, 12).

Façamos, neste momento, um ponto da situação. Começámos pela análise de um sonho datado de 19 de Setembro de 1914. Chegámos, neste momento, àquilo que pode ser considerado um resto diurno desse sonho, ocorrido um dia antes. A componente auto-erótica do sonho sobre o duplo do etnógrafo é congruente com as associações simbolicamente descritas. O conceito de *posterioridade* traduziria, deste modo, um dos níveis do mecanismo do aparelho psíquico do etnógrafo, mecanismo que sintetizaríamos na seguinte proposição: «o trabalho de campo etnográfico constituiu um trauma contra o qual o etnógrafo reactivou uma defesa, reorganizando, reinscrevendo os traços mnésicos que, desde a infância, já possuía relativamente à sua mãe».

A 6 de Dezembro de 1896, Freud (1899/1986) escrevia a Fliess as características essenciais pertencentes ao conceito de *posterioridade*: "Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que o nosso mecanismo psíquico se tenha formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnésicos fica sujeito, de tempos a tempos, a um uma *rearranjo*, de acordo com as novas circunstâncias - a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo na minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, |e| que é registada em vários tipos de indicações. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (*Aphasia*), com respeito às vias que provêm da periferia |do corpo até ao córtex|" (p. 208)[393].

Nesta perspectiva, poderíamos relevar uma outra variante da tese que pretendemos defender relativa ao diário de Malinowski: o diário do etnógrafo obedece, todo ele, a uma combinatória (reorganizativa, reinscritiva) de relações compostas pelos estados afectivos do autor e suas ligações às paisagens e figuras humanas que, participando na vida do etnógrafo, povoam o escrito da primeira à última página. Esta reorganização, tão bem

[393] Laplanche & Pontalis (1967/1994) reenquadram o conceito da posterioridade ou *nachtraglichkeit* explicando-o por outras palavras. Para os autores, "1. Não é a vivência em geral que é remodelada posteriormente, mas antes o que, no momento em que foi vivido, não pôde integrar-se plenamente num contexto significativo. O modelo dessa vivência é o acontecimento traumatiznte; 2) A remodelação posterior é acelerada pelo aparecimento de acontecimentos e de situações, ou por uma maturação orgânica, que vão permitir ao indivíduo o acesso a um novo tipo de significações e a reelaboração das suas experiências anteriores; 3) A evolução da sexualidade favorece eminentemente, pelos desfasamentos temporais que implica no homem, o fenómeno da posterioridade" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994).

testemunhada no diário, é uma defesa do etnógrafo relativa aos desejos incestuosos e à extrema proximidade relativamente à mãe, sendo este mecanismo defensivo que leva o etnógrafo a rejeitar, na sua obra teórica, a universalidade do complexo de Édipo proposta por Freud. O diário reside, pela sua arquitectura em associação livre, nas proximidades do processo primário, estando a sua obra teórica (relativa à psicanálise) nas proximidades do processo secundário, tendo sido elaborada sob o princípio da «revisão secundária». O diário funciona também como o analista ausente, imaginário, do etnógrafo. Ele próprio refere, explicitamente, ter tido diálogos imaginários: "Eu estava [sobrestimulado] e conduzia diálogos imaginários com Leon[ard] M[urray] sobre a importância do meu trabalho" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 128)[394]. De um modo geral o diário equivale ao sistema ♀♂ enquanto contentor de conteúdos ora bons (bons objectos) ora maus (maus objectos). Pela escrita Malinowski tenta a transformação dos elementos beta em elementos alfa procurando livrar-se dos primeiros através da sua modificação pelo pensamento (Bion, 1962/1991, p. 84), neste caso pelo pensamento último (metafísica) enquanto fundamento da existência: "Também pensei que deveria ter uma visão mais profunda das coisas ao escrever um diário... Princípio: além dos acontecimentos externos, tomar nota de manifestações instintuais e de sentimentos; mais, ter uma ideia clara da natureza metafísica da existência" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 130)[395].

Concomitantemente a tudo isto subjaz a reorganização ou reinscrição do aparelho psicoparental do etnógrafo em tensão constante com as estruturas elementares do sistema de parentesco trobriand.

Assim sendo, e voltando à aplicação de conceito de posterioridade, poderíamos ver desde já, como que numa espécie de antecipação, o episódio do fogo anunciado no episódio sobre a descrição dos laços afectivos entre Malinowski e a paisagem. Neste, a luz[396]

[394] "I was [overstimulated] and conducted imaginary dialogues with Leon[ard] M[urray] about the importance of my work" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 128).
[395] "I also thought that I should take a deeper view of things when writing diary… Principle: along with external events, record feelings and instinctual manifestations; moreover, have a clear idea of the metaphysical nature of existence" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 130).

[396] Alguns apontamentos sobre a luz na literatura clássica psicanalítica devem ser tidos em conta. Freud (Nunberg & Federn, 1906-08/1962, p. 222) começa por conjugar a luz e a escuridão com o sono e o sonho;

brilhante é apresentada como vindo «de cima», uma luz que penetra a mata que envolve o etnógrafo até cobrir a erva sobre a qual ele se encontra. É uma erva de aspecto queimado. Repare-se como a luz desce progressivamente até atingir um elemento «em baixo»: a erva, a terra. Noutro nível do texto, o etnógrafo tem um medo declarado relativamente ao calor excessivo dos trópicos (um "inferno"). Semanticamente a luz contém o calor. Mas este nível semântico, aqui, encontra-se implícito. Vamos agora ao episódio do fogo: se, antes, a luz tinha feito a sua aparição como que por defeito, agora vai fazê-lo por excesso. Aqui a luz é fogo autêntico. Se o fogo, no episódio anterior, era implícito, e a luz explícita e fálica, agora é o fogo que é explícito e a luz torna-se implícita. Mas há uma importante qualidade que é transmitida de um episódio para outro: o carácter fálico.

---

na mente infantil há primeiro uma percepção da alternância entre a luz e a escuridão relacionada com os corpos celestiais. A criança aprende progressivamente a usar a escuridão no favorecimento do sono considerado como prolongamento do estado fetal ou retorno ao útero (Freud, 1938/1996, p. 180).

Sadger (Nunberg & Federn, 1906-08/1962, p. 154, 155) refere como um dos factores reponsáveis pela ligação da luz às figuras parentais o facto de alguns pais terem por hábito acender a luz durante o sono da criança a fim de se certificarem da sua segurança. Uma das suas pacientes teria ligado os seus afectos homossexuais pela mãe com a luz do luar (apresentava sintomas sonâmbulicos e um estado de enluamento ["moon-struck"]); outro, um rapaz com desejos homossexuais latentes pelo pai, teria identificado a lua (luz do luar) com o seu pai porque a mãe ter-lhe-ia dito que através deste astro este vigiá-lo-ia enquanto dormia.

Abraham (Abraham, 1914/2000) refere o medo neurótico da luz, o medo de ofuscamento da luz (do sol, eléctrica, etc); caracteriza o caso Schreber e a luz do sol-pai enquanto luz sem ofuscamento em contraste com o sonho de um dos seus pacientes no qual o pai do sonhador lhe aparece como luz ofuscante e como fantasma branco (fobia dos fantasmas) (p. 347); fala do medo da luz do dia e da fobia do sol (Abraham, 1914/2000, p. 302, 341); indica o sol como símbolo bissexual (pai que vigia, que vê e mãe que não pode ser vista) (p. 307), provando isto com o facto de Schreber designar o sol como uma puta (p. 307).

Lewin (1958, p. 29, 30) emite a hipótese de as luzes vistas num dos sonhos de Descartes serem uma projecção do filósofo. Neste sonho, Descartes liga as luzes a toda uma envolvência do quarto em que se encontra e sobre todos os objectos nele contidos; de um modo geral e apoiando-se em Abraham (1914/2000), Lewin (1958, p. 32) liga o fenómeno da luz e da escuridão às figuras parentais. A escuridão representaria a mãe que traz o sono e a luz (do sol e outras) o pai, aquele que acorda a criança.

Na sua experiência vivida entre povos africanos Jung (1961/2000, p. 237) encara a luz, nomeadamente a do sol, como nostalgia da consciência.

De um ponto de vista etnopsicológico comparativista é de referir Kilborne (1978) quando este chama a atenção para a presença da problemática edipiana num contexto psicocultural próximo da área geográfica dos Trobriand, entre os Dobu, analisados por Fortune (1963/1977). O fogo, entre os Dobu, é considerado como proveniente da vulva das feitiçeiras servindo para a cozedura dos alimentos. As luzes de orígem desconhecida proviriam deste fogo (Kilborne, 1978, p. 172). Facto contrastante, em princípio, com a asserção de Lewin (1958) e Abraham (1914/2000) quando equacionam a escuridão com a figura materna.

Agora é o fogo que é fálico[397]. Como? O fogo "come", "devora" os altos arbustos que povoam o mato no qual Malinowski se encontra envolvido. Por uma operação de implicação vemos que também a "direcção" da luz joga por opostos em ambos os episódios: no primeiro, ela dirigia-se de cima para baixo; no episódio do fogo, dirige-se de baixo para cima, emitida pelo fogo vermelho, cuspido para o ar em "estreitas faixas". O fogo é descrito como rastejante, deslocando-se por arrastamento (*crawling*), característica de animais fálicos como as cobras (*gagai*) que Malinowski teme que saiam da floresta na qual se "dissolve", na altura em que se encontra na casa do governador inglês. Novamente aqui poderíamos detectar mais um caso de *nachtraglichkeit*. Por oposição, ainda, joga a atitude do etnógrafo face ao calor e ao fogo. Se, logo na chegada às Trobriand o vemos anunciar um medo aterrorizante em relação ao calor e ao clima abafado, no episódio do fogo temos um Malinowski deslumbrado perante aquele ígneo espectáculo no qual quer entrar. Se antes se afastava do calor, agora «corre» para ele. O calor é, já o referimos mais acima, um dos componentes da sensação de segurança da pequena criança quando envolvida pela mãe. Malinowski "age" (*acting out*) este calor na paisagem e no clima Trobriand. É um calor que pode ser bom (se temperado) ou mau (se excessivo). Uma boa relação com a figura materna ou uma relação perigosa caso esta possa ser demasiado "calorosa", a ponto de devorar, sufocar ("*sultriness*", é o termo do etnógrafo) a própria criança. Mais outro importante pormenor: se a luz que vem de cima, não tem origem declarada, sendo, por suposição, efeito do Sol, no episódio do fogo, o calor e a luz são causados, explicitamente, pelos nativos. Ora os nativos são os «selvagens» pertencentes àquela terra. A uma terra que não pertence a Malinowski e onde o etnógrafo tem que se descobrir a si (vertente do diário) e aos outros (vertente científica da sua obra etnográfica, etnopsicológica e antropológica). Afinal, são os nativos que despoletam este *acting out* (há muitos outros ao longo do diário) em Malinowski. É, no

[397] Coincidência ou não, o facto é que Freud (1931/1996) apontou para a mesma conclusão sobre o carácter fálico-simbólico das chamas: "O calor que se irradia do fogo evoca a mesma sensação que acompanha um estado de excitação sexual, e a forma e os movimentos de uma chama sugerem um falo em actividade. Não pode haver dúvida a respeito da significação mitológica da chama como um falo (…) Quando falamos do 'fogo devorador' do amor ou das chamas que 'lambem' — comparando assim o fogo a uma língua — não nos distanciamos do modo de pensar de nossos ancestrais primitivos. Uma das suposições em que baseamos nossa descrição do mito da aquisição do fogo foi, com efeito, a de que o homem primitivo tentou apagar o fogo com sua própria água, e isto teve o significado de uma luta prazerosa com um outro falo" (Freud, 1931/1996, p. 185).

entanto, uma situação prototípica, paradigmática de todo o diário: os nativos e a sua sexualidade "libertária" obrigam a constantes defesas, duvidas identitárias, culpas, remorsos no etnógrafo. Tudo isto mais, naturalmente, a fundamental deslocação geográfica e existencial a que Malinowski se encontra exposto.

O caminhar do etnógrafo, precisamente para "dentro das chamas", merece-nos ainda um outro comentário. Gostaríamos de avançar, aqui, a noção de *sacrifício* na particular acepção de Godelier (1996) para quem "Um sacrifício (...) implica qualquer coisa viva que seja separada da vida quotidiana, recusada, amputada, negada" (pp. 50-51)[398]. Tratar-se ia, no entanto, de um sacrifício cujo enfoque psicanalítico consistiria num oferecimento feminino de um filho a um pai. Seria um "pai" inconscientemente "agido" na figura do fogo. Malinowski dá-se (atitude passiva-homossexual) a um pai-fogo a fim de ficar na posse da mãe-terra, objecto do seu desejo incestuoso. Malinowski sacrifica-se a ele próprio a um pai ígneo devorador, a fim de ficar com a mãe-floresta, entenda-se, a mãe-Trobriand, o povo Trobriand enquanto objecto de estudo narcísico. Estamos em face de uma curiosa variação («agida», em *acting out*) do complexo de Édipo que Freud (1923/1981) denominou por Édipo negativo. Este sacrifício envolve o sofrimento vivido na angústia do trabalho de campo: "O sacrifício constitui por sua vez interdição, mutilação, sofrimento, mas também promoção, criação, abertura" (Godelier, 1996, 51)[399]. Interdição sexual auto-imposta, separação da cultura original, sofrimento e alienação causados pela distância mas também o culminar sintético na criação da obra científica. Uma criação jogada na "mutação ontológica" (Godelier, 1996, p. 52)[400] do confronto entre as estruturas elementares trobriand e as estruturas complexas do parentesco de Malinowski. Confronto que constitui um avatar moderno do velho confronto entre sociedade e sexualidade traduzido na domesticação, no sacrifício sexual pela vida em sociedade (Godelier, 1996).

[398] "Un sacrifice (…) implique quelque chose de vivant soit séparé de la vie quotidienne, refusé, amputé, nié" (Godelier, 1996, pp. 50-51).
[399] "Le sacrifice est donc à la fois interdiction, mutilation, souffrance, mais aussi promotion, création, ouverture" (Godelier, 1996, 51).
[400] "mutation ontologique" (Godelier, 1996, p. 52).

O que aqui deve ser destacado, parece-nos, é o contacto a que Malinowski aspira ter com o fogo ocorrido na floresta trobriand. É uma "passagem ao acto" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 26), um contacto "agido", já o dissemos. É um retorno do recalcado. De acordo com Freud, teríamos que estabelecer aqui uma relação clara entre a transferência e a passagem ao acto. A passagem ao acto deve ocorrer preferencialmente no quadro analítico-clínico da transferência e contra-transferência. Ora, não há aqui um analista de Malinowski, mas há substitutos do primeiro, substitutos que são alvos de transferências negativas, umas vezes, positivas, outras: os informantes e demais elementos do povo trobriandês, comerciantes, juízes e missionários ocidentais e o próprio diário (espécie de analista-duplo interiorizado) que o etnógrafo inicia logo após a ocorrência deste acontecimento, a 14 de Setembro de 1914: "Naquela noite fiquei e comecei este diário" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 12)[401].

Se insistirmos com alguma paciência na aplicação dos princípios da interpretação freudiana dos sonhos, veremos que a identidade de elementos em relação de oposição se pode verificar e formular do seguinte modo: tal como há um desejo de contacto com o fogo fálico, devorador da floresta-mãe, assim há também uma auto-proibição de contacto com as mulheres nativas expressa em sintomas obsessivos com expressão super-egóica intelectualizada. Antes de nos explicarmos mais pormenorizadamente, ouçamos Freud: "Sintetizemos agora os pontos em que a concordância entre as práticas do tabu e os sintomas obsessivos é mais claramente mostrada: (1) o acto de faltar às proibições qualquer motivo atribuível; (2) o facto de serem mantidas por uma necessidade interna; (3) o facto de serem facilmente deslocáveis e de haver um risco de infecção proveniente do proibido; e (4) o facto de criarem injunções para a realização de actos cerimoniais" (Freud, 1912-13/1996, p. 46)[402].

[401] "That night I stayed in and started this diary" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 12).
[402] "Let us now summarize the points in which agreement between taboo usages and obsessional symptoms is most clearly shown: (i) the fact that the prohibitions lack any assignable motive; (2) the fact that they are maintained by an internal necessity; (3) the fact that they are easily displaceable and that there is a risk of infection from the prohibited object; and (4) the fact that they give rise to injunctions for the performance of ceremonial acts" (Freud, 1913/1981b, pp. 28-29).

Sistematizemos, então: 1) *Ausência de motivação significativa para as proibições verificadas* – no caso de Malinowski, não há motivação significativa para não tocar ou se relacionar sexualmente com as nativas; a motivação evocada para não o fazer (mas, ainda assim, ele fá-lo por duas vezes) é o seu amor ideal por Elsie, noiva oficial, mas isto é uma racionalização; 2) *As ditas proibições são mantidas por necessidade interna* – no caso de Malinowski aplicaremos este princípio freudiano relacionando-o com a identificação de contrários enquanto princípio ao serviço da distorção do trabalho do sonho (Freud, 1900/1981b), isto é, não havendo motivação externa explícita então esta terá que ser interna, ou seja, seguindo os *Três Ensaios* (Freud, 1905/1996) tratar-se-á de uma pulsão sexual que, tendo como *fonte* uma excitação interna, procura um *fim* (satisfação) por intermédio de uma escolha de *objecto* (as mulheres nativas); 3) *As proibições estão sujeitas a deslocamento e substituição, constituindo o objecto proibido um constante risco de contágio*. Este contágio consiste, Freud (Freud, 1913/1981b) di-lo com toda a clareza, na ambivalência emocional de todo o sujeito face ao objecto proibido. A tentação sentida frente ao objecto proibido mais não é do que esta ambivalência. Ora, a ambivalência define-se pela «formação de compromisso» entre a pulsão sujeita a recalcamento e a proibição consciente recalcadora. Quanto mais intensa a pulsão e a consequente procura de satisfação mediante o objecto sexual escolhido, mais intensa a proibição e as cerimónias e rituais obsessivos a ela associados. Quanto mais intenso o desejo de Malinowski pelas nativas, mais intensas as suas auto-proibições superegóicas moralizantes; 4) *Estas proibições ou tabus levam à execução de actos cerimoniais*[403].

[403] É interessante contrastar e, quem sabe, complementar dois conceitos fundamentais – o de *pulsão*, em Freud (1905/1981) e o de *função* em Malinowski (1944/1970). De certo modo, tal como a pulsão para Freud é sempre activa, embora distinga entre actividade e passividade no domínio das pulsões (caso das pulsões sado-masoquistas), também em Malinowski a função (social, entenda-se) é sempre uma *performance* que visa a solidariedade orgânica através da satisfação de necessidades fisiológicas elementares como a fome, a sede, o sexo e outras. Mas Malinowski não elaborou uma dinâmica das funções do "corpo social", tal como Freud elaborou uma dinâmica para o corpo pulsional biopsicológico. Se prestarmos alguma atenção verificaremos que a teoria da cultura, tal como Malinowski (1944/1970) a concebeu está toda ela teorizada e incluida no conceito de *sublimação* em Freud (1905/1981, 1923/1981). Até a sua visão é próxima da de Freud (1929/1981) quando este entendia a cultura como repressão inevitável dos desejos sexualizados de todo o ser humano. A teoria da cultura de Malinowski constitui apenas uma parte da teoria geral freudiana da acção humana, pois enquanto esta explica e aplica os conceitos de sublimação, repressão e recalcamento enquanto "desvios" e substituições da pulsão sexual, prevendo no entanto a continuidade da actividade desta no inconsciente, a de Malinowski (1944/1970) apenas considera de um modo linear a satisfação de necessidades elementares. Ora a satisfação de necessidades elementares (veja-se os casos da anorexia/bulimia, no caso da alimentação) pode estar ao serviço das pulsões sexuais; as proibições sociais, a etiqueta, o tabu, os rituais, as cerimonias (caso dos

Identificaremos aqui os actos cerimoniais de natureza obsessiva com as ideias expressas na cadeia associativa consciente do diário e que remetem o etnógrafo para um sistema de conduta assente em princípios de acção sobre como tornar mais rentável o seu trabalho, não fumar, não ler novelas e romances (vincada propensão de Malinowski), não ter ideias lascivas sexuais (uma constante ao longo do diário), fazer exercício físico regular, não ceder a conversas superficiais com alguns dos estrangeiros conhecidos, entre outras. Tudo isto em nome da missão suprema que ali o levou: o trabalho de campo e aplicação sistemática dos seus princípios, com um objectivo em mente: levar a cabo a execução narcísica de uma revolução prática e metodológica na ciência social do seu tempo.

Tentemos aprofundar um pouco mais o conceito freudiano de «necessidades internas» e aplicá-lo ao caso de Malinowski tentando perceber o mecanismo subjacente às suas auto-impostas proibições de tocar nas nativas *kiriwina*. Segundo Freud (1912-13/1996), "A história clínica de um caso típico de 'fobia de contacto' é a seguinte. Logo no começo, na mais tenra infância, o paciente revela um forte *desejo* de tocar, cuja finalidade é de tipo muito mais especializada do que se estaria inclinado a esperar. Esse desejo defronta-se prontamente com uma proibição *externa* contra a realização daquele tipo específico de contacto. Aceita-se a proibição, visto encontrar apoio em poderosas forças *internas*, e ela comprova ser mais forte que [a pulsão] que procura expressar-se pelo toque. Em consequência, entretanto, da constituição psíquica primitiva da criança, a proibição não consegue *abolir* [a pulsão]. Seu único resultado é *reprimi-la* (o desejo de tocar) e bani-la para o inconsciente. Tanto a proibição como [a pulsão] persistem: a pulsão porque foi apenas reprimida e não abolida, e a proibição porque, se ela cessasse, a pulsão forçaria o seu ingresso na consciência e na operação real. Cria-se uma situação que continua não manejada — uma fixação psíquica — e tudo o mais decorre do conflito continuado entre a proibição e a pulsão" (p. 52)[404].

---

cerimoniais obsessivos), podem estar na directa continuidade da satisfação perversa das pulsões sexuais e, ainda assim, executarem importantes funções de reforço da solidariedade social de grupos ou sociedades. Em termos epistemológicos, a teoria científica da cultura de Malinowski (1944/1970) constitui um recalcamento da teoria pulsional sexual de Freud, no âmbito das ciências sociais.

[404] "The clinical history of a typical case of 'touching phobia' is as follows. Right at the beginning, in very early childhood, the patient shows a strong *desire* to touch, the aim of which is of a far more specialized kind that one would have been inclined to expect. This desire is promptly met by an *external* prohibition against carrying out that particular kind of touching. The prohibition is accepted, since it finds support from

Agora temos novos elementos a considerar: um dos *alvos* da pulsão auto-erótica, descritos por Freud, é os próprios genitais. As "forças internas" responsáveis pela aceitação da proibição do toque dos próprios genitais baseiam-se, afinal, no amor dirigido aos autores dessa proibição: os pais. Não nos esqueçamos que começámos pela análise do conteúdo de um sonho auto-erótico do etnógrafo. Então, após as considerações feitas, a ambivalência sentida relativamente à sexualidade excitante das nativas por parte de Malinowski poderia ter a seguinte explicação: o desejo onírico de ter uma relação homossexual com o seu próprio duplo é, num primeiro nível ─ considerando a teoria das zonas erógenas de Freud (1905/1981) ─, um impulso para a masturbação, face à angústia de separação da mãe e da terra natal. Este impulso, no pensamento manifesto do sonho, aparece na sua forma cronológica original, de acordo com a sucessão biopsicológica das zonas erógenas: ter uma boca como a dele próprio. Devido à proibição materna (recordemo-nos do fundamental desejo incestuoso de Malinowski pela mãe) este impulso tem que ser dirigido para o exterior. É primariamente dirigido para a mãe, mas, devido à sua ausência nas Trobriand, os afectos anteriormente dirigidos para a figura materna serão agora deslocados e substituídos pelos diversos personagens que com o etnógrafo privam durante o trabalho de campo e pela beleza espiritual das paisagens (sublimação, substituição de um objecto sexual por outro não sexual). Mas porque a pulsão sexual na sua dimensão não perversa exige satisfação genital, então esta deslocar-se-á para objectos substitutos da figura materna: as mulheres nativas. No entanto, as mulheres nativas substituem toda uma cadeia de representações quer da sua idealmente (não sexualmente) amada Elsie Masson (que a determinado nível também substitui a progenitora do etnógrafo), quer da sua mãe. A ambivalência sentida relativamente às mulheres nativas é uma expressão substituta e deslocada da ambivalência sentida relativamente à sua mãe: o desejo sexual mantém-se, mas a proibição do toque contém-no. A transgressão da

---

powerful *internal* forces, and proves stronger than the instinct which is seeking to express itself in the touching. In consequence, however, of the child's primitive psychical constitution, the prohibition does not succeed in *abolishing* the instinct. Its only result is to *repress* the instinct (the desire to touch) and banish it into the unconscious. Both the prohibition and the instinct persist: the instinct because it has only been repressed and not abolished, and the prohibition because, if it ceased, the instinct would force its way through into consciousness and into actual operation. A situation is created which remains undealt with—a psychical fixation—and everything else follows from the continuing conflict between the prohibition and the instinct" (Freud, 1913/1981b, p. 29).

proibição do toque irrompe na cadeia associativa da consciência na forma da culpa e do remorso. De forma mais condensada, Freud (1912-13/1996) explica-nos todo o mecanismo referindo que "A principal característica da constelação psicológica que dessa forma se torna fixa é algo que poderia ser descrito como a atitude *ambivalente* do sujeito para com um objecto determinado, ou melhor, para com um ato em conexão com esse objecto. Ele deseja constantemente realizar esse ato (o tocar) [e o considera seu gozo supremo, mas não deve realizá-lo] e também o detesta. O conflito entre essas duas tendências não pode ser prontamente solucionado porque — não há outra forma de expressá-lo — elas estão localizadas na mente do sujeito de tal maneira que não podem vir à tona uma contra a outra. A proibição é ruidosamente consciente, enquanto o desejo persistente de tocar é inconsciente e o sujeito nada sabe a respeito dele. Se não fosse esse factor psicológico, uma ambivalência como esta não poderia durar tanto tempo nem conduzir a tais consequências" (p. 47)[405].

Enquanto "lógica" do inconsciente a pulsão desloca e substitui com grande facilidade os seus representantes psíquicos a fim de escapar às proibições conscientes. Em termos concretos tal implica a obtenção de uma satisfação por intermédio de ideias, objectos ou actos substitutos. Ora, face à ambivalência afectiva não resolvida relativamente às mulheres nativas trobriand, a única saída "consoladora" que o etnógrafo encontra a fim de apaziguar a culpa e o remorso por ter tocado uma kiriwina é declará-la como "prostituta": afinal uma prostituta incita ao impulso sexual, tornando vítima o que dela se torna objecto passivo (de algum modo Malinowski julga-se injustamente seduzido). A psicodinâmica deste processo já tinha sido iluminada por Freud (1912-13/1996) ao referir que "[na] nossa história clínica de um caso insistimos que a imposição da proibição muito no início da infância é o ponto determinante; uma importância similar está ligada nos

[405] "The principal characteristic of the psychological constellation which becomes fixed in this way is what might be described as the subject's *ambivalent* attitude towards a single object, or rather towards one act in connection with that object. He is constantly wishing to perform this act (the touching), [and looks on it as his supreme enjoyment, but he must not perform it] and detests it as well. The conflict between these two currents cannot be promptly settled because—there is no other way of putting it—they are localized in the subject's mind in such a manner that they cannot come up against each other. The prohibition is noisily conscious, while the persistent desire to touch is unconscious and the subject knows nothing of it. If it were not for this psychological factor, an ambivalence like this could neither last so long nor lead to such consequences" (Freud, 1913/1981b, pp. 29-30).

desenvolvimentos subsequentes ao mecanismo de repressão na mesma idade precoce. Como resultado da repressão que foi forçada e que envolve uma perda de memória — uma amnésia — os motivos da proibição (que é consciente) permanecem desconhecidos e todos os esforços para eliminá-las por processos intelectuais têm de falhar, visto não poderem encontrar qualquer base de ataque. A proibição deve sua força e seu carácter obsessivo precisamente ao seu oponente inconsciente, o desejo oculto e não diminuído — isto é, a uma necessidade interna inacessível à inspecção consciente. A facilidade com que a proibição pode ser transferida e estendida reflecte um processo que se enquadra no desejo inconsciente, sendo grandemente facilitada pelas condições psicológicas que predominam no inconsciente. O desejo instintivo [desloca-se] constantemente, a fim de fugir ao *impasse*, e [esforça-se] por encontrar substitutos — objectos substitutos e actos substitutos — para colocar em lugar dos proibidos. Como consequência disso, a própria proibição também se desloca de um lado para outro, estendendo-se a quaisquer novos objectivos que o impulso proibido possa adoptar. Qualquer novo avanço feito pela libido reprimida é respondido por um novo aguçamento da proibição. A inibição mútua das duas forças conflituantes produz uma necessidade de descarga, a fim de reduzir a tensão predominante, e a isto ser atribuída a razão para a realização de actos obsessivos. No caso de uma neurose, estas são acções nitidamente de concessão, de um ponto de vista são provas de remorso, tentativas de expiação e assim por diante, enquanto, por outro lado, são ao mesmo tempo actos substitutivos destinados a compensar [a pulsão] pelo que foi proibido. Constitui uma lei da doença neurótica que esses actos obsessivos se enquadrem cada vez mais no domínio [da pulsão] e [se aproximem] mais e mais da actividade originalmente proibida" (pp. 47-48)[406].

[406] "In our clinical history of a case we have insisted that the imposition of the prohibition in very early childhood is the determining point; a similar importance attaches in the subsequent developments to the mechanism of repression at the same early age. As a result of the repression which has been enforced and which involves a loss of memory—an amnesia—the motives for the prohibition (which is conscious) remain unknown; and all attempts at disposing of it by intellectual processess must fail, since they cannot find any base of attack. The prohibition owes its strength and its obsessive character precisely to its unconscious opponent, the concealed and undiminished desire—that is to say, to an internal necessity inaccessible to conscious inspection. The ease with which the prohibition can be transferred and extended reflects a process which falls in with the unconscious desire and is greatly facilitated by the psychological conditions that prevail in the unconscious. The instinctual desire is constantly shifting in order to escape from the *impasse* and endeavours to find substitutes—substitute objects and substitute acts—in place of the prohibited ones. In consequence of this, the prohibition itself shifts about as well, and extends to any new aims which the forbidden impulse may adopt. Any fresh advance made by the repressed libido is answered

Se continuarmos o nosso comparativismo psico-cultural conseguiremos encontrar, talvez, algum significado mais esclarecedor para alguns dos curiosos e aparentemente incompreensíveis episódios relatados pelo etnógrafo. A 10 de Fevereiro de 1915, Malinowski dirige-se de barco à aldeia de *Tupuseleia*. A viagem é fascinante, a paisagem está carregada de luxuriante vegetação e baixas colinas. O autor chega a sentir que este é o tempo da sua vida: "Tive em alguns momentos o sentimento hedonístico de que «estava a viver o tempo da minha vida»" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 86)[407]. Eis a descrição que o etnógrafo nos fornece à medida que se aproxima da aldeia: "Na maré baixa, as casas esticam-se altas nos seus pilares. Pequenas aberturas, com um algeroz no alto, e algo como estranhos focinhos olhando para fora das coberturas onde se encontravam, esta falta absoluta de «interior» aberto cria uma estranha impressão de abandono, de inércia − algo do género da melancolia das águas venezianas − um estado de espírito de exílio, de aprisionamento. No escuro aparecem corpos bronzeados, os brancos dos olhos brilham na sombra dos quartos, de tempos a tempos aparecem peitos firmes e espetados − conchas de pérolas moldadas em forma crescente" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 87)[408].

Note-se a "impressão" de "aprisionamento" enquanto a escondida aldeia se revela sob a densa floresta. As Trobriand são, agora explicitamente, um lugar conotado com uma desconfortável sensação de "sufoco", sensação já antes verificada. Também as figuras femininas entram em palco, novamente. Elas apresentam-se como olhares distantes, vindos dos quartos das casas da aldeia mas, sobretudo, uma coisa chama a atenção do

---

by a fresh sharpening of the prohibition. The mutual inhibition of the two conflicting forces produces a need for discharge, for reducing the prevailing tension; and to this may be attributed the reason for the performance of obsessive acts. In the case of a neurosis these are clearly compromise actions: from one point of view they are evidences of remorse, efforts at expiation, and so on, while on the other hand they are at the same time substitutive acts to compensate the instinct for what has been prohibited. It is a law of neurotic illness that these obsessive acts fall more and more under the sway of the instinct and approach nearer and nearer to the activity which was originally prohibited" (Freud, 1913/1981b, p. 30).

[407] "*I had at moments the hedonistic feeling that I was having «the time of my life»*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 86)

[408] "At low tide, the houses stick up high on their pillings. Small openings, with a high gutter, and something like strange snouts looking out from the fury wrapping; this complete lack of an open «inside» creates a strange *stimmung* [impression] of desertion, lifelessness – something of the melancholy of the Venetian lagoon – a mood of exile or imprisonment. In the dark openings bronze bodies appear, the whites of the eyes gleam in the shadow of the rooms, from time to time firm breasts stick out – *maire* (crescent-shaped pearly shells)" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 87).

etnógrafo: os salientes peitos das mulheres nativas. Uma floresta de cariz materno, uma aldeia formada por casas e, nestas, quartos a partir dos quais espreitam os olhares femininos dirigidos para o etnógrafo: uma cadeia associativa que mais se assemelha a um encaixe sucessivo de bonecas russas – esta engloba, contém o etnógrafo em representações de "volumes" sucessivamente menores até à representação de coisa que estanca a cadeia associativa: o olhar das nativas com peitos erectos. A cadeia associativa, nesta passagem em particular, apresenta a seguinte configuração em termos de representações de palavra: «floresta» – «aldeia» – «casa» – «quarto» – «mulher nativa». A mulher nativa constitui a representação de coisa, na medida em que remete para a mãe do etnógrafo em virtude da sua ligação às representações de palavra «peitos firmes» e, principalmente, a uma outra cadeia que remete para a representação de palavra «objectos pontiagudos».

A ambiguidade de uma "floresta / mãe – fálica" transparece, no entanto. Os peitos das mulheres nativas são motivo de excitação mas, simultaneamente, são firmes, o que pode conotar de alguma forma uma erecção fálica por parte de uma figura feminina. As mamas das nativas associadas a conchas evocam outra passagem (Malinowski, 1914-18/1989, p. 50) na qual Malinowski associa o som do toque de uma concha do mar executado pelos nativos, em simultâneo com o ruído provocado por homens e porcos nas redondezas, a eventuais cerimónias canibalescas. O que o cruzamento destas duas cadeias associativas do diário mostra é, portanto, uma canibalização do seio da mãe enquanto mau objecto. Esta característica adquire outra dimensão interpretativa se dermos atenção ao continuar da descrição. Malinowski é atacado pelo cansaço e, após chegar à aldeia, resolve por lá pernoitar: "Convenci-me a noite na aldeia. Fui dormir, de extrema exaustão. Depois… Velejei num grande barco (canoa dupla) com o polícia e outro selvagem… Estava assustadoramente cansado e tinha um pouco de aversão nervosa por objectos pontiagudos" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 87)[409].

[409] "I made up my mind to spend the night in the village. In extreme exahustion, I went to sleep. Then… I sailed in a large boat (double canoe») with the policeman and another savage… I was frightfully tired and had a fit of «pointophobia» (nervous aversion for pointed objects - «stichophobia?») (Malinowski, 1914-18/1989, p. 87).

Temos agora duas novas representações de palavra: o «polícia» e o «selvagem». A representação da «duplicidade» retorna desta vez na forma de uma canoa (objecto com conotações fálicas). Recordemo-nos do episódio da identificação entre Malinowski e o barco no qual viajava, sentindo ser ele próprio quem "cortava" as ondas. Se cruzarmos as duas representações («Malinowski / barco» e «canoa dupla») das duas cadeias, poderemos ver que a viagem na canoa dupla que transporta os três homens (Malinowski, o nativo e o polícia) é, no fundo, uma viagem controlada pelo etnógrafo. Embora não seja Malinowski quem conduz a canoa, é ele quem "corta" as águas maternais no "barco" das Trobriand enquanto objecto intelectualizado ao serviço da afirmação narcísica do etnógrafo. Mas é uma «duplicidade» unificada num mesmo objecto, a canoa. Esta duplicidade está na continuidade do duplo de Malinowski no primeiro sonho; mas agora a rede associativa já se desenvolveu: as identificações projectivas dão-se entre Malinowski e o selvagem (id), por num lado, e o polícia (super-ego) por outro. Os três senhores a que o ego de Malinowski deve serviços estão presentes – a realidade exterior das Trobriand, o id e o super-ego (Freud, 1923/1996, p. 68). A proibição do "corte das águas" denuncia uma introjecção das proibições superegóicas no aparelho psíquico do etnógrafo. O super-ego é-nos devolvido pelas representações de palavra «polícia» e «selvagem»: duas figuras masculinas, uma investida com autoridade ocidental (polícia), a outra conotada com uma sexualidade promíscua (o selvagem). O medo de objectos pontiagudos revela um medo da castração por parte de uma figura autoritária (polícia) e, simultaneamente, de uma mãe que, demasiado protectora, se torna castradora (mulheres com peitos firmes).

A fim de reforçarmos a ligação de representações - relativas a qualidades «pontiagudas» de objectos – entre cadeias associativas diferentes, reproduziremos outra passagem do diário na qual a relação entre entre "agulhas de pinheiros" e de "abetos" e a paisagem circundante de Mailu é explícitamente equacionada. Tudo se passa entre as zonas de *Belerupu* e *Abau*: "não me recordo do cenário entre Belerupu e Abau. Abau é em si maravilhosa (...) De Moleyns veio a bordo e disse-me que o missionário ainda não tinha chegado a Mailu. Mailu e a viagem a partir de Mogubu foi uma maravilha. Desembarquei de algum modo irritado, mas feliz por me encontrar num sítio tão maravilhoso. Cinco minutos depois atraquei e cumprimentei o polícia, e depois de ter retirado as minhas

coisas para terra, o barco do missionário apareceu no horizonte. Agora estava completamente satisfeito. As redondezas de Mailu: a terra principal coberta de tamariscos com grandes agulhas parecidos a abetos vermelhos, agulhas de pinheiro e silhuetas de árvores de montanha" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 24-25)[410]. Note-se a presença do missionário Saville, primeiro objecto da transferência do etnógrafo, já comentado. A representação fálica do missionário poderia, neste momento, ser mais facilmente apercebida. Mas tal como aparece nesta passagem, ela está nítidamente recalcada. Poderiamos explicar o mecanismo do recalcamento da figura paterna, nesta passagem, do seguinte modo: face à angústia de castração inerente à figura paterna e à sua conotação com o missionário, o seu caracter fálico é deslocado e condensado na paisagem de características pontiagudas – "tamariscos com grandes agulhas parecidos a abetos vermelhos" e "agulhas de pinheiro". A presença do barco do missionário no horizonte descansa o etnógrafo e traz-lhe a segurança afectiva típica da criança acompanhada pelo pai em situações angustiantes. Assim já pode enfrentar uma floresta fálica, perigosa e potencialmente ingorgitante.

A configuração do Édipo negativo já antes avançada na interpretação do episódio do fogo aparece novamente: em virtude do cruzamento das duas cadeias o etnógrafo encontra-se também na condição de «canoa dupla cortadora de águas trobriandesas», isto é, Malinowski está nesta interessante configuração do Édipo entre uma "mãe-água" que é por ele "cortada", na condição de canoa, e um "pai polícia" castrador. Deste modo, sacrifica-se homossexualmente a um pai a fim de se apropriar incestuosamente de uma mãe. Como explicar então o aparecimento da fobia? A fobia irrompe na consciência na medida em que o Édipo negativo não constitui uma liquidação satisfatória do complexo de Édipo[411].

---

[410] "I don't remember the scenery between Belerupu and Abau. Abau itself is marvelous (…) De Moleyns came abord and told me that the missionary had not yet arrived in Mailu. Mailu and the trip from Mogubu were wonderful. I disembarked somewhat annoyed, but happy to be in such a marvelous place. Five minutes after I landed and said hello to the policeman, and after I got my things ashore, the missionary's boat appeared on the horizon. Now I was completely happy. The surroundings of Mailu: mainland overgrown with tamarisks with long trailing needles reminiscent of spruce, with needles of stone pines and silhouettes of larch trees" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 24-25).

[411] Já numa perspectiva kleiniana, a fobia irrompe na medida em que a formação sintomática revela a angústia devida ao medo do castigo lançado pela unidade dos pais sobre a criança como resposta aos ataques sádicos desta sobre os mesmos. Para Klein, "(...) os ataques sádicos da criança têm como objeto

Estamos assim em presença de um ocidental que, vivendo temporariamente entre os trobriandeses do sul do pacífico, com eles se assemelha no que à configuração edipiana diz respeito. Os deslocamentos e condensações que o etnógrafo constantemente "age" em paisagens, informadores e demais residentes nas Trobriand, indiciam um Édipo fluido e esquivo em tudo parecido, em termos de mecanismo psicodinâmco, àquele que Malinowski atribuiu ao Édipo trobriandês: um Édipo que não obedeceria à configuração ocidentalizada que Freud lhe atribuiu, um Édipo deslocado sobretudo no eixo das relações irmão-irmã em detrimento do eixo pais-filhos. Mas os deslocamentos inerentes ao Édipo trobriandês que o tornariam diferente do ocidental, na concepção de Malinowki, pertencem ao Édipo tal como pertence ao Édipo de Malinowski o animismo que este demonstra na vivência paisagística trobriand (Spiro, 1982). Voltemos à comparação etnopsicodinâmica evocada por Freud (1912-13/1996) e vejamos as suas implicações: "Isto pode ser ilustrado por um exemplo tirado de uma neurose. [No] meu ensaio sobre o tabu mencionei uma paciente minha cujas proibições obsessivas mostravam a mais perfeita concordância com um tabu maori. A neurose dessa mulher visava [o] marido e culminou com a defesa contra um desejo inconsciente de que ele morresse. [A] sua fobia manifesta e sistemática, contudo, relacionava-se com a menção da morte em geral, enquanto o marido era inteiramente excluído dela e nunca constituía [o] objecto [da] sua preocupação consciente. Certo dia, ouviu o marido dando instruções para que suas navalhas, que haviam perdido o fio, fossem levadas a uma certa loja para serem reamoladas. Impulsionada por um estranho mal-estar, ela própria pôs-se a caminho da loja. Depois de inspeccionar o local, voltou e insistiu para que o marido se livrasse definitivamente das navalhas, uma vez que tinha descoberto que na porta pegada à da loja que ele havia indicado existia uma casa funerária: por causa do plano que ele havia feito, disse ela, as navalhas tinham-se tornado inextrincavelmente envolvidas com pensamentos

---

tanto o pai quanto a mãe, que são mordidos, despedaçados, cortados ou esmagados na fantasia. Os ataques dão origem à ansiedade de que o indivíduo seja punido pelos pais em conjunto. Essa ansiedade também é internalizada em conseqüência da introjeção sádico-oral dos objetos e, assim, já é dirigida para o superego primitivo" (Klein, 1930/1996, p. 251). [Orig.: "(…) the child's sadistic attacks have for their object both father and mother, who are in phantasy bitten, torn, cut or stamped to bits. The attacks give rise to anxiety lest the subject should be punished by the united parents, and this anxiety also becomes internalized in consequence of the oral-sadistic introjection of the objects and is thus already directed towards the budding super-ego" (Klein, 1930/1987, p. 96)].

de morte. Era esta, então, a razão *sistemática* para a sua proibição. Podemos estar plenamente certos de que, mesmo sem a descoberta da loja ao lado, a paciente teria voltado para casa com uma proibição contra as navalhas. Bastaria ter encontrado um cortejo fúnebre no seu caminho até [à] loja, ou alguém vestido de luto ou conduzindo uma coroa funerária. A rede de determinantes possíveis para a proibição espalhara-se de modo suficientemente amplo para apanhar a caça de qualquer jeito; unir ou deixar de unir essa rede, dependia simplesmente da decisão dela. Poderia ser demonstrado que, [noutras] ocasiões, ela não colocaria os determinantes em funcionamento e explicaria isso dizendo que tinha passado 'um dia melhor'. A causa *real* de sua proibição quanto às navalhas era, naturalmente, como é fácil de descobrir, [a] sua aversão a ligar qualquer sentimento agradável à ideia de que o marido pudesse cortar o pescoço com as navalhas acabadas de afiar" (pp. 105-106)[412].

A fobia aos objectos cortantes evocada por parte de Malinowski liga-se à presença de um polícia alemão que com ele navega na canoa. Tal como a paciente de Freud tinha um horror à morte em geral (razão sistemática, fobia sistemática, manifesta), recalcadora do desejo da morte do seu marido em particular (razão oculta, causa real, latente), inconsciente para ela na medida em que deslocada especificamente para o medo das facas afiadas, assim Malinowski teme uma castração por parte de um pai, evocado na figura do

[412] "This may be illustrated by an example from a neurosis. In my essay on taboo I mentioned a woman patient of mine whose obsessional prohibitions showed the most perfect agreement with a Maori taboo (p. 28). This woman's neurosis was aimed at her husband and culminated in her defence against an unconscious wish that he should die. Her manifest, systematic phobia, however, related to the mention of death in general, while her husband was entirely excluded from it and was never an object of her conscious solicitude. One day she heard her husband giving instructions that his razors, which had lost their edge, were to be taken to a particular shop to be re-set. Driven by a strange uneasiness, she herself set off for the shop. After reconnoitring the ground, she came back and insisted that her husband should get rid of the razors for good and all, since she had discovered that next door to the shop he had named there was an undertaker's establishment: owing to the plan he had made, she said, the razors had become inextricably involved with thoughts of death. This, then, was the *systematic* reason for her prohibition. We may be quite sure that, even without her discovery of the next-door shop, the patient would have come home with a prohibition against the razors. It would have been enough if she had met a hearse on her way to the shop, or someone dressed in mourning or carrying a funeral wreath. The net of possible determinants for the prohibition was spread wide enough to catch the quarry in any event; it merely depended on her decision whether to draw it together or not. It could be shown that on other occasions she would not put the determinants into operation, and she would explain this by saying it had been 'a better day'. The *real* cause of her prohibition upon the razors was, of course, as it was easy to discover, her repugnance to attaching any pleasurable feeling to the idea that her husband might cut his throat with the newly ground razors" (Freud, 1913/1981b, p. 96).

polícia alemão, embora inconscientemente na medida em que o medo se desloca para a generalidade dos objectos pontiagudos (esta seria a sua fobia sistemática)[413]. A comparação com o exemplo de Freud não tem por objectivo provar o que quer que seja relativamente à natureza dos episódios em si, o de Malinowski e o da "mulher das facas", mas sim aos mecanismos psicodinâmicos inerentes aos dois casos. O facto de se tratar de objectos pontiagudos e cortantes nos dois casos apenas facilita a exposição, embora possa também contribuir para a reflexão sobre as condições de possibilidade de uma teoria do simbolismo psicanalítico generalizada.

[413] Para Freud (1923/1996) a fobia torna-se um investimento protector feito pelo ego e para o ego substituindo deste modo a ansiedade libertada face à percepção ansiogénica: "O ego é a sede real da ansiedade. Ameaçado por perigos oriundos de três direções, ele desenvolve o reflexo de fuga retirando [o seu próprio investimento] da percepção ameaçadora ou do processo semelhantemente considerado no id, e emitindo-a como ansiedade. Essa reação primitiva é posteriormente substituída pela efectivação de [investimentos protectores] (o mecanismo das fobias)" (Freud, 1923/1996, p. 69).

O Caso do Polícia Alemão

← Índice

Embora já tenha sido referido convém relembrar o facto de o pai de Malinowski ter sido professor de línguas, entre as quais o alemão e de, inclusive, ter leccionado em Leipzig durante determinado período de tempo. A juntar a isto note-se ainda que a agonia do império austro-húngaro que conduziria à primeira grande guerra mundial colocou a Alemanha e a Áustria de um lado e a Polónia do outro. Malinowski, como polaco de nascimento que era tinha, devido a vicissitudes burocráticas da altura, nacionalidade austríaca podendo por isso mesmo aos olhos do governo australiano ser considerado cidadão inimigo. Tal não aconteceu devido às interferências do industrial Robert Mond e do seu mentor científico Charles Seligman. Conseguiu assim obter visto de entrada em território australiano, podendo seguir para a Nova-Guiné (Clifford, 1988; Geertz, 1989/1996; Paluch, 1981; Rapport, 1997; Stocking Jr., 1986; Strenski, 1982; Thornton & Skalník, 1993; Young, 1979).

Era previsível, portanto, que o etnógrafo sofresse algumas dúvidas de natureza identitária no período da primeira grande guerra, período coincidente com o seu trabalho de campo etnográfico (1914-1918). São dúvidas que achamos terem sido, apesar de tudo, reforçadas pela sua particular configuração edipiana. A 21 de Janeiro de 1918, período final da sua estadia nas Trobriand, o etnógrafo descreve o seguinte sonho: "Sonhos estranhos. Estava a inspeccionar o teatro de guerra. Edifícios alemães dirigidos por ingleses. Uma espécie de máscara de porco gorda e monstruosa, um Alemão [...] ou algo do género. − Sonhei com E. R. M. − Estava envolvido com uma mulher que me traía e de quem eu tinha ciúmes. Recordei-me que estava envolvido com E. R. M." (Malinowski, 1914-18/1989, p. 191)[414].

[414] "Strange dreams. I was inspecting the theather of war. German establishments run by Englishmen. Some sort of monstrous, fat, piggish mask, a German [. . .] or something of the sort. - Dreamed of E. R. M. - I was engaged to some woman who was betraying me and of whom I was jealous. I recalled that I was engaged to E. R. M." (Malinowski, 1914-18/1989, p. 191).

A máscara do porco alemão condensa e desloca neste sonho a figura da autoridade nas suas variantes de polícia alemão, do sargento e dos prisioneiros: "Troquei cumprimentos com o 'patrão' − o *tanawagana*. Voltei e caminhei algumas vezes a fim de ver de que modo eles carregavam os porcos. De manhã falei com Tom e dois ex-polícias. Tirei uma foto de um porco a ser carregado para dentro. Terça de manhã dei um passeio em pijama, e inspeccionei o barco. Um *amuiuwa* magnificamente esculpido. Enquanto caminhava por entre as pessoas, quase desapareci. − Discussão sobre porcos com o sargento − Acho que foi a primeira vez nessa manhã ou nessa noite que conheci Sixpence e Janus, tendo-se tornado meus amigos mais tarde" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51)[415]. Mas evoca também, por inversão, a figura do pai morto de Malinowski: quem aparece no sonho é um monstro totémico alemão, mistura de animal e de homem, um monstro totémico por cuja nacionalidade Malinowski sente uma ambivalência emocional clara – ora odeia, ora admira como no sonho de 15 de Fevereiro de 1918[416] –, ambivalência típica do complexo de Édipo. Se era Malinowski quem inspeccionava o barco[417], aqui inspecciona o teatro de guerra, investido talvez com uma autoridade (alemã) que lhe permite livrar-se de uma mãe (conotada com estabelecimentos ingleses) demasiado ofuscante. A ameaça de morte

[415] "I exchanged greetings with the "boss" - the *tanawagana*. I returned and walk out a few times to see how they were carrying the pigs. In the afternoon went and talked with Tom and two ex-policemen. I took a snapshot of a pig being brougt in, strolled about and a few curious. Thursday morning took a walk in my pajamas, inspected the boat. An amuiuwa from Amona, magnificently carved. As I walked among the people, almost no notice was taken of me. – Quarrel about pigs with the sargeant – I think it was the first day in the afternoon or evening that I made the acquaintance of Sixpence and Janus, who later became my friends" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51).

[416] "Pensei em E. R. M. com paixão. Sonho: Estou na Alemanha, dois oficiais de cavalaria incapacitados; conheci-os num hotel qualquer. Andei com eles por uma cidade alemã qualquer. Confraternizei com eles. Expresso a minha simpatia pela cultura alemã e pela Alemanha e digo-lhes que fui um prisioneiro de guerra na Inglaterra (Malinowski, 1914-18/1989, p. 203)". [Orig.: "Thought about E. R. M. with passion. Dream: I am in Germany, 2 crippled cavalry officers; met them in some hotel. Walked with them in some German city. Fraternizing with them. I express my simpathy for Germany and German culture and tell them I was a Kriegsgefangener [prisioner of war] in England" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 203)]. Como já referido, a conotação da mãe com Inglaterra na altura da partida de Malinowski para a Nova-Guiné, permite-nos concluir que o etnógrafo se sente prisioneiro da mãe. A confraternização amena com dois oficiais alemães (conotação do pai de Malinowski com a Alemanha) implica uma interiorização do superego paterno. Em virtude de se tratar, como defendemos, de um Édipo negativo talvez seja de relevar o facto de a conversa entre o etnógrafo e os oficiais de cavalaria pressupor um acto de montar (talvez substituído pelo passeio a pé no conteúdo manifesto do sonho). Admitindo que o acto de montar pode remeter para o coito (Fenichel, 1945/2000), então já teríamos mais bases para conjecturar que este sonho pudesse manter no seu conteúdo latente uma submissão homossexual de Malinowski à autoridade paterna a fim de manter na sua posse a figura materna.

[417] "Terça de manhã dei um passeio em pijama, e inspeccionei o barco" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51). [Orig.: "Thursday morning took a walk in my pajamas, inspected the boat" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51)].

castradora[418] encontra-se presente: quem retira a autoridade paterna (alemã) a fim de com a mesma se afirmar pode eventualmente ficar no lugar de um porco e ser abatido para consumo, tal como aconteceu aos porcos trobriandeses: "Pela primeira vez ouvi o som perfurante de uma concha marinha a ser soprada − *kibi* − e juntamente a isto a monstruosa gritaria dos porcos e os rugidos dos homens. No silêncio da noite isto deu a impressão de uma atrocidade misteriosa a ser perpetrada e súbitamente deitou luz − uma luz sombria − sobre as cerimónias canibais esquecidas" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51)[419].

Mas o sonho inclui uma representação de palavra evocadora do processo de defesa por projecção no sistema de parentesco trobriandês: "máscara de porco"[420]. É o próprio conteúdo manifesto do sonho que associa esta "máscara de porco" a "alemão" e que já conotamos com o pai de Malinowski. Mas mais importante ainda será notarmos que o porco é o animal totem do clã hierarquicamente superior da sociedade Trobriand. Segundo Malinowski (1926/1988), "o problema da hierarquia, que desempenha uma função predominante na sua sociologia, estabeleceu-se com a saída de um buraco especial, chamado *Obukula*, próximo da aldeia de *Laba 'i*. Este acontecimento foi notável pelo facto de, contrariamente ao curso normal (que é: um 'buraco' inicial, uma linhagem), deste buraco de *Laba 'i* terem saído representantes dos quatro principais clãs, um após o outro. Como se isso não bastasse, a sua chegada foi seguida de um acontecimento aparentemente trivial mas, na realidade mítica, bastante importante. Primeiro saiu *Kaylavasi* (iguana), o animal do clã *Lukulabuta*, que se arrastou pelo solo à maneira das iguanas, depois trepou a uma árvore e lá permaneceu como mero espectador, assistindo aos acontecimentos que se iam seguir. Em breve saiu o Cão, totem do clã *Lukuba*, que inicialmente detinha posição mais elevada. Em terceiro chegou o Porco, representante do clã *Malasi*, que detém agora a posição mais elevada. Em último veio o totem *Lukwasisiga*, representado em algumas versões pelo Crocodilo, noutra pela

[418] No sentido freudiano em que a morte é equacionada como derivação do complexo de castração (Freud, 1923/1996, pp. 70-71).
[419] "For the first time I heard the protracted, piercing sound of a sea shell being blown – *kibi* – and with it a monstrous squealing of pigs and roar of men. In the silence of the night it gave the impression of some mysterious atrocity being perpetrated and threw a sudden light – a somber light – on forgotten cannibal ceremonies. – I came back very tired" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 51).
[420] "piggish mask".

serpente e noutras pelo Opossum, e por vezes completamente ignorado. O Cão e o Porco deram uma volta, e o Cão, vendo o fruto da planta *noku*, cheirou-o e depois comeu-o. Disse o Porco: "Vós comestes *noku*, vós comestes porcaria; vós sois inferior, baixo; eu serei o chefe, o *guya' u*" E a partir de então, o subclã superior do clã *Malasi*, o *Tabalu*, tem sido o verdadeiro chefe" (pp. 115-116)[421].

Tenhamos agora presente que se trata de uma sociedade regulada por um sistema de parentesco com descendência uterina. Notemos também que Malasi, o clã superior cujo totem é o porco contém, enquanto representação de palavra uma outra sub-representação de palavra (que é sempre uma representação) ou significante na partícula "Mal", significante presente no nome de (Mal)inowski. A mãe de Malinowski é conotada com Inglaterra, uma vez ter sido a última vez onde ele a viu precisamente antes de partir para a Nova-Guiné, ter sido o lugar onde fez os seus estudos de antropologia (estudos preparados com a ajuda da mãe após este ter sido submetido a uma cirurgia ocular[422]) e onde manteve a sua primeira relação amorosa com uma artista musical consideravelmente mais velha do que o etnógrafo. O conteúdo manifesto do sonho, em suma, indica-nos que o etnógrafo inspecciona o teatro de guerra (1ª Guerra Mundial) e, neste, os estabelecimentos alemães são dirigidos por ingleses. Na conclusão do sonho

---

[421] "The problem of rank which plays a great role in their sociology was settled by the emergence from one special hole, called Obukula, near the village of Laba'i. This event was notable in that, contrary to the usual course (which is: one original 'hole', one lineage), from this hole of Laba'i there emerged representatives of the four main clans one after the other. Their arrival, moreover, was followed by an apparently trivial but, in mythical reality, a most important event. First there came the *Kaylavasi* (iguana), the animal of the Lukulabuta clan, which scratched its way through the earth as iguanas do, then climbed a tree, and remained there as a mere onlooker, following subsequent events. Soon there came out the Dog, totem of the Lukuba clan, who originally had the highest rank. As a third came the Pig, representative of the Malasi clan, which now holds the highest rank. Last came the Lukwasisiga totem, represented in some versions by the Crocodile, in others by the Snake, in others by the Opossum, and sometimes completely ignored. The Dog and Pig ran round, and the Dog, seeing the fruit of the *noku* plant, nosed it, then ate it. Said the Pig: "Thou eatest *noku,* thou eatest dirt; thou art a low-bred, a commoner; the chief, the *guya'u,* shall be I". And ever since, the highest sub-clan of the Malasi clan, the Tabalu, have been the real chiefs" (Malinowski, 1926/1992, p. 90).

[422] Kardiner & Preble (1988) referem a aproximação entre mãe e filho e os cuidados que esta lhe prestou após o período operatório: "A introdução à antropologia ouviu-a Malinowski dos lábios da mãe, pois ela leu para ele durante um ano inteiro, altura em que uma intervenção cirúrgica a um olho lhe tornou impossível a leitura logo no início da sua carreira. A morte da mãe… constituiu uma tragédia da qual dificilmente recuperou" (p. 109). [Orig.: "His introduction to anthropology was from her lips, for she read to him for an entire year when an eye operation made it impossible for him to read at the very beginning of his career in anthropology. His mother's death. . . was a tragedy from which he barely recovered" (Wengle, 1988, p. 109)].

entra o objecto de amor do etnógrafo, Elsie Masson, por quem se sente traído e com ciúmes. Emitiremos, nesta altura, a hipótese segundo a qual o ponto nodal da rede associativa do sonho de Malinowski é constituído pelo significante "porco". A dimensão de filiação patrilinear nesta projecção defensiva do etnógrafo está deslocada e condensada no significante "porco" na medida em que o mesmo representa (enquanto representação de palavra) a autoridade paterna à ocidental (pelo menos na concepção de Malinowski). A dimensão de filiação matrilinear está deslocada e condensada na subjugação dos estabelecimentos alemães ao domínio dos ingleses e, naturalmente, também na representação de palavra "porco" enquanto significante do clã matrilinear totémico *Malasi*. Mais interessante ainda será verificarmos que o incógnito agente do sonho que encarna a máscara do porco alemão ter que estar ligado, se seguirmos o método que nos propusemos, a alguém investido de poder e pertencente ao clã materno. Lançamos a hipótese de ser o irmão da mãe ou tio materno (tal como previsto no sistema matrilinear trobriandês).

É oportuno agora fazermos uma aplicação de dois dos três conceitos introduzidos por Abraham (1913/2000) a respeito dos fantasmas pelos quais se torna possível paralisar a potência do complexo paterno ou materno. Segundo Abraham (1913/2000), há que considerar os fantasmas de supressão enquanto "(...) formas múltiplas que os desejos de morte do pai ou da mãe assumem na neurose" (p. 270); os fantasmas de filiação que "servem para o desmentido dos pais, mais frequentemente do pai" (p. 270) e os fantasmas de denegrimento através dos quais "(...) o neurótico tenta desembaraçar-se do complexo parental denegrindo a potência do pai ou da mãe. Nestes fantasmas o neurótico consegue situar acima do pai um personagem mais poderoso do que ele. Lembremo-nos ainda que muitos neuróticos têm o costume de jogar uma autoridade contra outra" (p. 270)[423]. O que designamos por "fantasmas do parentesco" nas três dimensões caracterizadas por Abraham corresponde, enquanto componente psicodinâmica, à componente formal e social dos princípios de parentesco de Radcliffe-Brown (1950/1982, p. 47, 50),

[423] "Les formes multiples que prennent dans la névrose les souhaits de mort du père ou de la mère (...) sert au désaveu des parents, plus fréquemment du père (...) Enfin, le névrosé tente de se débarrasser du complexe parental en dénigrant la puissance du père ou de la mère. Il y parvient également en situant au-dessus du père un personnage plus puissant que lui. Rappelons enfin que certains névrosés ont la coutume conscient ou inconsciente de jouer d'une autorité contre une autre" (Abraham, 1913/2000, p. 270).

particularmente o princípio das gerações alternadas que parece sintetizar optimamente os três tipos de fantasmas do parentesco, de Abraham. Relativamente ao sonho de Malinowski, melhor se torna verificar nesta perspectiva que o deslocamento e condensação da autoridade paterna no totem do porco correspondente ao antepassado do clã dominante denuncia no aparelho psicoparental do etnógrafo a presença de fantasmas de supressão (desejo de morte do pai) e de filiação (denegação desta morte concretizada no totem do porco).

Ainda numa outra dimensão, que constitui a conclusão do sonho, os ciúmes e possível traição que Malinowski sente relativamente a Elsie são ciúmes relativos a uma figura que desloca e condensa os mesmos sentimentos relativos à figura materna. O tema da "putificação"[424] da mãe está aqui presente. Afinal, a poligamia é um dos traços essenciais dos trobriandeses, embora vivida com uma grande ambivalência por parte dos homens. Mas mais do que isso, e enquanto projecção no sistema matrilinear trobriandês, estes ciúmes e suspeita paranóide de possível traição dirigem-se, muito provavelmente, à relação imaginada entre uma "mãe-irmã" e um "pai/tio-irmão da mãe". Recordemo-nos agora de uma das teses de Fox (1983, pp. 70-71) segundo a qual a "ausência" do pai no sistema de direito materno trobriandês corresponde afinal à sua "morte", tese no prolongamento directo da de Freud (1913/1981b) em *Totem e Tabu*. Poderemos então postular a hipótese pela qual o trabalho de distorção deste sonho actuou de modo a colocar o desejo incestuoso de Malinowski não enquanto dirigido de um filho a uma mãe, mas enquanto dirigido de um irmão a uma irmã, segundo os moldes do complexo nuclear trobriandês. Se estivermos correctos nesta apreciação, então a máscara de porco totémico identificada no sonho com a nacionalidade alemã corresponderá à morte de um "pai" transformado em totem. Esta correspondência tem, no entanto uma ressalva, pois trata-se de um animal totem do clã materno, ou seja, trata-se de uma autoridade paterna transferida para a autoridade do irmão da mãe e é nesta posição parental que Malinowski inspecciona o teatro de guerra, ou seja, o corpo da "mãe-irmã", o "corpo" da matrilinhagem e seus componentes (irmão da mãe, filhos, "pai ausente" e, de modo geral, todos os ascendentes e descendentes). Temos aqui uma excelente oportunidade para

[424] Bastos, J., Comunicação pessoal, 2002.

concretizar umas das enigmáticas afirmações de Bion (1948-51/1970) para quem "O único sentido em reunir um grupo de pessoas é que isso nos permite ver exactamente como operam as características 'políticas' do corpo humano. Já disse que não considero que um grupo de pessoas seja reunido; o indivíduo não pode deixar de ser membro de um grupo, mesmo se sua filiação a ele consiste em comportar-se de maneira a conceder realidade à ideia de que não pertence a grupo algum (…) O indivíduo é um animal de grupo, em guerra não apenas com o grupo, mas também consigo próprio, por ser um animal de grupo, e com aqueles aspectos de sua personalidade que constituem sua 'grupalidade'" (p. 120)[425]. Com isto queremos dizer que a projecção dos conflitos psicodinâmicos a nível individual faz-se provavelmente em sentido ascendente e descendente relativamente ao núcleo familiar. Isto é, os indivíduos mesmo nas sociedades modernas de estruturas complexas do parentesco vivem interiormente muitos conflitos agidos (*acting out*) correspondentes aos conflitos externos vividos dentro das linhagens ou dos clãs tal como experimentados por sujeitos de sociedades com estruturas elementares do parentesco. A grupalidade interna de que fala Bion, defendemo-lo desde o início, e constitui parte da nossa tese essencial, corresponde às estruturas elementares do aparelho psicoparental sistematizadas segundo a psicodinâmica do átomo de parentesco de Lévi-Strauss (1945/1970, 1952/1970, 1973/1993).

Este sonho ajuda, talvez, a perceber melhor que Malinowski sempre intuiu com alguma angústia que o que ele próprio denominou de "complexo nuclear" irmão-irmã, complexo que destituiria em meio trobriandês o complexo de Édipo freudiano, mais não era afinal do que um mecanismo de defesa correspondente ao seu desejo de que as coisas não fossem o que são. Assim como há sonhos biográficos, este é o modelo de um sonho biográfico que narra afinal a constituição da vida de uma teoria defensiva, teoria que denega o complexo de Édipo tal como postulado pela psicanálise de Freud através do complexo nuclear irmão-irmã. Mitchell (2000), ao pretender renovar a teoria analítica a

[425] "The only point about collecting a group of people is that it enables us to see just how the 'political' characteristics of the human body operate. I have already said I do not consider it necessary for a number of people to be brought together—the individual cannot help being a member of a group even if his membership of it consists in behaving in such a way as to give reality to the idea that he does not belong to a group at all. In this respect the psycho-analytical situation is not 'individual psychology' but 'pair'. The individual is a group animal at war, not simply with the group, but with himself for being a group animal and with those aspects of his personality that constitute his 'groupishness'" (Bion, 1948-51/1989, p. 131).

partir da enfase colocada nas relações laterais (relações entre irmãos) em detrimento das verticais (de filiação, pais-filhos) que caracterizaram o Édipo clássico não parece ter dado conta desta problemática levantada por Malinowski (1927/1982, 1927/2000) uma vez não ser detectável qualquer referência ao mesmo. Em contrapartida Reich (1931/1988) deu-lhe uma importância desmesurada pretendendo também ele, em determinada altura, desvalorizar a suposta universalidade do núcleo edipiano em favor de um relativismo psicocultural modelado na etnopsicologia trobriand. Importa notar, no entanto, que o que aqui referimos não desvaloriza a importância das relações laterais no Édipo, apenas visa colocar em contexto o modo pelo qual a construção de uma teoria das relações entre o aparelho psíquico e o incesto pode estar ao serviço da revisão secundária por um autor que denega assim as moções pulsionais incestuosas inerentes ao complexo de Édipo tal como Freud o estabeleceu.

Reformulando toda a problemática poderemos então dizer que o ego ideal de Malinowski é restituído ao etnógrafo sob a forma do sistema de filiação matrilinear trobriand, e se tal acontece é porque ambos possuem uma estrutura centrada no mesmo objecto, isto é, no objecto materno.

A mãe é uma presença forte ao longo dos sonhos do etnógrafo. O mesmo não se passaria no entanto entre os Trobriand, segundo as concepções do autor. Segundo Malinowski, " (…) logo que os nativos me falaram de seus sonhos eróticos fiquei imediatamente muito interessado em seguir a pista dos sonhos incestuosos. A questão: "você já sonhou alguma vez deste modo com sua mãe?" recebia como resposta uma calma e tranquila negação. "A mãe é proibida, somente um *tonagowa* (imbecil) sonharia uma coisa destas. Ela é uma velha. Uma coisa assim nunca aconteceria". Mas sempre que a pergunta fosse feita a respeito da irmã, a resposta seria muito diferente com uma forte reacção afectiva. Evidentemente sabia que nunca deveria fazer esta pergunta directamente a um homem e nunca discuti-la em um grupo. Mas mesmo usando para perguntar a forma de me referir a "outras pessoas", indagando se tinham este tipo de sonhos, a reacção seria de indignação e cólera. Por vezes não haveria nenhuma resposta; depois de uma pausa embaraçosa, o informante passava a outro assunto. Alguns, ainda, negavam seriamente, outros

veementemente e com raiva. Mas levando aos pouquinhos a questão com os meus melhores informantes a verdade aparecia afinal, e descobri que o estado de opinião real é diferente. Na verdade, sabe-se que "outras pessoas" têm estes sonhos: "um homem às vezes fica envergonhado e de mau génio. Porquê? Porque sonhou que tinha relações com sua irmã". "Isto me fez sentir envergonhado", diz esse homem. Vim a descobrir na verdade que este é um dos sonhos típicos sabidamente existentes que correm com frequência obcecando e perturbando o indivíduo que sonha. Veremos este fato confirmado por outros dados, especialmente nos mitos e nas lendas. Ainda mais, o incesto entre irmão e irmã é a forma mais reprovável de quebra das regras da exogamia, instituição que torna ilícitas as relações com qualquer mulher do mesmo clã. Mas apesar do incesto entre irmão irmã ser considerado com o máximo horror, a quebra da exogamia do clã é uma coisa ao mesmo tempo astuta e desejável, devido às picantes dificuldades de realizá-la. De acordo com isto, os sonhos sobre o incesto do clã são muito frequentes. Assim, comparando os diferentes tipos de sonhos incestuosos há fortes motivos para acreditar que a mãe quase nunca aparece neles e quando isto acontece tais sonhos não deixam uma impressão profunda. Com muito mais frequência sonha-se com os parentes femininos distantes, e a impressão que deixam é agradável, enquanto os sonhos incestuosos com relação à irmã ocorrem e deixam uma profunda e penosa lembrança. Isto é o que se poderia esperar, porque, conforme vimos quando estudámos o desenvolvimento da sexualidade dos nativos, não há tentação no caso da mãe, há uma tentação fortemente reprimida com relação à irmã e uma proibição picante, não muito reprimida no que respeita às mulheres do clã" (Malinowski, 1927/2000, pp. 89-90)[426].

[426] "Now, naturally, as soon as I was told by the natives about their erotic dreams, I was at once keenly on the scent of incestuous dreams. To the question: " Do you ever dream of your mother in this way? "the answer would be a calm, unshocked negation." The mother is forbidden—only a *tonagowa* (imbecile) would dream such a thing. She is an old woman. No such thing would happen." But whenever the question would be put about the sister, the answer would be quite different, with a strong affective reaction. Of course I knew enough never to ask such a question directly of a man, and never to discuss it in company. But even asking in the form of whether 'other people' could ever have such dreams, the reaction would be that of indignation and anger. Sometimes there would be no answer at all; after an embarrassed pause another subject would be taken up by the informant. Some, again, would deny it seriously, others vehemently and angrily. But, working out the question bit by bit with my best informants, the truth at last appeared, and I found that the real state of opinion is different. It is actually well known that 'other people' have such dreams—" a man is sometimes sad, ashamed, and illtempered. Why ? Because he has dreamt that he had connection with his sister." " This made me feel ashamed," such a man would say. I found that this is, in fact, one of the typical dreams known to exist, occurring frequently, and one which haunts and disturbs the dreamer. That this is so, we will find confirmed by other data, especially in myth and legend.

Sobre isto é nossa opinião que se os sonhos relativamente à mãe não ocorrem, sendo esta substituída por outras mulheres do mesmo clã (quebra da exogamia de clã) tal acontece em virtude de as mesmas mulheres serem substitutos deslocados da mãe o que se compreende uma vez tratar-se de um sistema de filiação matrilinear, sendo a matrilinhagem enquanto grupo corporado o "corpo" da mãe. A quebra da exogamia de clã, atestada nos sonhos dos trobriandeses, prossegue o incesto no corpo simbólico do clã materno. Aqui se demonstra bem uma das concepções de Anzieu (1999) quando concebia o grupo (matrilinhagem, no presente caso) como uma espécie de "ventre mãe-grupo" (1999, p. 145)[427].

O complexo nuclear que o autor julga prevalecer nas Trobriand sem nada dever ao Édipo é mais uma vez vincado num sonho de 5 de Fevereiro de 1915: "(Durante a noite, perto da manhã, sonhei com a Mãe. Um quarto grande no número 153 da Avenida Marsz[alkowska], no Szpotanskis, fornecido com camas grandes, armários para copos, etc. A mãe estava estranhamente dependente de Szpot. e de Lach. Ela tenta seduzi-los. Falámos sobre uma viagem qualquer à América do Norte.) Levantei-me e atrapalhadamente e à pressa escrevi no diário − através de uma abertura na varanda conseguia ver os prados verdes e as encostas − era como um Vale na Europa Central na Primavera" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 79, 80)[428].

Again, the brother-sister incest is the most reprehensible form of breach of the rules of exogamy which institution makes it illicit to have connection with any woman of the same clan. But though the brother-sister incest is regarded with the utmost horror, a breach of clan exogamy is a thing both smart and desirable, owing to the piquant difficulties in carrying it out. In accordance with this, dreams about clan incest are very frequent. Thus, comparing the different types of incestuous dreams, there is every reason to assume that the mother hardly ever appears in them and, if she does, these dreams leave no deep impression; that the more distant female relatives are dreamt of frequently, and that the impression left is pleasant; while incestuous dreams about the sister occur and leave a deep and painful memory. This is what might have been expected, for, as we saw when following the development of their sexuality, there is no temptation in the case of the mother, a violent and strongly repressed one towards the sister, and a spicy, not very repressed prohibition about the clanswoman" (Malinowski, 1927/1937, pp. 95-97).

[427] "ventre de leur-mère-le-groupe" (Anzieu, 1999, p. 145).

[428] "(During the night, toward morning, I dreamed about Mother. Large room at 153 Marsz[alkowska St.], at the Szpotanskis', furnished with large beds, cupboards, etc. Mother was strangely dependent on Szpot. and Lach. She scores small advantages. We talked about some trip to North America.) I got up and fumbled a great deal writing diary - through an opening in the veranda I could look out on green meadows and hillsides - it was like a Valley in Central Europe in Spring" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 79, 80).

A pulsão oral, talvez canibalizante, vingativa, está representada pelos armários de guarda-louça ("cupboards"). Note-se que, além dos armários, há camas e a mãe de Malinowski tenta seduzir ("She scores small advantages") dois homens, enquanto o filho observa - talvez a "putificação" da figura materna também esteja aqui presente.

Em termos de sistema psicoparental, segundo o método que aqui propomos, a presença de dois homens relativamente aos quais a mãe do etnógrafo nutre sentimentos de cariz sexual seriam, na distorção do trabalho do sonho, o marido da mulher e o irmão da mãe de ego (Malinowski) no contexto das estruturas elementares do sistema de parentesco matrilinear trobriandês. O desejo sexual existe em relação aos dois homens – ao marido, como é previsível –, e ao irmão, uma vez a presença atestada (segundo Malinowski) entre os Trobriand do complexo nuclear que mais não é do que um deslocamento do Édipo da relação filhos-pais para a relação irmão-irmã. O que permanece no conteúdo latente do sonho é, portanto, a divisão da figura da autoridade em dois homens: o pai e o próprio Malinowski, homens que partilham a mãe. No átomo de parentesco do aparelho psicoparental do etnógrafo a mãe é partilhada entre os cunhados, respectivamente o irmão da mãe (substituto do pai fisiológico) e o marido dela. É através da identificação projectiva que o Édipo clássico do etnógrafo se transforma no átomo de parentesco trobriand. A manifestação da mãe entre dois homens no trabalho do sonho constitui a transformação do conflito edipiano de Malinowski com o pai nos termos do conflito trobriandês modelado no sistema matrilinear.

Na mesma cadeia de associações, a seguir à mãe no sonho, aparece claramente o diário e a paisagem de relva verde associada a um vale típico da Europa central. A ligação da mãe à paisagem explicita neste ponto o que noutras passagens permanece implícito.

A distorção do sistema de parentesco matrilinear trobriandês pelas pulsões incestuosas inconscientes do etnógrafo pode, talvez, ser ilustrada pelo sonho de 7 de Fevereiro de 1915: “À noite sonhei com uma prostituta com corpo branco” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82)[429].

[429] “At night I dreamed of a mistress with a white body” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82).

No fantasma de Malinowski, três significantes formam a trama essencial da distorção do trabalho do sonho: "mulher", "prostituta" e "corpo branco".

Num sistema de parentesco onde as mulheres são trocadas entre grupos de filiação clânicos por intermédio da aliança – mulheres negras, entenda-se –, o trabalho do sonho revela o desejo de um corpo branco de "prostituta". Entre as mulheres por quem o etnógrafo tem sentimentos sexuais ambivalentes podemos colocar, segundo o diário, a amante Elsie e a mãe. Entre as "prostitutas" podemos colocar as mulheres nativas trobriand. Segundo o diário elas são a determinado momento explicitamente designadas como tal. Desta vez, podemos proceder à aplicação do conceito de "fantasmas de denegrimento" de Abraham (1913/2000) através dos quais "(...) o neurótico tenta desembaraçar-se do complexo parental denegrindo a potência do pai ou da mãe" (p. 270)[430]. A prostituição inconscientemente imputada à mãe através (do deslocamento) da nativa é um denegrimento da sexualidade que lhe é imputada. Os aspectos da personalidade que constituem a sua grupalidade correspondem às pessoas em torno das quais se constitui o seu aparelho psíquico, diriamos nós o seu aparelho psicoparental: pai, mãe, irmão da mãe, irmãos, sua combinatória extensivel a ascendentes e descendentes e seus substitutos nos grupos sociais externos.

Ora se é o irmão da mãe quem detém a ascendência sobre a irmã no circuito de troca de mulheres com vista ao estabelecimento de alianças, se o tabu do incesto se verifica entre os Trobriand no complexo nuclear irmão-irmã (segundo Malinowski) e se este complexo mais não é do que uma transposição do complexo de Édipo, transposição em nossa opinião ao serviço da revisão secundária do sistema psicoparental de Malinowski, então julgamos poder emitir a hipótese segundo a qual o inconsciente do etnógrafo busca a sua identificação com o trabalho de terreno fazendo circular, fantasmaticamente, as "suas" mulheres no sistema de troca de mulheres nativas para aliança:

[430] "(...) le névrosé tente de se débarrasser du complexe parental en dénigrant la puissance du père ou de la mère" (Abraham, 1913/2000, p. 270).

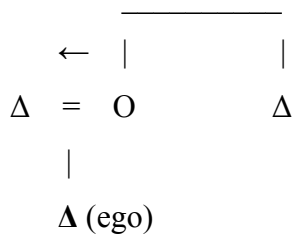


Figura 1[431]

Esta é a configuração do átomo de parentesco tal como Lévi-Strauss (1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) a elaborou e, defendemos, do denominado "grupo básico" de Bion (1948-51/1970), "grupo dominado por uma das três suposições básicas; dependência, acasalamento e fuga ou luta" (p. 80)[432]. O interessante é agora ver como do ponto de vista científico esta configuração é vivida pelo investigador no terreno e como pode ser explicada no interior do complexo de Édipo que Malinowski repudiou: pode assim dizer-se que o etnógrafo (sujeito) se apropriou daquilo que ele julgou ser o seu objecto de estudo (complexo nuclear irmão-irmã) e que melhor deslocava a sua problemática edipiana. O sonho indica que o etnógrafo entra em sintonia com as exigências do complexo nuclear na medida em que ao colocar-se no lugar do tio materno (substituto do pai) pode renunciar a uma mulher que é sua irmã (substituta da mãe) e recuperá-la sob a forma deslocada de uma amante (Elsie, corpo branco). Mas ao fazê-lo continua a desejar a mãe, pois o sistema de parentesco trobriand objectivamente prevê a cedência de uma mulher na categoria de "irmã" e a aquisição de outra na categoria de "esposa" e prevê a "morte" simbólica do pai enquanto substituído pelo tio materno na educação e cuidados da criança. Isto constitui a «vivência de satisfação», o fantasma agido (*acting out*) do etnógrafo. Aceitando o complexo nuclear irmão-irmã (relações laterais germanas), Malinowski perpetua por vias substitutas o complexo de Édipo (relações verticais de filiação). De um modo geral, pode dizer-se que se verifica uma alternância no interior do átomo de parentesco ou grupo básico do aparelho psíquico ou

[431] As setas indicam o sentido de circulação das mulheres; os sinais "=" ou |__| indicam aliança ou casamento; o sinal __ indica germanidade ou relação de irmãos e o sinal "|" indica filiação.
| |

[432] "(…) the group dominated by one of the three basic assumptions, dependence, pairing, and flight or fight" (Bion, 1948-51/1989, p. 89).

psicoparental de Malinowski entre as relações de aliança (pai-mãe), germanidade (irmão-irmã), avunculado (tio materno-sobrinho) e consanguinidade (pais-filhos). A alternância entre as relações verticais (consanguinidade e avunculado) e as horizontais ou laterais (aliança e germanidade) constituem, defendemos, o que Bion (1948-51/1970) virá a denominar por alternância dos grupos básicos, acrescentando que o grupo básico é sempre o mesmo embora venha a adquirir na sua exteriorização enquanto grupo de trabalho ou grupo refinado a configuração da suposição básica dominante por determinados períodos de tempo na medida em que "(...) embora os grupos de suposição básica pareçam antes alternar-se que conflituar entre si, a intervenção do grupo refinado, através da interferência com a alternância dos grupos básicos, parece produzir algumas das aparências e efeitos do conflito. Em particular, as combinações emocionais associadas com as suposições básicas que não estão influenciando activamente a vida mental do grupo permanecem latentes, às vezes por consideráveis períodos. Assim, quando um grupo é impregnado pelas emoções de um grupo de dependência, os estados emocionais do grupo de luta-fuga e do grupo de acasalamento encontram-se em inactividade temporária. Eles não se manifestam no sentido em que as emoções do grupo de dependência são manifestas. A este respeito, há um conflito entre o grupo refinado, permeado por emoções oriundas de uma determinada suposição básica e as outras duas suposições básicas" (Bion, 1948-51/1970, pp. 86-87)[433].

Em termos do paradigma proposto por Bion (1948-51/1970) podemos fazer uma leitura da situação psicodinâmica de Malinowski (1914-18/1989) em interacção com o trabalho de campo etnográfico-clínico (princípio de realidade) do seguinte modo: a suposição básica de dependência (relação vertical consanguínea filho-mãe) prosseguiu na sua condensação e deslocamento para a suposição básica de acasalamento na relação lateral

[433] "Nevertheless, although the basic-assumption groups seem rather to alternate than to conflict with each other, the intervention of the sophisticated group, through interference with the alternation of the basic groups, seems to produce some of the appearances and effects of conflict. In particular, the emotional combinations associated with the basic assumptions that are not actively influencing the group's mental life lie dormant, sometimes perhaps for considerable periods. Thus when a group is pervaded by the emotions of the dependent group the emotional states of the fight-flight group and pairing group are in abeyance. They are not manifest in the sense that the emotions of the dependent group are manifest. In this respect there is a conflict between the sophisticated group, suffused by emotion from one basic assumption, and the other two basic assumptions" (Bion, 1948-51/1989, p. 97).

de germanidade irmão-irmã. Esta substituiu a relação de aliança ou casamento entre pai e mãe constituindo esta substituição (mecanismo de defesa) a fuga (suposição básica de fuga) do núcleo do Édipo na medida em que o filho substitui o pai ausente, tanto no diário quanto no sistema de parentesco trobriandês. O elemento central na constituição da defesa sublimada na teoria refutadora do Édipo (complexo nuclear, segundo Malinowski) é o tio materno uma vez ser este o trocador de mulheres, aquele que dá a irmã e recebe a contrapartida na sua substituta. O duplo de Malinowski, o duplo que o etnógrafo visionou no primeiro sonho pertence, nesta nova acepção, à comunidade de irmãos eliminadores da autoridade paterna; o duplo de Malinowski (1914-18/1989) revela-se agora como um irmão de si próprio ─ "Especulei até que ponto sou eu próprio ou o meu irmão mais novo" (p. 145)[434] ─, um irmão entre iguais numa comunidade "democrática" de homens trocadores de mulheres. Trata-se da fraternidade como formação de compromisso entre «irmãos» na destituição da autoridade paterna e na constituição do vínculo social e comunitário, tese de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1981b).

Se repararmos no diagrama acima reproduzido sobre o átomo de parentesco ou grupo básico interno usado pelo aparelho psicoparental de Malinowski ao serviço da revisão secundária enquanto sistema de defesa, veremos que a mulher "dada" a partir da unidade dos germanos (unidade irmão-irmã) pelo tio materno vai ser recuperada (contra-dádiva) sob a forma de uma substituta sua. Mas substituta em que sentido? Já indicámos que é uma substituta da mãe de Malinowski. Mas o que interessa é demonstrar como se processa esta substituição na economia do aparelho psicoparental do etnógrafo e de que modo o mesmo se apropria das estruturas elementares observadas a fim de perpetuar o Édipo enquanto conteúdo latente.

O diagrama passará a ter a seguinte apresentação:

[434] "Speculated where I am myself or my younger brother" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 145).

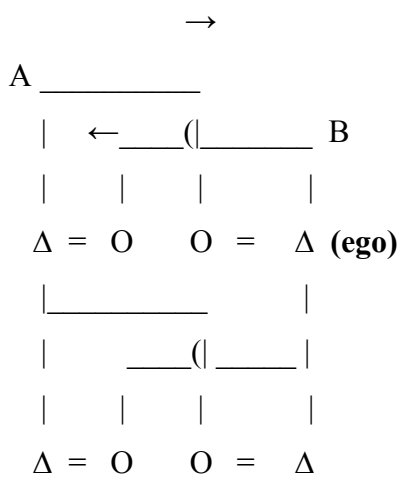


Figura 2[435]

Ou seja, a mulher que foi dada é imediatamente recuperada na mesma geração. Malinowski, «ego», elemento central a partir do qual o nosso diagrama deve ser lido, ocupa agora o lugar do tio materno trobriandês (substituto do pai). De acordo com o complexo nuclear relativamente ao qual se apropria o inconsciente do etnógrafo vai poder dar uma mulher, a mãe, sob a forma de uma mulher trobriand, uma mulher negra, uma «irmã», mas com a condição de ser compensado recebendo em contrapartida outra mulher. Naturalmente esta mulher vai ter que ser cedida por um homem, designadamente, por um irmão dela (de acordo com o complexo nuclear) pertencente a outra matrilinhagem. Este homem corresponde, no sistema de parentesco trobriandês, ao pai desvalorizado relativamente ao tio materno. É a este pai desvalorizado, impotente, pai fisiológico, que o inconsciente de Malinowski vai exigir a cedência de uma mulher que é

[435] As setas indicam o sentido de circulação das mulheres; os sinais "=" ou |__| indicam aliança ou casamento; o sinal __ indica germanidade ou relação de irmãos e o sinal "|" indica filiação.
| |

Os sinais "O" e "Δ" indicam, respectivamente, "mulher" e "homem"; "Ego" é a figura no diagrama em relação à qual todas as outras devem ser relacionadas.

a sua «esposa» classificatória. Esta «esposa» classificatória vai então funcionar como a «mãe» do etnógrafo, "purificada" pelo sistema de parentesco trobriandês e cedida na condição de irmã de um outro homem que é afinal o substituto do seu pai real e que aparece, já o referimos, como substituto de Malinowski, como duplo de Malinowski, no primeiro sonho. Este mecanismo de transferência que tentamos aplicar e explicar por intermédio das estruturas elementares do parentesco é, talvez, uma aplicação mais concreta e pormenorizada daquilo que Hunt (1989) descreveu de modo generalizado como sendo a transferência regressiva típica do investigador em trabalho de campo. Segundo Hunt (1989) "Os papéis que os investigadores assumem no trabalho de campo podem induzir a regressão e gerar o desenvolvimento de transferências. Isto é tanto assim quanto mais o papel esteja relacionado com memórias recalcadas enxertando-se no conflito. Neste caso, a cultura de pesquisa equaciona-se com a família do investigador, e os sujeitos da pesquisa tornam-se objecto de fantasias inconscientes" (p. 37)[436].

O que os sonhos do etnógrafo indicam é que ao ceder uma "prostituta" negra (mulher trobriand) − foi como prostitutas que o etnógrafo designou algumas das mulheres trobriand: "Uma prostituta ou divorciada de *gunika* atraiu a minha atenção − *gagaia ura* [relações sexuais]! (p. 84) (…) Na aldeia sentei-me por momentos no *pilapabile*, e apalpei uma bonita rapariga no rabo (*lauriu*) (...) Aquela rapariga piolhosa (…) − tudo bem, mas não devia tê-la apalpado (...) Resolvido: nunca mais tocar numa puta Kiriwina" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 256)[437] − ele quer ser compensado com uma prostituta branca[438], "(...) prostituta com um corpo branco" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82)[439],

[436] "The roles researchers assume in fieldwork may also induce regression and generate the development of transferences. This is particularly likely if the role links to problematic repressed memories and becomes imbedded in conflict. In that case, the culture of research becomes equated with the individual's family, and subjects become the object of unconscious fantasies" (Hunt, 1989, p. 37).

[437] "A prostitute or divorcee from *gunika* (*gunika haine*) attracted my attention – *gagaia ura*! (p. 84) (…) In the village I sat a moment on the *pilapabile*, and I pawed a pretty girl in the *lauriu* (…) That lousy girl (…) – everything fine, but I shouldn´t have pawed her (…) Resolve: absolutely never to touch any Kiriwina whore" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 256).

[438] Elsie, a noiva oficial, que consideramos ser a figura que mais depressa substituiu a mãe de Malinowski no inconsciente do etnógrafo, é mais uma vez colocada próxima de duas mulheres conotadas com prostitutas num sonho de 20 de Fevereiro de 1918: "Pensei em E. R. M. e nos meus sentimentos anti-B.: desejo de sacudir o pó Anglo-Saxão dos meus sapatos. Alguma admiração pela cultura alemã. Ao serão − ou terá sido à noite − pensei novamente em E. M. R. com ternura e paixão; novamente desviei-me e corrigi-me em seguida. 'Quanto mais conheces os outros menos queres estar com eles'. Estas linhas vexam-me − Durante a noite um sonho obsceno com monstruosas, grosseiras e sexys empregadas de bar − duas delas −

ou seja a mãe que no complexo de Édipo já tinha sido transaccionada entre o seu desejo e o pai real (putificação da figura materna), situação que coloca em passagem ao acto o fantasma de denegrimento do complexo parental (Abraham, 1913/2000, p. 270).

Acrescentemos a isto o facto de serem os irmãos quem procede à troca das mulheres (irmãs), logo um facto testemunhado pelo sistema trobriandês a favor da "morte" do pai fisiológico. Segundo Fox (1983), "(…) os Trobriandeses acompanham isto com uma versão extrema da ideologia da negação do pai. Não é demais designar isto como, num sentido estrutural, a 'eliminação' do pai. Ele não é morto, mas simplesmente definido fora da existência na medida em que esta diga respeito aos filhos. O seu papel, como diriam os sociólogos, está reduzido a ser o companheiro da mãe e dos filhos. Eles aceitam que a relação sexual é necessária para a procriação, mas no sentido em que o pai tem que 'abrir o caminho' para que a criança possa emergir; ele não contribui, no entanto, para a constituição fisiológica do bebé. A mãe é impregnada por um espírito do totem do clã. Assim que o seu filho tenha idade suficiente para ser preparado para o casamento e para a idade adulta, ele deixa-a e vai para a aldeia do irmão da mãe, sob a autoridade do qual permanece até, por sua vez, se tornar o guardião dos filhos da sua irmã. O 'irmão' simboliza o controlo contínuo exercido sobre a sua irmã fazendo anualmente um pagamento ao marido dela em inhames − o famoso *urigubu*. Isto serve para o sustento da

---

que apalpei por todo o lado" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 207). [Orig.: "Thought about E. R. M. and my anti-B. feelings: desire to shake Anglo-Saxon dust off my sandals. Certain admiration for German culture. In the evening - or was it at night - I again thought of E. R. M. with tenderness and passion; again deviation and setting myself strait. "For the more you have known of the others the less you will settle to one". These lines vex me - During the night obscene dream about some monstrously coarse and disgustingly sexy barmaids - 2 of them -whom I pawed all over" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 207)]. A admiração pela cultura germânica revela o ideal do ego do etnógrafo como conteúdo latente do sonho, ou seja, o pai ausente. As duas mulheres são a mãe e a amante. Malinowski apalpa as duas tal como apalpou a prostituta *kiriwina*. É o significante "maid" já presente num sonho de Dezembro de 1917 que nos permite equacionar a presença de Elsie no sonho das empregadas de bar ("barmaids"). Naquela data relatou o etnógrafo que "(…) os meus sonhos levaram-me para longe das Trobriand e da etnografia − mas para onde? − Ah, sim. Há dois dias comecei a ler Tess dos d'Ubervilles. Isto leva-me para perto de E. R. M. 'Chega de donzelas'. Pensamentos sobre as minhas obrigações para com ela. Vejo-a como minha futura mulher, com um sentimento de certeza, confiança, mas sem excitação em demasia. Penso em N. S. muito frequentemente" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 149-150). [Orig.: "(...) my dreams took me far away from the Trobriands and etnography - but where? - Oh yes. Two days ago I began to read Tess of the d'Ubervilles. This brings me closer to E. R. M. "Maiden no more". Thoughts about the extent of my obligation to her. I see her as my future wife, with a feeling of certainty, confidence, but without excitement. I think of N.S. fairly often" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 149-150)]. Note-se também a semelhança sonora de significados a partir dos significantes «Masson» e «Maiden».

[439] "(…) mistress with a white body" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 82).

irmã e dos filhos dela. Considere-se isto nos termos do mito. O 'pai' está aqui eliminado, renunciou-se às mulheres. Mas enquanto se renunciou às mulheres enquanto tais, o mesmo não aconteceu relativamente aos filhos delas. Estes não pertencem ao marido da mulher (irmã) porque este não os criou; eles são uma criação do clã. É então que os 'irmãos' os reclamam. Se os irmãos não podem ter relações sexuais com as irmãs, podem pelo menos reclamar os frutos das relações sexuais das suas irmãs. É, num certo sentido, a realização das fantasias incestuosas dos irmãos que (...) são extremas e convincentes" (pp. 70-71)[440].

No inconsciente de Malinowski o próprio etnógrafo é um dos «irmãos» trocadores de mulheres ocidentais (as do seu complexo de Édipo) e trobriandesas.

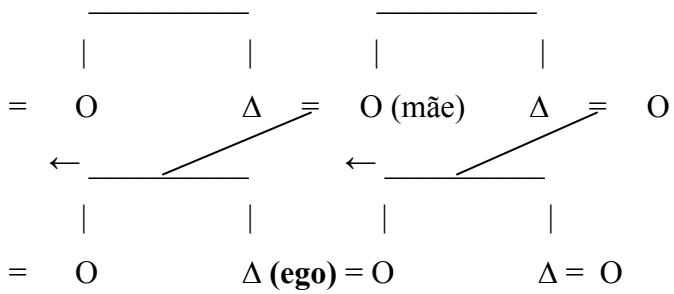
Chegados aqui temos que ter em atenção outro pormenor. É de reparar que começámos a análise da identificação projectiva subjacente à apropriação das estruturas elementares do parentesco matrilinear trobriandês pelo aparelho psicoparental do etnógrafo a partir do vértice da estrutura elementar da troca bilateral. Isto porque a estrutura da aliança bilateral contém condensadamente as escolhas de objecto inerentes tanto à estrutura patrilateral (incestuosa) quanto à matrilateral (sublimação). Isto tem a vantagem de situar a interpretação proposta mais perto daquilo que poderá ser a actuação instantânea do inconsciente. É como se Malinowski "pensasse" que a perda de uma mulher pelo «irmão» trobriandês com quem ele se identifica projectivamente na qualidade de analista do sistema de parentesco local fosse imediatamente reposta por uma mulher equivalente. A

[440] "(…) the Trobrianders accompany this with a most extreme version of the father-denial ideology. It is not too much to call this, in a structural sense, the "elimination" of the father. He is not killed, he is simply defined out of existence as far as his children are concerned. His role, as the sociologists would say, is reduced to the companion of the mother and children. They accept that intercourse is necessary to procreation, but only in that the father has to "open the way" for the child to emerge; he does not contribute, however, to the physiological constitution of the baby. The mother is impregnated by a spirit of the totem-clan. Once her son is old enough to prepare for marriage and adulthood, he leaves her and goes to the village of his mother's brother, under whose authority he remains until, in turn, he becomes the guardian of his own sister's children. The "brother" symbolizes his continuing control of his sister by making annually a payment to her husband in yams - the famous urigubu. This is for the support of the sister and her children (70). Consider this in terms of the myth. The "father" is here eliminated, the women are renounced. But while the women as such are renounced, their children are not. These do not belong to the mother's (sister's) husband because he has not created them; they are a creation of the clan. The "brothers" then claim them back. If the brothers cannot have intercourse with their sisters, they can at least claim the fruits of their sisters' intercourse. It is, in a sense, the ultimate realization of the incestuous fantasies of the brothers, which (…) are extreme and compelling" (Fox, 1983, pp. 70-71).

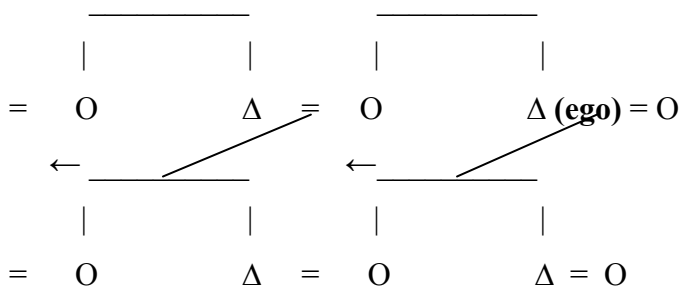
troca bilateral tem esta vantagem pois explica idealmente ao nível da mesma geração a reposição automática das mulheres trocadas entre homens trocadores: um homem dá uma mulher e imediatamente recebe outra. Recordemos que "A bilateralidade é um resultado secundário, produto da convergência de duas formas de unilateralidade, sempre presentes e sempre dadas (…) se a fórmula matrilateral é a única que exerce uma acção positiva, a fórmula patrilateral existe sempre, em forma negativa, ao lado da primeira, como segundo termo de um par correlativo. É possível dizer que, desde toda eternidade, as duas fórmulas são coexistentes. Todas as hipóteses históricas que quisermos imaginar não conseguirão nunca oferecer outra coisa senão a transfiguração, incompleta e aproximativa, de um processo dialéctico" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 496)[441]. A dialéctica entre a patrilateralidade e a matrilateralidade, dialéctica ocorrida no continente da troca bilateral, corresponde como já referimos à alternância entre as suposições básicas na psicanálise de Bion (1948-51/1970, pp. 86-87). Este vértice da interpretação seria mais fiel, deste modo, à presença de uma das características que Freud (1915/1981b) atribuiu ao inconsciente ─ a ausência da representação do tempo. Com isto não estamos a dizer que as mulheres sejam instantaneamente sujeitas à troca na realidade empírica. Normalmente não são, mas também não é impossível que o sejam. Apenas aproximamos este tipo de aliança, em virtude do menor intervalo de tempo que medeia entre as respectivas trocas, da melhor representação possível no mundo empírico que sirva a ausência de tempo real no inconsciente. Tal como no trabalho do sonho o inconsciente aproveita da melhor maneira os materiais que tem à disposição. As alianças patrilaterais e matrilaterais já actuam com a diferença entre gerações implicando uma concepção de tempo mais evidente. Acontece que o sistema de parentesco trobriandês é matrilinear e nele aplica-se até certo ponto a lógica da estrutura matrilateral da aliança. Vejamos então a que transformações se sujeitam as figuras do aparelho psicoparental de Malinowski a fim de se adaptar à estrutura matrilateral da aliança trobriandesa.

---

[441] "La bilatéralité est un résultat secondaire, un produit de la convergence de deux formes d'unilatéralité, toujours présentes et toujours données (…) si la formule matrilatérale exerce seule une action positive, la formule patrilatérale existe toujours, sous une forme négative, à ses côtés, comme le second terme d'un couple corrélatif; on peut dire que, de toute éternité, les deux formules sont coexistantes. Toutes les hypothèses historiques qu'on voudra imaginer ne réussiront jamais à apporter autre chose que la transfiguration, incomplète et approximative, d'un processus dialectique" (Lévi-Strauss, 1949/1973, pp. 522-523).



O aparelho psicoparental do etnógrafo apossa-se da estrutura do átomo de parentesco trobriand. O trabalho do sonho, no sonho de 5 de Fevereiro de 1915, desenrola-se agora no ego de Malinowski facto indiciado através da semelhança da matéria fónica (homofonias) com o significante "Marszalkowska" que se pode decompor em: *Ma* [rszalkowska] ↔ *Ma* [linowski] + [Marszalk] *owska* ↔ [Malin] *owski*, recuperando aqui a "(...) vocação da pulsão para se exprimir por meio de sons" (Abraham, 1973/2001, p. 385)[442]. O ego onírico de Malinowski tornou-se o continente do átomo psicoparental. No conteúdo manifesto do sonho a mãe de Malinowski está situada entre dois homens (Szpot e Lach) e o ego de Malinowski está situado na geração descendente. Os dois homens são em termos de equivalência no átomo psicoparental, respectivamente, o marido da mãe e o irmão da mãe de ego. Após a inversão defensiva de personagens dentro do átomo o ego da geração descendente desloca-se para a geração ascendente e ocupa o lugar do tio materno.



[442] "(...) vocation de la pulsion de s'exprimer par des sons" (Abraham, 1973/2001, p. 385).

A questão é: porquê a ocupação do lugar do irmão da mãe e não directamente a ocupação do marido da mulher, isto é, do pai? O mecanismo defensivo do trabalho do sonho constrói a defesa a partir da apropriação da ideologia do parentesco trobriand. Ou seja, como é o irmão da mãe quem faz a dádiva da irmã na realidade externa (Lévi-Strauss, 1949/1973; Mauss, 1923-24), o deslocamento defensivo das figuras de parentesco no interior do átomo psicoparental faz-se de modo a que o ego onírico do sonhador ocupe o lugar daquele que aparentemente cede a mulher que constitui o objecto incestuoso, ou seja, a mãe. Após a inversão das figuras de parentesco com a passagem do lugar de filho da irmã (filiação) a irmão da mãe (avunculado e germanidade) o ego de Malinowski passa a identificar-se também com o marido da mulher (aliança), ou seja, passa a ocupar o lugar do pai em virtude da identidade postulada pelas próprias estruturas elementares do parentesco entre o irmão da mãe e o marido da mulher ─ desejo incestuoso deslocado dos irmãos (Fox, 1983, p. 71) e morte simbólica do pai (Freud, 1913/1981b).

Digamos que o ego onírico de Malinowski se cindiu ou dividiu (Freud, 1938/1981) de acordo com duas gerações do átomo psicoparental. Ao proceder à identificação projectiva com o irmão da mãe passou a controlar a troca de mulheres segundo o modelo do parentesco trobriand. Esta identificação constitui o conteúdo latente do sonho. O conteúdo manifesto no entanto apenas mostrou uma mulher entre dois homens, a mãe. Não mostrou a troca enquanto operação composta pela dádiva de mulheres entre homens, nem mostrou mulheres negras trobriand. Mostrou a mãe, mulher branca. A questão a colocar no seguimento deste modelo é porque razão dois dias depois o sonho de 7 de Fevereiro de 1915 pede explicitamente uma prostituta de corpo branco. Os dois sonhos revelam-se complementares à luz das estruturas elementares do parentesco dos trobriand. O sonho de 7 de Fevereiro representa a descida de geração figurada antes no trabalho do sonho de 5 de Fevereiro. Se no sonho de 5 de Fevereiro o ego de Malinowski se identifica com o irmão da mãe enquanto figura que preside à troca de mulheres, neste mesmo sonho fica por realizar o desejo da pulsão incestuosa dentro dos limites da estrutura elementar matrilateral trobriand. Esta estrutura implica que na geração descendente ego tenha que dar uma mulher na mesma direcção que o seu tio materno, ou seja, que se continue a formar uma aliança com a prima cruzada matrilateral tal como na geração do irmão da

mãe de ego. Na realidade sociológica externa constitui o modelo da resolução do incesto. Sabe-se que um homem dá a irmã e recebe uma mulher de outro homem e isto em gerações consecutivas. O trabalho do sonho forja a defesa da pulsão incestuosa precisamente baseado nesta evidência. É esta aliança que é representada no desejo expresso no sonho de 7 de Fevereiro, desejo ter uma prostituta com corpo branco. Se na geração ascendente do irmão da mãe Malinowski procede à troca de mulheres negras trobriand (conteúdo latente), na geração do filho da irmã (geração descendente) o etnógrafo desloca o seu desejo incestuoso pela mãe, substituída pela irmã (complexo nuclear trobriandês irmão-irmã) no átomo trobriandês na medida em que a aliança que se pratica é entre o filho da irmã com a filha do irmão. Isto é, entre um filho de uma irmã para quem o irmão da mãe é um "pai" classificatório segundo o parentesco trobriandês, pai que o irmão da mãe desejava ser e a estrutura trobriandesa de parentesco não permitiu. E quem ele dá para aliança com este filho da irmã é a sua própria filha que corresponde à imago feminina da irmã outrora desejada. O filho da irmã corresponderá à imago masculina do irmão outrora desejado. Mas esta figura topológica da «irmã» no parentesco trobriandês condensa o amor de Malinowski pela própria mãe. Sendo a mãe dividida entre dois homens no sonho de 5 de Fevereiro, esta retornará sob a forma defensiva de uma prostituta branca no sonho de 7 de Fevereiro. O Édipo trobriandês e o Édipo de Malinowski transformam-se segundo uma configuração modelada no átomo de parentesco das estruturas elementares do parentesco dos trobriand. O mecanismo de defesa da revisão secundária de Malinowski consiste em interpretar o Édipo entre os Trobriand e o seu próprio Édipo através das pulsões incestuosas dos irmãos trobriandeses (complexo irmão-irmã).

Em jeito de síntese podemos agora referir as características gerais do inconsciente tal como vivenciadas pelo etnógrafo em situação de tensão com as estruturas elementares do parentesco Trobriand. Para Freud (1915/1996b), no inconsciente "Não há (…) lugar para negação, dúvida ou quaisquer graus de certeza: tudo isso só é introduzido pelo trabalho da censura entre o Ics e o Pcs. A negação é um substituto, em grau mais elevado, do recalcamento. No Ics só existem conteúdos [investidos] com maior ou menor força. (...) Os processos do sistema Ics são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente,

não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs. Resumindo: a isenção de contradição mútua, o processo primário (mobilidade [dos investimentos]), a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica — tais são as características que podemos esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema Ics (…) Os processos inconscientes se tornam cognoscíveis por nós sob as condições de sonho e neurose" (pp. 191, 192)[443]. É o que mostra, em nossa opinião, o encadeamento destes sonhos de Malinowski. "Isenção de contradição mútua", uma vez que através da identificação projectiva o etnógrafo se pode colocar no lugar do tio materno enquanto substituto da autoridade paterna; substituição, também, da mãe pela categoria classificatória da «irmã»; "intemporalidade", na medida em que o inconsciente do etnógrafo anula o desfasamento das idades reais ao substituir os actores do sistema de parentesco e "substitui a realidade externa pela psíquica" pois a interpretação que faz da importância do papel do tio materno relativamente ao pai fisiológico no sistema trobriandês (realidade etnográfica externa) e o lugar que confere ao complexo nuclear irmão-irmã em detrimento do complexo de Édipo são determinações do seu desejo incestuoso (realidade psíquica).

A relação entre a suposta primitividade do inconsciente, já referida por Freud, foi vivida por Malinowski na situação experimental fundadora da etnografia e do trabalho de campo. O raciocínio de Freud (1912-13/1996, p. 21) logo no primeiro parágrafo do primeiro capítulo de *Totem e Tabu* é bastante explícito ─ se há homens mais primitivos que outros e se há mecanismos psíquicos que subjazem tanto a primitivos quanto a civilizados, então estes mecanismos são também dos mais primitivos que a mente humana apresenta, logo dos mais inconscientes entre os civilizados. Esses mecanismos

[443] "There are in this system no negation, no doubt, no degrees of certainty: all this is only introduced by the work of the censorship between the *Ucs.* and the *Pcs.* Negation is a substitute, at a higher level, for repression. In the *Ucs.* there are only contents, cathected with greater or lesser strength. (…) The processes of the system *Ucs.* are *timeless;* i.e. they are not ordered temporally, are not altered by the passage of time; they have no reference to time at all. Reference to time is bound up, once again, with the work of the system *Cs.* (…) To sum up: *exemption from mutual contradiction, primary process* (mobility of cathexes), *timelessness,* and *replacement of external by psychical reality* - these are the characteristics which we may expect to find in processes belonging to the system *Ucs*. (…) Unconscious processes only become cognizable by us under the conditions of dreaming and of neurosis" (Freud, 1915/1991c, pp. 190-191).

são detectados entre os sistemas de parentesco australianos, as regras de evitação entre parentes e as relações entre sogra e genro, todos com um objectivo: a evitação do incesto. A tese foi construída com o apoio dos dados etnográficos disponiveis na altura, particularmente assente na descrição dos aborígenes australianos (tribos *Arunta* e *Dieri*). A apropriação que Malinowski faz do sistema de parentesco trobriandês pressupõe transformar este sistema no conteúdo do seu inconsciente. De que modo? Procedendo ao rearranjo das figuras de parentesco trobriand e substituindo-as pelas do seu aparelho psíquico e em seguida interpretando o sistema trobriandês de acordo com as pulsões incestuosas caracterizadoras de um Édipo não resolvido. O que Malinowski parece levar a cabo, portanto, é a transformação do sistema matrilinear trobriandês no conteúdo do seu inconsciente. Um conjunto de indivíduos relacionados entre si segundo regras de evitação, herança, etc, isto é, a população trobriandesa, é assim o conteúdo do inconsciente de Malinowski. Isto permite-nos, talvez, dar uma ilustração viva e concreta de uma enigmática afirmação de Freud (1915/1996b), de acordo com o qual: "O conteúdo do Ics, pode ser comparado à presença de uma população aborígine na mente" (p. 200)[444]. Freud (1915/1996b) discutia, nesta afirmação, o problema da herança do inconsciente concluindo que as formações mentais herdadas constituem o seu núcleo. Sendo *Totem e Tabu* o único lugar da obra, além do artigo sobre o inconsciente, onde o criador da psicanálise fala de aborígenes com a particularidade de discutir o seu sistema de parentesco e sua relação com o tabu do incesto, parece-nos possível concluir que os sistemas de parentesco podem constituir formações e derivados do inconsciente. Pois se os aborígenes são os naturais de uma região e as pulsões os naturais do inconsciente, as pulsões são como uma população de aborígenes com a vantagem de entre estes o parentesco as apresentar (representar) na qualidade do primeiro sistema (razão sistemática) sobre o incesto (razão oculta). Assim parece ter pensado Freud (1912-13/1996, 1915/1996b). Outra nota vai para o raciocínio de Freud, segundo o qual o que é herdado constitui o núcleo do inconsciente. Parece-nos que a esta afirmação subjaz a concepção de que o que é herdado constitui o inconsciente na medida em que se mantém e o que se mantém não é afectado pelo tempo. A ausência do tempo cronológico

[444] "The content of the *Ucs.* may be compared with an aboriginal population in the mind" (Freud, 1915/1991c, p. 199).

verificar-se-ia na psicodinâmica de Malinowski uma vez que o procedimento que o etnógrafo usa na apropriação do sistema de parentesco trobriandês constitui uma denegação do Édipo, tal como o próprio parentesco Trobriand. Ambos, o etnógrafo e os Trobriand, revelam os mesmos mecanismos inconscientes inerentes à descoberta psicanalítica. Neste sentido estão fora do tempo. Os irmãos (complexo nuclear irmão-irmã) são aqueles que trocam as mulheres (irmãs) sendo isto uma prova da realidade psíquica da "morte" do pai, tanto entre os Trobriand quanto em Malinowski. A "morte" do pai é algo que não pertence, deste modo, à história, logo não pertence ao tempo cronológico (Freud, 1912-13/1996) sendo o Pai, em termos de realidade psíquica e mítica, entendido como inevitavelmente morto para que os pais reais possam existir (Lacan, 1956-57/1995, p. 215). Ao apropriar-se do sistema de parentesco trobriand, Malinowski faz circular as mulheres trobriand e as mulheres (mãe e amantes) da sua realidade psíquica ao nível da mesma geração, conforme tentámos explicar a partir de alguns dos sonhos do autor. Mas, sobretudo, ao fazer isto revela uma acção que suspende o tempo cronológico pois a substituição de figuras do parentesco ao nível da mesma geração (germanidade, relação horizontal) constitui uma suspensão do tempo no sentido em que a relação horizontal é pensada nos moldes da filiação inerente ao Édipo (descendência, relação pais-filhos, relação vertical). A substituição das figuras de parentesco que Malinowski opera no interior do átomo de parentesco (Lévi-Strauss, 1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) ou grupo básico (Bion, 1948-51/1970, p. 80) visa a colocação do desejo de cada uma delas em coincidência absoluta com o seu. É isto que faz do aparelho psicoparental um conjunto de grupos internos (átomos psicoparentais) constituintes do inconsciente do etnógrafo.

Façamos o ponto da situação para relembrarmos como se situa este novo desenvolvimento no esquema que nos propusemos usar para análise do diário de Malinowski.

A "aliança" que o etnógrafo empreendeu entre o seu inconsciente e o dos trobriandeses comporta uma dupla dimensão de «representação de palavra» e de «representação de coisa»: «representação de palavra» enquanto aliança entre investigador e objecto de

estudo, «representação de coisa» na medida em que tal objecto de estudo comporta o objecto materno desdobrável noutras representações de palavra - mãe de Malinowski, Elsie enquanto amante idealizada de Malinowski, mulheres trobriand com nomes vários pertencentes a clãs vários. Esta bateria de elementos articulados segundo os mecanismos inconscientes das estruturas elementares do parentesco permite ao etnógrafo a denegação do Édipo através de uma variante sua, o complexo nuclear irmão-irmã.

A grelha da representação de palavras e de coisas enquanto mecanismo operatório do inconsciente permite-nos continuar a explorar, sempre centrados na fixação ao objecto materno por parte do etnógrafo, algum do conteúdo manifesto dos restantes sonhos de Malinowski. A 30 de Junho de 1918, já depois de saber da morte da mãe, o investigador relata-nos que "Ao pôr do Sol fui para o *ibuaku* e falei com *Monakewo* sobre a cópula sexual (...) Á noite, triste, sonhos nostálgicos, sentimentos infantis. Sonhei com Varsóvia, sobre o nosso apartamento perto da escola, sobre um apartamento qualquer com casa de banho (Zenia e Stas) em Varsóvia. Tudo permeado pela presença da Mãe (…) Acordava a cada minuto. Afogado em tristeza pela manhã. Fui para a estrada e chorei − flashs súbitos de intuição, visões do passado. A vida perfurada pela seta da dôr, sentimentos de culpa, coisas irrecuperáveis. − Detalhes pormenorizados recuperados: o linho que a Mãe me deu quando parti. Memórias contínuas e associações. Por vezes uma tristeza acutilante − Chorei (luxúria de fortes sentimentos). Noutros momentos um verdadeiro luto, desespero, entorpecimento na dor. − Muitas coisas que não posso encarar − retorno à Polónia, memórias dos últimos dias, coisas perdidas. Trabalho científico e planos para o futuro são as únicas coisas que me confortam − mas ainda assim sou levado pela dor, em alguns momentos" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 295)[445].

[445] "In the evening went to the [ibuaku] and talked with Monakewo about copulation (…) At night, sad, plaintive dreams, like childhood feelings. I dreamed about Warsaw, about our apartment in the boarding school, about some apartment with a bathroom (Zenia and Stas) in Warsaw. Everything permeated with Mother (…) Woke up every other minute. By morning drowned in sadness. Went out on the road and wept. - Sudden flashes of understanding, visions of the past. Life pierced wit the arrow of grief, guilt feelings, irretrievable things. - Tiny details recollected: the linen Mother gave me when I left. Continual memories and associations. At moments an accute, sweet sorrow - I wept (the luxury of strong feelings). At other moments, true morning, despair, numbness in grief. - Many things I can't look at - return to Poland, memories of last days, things squandered. Scientific work and plans for the future are the only things that comfort me ─ but I am carried away by grief at moments, even so" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 295).

A morte da mãe dá origem a uma corrente associativa de ideias que provoca uma regressão.

É possível detectar no conteúdo manifesto do sonho uma representação de palavra "Warsaw" e uma representação de coisa ("War" + "saw"). A representação de coisa "saw" (ver, visto) remete para a representação de palavra "visions of the past" (coisas do passado), visões do passado com a mãe; "War" (guerra) para a representação de palavra "theater of war" (teatro de guerra) relatada no sonho de 21 de Janeiro de 1918. Neste sonho, já comentado, trata-se da execução de uma inspecção, por parte de Malinowski, a edifícios alemães administrados por ingleses. Trata-se também da desconfiança conjecturada de uma possível traição por parte de uma mulher que seria Elsie Masson, sua noiva. A conjugação dos dois sonhos permite-nos então a formulação das seguintes hipóteses: o conteúdo explícito do deste sonho equaciona a identidade do apartamento e do corpo da mãe; a figura materna permeia toda a acção do sonho. Se no sonho de 21 de Janeiro de 1918 era Malinowski quem inspeccionava edifícios alemães, administrados por ingleses (possível imputação de uma efeminação a um pai que se deixava controlar por uma mãe), agora é Malinowski que "inspecciona" o próprio corpo da mãe e da acção que nele decorre. A traição imaginada por parte de Elsie e da qual Malinowski seria a vítima é agora explicitada neste sonho como uma traição da própria mãe que abandona o filho. Temos a aqui a terceira teoria infantil, evocada por Freud (1908/1996b, p. 199), da concepção sádica do coito. O corpo da mãe é um "teatro de guerra" e Malinowski vê (*saw*; *to see*) a sua invasão levada a cabo por um "porco alemão mascarado" enquanto figura paterna. A casa de banho contida no apartamento representa o ânus e os órgãos genitais maternos (a casa de banho é o lugar da aquisição do controlo esfincteriano levado a cabo pela criança nas fases anal e genital). A presença de Zenia e Stasz na casa de banho – uma das suas amantes e o mais íntimo amigo de Malinowski com quem este cortou relações pouco antes de empreender a viagem à Nova-Guiné (note-se a ambivalência afectiva típica do filho para com o pai aqui deslocada para o amigo) ─ encobre o concepção sádica do coito (real ou imaginada) entre os respectivos pais.

No fim tudo está "permeado pela Mãe": entendemos estar diante de uma defesacontra o desejo edipiano pela mãe, defesa enquanto projecção deste desejo no sistema de matrilinear trobriandês. Tudo está permeado pela mãe tal como no sistema de parentesco trobriandês tudo está permeado pela filiação matrilinear.

O tema da traição e do abandono materno já estava presente em sonhos anteriores, como o de 15 de Novembro de 1917: "Fui para a cama, pensando em Elsie. Sonho: numa esquina de M. H., espero o comboio que vai para Brighton [um subúrbio de Melburne]. Olho e escuto − será que vem? Apanho-o na esquina. Tenho pena de estar sozinho e que E. R. M. não esteja aqui. Penso no dia em que voltarei a Melbourne, e ela me irá encontrar na estação, e continuaremos juntos" (1914-18/1989, p. 116)[446].

O que parece estar presente neste sonho é o tema da sexualidade adiada com Elsie e, portanto, a confirmação da imagem ideal de Elsie enquanto figura materna desprovida de sexualidade. Note-se o simbolismo da estação de caminhos-de-ferro e do comboio. Segundo Freud, a estação de caminhos-de-ferro serve para o tráfego, a intercomunicação, portanto para a relação sexual (Freud, 1901/1996a, p. 97, n. 3). Uma relação sexual ausente ─ a amante não se encontra presente.

A representação de palavra "Melbourne" contém uma outra representação de palavra ou significante, "elb", presente em "Felbaum", o Professor de química, num sonho de 21 de Janeiro de 1915: "Ao pôr do Sol li a *Conquista do México*. Deixei-me dormir rapidamente. Sonhos estranhos. Num deles sonhei que estava a experimentar de novo as descobertas químicas feitas pelo Dr. Felbaum e por Gumplowicz, e que estava a ler os seus trabalhos, ou antes, a estudá-los a partir de um livro. Eu encontrava-me num canto do laboratório. Uma mesa, instrumentos, e o Dr. Felbaum lá sentado. Ele fez seis invenções; estudou química: Vi perante mim um livro aberto e li os seus estudos. Depois Gumplowicz; ele tinha alguns problemas. − Nos sonhos, a imensa rapidez das experiências consiste numa apreensão sintética de vários complexos" (Malinowski, 1914-

[446] "I went to bed, thinking of Elsie. Dream: at the corner of M.H., am waiting for tram going to Brighton [a suburb of Melbourne]. I look and listen - is it coming? I catch it at the corner. I am sorry that I am alone and that E. R. M. is not there. I think of the day when I will be back at Melb., and she'll meet me at the station, and we'll ride again up front" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 116).

18/1989, p. 70)[447]. Malinowski encontra-se a um canto do hospital de Melbourne, tal como se encontrava a um canto do laboratório dirigido por Felbaum. Tenhamos presente que Elsie era enfermeira. Neste sentido, na continuidade da falta de saúde de Malinowski, temos uma enfermeira amante que exerce autoridade num espaço próprio: o hospital. Mas exerce também cuidados de saúde aos doentes e aos necessitados, ou seja, funciona como mãe. Temos presente uma homologia de cenas entre estes dois sonhos: no sonho de 21 de Janeiro de 1915 um professor-pai que exerce funções de chefia num laboratório. No presente sonho uma enfermeira-amante-mãe. Mas as conclusões de ambos são opostas. No sonho de Janeiro de 1915 Malinowski lê com sucesso o livro de fórmulas secretas de Felbaum, acto que encaramos como uma sublimação pela via da escrita e da produção da obra científica, sublimação que enfrenta a autoridade paterna com quem o etnógrafo compete. Neste sonho, uma saída solitária a partir do hospital de Melbourne que interpretamos como um abandono materno ou, no caso de Elsie, de uma possível traição – ela não apareceu. Tanto o "laboratório" no sonho de Janeiro de 1915, quanto o "hospital" neste sonho, condensam muito bem, em nossa opinião, a vivência de Malinowski nas Trobriand: um trabalho de campo experimental (como num laboratório) levado a cabo com o objectivo de conquistar um espaço teórico na ciência social da época e uma vivência dolorosa caracterizada pelo desgaste físico e emocional.

Menos de dois meses antes já a competição com a figura paterna tinha sido anunciada noutro sonho. A 3 de Dezembro de 1914, o etnógrafo relata o seguinte acontecimento: "Na prisão conheci um polícia que tinha acabado de regressar da Nova-Guiné alemã, e seis prisioneiros que tinham espancado um missionário. Visita ao barco. Rostos alemães brutais" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 46-47)[448].

---

[447] "In the evening I read Conquest of Mexico. Fell asleep quickly. Strange dreams. In one I dreamed that I was re-experiencing the chemical discoveries made by [Dr. Felbaum] and Gumplowicz, and that I was reading their works or rather studying them from a book. I was in the corner of a laboratory. A table, instruments, and [Dr. Felbaum] sitting there. He made six inventions; he studied chemistry: I saw an open book before me and I read his studies. Then Gumplowicz; he had some problems of his own. - In dreams, the immense rapidity of experiences consists in the synthetic apprehension of complexes" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 70).

[448] "In the *jail* I met a policeman who had just come back from *German* Ne[w] G[uinea], and six prisoners who had beaten up a missionary. Visit to ship. Brutish German faces" (Malinowski, 1914-18/1989, pp. 46-47).

O significante "seis" denota uma ligação com o episódio dos seis prisioneiros e o polícia alemão que já comentámos enquanto substituto da autoridade paterna. Notar que tal como as invenções pertencem ao professor Felbaum também os prisioneiros pertencem ao polícia alemão. Ora, quem rouba invenções está na posição de ladrão e, consequentemente, na possibilidade de se tornar um prisioneiro. Trata-se de um roubo de fórmulas de química (Malinowski teve formação inicial em química), fórmulas que lidam com os segredos da matéria enquanto avatares da figura materna e seus substitutos. Sendo Felbaum professor de química, tal como o pai de Elsie, é de prever que o trabalho do sonho tenha deslocado e condensado a figura do pai de Elsie para a do professor Felbaum e a própria Elsie para as fórmulas que Malinowski lê num acto transgressivo. Aqui temos, portanto, o acto de leitura como um roubo e a equiparação entre Elsie, a mãe de Malinowski e a matéria. Mas poderemos ainda ver em Felbaum um deslocamento e uma condensação das figuras do próprio pai de Malinowski e do pai de Elsie. O que leva a admitir que as relações entre Malinowski e estas duas figuras não fossem as melhores. Poderemos ainda acrescentar a figura de Glumpowicz enquanto substituição do próprio Malinowski, e a relação Gumplowicz / Felbaum como uma relação hierárquica laboral substitutiva da relação entre Malinowski e o respectivo pai. O sonho denota também uma cena de incesto na qual Malinowski rouba para si a mãe-matéria expressa numa fórmula química (meio de expressão cognitivo civilizacional). Note-se que Gumplowicz era um polaco amigo de Malinowski. Explicitamente o sonho não expressa sentimentos de culpa, mas denota a existência de "problemas próprios" relativos a Gumplowicz, ou seja, a Malinowski. Se o acto de leitura é entendido como um roubo de descobertas alheias, o acto de escrita (diário e restante obra científica) pode ser visto como uma reconstrução (acto reparador) daquilo que foi roubado: a mãe e respectiva relação com ela estabelecida. O roubo das fórmulas a partir de um livro que não lhe pertence evoca sobretudo, em nossa opinião, a satisfação do desejo de passar à posterioridade com obra feita publicada em forma de livro, aquilo que Malinowski (1922/1961) virá a fazer com os *Argonautas do Pacífico Ocidental*, obra maior sobre a etnografia Trobriand. Há aqui uma culpa devida a um apossamento daquilo que o etnógrafo sente não lhe pertencer: escritos produzidos sobre descobertas num laboratório, o "laboratório" das Trobriand, um trabalho de campo num meio físico, psicológico e social com o qual o etnógrafo não se

identifica. Mas trata-se também de um laboratório com o qual o etnógrafo já teve uma proximidade que não tem na altura do sonho: Malinowski começou a carreira académica como químico abandonando-a posteriormente em favor da antropologia, da mesma forma que teve proximidade com uma mãe que já não tem na altura do trabalho de campo nas Trobriand. Foi, aliás, a mãe que o ajudou na altura desta transição incentivando-o a levá-la a cabo.

A Terra e a Mãe

← Índice

Na cadeia associativa do diário, e a fim de postularmos a nossa equação relativa à identidade entre mãe e terra, temos que detectar alusões à terra natal do etnógrafo, alusões que por contiguidade investirão com o afecto correspondente aquelas que com elas se encontram associadas. Malinowski visita *Belerepu*, aldeia situada numa das ilhas. Na viagem de ida o etnógrafo descreve a paisagem vivenciada: "Esta parte da viagem recorda-me fortemente um cruzeiro no lago de Genebra: baías alinhadas com vegetação luxuriante, saturadas de azul, inclinadas contra uma grande cadeia de montanhas. Estava incapaz de me concentrar nesta paisagem. Nada como o nosso Tatras [montanhas dos Cárpatos] em Olcza, onde apetece deitarmo-nos e abraçarmos fisicamente a paisagem − onde cada canto sussurra com a promessa de uma felicidade misteriosamente já experimentada. Aqui fora os maravilhosos abismos de verdura são inacessíveis, hostis, estranhos ao homem. A incomparavelmente bonita selva de mangue é nalguns sítios fechados um pântano infernal, mal cheiroso e escorregadio, onde é impossível dar três passos através da extensa confusão de raízes e de lama; onde não se pode tocar em nada. A selva é quase inacessível, cheia de todo o tipo de sujidade e de répteis; sufocante, húmida, cansativa" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 24)[449].

O mecanismo de identificação por oposição, típico do processo primário dos sonhos, está aqui evidenciado. Duas associações são confrontadas: uma paisagem presenciada nas Trobriand, outra relativa aos Cárpatos. O afecto inerente à «representação de palavra» (paisagem dos Cárpatos) é deslocado e investido na «representação de coisa» (paisagem Trobriand). Note-se que há duas imagens, uma das quais remetemos para a *representação*

[449] "This part of the trip reminds me most strongly of cruising on the lake of Geneva: shores lined with luxuriant vegetation, saturated with blue, leaning against a great wall of moutains. I was unable to concentrate amid this landscape. Not at all like our Tatras [mountains in the Carpathians] at Olcza, where you'd like to lie down and embrace the landscape physically – where every corner whispers with the promisse of some mysteriously experienced happiness. Out here the marvelous abysses of verdure are inaccessible, hostile, alien to man. The incomparably beautiful mangrove jungle is at close quarters an infernal, stinking, slippery swamp, where it is impossible to walk three steps through the thick tangle of roots and soft mud; where you cannot touch anything. The jungle is almost inaccessible, full of all kinds of filth and reptiles; sultry, damp, tiring" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 24).

de coisa (paisagem Trobriand), a outra para a *representação de palavra* (paisagem dos Cárpatos). Trata-se da diferenciação de dois elementos da mesma natureza (imagens) que separámos em duas representações diferentes. Importa explicar porquê. Segundo Freud, sendo a representação de coisa identificada com o inconsciente, temos que ligar a imagem, descrita no texto, que mais condensação e deslocamento sofreu, logo mais distorção simbólica apresenta, à representação de coisa. Trata-se de uma imagem que na cadeia associativa textual se liga a um conjunto de traços mnésicos que foram objecto de uma maior *reorganização* ou *combinatória*. Se usarmos uma metáfora «tópica», poderemos dizer que está "mais longe" da consciência do seu significado "autêntico" pois este reside na imagem que, via Cárpatos, mais próxima se encontra da infância, isto é, da mãe. Consideramos que, nesta perspectiva, ambas as imagens (independentemente uma da outra) são representações de coisa uma vez não evocarem explícitamente a sua ligação ao desejo incestuoso pela mãe. Mas a sua associação, na produção do significado simbólico do texto, implica que uma (Cárpatos) se torne representação recalcada da outra, representação recalcante (Trobriand). Ambas as representações são "guiadas" pela *representação-meta*[450]. O conteúdo inconsciente da representação de coisa é-nos mostrado pela associação à "floresta" - "infernal", "fedorenta", "escorregadia", "pantanosa", "lamacenta", mas sobretudo "inacessível", "hostil", "estranha ao homem", "cheia de répteis". Esta cadeia de representações (outros diriam "significantes"), estagna temporariamente no seu ímpeto associativo devido a uma representação de palavra que evoca uma recordação ligada a episódios da infância do autor. Devemos notar o contraste nítido entre o "abraçar a terra" (acto permitido), traço mnésico que remetemos para a nossa representação de palavra e a "inacessibilidade" e acima de tudo o "não poder tocar em nada", componentes da descrição relativa à floresta Trobriand (tabu do toque). O que não se pode tocar, por deslocamento e condensação, na floresta trobriand é precisamente o que se podia tocar, abraçar, envolver, nos Cárpatos: a terra, isto é, a mãe. O estancamento da cadeia associativa é uma expressão da censura de uma mãe influente que, ausente nas trobriand, se tornou representativa do superego.

[450] Sobre o conceito de *representação-meta* ver Laplanche & Pontalis (1967/1994).

O comentário deste breve trecho permite-nos operar, em continuidade, uma passagem para o modo como o etnógrafo encara as mulheres nativas que o atraem, assim como a ausência, durante o trabalho de campo, das mulheres que com ele privaram.

Poderíamos definir a atitude sexual que melhor caracterizou o autor, relativamente às mulheres trobriand, numa só expressão: tabu do toque. De facto, Malinowski, apesar da grande atracção sexual relativamente às nativas nunca manteve com elas qualquer relação de natureza sexual, e, mesmo nas duas únicas vezes que tocou nessas mulheres, os sentimentos de culpa e auto-censura irromperam na consciência de tal modo que se viu obrigado a registá-los no diário. Eis o relato do etnógrafo sobre o acontecimento datado de 4 de Maio de 1918: “”Ao pôr do Sol dei um curto passeio. Encontrei um lugar para montar a tenda. Depois, música na casa de George Auerbach; apalpei *Jabulona*, e tive sentimentos de culpa” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 268)[451]. Face à irrupção da culpa na consciência o autor esboça para si próprio um sistema superegóico à base de restrições morais: “A falta absoluta de «personalidade moral» é desastrosa. Por exemplo, o meu comportamento em casa do George: ter apalpado *Jabulona*, dançado com ela, etc., tudo isto é causado principalmente pelo desejo de impressionar os outros: não devo fumar, não devo tocar numa mulher com intenções eróticas, não devo traír E. R. M. mentalmente, ou seja, não devo recordar as minhas relações anteriores com mulheres ou pensar noutras futuramente... Preservar a personalidade intima perante todas as dificuldades e vicissitudes: Não devo sacrificar princípios morais ou trabalho essencial apenas para «dar nas vistas», ou para manter a disposição para o convívio, etc. A minha príncipal tarefa agora deve ser: trabalho. *Logo*: ao trabalho! ” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 268)[452].

---

[451] “*In the evening took a short walk. Pickced a place for tent. Then, at George’s [George Auerbach], gramophone; I pawed Jabulona, and had guilt feelings*” (Malinowski, 1914-18/1989, p. 268).

[452] “The total lack of «moral personality» is disastrous. For instance, my behavior at George’s: my pawing of Jab., dancing with her, etc., is caused mainly by a desire to impress the other fellows: I must not smoke, I must not touch a woman with sub-erotic intentions, I must not betray E. R. M. mentally, i.e., recall my previous relations with women, or think about future ones… Preserve inner personality through all difficulties and vicissitudes: I must never sacrifice moral principles or essential work to «posing», to

No mesmo sentido vai esta afirmação, transcrita em 12 de Abril de 1918: "Princípios morais: Não devo deixar-me tomar consciência de que as outras mulheres têm corpos, de que elas copulam" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 249)[453]. O mesmo deve ter fantasiado Malinowski no seu período edipiano relativamente à figura materna. O fantasma, segundo o qual a mãe não copula, implica que não copula com o pai, logo permanece propriedade da criança.

Voltamos ao tema da putificação feminina mais atrás denunciado. Esta espécie de "putificação" das mulheres Kiriwina merece uma observação. Em continuidade com o que temos defendido até agora, temos todo um sistema defensivo expresso no vocábulo «*puta», «prostituta»* ("*whore*") que censura explícita e integralmente a sexualidade trobriand. Malinowski não aceita, afinal, que as mulheres sejam de todos, não aceita a "promiscuidade" sexual nativa. Notemos, no entanto, que tal é uma projecção da sua própria vivência edipiana. Órfão de pai desde os 14 anos, e com uma relação extremamente chegada à mãe, Malinowski apenas censura no sistema sexual trobriand aquilo que ele próprio teme na sua escolha de objecto sexual: a mãe. Se seguirmos uma linha de coerência veremos que a partilha da mãe entre a criança e o pai é uma "putificação" ou "prostituição" da própria mãe: ela passa a ser propriedade de mais de um homem. O que Malinowski teme, portanto, na sua auto-proibição superegóica de "tocar" qualquer "prostituta" Kiriwina é a castração, neste caso a humilhação de ser confrontado com a presença fantasmática da marca de outros homens que pela mesma mulher já tenham «passado», tal como o seu pai terá «passado» pela sua mãe. As denominadas "putas" kirwina são-no na medida da proporção directa do seu desejo. A liberdade sexual entre os Trobriand tal como referida por Malinowski contém uma dose de censura na medida em que corresponde aos desejos não realizados de grande parte dos homens ocidentais. Pulman (2002) identificou bem esta situação quando referiu que "(...) ao longo da sua permanência nas Trobriand, Malinowski encontrou-se perante um desejo

---

convivial *stimmung*, etc. My main task now must be: work. *Ergo*: work!" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 268).

[453] "*Moral tenets: I must never left myself become aware of the fact that other women have bodies, that they copulate*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 249).

intenso pelas mulheres nativas. Sabemos também que, atormentado por um forte sentimento de culpa, entrou em conflito com o seu próprio comportamento a fim de evitar que «a magia de E. R. M.» fôsse «sumbergida por uma vaga de corrupção» (*Diário,* 21 de Abril de 1918). Sabemos ainda que trabalho etnográfico se encontrava no centro deste combate: «Frequentemente pensava em E. R M. com o sentimento de que o trabalho obstinado me aproximava dela» (9 e Maio de 1918). Nestas condições, a questão da vida sexual dos selvagens não podia constituír para Malinowski uma preocupação puramente objectiva. Trata-se de uma questão que se colocava antes de mais a ele próprio. O que as obras científicas de Malinowski ostentam enquanto resultado de uma observação «verdadeira, neutra, imparcial» (*Argonautas do Pacífico Ocidental*) como a ideia de que reinaria nas Trobriand uma liberdade sexual extrema contrastando com aquilo que conhecemos no Ocidente, recobre afinal uma verdade que é muito mais do foro pessoal. Isto é, nas Trobriand existiam costumes sexuais que entraram em ressonância com os seus próprios desejos e que vieram reforçar o que para Malinowski já era da ordem do interdito. Dito de outro modo, o que Malinowski designa como sendo a liberdade sexual dos Trobriandeses é algo que aparece como sendo uma liberdade porque esta liberdade foi experimentada por ele próprio como sendo inacessível" (pp. 113-114)[454]. Autores tais como Reich (1931/1988) vieram a sofrer forte influência a partir das teses de Malinowski (1929/1983) sobre a vida sexual dos trobriand. Reich (1931/1988, 1945/1979), um dos epígonos da sexologia recuperados pela geração de 60 para a suposta revolução sexual à ocidental, quis inclusive modelar o conceito de "carácter genital" enquanto sinónimo da ausência de perversões sexuais baseado em algumas evidências empíricas descritas por

[454] "(...) tout au long de son séjour au Trobriand, il s'est trouvé sous l'emprise d'un puissant désir pour les femmes indigènes. Nous savons aussi que, tourmenté par un intense sentiment de culpabilité, il n'a pas cessé de se battre avec sees propres gestes, pour éviter que «la magie d'E.R.M.» ne soit irrévocablement «submergée par une vague de corruption» (*Journal*, 21 Avril 1918). Nous savons enfin que le travail étnographique se trouvait lui-même au coeur de ce combat: «Souven songé à E.R.M. avec un sentiment q'un travail acharné me raproche d'elle» (9 mai 1918). Dans ces conditions, la question de la vie sexuelle des sauvages n'a pas pu constiuer pour Malinowski une préocupation purement objective. Il s'agissait d'une question qui se posait aussi et sans doute d'abord pour lui. Ce que les ouvrages scientifiques de Malinowski déploient comme le résultat d'une observation «vraie, neutre, impartiale» [*Argonauts of the Western Pacific*] soi l'idée qu'il régnerait aux Trobriand une extrême liberté sexuelle faisant contraste avec ce que nous connaissons en Occident, recouvre une vérité qui est en fait beacoup plus personnelle. À savoir qu'il règne aux Trobriand des moeurs sexuelles qui sont entrées en résonance avec ses propres désirs et qui sont venus souligner ce qui était pour lui de l'ordre de l'interdit. Autrement dit, ce que Malinowski désigne comme étant la liberté sexuelle des Trobriandais est quelque chose qui dépeint comme étant une liberté parce que cette liberté il 'a éprouvée d'abord comme inaccessible à lui même" (Pulman, 2002, pp. 113-114).

Malinowski entre os Trobriand. Não obstante, a componente subjectiva do etnógrafo está presente nas suas concepções e importa tê-la em conta para uma melhor consciencialização dos limites e potencialidades da etnografia enquanto prática indispensável em psicologia, psicanálise e ciências sociais.

Luta Edipiana pela Supremacia na Disciplina-Mãe

← Índice

É extremamente oportuno notarmos, agora, como a ambição científica do etnógrafo se coaduna melhor com a sua sexualidade e a dos outros que observa. A censurada "prostituição" das mulheres Kiriwina esconde, na nossa perspectiva, um medo da humilhação face à comparação fantasmática entre homens através do corpo das mulheres. Aqui voltamos ao Édipo e à castração quer real quer simbólica receada por parte de uma criança que, desejando a posse sexual da mãe, sairá sempre derrotada se comparada com o poder paterno. Ora, nesta perspectiva, existe algo na missão científica do etnólogo que se aproxima de uma concepção virginal imaculada: o trabalho de campo etnográfico sistemático, executado de acordo com princípios científicos organizados. Isto não existia em ciência social. Tratava-se, até Malinowski, de uma ciência de especulações sobre as origens humanas, a organização social, a estrutura psicológica do pensamento humano universal. Malinowski "desvirginou", marcou, cunhou esta forma revolucionária de fazer ciência humana: teorizar enquanto se interactua com o objecto (exótico, neste caso) em análise. Tratou-se de um duplo "desvirginamento": teórico, enquanto marca de uma nova concepção da prática etnográfica e "sexual" na medida em que nada se sabia, até então, sobre as práticas sexuais naquela zona do Sul do Pacífico. Naturalmente, Malinowski teve que competir, edipianamente, com os "pais" fundadores da etnologia: Frazer, Haddon, Spencer e Gillen, até os próprios Rivers e Seligman, seus mentores de trabalho de campo: "*Pensei no trabalho etnográfico: melhor do que o de Spencer e Gillen, melhor do que todos os outros. Deverei escrever a Frazer e a Seligman? Controlei-me: tudo o que interessa é o que estou a fazer agora*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 215)[455]. Nesta altura já não vale a pena dar satisfações às figuras de autoridade na disciplina. Afinal o etnógrafo sente que o futuro lhe promete felicidades vindouras face ao trabalho em fase de acabamento, futuro que logo no início do diário tinha sido pressentido como que por inspiração.

---

[455] "*I thought about etnogr. work: better than Sp & G's. [Spencer and Gillen], better than all the others. Should I write to Frazer and Seligman? I collected myself: all that matters is what I am doing right now*" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 215).

A sua inovação sobre o modo de fazer etnografia, sobre as concepções de trabalho de terreno, identificaram-se de tal modo com a "prática etnográfica" que esta passou a ocupar o lugar de «mãe substituta». Porque se Malinowski é o inventor do «trabalho de campo etnográfico» e o primeiro a fazê-lo, também o próprio trabalho de campo refaz Malinowski na experiência adquirida e "concebe" um autor que desde então é figura fundadora de um campo estudos. Na sua luta edipiana, o "filho" Malinowski substituiu os "pais" totémicos fundadores da disciplina-mãe.

Sobre a Evidência do Conteúdo Manifesto

← Índice

Parece ter sido uma característica de Malinowski a rejeição da elaboração teórica da sua configuração emocional edipiana na construção da sua obra, particularmente nas vertentes que se relacionavam com os temas da psicanálise. A este respeito um dos notáveis conteúdos manifestos dos seus escritos aponta para a confirmação desta afirmação. Uma dezena de anos antes do começo da sua empreitada revolucionária nas Trobriand, escrevia o autor sobre as formas mais fiéis de representação da tragédia humana que "(...) a tragédia é uma forma na qual a vida humana, passando por intermédio do trágico, se constitui como dimensão onde o criador se move. É minha impressão geral que a tragédia contém uma forma de feitiço especial. Sempre tive a esperança de poder encontrar na tragédia alguma espécie de resolução extraordinária para enigmas misteriosos, que ainda não consegui sequer formular para mim próprio, mas de cuja existência já tive o pressentimento. No entanto nenhuma forma de arte concreta preencheu as minhas expectativas, especialmente os dramas e tragédias contemporâneos como os Polacos, os Escandinavos, mas também os trabalhos de Schiller, Lessing, Goethe, Calderon; várias peças exóticas, tais como as Indianas e as Japonesas. Até as tragédias de Shakespeare, embora atraiam a minha atenção enquanto as vejo ou leio, especialmente através do seu magnífico estilo e por abrirem novos mundos, deixam não obstante no fim um vazio de expectativas por preencher, e a impossibilidade de integrar numa unidade mais alta o que experienciei. Apenas a execução de Édipo Rei me deu a distinta satisfação do meu desejo pelo trágico. Por uma vez tive a impressão de que estava a ver uma tragédia real. Ocorreu-me que em grande parte isto se devia ao acaso, à atmosfera do momento, à sugestão" (Malinowski, 1904-05/1993, p. 81)[456].

[456] "It is because tragedy is a form in which human life, passing through the medium of the tragic, is the dimension in which the creator moves. It is my general impression that tragedy casts some sort of special spell. I have always hoped that in tragedy I might find some sort of extraordinary resolutions to mysterious riddles, which I have not even been in the position of formulating to myself, but of whose existence I have had a presentiment. But no concrete work of art has ever fulfilled my expectations, especially contemporary dramas and tragedies such as Polish, Scandinavian, but also works by Schiller, Lessing, Goethe, Calderon; various exotic pieces, such as Indian or Japanese. Even Shakespeare's tragedies, although they always strongly attract my attention while reading or watching them, especially through their magnificent style and by opening up whole worlds, in the end left a vacuum of unfulfilled expectations, the impossibility of integrating what had been experienced into a higher unity. Only a performance of Oedipus Rex gave me a

O gosto pela tragédia edipiana parece ter-se mantido na interpretação científica que o etnógrafo fez sobre as motivações psicológicas que estavam subjacentes à sexualidade trobriandesa e sobre a sua recusa ou, no mínimo, ambivalência relativamente à importância da configuração edipiana entre os trobriandeses. Wengle (1988) reforça esta posição ao referir que "Um ponto específico de grande interesse psicobiográfico diz respeito ao manuseamento por parte de Malinowski do problema do complexo de Édipo e da sua possível universalidade tentando mostrar a sua não existência entre os ilhéus Trobriandeses. Num livro recente, no entanto, Spiro (*Édipo nas Trobriand*, 1982) argumentou que não apenas os trobriandeses sofrem de preocupações edipianas pouco comuns como também a evidência disto mesmo se encontra presente desde muito cedo nos escritos e dados de Malinowski. Põe-se então a questão de porque razão Malinowski, de um modo geral um etnógrafo bastante sensível, chegou a uma conclusão precisamente oposta daquela sugerida pelos seus dados. Embora uma resposta psicobiográfica completa não possa ser dada aqui − a quantidade de material sobre a vida de Malinowski (...) não permite essa possibilidade − os seguintes pontos devem ser conservados em mente como pontos de partida preliminares. Primeiro, não é inteiramente claro para mim que Malinowski mantenha um ponto de vista consistente sobre a ausência do complexo de Édipo entre os ilhéus das Trobriand. De facto, uma leitura atenta dos seus escritos sobre este assunto revela, penso eu, uma nítida ambivalência da sua parte sobre a ideia do complexo de Édipo em geral e da sua presença ou ausência nas Trobriand. Segundo, a caracterização de Malinowski sobre o pai Ocidental típico em *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* é tão extrema, dura, e contrária à realidade que pede mesmo uma leitura (auto)psicobiográfica. Terceiro, a relação de Malinowski com a mãe parece ter sido invulgarmente íntima e intensa. Esta proximidade, no entanto, parece ter gerado o seu oposto; Malinowski também experimentou a sua mãe como submersora, sufocante, como ameaça sedutora ao desenvolvimento da sua autonomia. Tudo junto, estas supostas relações de objecto mimam a aparência de um complexo de Édipo (ódio ao pai e 'amor' pela mãe) negando simultâneamente a sua validade (medo e fuga da mãe e rápido

---

distinct satisfaction of my desire for the tragic. For once I had the impression that I was seeing a real tragedy. It occurred to me that a great deal of this was due to chance, the atmosphere of the moment, to suggestion" (Malinowski, 1904-05/1993, p. 81).

deslocamento para a própria autonomia por via de uma figura [masculina] apropriada). É a partir deste conjunto temas ou outros similares que a explicação das ideias de Malinowski sobre o complexo de Édipo poderão, suspeito eu, ser encontradas. O tempo e a pesquisa futura resolverão a questão" (179, n. 2)[457].

Algum do conteúdo manifesto de um dos sonhos do diário parece também primar pelo saber inconsciente relativo à importância da temática freudiana na sua própria vida, saber rematado com um reforço da sua denegação na obra científica. A 8 de Junho de 1918, dos poucos sonhos ocorridos após conhecimento da morte da mãe, o etnógrafo relata que "Esta manhã acordei cedo (não dormi muito bem) e tive dois sonhos... horriveis. No primeiro, que foi de tipo freudiano, sentimento de pecaminosidade, maldade, algo repugnante, combinado com luxúria − repulsivo e assustador. De onde virá isto? E este sentimento de fraqueza, que aparece à superfície. Depois uma lentidão e não sei por onde começar" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 290)[458].

---

[457] "A more specific point of great psychobiographic interest concerns Malinowski's handling of the Oedipus complex problem among the universality of the Oedipus complex by demonstrating its nonexistence among the Trobriand Islanders. In a recent book, however, Spiro ([*Oedipus in the Trobriands*], 1982) has argued that not only do the Trobrianders suffer from unusually strong oedipal concerns but that the evidence for this proposition is very early present in Malinowski's own data and writings. The question then becomes why Malinowski, a generally very sensitive ethnographer, reached a conclusion precisely opposite to that suggested by his data. Although complete psychobiographic answer to this question cannot be offered here ─ the amount and depth of the material available on Malinowski's early life (…) precludes that possibility ─ the following points ought to be kept in mind as preliminary starting points. One, it is not entirely clear to me that Malinowski maintained a consistent point of view about the absence of the Oedipus complex in the Trobriand Islanders. In fact, a close reading of his writings on the subject reveals, I think, a marked ambivalence on his part toward the idea of the Oedipus complex in general and its presence or absence in the Trobriand Islanders. Two, Malinowski's characterization of the "typical" Western father in *Sex and Repression in Savage Society* is so extreme, harsh, and contrary to reality that it cries out to be read as (auto)psychobiography. Three, Malinowski's relationship to his mother appears to have been unusually intimate and intense. This closeness, however, appears to have generated its opposite; Malinowski also experienced his mother as a swamping, smothering, seductive threat to his developing sense of self-autonomy. Taken together, these postulated self-object relationships both mimic the appearance of an Oedipus complex (hatred of the father and "love" for the mother) and deny its essential validity (fear of and escape from the mother and flight into self-autonomy via an appropriate [male] figure). It is from within this or some similar set of themes that the explanation of Malinowski's ideas about the Oedipus complex will, I suspect, ultimately be found. Time and future research ought to settle the question" (Wengle, 1988, 179, n. 2).

[458] "This morning I woke early (I deed not sleep very well) and had two horrid… dreams. In first one, wich was of the Freudian type, feeling of sinfulness, evil, something loathsome, combined with lust - repulsive and frightening. What does it come from? And this feeling of wickedness, wich rises to the surface. Then a bit sluggish and I don't know where to begin" (Malinowski, 1914-18/1989, p. 290).

Sobre os sonhos imorais manifestos (e relacionando-os directamente com a problemática edipiana subjacente) referiu Freud (1925/1996b) que "Submetendo-se, em primeiro lugar, esses sonhos à interpretação, descobre-se que alguns deles não ofenderam a censura porque, *au fond*, não possuem um significado mau. São inocentes jactâncias ou identificações que colocam uma máscara de fingimento; não foram censurados porque não contam a verdade. Outros deles, porém — e, devemos admitir, a maioria — realmente significam o que dizem e não experimentaram deformação por parte da censura. São expressão de impulsos imorais, incestuosos e perversos ou de lascívias assassinas e sádicas. Aquele que sonha reage a muitos desses sonhos despertando assustado, caso em que a situação não mais é obscura para nós. A censura negligenciou sua tarefa, o que foi notado tarde demais, e a geração de ansiedade constitui um substituto para a deformação que foi omitida" (p. 146)[459].

Talvez este comentário de Freud (1925/1996b) mostre bem em que consistiu o paradigma que presidiu ao nascimento das ciências sociais e psicológicas: a ausência de um (auto)conhecimento profundo das estruturas psíquicas que animam todo o investigador e, no caso de Malinowski, o nascimento traumático do paradigma dicotómico entre a subjectividade monádica (que só pode ter lugar em diários) e a objectividade do social (pretensamente científica) que passou a marcar a relação entre a psicanálise e a psicologia das profundezas por um lado, e a sociologia e suas variantes por outro.

[459] "If, in the first place, one submits these dreams to interpretation, one finds that some of them have given no offence to the censorship because *au fond* they have no bad meaning. They are innocent boastings or identifications that put up a mask of pretence; they have not been censored because they do not tell the truth. But others of them—and, it must be admitted, the majority—really mean what they say and have undergone no distortion from the censorship. They are an expression of immoral, incestuous and perverse impulses or of murderous and sadistic lusts. The dreamer reacts to many of these dreams by waking up in a fright, in which case the situation is no longer obscure to us. The censorship has neglected its task, this has been noticed too late, and the generation of anxiety is a substitute for the distortion that has been omitted" (Freud, 1925/1981b, pp. 131-132).

Conclusões Gerais

← Índice

A análise do diário de Malinowski teve como objectivo apenas e somente a depuração de um conceito exemplificado com um caso concreto que foi fundamental na primeira tentativa de verificação ao vivo por um investigador de alguns dos postulados da psicanálise. Referimo-nos ao conceito de «aparelho psicoparental» ou «sistema psicoparental».

Entendemos por aparelho ou sistema psicoparental todo o conjunto de relações de um indivíduo com um grupo humano, relações vividas e relações descritas pelo próprio. Todo o sistema psicoparental equacionado nestas duas dimensões pressupõe a "vivência de satisfação" enquadrada no sistema de parentesco no qual "ego" se insere. Pressupõe, também, que inconscientemente todo o "ego" da rede genealógica possa ser afinal um espelho do "ego" do observador, a partir do momento em que começa a teorizá-lo. No caso de Malinowski o sistema psicoparental aplica-se obedecendo a certos pressupostos. Deve enquadrar-se a descrição de Malinowski nos ataques às premissas básicas da psicanálise antes de mais na matrilinhagem trobriand. O tio materno é um homem que embora sendo-lhe reconhecida autoridade no sistema malinowskiano detém um poder que decorre no seio da matrilinhagem. Há, assim, dois sentidos inerentes ao “corpo da matrilinhagem” - enquanto “grupo corporado” e enquanto “corpo da mãe”, enquanto representação de palavra e enquanto representação de coisa. O sistema enquanto razão teórica e razão delirante (cf. Freud, 1912-13/1996, p. 104) é inerente ao sistema malinowskiano do complexo nuclear composto pelas relações entre irmãos. O sistema malinowskiano da etnografia trobriand é um sistema de defesa contra ameaças castradoras masculinas: a autoridade é exercida por um homem (tio materno), mas exercida no corpo materno da matrilinhagem. Quanto a isto Jones contrapõe o argumento complementar, ressalvando a equivalência do tio materno ao pai (Jones, 1924/1951, p. 170) ao passo que Malinowski contrapõe que é sobretudo uma autoridade da mãe (matrilinhagem) que decorre por intermédio de um homem (Malinowski, 1927/2000). O complexo nuclear é descrito como o direccionamento dos instintos sexuais do irmão para

a irmã e não do filho para a mãe, pois assim a castração de um pai não se coloca como se colocaria caso fossem dirigidos para a mãe, ou, no mínimo, colocar-se-ia em pé de igualdade com a autoridade da mãe. Aliás, o trabalho de campo etnográfico como trabalho intelectual no corpo materno identificado com as ilhas trobriand e o povo trobriand colhe fundamento no facto de se tratar de um povo que regula as suas relações de parentesco com base num sistema matrilinear.

Em termos de sistema psicoparental, tentámos explicar também o conflito entre o desejo sexual pelas nativas e a sua auto-proibição superegóica por parte de Malinowski na medida em que tal situação traduz uma transferência e uma identificação com o modo de vida Trobriand uma vez, deste modo, Malinowski comportar-se com a mesma atitude típica de um «irmão» relativamente à sua «irmã» trobriand. Teríamos assim duas configurações psicodinâmicas correlatas, uma em que a auto-proibição de aceder sexualmente às mulheres kiriwina nos equaciona uma identificação entre estas e a mãe de Malinowski. Outra em que a mesma auto proibição é transferida para uma situação social regulada sob a forma de relações tabu entre irmão e irmã. Acontece que, uma vez ser tal tabu um dos componentes do objecto de estudo do etnógrafo, o mesmo irá servir de mecanismo de defesa inconsciente usado pelo etnógrafo, propondo este a substituição do complexo de Édipo pelo complexo nuclear na sociedade trobriand. Se o tio materno e a posição a este conferida pelo sistema de parentesco trobriand substitui (enquanto mecanismo de defesa) no sistema de Malinowski a relação deste com a figura paterna, o complexo nuclear trobriandês substitui (enquanto mecanismo de defesa) a relação do etnógrafo com a respectiva mãe.

Tentámos ainda relacionar as relações transfero-contratransferenciais entre Malinowski e os Trobriand à luz da classificação dos sistemas de parentesco em "classificatórios" e "descritivos". Cada termo de parentesco designaria um "objecto" (pessoa amada e/ou odiada) na acepção do paradigma das relações de objecto em psicanálise. Assim, no caso do anúncio de não voltar a tocar em qualquer “puta” kiriwina, em termos do afecto circulante na rede associativa parental, "puta" remete neste contexto para um mau objecto que neste caso se revela sob um termo classificatório na medida em que condensa e

designa outros homens com os quais Malinowski pode ser comparado, mas condensa também o afecto de outro período da vida inerente à competição edipiana com o pai e condensa ainda a figura da mãe. Em contrapartida, os termos descritivos das relações de parentesco aproximam-se do mecanismo do deslocamento.

Deste modo pudemos supor um possível bloqueamento ou resistência expresso no tratamento das categorias parentais trobriandesas (à luz da psicanálise) por Malinowski – sistema matrilinear versus patrilinear, relação tio materno ─ filho da irmã, papel do pai fisiológico na educação do filho num sistema matrilinear, ignorância da paternidade fisiológica. Na tensão entre o sistema psicoparental de Malinowski e o sistema psicoparental dos trobriandeses o sujeito Malinowski aparece como um sistema psicoparental ocidental condensado projectando, por deslocamento, especularmente, no sistema parental trobriandês as suas vivências parentais outrora categoricamente fixadas pelas pessoas mais importantes que as representaram: pai, mãe, amantes, amigos, etc.

Procurámos, então, construir a hipótese segundo a qual Malinowski vivencia através de uma ideação sobrevalorizada as "relações de parentesco" (Godelier, 1996, p. 42)[460] trobriandesas fazendo circular no sistema de parentesco trobriand os afectos já vividos no sistema de parentesco que foi o seu. Isto implica identificar o modo de vida trobriand ao ocidental em alguns aspectos, o que lhe permite a teorização do trabalho de campo em termos de um comparativismo generalizante e, ao mesmo tempo, num contra-movimento usar o sistema de parentesco trobriand para rebater aquilo que na psicanálise mais o incomodou: a universalidade do Édipo. A ambivalência dos sentimentos é vivida assim no domínio das relações de parentesco.

Há dois sistemas entre os quais se estabelece a "transferência": o sistema psicoparental trobriandês e o sistema psicoparental de Malinowski. As construções teóricas antropopsicanalíticas e antropopsicológicas erigidas sob revisão secundária são feitas sob o signo de revivências de afectos por intermédio de "termos de parentesco" trobriand. O manuseamento e o enquadramento teórico da problemática da vivência do terreno

[460] "rapports de parenté" (Godelier, 1996, p. 42).

constituem o produto acabado do processo transfero-contransferencial marcado essencialmente pela transferência negativa entre Malinowski e os trobriandeses.

O essencial da tese que por agora propomos, exemplificada com os principais aspectos do exemplo vivo de um investigador em acção, cabe num conceito complementar ao de Freud (aparelho psíquico) e que sugerimos designar, como já referimos, por aparelho psicoparental.

O aparelho psicoparental contém toda a psicodinâmica da segunda tópica freudiana embora assente numa estrutura elementar completa, o átomo de parentesco (Lévi-Strauss, 1945/1970, pp. 90-92, 1952/1970, 1973/1993), fundamentada em quatro figuras de parentesco cuja correspondência se verifica em todas as sociedades elementares humanas: pai, mãe, filhos e tio materno enquanto operador de abertura da estrutura.

É preciso postular como princípio que o átomo de parentesco subjaz às formas elementares do pensamento humano na medida em que a sua psicodinâmica (tio materno enquanto representante da proibição do incesto) levou às primeiras formas de classificação dos seres humanos entre si: os sistemas de parentesco que, operando uma distinção entre terminologia classificatória e descritiva[461], orientaram o desejo incestuoso no domínio da escolha objectal para fora da estrutura elementar no prosseguimento da formação do que Freud (1905/1996) designou por "unidades sociais superiores" (p. 213)[462]. É uma das teses de Lacan (1953/1998) adaptada à sua teoria da linguagem. Embora Lacan (1953/1998) nunca tenha desenvolvido em pormenor esta pista, o essencial da sua chamada de atenção pareceu centrar-se no argumento de que o direccionamento do desejo incestuoso para fora da família elementar tem a sua primeira tomada de consciência através da terminologia de parentesco, logo através da linguagem,

[461] Panoff & Perrin (1973/1979) comentam o termo «descritivo» (diferenciando-o do «classificatório») quando o referem como um "Termo de parentesco que, analisando os elos sucessivos de que se compõem a relação de Ego com o parente em questão, combina vários termos elementares para descrever a ligação de parentesco. Assim, em francês, temos um termo descritivo, quando falamos do "irmão da mãe de X...", e um termo classificatório, quando chamamos "tio de X..." à mesma pessoa. Todas as línguas possuem, lado a lado, termos de parentesco descritivos e termos classificatórios, e, portanto, não é possível, como pensava Morgan, opôr 'sistemas descritivos' a 'sistemas classificatórios' " (pp. 54-55).

[462] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).

pois só mediante os termos de parentesco a criança sabe quais os parentes com quem não pode estabelecer relações de aliança. Por exemplo, se todas as suas irmãs consanguíneas e tias forem designadas pelo mesmo termo de parentesco, então a criança aprende que as suas tias (que passam a ser «irmãs» classificatórias) residem na mesma área de interdição que abarca as suas irmãs consanguíneas. Deve ter sido esta ideia que Lacan (1953/1998) tinha em mente quando referiu a lei do incesto como aquela que se faz "(…) conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem. Pois nenhum poder sem as denominações do parentesco está em condições de instituir a ordem das preferências e tabus que atam e tramam, através das gerações, o fio das linhagens" (1953/1998, p. 279)[463].

Vê-se, portanto, como o átomo de parentesco é uma estrutura elementar sujeita a duas forças psicodinâmicas de sentido contrário: uma incestuosa, centrípeta, outra dirigida para o exterior, centrífuga, sublimatória, embora decalcada na estrutura que caracteriza a primeira (os mecanismos de cisão do ego, projecção identificativa, e todos os mecanismos de defesa podem ser aqui enquadrados). Esta parece ter sido, aliás, a grande vantagem que Green (1983) lhe detectou ao referir que "A estrutura do átomo de parentesco vista por Claude Lévi-Strauss tem o grande interesse de fazer figurar, ao nível da geração parental, esta dupla relação de reunião e de separação, relação que se reflecte ao nível do Ego" (p. 92)[464].

Sucede, no entanto, que as sociedades elementares que praticam a troca de seres humanos (nomeadamente a troca de mulheres entre homens) são reguladas por estruturas elementares do parentesco que não têm realidade objectiva nas sociedades ocidentais. É ponto decisivo na nossa tese, portanto, o argumento de que as estruturas elementares do parentesco se verificam no interior do aparelho psíquico, argumento que constituirá o cerne do desenvolvimento no caso Dora, de Freud.

---

[463] "Cette loi se fait donc suffisamment connaître comme identique à un ordre de langage. Car nul pouvoir sans les nominations de la parenté n'est à portée d'instituer l'ordre des préférences et des tabous qui nouent et tressent à travers les générations le fil des lignées" (Lacan, 1953/1966, pp. 156-157).

[464] "La structure de l'atome de parenté vue par Claude Lévi-Strauss a pour le psychanalyste le grand intérêt de figurer, au niveau de la génération parentale, ce double rapport de réunion et de séparation, celle-ci se réfléchissant au niveau d'Ego" (Green, 1983, p. 92).

Este estado de coisas tem em nossa opinião influência modelar nas áreas de saber clínico, nomeadamente na psicologia e psicanálise e nas áreas das ciências sociológicas. O conceito de observação-participante contém o modelo da transferência / contratransferência. Acontece que se trata de um modelo de pesquisa activa enquadrado e explicado pelo confronto complementar entre aparelhos psicoparentais tal como explicados aqui. No contexto psicanalítico das relações de objecto Greenberg & Mitchell (1983/2003) já tinham dado uma explicação sintética que vai de encontro ao que pretendemos expor quando referiram, sobre Sullivan (1938, 1940), que "O campo da psiquiatria é o campo das relações interpessoais — uma personalidade jamais pode ser isolada da complexidade das relações interpessoais nas quais a pessoa vive e existe» (1940, p. 10). Esta afirmação, decepcionantemente simples, constitui a base para a abordagem de Sullivan e contém importantes implicações epistemológicas, metafísicas e metodológicas. Sugere que todo o conhecimento de outra pessoa é mediado pela interacção; vimos a conhecer o outro pela observação do que ele faz, pela observação de nós mesmos na interacção com ele e pela escuta dos relatos que faz das suas interacções e experiências. Neste sentido, quem recolhe os dados nunca é simplesmente um repórter objectivo, mas sim um «observador-participante». «A personalidade torna-se manifesta apenas em situações interpessoais» (1938, p. 32). Sullivan defende que a personalidade não é uma entidade, uma estrutura concreta que pode ser percebida, conhecida e medida. Por definição, a personalidade é um fenómeno temporal, um padrão de interacções e de experiências ao longo do tempo e a única maneira segundo a qual a personalidade pode ser conhecida é através das interacções interpessoais" (pp. 119-120). Pelo nosso lado diríamos que a personalidade assenta numa estrutura psicoparental composta por uma micro-sociedade de personalidades internas intercambiáveis entre si segundo a lógica das estruturas elementares ─ Riviere (1955/1969, p. 57) e Winnicott (1935/2000, p. 204) chamavam-lhes "pessoas internas" ─ previstas no átomo de parentesco.

Os movimentos de Malinowski e de Dora, nesta perspectiva, são simétricos. Malinowski interpreta em determinada medida as relações entre os sexos na cultura Trobriand a partir do vértice do sistema de parentesco ocidental. Ao contrário, Dora faz uma acusação ao

pai e respectivo amigo de que os dois estariam a trocá-la entre si. Esta acusação coloca o aparelho psíquico de Dora no vértice das estruturas elementares do parentesco descritas por Lévi-Strauss para as sociedades elementares. Dois casos de natureza diferente, Malinowski e Dora, tocam-se e colocam-se numa linha de continuidade através de uma relação metonímica. Um investigador que vinca a sua subjectividade contra uma estrutura de parentesco matrilinear globalmente reguladora das relações de todo um povo colhe a contrapartida da sua situação numa mulher que invoca a globalidade das estruturas elementares do parentesco como meio de circunscrição da verdade da sua subjectividade perante uma sociedade europeia moderna eivada de traços patriarcais.

PARTE III – O CASO DORA, DE FREUD

← Índice

Análise do Caso Dora

← Índice

Resumo: *O caso Dora é visto à luz das estruturas elementares do parentesco. A partir da acusação de Dora ao pai, acusação segundo a qual esta seria objecto de troca entre o pai e o Sr K, chegamos ao conceito de troca de objectos. Todos os personagens que povoam o drama de Dora são vistos como produtos de troca entre vontades masculinas. O conceito de troca de objectos revela-se assim fundamental enquanto forjado pela ideia sobrevalorizada da troca no aparelho psíquico de Dora explicando a multiplicidade de identificações entre personagens. Os sonhos de Dora revelam-se como exemplos da ideação sobrevalorizada da troca tal como enunciada pela rapariga. É a ideia da troca que subjaz às transformações das relações entre objectos na história contada assim como às transformações dos sonhos apresentados. A expressão canónica, catalisadora, a simplicidade e a transparência imutável com que a ideia sobrevalorizada da troca é enunciada e mantida por Dora ao longo de toda a história clínica leva-nos a circunscrevê-la no interior de um novo conceito: o de «devaneio emblemático».*

O complexo quadro psicopatológico apresentado por Dora recebe por parte de Freud aquela que consideramos ser a leitura mais enigmática e, simultaneamente, a que melhor caracteriza as relações de natureza psicodinâmica que levaram a rapariga ao encontro do criador da psicanálise.

Em determinado momento da descrição que faz sobre o estado da análise levada a cabo com Dora, Freud (1901/1996a) refere sobre esta que "Quando ficava com o ânimo mais exasperado, impunha-se a ela a concepção de ter sido entregue ao Sr. K. como prémio pela tolerância dele para com as relações entre sua mulher e o pai de Dora; e por trás da

ternura desta pelo pai podia-se pressentir sua fúria por ser usada dessa maneira" (p. 42)[465].

A psicopatologia de Dora, tal como analisada por Freud (1901/1996a), fica nesta perspectiva dentro do paradigma que aqui defendemos. As estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973), assentes na troca de mulheres entre homens, fazem a sua enigmática aparição na superfície da consciência de uma mulher moderna ocidental no decurso de uma psicanálise.

Tal como é sabido, o caso Dora (Freud, 1901/1996a) inaugura a descoberta fundamental do fenómeno da transferência no domínio da clínica psicanalítica. Neste sentido, e partindo da citação acima evocada, importa desde já situar a contratransferência de Freud relativamente à acusação da rapariga. De um modo geral é possível perceber que Freud admitia o relacionamento amoroso de Dora com o Sr. K. como um dos possíveis caminhos para a cura do quadro histérico da rapariga. Precisamente por isto a posição de Freud (1901/1996a) relativamente às queixas sintomáticas da sua analisanda prossegue de modo a tentar entender as motivações psicodinâmicas profundas ─ os "motivos da doença" (pp. 49-50)[466] ─ da sua atitude de rejeição relativamente ao Sr. K. Segundo a rapariga, nas palavras de Freud (1901/1996a), "O pai era insincero, havia um traço de falsidade em seu carácter, só pensava em sua própria satisfação e tinha o dom de arranjar as coisas da maneira que mais lhe conviesse" (p. 42)[467]. Tanto assim era que logo de seguida Freud (1901/1996a) destaca, a partir do discurso de Dora, as afirmações que melhor manifestam a ambiguidade da posição da rapariga relativamente à acusação de ser um mero objecto de troca entre vontades masculinas: "Noutras ocasiões, ela sabia muito bem que era culpada de exagero ao falar assim. Naturalmente, os dois homens nunca haviam firmado um pacto formal de que ela fosse tratada como objecto de troca, tanto mais que seu pai teria recuado horrorizado ante tal insinuação. Mas ele era um desses

[465] "When she was feeling embittered she used to be overcome by the idea that she had been handed over to Herr K. as the price of his tolerating the relations between her father and his wife; and her rage at her father's making such a use of her was visible behind her affection for him" (Freud, 1901/1981a, p. 34).
[466] "motives of illness" (Freud, 1901/1981a, pp. 42-43).
[467] "It was at this time that Dora's criticisms of her father were the most frequent: he was insincere, he had a strain of falseness in his character, he only thought of his own enjoyment, and he had a gift for seeing things in the light which suited him best" (Freud, 1901/1981a, p. 34).

homens que sabem como fugir a um conflito falseando seu julgamento sobre uma das alternativas em oposição. Se lhe tivessem chamado a atenção para a possibilidade de que uma adolescente corresse perigo na companhia constante e não vigiada de um homem insatisfeito com sua própria mulher, ele certamente teria respondido que podia confiar na filha, que um homem como K. jamais poderia ser perigoso para ela e que seu amigo era incapaz de tais intenções. Ou então: que Dora ainda era uma criança e era tratada como criança por K. Mas, na realidade, ocorre que cada um dos dois homens evitava extrair da conduta do outro qualquer consequência que pudesse ser inconveniente para suas próprias pretensões. Assim, o Sr. K. pôde enviar flores a Dora todos os dias por um ano inteiro enquanto esteve por perto, aproveitar todas as oportunidades de dar-lhe presentes valiosos e passar todo o seu tempo livre na companhia dela, sem que os pais da moça discernissem nesse comportamento o carácter de uma corte amorosa" (pp. 42-43)[468].

O que interessa destacar aqui é o conhecimento explícito desta situação por parte de Freud. Dora acerta quando faz a acusação ao pai de pactuar implicitamente com o Sr. K. no sentido de ambos terem os seus objectos amorosos no prolongamento de um acordo tácito mas não verbalizado. Freud quanto a isto não vê qualquer anomalia. Situa-se, aliás, neste contexto como objecto das transferências de afecto de Dora na medida em que substitui as pessoas do pai de Dora e do Sr. K. Note-se que para não sair dos fundamentos psicodinâmicos do sistema de parentesco (sistema psicoparental) que é o seu, essencialmente dominado por vontades masculinas, Freud (1901/1996a) vai centrar em Dora o cerne desta acusação de modo a ver aqui um produto de um sistema de defesa projectivo: "Um rosário de censuras a outras pessoas leva-nos a suspeitar da existência de

[468] "At other times she was quite well aware that she had been guilty of exaggeration in talking like this. The two men had of course never made a formal agreement in which she was treated as an object for barter; her father in particular would have been horrified at any such suggestion. But he was one of those men who know how to evade a dilemma by falsifying their judgement upon one of the conflicting alternatives. If it had been pointed out to him that there might be danger for a growing girl in the constant and unsupervised companionship of a man who had no satisfaction from his own wife, he would have been certain to answer that he could rely upon his daughter, that a man like K. could never be dangerous to her, and that his friend was himself incapable of such intentions, or that Dora was still a child and was treated as a child by K. But as a matter of fact things were in a position in which each of the two men avoided drawing any conclusions from the other's behaviour which would have been awkward for his own plans. It was possible for Herr K. to send Dora flowers every day for a whole year while he was in the neighbourhood, to take every opportunity of giving her valuable presents, and to spend all his spare time in her company, without her parents noticing anything in his behaviour that was characteristic of love-making" (Freud, 1901/1981a, pp. 34-35).

um rosário de autocensuras de conteúdo idêntico. Basta que se volte cada censura isolada para a própria pessoa do falante. Há algo de inegavelmente automático nessa maneira de defender-se de uma autocensura dirigindo a mesma censura contra outrem (…) Também as censuras de Dora a seu pai estavam assim "forradas" ou "revestidas" de autocensuras de conteúdo idêntico, quase sem excepção (…) Tinha razão em achar que seu pai não queria esclarecer o comportamento do Sr. K. em relação a ela para não ser molestado em seu próprio relacionamento com a Sra. K. Mas Dora fizera precisamente a mesma coisa. Tornara-se cúmplice desse relacionamento e repudiara todos os sinais que pudessem mostrar sua verdadeira natureza" (pp. 43-44)[469]. Como se desenvolveu esta cumplicidade de Dora no seu relacionamento com o pai e com o casal dos K? Segundo Freud (1901/1996a, pp. 44-45), procurava sempre não interromper o seu pai quando sabia que este se encontrava na presença da Sr.ª K. Alternativamente, substituía esta situação pelo contacto com os filhos dos K. sempre que estes estivessem por perto. Por outro lado a governanta da casa dos K., rapariga mais velha e mais versada do que Dora em assuntos de natureza intima, encontrava-se enamorada pelo pai de Dora, facto que a levou a acicatar a mãe de Dora no sentido de levar esta a tentar pôr cobro à relação do pai com a Sr.ª K. Não obstante, Dora permanece incólume face aos avisos da governanta sobre o relacionamento amoroso entre o pai e a Sr.ª K. Esta terá sido uma das componentes que permitiram a Freud (1901/1996a) detectar a censura projectiva de Dora sobre o comportamento amoroso do pai. Por outro lado Dora detectou perfeitamente a paixão da governanta pelo pai. A prova disto é que na ausência da Sr.ª K., a agressividade da governanta fazia-se sentir com mais acuidade sobre a mãe de Dora, rival amorosa mais próxima logo após a Sr.ª K. Neste ponto deve notar-se como a interpretação e enquadramento de todo o caso por Freud continua a situar os homens como atractores relativamente a mulheres que por eles competem. Freud situa-se num amplo paradigma

[469] "A string of reproaches against other people leads one to suspect the existence of a string of self-reproaches with the same content. All that need be done is to turn back each particular reproach on to the speaker himself. There is something undeniably automatic about this method of defending oneself against a self-reproach by making the same reproach against some one else (…) Dora's reproaches against her father had a 'lining' or 'backing' of self-reproaches of this kind with a corresponding content in every case (…) She was right in thinking that her father did not wish to look too closely into Herr K.'s behaviour to his daughter, for fear of being disturbed in his own love-affair with Frau K. But Dora herself had done precisely the same thing. She had made herself an accomplice in the affair, and had dismissed from her mind every sign which tended to show its true character" (Freud, 1901/1981a, pp. 35-36).

da troca no qual os homens ocupam os nós centrais de uma rede psicodinâmica por onde passam as motivações femininas em busca de sentido. Logo de seguida dá-se uma abertura nos factores da interpretação sobre as motivações de Dora e Freud (1901/1996a) introduz pela primeira vez a posição homossexual feminina referindo que esta "Só se zangou ao observar que ela própria era totalmente indiferente para a governanta, cuja afeição demonstrada por ela de fato era dirigida a seu pai. Enquanto o pai estava ausente da cidade industrial, a moça não tinha tempo para ela, não queria passear com ela e não se interessava por seus estudos. Mal o pai voltava de B—, ela tornava a se mostrar prestimosa em toda sorte de serviço e ajuda. Por isso Dora a deixou de lado" (p. 44)[470]. Aqui voltamos ao mecanismo de defesa projectivo que actua na consciência sob a forma da censura explícita. Pois se a governanta só demonstra o seu interesse por Dora na presença do pai, assim também Dora só demonstra o seu interesse pelos filhos do casal K. na medida em que assim substitui a mãe ausente que a Sr.ª K. era para eles. Deste modo "(…) ocupar-se de crianças era para Dora um disfarce destinado a ocultar dela mesma e dos outros alguma outra coisa" (p. 45)[471] e, portanto, "Do seu comportamento para com as crianças, considerado à luz da conduta da governanta com ela própria, extraía-se a mesma conclusão que de sua tácita aquiescência às relações do pai com a Sra. K., a saber, que em todos aqueles anos ela estivera apaixonada pelo Sr. K. Quando formulei essa conclusão, não obtive dela nenhum assentimento. É verdade que me disse de imediato que também outras pessoas (por exemplo, uma prima que passara algum tempo com eles em B) lhe tinham dito: "Ora, você é simplesmente louca por este homem!" Mas ela própria não queria lembrar-se de nenhum sentimento dessa ordem. Mais tarde, quando a abundância do material surgido [lhe tornou] difícil persistir na [negação], ela admitiu que poderia ter estado enamorada do Sr. K. em B—, mas declarou que desde a cena do lago isso havia acabado. De qualquer forma, era certo que a censura, por fazer ouvidos de mercador aos chamados imperativos do dever e por arranjar as coisas da maneira mais

[470] "She did not become angry until she observed that she herself was a subject of complete indifference to the governess, whose pretended affection for her was really meant for her father. While her father was away from the manufacturing town the governess had no time to spare for her, would not go for walks with her, and took no interest in her studies. No sooner had her father returned from B than she was once more ready with every sort of service and assistance. Thereupon Dora dropped her" (Freud, 1901/1981a, p. 37).
[471] "Her preoccupation with his children was evidently a cloak for something else that Dora was anxious to hide from herself and from other people" (Freud, 1901/1981a, p. 37).

conveniente do ponto de vista do próprio enamoramento, ou seja, a censura que ela fazia contra o pai recaía sobre sua própria pessoa" (p. 45)[472].

Ao procurar ir ao encontro dos mais profundos "motivos da doença" (Freud, 1901/1996a, pp. 49-50)[473] de Dora, Freud parece colocar-se numa posição ambígua na medida em que, por um lado, o ego do analista tenta ir ao encontro do ego da analisanda nos caminhos sinuosos da "transferência não resolvida"[474] (Rickels, 2002) mas, por outro, Freud responde contratransferencialmente a Dora a partir de posições masculinas no prolongamento daquelas onde se situam tanto o Sr. K. quanto o pai de Dora. Neste sentido retemos aqui a tese de Rudnitzky (1987) ao referir que "o papel de Freud na situação é bastante ambíguo, pois se no curso do tratamento ele 'chegou à conclusão de que a história de Dora tem que corresponder aos factos sob todos os aspectos' (SE, 7), apesar disto continuou a enfatizar a cumplicidade psíquica de Dora no sórdido drama que se desenrolou à sua volta forçando a rapariga no sentido de que o esquema do Sr. K. para ceder a sua mulher ao pai de Dora em troca dela seria 'a única solução possível para todas as partes envolvidas' (SE, 7). Deste modo, Freud fundamentalmente toma o partido dos homens que conspiram para negar a visão de Dora sobre a realidade, e a decisão dela para romper a análise é no seu conjunto uma decisão compreensível" (p. 38)[475]. No dizer

---

[472] "The same inference was to be drawn both from her behaviour towards the children, regarded in the light of the governess's behaviour towards herself, and from her silent acquiescence in her father's relations with Frau K,—namely, that she had all these years been in love with Herr K. When I informed her of this conclusion she did not assent to it. It is true that she at once told me that other people besides (one of her cousins, for instance—a girl who had stopped with them for some time at B−) had said to her: 'Why you're simply wild about that man!' But she herself could not be got to recollect any feelings of the kind. Later on, when the quantity of material that had come up had made it difficult for her to persist in her denial, she admitted that she might have been in love with Herr K. at B , but declared that since the scene by the lake it had all been over. In any case it was quite certain that the reproaches which she made against her father of having been deaf to the most imperative calls of duty and of having seen things in the light which was most convenient from the point of view of his own passions—these reproaches recoiled on her own head" (Freud, 1901/1981a, pp. 37-38).

[473] "motives of illness" (Freud, 1901/1981a, pp. 42-43).

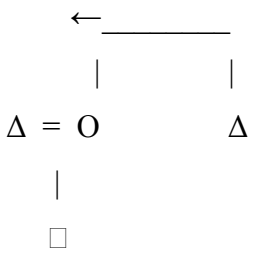
[474] "Her only system of defense - her own continuum of communication, control, command - is unresolved transference" (Rickels, 2002, p. 201).

[475] "Freud's role in the situation is quite ambiguous, for if in the course of the treatment he "came to the conclusion that Dora's history must correspond to the facts in every respect" (SE, 7:46), he nonetheless continued to emphasize Dora's psychic complicity in the sordid drama unfolding around her and to urge the adolescent girl that Herr K.'s scheme to cede his wife to Dora's father in exchange for her "would have been the only possible solution for all the parties concerned"" (Rudnitzky, 1987, p. 38).

de Glenn (1998), comentando Mahony (1996), tratou-se duma "falsa solução"[476] (1998) de Freud para a rapariga. É de notar que não pretendemos, da nossa parte, denunciar procedimentos técnicos mas sim tentar compreender porque razão as coisas se passaram deste modo à luz da tese que aqui propomos.

A fim de clarificarmos o caminho que pretendemos seguir na análise deste caso, vamos proceder à esquematização do *setting* analítico levado a cabo por Freud no contexto onde se move Dora, a família e respectivos amigos. Para tal recorreremos ao denominado átomo psicoparental ou átomo de parentesco (Green, 1983; Lévi-Strauss, 1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) enquanto unidade mínima tradutora das relações de objecto fundamentais no caso Dora.

Esquema do Átomo de Parentesco



Em termos psicodinâmicos o esquema acima reproduzido significa que uma mulher é "dada" na qualidade de irmã, esposa, filha ou sobrinha, por um homem na qualidade de irmão, marido, pai ou tio a outro homem ao qual pode opor resistência ou "aceitar" masoquística e passivamente a sua dádiva enquanto objecto de troca. A simplicidade do esquema apenas contempla as figuras dos irmãos que procedem à troca, mas no prolongamento das gerações as figuras de parentesco condensam-se e deslocam-se (equivalente do processo primário no aparelho psicoparental) de modo que o irmão é também pai, marido, tio e avô e o mesmo se aplica à irmã. A clássica relação ternária prevista pelo complexo de Édipo desde Freud cede lugar, no esquema do átomo de parentesco, a uma relação quaternária. Isto acontece porque o Édipo era visto sobretudo a partir da composição da família tradicional ─ pai, mãe e filhos. Agora passamos a

[476] "false solution" (Glenn, 1998).

integrar a relação germana, de irmãos, na relação entre objectos. O homem que imprime a transferência da mulher é deduzido a partir do lugar topológico do irmão da mãe, tal como acontece na teorização de Lévi-Strauss, podendo ser substituído pelos seus respectivos equivalentes (avôs, pais, maridos) em função da complexidade das análises levadas a cabo. Isto tem uma vantagem clara: o «tio materno» (e seus equivalentes) representa o operador de abertura do complexo de Édipo na medida em que torna inseparáveis o social enquanto aliança de átomos de parentesco e o psíquico constituído pelos processos de identificação realizados no interior dos átomos psicoparentais. Os átomos de parentesco enquanto unidade mínima das estruturas elementares podem neste sentido ser relacionados com os complexos familiares descritos por Lacan (1936/1987) quando o autor entendia este conceito na base do imaginário derivado do estádio especular (Lacan, 1949/1998) compreendido "(…) como um engodo ligado à experiência de uma clivagem entre o ego (*moi*) e o eu ([*je*] o sujeito)" (Roudinesco & Plon, 1997/2000, p. 376). O jogo de identificações e contra-identificações que o ego (*moi*) de Dora faz com os personagens que a rodeiam são identificações levadas a cabo no interior dos átomos de parentesco constitutivos da trama descrita por Freud e que a afastam do sujeito (*je*) da sua ipseidade, do seu self. Freitas (2008b) vê nisto marcas do fenómeno "autista".

Para Freitas (2008b) o conceito de "autismo" é ampliado para o caso Dora a partir das considerações anteriormente feitas por Minkowski (1927/2002) sobre o mesmo. Segundo Freitas (2008b), "Minkowski (1927/2002) organiza a sua psicopatologia a partir da ênfase que dá à estrutura têmporo-espacial como elemento organizador de significações. Embora sua aplicação de seu conceito tenha sido por ele aplicado tão somente ao Transtorno Esquizofrênico, eu estendo esta compreensão para todo transtorno mental cujo ponto nodal é a perda de sintonia com a ipseidade, e com a alteridade, e com o mundo. Sendo assim, a compreensão dos transtornos mentais, em geral, sugere que esses correspondem a modos particulares de estruturas têmporo-espaciais. A perda de sintonia com o mundo, mergulha o indivíduo no principado da memória dos Freitas, seu último bastião de sustentabilidade. Há sempre um grau de despersonalização e desrealização no indivíduo, que não divisa bem as fronteiras entre o eu e o não-eu, e uma falha na subjetividade e

intersubjetividade do senso comum com o meio familiar e social em que vive. Tal tipo de entendimento, estendendo eu a compreensão de Minkowski (1927/2002), é muito bem ilustrado pelo seu estudo sobre a Esquizofrenia (1927/2002), no qual (…) retoma (metaforicamente) o legado bleuleriano, (…) redimensionando e qualificando o conceito de "autismo" (…) (metaforizando, porque ele não está falando no conceito clássico de autismo classificados na CID 10 (Organização Mundial de Saúde, 1992/1993), mas apenas aproveitando o conceito como modelo) (…) isto é, um transtorno da ipseidade e alienação do mundo, falta de sintonia com o meio social" (Freitas, 2008b).

Então, a base "autista" que Freitas (2008b) estende a "todos os transtornos mentais que implicam borramento da ipseidade, confusão do eu com o não-eu, falta de sintonia e de boa adaptação ao meio social" (Freitas, 2008b) estaria latente sob as estruturas elementares do parentesco tal como aqui delineadas, sendo estas um dos vários conjuntos possíveis de "regras, estereótipos e enunciados da MF" (Freitas, 2008b). O caso Dora atesta assim um jogo de identificações múltiplas com os vários personagens que povoam o drama descrito por Freud, drama no qual ela se torna objecto de troca entre vontades masculinas e femininas incluindo a mãe e a Srª. K. Na medida em que é objecto de troca explicável através do átomo de parentesco ela fica fora da sua ipseidade, perde o contacto com a realidade do seu self, "não tem noção clara do si mesmo, estando sem sintonia com o mundo, e em estado de perda do contacto vital com a realidade" (Freitas, 2008b). Aliena-se. E apenas se manifesta, deste modo, como um objecto que circula entre vontades alheias seguindo os trâmites das mulheres que passam pelo mesmo nas sociedades reguladas pelas estruturas elementares do parentesco. As estruturas elementares do parentesco sistematizam enunciados de crença na submissão das mulheres aos homens e a Dora só restam estes como forma de contacto defeituoso com a realidade social e psíquica dos que lhe são próximos.

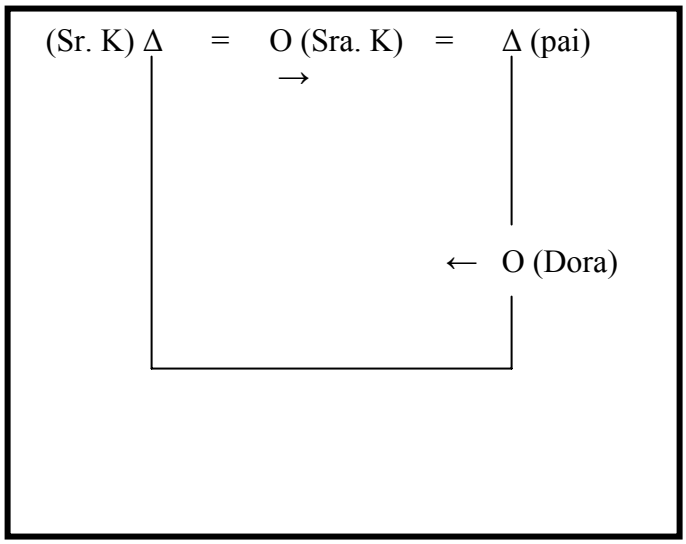
Note-se que a dádiva e contra-dádiva (Mauss, 1923-24) enquanto fenómenos sociais explícitos nos sistemas de parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1973) têm a sua contrapartida no aparelho psíquico na medida em que o investimento objectal cujo caminho é traçado pelas identificações primárias e secundárias do ego é traduzido ao nível dos átomos

psicoparentais pelas dádivas ou transferências de mulheres entre homens. Aceitamos que se diga sobre isto que há um paralelismo entre o mundo interno do aparelho psíquico e o mundo externo da troca de mulheres enquanto fundamento das estruturas elementares dos sistemas de parentesco vividos por muitos povos em determinadas áreas do mundo. Acontece aqui o mesmo que o previsto por Heimann (1969) quando referia, para além do processo de identificação, a introjecção de um objecto pelo ego no contexto da segunda tópica ao adiantar que este " (…) pode permanecer como parte de um mundo interior de objectos com que o ego mantém relações emocionais semelhantes aos relacionamentos exteriores, interpessoais" (p. 267) ou Greenberg & Mitchell (1983/2003) que referiram o conceito de "objecto" como tendo "(…) sido utilizado para descrever quer as pessoas reais no mundo externo quer as imagens que delas são formadas internamente" (p. 34), acrescentando que o respectivo conceito está "em concordância com a experiência dos doentes cujo mundo pode ser descrito por «objectos» que estão activos ou estáticos, vivos ou mortos, que são benignos ou malignos, etc. A própria generalidade do termo indica a variabilidade da experiência de cada um com outras pessoas" (pp. 34-35) estando esta problemática na linha do que dizia Bastide (1965/1968) ao referir que "o social nunca actua senão através do psíquico. O que nos importa (…) é que, de qualquer modo, ele actua" (p. 209). Sobre isto convém focar a atenção no facto de não se tratar aqui do investimento de um mundo noutro, de um plano noutro. Pois quando falamos em identificações e introjecções de objectos ao nível dos investimentos egóicos estamos a falar de processos da organização psíquica, do aparelho psíquico. Ora a dimensão que isolámos como sendo a das estruturas elementares do parentesco usa exactamente os mesmos processos psicodinâmicos ─ além de outros processos não referidos aqui, pois tratam-se de "factos sociais totais" (Mauss, 1923-24/1988, p. 200-201)[477] constituídos por outras dimensões entre as quais a psíquica ─ que compõem o aparelho psíquico descrito desde Freud. A diferença é que as estruturas elementares do parentesco trazem consigo uma visão do mundo formada pela "intersubjectividade de senso comum" não sendo "possível separar" na sua formação "a mente individual do fenómeno social" (Freitas, 2008e). A "intersubjectividade de senso comum" é constituída por vários enunciados que ditam como guiões de um filme ou como mitos acabados a acção do sujeito que os

[477] "faits sociaux totaux" (Mauss, 1923-24, p. 117).

representa enquanto personagem numa história previamente ensaiada e constitui um segundo registo de memória sobre e para além do primeiro registo de memória (mais tradicional) descrito pelos processos de recalcamento na primeira e segunda tópica freudiana. Trata-se da Memória dos Freitas: "Nas pessoas que não sofrem psiconeuroses ou transtornos psíquicos, a norma edipiana é tomada como aprendizado informal, intersubjetivo do senso comum, irreflexivamente. As pessoas assim situadas, vivem sua vida toda e intensamente a interdição do incesto e, especialmente, o mito ou complexo de Édipo, sem nunca saber quem foi Édipo, que tal mito vige intensamente em sua vida, ou qual é o seu enunciado. Quando isso acontece, isto é, quando vivemos intensamente um mito, sem sequer saber que ele existe ou como é que este se enuncia, estamos tocando no que eu chamei de Memória dos Freitas" (Freitas, 2008e). O mito ou um dos enunciados míticos da Memória dos Freitas é constituído pela aceitação tácita intersubjectiva da submissão das mulheres aos homens. Neste sentido as estruturas elementares do parentesco assentes na troca de mulheres e a sua representação e investimento ao nível do aparelho psíquico constituem a articulação e a sistematização de um dos mais importantes enunciados da memória dos Freitas. Foi este o enunciado que Dora manifestou e que trazia consigo toda uma panóplia de relações de parentesco integradas que Freud não detectou.

Tendo em atenção o esquema do átomo de parentesco acima reproduzido, vamos agora proceder à esquematização da acusação de Dora segundo as relações ali envolvidas.



À primeira vista pareceria estarmos perante uma relação de aliança poligâmica de forma poliândrica[478], caso nos situássemos a partir do ponto de vista da mulher. Mas sendo o enunciado que governa a análise freudiana um enunciado androcêntrico, então devemos encarar as alianças das mulheres (Dora e Sr.ª K) como produto do investimento da vontade dos homens (pai de Dora e Sr. K).

O homem que imprime o movimento de Dora na direcção do Sr. K. é o pai de Dora. Em contrapartida, o homem que imprime o movimento da Sr.ª K. na direcção do pai de Dora é o Sr. K[479]. É isto que permite a Lacan (1956-57/1995) dizer que Dora "(…) entra (…) aos olhos de Freud, numa situação típica. Como explica o sr. Claude Lévi-Strauss em *As estruturas elementares do parentesco,* a troca de laços de aliança consiste exactamente no seguinte: *Eu recebi uma mulher e devo uma filha.* Só que isso — que é o próprio

[478] "A poligamia tem duas formas: pode ser poligínica, quando um homem desposa várias mulheres, ou poliândrica, quando uma mulher tem vários maridos" (Ghasarian, 1996/1999, P. 111).
[479] O sinal = ou |_| que significa aliança ou casamento na teoria clássica do parentesco, significa também na presente tese um investimento amoroso (ou odiento) do ego num objecto. A aliança ou conjunção entre dois ou mais objectos, "conjunção constante transitória" (Amaral Dias, 2003, p. 30), abarca portanto uma relação de investimento que contempla ainda os mecanismos psicodinâmicos da introjecção e da identificação.

princípio da instituição da troca e da lei — faz da mulher um puro e simples objecto de troca, ela não é integrada por nada ali" (p. 146)[480]. Lacan (1956-57/1995) enquadra neste contexto os conceitos de inveja do pénis e de falo paterno, pois se Dora "(…) não renunciou a alguma coisa, isto é, precisamente, ao falo paterno concebido como objecto do dom, ela não pode de modo algum conceber, subjectivamente falando, que receba outras, isto é, de um outro homem. Na medida em que está excluída da primeira instituição do dom e da lei na relação directa do dom do amor, ela só pode viver essa situação sentindo-se reduzida, pura e simplesmente, ao estado de objecto" (p. 146-147)[481]. O dom ou dádiva (Mauss, 1923-24/1988) enquanto fenómeno fundamental da dinâmica das estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) só admite a sua contra-dádiva, em termos da psicodinâmica feminina, caso a mulher tenha renunciado à posição falocêntrica derivada da inveja do pénis. Aparentemente saímos da perspectiva masculina das estruturas elementares para a feminina na medida em que estamos a considerar o que uma mulher pode sentir em tal posição. Depois tornamos a voltar à perspectiva masculina através da inveja do pénis. Para Lacan (1956-57/1995) o amor que uma mulher sente por homem tem que ser integrado na "troca" entre os sexos e ela só procede à sua própria contra-dádiva a outro homem caso tenha renunciado à dádiva do falo paterno. A perspectiva freudiana clássica está aqui presente e começa por parte da mulher na "ligação com o pai e ao desejo, em que esse vínculo culmina, de [ter] um filho seu" (Freud, 1925/1996a, p. 280)[482] terminando com o "seu desejo de um pénis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objecto de amor" (Freud, 1925/1996a, p. 284)[483]. Segue-se, no átomo de parentesco, a substituição do pai pelo marido e por todas as figuras masculinas que a ela se prestem. Já vimos como

---

[480] "Elle rentre pourtant bien aux yeux de Freud, dans une dans une situation typique comme M. Lévi-Strauss l'explique dans les «structures elementaires de la parentée»: l'échange des liens de l'alliance consiste exactement en ceci: j'ai reçu une femme et je dois une fille. Seulement ceci qui est le principe même de l'institution de l'échange et de la loi, fait de la femme purement et simplement un object d'échange, elle n'est intégrée là-dedans par rien" (Lacan, 1956-57, pp. 343-344).

[481] "Si en d'autres termes, elle n'a pas elle-même renoncé à qualque chose, c'est-à-dire précisément au phallus paternel conçu comme objet de don, elle ne peut rien concevoir subjectivement parlant qu'elle ne reçoive d'autres, c'est-à-dire d'un autre homme dans toute la mésure oú elle est exclue de cette première institution du don et de la loi dans le rapport direct du don d'amour, elle ne peut vivre cette situation qu'en se sentant réduite purement et simplement à l'état d'objet" (Lacan, 1956-57, p. 344).

[482] "(…) the bond with their father and to the wish in which it culminates of having a child by him" (Freud, 1925/1981c, p. 251).

[483] "(…) wish for a penis and puts in place of it a wish for a child: and *with that purpose in view* she takes her father as a love-object" (Freud, 1925/1981c, p. 256).

este esquema se insere no contexto da aliança patrilateral e na aliança matrilateral de objectos. Portanto, para Lacan (1956-57/1995), Dora sente-se reduzida ao estado de objecto na medida em que não renunciou ao falo paterno, à inveja do pénis. Caso o tivesse feito o seu ego faria o necessário investimento numa aliança amorosa com o Sr. K. A conclusão de Lacan (1956-57/1995) é curiosa pois é precisamente na medida em que não se situa na troca entre sexos que acha que Dora se sente desprovida do seu Self espontâneo, reduzida a um mero objecto. É caso para dizer que é na medida em que Dora se sente objecto de troca entre vontades masculinas que ela precisamente está fora do circuito da troca. Pois para estar integrada na troca teria que ter renunciado à inveja do pénis enquanto estádio essencial, na perspectiva de Lacan (1956-57/1995) e de Freud (1901/1996a, 1925/1996a), da psicologia feminina. Mas Lacan vai mais longe nas consequências que se podem tirar deste estado de coisas. Pois haverá melhor modo de provar o amor por alguém fazendo-lhe uma dádiva sem contra-dádiva, nada exigindo em troca? Segundo Lacan (1956-57/1995), "(…) se no seu amor exaltado pela dama ela mostra, como diz Freud, o modelo do amor absolutamente desinteressado, do amor por nada, não vêem que tudo se passa como se a moça quisesse mostrar a seu pai o que é um verdadeiro amor, este amor que seu pai lhe recusou? (…) O que a moça demonstra aqui ao pai é como se pode amar alguém, não apenas pelo que ele tem, mas literalmente pelo que não tem, por este pénis simbólico que ela sabe muito bem que não vai encontrar na dama, porque sabe muito bem onde ele se encontra, isto é, em seu pai, que, este, não é impotente" (pp. 147-148). A componente homossexual é equacionada por Lacan através do amor encoberto pela Sr.ª K. O que atesta semelhante amor? Que o protesto feminino de Dora pela ausência de posse relativamente ao falo paterno é transferido para o amor por uma mulher, a Sr.ª K. Note-se que continuamos no contexto da dádiva e contra-dádiva de objectos. Dora, face à frustração causada pelo mundo masculino, substitui aquilo que o pai não lhe dá ─ o falo ─ pelo amor por uma mulher que, enquanto mulher, também não lho pode dar. Deste modo, é pela ausência do falo paterno que Dora continua a amar o pai através da Sr.ª K. Voltamos aos processos de identificação. Depois do Sr. K, a escolha de objecto na pessoa da Sr.ª K teria permitido a Dora continuar no circuito da troca gerindo continuamente as suas identificações. A acusação de Dora dá-se, no entanto, após a negação por parte do Sr. K de fazer parte de qualquer conluio que fosse

para se aproveitar da moça e após a confirmação da recusa de interesse da Sr.ª K por ela. São estes os dois acontecimentos que, segundo Lacan (1956-57/1995) colocam Dora fora do circuito da troca de objectos e lhe deixam como última alternativa a acusação de estar a ser usada como mero objecto de troca para satisfação das vontades masculinas: "O sr. K., portanto, confessou não fazer parte de um circuito onde Dora poderia ou identificar-se a si mesma, ou pensar que ela, Dora, fosse seu objecto para além da mulher através de quem ela se liga a ele. Há uma ruptura desses laços, subtis e ambíguos, sem dúvida, mas dotados de um sentido, de uma orientação perfeita, que permitiam a Dora encontrar seu lugar no circuito, mesmo que de modo instável. A situação se desequilibra. Dora se vê relegada ao papel do puro e simples objecto, e começa desde então a entrar na reivindicação. Ela reivindica o que estava muito disposta até então a considerar que recebia, mesmo que por intermédio de uma outra, e que é o amor de seu pai. A partir daquele momento, já que este lhe é recusado totalmente, ela o reivindica com exclusividade" (p. 147).

Façamos aqui o ponto da situação da nossa tese relativamente à de Lacan (1956-57/1995). Lacan faz coincidir os mecanismos psicodinâmicos, nomeadamente os da inveja do pénis e do protesto das mulheres pelo falo paterno, com a troca de objectos no seio das estruturas elementares do parentesco. De facto acreditamos, e já o mostrámos, que os mecanismos de investimento objectal levados a cabo pelo aparelho psíquico subjazem às estruturas elementares do parentesco tal como entendidas por Lévi-Strauss (1949/1982). As estruturas elementares do parentesco constituem, no entanto, uma visão do mundo pré-ordenada, pré-formada, e pertencem a um "segundo registo de memória" (Freitas, 1991) para além das duas tópicas freudianas e é neste aspecto que a nossa posição se destaca da de Lacan. As estruturas elementares do parentesco usam e gerem o investimento objectal segundo as duas tópicas mas simultaneamente permanecem para além delas na medida em que estas visões do mundo enquadram a acção e o pensamento do indivíduo como um todo independentemente dos processos psicodinâmicos iluminarem mais ou menos esta ou aquela zona do inconsciente. Por isso Freitas (2008h) apela para a construção de uma terceira tópica que dê conta dos processos que se encontram para além dos mecanismos de defesa e recalcamento na memória tradicional.

Freitas (1991) designou isto por “ponto inatingido” na medida em representa o ponto de contacto com a visão do mundo, sempre mítica, transmitida ao sujeito de modo incompleto pela cultura. Para Freitas (1991) o “conceito de ponto inatingido como marca da cultura e da tradição regional, familiar e pessoal inconscientes de cada um de nós” explicita “a tradição a que chamei de Memória dos Freitas” (Freitas, 1991). Este segundo registo de memória é também mítico sendo os mitos entendidos como “ (…) contos que não conseguimos desmentir, descodificar ou reduzir com o curso normal do pensamento e com a evocação da memória comum, já que não são conscientes. São relatos de origem popular, não reflexivos, na maioria das vezes retratando forças da natureza ou crendices tão ilógicas como omnipresentes e actuantes em nosso quotidiano, escondidas no porão da mente (…) e têm um carácter universal, quer seja este universo a humanidade toda, a região, a família ou a própria subjectividade do sujeito (mitos pessoais)” (Freitas, 1991). Como se dá a transmissão intergeracional destes mitos e quem os conta? Freitas (1991) usa o exemplo do caso pequeno Hans (Freud, 1909/1996), referindo que “(…) Hans, aos três anos e meio de idade, foi visto por sua mamãe tocando com a mão no próprio pénis. Ela o ameaçou com as seguintes palavras: "Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A para cortar fora o seu 'pipi' ". Como se pode perceber, esta curta história, tão universal, que se passou com Hans e sua mamãe – e todos nós já presenciamos mães e adultos repetindo esta mesma ameaça a crianças pequenas sem saber que estão propagando um trágico mito inconsciente – contém uma codificação inconsciente mítica, que a mãe de Hans nem conhecia de pleno teor o seu significado, codificação que a ela foi transmitida por seus ancestrais e que ela retransmitiu para o filho. Exactamente por não ter consciência do enunciado do mito que estava retransmitindo ao filho, o retransmitiu de forma incompleta e falseada. Na verdade, nem era o Dr. A que estava presente no inconsciente da mãe de Hans quando ela retransmitiu ao filho uma ameaça aprendida inconscientemente com seus próprios ancestrais. Este material, incompletamente verbalizado, deu a Hans munição para a formação de um de seus mitos, o mito da castração. Entre as lacunas que ficam naquilo que é transmitido pelas gerações anteriores, entre as lacunas daquilo que é retransmitido incompleta e falseadamente, entre as lacunas daquilo que o menino ou a menina podem apreender com as suas próprias palavras (único instrumento simbólico que dispõem para construir sua visão de mundo) e fantasias que

encontram sobre o que observam em si mesmos e no mundo externo nascem os mitos, todos os mitos, estes tapa-buracos do pensamento humano" (Freitas, 1991). Logo após isto, e no mesmo artigo, Freitas (1991) tece uma sucinta consideração sobre a relação entre os mitos originários e as fantasias de origem referindo que "Os nossos mitos mais primevos e mais universais são as nossas protofantasias, a de sedução, a de castração e a da cena primária. São elas fantasias *sobre a origem* [itálico nosso], e não fantasias presentes desde a origem (como imaginavam Freud, Jung e ainda muitos analistas hoje em dia, resíduos do Lamarckismo, que imaginava, dentro da psicanálise, que as protofantasias já vinham desde a origem, trazidas pelos gametas - DNA -) e que bom que são, na verdade, apenas fantasias criadas pelas representações simbólicas através de impressões e experiências inconscientes, e, portanto, fantasias que nós todos criamos como edificações simbólicas na ontogênese – desenvolvimento que depende da cultura, pois se fossem fantasias herdadas pelo DNA (filogenéticas), como pensavam Freud e Jung, como poderia a psicanálise atenuar efeitos mitológicos desestruturantes?" (Freitas, 1991).

As implicações desta referência são importantes. As protofantasias são "fantasias sobre a origem, e não fantasias presentes desde a origem" (Freitas, 1991). Colocando esta ideia em perspectiva na tese que aqui avançamos poderemos ver que as estruturas elementares do parentesco fazem a sua aparição na consciência de Dora a partir da cena de sedução ocorrida com o Sr. K e no complexo de castração enquanto alicerce da inveja do pénis e da procura do falo paterno. A partir daqui podemos avançar outra dedução segundo a qual as estruturas elementares do parentesco não estão presentes desde a origem da humanidade sendo antes de mais um sistema integrado de protofantasias, entre os sexos, *sobre as origens*. Devemos perguntar, no entanto: origens do quê? Naturalmente as origens dos sexos, da constituição do aparelho psíquico e, no plano da vivência do indivíduo, as origens dos traumas ou dos acontecimentos significativos da sua vida para os quais procura explicação. É na medida em que as estruturas elementares do parentesco se apoiam em protofantasias, na qualidade de fantasias sobre as origens, que estas condicionam a consciência de Dora criando nesta as condições para um libelo acusatório segundo o qual a moça estaria a ser objecto de troca entre homens. Também já o

referimos no início da presente tese e reafirmamo-lo novamente: tratando-se de fantasias sobre as origens, todo o aparelho psíquico em situação de tensão emocional e perante a angústia do investimento e da escolha de objecto pode regredir às formas primárias de investimento egóico. Esta é uma perspectiva individual com a qual a psicanálise sempre trabalhou. No entanto, se considerarmos um suposto sistema "primitivo" de investimentos egóicos em grupo então obteremos a sua forma empírica mais simples possível nas estruturas elementares do aparelho psíquico. Dora não regrediu simplesmente às primeiras fases do complexo de Édipo. Dora atingiu um sistema "primitivo" de investimentos egóicos integrados tradutores da tensão hierarquizante entre os sexos masculino e feminino e tão antigos quanto a humanidade. No caso Dora (Freud, 1901/1996a) estamos numa fase de intersecção entre as estruturas elementares e as estruturas complexas do parentesco, conforme explicado logo no início da presente tese. Pois qual a explicação possível para o facto de uma mulher ocidental, vivendo sob um sistema manifesto de estruturas complexas do parentesco, embora de natureza patriarcal, no qual as escolhas dos cônjuges não se fazem de acordo com grupos de parentesco definidos, apresentar uma acusação mais conforme a uma sociedade regrada pelas estruturas elementares do parentesco? É certo que a sociedade burguesa em que Dora viveu (Bettelheim, 1956/1991), saída da revolução comercial e industrial, conserva muitas características de manipulação superegóica na escolha do objecto de amor, particularmente por parte de pais masculinos relativamente às suas filhas. No entanto, mesmo nesta perspectiva só podemos sublinhar mais uma vez o núcleo da tese que aqui propomos na medida em que deste modo só se prova que a problemática psicodinâmica manifestada nas estruturas elementares do parentesco reside sempre como uma possibilidade oculta no seio da aparente liberdade nas escolhas individuais de objecto amoroso nas sociedades modernas. À luz das consequências da tese de Freitas (1991/2000, 2000) sobre os erros lamarckistas de Freud não chega dizer que Dora revelou a hipocrisia do mundo masculino na Viena de finais do século XIX, princípios do século XX. Essa seria uma tese de natureza sociológica e não iria além da superfície do problema que aqui tratamos. O que dizemos é que a acusação de Dora constitui a manifestação de um dos vários enunciados possíveis (submissão das mulheres aos homens) do domínio circunscrito das estruturas elementares do parentesco no vasto

continente da memória dos Freitas. Dizemos ainda que esta acusação é fruto do narcisismo primário de Dora ao serviço da sua "sobrevivência psicológica" (Slipp, 1984/1991, p. 52). Tal como Slipp prevê para as questões relativas ao desenvolvimento psicológico, não só Dora como também os seus pais utilizam outros membros da família para regular e estabilizar as suas personalidades na base da identificação projectiva[484] mútua (cf. Slipp, 1984/1991, p. 51, 58). O que Slipp (1984/1991) designa por "padrão simbiótico de sobrevivência" (p. 52) baseado nestas relações de objecto externas corresponde às configurações mínimas das estruturas elementares do parentesco tal como experimentadas pelo aparelho psíquico no caso Dora. Enquanto habitante de uma sociedade moderna na qual a liberdade individual na escolha do objecto de amor constitui uma suposição de princípio, Dora não consegue levar a cabo uma escolha satisfatória e autónoma do objecto amoroso devido às interferências feitas pelos personagens que povoam o contexto em que vive. Face a isto e à angústia suscitada pela escolha do objecto, Dora regride por via narcísica para um modelo de escolha objectal (as estruturas elementares do parentesco) onde a escolha de objecto se faz a partir de determinados grupos de parentesco flexibilizando o tabu do incesto em graus diversos. A estratégia seguida pelo ego de Dora tem um sentido. Regride às estruturas elementares do parentesco situando-se como objecto de troca entre vontades masculinas na medida em que assim, nem que seja esporadicamente, consegue manter abertas as possibilidades de investimento egóico, nomeadamente identificatórias, naqueles com os quais interactua (pai, mãe, irmão, primas e primos, Sr. K, Sr.ª K, amigos e criadas). Ao fazê-lo, fá-lo em nome da sobrevivência do grupo familiar a que pertence e da sua própria sobrevivência psicológica pois esse é o lugar em que constrói a sua identidade. Claro que isto encontra eco no espírito do tempo, nos horizontes do mundo que regulam a sociedade de interesses

[484] A identificação projectiva tem, segundo Slipp (1984/1991), uma conceptualização abrangente que prevê a sobrevivência individual e familiar em correlação. Para Slipp (1984/1991), "(…) we can conceptualize projective identification to be (1) a primitive intrapsychic form of adaptation and defense based on fantasy and normally used during infancy; (2) an interpersonal defense to sustain the integrity of the family through what we have termed the symbiotic survival pattern; (3) a form of object relations by which one can live through others as part objects; (4) a method *of* manipulation and control of another, based on omnipotent fantasies; (5) a form of communication, usually nonverbal, to induce responses in another; (6) a method of ridding oneself of certain aspects and inducing pathology in another; (7) the source of the ongoing negative feedback loops that originate and perpetuate developmental fixation in the identified patient; (8) the source of one type of countertransference in therapy, the type Winnicott (1965) has termed objective; (9) a means of modifying internalized objects by external reality and psychotherapy, and (10) part of the brain's wholistic functioning" (p. 58).

em que vive: "A atitude cínica da classe média relativamente às mulheres era evidente nas vidas das pacientes femininas de Freud e nas respectivas filhas. Os casamentos eram frequentemente contraídos em função de interesses comerciais e sociais" (Decker, 1991, p. 200)[485]. Apesar da causalidade social e económica que explica este estado de coisas, a causalidade psíquica estruturada em torno das estruturas elementares do parentesco tem a importância que aqui sublinhamos. Todo este processo, mergulhado numa aparente banalidade, produz ecos nos mecanismos de selecção darwinista de grupos e indivíduos. Não esqueçamos que as estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) elegem a troca de mulheres como factor crucial na sobrevivência dos grupos que assim asseguram a sua reprodução e descendência e gerem o tabu do incesto precisamente de forma a conseguirem alargar os grupos sociais e simultaneamente regrar os desejos libidinais incestuosos dos indivíduos que os compõem. Além da vertente psicodinâmica constituem mecanismos de sobrevivência grupal e individual. Neste sentido reúnem de forma notável as leis essenciais nomeadas por Darwin (1859/2005) para a selecção natural quando referiu que estas "(…) leis, no seu sentido mais lato, consistem no Crescimento com Reprodução, na Herança, que está quase implícita na Reprodução, na Variabilidade, resultante da acção indirecta e directa das condições externas de vida e do uso e desuso, na Taxa de Incremento, tão elevada a ponto de conduzir à Luta pela Sobrevivência e, por consequência, à Selecção Natural que impõe a Divergência de Caracteres e a Extinção das formas menos aperfeiçoadas" (p. 364)[486]. Darwin (1859/2005) achava que a sua teoria deveria ser aplicada inclusivamente à psicologia: "Antevejo, num futuro distante, caminhos abertos para pesquisas bem mais importantes. A Psicologia basear-se-á numa nova ideia — a aquisição necessariamente gradual de cada faculdade e capacidade mental — que lançará uma nova luz sobre a origem do

[485] "The cynical attitude of the middle class toward women was evident in the lives of Freud's female patients and his own daughters. Marriages were frequently contracted with business and social interests in the foreground" (Decker, 1991, p. 200)

[486] "These laws, taken in the largest sense, being Growth with Reproduction; Inheritance, which is almost implied by reproduction; Variability, from the indirect and direct action of the external conditions of life, and from use and disuse; a Ratio of Increase so high as to lead to a Struggle for Life, and as a consequence to Natural Selection, entailing Divergence of Character and the Extinction of less-improved forms" (Darwin, 1859/1996, pp. 395-396).

homem e a sua história" (p. 363)[487]. Podemos dizer agora que as estruturas elementares do parentesco cruzadas com o caso Dora, de Freud, reúnem de modo notável as características desta psicologia antevista por Darwin (1859/2005). É claro que tratamos aqui, *mutatis mutandis*, de sistemas (de psicoparentesco) que contextualizam os afectos dos indivíduos e não de faculdades ou capacidades mentais. As estruturas elementares do parentesco constituem, face à liberdade individual da escolha do objecto amoroso enquanto domínio das estruturas complexas das sociedades modernas, a "divergência de caracteres" (Darwin, p. 374) de um sistema que enquanto forma pouco satisfatória na gerência do narcisismo primário e em última análise da ipseidade e do Self do sujeito, passam a ser relegadas para a "extinção das formas menos aperfeiçoadas" (Darwin, p. 374). Abrimos a possibilidade de passarem a ser recalcadas (emergindo na consciência sob a forma de "sobrevivências") no aparelho psíquico do habitante das sociedades modernas e assim colocarmos o recalcamento e os mecanismos de defesa (Freud, 1936/1966) ao serviço da selecção e sobrevivência individual. Mas fazer isto implica trabalhar dentro do contexto das duas tópicas freudianas que contêm, pontualmente, erros de natureza lamarckista, segundo Freitas (1991, 1991/2000, 2000), Green (1995, p. 26) e Jones (1953/1989a, pp. 307-312). Por outro lado, a psicologia entendida como "aquisição necessariamente gradual de cada faculdade e capacidade mental" (Darwin, p. 363) seria entendida aqui, na vertente psicanalítica, como a transição gradual entre dois sistemas de gerência de afectos que coexistem entre si, as estruturas elementares do parentesco com imposição superegóica na selecção de objectos para investimento e as estruturas complexas como o campo promissor da liberdade individual e da procura da espontaneidade do Self, típicas das sociedades modernas onde as desordens de natureza narcísica (Kohut, 1971/2001) abrem caminho. A sobreposição destes sistemas permitem equacionar no mundo moderno a emergência de fenómenos como o esclavagismo sexual e o tráfico sexual de mulheres ou ainda o *swinging* enquanto troca de casais onde a predominância da vontade masculina sobre a feminina em levar a cabo a experiência parece prevalecer. Voltemos a atenção, entretanto, para o facto de aqui entrarmos em rota de colisão directa com um dos postulados básicos da antropopsicologia de Lévi-Strauss

[487] "In the distant future I see open fields for far more important researches. Psychology will be based on a new foundation, that of the necessary acquirement of each mental power and capacity by gradation. Light will be thrown on the origin of man and his history" (Darwin, 1859/1996, p. 394).

(1950/1974) quando este achava que o mundo tinha começado a significar de um momento para o outro fazendo assim uma aplicação coerente das teses correntes na linguística estrutural de então. A psicologia e a psicanálise da relação de objecto passaram, à luz da teoria de Darwin (1859/2005) e no contexto da nossa tese, a eleger os mecanismos de selecção e escolha de objecto primeiro dentro de grupos circunscritos de parentesco (aliança entre os primos enquanto mitigação do incesto) e formação de compromisso entre os interesses do grupo e os desejos libidinais do indivíduo. Posteriormente passou a seleccionar os investimentos e as escolhas objectais em função do narcisismo primário, do ideal do ego, e sobretudo do Self entrando deste modo na suposta liberdade individual das modernas democracias ocidentais. Passámos assim, através de um mecanismo de selecção natural mental, do «dispositivo da aliança» ao «dispositivo da sexualidade», na linguagem de Foucault (1976/1990) já referida mais atrás.

Apesar de autores como Jones (1953/1989a, pp. 307-312) e Green (1995, p. 26) já o terem referido, Freitas (1991, 1991/2000, 2000) é quem vai mais longe na desmontagem dos raciocínios lamarckistas de Freud. Comecemos por Jones (1953/1989a) que refere que "Sem muito sucesso busquei nos textos de Freud, em sua correspondência e nos registos de suas conversas alusões ao darwinismo, embora elas coubessem em seus textos sobre o desenvolvimento inicial do homem; refiro-me, naturalmente, à doutrina da selecção natural como o meio pelo qual a evolução se efectuou" (p. 309). Isto teve consequências na medida em que, tal como veremos no caso Dora (Freud, 1901/1996a), "No início de sua carreira, por exemplo, Freud afirmou que a sífilis em um dos genitores, geralmente o pai, afectava o filho de tal modo a predispô-lo à neurose e até onde tenho conhecimento nunca abandonou essa convicção" (Jones, 1953/1989a, p. 307). Segundo Jones (1953/1989a), termos como os de "predisposição congénita" (p. 397) e "constituição sexual" (p. 397) remeteriam inelutavelmente para a "hereditariedade" (p. 397) entendida como transmissão de caracteres adquiridos, em Freud. Prossegue na sua crítica à tese apresentada em *Moisés e o Monoteísmo* (Freud, 1939/1996) obra na qual "(…) Freud sugere que a excessiva consciência de culpa que persegue a história e a religião judaicas — e que por reacção estimulou os judeus a criar altos ideais éticos — foi

herdada da memória inconsciente de seus ancestrais que em um acto de rebelião mataram o pai de sua raça, Moisés. Isso, disse ele, foi um poderoso esforço de um processo universal. As reacções culpadas que acompanhavam os numerosos actos pré-históricos de parricídio foram herdadas — constituíam na verdade o "pecado original" dos teólogos — e eram reanimadas em todas as gerações pela ocorrência de situações semelhantes de ciúme. Agora isso implica que as atitudes conscientes do homem primitivo lhe causaram uma impressão tão profunda a ponto de reverberar pelo seu corpo, produzindo, talvez via "gêmulas" de Darwin, uma correspondente impressão de seus túbulos seminíferos de modo que quando – talvez anos depois – produziram espermatozóides cada um destes fora modificado de forma a criar, quando unido com um óvulo, uma criança que trazia dentro de si a lembrança da experiência de seu pai. Todavia, Freud devia conhecer a esmagadora prova, apresentada, entre outros, por Weismann, mostrando que as células germinativas são totalmente imunes à influência de quaisquer alterações no soma. Por alguma razão, ele preferiu ignorá-la" (Jones, 1953/1989a, p. 310). Jones (1953/1989a) conclui, portanto, que "Freud permaneceu, do início ao fim de sua vida, um obstinado adepto desse desacreditado lamarckismo" (p. 310), pelo que "(…) nunca diminuiu sua convicção na hereditariedade dos caracteres adquiridos" (p. 311). Para Jones (1953/1989a) não era "(…) fácil explicar a rigidez com que Freud sustentava essa opinião e a determinação com que ignorava toda a evidência biológica contrária. Vimos que ele a associava com a omnipotência de pensamentos, cuja descoberta deve tê-lo impressionado muito, quase parece que ele próprio compartilhava dessa ilusão quando ela surgiu no lamarckismo. Mas ele sustentara concepções lamarckianas muitos anos antes de em 1908 deparar com o conceito de omnipotência. Naturalmente, ficou profundamente impressionado com o modo como fortes experiências emocionais podem ser incorporadas de forma a alterar uma personalidade de modo permanente, mas isso ainda não é o mesmo que afectar o filho dessa pessoa" (p. 312).

Green (1995) sublinhou por seu lado que em Freud a "questão problemática é a da oscilação entre Lamarck e Darwin"[488] (p. 26).

[488] "Mais la question qui fait problème est celle de son oscillation entre Lamarck et Darwin" (Green, 1995, p. 26).

Mas foi Freitas (2000) quem com mais propriedade indicou os erros freudianos lamarckistas e suas consequências para a teorização psicanalítica. Para Freitas (2000), "Não obstante Freud tenha lido Darwin e até venha a citá-lo, eventualmente, em sua obra, Freud não adere às suas ideias, e persiste com a concepção lamarckista até o fim de sua vida" (p. 15). Logo aqui a tese de Freitas afasta-se de Ritvo (1990/1992), autora para quem Freud terá aplicado alguns dos princípios darwinistas à psicanálise, nomeadamente os princípios do "hábito associado útil" (p. 232), da "antítese" (p. 235), e do "transbordamento da excitação excessiva" (p. 239). Antes de mais convém relembrar a perplexidade de Jones (1953/1989a) sobre a defesa do lamarckismo por parte de Freud quando este preferiu ignorar as provas apresentadas por Weissman (autor que Freud conhecia) a respeito da total ausência de influência externa sobre as células germinativas. Freud ignorou estas provas e, no geral, não seria fácil explicar a sua defesa do lamarkismo (Jones, 1953/1989a, pp. 310, 312). É aqui que entra Freitas (2000) com o conceito de "ponto inatingido". Depois de Bakan (1958) sustentar a tese das possíveis influências do judaísmo sobre a psicanálise freudiana, Freitas (2000) segue mais à frente no sentido de ligar esta influência a "(…) um aspecto mítico, embutido na cultura judaica, que o lamarckismo beneficiava e o darwinismo desestrutura, que pode ter tido seu peso específico, maior que o de hoje, na época em que Freud trabalhava", acrescentando que "(…) para alguém que viveu a influência daquela época, como ele, o peso mítico deste aspecto evolucionista da cultura poderia ter sido intolerável de ser vencido, e que o próprio Freud não tenha se conseguido distanciar, neste particular, afectivamente de sua marca cultural, de tal maneira que este ponto afectivo tenha tornado tal assunto um ponto inatingido para sua compreensão" (p. 16). Ou seja, a teoria da selecção natural de Darwin (1859/2005) não encarava mais o homem como objectivo final da criação divina, tal como não encara o homem como objectivo final da selecção natural. Este último terá sido, aliás, o erro fundamental de um determinado tipo de evolucionismo que transportado para a psicologia e ciências sociais acabou por afastar a exploração do pensamento darwinista e das vantagens que este poderia ter para estas áreas. Dennett (1995/2001) é na actualidade um dos principais promotores das potencialidades da teoria da selecção natural, contra este tipo de leituras erradas de Darwin, assim como contra o

entendimento errado do denominado "princípio antrópico" (pp. 163-164). De volta a Freitas, são estes pontos inatingidos na qualidade de "marca da cultura e da tradição regional, familiar e pessoal" (Freitas, 2000, p. 16) que constituem a instância da memória dos Freitas. Correspondem, portanto, a enunciados míticos. Chegados aos enunciados míticos entendidos como pontos inatingidos do continente da memória dos Freitas entramos no núcleo essencial da tese deste autor. Tudo começa com a dialéctica dos opostos entre o interno e o externo, entre o dentro e o fora, a saber, entre as pulsões e a realidade externa. Freitas (1991/2000) recorre a citações essenciais da psicanálise teórica freudiana. Segundo Freitas (1991/2000, p. 7), para Freud (1915/1996d), "Podemos, portanto, concluir que os instintos, e não os estímulos externos, constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento actual. Naturalmente, nada existe que nos impeça de supor que os próprios instintos sejam, pelo menos em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogénese ocasionaram modificações na substância viva" (p. 126)[489]. O problema consiste em saber os pormenores do processo pelo qual a estimulação externa modificou a substância viva, ou seja "De que maneira, no decorrer da filogénese, os instintos podem se formar como precipitados dos efeitos da estimulação externa? Voltamos aqui, literalmente, a utilizar o mesmo instrumental de leitura teórica que nos fornece a teoria da selecção natural e que nos possibilita assimilar a observação de Avicena de que a função faz o órgão; voltamos à mesma fórmula de elucidação teórica sobre como foi que o pescoço da girafa cresceu tanto, ou melhor, sobre como foi que a espécie girafa se formou como precipitado dos efeitos da estimulação externa" (Freitas, 1991/2000, p. 7). Freitas (1991/2000) conclui depois disto que "(…) a maneira como Freud descreve sua observação de que os instintos são precipitados da estimulação externa tem a forma de um conto, ou, se quisermos, uma montagem" (p. 7). Do mesmo modo, a ambivalência pulsional ou ambivalência afectiva teria sido para Freud (1915/1996d) fruto de uma herança filogenética uma vez que "A acentuada ambivalência instintual num ser humano que vive nos dias actuais pode ser

[489] "We may therefore well conclude that instincts and not external stimuli are the true motive forces behind the advances that have led the nervous system, with its unlimited capacities, to its present high level of development. There is naturally nothing to prevent our supposing that the instincts themselves are, at least in part, precipitates of the effects of external stimulation, which in the course of phylogenesis have brought about the modifications in the living substance" (Freud, 1915/1991a, pp. 116-117).

considerada como uma herança arcaica, pois temos motivos para supor que o papel desempenhado na vida instintual pelos impulsos activos em sua forma inalterada foi maior nos tempos primevos do que é em média hoje em dia" (pp. 136-137)[490]. Para Freitas (1991/2000), a herança filogenética da ambivalência pulsional ou afectiva seria em Freud "memória de uma época – os tempos primevos – que os caminhos da selecção natural não apagaram" (p. 8). Aqui já confirmamos o pleno erro lamarckista freudiano. Terá o movimento de "tentativa e erro" (Dennett, 2003/2005, pp. 169-170), não teleológico, da selecção natural correspondências ou projecções na vida do indivíduo? Segundo Freitas (1991/2000), "Se quisermos escrever em forma de conto a herança arcaica e filogenética de impulsos instintuais no homem, sobre a qual fala Freud na citação que estamos considerando, poderíamos dizer, talvez com uma certa imprecisão terminológica, que estes impulsos activos, em sua forma inalterada, fazem parte de uma "memória da espécie". Filogenética. Herança Biológica que nos determina como espécie, trazendo em seu bojo características genéticas de espécies anteriores na evolução" (p. 8). Escrever em forma de conto ou mito a história da espécie ou a biografia do indivíduo implica precisamente seleccionar determinadas características em prejuízo de outras organizando-as segundo um sentido. Embora a intencionalidade não faça parte da selecção natural (Dennett, 1995/2001, 2003/2005) acaba por ter uma função indispensável na vida psicológica do sujeito, que mais não seja como defesa narcísica ao serviço da conservação da espécie por intermédio do indivíduo introduzindo assim a selecção natural quando a julgaríamos fora de jogo. Sobre a construção destes contos adianta-nos Freitas (1991/2000) que a sua "(…) montagem (…) além de ter um carácter didáctico e artístico, é feita por construção, por um modelo tal como na física montamos o modelo atómico, ou, caso se deseje falar assim, um resgate da história construído através das pistas que nos fornecem os fatos instintivos. Não se trata de (…) fatos traumáticos da história da espécie transmitidos pelos gâmetas – o que seria um absurdo cientificamente. Todavia esta "memória da espécie", que na verdade é uma memória da evolução da espécie, dedutível através dos fatos quotidianos, não é menos acessível ao

[490] "Marked instinctual ambivalence in a human being living at the present day may be regarded as an archaic inheritance, for we have reason to suppose that the part played in instinctual life by the active impulses in their unmodified form was greater in primaeval times than it is on an average to-day" (Freud, 1915/1991a, p. 129).

conhecimento do que a História helénica ou a amnésia neurótica. Acrescento que nas três situações – filogénese, história grega e amnésia neurótica – o conhecimento mais acabado que podemos alcançar com os métodos de investigação disponíveis nunca pode ser mais que um conto ou montagem, mais ou menos aproximativos, dos fatos de origem que estão sendo investigados" (p. 9). Se a teorização e compreensão do fenómeno humano e natural tem inevitavelmente a configuração de um conto ou conjunto de contos, então convém saber de que modo Freud procedeu à construção do seu próprio conto lamarckista filogenético. Sobre isto Freitas (1991/2000, p. 9) invoca o excerto fundamental de Freud (1920/1996) em *Para Além do Principio do Prazer*, local onde o criador da psicanálise pede que "Imaginemos um organismo vivo em sua forma mais simplificada possível, como uma vesícula indiferenciada de uma substância que é susceptível de estimulação. Então, a superfície voltada para o mundo externo, pela sua própria situação, se diferenciará e servirá de órgão para o recebimento de estímulos. Na verdade, a embriologia, em sua capacidade de recapituladora da história desenvolvimental, mostra-nos realmente que o sistema nervoso central se origina da ectoderme; a matéria cinzenta do córtex permanece um derivado da camada superficial primitiva do organismo e pode ter herdado algumas de suas propriedades essenciais. Seria então fácil supor que, como resultado do impacto incessante de estímulos externos sobre a superfície da vesícula, sua substância, até uma certa profundidade, pode ter sido permanentemente modificada, de maneira que os processos excitatórios nela seguem um curso diferente do seguido nas camadas mais profundas. Formar-se-ia então uma crosta que acabaria por ficar tão inteiramente 'calcinada' pela estimulação, que apresentaria as condições mais favoráveis possíveis para a recepção de estímulos e se tornaria incapaz de qualquer outra modificação" (pp. 36-37)[491]. O que Freitas (1991/2000) realça nesta passagem é a

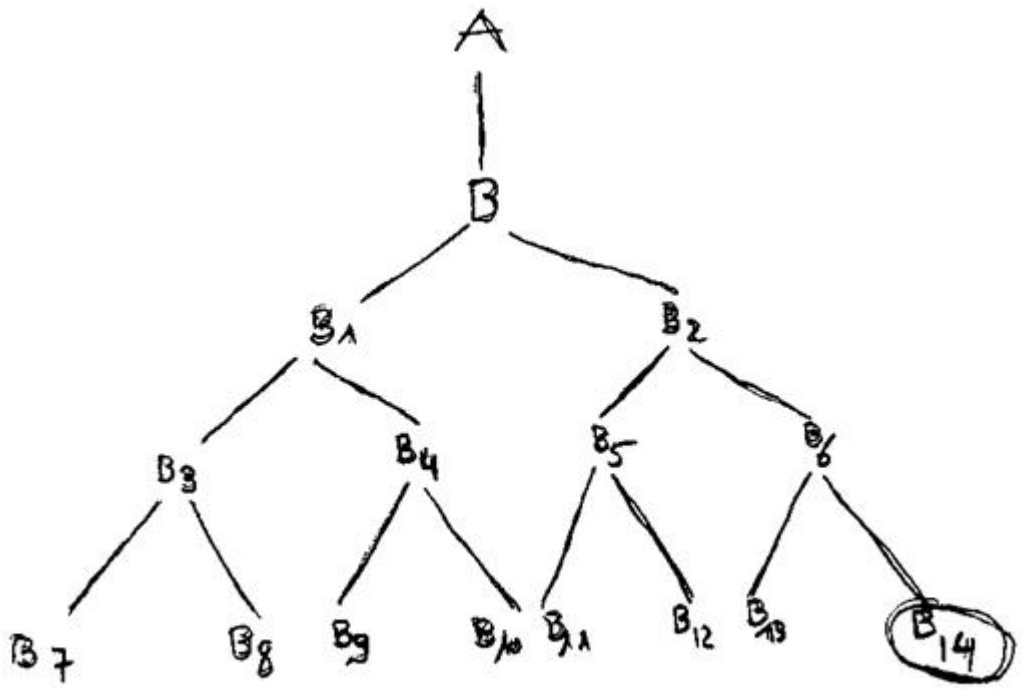
[491] "Let us picture a living organism in its most simplified possible form as an undifferentiated vesicle of a substance that is susceptible to stimulation. Then the surface turned towards the external world will from its very situation be differentiated and will serve as an organ for receiving stimuli. Indeed embryology, in its capacity as a recapitulation of developmental history, actually shows us that the central nervous system originates from the ectoderm; the grey matter of the cortex remains a derivative of the primitive superficial layer of the organism and may have inherited some of its essential properties. It would be easy to suppose, then, that as a result of the ceaseless impact of external stimuli on the surface of the vesicle, its substance to a certain depth may have become permanently modified, so that excitatory processes run a different course in it from what they run in the deeper layers. A crust would thus be formed which would at last have been so thoroughly 'baked through' by stimulation that it would present the most favourable possible conditions for the reception of stimuli and become incapable of any further modification" (Freud, 1920/1981, p. 297).

montagem do "conto" de Freud acompanhada pela indispensável condensação do tempo que lhe subjaz, pois "Na projecção de um filme, em menos de cinco minutos, sobre o crescimento de uma planta – que citamos como modelo de conto ou montagem – há uma grande condensação do tempo. Freud, agora acertando sobre aquilo que é filogenético, condensa o tempo, e de maneira extrema, na montagem que faz sobre a história filogenética da origem do sistema consciente (…) A condensação de tempo que Freud faz na montagem acima é tão extensa que, em poucas linhas, conta uma história de dois bilhões de anos, tempo que a moderna ciência atribui à evolução de um organismo vivo, na sua forma mais simplificada possível, como o que uma vesícula indiferenciada de uma substância que é susceptível de estimulação levou para evoluir até a forma humana de vida. Além disso Freud superpõe, neste trecho, uma história condensada da ontogénese do sistema consciente, utilizando-se da embriologia." (p.9). É a condensação enquanto estrutura dos contos que dão sentido ao mundo e à vida do indivíduo que subjaz à tese segundo a qual a ontogenia recapitula a filogenia ─ ou seja, o desenvolvimento embrionário individual condensa (caminho curto) os caracteres principais delineados previamente pelo caminho longo da selecção natural. A condensação é de tal modo intensa que produz a ilusão de uma influência directa do mundo externo sobre o organismo ─ ilusão lamarckista para o observador que se encontra no "final" dos caminhos da selecção natural e que se encontra, em nossa opinião, na base da preferência por parte de evolucionistas pré-darwinistas, tais como Lamarck, pelos esquemas de descendência unilinear ao invés da descendência multilinear arborescente propostos por Darwin (Alter, 1999, pp. 5-6)[492]. As ambiguidades e as decisões operadas pelas tentativas e erros da selecção aparecem ao observador do processo como que animadas por uma intenção teleológica que afinal não existe. Compreende-se que a pulsão de morte, entendida como regressão a um estado anterior às perturbações induzidas pela realidade externa sobre o organismo, funcione como tentativa de apagar um caminho naturalmente seleccionado que não devia ter existido uma vez ter-se revelado prejudicial para a satisfação do indivíduo. Este é o erro lamarckista essencial de Freud. Segundo Freitas (1991/2000), "(…) é cabível perguntar aqui que tipo de domínio é este que se persegue

[492] "'Evolutionists' prior to Darwin, notably J.-B. Lamarck and Robert Chambers, had proposed unilinear rather than branching schemes of descent" (Alter, 1999, pp. 5-6).

mediante a assim chamada "natureza conservadora dos instintos ou da vida orgânica". A resposta que Freud dá à questão alicerça-se em seu erro básico sobre genética. Para Freud, toda modificação do organismo vivo (na filogénese) deve ser considerada como imposta pelas forças perturbadoras externas e, consequentemente, o estado anterior que os instintos dos animais buscam restaurar é aquele estado que existiu antes que houvessem acontecido tais perturbações (a volta ao passado). Eis aí o erro fundamental centrado na genética à Lamarck. A genética moderna mostra que as mutações não são impostas nem suscitadas por forças externas, mas são, isto sim, variações espontâneas da constituição genética do plasma germinal, limitando-se o papel das forças externas tão somente a determinar se os novos indivíduos irão sobreviver ou não. Tudo o que se pode dizer do processo evolutivo é que as mutações de fato ocorrem e que, se as espécies e indivíduos novos sobrevivem, é porque desenvolveram-se, enquanto indivíduos, de acordo com sua constituição genética. Não há razão alguma para supor que estes indivíduos perseguem, em qualquer sentido, o estado pré-existente ao acontecer das mutações. Ao chegar à conclusão de que todas as modificações evolutivas (mutações) são perturbações indesejáveis que as forças externas impõem a organismos remissos e conservadores, Freud infere que todo ser vivo busca aquele estado existente antes de toda perturbação (a volta ao passado), isto é, a morte, ou a existência inanimada, inorgânica" (p. 12). Chegados a este ponto, vamos agora sintetizar as duas dimensões que Freitas propõe na argumentação até agora desenvolvida. Freitas refere uma *condensação* de características ou elementos que ocorre sempre que um processo da selecção natural é artificialmente destacado da rede de possibilidades pelas quais passou no contexto do enfrentamento com o mundo externo. Por outro lado a condensação é um processo de síntese que torna possível o seu armazenamento no stock da memória e assim posto ao serviço da sobrevivência do organismo a partir de uma quantidade de informações reduzidas ao essencial. A condensação está ainda na base da estrutura de todo o conto enquanto unidade de selecção de características essenciais de um fenómeno que se pretende explicar. Dito isto, imaginemos agora o seguinte esquema simplificado:

Esquema Simplificado para Ilustração do Conceito de Condensação, segundo Freitas



Suponhamos que a espécie B descende da espécie A e que dos organismos pertencentes à espécie B (b1-b14) o organismo b14 foi o descendente sobrevivente. Suponhamos ainda que entre o caminho longo da selecção possível de cada organismo competidor (b1 ou b2, b3 ou b4, b5 ou b6, etc.) condensámos na explicação da aparição do organismo b14 o caminho curto que a este conduziu: B-b2-b6-b14. O trabalho da selecção (tentativa e erro) desenvolvido entre o organismo B1 e o organismo b13 foi omitido da nossa

explicação. A nossa explicação, o nosso conto, condensou a história da selecção que presidiu à sobrevivência do organismo b14. A dobra do processo de selecção natural sobre si próprio "passou a limpo" as vicissitudes das suas escolhas e apresentou um caminho sucinto, curto, enquanto representante de um caminho longo. Nesta medida a condensação de que fala Freitas constitui ela própria um processo componente da selecção natural. Por isso o autor adianta que "esta "memória da espécie" (…) na verdade é uma memória da evolução da espécie" (Freitas, 1991/2000, p. 9) ou seja uma memória do longo processo de tentativa e erro que levou à formação da espécie. Representar o caminho longo através do inevitável caminho curto abreviado da selecção é condensar o primeiro no segundo. E através deste mecanismo passámos imediatamente para o denominado segundo registo de memória, ou memória dos Freitas, continente dentro do qual encontramos as estruturas elementares do parentesco. Compreende-se que o autor diga neste ponto que "a "Memória dos Freitas" pede emprestado o modelo da repetição filogenética para exercer, em cada indivíduo e de maneira peculiar, sua primeira e as subsequentes relações objectais" (Freitas, 1991/2000, p. 12). Pede emprestado no sentido em que usa a memória da espécie através do processo de condensação. Condensar é apresentar um segmento de características de um processo sobrevivente no contexto da selecção. As relações objectais com que determinado ego se depara são modeladas nas dos seus pais que por sua vez foram seleccionadas entre o leque de relações objectais apresentadas pelos seus avós. Os enunciados míticos seleccionados pelos pais da criança são aqueles que o aparelho psíquico desta irá investir. Acontece que os enunciados míticos são condensações de um processo longo de luta intergeracional de enunciados ancestrais. Substituamos, relativamente ao esquema anterior, o termo "organismo" por "enunciado" e teremos o mesmo raciocínio aqui empregue. Sob o enunciado de maior abrangência «a toda a dádiva corresponde uma contra-dádiva» (Mauss, 1923-24/1988) reside outro que estipula que «a toda a dádiva de uma mulher, por um homem, dada em aliança a outro homem, corresponde uma contra-dádiva de uma mulher dada pelo segundo homem ao primeiro» (Lévi-Strauss, 1949/1982). E sob este enunciado uma miríade de outros enunciados são transmitidos aos descendentes: «uma mulher deve ser trocada entre homens», «uma mulher e um homem devem ensinar a filha a aceitar ser trocada entre homens» ─ este enunciado sintetiza na tese aqui proposta a ideia de Torok

(1964/2001) sobre a significação da inveja do pénis nas mulheres, ideia já discutida e contextualizada ─, etc. Note-se ainda que a ideia de pulsão de morte enquanto regressão a um estado inorgânico anterior à criação das espécies também não faria sentido à luz da teoria da selecção natural, na medida em que a mudança de uma espécie noutra se faz por mutações internas no genoma de indivíduos que depois são seleccionados progressivamente em função das exigências do meio com o qual se debatem. Trata-se no entanto de mutações limitadas no sentido em que apenas são incorporadas ao serviço do desenvolvimento e da adaptação em função das estruturas organísmicas já existentes, como nos lembra Smith (1986/1989) quando refere que "apenas certos tipos de mudanças estruturais são possíveis para um organismo particular, assim como apenas certas sequências particulares de letras fazem sentido numa determinada língua" (p. 57). Não haveria motivos para regredir a estados típicos de uma espécie anterior (de B para A, no nosso esquema) ou em última análise a um estado inorgânico anterior a todas as espécies pois os indivíduos seleccionados foram-no em função das exigências da realidade externa. A constituição genética actual não permitiria uma regressão para espécies anteriores à espécie que agora representa uma vez que tal significaria situar-se aquém do ponto de mutação genética ocorrida. Sobre isto Freitas (1991/2000) conclui que "(…) podemos concordar em que todos os instintos são repetição de um estado anterior de coisas ("memória da espécie"), na medida que estão geneticamente determinados e que, em consequência, a descendência de uma espécie dada repete o padrão de vida estrutural, de comportamento e experiencial transmitidos por sua constituição genética, mas isso é diametralmente distante de afirmar que todos os instintos buscam chegar a um estado de coisas previamente existente ao estabelecimento da actual constituição genética do indivíduo" (pp. 12-13). Existe compulsão à repetição e pulsão de morte mas entendidas no contexto da própria espécie. Agora podemos passar novamente à dimensão da transmissão psíquica intergeracional que se dá segundo dois registos de memória. Segundo Freitas (2008d), "O duplo registro de memória de que falo em meus trabalhos posteriores, não contrapõem "Memória da Espécie" com Memória dos Freitas. O que procurei dizer foi que há dois registros de memória trazidas pelo "aprendizado", lembranças mnêmicas, na espécie humana: O primeiro é tudo aquilo que as ciências, a psicanálise e o público em geral refere como memória, mas esta, mesmo a memória

infantil recalcada, é mais fácil de recuperar e passível de evocação, inclusive através da psicanálise. Sobre esta, inclusive, Freud trabalhou muito bem, tendo como clímax de seus insights o livro "A interpretação dos sonhos". É uma memória factual, de eventos que passaram pela consciência e são lembrados ou foram esquecidos, e o esquecido é recuperável pela técnica da psicanálise. Este é o primeiro registro de memória. O segundo registro de memória, a que eu chamo Memória dos Freitas, é mais emocional, e não teve passagem clara ou mesmo nenhuma passagem pela consciência. É um aprendizado acrítico, irreflexivo, emocional e que provém desde as emoções da gestante, com passagem de afectos [pelas hormonas] e endorfinas correspondentes pelo cordão [umbilical] já ao feto, e que se continua no aprendizado sócio-cultural-familiar-mítico-pessoal irreflexivo na intersubjectividade que a pessoa alcança no que podemos chamar de intersubjetividade de senso comum. Este é o segundo registro de memória, a Memória dos Freitas" (Freitas, 2008d). Podemos dizer agora que, no contexto da tese que aqui propomos, o primeiro registo de memória dá-se entre duas gerações sucessivas (de pais para filhos), ao passo que o segundo registo de memória se dá entre duas ou mais gerações ascendentes relativamente aos filhos. Neste sentido temos que entender o continente da memória dos Freitas como o continente da transmissão psíquica intergeracional regulado por conjuntos de enunciados coerentes entre si e transmitidos ao longo das gerações. Cada conjunto de enunciados assume a forma de lei e aquele que aqui analisamos dá pelo nome de estruturas elementares do parentesco.

Neste ponto aventamos a hipótese de os ditames e enunciados míticos da memória dos Freitas, nomeadamente os que dizem respeito às disposições de subordinação entre os sexos venham a estar na base de marcadores somáticos transmitidos logo na relação precoce da mãe para o feto. Segundo Damásio (1994/1995), "(…) os marcadores somáticos são um caso especial do uso de sentimentos que foram criados a partir de emoções secundárias. Estas emoções e sentimentos foram ligados, por via da aprendizagem, a certos tipos de resultados futuros ligados a determinados cenários. Quando um marcador somático negativo é justaposto a um determinado resultado futuro, a combinação funciona como uma campainha de alarme. Quando, ao invés, é justaposto um marcador somático positivo o resultado é um incentivo. É esta a essência da hipótese

do marcador somático. Mas, para obter uma visão integral desta hipótese, tem de (…) descobrir que, por vezes, os marcadores somáticos funcionam de forma velada, ou seja, sem surgirem na consciência, e podem utilizar um circuito emocional a que chamei "como se"" (p. 186). Os cenários futuros para o caso particular da "troca de mulheres" e a forma como é vivida (neste caso, por Dora) podem ser activados através da transmissão de emoções e sentimentos maternos herdadas de ancestrais e do meio circundante para o feto, seja este masculino ou feminino. Damásio (1994/1995) invoca depois o conceito de "gerador de diversidade" de Changeux (1983/1991) para explicar o que acontece durante a acção, manifesta ou velada, dos marcadores somáticos referindo que "Aquilo que domina o panorama mental quando se é confrontado com uma decisão é a ampla e variada apresentação dos conhecimentos sobre a situação que está a ser gerada pela sua consideração. As imagens correspondentes a uma infinidade de opções de acção e possíveis resultados correspondentes, também infinitos, são activadas e são constantemente trazidas para o centro da atenção. Também a componente linguística destas entidades e cenas, as palavras e as frases que relatam o que a nossa mente vê e ouve, se encontra presente, competindo pelo centro das atenções. Este processo baseia-se numa criação contínua de entidades e acontecimentos, do qual resulta uma justaposição muito variada de imagens consentâneas com o conhecimento previamente categorizado. Jean-Pierre Changeux propôs o termo «gerador de diversidade» para as estruturas pré-frontais que supostamente executam esta função e levam à formação de um vasto repositório de imagens noutra parte do cérebro (…) Este gerador de diversidade requer um vasto depósito de conhecimentos factuais em relação às situações que se nos podem deparar, às pessoas naquelas situações, ao que elas podem fazer e como as suas diferentes acções podem produzir diferentes resultados. O conhecimento factual é categorizado (sendo os factos que o constituem organizados segundo classes, de acordo com os critérios que os constituem) e a categorização contribui para a tomada de decisões ao classificar os tipos de opções, os tipos de resultados e as ligações entre opções e resultados. A categorização ordena também as opções e os resultados em função de um determinado valor específico. Quando somos confrontados com uma situação, a categorização prévia permite-nos descobrir rapidamente se uma dada opção ou resultado será vantajoso ou de que modo as diversas contingências podem alterar o grau de

vantagem" (p. 207). A categorização de que fala Damásio corresponde, no contexto das estruturas elementares do parentesco, às classes de parentesco que através da linguagem (termos classificatórios que nomeiam os grupos de parentes com quem é possível contrair aliança – classe dos pais, dos tios, dos primos, etc) dá a conhecer as prescrições superegóicas reguladoras do tabu do incesto. A expressão mais próxima do "gerador de diversidade" que encontrámos na obra de Changeux (1983/1991) é a de "actividade recombinante, geradora de hipóteses" (p. 173) tudo levando a crer que se trata do mesmo conceito que Damásio (1994/1995) comenta. No contexto do conceito de "actividade recombinante, geradora de hipóteses" (p. 173) o que Changeux (1983/1991) considera é os graus de actividade neuronais correlacionados que se encontram na origem da formação de objectos mentais. Para tal refere que "O carácter simultaneamente disperso e multimodal (ou amodal) dos neurónios que participam nas associações dos conceitos deveria conferir-lhes propriedades *associativas* muito ricas, permitir-lhes o encadeamento e sobretudo a combinação. Parece, portanto, plausível que estes conjuntos, constituídos por neurónios osciladores com intensa actividade *espontânea*, se possam *recombinar* entre si. Tal actividade recombinante, «geradora de hipóteses», representaria a este nível um mecanismo de diversificação essencial para a compreensão da génese de novos conceitos: em suma, a imaginação e, bem entendido, a «simulação» de um futuro comportamento perante uma situação nova. Para que um sistema se auto-organize, é evidente que não deverá haver apenas criação de diversidade. Poderá ocorrer uma *selecção*, como dissemos, pela *comparação* de objectos mentais entre si, pela sua entrada em ressonância ou pela sua dissonância" (Changeux, 1983/1991, p. 173). Note-se que a perspectiva de Changeux (1983/1991) assim como a de Damásio (1994/1995) é uma perspectiva intra-cerebral. O panorama da transmissão psíquica intergeracional via estruturas elementares do parentesco trata de uma perspectiva necessariamente inter-cerebral nas suas infra-estruturas, mas sobretudo intersubjectiva e psicocultural. Há nas estruturas elementares do parentesco uma "actividade recombinante", combinatória no sentido matemático do termo em que se geram combinações sucessivas no arranjo de termos de um universo de possibilidades combinatórias passíveis de serem esgotadas. Esta "actividade recombinante" coloca-as na esteira das propriedades cerebrais tal como invocadas por Changeux e Damásio pois como lembra Lévi-Strauss (1949/1982), "Por

sua extensão os recursos combinatórios dos sistemas [de parentesco] Crow-Omaha lembram também os jogos complicados como os de cartas, o de damas e o xadrez, nos quais o número das possíveis combinações, teoricamente finito, é tão elevado que, para todos os fins úteis e colocando-se na escala humana, tudo se passa como se fosse ilimitado. Em princípio, estes jogos são indiferentes à história, porque as mesmas configurações sincrónicas (nas distribuições) ou diacrónicas (no desenrolar das partidas), poderiam reaparecer, mesmo que fosse depois de milhares ou milhões de milénios, desde que os jogadores imaginários se dedicassem a eles por um tempo suficientemente longo" (p. 37). Acrescenta depois que nestes sistemas "(…) a história penetra nas estruturas elementares, embora tudo se passe como se a missão deles fosse anular seus efeitos" (p. 37). Face à angústia da escolha de objecto, o ego de Dora *comparou* as estruturas elementares ─ sustentadas na castração, na inveja do pénis e na procura do falo paterno ─ com as estruturas complexas ─ caracterizadas pela autonomia dos investimentos de objecto por parte de um ego que faz as suas escolhas amorosas baseado no ideal do ego mas sem determinação prévia ─ e *seleccionou* as estruturas elementares que fenomenicamente emergiram na consciência de Dora sob a forma de uma acusação de ser trocada entre interesses masculinos. As estruturas elementares foram a melhor formação de compromisso possível, na altura, entre a conservação do seu narcisismo e os interesses do grupo familiar e afins entre os quais levava a cabo os processos de identificação. A *comparação* de conteúdos mentais, entendidos como afectos ligados a escolhas de objecto, e a sua *selecção* final apareceu no sistema consciente de Dora sob a forma *condensada* da acusação de ser objecto de troca entre homens. A condensação, além de mecanismo psicodinâmico, revela-se também como um produto da selecção natural.

Recordemos novamente o conceito de condensação na perspectiva que aqui empregamos. A condensação constitui não só a abrangência de vários significados por um significante ao nível da linguagem ─ a tese de Lacan (1960/1998) fica aqui contemplada quando refere que "um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante" (p. 833), assim como a de Eco (1973/1997) sobre a "semiose ilimitada" (pp. 151-152) ─, mas constitui também uma dimensão pré-linguística na passagem de emoções fundamentais de prazer e desprazer da mãe para o feto. Sobre isto Freitas (2008g) torna-

se ainda mais explícito dizendo que “O ser-no-mundo não pode ser referido apenas a um sujeito reflexivo, da narrativa, produto da relação intersubjetiva mediada pela linguagem, mas primordialmente e também ao ser que antecede este sujeito, o ser em sua dimensão corporal, pré-reflexiva, assimilante acrítico de enunciados, mitos e programações primevas da MF que, mesmo assim, é, nesta fase, fruto de uma relação intersubjetiva, embora antepredicativa. (…) A construção da MF acontece em duas dimensões da relação do sujeito com o mundo: uma predicativa e outra não predicativa. Não é, a MF, estabelecida tão-somente por uma ordem prescritiva, o que significa um conjunto de regras aceitas por todos. Ela é, antes, a percepção irreflexiva estabelecida por uma ordem interpretativa válida para todo indivíduo pertencente a um contexto cultural específico (e nos "buracos"[493] interpretativos dessa percepção irreflexiva são onde se formam, em cada um de nós, os primevos mitos pessoais, trampolim para a ipseidade e a individuação - o que já venho referindo desde meu estudo "Porque resolvi publicar 'A Filogênese' no Boletim", de 1992). Cada um de nós, de maneira única na ipseidade de cada sujeito, recebe e participa dessa ordem interpretativa espontaneamente, intuitivamente e de maneira antipredicativa, ou seja, irreflexiva. Na vida cotidiana, essa ordem interpretativa, a MF, não é matéria de reflexão, já que é dada e pressuposta por toda pessoa, cada um a seu modo. É a essa ordem interpretativa dada e pressuposta por cada um dos humanos o que chamo de "senso comum", matéria-prima da MF. Este não é o conjunto de fatos conhecíveis disponíveis para cada sujeito, mas sim, também, o conjunto de condutas interpretativas, ou impostas/induzidas pelo matriciamento da MF, feito através dos ancestrais, bem como do meio comunitário e social, assim também pelas práticas narrativas divididas, de modo tácito e não discutido (de modo implícito) por cada um que pertence a um mesmo contexto cultural, que cada indivíduo apreende de maneira peculiar, formando inclusive, em cada pessoa, nos buracos, sua própria mitologia pessoal, o que começa a diferenciá-lo dos demais, produzindo variâncias em cada sujeito do enunciado apreendido da MF comum a todos. O mundo social apresenta-se como um edifício feito de significados tanto arbitrários quanto convencionais” (Freitas, 2008g). Além da condensação linguística, há também uma condensação pré-linguística

[493] Esta ideia é congruente com a ideia da grelha mítica de Lévi-Strauss (1955/1970) por nós (Barreiros, 2008) apresentada em trabalho anterior dedicado a uma reinterpretação do teste Rorschach.

emocional. A condensação neste sentido pode ser entendida como redução ao essencial do stock de informação posta à disposição do indivíduo pela espécie e pela cultura. Depois há a condensação no sentido clássico, referida por Freud (1900-01/1996), enquanto mecanismo do processo primário e entendida como transferência de propriedades de um objecto para outro em determinada cadeia associativa do processo onírico ou mesmo no processo de vigília transferencial-contratransferencial. Finalmente há a condensação avançada por Freitas (1991/2000, 2000) no contexto da reformulação darwinista de algumas teorizações freudianas e interpretada por nós como ocultamento do caminho longo do processo de escolha por tentativa e erro da selecção natural e sua representação simplificada pelo caminho curto sobrevivente.

Após esta exposição podemos sintetizar as influências lamarckistas na teorização freudiana que, segundo Freitas (1991/2000, p. 10), se revelam quando Freud (1923/1996) conclui que "(…) não se deve tomar a diferença entre ego e id num sentido demasiado rígido, nem esquecer que o ego é uma parte especialmente diferenciada do id. As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as" (p. 51)[494]. É curioso como Laplanche & Pontalis (1967/1994) tinham já detectado as contradições a que esta formulação freudiana conduzia. Comentando o trecho de Freud (1920/1996) sobre a evolução da vesícula, Laplanche & Pontalis (1967/1994) colocam a hipótese de o ego enquanto superfície corporal ser uma projecção do corpo no aparelho psíquico implicar que "Tal maneira de

[494] "Moreover, one must not take the difference between ego and id in too hard-and-fast a sense, nor forget that the ego is a specially differentiated part of the id [p. 25]. The experiences of the ego seem at first to be lost for inheritance; but, when they have been repeated often enough and with sufficient strength in many individuals in successive generations, they transform themselves, so to say, into experiences of the id, the impressions of which are preserved by heredity. Thus in the id, which is capable of being inherited, are harboured residues of the existences of countless egos; and, when the ego forms its super-ego out of the id, it may perhaps only be reviving shapes of former egos and be bringing them to resurrection" (Freud, 1923/1981, p. 38).

ver leva a conceber o aparelho psíquico como o resultado de uma especialização das funções corporais, e o ego como produto terminal de uma longa evolução do aparelho de adaptação" (p. 129). Ou seja, o sistema perceptivo adapta-se às exigências do meio (lamarckismo) e a sua projecção no aparelho psíquico acaba por formar o ego. A questão é saber o que entender por realidade externa (meio)? Passa-se então da realidade externa biologicamente entendida para a realidade externa do mundo das relações inter-humanas. No entanto, esta nova perspectiva "(…) não elude o problema da génese do ego; procura a sua solução, não recorrendo à ideia de uma diferenciação funcional, mas fazendo intervir operações psíquicas próprias, verdadeiras precipitações no psiquismo de vestígios, de imagens, de formas tiradas do outro humano (*ver nomeadamente:* Identificação, Introjecção, Narcisismo, Fase do espelho, «Bom» objecto-«mau» objecto) (…) a relação do ego com a percepção e com o mundo exterior assume então um sentido novo sem por isso ser suprimida: o ego não é bem um aparelho que viria desenvolver-se a partir do sistema Percepção-Consciência, mas uma formação interna que tem a sua origem em *certas percepções* privilegiadas, que provêm não do mundo exterior em geral, mas do mundo inter-humano" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 129). Agora o ego passa a ser entendido pelo prisma de uma "balança energética" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 129) podendo a libido ser orientada para o ego (investimento narcísico) ou para os objectos exteriores (investimento objectal). Ora, podendo o ego ser objecto do id na segunda tópica (há uma parte inconsciente do ego) "O problema está (…) em compreender como é que o ego, objecto libidinal, se pode apresentar, não apenas como um «reservatório», mas como sujeito dos investimentos libidinais que dele emanam" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 129). Veja-se como os autores, provavelmente sem terem conhecimento explícito da situação, se centram à volta da problemática dúbia deixada por Freud entre as concepções darwinistas ou lamarckistas: se o ego retira energia da realidade exterior será provavelmente por adaptação progressiva a esta formando um «reservatório» de energia ao longo do tempo (concepção lamarckista). Por outro lado, o ego é mais do que um reservatório, gerindo os seus investimentos e aqui voltamos à ideia da autonomia provavelmente inata do ego enquanto responsável pela sua própria sobrevivência (concepção darwinista).

De volta aos pormenores do caso Dora poderemos agora considerá-los avisados que estamos das possíveis distorções impostas pelo pensamento lamarckista a algumas das perspectivas freudianas.

Ao comentar a relação de afastamento entre Dora e a mãe, Freud (1901/1996a, pp. 30-31) acrescenta em nota de pé de página que "Decerto não me situo no ponto de vista segundo o qual a hereditariedade é a única etiologia da histeria, mas, justamente por referência a algumas de minhas publicações anteriores, como "A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses" (1896a), nas quais combati a referida tese, não desejo dar a impressão de subestimar a importância da hereditariedade na etiologia da histeria ou de julgá-la inteiramente dispensável. No caso de nossa paciente, *as informações que dei sobre seu pai e sobre os irmãos deste último indicam uma considerável carga patológica hereditária* [itálico nosso]; e de fato, *a se adoptar a visão de que também os estados patológicos como os de sua mãe são impossíveis sem uma predisposição hereditária* [itálico nosso], pode-se interpretar a hereditariedade deste caso como convergente. A meu ver, contudo, *há outro factor mais importante na predisposição hereditária, ou melhor, constitucional da moça. Mencionei que seu pai sofrera de sífilis antes do casamento* [itálico nosso]. Ora, uma percentagem acentuadamente elevada de meus pacientes tratados psicanaliticamente provinha de pais que haviam sofrido de tabes ou paralisia geral. Em vista do ineditismo de meu método terapêutico, só vêm a mim os casos mais graves, que já estiveram em tratamento durante anos sem nenhum resultado. Segundo a teoria de Erb-Fournier, a tabes ou paralisia geral no pai pode ser considerada indício de uma infecção luética anterior, e, com efeito, pude obter confirmação directa disso em diversos casos. Na mais recente discussão sobre os descendentes de sifilíticos (Décimo Terceiro Congresso Médico Internacional, realizado em Paris de 2 a 9 de agosto de 1900; trabalhos de Finger, Tamowsky, Jullien, etc.) não encontro referência ao fato que fui forçado a reconhecer por minha experiência como neuropatologista — ou seja, que *a sífilis no pai é factor importante na etiologia da constituição neuropática dos filhos* [itálico nosso]" (p. 31, nota 1)[495].

[495] "I do not, it is true, adopt the position that heredity is the only aetiological factor in hysteria. But, on the other hand—and I say this with particular reference to some of my earlier publications, e.g. 'Heredity and

Estando "a sífilis no pai" na base "da constituição neuropática dos filhos" segundo a crença de Freud, é natural que este visse aqui mais uma prova a favor da transmissão hereditária directa entre descendentes tão cara às representações lamarckistas. Fournier (1890), a principal autoridade em doenças venéreas e particularmente em sífilis, na época, parecia defender a tese de que esta doença afectava a descendência dos seus portadores. Citando Duclaux, Ellis (1927/2004) referia que "mesmo quando o marido sifilítico estava incapaz de infectar a mulher poderia estar ainda assim em condições de efectuar uma influência desastrosa na descendência" (Ellis, 1927/2004)[496]. Makari (1997) confirma esta representação médica que circulava na época em que Freud (1901/1996a) analisou o caso Dora: "A ênfase que Freud coloca na sífilis *do pai* deve causar um misterioso constrangimento no leitor actual. Esta teoria concordava com aquelas que defendiam que os pais infectados transmitiam a sífilis aos filhos sem infectar a mãe. Estas teorias foram avançadas por, entre outros, Max Kassowitz (1842-1913), professor Vienense de medicina pediátrica sob as ordens do qual Freud trabalhou" (p. 1073, n. 15)[497]. O que Makari (1997) acha misterioso na explicação freudiana deve-se à presença do paradigma lamarckista que lhe subjaz. Estamos agora em condições de acrescentar

---

the Aetiology of the Neuroses' (1896a), in which I combated that view—I do not wish to give an impression of underestimating the importance of heredity in the aetiology of hysteria or of asserting that it can be dispensed with. In the case of the present patient the information I have given about her father and his brother and sister indicates a sufficiently heavy taint; and, indeed, if the view is taken that pathological conditions such as her mother's must also imply a hereditary predisposition, the patient's heredity may be regarded as a convergent one. To my mind, however, there is another factor which is of more significance in the girl's hereditary or, properly speaking, constitutional predisposition. I have mentioned that her father had contracted syphilis before his marriage. Now a *strikingly high* percentage of the patients whom I have treated psycho-analytically come of fathers who have suffered from tabes or general paralysis. In consequence of the novelty of my therapeutic method, I see only the *severest* cases, which have already been under treatment for years without any success. In accordance with the Erb-Fournier theory, tabes or general paralysis in the male parent may be regarded as evidence of an earlier luetic infection; and indeed I was able to obtain direct confirmation of such an infection in a number of cases. In the most recent discussion on the offspring of syphilitic parents (Thirteenth International Medical Congress, held in Paris, August 2nd to 9th, 1900: papers by Finger, Tarnowsky, Jullien, etc.), I find no mention of the conclusion to which I have been driven by my experience as a neuro-pathologist—namely, that syphihs in the male parent is a very relevant factor in the aetiology of the neuropathic constitution of children" (Freud, 1901/1981a, pp. 20-21, n.1).

[496] "(…) even when the syphilitic husband is no longer capable of infecting his wife he may still perhaps be in a condition to effect a disastrous influence on the offspring" (Ellis, 1927/2004).

[497] "Freud's emphasis on the syphilis *of the father* must strike the modern reader as mysterious. Such a theory was in accordance with theories that held that infected fathers passed on syphilis to the children without infecting the mother. These theories were advanced by, among others, Max Kassowitz (1842-1913), the Viennese professor of pediatric medicine under whom Freud had worked" (Makari, 1997, p. 1073, n. 15).

mais uma componente justificadora da ausência da função da mãe no caso Dora, ausência apontada por vários autores aos comentários de Freud (Amaral Dias, 1988, p. 109; Berman, 2002; Budd, 1994; Hanus & Strauss, 1988, p. 1311; Mahony, 1996, p. 44; Mitchell, 2000, p. 96; Sand, 1983, p. 341). Pelo facto de o pai de Dora ter sofrido de sífilis antes do casamento Freud (1901/1996a) conclui, condicionado pelo princípio da herança dos caracteres adquiridos[498], que este é o "(…) *factor mais importante na predisposição hereditária, ou* (…) *constitucional da moça*" (p. 31, nota 1)[499]. Apesar de a hereditariedade por parte da mãe de Dora que Freud discute ser "convergente" com a do pai, o que é certo é que face à certeza da ocorrência da sífilis no pai a eventual hereditariedade materna passa para segundo plano e com ela também o papel da mãe em todo o caso.

Deste modo, Freud entra na temática da pulsão de morte, antecipando assim um conceito que só será teorizado na segunda tópica quase vinte anos depois (Freud, 1920/1996). Por isso começa pela abordagem da identificação entre Dora e o pai por via do suicídio. A possível abordagem traumática pelo Sr. K. junto de Dora e da oferta do seu suposto amor à rapariga terá estado, segundo o pai, na origem da sua tentativa de suicídio simulado: "'"Não tenho dúvida", disse o pai, "de que esse incidente é responsável pelo abatimento, irritabilidade e ideias suicidas de Dora. Ela vive insistindo em que eu rompa relações com o Sr. K., e em particular com a Sra. K., a quem antes positivamente venerava. Mas não posso fazer isso, primeiro porque eu mesmo acredito que a história de Dora sobre a impertinência imoral do homem é uma fantasia que se impôs a ela, e segundo porque estou ligado à Sra. K. por laços de honrosa amizade e não quero magoá-la" (Freud,

[498] Autores como Jorge (1985, p. 66) sublinham o facto de também Darwin (1859/2005) ter mantido a hereditariedade dos caracteres adquiridos. Segundo Jorge "a hereditariedade dos caracteres adquiridos pelo organismo em vida" pareceu "evidente ao próprio Darwin, que supunha também, ao contrário do que normalmente se sublinha, uma influência directa do meio sobre o indivíduo, concepções que passaram, posteriormente, a estar muito mais associadas ao nome de Lamarck" (1985, p. 136). Logo de seguida sublinha, no entanto, que "A teoria da evolução de Darwin baseada igualmente nas hipóteses de variabilidade individual associada à selecção natural (devido à luta pela existência entre variantes) ganhara força desde 1859" (Jorge, 1985, p. 136). É provável que devido às discussões da altura, também Darwin admitisse alguma influência do meio sobre o indivíduo. Mas a divergência, parece-nos, está no facto de a teoria darwinista admitir a importância da variabilidade individual face ao meio envolvente, componente que a teoria lamarckista não admitia. Eis a diferença.

[499] "(…) girl's hereditary or, properly speaking, constitutional predisposition" (Freud, 1901/1981a, p. 20, n.1).

1901/1996a, p. 35)[500]. Já o mesmo não pensava Dora, segundo Freud (1901/1996a), pois "Para ela não havia nenhuma dúvida de que o que ligava seu pai àquela mulher jovem e bonita era um relacionamento amoroso corriqueiro" (p. 41)[501]. Isto acontecia devido ao afastamento entre a mãe e pai e a consequente substituição da mãe pela Sr.ª K e "(…) sempre que Dora repreendia o pai por causa da Sra. K., ele costumava dizer que não podia entender sua hostilidade e que, ao contrário, [os] seus filhos tinham todas as razões para [lhe estarem] gratos" (Freud, 1901/1996a, p. 41)[502]. Face a este comentário, Dora pede explicações à mãe sobre o mesmo e esta responde que "(…) naquela época, [o pai] estava tão triste que quisera suicidar-se nos bosques; a Sra. K., suspeitando disso, fora atrás dele e [persuadira-o] com [as] suas súplicas a [preservar-se] para os seus" (Freud, 1901/1996a, p. 41)[503]. Dora, segundo Freud (1901/1996a, p. 41), não acreditou nesta explicação persuadindo-se de que face ao facto de terem sido vistos um com o outro o pai terá inventado esta desculpa. É nesta altura que Freud (1901/1996a) acrescenta que "Este é o ponto de ligação com a simulação de suicídio da própria Dora, que assim talvez expresse o anseio por um amor similar" (p. 41)[504]. Ou seja, antes de mais, Freud começa por denunciar a identificação entre Dora e o pai por via das tentativas dos suicídios simulados de ambos. Só depois alarga o leque de identificações às duas outras mulheres, a mãe e a Sr.ª K: "Por [causa da] sua exigência ao pai ("ou ela ou eu"), pelas cenas que costumava criar e pela ameaça de suicídio que deixou entrever, é evidente que ela se estava [a colocar] no lugar da mãe. E se adivinhamos com acerto a fantasia de situação sexual subjacente à sua tosse, nessa fantasia ela deveria estar [a colocar-se] no lugar da Sra. K. Portanto, identificava-se com as duas mulheres, a que o pai amara um dia e a que

[500] "'I have no doubt', continued her father, 'that this incident is responsible for Dora's depression and irritability and suicidal ideas. She keeps pressing me to break off relations with Herr K. and more particularly with Frau K., whom she used positively to worship formerly. But that I cannot do. For, to begin with, I myself believe that Dora's tale of the man's immoral suggestions is a phantasy that has forced its way into her mind; and besides, I am bound to Frau K. by ties of honourable friendship and I do not wish to cause her pain" (Freud, 1901/1981a, p. 26).

[501] "In her mind there was no doubt that what bound her father to this young and beautiful woman was a common love-affair" (Freud, 1901/1981a, p. 32).

[502] "(…) whenever she had reproached her father about Frau K., he had been in the habit of saying that he could not understand her hostility and that, on the contrary, his children had every reason for being grateful to Frau K" (Freud, 1901/1981a, p. 32).

[503] "(…) told her that her father had been so unhappy at that time that he had made up his mind to go into the wood and kill himself, and that Frau K., suspecting as much, had gone after him and had persuaded him by her entreaties to preserve his life for the sake of his family" (Freud, 1901/1981a, p. 33).

[504] "This is the point of connection with her own pretence at suicide, which may thus be regarded as the expression of a longing for a love of the same kind" (Freud, 1901/1981a, p. 33, n.1).

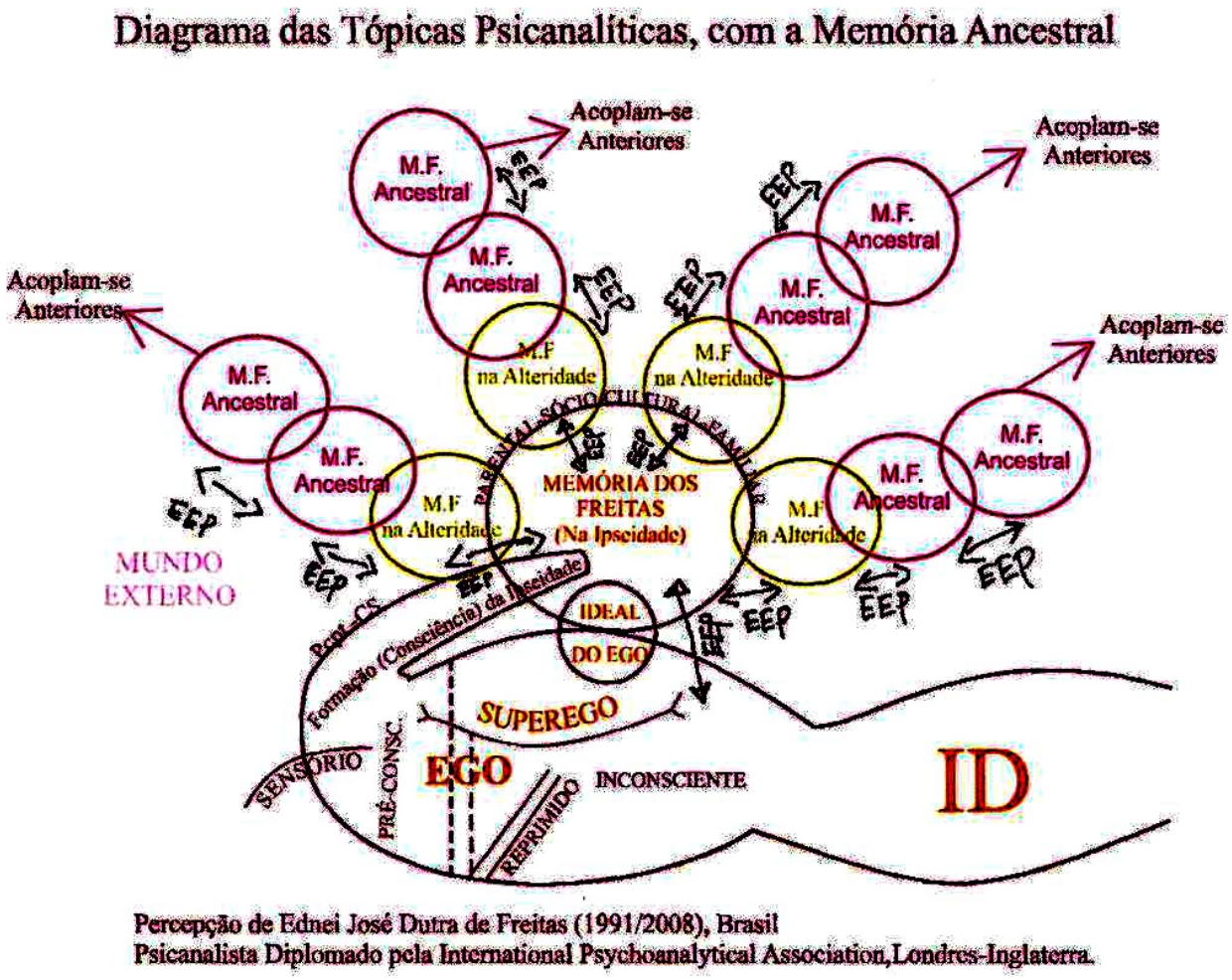
amava agora" (pp. 60-61)[505]. Mais uma vez aproveitamos este estado de coisas para levantarmos a possibilidade de a perspectiva lamarckista lhes estar subjacente. Embora abordando já o caso Dora numa perspectiva psicológica e psicoterapêutica profunda de modo totalmente inovador relativamente à época em que vivia, nomeadamente através de processos múltiplos de identificações transferenciais entre personagens de um drama psicológico, Freud não obstante deixa entrever que a herança dos caracteres adquiridos ("caracteres neuróticos" por via da sífilis do pai) o leve a descobrir identificações entre a filha e o pai antes de quaisquer outras.

A futura noção de pulsão de morte considerada posteriormente ao caso Dora e incorrectamente equacionada com um hipotético "esforço (…) fundamental de toda [a] substância viva" entendida como "retorno" ao "mundo inorgânico" (Freud, 1920/1996, p. 73)[506] encontra no entanto outro enquadramento na tese aqui proposta. É na condição de "objecto" que Dora se sente aniquilada como sujeito. A troca a que se sente submetida traduz a sua falta de influência na determinação das vontades alheias à sua. A identificação, via suicídio, com o pai, representa afinal a identificação com a vontade que anima um sistema que não compreende. A vontade de um homem secretamente amado (cf. Freud, 1901/1996a, p. 61). A "morte" do sistema de troca de objectos, o mesmo é dizer do jogo de identificações múltiplas que anima a vida psicológica de Dora, é traduzida através da passagem ao acto que constitui a simulação do seu suicídio. Identificando-se deste modo com o pai, Dora torna-se sujeito *apenas na condição* de circular fora do sistema de vontades masculinas na medida em que o representante superegóico destas vontades (o pai) se retirou, através da sua conotação com o suicídio, do próprio sistema. Este sistema é constituído pelo aparelho psicoparental de Dora formado pelas suas identificações e contra-identificações egóicas. A pulsão de morte revela-se *dentro do sistema de troca* na medida em que Dora se sente mero *objecto de*

[505] "By her ultimatum to her father ('either her or me'), by the scenes she used to make, by the suicidal intentions she allowed to transpire,—by all this she was clearly putting herself in her mother's place. If we have rightly guessed the nature of the imaginary sexual situation which underlay her cough, in that phantasy she must have been putting herself in Frau K,'s place. She was therefore identifying herself both with the woman her father had once loved and with the woman he loved now" (Freud, 1901/1981a, p. 56).
[506] "(…) the most universal endeavour of all living substance - namely to return to the quiescence of the inorganic world" (Freud, 1920/1981, p. 336).

troca e revela-se *fora do sistema de troca* na medida em que Dora se identifica com o suicídio paterno congelando assim as moções vitais que animam a sua vida psicológica *tornando-se sujeito da sua própria aniquilação*. Este é o vértice masculino, a perspectiva masculina, na qual Freud começa por se situar relativamente a Dora. Esta dupla tensão que coloca Dora ou como *objecto de troca* entre homens ou como *sujeito* apenas à custa de uma identificação autodestrutiva leva-a a transitar para o vértice ou perspectiva das identificações com as outras duas mulheres envolvidas, a mãe e a Sr.ª K. Este segundo vértice introduz as pulsões de vida no caso Dora. Estamos perante a bissexualidade que, segundo Anzieu (1959/1990b), constituiu uma das grandes redescobertas e aplicações no caso Dora na medida em que "(…) existe conflito entre a atracção de Dora pelos homens e a sua atracção pelas mulheres; existe igualmente conflito entre a sua identificação masculina com o pai e a sua identificação feminina com a Sr.ª K... como amada do pai. A noção da bissexualidade, que não era até aí importante, a não ser em teoria, parece encontrar aqui a sua primeira grande aplicação e verificação clínicas" (p. 214). Na óptica da primeira tópica temos enquadrado neste contexto o conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego. Na óptica da segunda tópica podemos falar da escolha de objecto segundo o conflito entre as instâncias do ego e do superego e, nomeadamente, entre as identificações paternas e maternas presentes no superego (cf. Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 92). E podemos falar ainda na óptica de uma possível terceira tópica cuja região de influência aqui delimitamos como sendo a das estruturas elementares do aparelho psíquico de Dora, região componente de um continente mais vasto que já identificámos com a memória dos Freitas. Note-se que quando referimos uma possível terceira tópica o fazemos a partir da constatação de que Dora faz uma acusação cujo conteúdo coincide com práticas instituídas por sistemas de parentesco vigentes no passado e no presente de alguns povos. Neste sentido, Dora aparece como o epicentro um conjunto de fenómenos transgeracionais e intergeracionais que a ultrapassam enquanto subjectividade isolada. As consequências da transgeracionalidade e da intergeracionalidade no aparelho psíquico constituem a porta de entrada para a construção desta possível terceira tópica assente no conceito da memória dos Freitas. No seio das estruturas elementares do aparelho psíquico, cada elemento ou figura de parentesco com que Dora se relaciona transporta agregada a si todo um conjunto de

relações com outras figuras significantes, figuras estruturadas segundo o modelo das estruturas elementares do parentesco constituinte do núcleo duro à volta do qual gravita a turbulência dos afectos. Cada sujeito numa rede de relações familiares constitui potencialmente o ideal do ego de algum outro sujeito. Como ele próprio também é já produto do investimento no ideal do ego de outros sujeitos, cada sujeito passa a ser o centro de uma esfera constituída por uma rede de relações entre ideais do ego. Esta alteridade entre ideais do ego ("memória dos Freitas na alteridade") é passível de ser estruturada segundo o modelo das três estruturas elementares do parentesco enquanto ordenadoras da transmissão psíquica de afectos entre gerações tal como exemplificado na figura abaixo indicada. Nesta podemos observar o modelo de uma possível terceira tópica contempladora da transmissão intergeracional de ideais do ego segundo as estruturas elementares do parentesco.

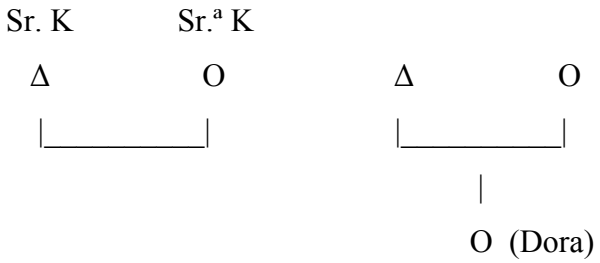


Modelo original de Freitas com acrescentamentos do autor do presente texto. As zonas de intersecção das esferas são constituídas pelas EEP (acrescentado).

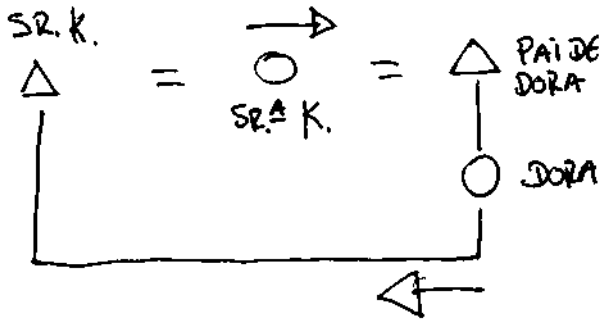
O caso Dora situa-se na relação do aparelho psíquico da rapariga com a "memória dos Freitas na ipseidade", ou seja, com a "memória parental-sócio-familiar-cultural" na qual situamos as relações de objecto entre a família de Dora e a família dos K no mundo externo.

As identificações que Freud detecta posteriormente entre Dora, a mãe e a Sr.ª K remetem-nos para a bissexualidade da rapariga. Vamos agora proceder à análise detalhada das consequências desta descoberta de Freud. Para tal temos que enquadrar a bissexualidade na lógica das estruturas elementares do parentesco através da dinâmica do aparelho

psíquico de Dora. Recordemos o esquema que ilustra a acusação de Dora ao pai, acusação segundo a qual a moça se sente objecto de troca.

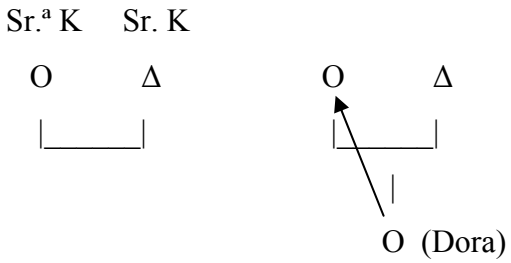


Estamos perante duas alianças (Sr K. |_| Sr.ª K, pai de Dora |_| mãe de Dora) e uma relação de filiação (pais | Dora), neste caso coincidente com a consanguinidade. Sabemos que há uma relação amorosa entre a Sr.ª K. e o pai de Dora. Mas a lógica das estruturas elementares do parentesco obriga-nos a revelar a relação que entre um homem e uma mulher se pode estabelecer na medida em que à dádiva de uma mulher por um primeiro homem corresponda a contra-dádiva de outra mulher por um segundo homem ao primeiro (Lévi-Strauss, 1949/1982; Mauss, 1923-24/1988). A acusação de Dora apresenta assim o seguinte conteúdo manifesto:



O Sr. K faz a dádiva da Sr.ª K ao pai de Dora e, em contrapartida e em sentido contrário, o pai de Dora faz a contra-dádiva da sua filha ao Sr. K. Eis o conteúdo manifesto da acusação de Dora.

Agora vamos voltar à identificação entre Dora e a mãe. Esta constitui o conteúdo latente da acusação de Dora. Através da identificação de Dora com a mãe (cf. Freud, 1901/1996a, p. 60), a filha coloca-se no lugar da progenitora na disputa edipiana pelo pai. Posto isto, o esquema acima reproduzido dá lugar ao seguinte estado de coisas:



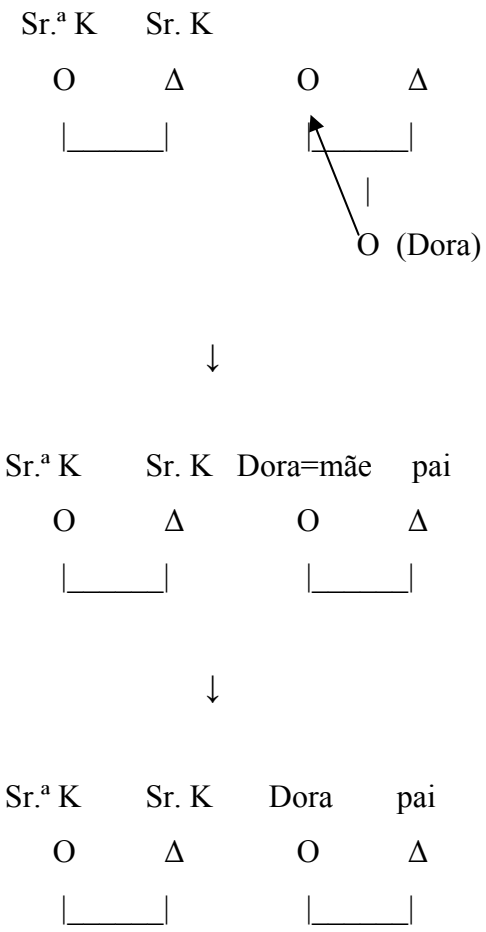
Há uma condensação de duas figuras de parentesco, Dora e a mãe, no nosso esquema. Isto significa que a mãe de Dora, no drama descrito por Freud, passa ao estado latente e a filha ao estado manifesto nas descrições psicodinâmicas apresentadas. Apesar da mera evidência de que é de Dora que se trata, o facto que aqui sublinhamos é que a mãe de Dora pode permanecer latente na medida em que a estrutura da acusação de Dora assim o obrigou. Para além das consequências da componente lamarckista que denunciámos em Freud nesta situação, também isto pode ter tido a sua influência na narrativa freudiana do caso. Por outro lado, a condensação das figuras de Dora e da sua mãe implica uma anulação do tempo que medeia entre a geração dos pais de Dora e de Dora. Ora esta é uma das características do inconsciente já descritas por Freud (1915/1996b) ao referir que "Os processos do sistema Ics. são *intemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo" (p. 192)[507]. É preciso notar que ao disputar o pai ocupando o lugar da mãe ainda mantemos a tese de Lacan (1956-57/1995, p. 146-147) na medida em que nesta perspectiva Dora continua a não renunciar ao falo paterno. Por outro lado a identificação com a mãe e, por deslocamento, com a Sr.ª K permite introduzir a componente homossexual de Dora. A bissexualidade traduz-se numa ambivalência afectiva apoiada anaclíticamente nas componentes homossexual e heterossexual de Dora. Já estamos a

[507] "The processes of the system *Ucs.* are *timeless;* i.e. they are not ordered temporally, are not altered by the passage of time; they have no reference to time at all" (Freud, 1915/1991c, p. 191).

encarar, neste ponto, transições entre tópicas. Pois se podemos entender nos termos da primeira tópica que as pulsões de autoconservação ou pulsões do ego de Dora servem de apoio às pulsões sexuais na medida em que estas últimas animam as vicissitudes das escolhas objectais do pai e/ou Sr. K e da mãe e/ou Sr.ª K, nos termos da segunda tópica o reservatório do id ─ ao qual o ego vai buscar a energia pulsional (Freud, 1923/1996) sendo entendido como "reservatório de libido" (Freud, 1922/1996b, p. 272)[508] ─ coincide também com as identificações superegóicas entre Dora, o pai, o Sr. K e a Sr.ª K. Como estas identificações implicam escolhas objectais ordenadas segundo as estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) podemos afirmar como já dissemos que esta é a porta de entrada para a "transmissão psíquica" (Freud, 1932/1996a, p. 61)[509] intergeracional e transgeracional enquanto dimensão essencial de uma terceira tópica. Não se trata agora do inconsciente entendido como produto do recalcamento executado pelo ego como na primeira tópica (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 121), mas das vicissitudes de uma segunda tópica que trabalha para além do ego de Dora. O ideal do ego (enquanto instância) constitui a base das identificações de Dora com os personagens do drama. Os vários ideais do ego manifestados pelas identificações levadas a cabo e compostos segundo as estruturas elementares do parentesco constituem a passagem para a transgeracionalidade manifestada por estas.

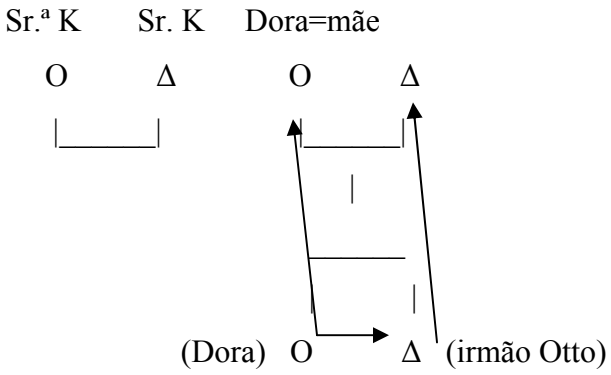
Prossigamos nas transformações das estruturas elementares do aparelho psíquico de Dora.

[508] "reservoir of libido" (Freud, 1922/1993, p. 155).
[509] "direct psychical transference" (Freud, 1932/1981a, p. 55).

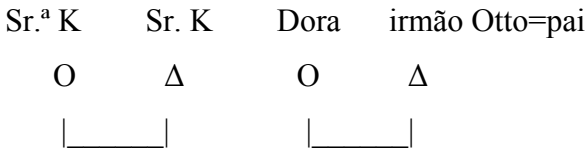


Estamos perante dois grupos de aliança que podemos denominar também por alianças psíquicas ou psicológicas, para além das alianças reais que possam constituir. No aparelho psíquico formam, ao nível dos investimentos egóicos, alianças entre objectos. No núcleo edipiano, Dora ocupa agora o lugar da mãe e esta passa a estado latente. Devemos lembrar-nos entretanto que Dora tem um irmão 14 meses mais velho, Otto Bauer (Rogow, 1979, p. 240). Este, segundo descrição de Freud, não censura a relação do pai com a Sr.ª K. Nas palavras de Dora, “"Meu irmão me diz que nós, os filhos, não temos o direito de criticar esses [actos] do papai, que não nos devemos preocupar com isso, e que talvez devamos até alegrar-nos por ele ter encontrado uma mulher a quem pode se afeiçoar, já que mamãe o compreende tão pouco. Também vejo isso, e gostaria de pensar como meu irmão, mas não posso. Não posso perdoá-lo"” (Freud, 1901/1996a, p.

59)[510]. Estamos portanto perante uma identificação e uma cumplicidade do irmão mais velho de Dora com o pai. O esquema passa a ter a seguinte configuração:



Note-se que, por via das respectivas identificações, os irmãos encontram-se agora projectados na geração dos pais. A mesma relação que Dora procura seguir situando-se como «esposa»[511] do pai é coerente com a identificação que a rapariga desenvolve relativamente ao irmão, identificação já detectada por Freud (1901/1996a) quando referiu que "Em épocas anteriores, o único irmão da moça, um ano e meio mais velho, fora o modelo que ela ambicionara seguir" (p. 31).



Nesta transformação edipiana projectada na geração ascendente dos pais o irmão de Dora está agora no lugar do pai. Mas Otto Bauer identificava-se ainda mais com o irmão mais velho do pai, tio Karl, aquele que Freud designou por "solteirão hipocondríaco" (Freud, 1901/1996a, p. 30)[512]. Segundo Rogow (1979), "fosse qual fosse o estado dos

[510] "I know my brother says we children have no right to criticize this behaviour of Father's. He declares that we ought not to trouble ourselves about it, and ought even to be glad, perhaps, that he has found a woman he can love, since Mother understands him so little. I can quite see that, and I should like to think the same as my brother, but I can't. I can't forgive him for it"' (Freud, 1901/1981a, p. 54).
[511] Termo classificatório
[512] "hypochondriacal bachelor" (Freud, 1901/1981a, p. 19).

sentimentos que nutria pelos seu pais, Otto identificava-se muito mais com o tio Karl, o 'solteirão hipocondríaco', do que com o seu próprio pai" (p. 240)[513].

Para haver identificação política teve que haver identificação com a pessoa do tio Karl que era extremamente próximo de Otto cuidando de influenciar e cuidar da educação do sobrinho (Decker, 1991, p. 69) de um modo que não coube a Dora. A identificação política é a ponta do iceberg do investimento objectal do ego de Otto no ego de Karl. Segundo Decker (1991), "O socialismo austríaco atraiu muito judeus talentosos. O tio de Dora, Karl Bauer, embora sendo um proprietário de uma fábrica como o pai dela, era bastante favorável às ideias socialistas tendo influenciado o irmão de Dora, Otto. Além de isto constituír o desejo de uma assimilação total, o extraordinário interesse judaico no socialismo foi impelido por uma extensa série de factores. Tal incluia a crença judaica de uma justiça social na terra; idealismo de juventude e rejeição do materialismo burguês, que perduraram até à idade adulta; procura de uma ideologia alternativa ou de uma nova identidade que substituisse a identidade judaica perdida; reacção ao anti-semitismo e à exclusão social; e servindo ainda para canalizar o ódio dirigido aos judeus" (pp. 30-31)[514]. Apesar de o judaísmo certamente ter constituído um "ponto inatingido" (Freitas, 1991, 2000) na regulação do aparelho psíquico de Otto e de Karl, assim como no resto dos componentes da família Bauer, o socialismo democrático reformista a que Otto, por influência do tio, aderirá posteriormente terá não obstante sido suficiente para melhor sistematizar e simultaneamente dar forma às pretensões edipianas aparentemente "reformistas" e anti-burguesas contidas no comentário de natureza liberal do irmão de Dora sobre a relação amorosa extra-conjugal do pai com a Sr.ª K (não obstante a sua relativa juventude na altura em que o fez). O que interessa notar é que há duas identificações do irmão Otto com o pai e o tio paterno que solidificam fortemente o

[513] "(…) whatever the state of his feelings for his parents, Otto politically identified much more with his Uncle Karl, the 'hypochondriacal bachelor', than with his father" (Rogow, 1979, p. 240).

[514] "Austrian socialism attracted many talented Jews. Dora's uncle, Karl Bauer, although a factory owner like her father, was very sympathetic to socialist ideas and passed on his interest to Dora's brother, Otto. In addition to being an expression of the yearning for total assimilation, the extraordinary Jewish interest in socialism was prompted by a wide range of factors. These included the Jews' belief that social justice could be secured on earth; youthful idealism and rejection of bourgeois materialism, both lasting into adulthood; searching for an alternate ideology or a new identity to replace the lost Jewish one; reacting to anti-Semitism and social exclusion; and being a conduit for Jewish self-hatred. Some of these motivations indeed operated within the Bauer family" (Decker, 1991, pp. 30-31).

género masculino no ramo paterno da família de Dora. Isto não implica que o irmão não se identifique com a mãe, facto que Rogow (cf. 1979, p. 241) também refere. As consequências deste estado de coisas denotam que, para além do pai, as identificações de Dora procuram preferencialmente as mulheres da família paterna, nomeadamente uma tia, irmã mais nova do pai de Dora, tal como referido por Freud (1901/1996a) ao adiantar que "(…) também conhecera em Viena uma irmã um pouco mais velha dele, em quem reconheci uma forma grave de psiconeurose sem nenhum dos sintomas caracteristicamente histéricos. Depois de uma vida acabrunhada por um casamento infeliz, essa mulher morreu de um marasmo que progrediu rapidamente e cujos sintomas, aliás, nunca foram totalmente esclarecidos (…) As simpatias da própria moça (…) sempre penderam para o lado paterno da família e, depois de adoecer, ela tomara como modelo a tia que acabei de mencionar"(p. 30)[515]. Não obstante ser pelo lado do conflito edipiano com a mãe que Dora se coloca como «esposa» do pai, deve notar-se que a acusação de ser trocada entre homens, nomeadamente entre o pai e o amigo, pode introduzir sub-reptíciamente uma identificação materna latente ─ a mãe de Dora, Käthe Gerber Bauer (Rogow, 1979, p. 241), transporta no nome de família original (Gerber) a referência significante que aponta para o «comércio» (de curtumes) enquanto actividade de troca pois segundo Decker (1991), "Pelo século XVII, os Judeus entraram em muitos ramos do comércio. Em particular, os que viviam nas províncias trabalhavam no arrendamento de destilarias, pastelarias e cortumes. É provável que os antepassados da mãe de Dora tenham prosseguido no comércio de cortumes, uma vez que *Gerber* significa 'fábrica de cortumes' em Alemão" (p. 16)[516]. A identificação com a gonorreia de que a mãe padecia (deslocada para o denominado "catarro" enquanto sintoma) julgando erradamente tratar-se de sífilis transmitida pelo pai terá levado Dora,

[515] "I had in the meantime also made the acquaintance in Vienna of a sister of his, who was a little older than himself. She gave clear evidence of a severe form of psychoneurosis without any characteristically hysterical symptoms. After a life which had been weighed down by an unhappy marriage, she died of a marasmus which made rapid advances and the symptoms of which were, as a matter of fact, never fully cleared up (…) The sympathies of the girl herself, who, as I have said, became my patient at the age of eighteen, had always been with the father's side of the family, and ever since she had fallen ill she had taken as her model the aunt who has just been mentioned" (Freud, 1901/1981a, pp. 19-20).

[516] "By the seventeenth century, Jews had entered numerous crafts and trades. In particular, those in the provinces worked as leasers of distilleries, potasheries, and tanneries. It is likely that Dora's mother's ancestors for a time pursued the latter trade, since *Gerber* means "tanner" in German" (Decker, 1991, p. 16).

provavelmente, a identificar-se com a mãe na condição de mulher trocada, neste caso por outras mulheres, pelo seu marido Phillip Bauer. A transmissão sexual da gonorreia pelo pai à mãe, fruto da promiscuidade sexual deste é uma acusação credível por parte de Dora e serviu certamente de apoio, constituindo uma via associativa sobredeterminada (cf. Freud, 1901/1996a, p. 64), à sua acusação posterior de ser trocada entre homens. Dora introduz-se no fenómeno da troca entre sexos até por via da doença materna: "Dora acreditou, e Freud concordou, que a sua mãe tinha apanhado gonorreia − situação que Dora entendeu erradamente como sendo sífilis − a partir do seu pai. Nesta perspectiva, Dora identificou-se com a sua mãe, pois também ela tinha corrimentos vaginais, embora não específicos, tendo pensado que a condição sifilítica do seu pai significava que também ela se encontrava doente por razões hereditárias. Uma vez, durante uma sessão com Freud, Dora deu com ela a pensar numa visita que tinha feito com a sua mãe a Franzensbad (Frantiskovy Laznë), local onde Katharina se tinha deslocado para curar a sua doença venérea. Neste ponto Freud tornou-se consciente de que Dora se identificava com a mãe ao imitar alguns dos seus maneirismos e sintomas. A viagem a Franzensbad tinha ajudado a aproximar Dora da mãe fornecendo-lhe modelos para as doenças femininas. Foi então que, seguindo o caminho da mãe, Dora aprendeu eufemisticamente a designar os seus corrimentos por 'catarro'" (Decker, 1991, p. 52)[517].

Temos então os dois irmãos colocados por identificação projectiva ao nível da geração dos pais. Dora identificada com a mãe na procura do falo paterno. O irmão Otto identificado com o pai e o tio ─ unidade dos germanos (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 40). Esta aplicação que aqui fazemos configura o princípio geral das investigações de

[517] "Dora believed, and Freud concurred, that her mother had gotten gonorrhea—which Dora mistook for syphilis—from her father. In this regard, Dora identified with her mother, for she herself had a vaginal discharge, although a nonspecific one, and thought that her father's syphilitic condition meant that she herself was sickly by reason of heredity. Once, during a session with Freud, Dora fell to thinking about a visit she had made with her mother to Franzensbad (Frantiskovy Laznë), where Katharina had gone for a cure of her venereal disease. At that point Freud became aware that Dora was identifying herself with her mother by copying certain of Katharina's symptoms and mannerisms. The trip to Franzensbad had obviously helped to tie Dora more closely to her mother and provide her with models of female illness and activity. It was then, following her mother's lead, that Dora learned to call her discharge euphemistically a "catarrh"" (Decker, 1991, p. 52).

Devereux (1965/1978) quando sublinhou que "(...) o complexo de Édipo é inseparável da noção de parentesco e que a noção de incesto o pressupõe" (p. 185)[518].

Sr.ª K Sr. K Dora=mãe irmão Otto=pai

O Δ O Δ

|_____| |_____|

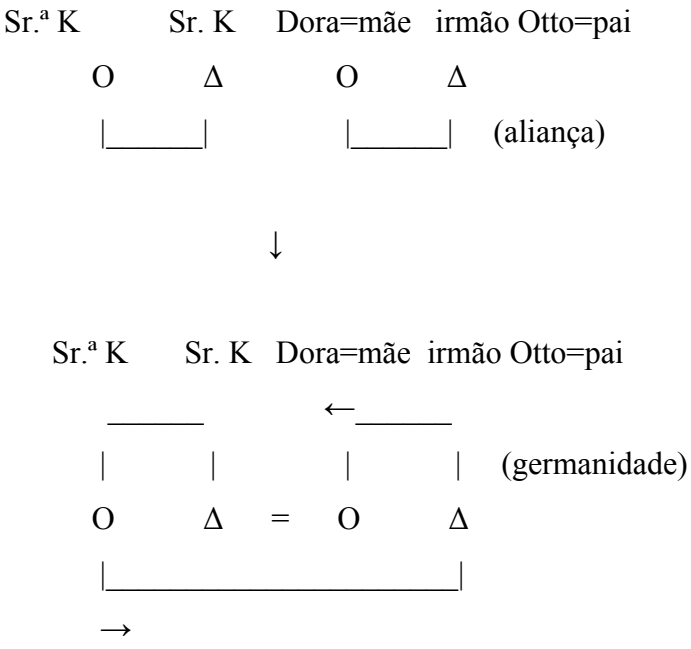
O que vemos no esquema acima reproduzido são duas relações de aliança. Podemos agora reparar que o Sr. K e a Sr.ª K, por um lado, e o pai e a mãe de Dora, por outro, se comportam como «irmãos» na medida em que a dimensão sexual e amorosa da sua relação se encontra bloqueada. Clínicos como Figueiredo (1977), entre outros, confirmam a recorrência deste tipo de situação referindo que dentro de determinados casais a parceira pode encarar o seu parceiro como um «irmão», tal como no caso de Claire. O autor (Figueiredo, 1977) conta como interpelando uma paciente sua, Claire, e advertindo-a para a possibilidade de que "Pode ser que um problema de competição fraternal com o seu amigo também esteja presente...", esta ter-lhe-á respondido "(com ar admirado): Que raio ... Não me diga que vivo o meu companheiro como um irmão ... mas não deixa de ter razão ... (Claire e o seu companheiro viviam juntos há muitos meses sem poderem ter relações sexuais)" (p. 124). Aqui tocamos novamente a tese de Devereux (1965/1978) sobre a fusão das categorias da «irmã» e da «mulher» ou «esposa» ao adiantar que "o Inconsciente não faz distinção entre o parentesco por afinidade ou consanguíneo" (p. 202)[519]. Do mesmo modo já não se trata das pessoas concretas dos pais de Dora e de Otto mas das imagos dos irmãos projectadas nos pais. A partir da perspectiva dos irmãos (Dora e Otto) os pais actuam na qualidade de «irmãos» ─ recordemos que o «ego»[520] desta rede genealógica de objectos é Dora. A perspectiva, o vértice das relações de objecto partem de Dora e chegam sempre a Dora tal como a sua acusação estabelece.

[518] "(…) the Oedipus complex is inseparable from the notion of kinship and that the notion of incest presupposes it (pp. 180-181) significando isto que "(…) the Unconscious tends to confuse—and even to fuse—different generations (grandparents, parents and children) on the one hand and affinal and consanguine relatives on the other hand" (Devereux, 1965/1978, p. 185).

[519] "the Unconscious makes no distinction between consanguine and affinal kinship; it fuses and tangles the two; it confuses sister and wife" (Devereux, 1965/1978, p. 202).

[520] "Nome convencional dado ao indivíduo escolhido como ponto de referência na notação e descrição de um sistema de parentesco" (Panoff & Perrin, 1973/1979, p. 62).

Deste modo, a transformação seguinte ilustra a inversão dos operadores de aliança (|_|) nos operadores de germanidade (|¯|) entre objectos em prol da satisfação dos desejos circulantes nos sistemas de psicoparentesco baseados nas estruturas elementares. Note-se que esta operação de inversão produz dois opostos (a aliança e a germanidade) que se equivalem na mesma estrutura. Isto constitui o prolongamento do princípio freudiano da equivalência dos opostos ao serviço dos mecanismos de defesa no processo primário onde se admite que "(…) os opostos possam convergir" (Freud, 1900-01/1996, p. 508)[521].



As gerações estão agora condensadas através do jogo identificações projectivas mútuas. Pais e irmãos encontram-se na mesma geração. Este drama envolve segundo alguns autores (Slipp, 1984/1991, p. 159; Vermorel, 2002, p. 88) sedução e abandono da jovem Dora por adultos (pais e o casal dos K). Trata-se particularmente do abandono pelo pai que se torna sedutor fazendo a filha ocupar o lugar substituto da mãe idealizada. A sedução não verbalizada por um pai narcísico ─ Slipp (1984/1991, p. 159) coloca isto na base da histeria de algumas mulheres, neste caso Dora ─ leva-nos à presença de pulsões incestuosas que, segundo a grelha interpretativa que aqui consideramos, implicam o seu retorno, a sua contra-dádiva na forma de objecto para o pai. Este pai / «irmão» funciona

[521] "(...) that opposites should converge" (Freud, 1900/1981b, p. 476).

no aparelho psíquico de Dora como trocador de mulheres. Os traços de falsidade no carácter (cf. Freud, 1901/1996a, p. 42) que Dora aponta ao pai são afinal defeitos apontados ao género masculino em geral. Simetricamente, tal como previsto pela estrutura bilateral da troca é natural que Dora tenha achado que o Sr. K procedeu à troca da sua mulher tal como o seu próprio pai procedeu à sua. Nesta perspectiva, neste vértice, o Sr. K poderia vir a revelar-se um marido / «pai» adoptivo que no futuro poderia submetê-la à troca na qualidade de «filha», categoria classificatória que circunscreve um trauma amoroso na rapariga. Isto teria contribuído para a rejeição do Sr. K por Dora. Acrescentamos, em apoio deste ponto de vista, que alguns clínicos (Kolb, 1977/1980) relatam casos em que a esposa encara o marido na qualidade de «pai» tal como aquela mulher que queixando-se de cefaleias permanentes após um aborto relata numa terapia de cariz psicanalítico que "reconhecendo [a] sua infantilidade e [o] seu papel nas dificuldades do casamento, (…) sugeriu que talvez houvesse se comportado em relação ao marido como se este fosse um pai substituto" (Kolb, 1977/1980, p. 549). Outros, como Fleming (1983), confirmam clinicamente esta configuração edipiana e apontam-na como uma das características da denominada «condição de não desmame» (*unweaned condition*), conceito de Hollingworth (1928), característica segundo a qual a mulher espera "(…) que o cônjuge aja como um pai" (p. 532). O inverso também acontece.

Por outro lado a ocupação do lugar da Sr.ª K por Dora é coerente com a componente homossexual da troca bilateral. Ao ocupar o lugar da Sr.ª K na estrutura de psicoparentesco bilateral Dora converge em proximidade com o objecto no qual investiu amorosamente ─ "Quando Dora falava sobre a Sra. K., costumava elogiar seu "adorável corpo alvo" num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada. Noutra ocasião, mais triste do que com raiva, ela me disse estar convencida de que os presentes que o pai lhe oferecia eram escolhidos pela Sra. K., pois reconhecia seu gosto. De outra feita ainda, ela assinalou que a haviam presenteado, evidentemente por intervenção da Sra. K., com algumas jóias que eram [exactamente] idênticas às que vira na casa dela, expressando então em voz alta o desejo de possuí-las. Na verdade, devo dizer que nunca ouvi dela uma só palavra áspera ou irada sobre essa mulher" (Freud, 1901/1996a, p.

65)[522]. A estrutura revela uma simetria: se a identificação com a mãe era uma maneira de estar com o pai, estar na aliança com o Sr. K era uma maneira de estar com a Sr.ª K. Veja-se como a estrutura da troca nas alianças "combinadas" articula a componente heterossexual (procura do falo paterno) com a componente homossexual traduzida pela identificação com a Sr.ª K. A regressão à estrutura edipiana dá-se com a traição da Sr.ª K. É a Sr.ª K quem quebra o sigilo sobre as confissões íntimas que lhe foram feitas por Dora. Este trauma fractura o investimento homossexual subjacente à aliança com o Sr. K. A aliança do Sr. K. com a Sr.ª K revela-se de uma solidez que exclui Dora da troca: "(…) como se comportara para com Dora essa amiga tão entusiasticamente amada? Depois que Dora formulou sua acusação contra o Sr. K e seu pai escreveu para ele pedindo-lhe uma explicação, o Sr. K. respondeu, inicialmente, protestando a mais alta estima por ela e se oferecendo para ir até a cidade industrial a fim de esclarecer todos os mal-entendidos. Passadas algumas semanas, quando o pai de Dora falou com ele em B, já não se tocou mais na estima. Ao contrário, o Sr. K. depreciou a moça e jogou seu trunfo: uma moça que lia tais livros e se interessava por aquelas coisas não podia ter nenhuma pretensão ao respeito de um homem. A Sra. K., portanto, a havia traído e caluniado, pois somente com ela é que Dora falara sobre Mantegazza[523] e sobre temas proibidos. Era uma repetição do que acontecera com a governanta: a Sra. K também não a amara por ela mesma, e sim por causa do pai. Ela a havia sacrificado sem um momento de hesitação para que seu relacionamento com o pai de Dora não fosse perturbado. Essa ofensa talvez a tenha tocado mais de perto e tido maior efeito patogénico do que a outra com que ela tentou encobri-la, ou seja, a de ter sido sacrificada pelo pai. Acaso a amnésia tão obstinadamente perseverante a respeito das fontes de seu conhecimento proibido [p. 39-40] não apontaria [directamente] para o valor emocional da acusação que lhe foi feita e, por conseguinte, para sua traição pela amiga?" (Freud, 1901/1996a, p. 66)[524]. O que sublinhamos aqui

[522] "When Dora talked about Frau K., she used to praise her 'adorable white body' in accents more appropriate to a lover than to a defeated rival. Another time she told me, more in sorrow than in anger, that she was convinced the presents her father had brought her had been chosen by Frau K., for she recognized her taste. Another time, again, she pointed out that, evidently through the agency of Frau K., she had been given a present of some jewellery which was exactly like some that she had seen in Frau K.'s possession and had wished for aloud at the time. Indeed, I can say in general that I never heard her speak a harsh or angry word against the lady" (Freud, 1901/1981a, pp. 61-62).

[523] Mantegazza, P., *Fisiologia dell' Amore,* 2.ª ed., Milão, 1875.

[524] "For how had this woman to whom Dora was so enthusiastically devoted behaved to her? After Dora had brought forward her accusation against Herr K., and her father had written to him and had asked for an

quando falamos na solidez da aliança dos K é baseado na articulação das acusações tanto do Sr. K quanto da Sr.ª K a Dora. É nesta medida que a aliança funciona solidariamente entre os dois objectos que a compõem e isto não é contraditório com o facto de ao proceder deste modo a Sr.ª K salvaguardar a sua relação com o pai de Dora. Relativamente à contra-acusação feita a Dora, as relações da Sr.ª K com o Sr. K, por um lado, e com o pai de Dora, por outro, são complementares. O que agora queremos sublinhar é o facto de com estas identificações Dora condensar em si as figuras femininas do drama. Ao procurar o pai, identifica-se com a mãe. Ao ocupar o lugar da Sr.ª K, identifica-se com esta. Não obstante a identificação com estas duas mulheres, Dora acaba traída e abandonada pela mãe que é distante e com quem mantém uma relação conflituosa, pelo pai que a submeteu à troca entre ele e o Sr. K e pela Sr.ª K que denuncia um segredo íntimo que só às duas pertencia. Slipp (1984/1991) comenta esta situação de modo sintético e inovador quando refere que "Dora disse a Freud que tinha sido entregue ao Sr. K como prémio pela tolerância deste relativamente ao caso que o pai de Dora mantinha com a Sr.ª K. Traída e abandonada pelos pais e pelos K, Dora foi apanhada nesta rede de negações e de enganos. Virou-se então para a tia paterna em busca de apoio, mas a tia morreu. Depois disto Dora tenta finalmente comunicar o seu sofrimento através da linguagem corporal não-verbal, esperando que o seu pai lhe desse atenção e terminasse a sua relação com a Sr.ª K" (p. 159)[525]. A novidade que Slipp sublinha diz respeito ao pedido de ajuda, por Dora, à sua tia Malvine, irmã mais nova do pai (Decker, 1991, p.

---

explanation, Herr K. had replied in the first instance by protesting sentiments of the highest esteem for her and by proposing that he should come to the manufacturing town to clear up every misunderstanding. A few weeks later, when her father spoke to him at B−, there was no longer any question of esteem. On the contrary, Herr K. spoke of her with disparagement, and produced as his trump card the reflection that no girl who read such books and was interested in such things could have any title to a man's respect. Frau K., therefore, had betrayed her and had calumniated her; for it had only been with her that she had read Mantegazza and discussed forbidden topics. It was a repetition of what had happened with the governess: Frau K. had not loved her for her own sake but on account of her father. Frau K. had sacrificed her without a moment's hesitation so that her relations with her father might not be disturbed. This mortification touched her, perhaps, more nearly and had a greater pathogenic effect than the other one, which she tried to use as a screen for it,—the fact that she had been sacrificed by her father. Did not the obstinacy with which she retained the particular amnesia concerning the sources of her forbidden knowledge [p. 31] point directly to the great emotional importance for her of the accusation against her upon that score, and consequently to her betrayal by her friend?" (Freud, 1901/1981a, p. 62)

[525] "(…) Dora told Freud she felt she had been handed over to Herr K. as the price for Herr K.'s tolerating the affair between her father and Frau K. Betrayed and abandoned by her parents and the K.'s, Dora was trapped in this web of denial and deceit. Dora turned to her paternal aunt for support, but the aunt died. Dora then attempted to communicate her distress through nonverbal body language, hoping that her father would hear and break off with Frau K" (Slipp, 1984/1991, p. 159).

44). Já comentámos mais atrás a referência feita por Freud sobre a identificação de Dora com esta tia paterna. O que interessa notar é que face à desilusão pelas identificações levadas a cabo com a mãe e a Sr.ª K, resta agora apelar a uma mulher dentro da linhagem de objectos paternos. A regressão ao núcleo edipiano leva à sua reformulação encontrando na irmã do pai o objecto materno substituto. Dora procura uma mulher que, munida com o poder do pai, contrabalance o poder da mãe e da Sr.ª K. A tia materna Malvine funciona como um «pai-mulher» (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 41), categoria classificatória condensadora do pai e da mãe unidos, casal unido ou combinado, sob a égide da linhagem de objectos paternos. Desempenha a função de uma mulher de características maternas com o poder fálico do pai, uma mãe fálica.[526]. Voltamos a Torok (1964/2001) na medida em que o abandono que Dora terá sentido por parte da mãe, segundo as teses de Slipp (1984/1991) e Vermorel (2002), pode residir num nível ainda mais profundo, isto é, na confirmação da ausência do pénis na mãe. O que as estruturas elementares do parentesco acrescentam, nesta aspecto particular, é o facto de mostrarem o deslocamento do fantasma dos pais unidos que a criança inveja, odeia e teme (cf. Klein, 1922/1997, p. 66) para configurações classificatórias de parentesco que os representam nas filiações ou bilineares ou unilineares de objectos paternos ou maternos do aparelho psíquico. Neste caso, Dora procede à "realização fantasmática da cena primitiva através da identificação com os dois pais" (Torok, 1964/2001, p. 167)[527] transformando, como já teorizámos mais atrás, a aliança dos objectos paterno e materno num só objecto. Isto leva à exclusão da mãe para fora do casal unido na medida em que a rapariga atinge a "autonomia" por intermédio da "satisfação masturbatória" auto-erótica escapando assim à "possessão sádica" materna (Torok, 1964/2001, p. 167)[528]. Freud (1901/1996a) refere explicitamente no caso Dora a fixação da pulsão amorosa incestuosa por um dos pais sujeita à transformação "ainda na infância ou, no máximo, na puberdade, em algo equiparável a uma inclinação sexual e que, como esta, tem a libido a seu dispor" (p.

[526] Situação semelhante, embora oposta mas complementar, pode ser encontrada na leitura que Pradelles de Latour (1986) faz sobre a posição do pai trobriandês ao referir que "le père trobriandais est un père-mère, un père en miroir dans lequel l'enfant peut se refléter et trouver son unité" (p. 98), tal como estudado por Malinowski (1927/2000, 1929/1983), pai na sua dupla vertente de pai fisiológico e de irmão da mãe.

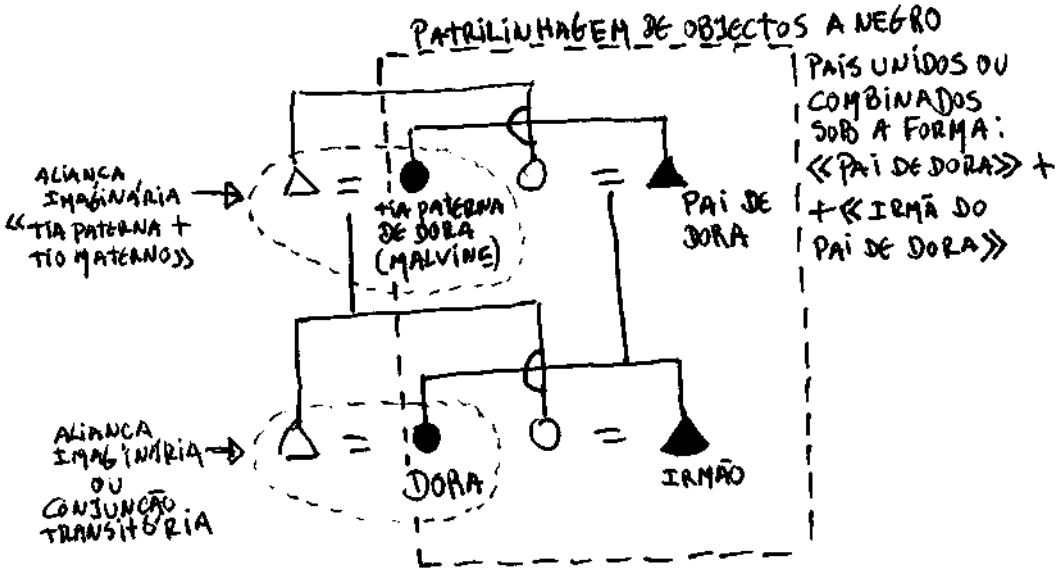
[527] "réalisation fantasmatique de la Scène primitive par l'identification aux deux parents" (Torok, 1964/2001, p. 167).

[528] "l'autonomie dans la satisfaction masturbatoire (...) dépossession sadique de la Mère" (Torok, 1964/2001, p. 167).

61)[529] sendo "O factor decisivo para isso (…) o aparecimento prematuro de sensações genitais genuínas (…) espontâneas ou resultantes de sedução ou masturbação" (p. 61, n.62)[530] servindo a masturbação, ainda, como identificação com a prima paterna, filha da tia Malvine, através da somatização das dores de estômago: "(…) eu começara a suspeitar da masturbação quando ela me falou sobre as dores estomacais da prima e em seguida se identificou com ela, queixando-se por dias a fio de sensações dolorosas similares" (p. 79)[531]. Na patrilinhagem de objectos a mãe é temporariamente excluída e substituída pela tia paterna, o que se confirma através da identificação pela via masturbatória com a prima paterna. Face à expulsão da mãe para fora do casal unido e à especificidade do sexo do pai, Dora entra numa "(...) conjunção imagóica particular: Mãe exigente, castrada e ciumenta. Pai invejado, depreciado e sobrevalorizado, por sua vez. A única saída para o impasse destas identificações encontra-se na constituição de um ideal fálico inacessível (imagem mítica de um Pai idealizado) comportando por seu turno uma reafirmação da mãe ao conservar as suas prerrogativas e a nostalgia de preencher assim uma lacuna fatal para o destino genital: a identificação com o Pai" (Torok, 1964/2001, p. 167-168)[532]. A conjunção imagóica e a tentativa de conservação das prerrogativas maternas estão condensadas na figura da tia paterna Malvine. Ela conjuga a imago da mãe de Dora e do pai. Preenche a nostalgia da mãe que se revelou castrada e restitui o poder fálico do pai na qualidade de irmã deste ─ princípio da unidade dos irmãos germanos de Radcliffe-Brown (1950/1982, p. 40). Por isso simbolizamos a conjunção imagóica de que fala Torok (1964/2001) através da patrilinhagem de objectos unificadora das funções do pai de Dora e da sua irmã Malvine sempre no contexto da troca bilateral a fim preservar a presença das componentes homossexual e heterossexual subjacentes ao processo de

[529] "(…) (either while the child is still young or not until it has reached the age of puberty) which must be put on a par with a sexual inclination and which, like the latter, has the forces of the libido at its command" (Freud, 1901/1981a, pp. 56-57).
[530] "The decisive factor in this connection is no doubt the early appearance of true genital sensations, either spontaneously or as a result of seduction or masturbation" (Freud, 1901/1981a, p. 57, n. 1).
[531] "(…) I had begun to suspect the masturbation when she had told me of her cousin's gastric pains, and had then identified herself with her by complaining for days together of similar painful sensations" (Freud, 1901/1981a, p. 78).
[532] "conjonction imagoïque particulière: Mère exigeante, châtrée et jalouse. Père envié, déprécié et survalorisé à la fois. La seule issue de cette impasse des identifications s'ouvre sur la constitution d'un inaccessible idéal phallique (image mythique d'un Père idéalisé) comportant à la fois une réassurance de la Mère de conserver ses prérogatives et la nostalgie de combler ainsi une lacune fatale pour le destin génital: l'identification au Père" (Torok, 1964/2001, p. 167-168).

construção da identidade procurada pela filha de Phillip Bauer na narração freudiana. Tal como a mãe, este «pai-mulher» (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 41) na figura da tia Malvine representa "a mulher com pénis" que "significa os pais unidos" (Klein, 1975/1997, p. 85). Enquanto mulher trocada pela mãe, segundo a ideia sobrevalorizada da troca em Dora, a irmã do pai deixa o «lugar materno» topológico da estrutura de parentesco em aberto sendo posteriormente ocupado por uma mulher (mãe) que representa latentemente o desejo incestuoso não satisfeito pelo irmão em virtude das exigências exogâmicas da troca de objectos. Vamos agora esquematizar as relações aqui explanadas na figura abaixo indicada.



A tia Malvine ocupa o lugar da mãe de Dora que permanece sempre subjacente às categorias classificatórias do seu aparelho psíquico. A mãe "é onipresente no pensamento de Dora, uma vez que é a imagem da destruição de si mesma que Dora teme ao amar o pai e outros homens (…). Não tendo como se identificar com a mãe que não goza, Dora não pode ser como a mãe, e, na falta deste Imago, tem de ser, ela mesma, Dora, a própria mãe" (Freitas, 2008a). Procurando ser a própria mãe através das personagens substitutas com quem se relaciona Dora acaba por se identificar de algum modo, sucessivamente, com todas elas. A construção ideativa sobrevalorizada neste caso baseia-se na suspeita de que se o pai submete Dora à troca de mulheres (poder fálico) então poderá fazer o mesmo

com qualquer outra mulher na esfera das suas relações. Em contrapartida, todos os homens como o Sr. K ou os irmãos da mãe poderão fazer o mesmo às suas mulheres e irmãs. Logo, a tia paterna poderá ser encarada nos mesmos moldes. Recordemos que os termos de parentesco classificatórios («pai», «mãe», «tios», «primos», etc.) nas estruturas elementares do parentesco representam casas vazias (e nessa medida são representados entre aspas) ou "(…) sítios num espaço puramente estrutural (…) primeiros em relação às coisas e aos seres reais que os vêm ocupar e também em relação aos papéis e aos acontecimentos sempre um pouco imaginários que necessariamente surgem quando eles são ocupados" (Deleuze, 1972/1977, p. 249). As imagos projectadas de cada sujeito em cada um destes termos formam os significantes que, inter-relacionados, produzem os significados circunscritos pelas "representações de palavra" (Freud, 1891/1979, 1915/1996c) manifestadas na associação livre, sendo "um significante (…) aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo" (Lacan, 1960/1998, p. 833). O sujeito circula pela estrutura de parentesco (bilateral, patrilateral ou matrilateral) encontrando-se fragmentado, dividido entre as categorias classificatórias de parentesco (ou significantes) que representam parcialmente, sempre incompletamente, o seu Self procurado.

É oportuno, chegado a este ponto, fazermos a genealogia dos elementos mais significativos constituintes da família de Dora dentro dos estreitos limites fornecidos pela narração de Freud e de alguns dados esparsos de investigadores (Decker, 1991; Mahony, 1996) que se debruçaram sobre o levantamento de registos relativos ao caso Dora (Freud, 1901/1996a). O pai de Dora, Philipp Bauer, segundo Decker "(…) era o terceiro entre quarto crianças, tendo dois irmãos mais velhos, Ludwig (datas desconhecidas) e Karl (1848-1916), e uma irmã mais nova, Malvine (1855-1899)" (Decker, 1991, p. 42)[533]. Partimos do princípio de que o tio Karl, o denominado "solteirão hipocondríaco" (Freud, 1901/1996a, p. 30), não terá tido descendência, a avaliar pela ausência de dados nesse

[533] "(…) was the third of four children, having two older brothers, Ludwig (dates unknown) and Karl (1848-1916), and a younger sister, Malvine (1855-1899)" (Decker, 1991, p. 42).

sentido quer na narração de Freud (1901/1996a), quer nos elementos fornecidos por Mahoney (1996) ou Decker (1991), pelo que não identificaremos nenhum dos primos ou primas referidos no relato do caso Dora como filhos ou filhas dele. A tia Malvine terá tido duas filhas (pelo menos), primas paternas de Dora, sendo possível confirmar isto no discurso de Freud (1901/1996a) e nos dados fornecidos por Decker (1991). O irmão restante, "Ludwig Bauer, irmão mais velho de Phillip, era advogado. Teve um filho, Julius, que se tornou médico e professor eminente no seu campo profissional" (1991, pp. 49-50)[534]. Decker (1991) não o refere, mas é possível que tenha havido ainda uma outra irmã de Phillip Bauer, "uma tia idosa" (p. 76)[535] de acordo com as indicações de Freud (1901/1996a), de quem Dora terá ouvido dizer, "à sua mãe" (p. 76)[536], sobre o pai, "─ ele já era doente antes do casamento" (p. 76)[537]. Portanto, do lado paterno temos relativamente a Dora duas primas paternas, filhas da tia Malvine, irmã do pai, e um primo paterno, Julius, filho do tio Ludwig, irmão mais velho do pai. Não estão excluídas as possibilidades de terem existido mais irmãos, meios-irmãos, irmãs ou meias-irmãs do pai de Dora e Decker (1991) é peremptório em afirmar sobre a fratria de Phillip Bauer que "As minhas fontes recordam-se apenas destes quatro filhos. Não sei se houve outros que tenham morrido novos, ou ainda outros, para além destes, que tenham vivido até à idade adulta" (p. 224, n. 9)[538]. Do lado da mãe de Dora os dados são ainda mais escassos. Sobre isto adianta-nos Decker (1991) que "As orígens da família de Katharina e a sua deslocação para Viena são obscuras" (p. 51)[539] esclarecendo no entanto que "É provável, no entanto, que o pai dela, um irmã, ou um tio tenha dado pelo nome de Leo Gerber pois este é o nome de uma testemunha formal listado nos registos do nascimento de Dora. A morada de Leo Gerber em 1882 era na Bergasse 32 (no Nono Distrito), a mesma da de Khatarina e Phillip" (p. 227, n. 55)[540]. Mesmo quem escreveu sobre o irmão de Dora,

[534] "Philipp's oldest brother was Ludwig Bauer, a lawyer. He had a son, Julius, who became a physician and eventually an eminent professor in his field" (Decker, 1991, pp. 49-50).
[535] "old aunt" (Freud, 1901/1981a, p. 75).
[536] "to her mother" (Freud, 1901/1981a, p. 75).
[537] "'He was ill before his marriage, you know'" (Freud, 1901/1981a, p. 75).
[538] "My sources record only these four children. I do not know if there were others who died young, or even others, in addition, who lived into adulthood" (Decker, 1991, p. 224, n. 9).
[539] "Katharina's family origins and move to Vienna are obscure" (Decker, 1991, p. 51).
[540] "It is likely, however, that her father, a brother, or an uncle was Leo Gerber since that is the name of a formal witness to Dora's birth listed in the IKG records. Leo Gerber's address in 1882 was Berggasse 32 (in the Ninth District), the same as Philipp's and Katharina's" (Decker, 1991, p. 227, n. 55).

Otto Bauer, eminente socialista na política vienense, segundo Decker (1991) encontra as mesmas dificuldades sobre os antecedentes históricos e genealógicos da família da mãe de Dora: "Em 1961, Julius Braunthal[541], um socialista austríaco que escreveu em profundidade sobre o irmão de Dora, Otto, foi incapaz de encontrar quaisquer 'pistas documentais' de Jakob e Babette ou dos sogros de Phillip, os Gerber. Braunthal pressupôs que todos eles emigraram da Boémia para Viena desde que o Checo se constituiu na 'segunda língua-mãe' tanto de Phillip quanto da sua mulher. (…) Outros escritores que escreveram sobre Otto Bauer, na década de 1980, falharam também na descoberta de qualquer informação biográfica específica adicional sobre os seus avós. Porque Otto se tornou uma importante figura histórica, os seus biógrafos forneceram uma boa oportunidade para adquirir informação factual sobre Dora e a sua família" (p. 223, n. 2)[542]. A pessoa que testemunhou o nascimento de Dora teria sido o pai, um irmão ou o tio da sua mãe? O paradigma que empregamos na presente tese incita-nos na busca da figura dos primos uma vez ser essencialmente por intermédio destes que procuramos traçar os caminhos da ressonância do inconsciente de Dora na sua "distribuição" de identificações por entre as diversas personagens que povoam o drama vivido. Se agora cruzarmos a informação fornecida por Decker (1991) com duas passagens no texto de Freud podemos chegar a uma conclusão. A única vez que Freud (1901/1996a) refere a existência de uma prima materna de Dora é quando lhe explica o seu provável enamoramento pelo pai em tenra infância adiantando que esta lhe terá contado "(…) algo análogo sobre uma prima de sete anos (por parte da mãe), em quem ela frequentemente julgava ver uma espécie de reflexo de sua própria infância" (p. 61)[543]. Ora, sabendo que tem que existir pelo menos um irmão ou uma irmã da mãe concluímos, face aos dados de Decker (1991), que terá sido o irmão que testemunhou o nascimento de Dora sendo este, portanto, o pai desta

[541] *Otto Bauer: Eine Auswahl aus seinem Lebenswerk* (Vienna: Wiener Volksbuchhandlung, 1961).

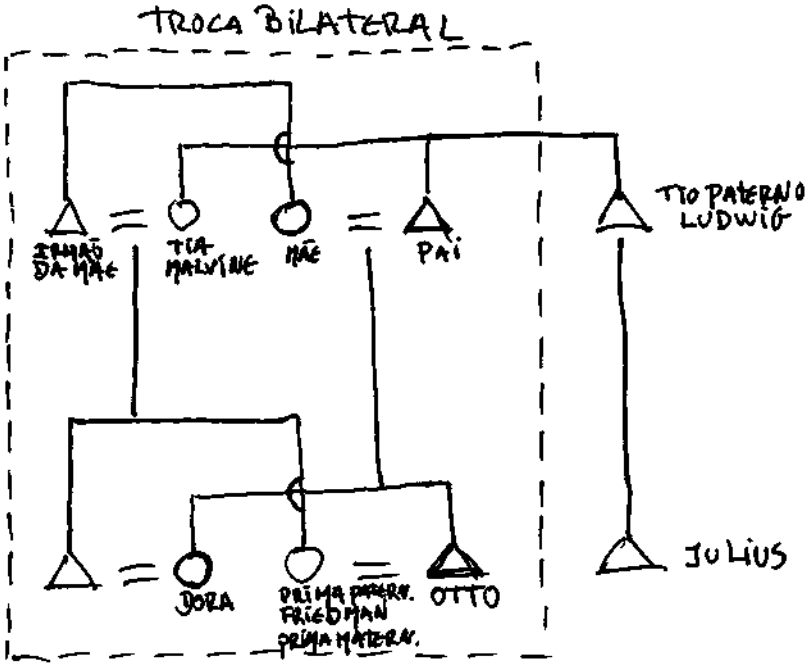
[542] "In 1961, Julius Braunthal, an Austrian socialist who wrote at length about Dora's brother, Otto, was unable to find any "documentary traces" of Jakob and Babette or of Philipp's in-laws, the Gerbers. Braunthal assumed that they all emigrated from Bohemia to Vienna since Czech was the "second mother tongue" of both Philipp and his wife. (…) Other writers about Otto Bauer, into the 1980s, have also failed to discover additional, specific biographical information about his grandparents. Because Otto became a historically important figure, his biographers provide a significant avenue to gaining factual information about Dora and her family" (Decker, 1991, p. 223, n. 2).

[543] "(…) she immediately went on to tell me something analogous about a seven-year-old girl who was her cousin (on her mother's side) and in whom she often thought she saw a kind of reflection of her own childhood" (Freud, 1901/1981a, p. 57).

prima materna. E teria sido filha única? Noutra passagem, onde Freud (1901/1996a) procede a uma pequena experiência com Dora a fim de encontrar associações para a exploração do tema do fogo no primeiro sonho tido pela filha de Phillip Bauer, refere que "Perguntei-lhe então se sabia por que as crianças eram proibidas de brincar com fósforos. — 'Sim, é por causa do perigo de incêndio. Os *filhos de meu tio* [itálico nosso] gostam muito de brincar com fósforos'" (p. 73)[544]. Se agora tivermos em atenção o que inicialmente referimos sobre a família do pai de Dora veremos que estes "filhos" deste "tio" não podem provir deste ramo da família uma vez que de acordo com os dados de Decker (1991) deste lado só havia um filho (Julius) de um tio (Ludwig) e duas filhas de uma tia (Malvine). Portanto, estes "filhos" pertencem ao irmão da mãe o que implica que este além de ter a já referida filha terá que ter pelo menos mais um filho (Dora emprega o plural "filhos"), primos maternos de Dora. Naturalmente isto não implica que estes primos não pudessem ser filhos de outro irmão ou irmã da mãe. A conclusão a que aqui chegamos é apenas a que é possível retirar de acordo com os dados postos à disposição por fontes credíveis. A referência de Freud aos primos de Dora é extremamente ambígua deixando um grande grau de incerteza sobre as possíveis linhas de filiação na origem da sua proveniência. Ora isto tem condicionantes na interpretação que aqui desenvolvemos. Note-se que, tal como o paradigma da troca de mulheres entre homens (Lévi-Strauss, 1949/1982) prevê, os ditos primos paralelos enquanto filhos de irmãos do mesmo sexo (filhos de um irmão do pai ou de uma irmã da mãe), não entram em aliança uma vez que isso significaria a interrupção da troca. Dada a descrição dos elementos familiares de Dora é possível que isto possa acontecer. Assim sendo, sempre que um primo ou prima na narração feita por Freud (1901/1996a) tenha alguma probabilidade de entrar nesta categoria como deveremos proceder? Em termos psicodinâmicos remeteremos o filho do irmão do pai como representante do «pai» e a filha da irmã da «mãe» como representante da mãe porque de acordo com o princípio da unidade dos germanos (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 40) o irmão do pai representa um «pai» classificatório e a irmã da mãe representa uma «mãe» classificatória, pelo que a aliança entre estes primos significaria um incesto. No esquema da troca bilateral as personagens da família de Dora aqui

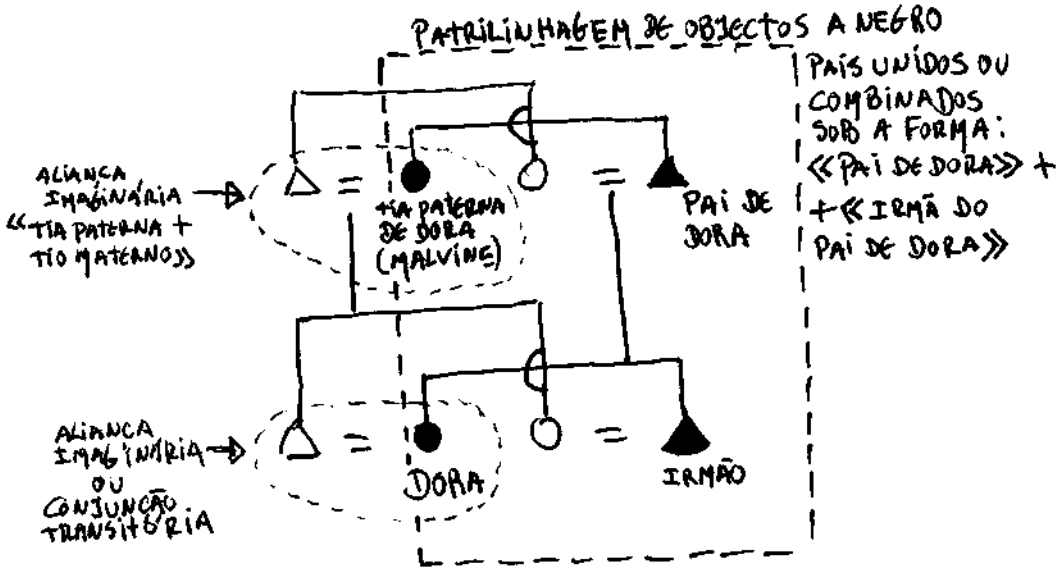
[544] "I then asked her if she knew why children were forbidden to play with matches. 'Yes; on account of the risk of fire. My uncle's children are very fond of playing with matches'" (Freud, 1901/1981a, p. 71).

identificadas ocupariam os lugares abaixo designados no denominado registo real da estrutura de parentesco:



Pelo que acima foi exposto, qualquer referência possível no discurso de Freud ao primo Julius remete-nos para Otto, o irmão de Dora, na medida em que Otto e Julius são filhos de irmãos do mesmo sexo.

Ainda dentro do contexto do nosso esquema sobre a troca bilateral de objectos, abaixo reproduzido, consideremos agora o objecto composto pela aliança entre Dora e o futuro «marido» ou «esposo» (Dora = «marido»).



O objecto «marido» deve ser enquadrado apenas na estrita medida em que é produto das relações objectais anteriores tal como se deixam deduzir a partir da troca bilateral de objectos subjacente à acusação de Dora ao pai segundo a qual estaria a ser trocada entre homens. O «marido» constitui uma incógnita (X) no núcleo de relações objectais do aparelho psíquico de Dora cuja identificação será feita segundo uma ou mais características que repitam o esquema de relações de objecto anteriores tal como derivadas da troca bilateral. Sobre isto Mahony (1996) informa-nos que "Em 1903, Dora casou com Ernst Adler, nove anos mais velho do que ela; a discrepância na idade é idêntica à discrepância etária existente entre o seu pai e a sua mãe" (p. 14)[545]. Antes de mais temos que ver na diferença de idades entre Dora e o futuro marido uma repetição do núcleo edipiano. Agora devemos voltar ao esquema da troca bilateral de objectos e ver qual a relação deste «marido» com o pai de Dora: ele corresponde no registo real ao filho do irmão da mãe de Dora, e por afinidade corresponde ao marido da tia Malvine na qualidade de «tio» classificatório (aliança imaginária, registo imaginário). O facto de fazermos coincidir a figura deste primo, filho do irmão da mãe de Dora que já concluímos ter existido, tem por função apenas ilustrar a regressão edipiana por parte de Dora ao repetir no seu casamento o traço da diferença etária relativamente ao futuro marido, traço que a aproxima da diferença etária existente entre os seus pais. Recordemos

[545] "In 1903, Dora married Ernst Adler, nine years her senior; the age discrepancy is identical to that between her mother and father" (p. 14).

que a troca bilateral de objectos está na base da ideação sobrevalorizada da troca[546] na acusação de Dora. Na troca bilateral de objectos os homens trocam as mulheres entre si. Recordemos também que uma das características do inconsciente é a supressão do tempo cronológico pelo que a fusão do «primo» de Dora com o seu futuro «marido» apenas se constitui na medida das estruturas elementares do aparelho psíquico de Dora reguladas pela troca de objectos e em função do princípio do prazer. A fim de procedermos à verificação disto devemos procurar na narração do caso algo que coloque os primos de Dora como significativos e sobredeterminantes da sintomatologia da rapariga. Neste ponto entram em cena as primas Friedmann, primas de Dora pelo lado do pai, filhas da tia Malvine próximas de Dora em termos etários (Decker, 1991, p. 80). Sobre estas adianta-nos Freud que "após a morte de sua amada tia, ela esteve em Viena na casa do tio e das filhas dele, e aqui adoeceu com um quadro febril então diagnosticado como apendicite" (Freud, 1901/1996a, p. 32)[547]. Este «tio» é classificatório na medida em que só é

[546] Houve no caso Dora ideias sobrevalorizadas, ou seja, afastadas do senso comum com prevalência do princípio de prazer sobre o princípio de realidade. Neste sentido, Dora usa a acusação sobrevalorizada da troca na medida em que esta permanece com um conteúdo ideacional não bizarro, integrado nas zonas de sombra (infidelidade) das práticas sociais dos vienenses de então. A sobrevalorização da ideia da troca de mulheres entre homens mantém-se apesar de tudo ancorada no princípio de realidade na medida em que não é uma ideia bizarra, ao contrário do que costuma acontecer em delírios nos quais as ideias são claramente "(…) implausíveis, não compreensíveis e não dedutíveis das experiências vivenciais habituais (por exemplo, crença de que um estranho retirou os órgãos internos e os substituiu por outros sem deixar feridas ou cicatrizes)" (Associação Psiquiátrica Americana, 1996, pp. 304-305, [297.1]). Pelo contrário, as ideias sobrevalorizadas "(…) envolvem situações que podem ocorrer na vida real (por exemplo, ser perseguido, envenenado, infectado, amado à distância ou enganado pelo cônjuge ou amante)" (Associação Psiquiátrica Americana, 1996, pp. 304-305, [297.1]). Neste contexto, a acusação de ser trocada entre o pai e o Sr. K organizava a ideação sobrevalorizada de Dora que deste modo amava o Sr. K à distância e integrava no seu aparelho psíquico o facto de o pai enganar a mãe com a Sr.ª K tentando assim dar conta de uma realidade que, apesar de tudo, lhe escapava. É claro que a "coincidência", como já explicado, da acusação de Dora com as estruturas elementares do parentesco tal como manifestada pela estrutura social e psíquica de outros povos não ocidentais pertence à combinatória finita subjacente à psicodinâmica dos seres humanos: o complexo de Édipo e suas variantes assente na diferença geracional e na diferença sexual binária. A Memória dos Freitas enquanto continente mais vasto e contentor das estruturas elementares do parentesco nem sempre se traduz através de enunciados ideativos de sobrevalorização, pois "mesmo que seja nefasta em alguns enunciados e mitos" pode ainda ser "bem-adaptativa" e ser "tanto (…) fruto da intersubjectividade do sujeito com seu mundo social, como (…) uma necessidade social do meio" (Freitas, 2008f). É assim que Dora, através da memória dos Freitas e, nesta, por intermédio da zona das estruturas elementares do parentesco, procura uma adaptação progressiva às necessidades sociais do ambiente em que se insere. A nossa proposta prevê que a ideia sobrevalorizada da troca tal como ilustrada no caso Dora esteja sempre assente na psicodinâmica do sujeito manifestando-se na vertente sociológica das estruturas elementares do parentesco.

[547] "During the next winter she came and stayed in Vienna with her uncle and his daughters after the death of the aunt of whom she had been so fond. There she fell ill of a feverish disorder which was diagnosed at the time as appendicitis" (Freud, 1901/1981a, p. 22).

designado como tal devido à aliança que mantém com a tia Malvine, irmã do pai de Dora. Um pouco mais à frente o criador da psicanálise fornece-nos mais pormenores sobre a estadia de Dora na casa da recentemente falecida tia: "A outra censura, de que as doenças do pai eram criadas como um pretexto e exploradas em proveito próprio, coincide também com todo um fragmento de sua própria história secreta. Um dia, Dora queixou-se de um sintoma supostamente novo, que consistia em dores de estômago dilacerantes, e acertei em cheio ao perguntar: "A quem você está copiando nisso?" No dia anterior ela fora visitar as primas, filhas da tia que morrera. A mais jovem ficara noiva e com isso a mais velha adoecera com umas dores de estômago, sendo mandada para Semering. Dora achava que era apenas inveja por parte da mais velha, pois ela sempre adoecia quando queria alguma coisa, e o que queria agora era afastar-se de casa para não ter de assistir à felicidade da irmã. Mas suas próprias dores de estômago diziam que Dora se identificara com a prima, assim declarada simuladora, fosse porque ela também invejava o amor da moça mais afortunada, fosse porque via sua própria história reflectida na da irmã mais velha, que tivera recentemente um caso amoroso de final infeliz" (Freud, 1901/1996a, pp. 45-46)[548]. Não é de mais insistir que a nossa tese prevê a figura dos primos como lugar privilegiado das projecções dos conflitos dos irmãos e dos pais colocando sob nova luz este tipo de pormenores fornecidos por Freud (1901/1996a) no caso Dora. A categoria classificatória dos primos e as identificações psicossomáticas e emocionais levadas a cabo por Dora com estes são mais uma vez atestadas por Freud (1901/1996a) quando refere sobre uma das primas maternas de Dora, muito provavelmente filha de um irmão da mãe, que quando comunicou a Dora que só lhe "era possível supor que sua inclinação pelo pai, já em época precoce, deveria ter tido o carácter de um completo enamoramento, é verdade que ela me deu sua resposta corriqueira; "Não me lembro disso." Logo em

[548] "Her other reproach against her father was that his ill-health was only a pretext and that he exploited it for his own purposes. This reproach, too, concealed a whole section of her own secret history. One day she complained of a professedly new symptom, which consisted of piercing gastric pains. 'Whom are you copying now?' I asked her, and found I had hit the mark. The day before she had visited her cousins, the daughters of the aunt who had died. The younger one had become engaged, and this had given occasion to the elder one for falling ill with gastric pains, and she was to be sent off to Semmering. Dora thought it was all just envy on the part of the elder sister; she always got ill when she wanted something, and what she wanted now was to be away from home so as not to have to look on at her sister's happiness. But Dora's own gastric pains proclaimed the fact that she identified herself with her cousin, who, according to her, was a malingerer. Her grounds for this identification were either that she too envied the luckier girl her love, or that she saw her own story reflected in that of the elder sister, who had recently had a love-affair which had ended unhappily" (Freud, 1901/1981a, p. 38).

seguida, porém, contou-me algo análogo sobre uma prima de sete anos (por parte da mãe), em quem ela frequentemente julgava ver uma espécie de reflexo de sua própria infância. Essa menina tornara a testemunhar uma discussão acalorada entre os pais e sussurrou no ouvido de Dora, que acabava de chegar para uma visita: "Você não pode imaginar como odeio essa pessoa!" (apontando para a mãe) "E um dia, quando ela morrer, vou me casar com papai"" (p. 61-62)[549]. A função desta prima na estrutura bilateral do aparelho psíquico de Dora vai ser a de confirmar o seu núcleo edipiano através da identificação somática com os outros dois primos, o filho de um irmão do pai e as primas Friedmann enquanto filhas da tia Malvine, irmã do pai. Por outro lado, se esta prima for uma filha do irmão da mãe ─ como julgamos que é, partindo do princípio de que a mãe teve pelo menos um irmão, tendo em conta a posição de Decker (1991) ─ então trata-se de um deslocamento edipiano de Dora para fora da patrilinhagem de objectos que, por identificação com o episódio narrado pela prima materna, a coloca no lugar da mãe uma vez que segundo o esquema da troca bilateral a filha do irmão da mãe (portadora da imago materna) forma aliança com o filho da irmã do pai (portador da imago paterna) desembocando assim na figura do incesto indirecto, deslocado. Acontece que Freud não explícita o mecanismo de ressonância afectiva do inconsciente tal como este se manifesta através dos primos e colaterais no complexo familiar segundo a ideia sobrevalorizada da troca em Dora, situação de que nos ocupamos aqui. Relembrando mais uma vez o esquema da troca bilateral acima reproduzido podemos agora encarar a identificação de Dora com o pai através da sintomatologia da doença fornecida por uma das primas paternas como mais uma prova da referida ressonância afectiva das gerações dos pais e irmãos sobre os primos. Através da psicossomática da apendicite, mediada pelos primos, Dora "refilia-se" novamente e em simultâneo nas linhas de filiação pelo lado do pai e da mãe ressignificando a sua relação com o Sr. K e alargando o conceito de herança pela doença. Isto acontece de um modo que vai para além do que Freud (1901/1996a) previa quando remeteu, erradamente do ponto de vista lamarckista, a

[549] "(…) supposing that her affection for her father must at a very early moment have amounted to her being completely in love with him, she of course gave me her usual reply: 'I don't remember that.' But she immediately went on to tell me something analogous about a seven-year-old girl who was her cousin (on her mother's side) and in whom she often thought she saw a kind of reflection of her own childhood. This little girl had (not for the first time) been the witness of a heated dispute between her parents, and, when Dora happened to come in on a visit soon afterwards, whispered in her ear: 'You can't think how I hate that person!' (pointing to her mother), 'and when she's dead I shall marry Daddy'" (Freud, 1901/1981a, p. 57).

herança constitucional da rapariga para a neurose como uma tendência familiar vinda do lado da família do pai. A relação de Dora "(…) com a herança tem as suas raízes na identificação com as imagos parentais e com as suas componentes simultaneamente psicológicas e sociais (pais todo-poderosos ou, pelo contrário, sacrificados...). É a combinação destes diferentes factores que, sempre de maneira diferente, organiza o que pode surgir como uma forma de refiliação ou de desfiliação)" (Gotman, 1996/1999, p. 52). Mas esta refiliação dá-se segundo o esquema da ideação sobrevalorizada da troca assente nas estruturas elementares do parentesco. Deste modo, quando Fédida (1996/1999) questiona se "O sintoma teria também uma função genealógica de refiliação?" (Fédida, 1996/1999, p. 65), podemos responder afirmativamente sob a condição, no caso Dora, de encarar esta função como sendo a da troca de objectos, neste caso de mulheres, o que fornece uma outra explicação para o que o próprio autor refere quando conclui que "O sintoma já é uma transacção humana. O sintoma contém de forma oculta valores enigmáticos que colocam o sujeito em relação com a sua memória desconhecida das gerações anteriores" (Fédida, 1996/1999, p. 66). Porque é que Dora se identifica através da psicossomática com as primas paternas? Porque encontram-se colocadas na linha vertical de filiação produzida, na ideação sobrevalorizada da troca, pela aliança latente entre o pai e a mãe que ocupa em virtude da troca o lugar de uma irmã incestuosamente desejada. É «como se», na ideia sobrevalorizada da troca em Dora, as primas fossem suas «irmãs» classificatórias. Através do núcleo psicossomático da identificação levada a cabo com uma das primas a componente homossexual de Dora reaparece na medida em que levam ao lugar ocupado por alguém que constituiu outrora objecto de desejo por parte do pai de Dora ─ a sua irmã, tia Malvine, substituta equivalente da mãe e, como veremos em última análise, da Sr.ª K. É também possível que tal como aconteceu com Dora a prima que adoeceu o tenha feito por identificação com a sua mãe, irmã do pai de Dora. Talvez a prima Friedmann tenha repetido como modelo de identificação a identificação pela doença que a sua mãe tomou do irmão, pai de Dora. Esta interpretação deve-se à extrapolação das consequências do facto de a tia Malvine e o pai de Dora pertencerem ao que denominámos, no esquema da troca bilateral, por patrilinhagem de objectos ou linhagem paterna de objectos. Isto significa que ascendendo ou recuando nas gerações da família Bauer a identificação pela doença entre filhas e pais

masculinos deve ter constituído um traço psíquico intergeracionalmente transmitido. No entanto a pesquisa sobre a história da família Bauer por autores de formação psicanalítica não nos permite adiantar mais por falta de investigações direccionadas neste sentido.

A apendicite constitui um quadro sintomático sobredeterminado não só no sentido freudiano do termo como também no contexto da tese aqui avançada. A sintomatologia psicossomática da apendicite permite verificarmos o investimento de Dora nas linhas de filiação paterna e materna no esquema da troca bilateral dando corpo aqui à aplicação de uma ideia que Freud (1896/1996a) referiu no início da sua carreira mas que não desenvolveu: "A cadeia de associações tem sempre mais do que dois elos; e as cenas traumáticas não formam uma corrente simples, como um fio de pérolas, mas antes *se ramificam e se interligam como árvores genealógicas* [itálico nosso], de modo que, a cada nova experiência, duas ou mais experiências anteriores entram em operação como lembranças. Em suma, fazer um relato da resolução de um único sintoma equivaleria, de fato, à tarefa de relatar um caso clínico inteiro" (p. 194)[550]. Se considerarmos duas linhas de filiação de objectos, uma partindo do pai, outra partindo da mãe, verificaremos que as identificações de Dora com a prima materna anunciam as identificações feitas com os primos paternos por intermédio da apendicite. A sobredeterminação advém do facto de este quadro sintomático unir em aliança, na realidade interna do aparelho psíquico de Dora, dois objectos («irmã do pai» e «irmão do pai» de Dora + «irmão da mãe» de Dora; neste sentido a «irmã do pai» Fried*mann* já contém o seu irmão enquanto homem [*mann*][551] ocultado sob a sua presença) cuja descendência (primos) apresenta por deslocamento e condensação o traço comum da apendicite enquanto manifestação de uma potencial gravidez pelo Sr. K. Ao que parece esta mesma prima (B. fica perto de Viena, cidade da família do pai) transmitirá um enunciado tradutor da essência da vida amorosa de Dora relativamente à importância de Hans Zellenka, o denominado Sr. K, no seio da história. Segundo Freud, Dora ter-lhe-á referido que "(…) também outras pessoas (por

[550] "The chain of associations always has more than two links; and the traumatic scenes do not form a simple row, like a string of pearls, but ramify and are interconnected like genealogical trees, so that in any new experience two or more earlier ones come into operation as memories. In short, giving an account of the resolution of a single symptom would in fact amount to the task of relating an entire case history" (Freud, 1896/1981, pp. 196-197).

[551] "Mann [man] homem m; *(Ehemann,)* marido *m*" (Irmen, 1968, p. 947).

exemplo, uma prima que passara algum tempo com eles em B.) lhe tinham dito: "Ora, você é simplesmente louca por este homem!"" (Freud, 1901/1996a, p. 45)[552]. Tudo é estritamente coerente com a acusação básica de Dora ao pai. É como se todas as mulheres (mãe, tias, primas) tivessem sido trocadas entre homens, tal como Dora suspeitou no seu próprio caso e generalizou a estas. Assim sendo é como se as primas e primos com quem Dora se identifica temporariamente através da apendicite fossem filhos incestuosos fruto de relações entre irmãos.

As identificações prosseguem sob o jogo das linhas de filiação e de aliança entre objectos. O objecto indeterminado «primos» na qualidade de «filhos de irmãos» manifesta-se em seguida investindo num elemento do sexo masculino. Segundo Freud, "Na época em que a tia a quem tanto amava estivera gravemente enferma e já se havia decidido a viagem de Dora a Viena, chegou de outro tio uma *carta* anunciando que eles não poderiam ir a Viena, já que um filho dele, primo de Dora, portanto, adoecera perigosamente de uma apendicite. Na ocasião, ela consultou uma enciclopédia para saber quais eram os sintomas da apendicite. Do que leu então ela ainda recorda a dor característica localizada no abdómen" (Freud, 1901/1996a, pp. 98-99)[553]. Este tio será provavelmente um irmão do pai e o referido primo terá sido o primo Julius. Justificamos esta dedução uma vez tratar-se de uma previsível visita (embora adiada) de um irmão a uma irmã doente em estado terminal. É mais provável que tenha sido o irmão Ludwig, irmão mais velho do pai de Dora, a demonstrar interesse nesta visita do que o irmão da mãe de Dora que, apenas tendo laços de afinidade com a tia Malvine, não tinha no entanto qualquer laço consanguíneo que justificasse tal preocupação.

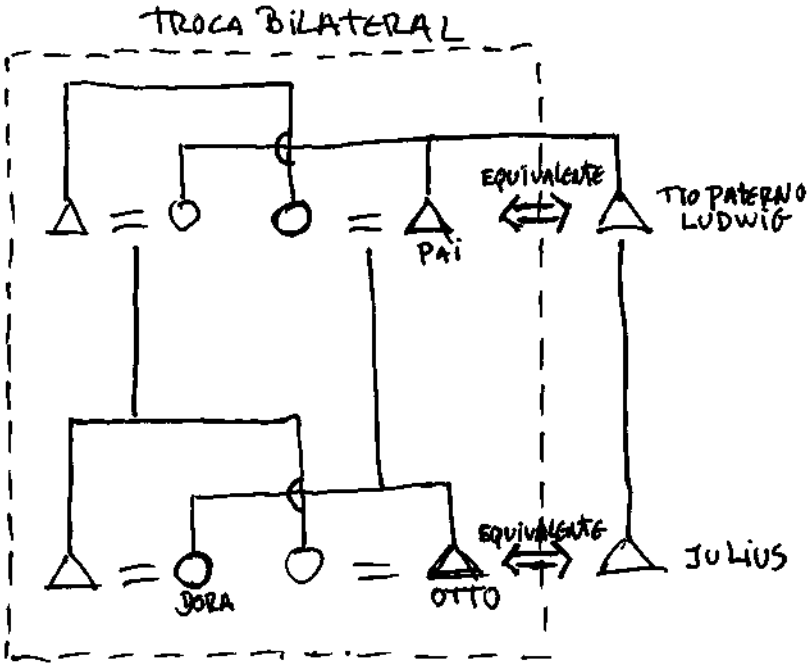
Temos o mesmo sintoma da apendicite fortemente investido pelo ego de Dora, desta vez vindo de um elemento da parte da família do pai, de um filho de um irmão do pai. Este

---

[552] "(…) other people besides (one of her cousins, for instance—a girl who had stopped with them for some time at B−) had said to her: 'Why you're simply wild about that man!'" (Freud, 1901/1981a, p. 37).

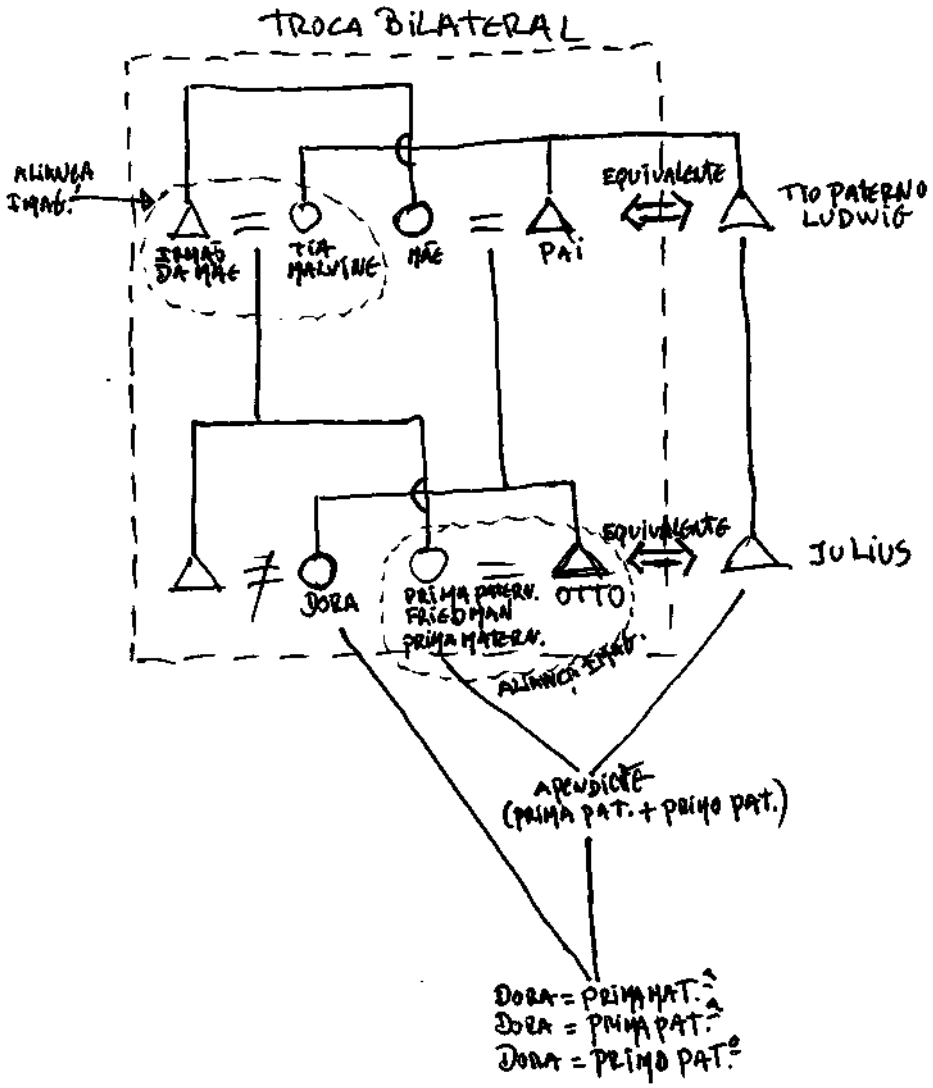
[553] "At the time when the aunt she was so fond of had been so seriously ill and it had already been settled that Dora was to go to Vienna, a *letter* had come from another uncle, to say that they could not go to Vienna, as a boy of his, a cousin of Dora's therefore, had fallen dangerously ill with appendicitis. Dora had thereupon looked up in the encyclopaedia to see what the symptoms of appendicitis were. From what she had then read she still recollected the characteristic localization of the abdominal pain" (Freud, 1901/1981a, p. 101).

primo de Dora, conforme já explicado, é um primo paralelo na medida em que é filho de irmãos do mesmo sexo. Isto implica que Dora não proceda em termos de aparelho psíquico a uma aliança directa com este elemento a fim de respeitarmos uma das pressuposições das estruturas elementares do parentesco tal como foram teorizadas (Lévi-Strauss, 1949/1982). Mas o relato clínico aponta categoricamente para um investimento de Dora neste primo por intermédio de um sintoma psicossomático. Este investimento terá que estar necessariamente relacionado com o investimento na prima paterna uma vez que o sintoma usado é comum a ambos.

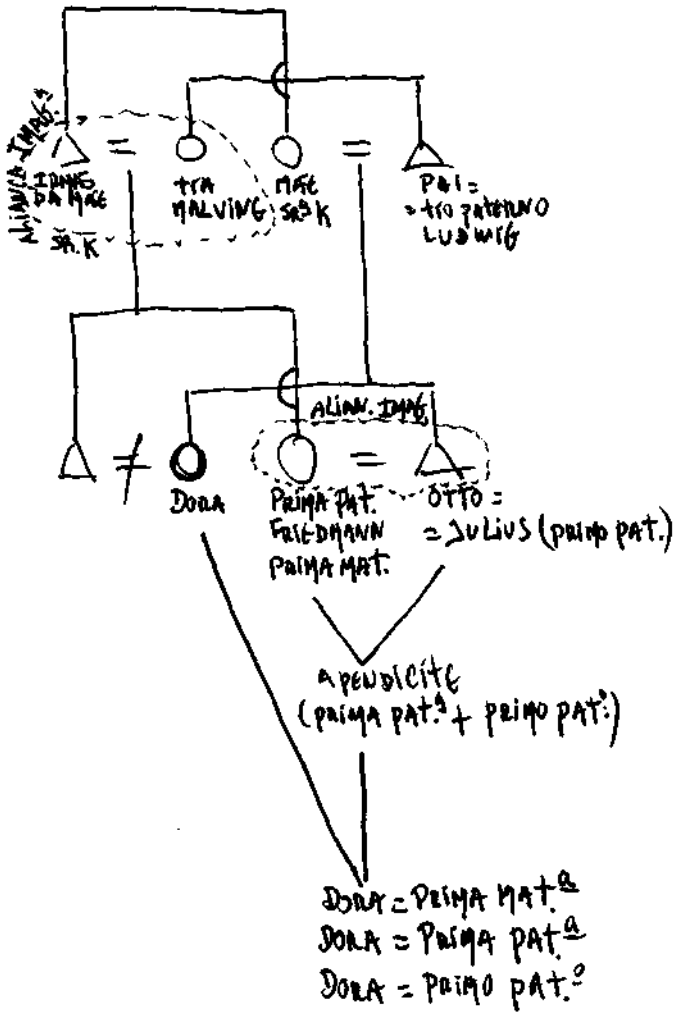


A fim de reduzirmos esta linha de filiação (Ludwig | Julius) à troca bilateral de objectos usaremos o conceito classificatório de «irmãos». Filhos de irmãos do mesmo sexo são como «irmãos» entre si (primos paralelos) e, segundo o princípio da unidade dos irmãos germanos (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 40), equivalem-se e substituem-se entre si.

Vamos agora proceder à análise da relação entre Dora e o irmão da mãe, entre Dora e a irmã do pai, por um lado, e entre Dora e o irmão do pai, por outro, no esquema da troca bilateral de objectos tal como abaixo explicitado.



O esquema pode ser simplificado, em virtude do princípio da unidade dos germanos e dos primos paralelos, identificando o tio paterno Ludwig com o pai de Dora e o primo paterno Julius com Otto, o irmão de Dora.



A anamnese do caso Dora feita por Freud indica-nos mais uma vez o sintoma psicossomático sobredeterminado da apendicite como elemento de identificação entre primos. No caso anterior da identificação entre Dora e a prima invejosa relativamente à bem sucedida relação amorosa da irmã desta a situação era aparentemente de mais fácil compreensão. Aqui Dora identificava-se com alguém que, tal como ela, sofria com as vicissitudes do amor. Ficava então a sintomatologia da apendicite psicossomática a fazer a ligação oculta com o Sr. K tal como confirmada por Freud quando perguntou a Dora quando teria ocorrido a apendicite relativamente à cena do lago tendo a resposta sido: "nove meses depois. Esse intervalo é bem característico. A suposta apendicite realizara, portanto, com os modestos recursos à disposição da paciente (as dores e o fluxo

menstrual), a fantasia de um *parto*" (Freud, 1901/1996a, p. 100)[554]. A mesma sintomatologia aparece agora associada a um primo por parte de um irmão do pai e, neste caso, temos que ascender à geração dos pais dos primos (irmão da mãe + irmã do pai + irmão do pai). De acordo com a psicodinâmica da acusação básica de Dora ao pai, o mecanismo que terá actuado com a identificação levada a cabo no objecto do primo paterno terá sido o seguinte: os homens dão e recebem mulheres, como compensação, de outros homens. Segundo este vértice, as relações entre objectos transformam-se e passam a ter outra configuração. O «tio materno» (identificado com o Sr. K) terá sido o homem que deu a «irmã» (mãe de Dora identificada com a Sr.ª K) ao seu pai, Phillip Bauer, de acordo com os pressupostos da ideação sobrevalorizada da troca em Dora. Veja-se agora a relação de Dora com o irmão tal como prevista no esquema da troca bilateral. O irmão de Dora poderia fazer o mesmo com ela no futuro uma vez ter mostrado o seu consentimento relativamente ao caso do pai com a Sr.ª K. Neste caso comportar-se-ia como todos os homens tratando as mulheres como objectos de troca (acusação implícita de Dora ao irmão). Chegados aqui, trate-se agora de seguir as relações de objecto através da linha materna tal como se podem deduzir a partir da troca bilateral. Porque a filiação é bilateral (toda a mulher com quem um homem contrai aliança é sua prima quer pelo lado do pai, quer pelo lado da mãe) importa cindi-la e analisar a parte unilinear materna. Depois do pai, interessam-nos agora os objectos maternos. Note-se que no esquema há dois vértices, duas perspectivas. A de Dora e a dos homens em função de quem as estruturas elementares do parentesco estão feitas. Na perspectiva dos homens, neste caso do pai de Dora e seus substitutos equivalentes, importa perguntar quem é a mulher que se identifica com o primo paterno através da psicossomática da apendicite? Neste caminho há algumas identificações sobrepostas. Quem se identifica com o primo paterno através da apendicite é Dora, mas o esquema da troca bilateral indica que quem entra em conjunção transitória de aliança com este primo através do irmão de Dora (primo paterno = Otto) é a prima paterna, filha da tia Malvine, de quem Dora também copiou a psicossomática da apendicite. Temos então no registo real a sobreposição de duas figuras de parentesco: a prima matrilateral de Dora que lhe conta o desejo infantil de morte

[554] "'Nine months later'. The period of time is sufficiently characteristic. Her supposed attack of appendicitis had thus enabled the patient with the modest means at her disposal (the pains and the menstrual flow) to realize a phantasy of *childbirth*" (Freud, 1901/1981a, p. 103).

relativamente à mãe e o desejo incestuoso relativamente ao pai e a prima patrilateral (filha da tia Malvine) com quem Dora se identifica através da apendicite. Duas filiações, matrilateral e patrilateral, conjugadas numa só figura de parentesco, a figura classificatória das primas, ao nível do registo real. A ideia sobrevalorizada da troca, em Dora, mandava que esta fosse uma contra-dádiva compensadora pela dádiva da Sr.ª K feita ao seu pai. Em contrapartida o que acontece é uma recusa de Dora, simbolizada pelo sinal "≠", na medida em que se trata de um desinvestimento numa aliança que teria por função afastá-la da patrilinhagem de objectos (renúncia ao falo paterno). O que a prima matrilateral anuncia é a estrutura do desejo edipiano de Dora actuada (*acting out*) através da sua identificação psicossomática com a prima Friedmann. A conjunção em aliança imaginária da prima Friedmann com o irmão de Dora (identificado com o primo paterno, no esquema) representa a regressão edipiana de Dora. A prima matrilateral de Dora estrutura o seu desejo edipiano colocando Dora no lugar da mãe, situando-a na matrilinhagem de objectos. Estar no lugar da mãe implica a procura do falo paterno, isto é, o seu regresso à patrilinhagem de objectos através da conjunção sintomática da apendicite ─ significante da gravidez de um amor não reconhecido pelo Sr. K ─, entre Dora (identificada com a prima paterna) e o seu pai (representado pelo irmão Otto e, em última análise, pelo primo paterno).

Deste modo Dora relaciona-se com o seu primo paterno, para além do registo real, por intermédio de duas identificações simultâneas com duas das suas primas, uma pelo lado da mãe, outra pelo lado do pai. Ou seja, é filha da irmã do pai (prima cruzada patrilateral) da prima materna que primeiro deseja a morte da mãe e o amor incestuoso do pai e de quem Dora se acha um reflexo. Simultaneamente, é filha do irmão da mãe (prima cruzada matrilateral) da prima paterna com quem se identifica através da apendicite. Esta última prima tem em comum com o seu primo paterno (que identificámos como sendo Julius, filho do tio paterno Ludwig, mas que Freud apenas refere como mais um primo) o facto de ambos fornecerem a Dora o mesmo sintoma da apendicite, por isso constituem uma aliança imaginária caracterizada por um investimento sobredeterminado anunciado pelo lado da filiação matrilateral (prima materna) e realizado pelo lado da filiação patrilateral (prima paterna e primo paterno). Na perspectiva dos homens, neste caso do irmão da mãe

de Dora (matrilinhagem de objectos), Dora corresponde à contra-dádiva ou compensação da perda de uma mulher ─ a saber, à perda da mãe de Dora pelo irmão da mãe supostamente dada ao pai de Dora, "como se" tivesse sido dada ao pai de Dora. A direcção desta contra-dádiva é no entanto invertida por meio da aliança patrilateral imaginária da prima paterna (= Dora) com o primo paterno (= irmão Otto = pai), aliança representante da procura do falo paterno e da estrutura do desejo incestuoso de Dora pelo pai. É "como se" o aparelho psíquico de Dora, a partir do momento em que forja a acusação ao pai de ser trocada entre homens, colocasse automaticamente todos os seus parentes e afins na condição de a troca entre seres humanos ser o princípio ordenador das suas relações. Para que isto aconteça terá que haver no aparelho psíquico de Dora uma conjunção de perspectivas: a dos homens, tal como prevista pelas estruturas elementares do parentesco, e a de Dora. A questão a colocar agora é: quem será o homem que contrai aliança com Dora por intermédio da prima paterna Friedmann? Ou melhor ainda, o que representa, na estrutura de psicoparentesco acima reproduzida, o lugar ocupado pelo homem que contrai aliança com Dora por meio desta prima? Antes de mais representa, no registo real, o filho do pai de Dora com quem esta se identificou na infância. Depois representa todos os parentes que caracterizam a regressão edipiana de Dora para o pai (seguindo a linha de filiação ascendente este irmão condensa as figuras do «pai» e do «Sr. K»). Os primos e os tios, todos conduzem Dora ao falo paterno procurado. Neste contexto, o homem que contrai aliança com Dora anuncia o pai que na sua geração "deu" a irmã (ideação sobrevalorizada da troca, em Dora) e que recuperou Dora por interposta pessoa, o seu próprio filho. Esta estrutura patrilateral corresponde ao desejo edipiano de Dora e portanto estrutura o desejo edipiano de Dora pelo pai. Para tal organiza os parentes envolvidos segundo o esquema da troca de mulheres. Os objectos estão todos inter-relacionados numa só estrutura edipiana patrilateral e aqui se verifica mais uma vez a vantagem da tese que propomos ao conceber as relações de objecto integradoras do contexto familiar numa só estrutura de desejo. É como se, subjacente à ideia sobrevalorizada da troca, Dora pensasse: "se o meu pai me troca pela mulher do Sr. K, e se os homens trocam as mulheres, também o irmão da minha mãe a poderia ter trocado pela irmã do meu pai. Daí a minha afinidade sentimental com os meus primos quer maternos, quer paternos, através da confissão de desejos incestuosos e dos sintomas da

apendicite". A realidade social tem naturalmente ressonâncias na ideação sobrevalorizada da troca tal como Dora a constrói ao longo do drama narrado. Decker (1991) recorda-nos isto ao adiantar que "Na sociedade Vienense as vidas das mulheres eram decididas pelos seus pais, irmãos, e maridos" (p. 105)[555]. Mas o que interessa e o que aqui procuramos explicitar é a estrutura da acusação de ser trocada entre homens no contexto do aparelho psíquico de Dora. A troca tornou-se autónoma no aparelho psíquico da filha de Phillip Bauer sendo apenas sentida na realidade externa de forma enfraquecida, embora constante. Viena era na altura uma cidade industrial onde os direitos das mulheres e a liberdade individual conquistavam os primeiros passos aos modos de vida típicos das sociedades rurais do Antigo Regime.

A conjunção daquilo que aqui denominamos por "patrilinhagem de objectos" e por "matrilinhagem de objectos" na denominada troca bilateral de objectos (expressão da bissexualidade) está ancorada no que constitui uma manifestação de carácter mais abrangente e que Amaral Dias (2003) denominou por "parte conservadora, nuclear da mente da pessoa, a tradição da pessoa". Para Amaral Dias (2003), "Os analistas interpretam tanto o pai e a mãe pela simples razão de que o pai e a mãe são os níveis sociais, simbólicos e hereditários que nos estruturam. Na minha opinião a mente conservadora e a tradição organizam-se precisamente à volta dos pais, a parte tradicionalista e conservadora da mente está organizada à volta desse mundo. O mundo em torno dos pais é fundador dos níveis sociais da organização do sujeito humano. Os psicanalistas, os antropólogos e os biólogos estão em completo acordo no que respeita a esta ideia, pelo que a parte conservadora da mente humana está ligada inevitavelmente a uma tradição no discurso que foi e é organizado, aí mesmo, pelo pai e pela mãe" (p. 29). Acrescenta posteriormente que "Este núcleo tradicional e conservador da mente — há que notar que estou a fugir deliberadamente à metáfora Bioniana: conjunção constante não transitória —, este núcleo é o que está destinado a repetir-se" (Amaral Dias, 2003, p. 30). Ou seja, nos termos do paradigma que aqui propomos, o que se repete (o mesmo, a mesmidade) é o núcleo edipiano e pré-edipiano. Isto acontece durante a transmissão psíquica, entre gerações, de conteúdos psicodinâmicos organizados segundo as três

[555] "In Viennese society women's lives were decided by their fathers, brothers, and husbands" (p. 105).

estruturas elementares do parentesco tal como analisado até aqui: a estrutura patrilateral (núcleo incestuoso edipiano), a estrutura matrilateral (sublimação, abertura a grupos de aliança cada vez mais numerosos) e a estrutura bilateral (organizadora intergeracional da bissexualidade de todo o ser humano). A repetição do mesmo traduz a fixação na estrutura patrilateral e nos derivados incestuosos edipianos não resolvidos. A ultrapassagem da perspectiva patrilateral pela matrilateral (sublimação) constitui nesta vertente a pulsão de vida para além da pulsão de morte da estrutura patrilateral: "Freud no texto "Para além do princípio do prazer" mostra-nos que o tempo é atravessado por dois lados: é atravessado pelo mesmo e pelo idêntico. Pelo mesmo organiza-se a repetição e pelo idêntico organiza-se a mudança. A pulsão de morte é o mesmo, enquanto que a pulsão de vida é o idêntico. A repetição que é a vida é um idêntico, a vida não é o mesmo. Ninguém se pode lavar, nem sequer uma vez, na mesma água, no mesmo rio" (Amaral Dias, 2003, p. 30). É claro que o idêntico que Amaral Dias (2003) relaciona com a pulsão de vida começa logo por ser representado pela estrutura bilateral na medida em que esta corresponde às vicissitudes das pulsões sexuais que animam as identificações entre ego e os seus ascendentes segundo o modelo que aqui empregamos. Como refere Amaral Dias a "conjunção constante não transitória" é o que está condenado a repetir-se. A repetição, a "conjunção constante não transitória", no caso Dora segundo o modelo das estruturas elementares do parentesco seria constituída pela estrutura patrilateral edipiana incestuosa tal como já vimos. Veja-se agora o que o autor vai adiantar sobre a noção de estrutura, em Freud, e a noção de "conjunção constante" em Bion, referindo que "Bion identifica dois tipos de conjunções, as conjunções constantes não transitórias e as conjunções constantes transitórias. Quando Freud fala do conceito de estrutura fala-nos de algo próximo do conceito de conjunção constante, mas epistemologicamente o conceito de conjunção constante é de nível superior ao de estrutura; mas foi o conceito de estrutura que permitiu aceder ao de conjunção constante. O conceito de conjunção constante refere-se a um conjunto de elementos constantemente conjugados na mente e que fazem parte do irredutível numa análise. O problema não é a existência do irredutível mas a relação ao irredutível. A transformação que se opera em análise não é a transformação da conjunção constante, mas a transformação de uma conjunção constante não transitória em transitória" (Amaral Dias, 2003, p. 40). Isto é, no caso Dora a

repetição de elementos conjugados na mente (repetição constante não transitória) constitui a procura do falo paterno segundo os moldes da estrutura patrilateral. Isto e o amor homossexual pela Sr.ª K constituem o "irredutível" da análise de Dora. A relação com este irredutível e a "transformação da conjunção constante não transitória" em "transitória" é manifestado pela tentativa de transformar a estrutura patrilateral baseada na relação com o pai na estrutura matrilateral aberta ao relacionamento e alargamento a "unidades sociais superiores" (Freud, 1905/1996, p. 213)[556] ou "unidades cada vez maiores" (Freud, 1921/1996, p. 53)[557], unidades para além da unidade familiar, isto é, com o casal dos K. Embora a estrutura matrilateral seja previsível e dedutível a partir da troca bilateral teremos que ver ainda se ela se concretiza no caso concreto da relação dos Bauer com Pepinna e Hans Zellenka, o denominado casal K.

Relembramos que os termos patrilinhagem e matrilinhagem de objectos são usados no contexto da presente tese sublinhando a vertente da descendência e da filiação quando se trata de relações entre objectos consanguíneos e a vertente da filiação e da afinidade[558] quando se trata de investimentos objectais numa perspectiva alargada, sublimada, de relações para além do núcleo familiar. São conceitos basilares da clássica teoria do parentesco. Em termos psicodinâmicos procedemos aqui à aproximação entre os mandamentos superegóicos, que estão na base das identificações entre objectos e das construções dos ideais do ego, e os conceitos de descendência/filiação. Embora as fronteiras da descendência e da filiação não coincidam, uma vez que pela descendência "os indivíduos conhecem relações de consanguinidade com todos os parentes situados nas outras cadeias de consanguinidade, mas este reconhecimento não tem nada a ver com a filiação e com os direitos que andam a par: direitos de sucessão, de herança, de reconhecimento do grupo social a que se pertence" (Héritier, 1996/1998, p. 42) usamo-las para enfatizar nos esquemas de parentesco a influência psicológica (filiação psicológica) que certos elementos familiares ou extra-familiares detêm sobre outros. Sobre os conceitos de patrilinhagem e matrilinhagem referiu Fox (1967/1986) que "Num sistema patrilinear, um homem obtém direitos sobre os serviços sexuais, domésticos e

[556] "higher social units" (Freud, 1905/1981, p. 225).
[557] "larger units" (Freud, 1921/1991, p. 130).
[558] "Os afins são (…) as pessoas casadas com os nossos consanguíneos" (Fox, 1967/1986, p. 38).

reprodutivos da sua esposa; num sistema matrilinear, ele poderá obter direitos sobre os dois primeiros mas jamais conseguirá obter direitos sobre os últimos. Com efeito, os direitos relativos aos serviços reprodutivos de uma mulher estão reservados à linhagem a que ela pertence. Num sistema patrilinear, um homem é o detentor de todos os direitos relativos aos filhos que tiver; num sistema matrilinear, um homem não detém quaisquer direitos relativamente aos filhos que a sua mulher tiver" (p. 143). Neste sentido, psicodinamicamente a identificação por parte de um filho ou filha com o superego materno implicaria uma detenção de "direitos" da mãe sobre os filhos, tal como a identificação por parte de um filho ou filha com o superego paterno implicaria a detenção de "direitos" do pai sobre os filhos. É assim que a adaptação do conceito aqui usado deve ser entendida. A diferença relativamente à teoria clássica do parentesco reside no facto de aqui traçarmos quer a patrilinhagem, quer a matrilinhagem de objectos tendo em atenção duas componentes: a unidade dos germanos porque permite manter presente a influência dos desejos incestuosos entre irmãos tal como recebidos pelos pais, e permite ainda manter a influência superegóica por uma mãe ou por um pai sobre a sua progenitura quer masculina, quer feminina. Embora numa filiação matrilinear (no contexto da teoria clássica do parentesco) só a mãe, as filhas da mãe, as irmãs da mãe e as filhas das irmãs da mãe possam transmitir a filiação e numa filiação patrilinear (segundo a teoria clássica do parentesco) só o pai, os filhos do pai, os irmãos do pai e os filhos dos irmãos do pai possam igualmente proceder à transmissão da filiação, no nosso paradigma as patrilinhagens e as matrilinhagens traçadas contêm sempre os filhos de ambos os sexos devido às especificidades psicodinâmicas do tema que aqui tratamos.

Voltemos novamente ao vértice descrito pela patrilinhagem de objectos, isto é, pela unidade dos irmãos constituída pelo pai de Dora e pela irmã do pai de Dora. Vamos unilinearizar[559] a troca bilateral e ver que tipo de estrutura aparece. Note-se no entanto

[559] Apoiando-nos numa definição clara deste conceito a partir de Augé (1975/s.d), aplicamo-lo no entanto com as necessárias adaptações que o paradigma aqui proposto exige. Para Augé (1975/s.d), "Num sistema unilinear, a pertença a um grupo de parentesco só é transmitida aos filhos dum casal legítimo por um dos pais. Fala-se de dupla filiação unilinear ou de filiação bilinear quando o parentesco é considerado nos dois sentidos, do lado do pai e unicamente através dos homens, por uma parte, do lado da mãe e unicamente através das mulheres, por outra. Num sistema de filiação bilateral, o parentesco é considerado nos dois sentidos e sem importar a linearidade sexual (…) O sistema unilinear tem a vantagem de filiar os indivíduos num único grupo e portanto criar unidades discretas, quer dizer, grupos que não se recortam

que na teoria clássica dos sistemas de parentesco não se pode unilinearizar um sistema de parentesco bilateral. Pela simples razão de que como refere Augé (1975/s.d) "Num sistema de filiação bilateral, o parentesco é considerado nos dois sentidos e sem importar a linearidade sexual" (p. 81). Ou seja, a prima cruzada é sempre bilateral na medida em que é sempre simultaneamente filha da irmã do pai (prima cruzada patrilateral) e filha do irmão da mãe (prima cruzada matrilateral). Como situar esta relação entre objectos relativamente ao paradigma psicanalítico? Neste ponto defendemos que a estrutura da filiação bilateral, representante da bissexualidade, é a estrutura que em termos das relações entre objectos se oferece como a melhor representação possível do sistema inconsciente (nos termos da primeira tópica) e do *id* (nos termos da segunda tópica). As relações entre objectos enquadradas aqui através do conceito de aliança (psicológica) entre objectos definem a "energia investida" enquanto "energia pulsional que provém de fontes internas, exerce uma pressão contínua e impõe ao aparelho psíquico a tarefa de a transformar. É assim que uma expressão como «investimento libidinal» significa

---

nem se imbricam entre si. No sistema bilinear, as unidades conservam um valor discreto: as patrilinhagens e as matrilinhagens não se autodefinem em função de outras, ainda que cada patrilinhagem possa conter membros de todas as matrilinhagens, e inversamente. Cada grupo desempenha funções diversas, e podem-se imaginar as várias estratégias matrimoniais em função da dupla pertença de cada indivíduo" (pp. 81-82).

Sobre a matrilinearidade e a patrilinearidade Fox (1967/1986) é mais explícito. Esclarece a transmissão por via da filiação matrilinear sublinhando a sua restrição apenas aos elementos femininos: "Essa restrição pode ser vista de diversas maneiras: contemplar uma série de sucessivas unidades mãe-filho; contemplar uma série de sucessivas unidades irmão-irmã, com os filhos das irmãs formando as gerações sucessoras; ou contemplar todos os descendentes da "mãe" original através das mulheres: os filhos e filhas dessa "matriarca", os filhos e filhas dessas filhas e assim por diante. Segue-se que os membros do nosso grupo se relacionarão entre si *só através das mulheres.* Os antropólogos referem-se a este método de estabelecer as relações como *matrilinear* ou pela linha feminina (da mãe). Por vezes, utiliza-se o termo *uterino* como sinónimo de matrilinear. Por conseguinte, sejam quais forem os propósitos que promoveram a criação de um tal grupo de pessoas, adquire-se o estatuto de membro ao ser-se filho de uma das suas mães. Se se estabelecerem relações entre membros do grupo, estas só terão consistência se forem traçadas através das mulheres. Assim, os filhos da irmã da minha mãe serão meus co-membros — mas não os filhos do irmão da minha mãe, uma vez que a sua relação comigo se estabeleceu através de um homem e, como tal, só poderão ser membros do grupo da mãe *deles*" (pp. 48-49). Do mesmo modo, para a filiação patrilinear prevê que "Também aqui a restrição poderá ser vista de diversas maneiras: contemplar uma série de sucessivas unidades pai-filho; contemplar uma série de sucessivas unidades irmão-irmã, com os filhos dos "irmãos" formando as gerações sucessoras; ou contemplar todos os descendentes dos "irmãos" originais através dos machos: os filhos e filhas desses irmãos, os filhos e filhas destes e assim por diante. (…) os membros deste grupo relacionar-se-ão apenas através dos machos. Este modo de relacionamento é chamado patrili*near* ou pela linha masculina (do pai), tendo por sinónimo o termo *agnático* (oriundo do direito romano). Eu torno-me membro através do meu pai, e ao estabelecer a minha relação com os outros membros (os meus "agnatos"), traçá-la-ei exclusivamente através dos homens. Assim, os filhos do irmão do meu pai são membros, mas não os da irmã do meu pai, uma vez que estão relacionados comigo através de uma mulher, só podendo ser membros do grupo do pai *deles*" (Fox, 1967/1986, pp. 50, 51).

investimento pela energia das pulsões sexuais. Na segunda teoria do aparelho psíquico, a origem de todos os investimentos torna-se o id, pólo pulsional da personalidade. As outras instâncias retiram a sua energia dessa fonte primacial" (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 221). A transformação da "energia pulsional" de que falam Laplanche & Pontalis (1967/1994) é vista no nosso paradigma como a transformação da filiação bilateral (ou troca bilateral), cognática ou indiferenciada[560] (como também é conhecida) de objectos na dupla filiação[561] ou filiação bilinear (filiação patrilinear e matrilinear presentes no mesmo sistema de parentesco, embora independentes), na filiação patrilinear ou na filiação matrilinear. Tenhamos em atenção no entanto que se trata de uma aproximação entre o sistema inconsciente ou *id* e a troca ou filiação bilateral que aqui propomos uma vez que a troca bilateral já acedeu por definição à consciência social e psicológica. Os sujeitos regulados por um sistema de parentesco de filiação bilateral (forma empírica extremamente rara)[562] sabem que o sistema regula as suas relações de modo a manter a solidariedade social (Durkheim, 1897/1989) remetendo cada um para a categoria de parentesco que ajuda a delimitar a sua identidade. Nesta altura poderíamos questionar a legitimidade epistemológica desta aproximação uma vez que o *id* freudiano é denominado por "caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante" (Freud, 1932-33/1996, p. 78)[563], manifestando "uma indiferença peculiar com relação aos objectos, sendo especialmente evidente nas transferências que surgem na análise, as quais se desenvolvem de modo inevitável, independentemente das pessoas que são seu objecto" (Freud, 1923/1996, p. 57)[564]. Ora esta constitui uma modificação mais tarde adoptada por Fairbairn (1946/2000, 1949/2000). Mesmo partindo do princípio de que o ego retira

---

[560] "Filiação Indiferenciada ─ Regra que permite a um indivíduo reclamar-se de qualquer das quatro linhas: FF [pai do pai], MF [pai da mãe], FM [mãe do pai] e MM [mãe da mãe], para adquirir os principais elementos do seu estatuto ou a sua inclusão num grupo de parentesco" (Panoff & Perrin, 1973/1979, p. 94).

[561] "Dupla filiação ─ Regra que combina uma filiação *patrilinear* com uma filiação *matrilinear ligando* todo e qualquer indivíduo a um grupo de cada tipo, sendo os elementos do seu estatuto adquiridos numa linha diferente dos que lhe vêm da outra. Sin.: filiação bilinear" (Panoff & Perrin, 1973/1979, p. 58).

[562] "(…) uma troca de irmãs persistente produzirá um sistema desse tipo; contudo, por razões óbvias de carácter demográfico, a *verdadeira* troca de irmãs nem sempre é fácil de realizar. Assim, uma sociedade desse tipo apenas será, habitualmente, capaz de atingir uma certa percentagem estatística de trocas "directas" efectivas" (Fox, 1967/1986, p. 242). Psicodinamicamente, no entanto, a realidade psicológica subjacente a este tipo de troca é estrutural no aparelho psíquico.

[563] "(…) chaos, a cauldron full of seething excitations" (Freud, 1932/1981b, p. 73).

[564] "(…) a peculiar indifference in regard to the object displays itself; and it is especially evident in the transferences arising in analysis, which develop inevitably, irrespective of the persons who are their object" (Freud, 1923/1981, p. 45).

energia do id, o último só é conhecido e acedido através do primeiro pois "Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura" (Freud, 1932-33/1996, p. 84)[565]. Se postularmos dentro desta vasta "obra de cultura" os sistemas de parentesco entendidos como passagem da natureza à cultura (Lévi-Strauss, 1949/1982) e se virmos nestes o investimento de objectos noutros objectos confundindo pessoas diferentes nos mesmos lugares de parentesco (terminologia classificatória) vendo por exemplo o irmão da mãe a desempenhar a função de «pai» ou a irmã do pai a desempenhar a função de «mãe», então podemos admitir que as relações entre objectos nos sistemas de parentesco admitem núcleos inconscientes no seio dos egos que se tornam objectos de outros egos no interior das redes de parentesco (embora os limites dos conceitos de "ego" e "objecto" não coincidam em absoluto). Dizemos neste sentido que estes "eus" são "eus libidinais" uma vez que circulam nas estruturas de parentesco fundindo ou dissociando as categorias de parentesco direccionadamente, isto é, segundo a direcção da suposta troca de mulheres ─ quando, por exemplo, fundimos a figura da irmã do pai (tia Malvine) com a mãe de Dora e atribuímos a categoria de parentesco «mãe» à primeira é em função da suposta troca a que a tia, tal como a mãe e tal como a própria Dora teriam sido submetidas no contexto da ideia sobrevalorizada da troca da analisanda de Freud. Portanto, a pulsão e a estrutura (de parentesco) constituem um corpo homogéneo e as figuras de parentesco ocupadas pelos "eus libidinais" constituem a manifestação desta unidade. O paradigma de Fairbairn (1946/2000) está aqui previsto quando refere que "(…) ao passo que Freud considera o 'Eu' estrutural como um derivativo do 'Id' sem estrutura, eu considero o Eu libidinal (que corresponde ao 'Id') como uma parte clivada do Eu original, dinâmico" (p. 191). Note-se que o "eu original" de Fairbairn (1946/2000) corresponde ao Self tal como Freitas (2008b, 2008d, 2008h) o entende e, tal como já defendemos, define a procura da identidade de Dora através da ideia sobrevalorizada da troca que fragmenta o Self da rapariga através de identificações alienantes (embora inevitáveis) com as várias figuras de parentesco sendo tradutor da "(…) interiorização de objectos" enquanto "expressão directa das necessidades libidinais de um Eu original à procura de objecto perante as vicissitudes das suas primitivas relações objectais" (Fairbairn, 1949/2000, p.205). Ao contrário de Freud para quem "o impulso" é "distinto da estrutura" (Fairbairn, 1944/2000,

[565] "Where id was, there ego shall be. It is a work of culture" (Freud, 1932/1981b, p. 80).

p. 163), Fairbairn (1944/2000) concebe "a energia como inseparável da estrutura" sendo "as únicas mudanças inteligíveis (…) mudanças nas relações estruturais e nas relações entre estruturas; e estas mudanças são essencialmente direccionais" (p. 163) no sentido em que seguem, como já referido, a direcção da troca de objectos tal como na ideia sobrevalorizada da troca, em Dora.

Façamos aqui uma pequena consideração sobre o paradigma de Fairbairn (1944/2000) e aquele que aqui propomos para dizer, neste sentido, que a relação entre a estrutura endopsíquica básica ou "situação endopsíquica básica" enquanto "(…) situação subjacente à descrição de Freud do aparelho mental em termos de Eu, Id e Supereu" (p. 139) e as estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) prende-se com as noções de objecto *rejeitante* e objecto *excitante*. No átomo de parentesco (Lévi-Strauss, 1945/1970, 1952/1970, 1973/1993) estão contidos ambos os objectos: na aliança o objecto excitante (captação de outro objecto, captação de uma mulher por um homem); na germanidade, irmandade, ou relação de irmãos estaria contido o objecto rejeitante (cedência de um objecto, cedência de uma mulher por um homem, o irmão ou pai). Isto leva a que se considere que na estrutura endopsíquica básica por cada objecto rejeitante haja necessariamente um objecto excitante (Fairbairn parece admitir, aliás, que o mesmo objecto pode ser simultaneamente rejeitante e excitante). Seria uma espécie de 2ª lei termodinâmica do aparelho psíquico ─ «no aparelho psicoparental nenhum objecto se perde, nenhum objecto se ganha, todos os objectos se transformam». O Objecto Ideal (residente no Eu Central) seria o objecto não ambíguo, ou seja um objecto apenas excitante, o bom objecto traduzido por uma relação harmoniosa ou aliança entre os objectos excitantes e rejeitantes; a aliança total ou integral seria a aliança entre todos os objectos ao serviço do princípio de prazer, i.e, tendente para a "identificação primária" (cf. Fairbairn, 1941/2000, p. 51, n. 1) enquanto "situação endopsíquica básica" (Fairbairn, 1944/2000, p. 157) definida pela "(…) dependência física e emocional da criança [relativamente à] mãe" (Fairbairn, 1944/2000, p. 156). A aliança total entre todos os objectos da estrutura endopsíquica significaria afinal a eliminação do recalcamento secundário pois os objectos rejeitantes deixariam de ter necessidade de recalcar os objectos excitantes coligados então numa aliança harmoniosa ao serviço da unidade

psíquica, solidariedade psíquica ou unidade do aparelho psicoparental. Veja-se por exemplo o caso do presidente Schreber (1903/2000) que não precisaria do recalcamento secundário, pois de uma assentada uniu todos os objectos do aparelho psíquico nessa aliança total dos homens e mulheres entre si, transfigurada numa união mística, homossexual, com Deus (solidariedade social e solidariedade psíquica ou unidade psíquica). Schreber (1903/2000) sozinho daria à luz uma nova raça de homens presume-se que aliados entre si numa ausência de agressividade e perseguição apenas presente na raça actual. Schreber (1903/2000) saiu da filiação e abarcou a totalidade das alianças entre os homens (totalidade geracional) através da paranóia. Se a paranóia de Schreber (1903/2000) é o sintoma da desconfiança inerente às alianças, a totalidade das alianças entre homens constitui simultaneamente a "cura" da paranóia do presidente. Já Dora limitou-se a denunciar uma das parcialidades da troca de objectos ─ a troca de mulheres pelos homens sendo a sua histeria o sintoma expressivo do protesto por falta de uma realidade que suportasse a outra metade do processo de troca enquanto troca de homens pelas mulheres. Dora intensificou a filiação através da histeria e do amor homossexual pela Sr.ª K (substituta da mãe).

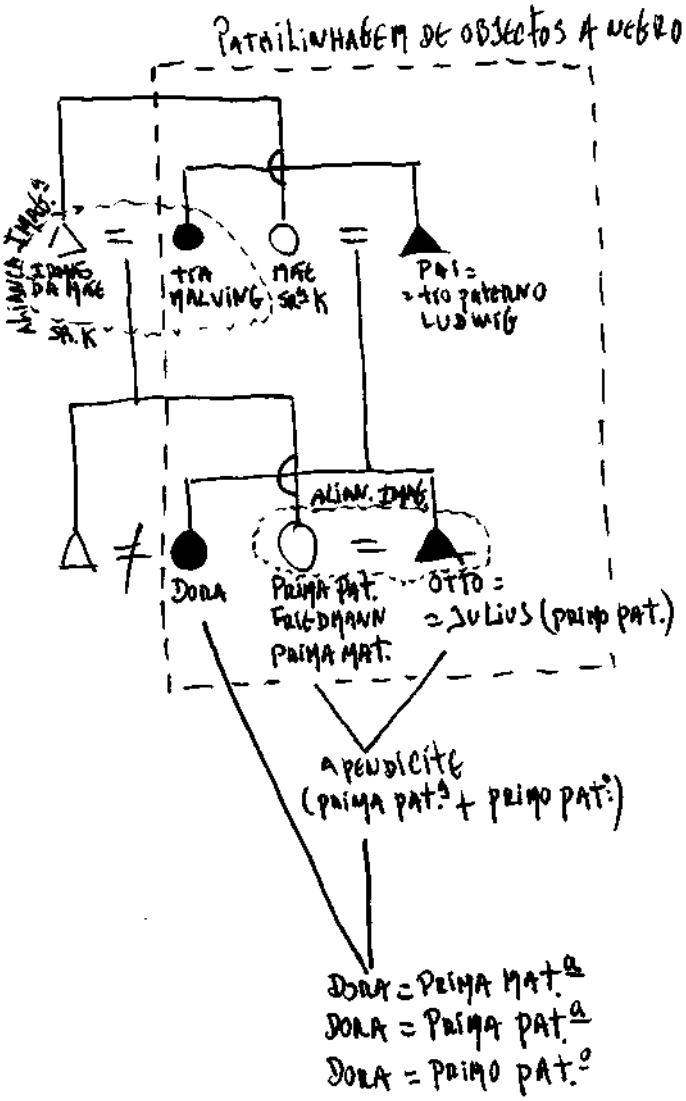
A transformação da troca bilateral (bissexualidade) na troca ora patrilateral ora matrilateral deve ser vista como a expressão de uma tendência cujos limites são definidos pelas demarcações da heterossexualidade e da homossexualidade entre as quais Dora vacila ao longo da análise.

A fim de fazer sobressair a estrutura matrilateral (unilinearização da estrutura bilateral) devemos agora concentrar a atenção na patrilinhagem de objectos do aparelho psíquico de Dora. Situamo-nos agora no imaginário, isto é, passamos a considerar a relação de Dora com uma das filhas da irmã do seu pai. O registo real corresponde às relações consanguíneas e de filiação que o caso narrado por Freud apresenta no respectivo conteúdo manifesto. Já o registo imaginário contém os significantes (categorias de parentesco preenchidos por elementos genealógicos concretos das relações de Dora) que configurados segundo o princípio da troca de objectos nos permitem aceder aos

significados (conjunções transitórias de alianças entre objectos) expressos por sintomas e sentimentos.

Neste momento guiamo-nos pelo significado do sintoma da apendicite tal como vivido por Dora relativamente à sua prima. Podemos ver que para a filha da irmã do pai (prima Friedmann) Dora constitui a sua prima matrilateral. Esta é portanto a linha matrilateral das relações de objecto de Dora que procuramos. Seguindo o princípio da troca de objectos podemos notar que relativamente ao primo paterno a estrutura bilateral previa uma aliança que no registo imaginário das estruturas elementares do parentesco coincidia com a identificação levada a cabo por Dora, isto é, Dora identificou-se com o filho do irmão do seu pai através da psicossomática da apendicite tendo isto formado o que denominámos por aliança imaginária. No mesmo registo real as estruturas elementares do parentesco previam agora que a prima de Dora por parte da irmã do seu pai fosse dada ao seu irmão. Ora o que o relato clínico de Freud nos diz é que tal como Dora se tinha identificado com o primo pelo lado do pai através da apendicite, por sua vez identificou-se com a prima também pelo lado do pai usando o mesmo sintoma. O que temos que explicar agora é isto: qual o significado, nos termos do aparelho psíquico de Dora, da contra-dádiva da prima Friedmann ao irmão de Dora (registo imaginário, aliança imaginária) em conjunção transitória com a identificação de Dora com esta prima através da referida apendicite?

No esquema abaixo reproduzido podemos averiguar se existe a estrutura matrilateral sob a patrilinhagem de objectos no aparelho psíquico de Dora.

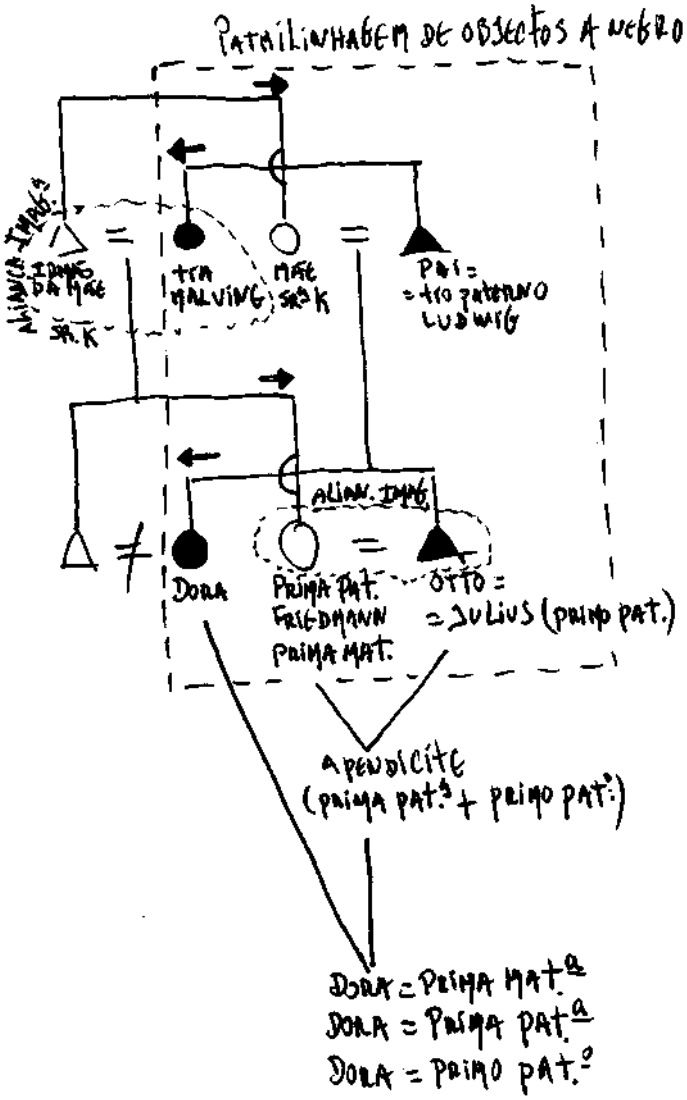


A patrilinhagem de objectos contém, tal como já vimos, todos os objectos sob influência do objecto paterno. Neste sentido a mãe de Dora aceita passivamente a infidelidade do marido investindo em tarefas domésticas, Dora procura o falo paterno, o irmão de Dora legitima o caso do pai, e a tia Malvine na qualidade de irmã do pai constitui o significante flutuante que funciona "(…) um pouco como símbolos algébricos, para representar um valor indeterminado de significação, em si mesmo vazio de sentido e, por isso, susceptível de receber um sentido qualquer, cuja única função é preencher um afastamento entre o significante e o significado" (Lévi-Strauss, 1950/1974, p. 39) permitindo assim a transição para a matrilinhagem de objectos. Voltamos a repetir que o princípio da denominada "unidade dos germanos" (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 40)

significa do ponto de vista psicanalítico que os irmãos passam pelas mesmas vicissitudes edipianas e pré-edipianas transmitidas pelos pais. Por isso formam uma unidade mesmo que habitada por configurações edipianas opostas consoante o sexo dos irmãos. Já vimos que esta tia Malvine na unidade dos germanos assume a função materna submetida ao pai e portanto faz aparecer na patrilinhagem de objectos a figura da mãe que permanece quase oculta na descrição clínica freudiana. Neste sentido a tia Malvine enquanto "valor indeterminado de significação, em si mesmo vazio de sentido" (Lévi-Strauss, 1950/1974, p. 39) na patologia de Dora passa a valor preenchido significativo a partir do momento em que as vicissitudes amorosas das suas filhas ecoam em Dora. A tia resignificou a mãe de Dora tornando-se significante. Porque é que não percorremos o caminho através da mãe de Dora, no esquema acima mostrado? Porque estamos na zona da patrilinhagem de objectos e não da matrilinhagem. Relembremos que já fizemos aparecer a estrutura patrilateral enquanto procura do falo paterno no caso Dora. O modelo aqui empregue prevê, entretanto, que a superação do núcleo incestuoso edipiano se faça através da estrutura matrilateral. Isto engloba por sua vez o que Amaral Dias (2003) designou como a passagem do "mesmo" ao "idêntico". Que significa isto? No nosso modelo significa que as estruturas de parentesco começam na troca incestuosa de objectos (mesmo), mas evoluem para a troca generalizada de objectos, aquela que permite a inserção no aparelho psíquico de novos objectos afastados do núcleo familiar sempre sob os mesmos princípios da dádiva e contra-dádiva de objectos (idêntico). No devido lugar da presente tese já concluímos que é a troca matrilateral de objectos (aliança com a prima cruzada matrilateral) que permite a inserção ideal de novos objectos na cadeia da troca. Daí que nos importe agora sublinhar a eventual estrutura matrilateral na patrilinhagem de objectos.

Voltemos à última figura acima reproduzida sobre a troca bilateral e examinemo-la em pormenor. Ao contrário da estrutura patrilateral que, como vimos, apareceu sob a matrilinhagem de objectos aqui procuramos sob a patrilinhagem a existência da estrutural matrilateral que, a existir, nos permitiria investigar os possíveis caminhos da sublimação no caso Dora. Para que a estrutura matrilateral apareça, seguindo o princípio da troca nas estruturas elementares do parentesco no aparelho psíquico de Dora, teremos que

pressupor que Dora constitui uma contra-dádiva compensadora por uma mulher dada ao pai. O objecto masculino com quem a prima paterna Friedmann (que representa Dora) entra em conjunção ou em aliança constitui o filho do irmão da sua mãe (primo materno) e ela representa para ele a filha da irmã do seu pai (prima cruzada patrilateral). Note-se bem a diferença de vértices ou perspectivas psicoparentais aqui presentes. Do ponto de vista da matrilinhagem de objectos e de acordo com os pressupostos da acusação de Dora ao pai, tal como exposta na figura abaixo indicada,



o irmão da mãe dá à patrilinhagem uma mulher na qualidade de irmã (a mãe de Dora) e deveria receber a filha desta (Dora) para o seu filho. Aplicado ao caso Dora, tal como já

visto, tal implica que a filha dada (Dora) deveria corresponder a uma compensação por uma mulher recebida e isto encaixaria na estrutura patrilateral uma vez que Dora ocupa aqui o lugar de filha da irmã do pai (prima cruzada patrilateral) do homem com quem deveria entrar na conjunção da aliança. Acontece que, na perspectiva psicossomática das identificações levadas a cabo por Dora, a aliança com o primo suposto representante do homem que deu a sua mãe (ideação sobrevalorizada da troca) não aconteceu uma vez que Dora se identificou com uma prima paterna e com um primo paterno (representantes do registo real) invertendo o sentido da sua contra-dádiva na direcção de representantes da figura paterna.

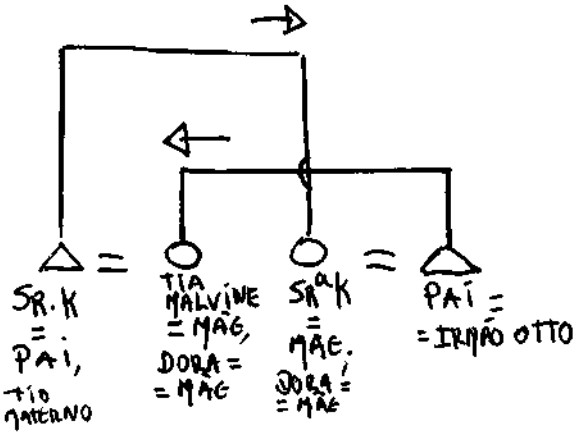
A partir do vértice ou perspectiva da patrilinhagem de objectos a ênfase recai sobre a irmã do pai em virtude do princípio da unidade dos germanos e na filha Dora. Ambas, em diferentes gerações são dadas na mesma direcção ao sub-continente da matrilinhagem de objectos ─ veja-se a direcção das setas: todo o homem na qualidade de pai renuncia à filha e na qualidade de irmão renuncia à irmã instaurando a exogamia, ilustração clara da exposição freudiana em *Totem e Tabu* (Freud, 1912-13/1996). A única mulher que é recebida como compensação a partir da matrilinhagem para a patrilinhagem de objectos entra na conjunção da aliança (imaginária) com o irmão de Dora. Chegámos a um impasse, na medida em que se trata da perspectiva de Dora, perspectiva sob a qual seria ela a ser trocada entre homens, e não da perspectiva do irmão. Não nos esqueçamos que o princípio orientador é o da troca de mulheres entre homens uma vez que corresponde à "conjunção constante não transitória" (Amaral Dias, 2003, p. 30) entre a perspectiva de Dora ("Eu sou trocada entre homens") e a perspectiva masculina tal como prevista pelas estruturas elementares do parentesco segundo a qual os homens trocam de facto as mulheres (Lévi-Strauss, 1949/1982). Estamos a perspectivar as estruturas elementares do parentesco a partir da psicopatologia de uma mulher, situação não prevista pelas primeiras no sistema de Lévi-Strauss (1949/1982). A sobrevalorização não bizarra (cf. Associação Psiquiátrica Americana, 1996, pp. 304-305) da ideia da troca estrutura as relações de objecto como um parentesco entre objectos. A ideia sobrevalorizada da troca estrutura por sua vez as relações entre Dora, os seus familiares e amigos e o casal dos K.

Dito isto, temos que voltar à teorização com que começámos. Para sairmos da troca bilateral unicamente entendida a partir dos objectos familiares de Dora temos que introduzir o grupo de aliança do casal dos K porque a acusação explícita de Dora refere a Sr.ª K como a mulher por quem Dora diz ter sido trocada. Esta teria sido a mulher dada ao pai, dádiva relativamente à qual Dora constituiria a contra-dádiva recompensadora. Poderia dizer-se que aqui cairíamos na contradição relativamente aos pressupostos que sustêm a argumentação desenvolvida, a saber, que uma vez que apenas se destacou a estrutura patrilateral (representante do incesto) e não a matrilateral então não há como introduzir novos objectos na troca. A introdução ilimitada de novos objectos na troca pertence por definição à estrutura matrilateral por nós identificada como um dos avatares do conceito freudiano de sublimação. Recordemo-nos, no entanto, que a estrutura patrilateral embora fechando o ciclo da troca de objectos entre duas gerações, ainda assim está assente na troca, na dádiva e contra-dádiva de objectos. Por isso mostrámos que pertence ao denominado ciclo curto da troca generalizada, contrariamente ao ciclo longo caracterizador da estrutura sublimatória matrilateral (cf. Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 496). Digamos que a estrutura patrilateral é a estrutura mais próxima dos limites do incesto embora inserida na exogamia de objectos ─ caso contrário, nas modernas sociedades industrializadas não reguladas explicitamente pelas estruturas elementares do parentesco não se verificariam as vicissitudes edipianas do foro psicanalítico tal como se verificam.

Recordemos que a diferença entre a perspectiva patrilateral e a perspectiva matrilateral reside no facto de a primeira permanecer no incesto diferido, indirecto, no "incesto social" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 98, 497, 530) que fecha a troca na geração seguinte. Em contrapartida, a perspectiva matrilateral apesar de manter estruturada a pulsão incestuosa mantém a troca aberta implicando a possibilidade sempre aberta de investimento em novos objectos, objectos que Matos designa por "(…) objectos exogâmicos, longínquos e livres" (Matos, 1982/2001, p. 123).

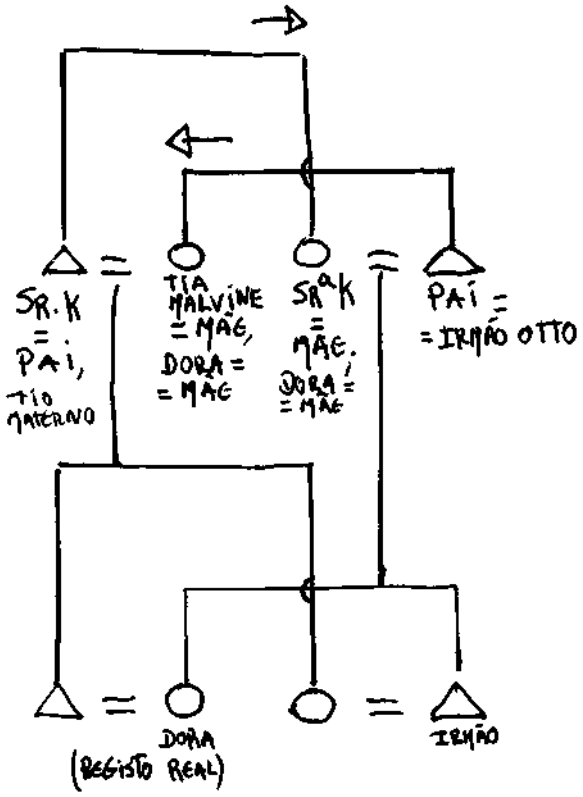
Vamos voltar ao esquema da troca entre os grupos de aliança com os quais começámos: os grupos constituídos pelo casal dos K e pelo casal dos pais de Dora. O casal dos K constitui neste contexto o mais próximo que há dos denominados "(…) objectos

exogâmicos, longínquos e livres" (Matos, 1982/2001, p. 123) para Dora. A questão à qual temos que responder é a de saber sob que condições, analisando o último esquema reproduzido sobre a patrilinhagem de objectos, o pai de Dora não teria que dar duas mulheres mas apenas uma recebendo outra em troca na geração seguinte, respeitando assim os pressupostos da estrutura matrilateral caracterizada pela aliança com a prima cruzada matrilateral? Por outras palavras, como seria possível que sempre no contexto da ideação sobrevalorizada da troca Dora continuasse a procurar o falo paterno, parecendo que não? Já vimos que é possível que a ideia sobrevalorizada da troca, em Dora, tenha pressuposto que o grupo de aliança dos K e o grupo de aliança dos pais fossem como dois grupos germanos (de «irmãos») que procedessem à troca de mulheres entre si. Vamos relembrar este esquema com o qual começámos por abordar esta questão e tentemos tirar as devidas consequências da sua análise.



Encontrando-se com a vida amorosa e sexual congelada os respectivos casais comportam-se como «irmãos» classificatórios, o que favorece a troca de mulheres em nome dos seus novos interesses amorosos. Compreende-se então que no quadro da ideia

sobrevalorizada da troca, de Dora, o Sr. K faça a dádiva da Sr.ª K ao pai de Dora em troca da sua filha. Acontece que o esquema tal como acima se apresenta encontra-se demasiado condensado não manifestando explicitamente o lugar de Dora enquanto filha nem os mecanismos subjacentes às identificações indicadas entre as figuras componentes da estrutura de parentesco no aparelho psíquico de Dora. Vamos desdobrar o esquema segundo a estrutura bilateral e interpretar as relações entre objectos de acordo com as identificações já levadas a cabo e explicadas.



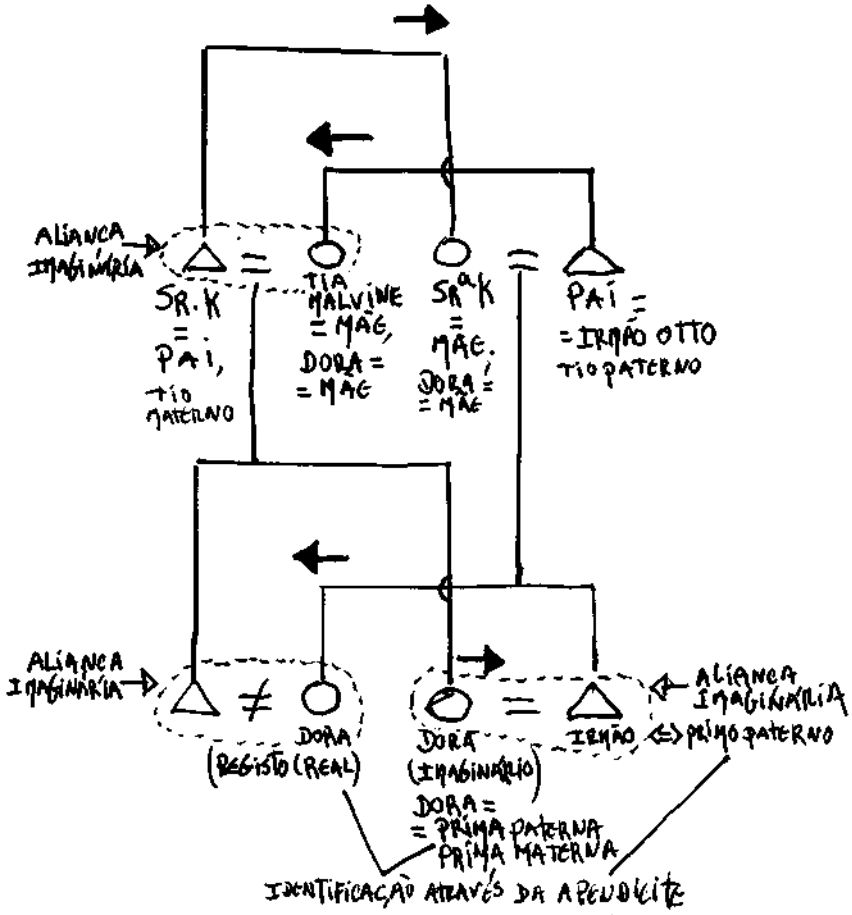
Tal como já referido, na estrutura patrilateral apenas nos centrámos na contra-dádiva de Dora em virtude do recebimento da Sr.ª K para o seu pai. Segundo a acusação explícita de Dora este teria sido um mandamento do pai real correspondente ao progenitor biológico e ao enigma da sua ordem ─ "No âmbito da instituição familiar, o pai real costuma ser, de facto, o homem da mãe, e, de direito, o seu esposo legítimo, logo o representante habitual e encarnado da lei fundamental das sociedades humanas, ou da proibição que se substitui ao evitamento ou concretização, do incesto com a mãe"

(Martinho, 1999, pp. 47-48). Por isso mantemos no esquema da troca bilateral os pais biológicos e respectiva descendência (Dora e irmão Otto) juntamente com os colaterais (tio e tia) enquanto representantes da realidade biológica das relações de objecto aqui descritas. Já as identificações que os objectos estabelecem entre si são representadas quando um objecto ocupa o lugar de outro na estrutura de parentesco passando a desempenhar a sua função (irmã do pai = «mãe» ou Sr. K = «pai», entre outras equivalências) condensando e deslocando todo um caminho de relações que ficam inscritas na estrutura de parentesco ─ neste sentido a aliança de um homem com a «filha da irmã do pai» na estrutura patrilateral representa a regressão edipiana incestuosa na medida em que a prima representa a imago da mãe (relação entre os objectos «filha» e «irmã do pai») e o primo a imago do pai (relação entre os objectos «filho» e «irmão da mãe») sendo a aliança dos primos equivalente à aliança (incestuosa deslocada) das imagos dos irmãos da geração ascendente. Este tipo de relações que aparecem no inconsciente sob a forma dos denominados termos classificatórios de parentesco («tia materna» enquanto «mãe» ou «tio paterno» enquanto «pai») fazem parte do imaginário derivando da estrutura básica do estádio do espelho (Lacan, 1949/1998) e definem o que Dora vive como sendo o seu "pai imaginário" que "(…) consiste nas representações que cada um se faz, não só do seu pai e do pai dos outros *como do* que deveria ser um pai para todos. Estas imagens podem inserir-se numa lista que vai do pai que não presta até ao pai exemplar, com os predicados de omnipotência e omnisciência que infantilmente atribuímos a este ideal fonte de identificações" (Martinho, 1999, p. 50). Naturalmente as estruturas elementares do parentesco, lugar da ideação sobrevalorizada da troca em Dora, representam o simbólico, o lugar onde o inter-dito aparece à consciência sob o manto esburacado da linguagem que faz a sua aparição sob os nomes pessoais dos sujeitos singulares que desempenham as funções ─ de pai, mãe, tio, tia, primos ─ que lhes dão significado. Sendo o pai de Dora não apenas o pai real fisiológico, Phillip Bauer, mas também estando presente no Sr K, em Freud através dos processos de transferência quer positiva, quer negativa, nos médicos que antes consultou, no irmão da mãe e até psicossomaticamente nos primos, então o pai simbólico de Dora constitui a metáfora paterna que circula por cada uma das funções relativas aos lugares topológicos das estruturas de parentesco no seu aparelho psíquico. Por isso "O pai simbólico pode, agora,

ser definido como a *metáfora paterna,* ou seja, a possibilidade aberta pela linguagem a qualquer falante (incluindo a mãe) de invocar e evocar qualquer coisa em nome do pai, mesmo quando não há genitor, ou que este abalou, morreu, etc" (Martinho, 1999, p. 51).

Concentrando a atenção no último esquema reproduzido podemos ver que seguindo os pressupostos da ideação sobrevalorizada da troca, de Dora, esta teria sido dada ao Sr. K como contrapartida da Sr.ª K dada ao seu pai, lei paterna onde se trata "(…) de separar efectivamente a mãe da criança" (Martinho, 1990, p. 36). Já vimos entretanto que Dora mantém a procura do falo paterno caracterizadora do núcleo edipiano positivo. O que agora importa é mostrar como no esquema da troca bilateral isto se estrutura. Para tal teremos que recorrer às identificações levadas a cabo. No esquema da estrutura bilateral podemos ver que é enquanto se identifica com a mãe que Dora se sente trocada. Isto significa que, tal como os significantes (lugares na estrutura de parentesco) se estruturam na ideação sobrevalorizada da troca, se ela é submetida à troca é porque a sua mãe também o deve ter sido. Por deslocamento e condensação o mesmo deve ter acontecido à sua tia paterna, Malvine. Por outro lado, Dora encontra-se identificada com a mãe ao nível da geração dos pais, tal como o seu irmão, Otto, se encontra por identificação no lugar do pai. Isto corresponde às premissas do sistema das estruturas elementares do parentesco que prevêem a troca de mulheres pelo homem na qualidade de «pai» e de «irmão». É importante notar nesta altura que, quer consideremos as identificações de Dora com a mãe, o pai ou a irmã do pai estamos a colocar a analisanda de Freud no que já denominámos por patrilinhagem de objectos. Objectos que estão sob a influência predominante do pai de Dora devido à posição que ocupa no seio familiar (filiação psicológica). Por outro lado, a identificação de Dora com a tia Malvine permite-nos circunscrever o mecanismo da troca de Dora, nomeadamente a sua transferência para o Sr. K. Para tal, Dora colocou-se no hipotético lugar da mulher que, na qualidade de «irmã», só poderia ser trocada em nome dos interesses do irmão. Este mecanismo encaixa com a procura da mãe substituta encontrada na tia Malvine, irmã do pai. Isto é congruente com o facto de, por intermédio desta identificação com a tia Malvine, Dora ser transferida da patrilinhagem para a matrilinhagem de objectos, ou seja, para uma linhagem de objectos caracterizadora do continente contentor do objecto materno

perdido. Aqui a mãe de Dora, enquanto «irmã», tem a prevalência quer sobre o irmão real, quer sobre os «irmãos» classificatórios do registo imaginário («Sr. K», «pai») na medida em que é Dora quem lha atribui pois corresponde ao objecto materno perdido e sempre procurado e corresponde aos pressupostos da ideação sobrevalorizada da troca. Fica por explicar o mecanismo operatório da ideia sobrevalorizada da troca subjacente às relações de objecto de Dora enquanto filha do pai. Porque, já o referimos, a partir do momento em que consideramos a estrutura bilateral na sua totalidade e tentamos extrair dela o mecanismo da estrutura matrilateral, aquele que foi referido como sublimatório e constituinte da ultrapassagem parcial do núcleo edipiano, o que verificamos é que Dora é dada no registo imaginário enquanto se identifica com a mãe e a tia paterna e é dada supostamente no registo real da troca sobrevalorizada na medida da acusação que faz ao pai ─ a de ser dada ao Sr. K na qualidade de filha. Isto é indicado pela mesma direcção das duas setas, uma na geração dos pais de Dora, outra na geração da própria Dora, tal como se exemplifica na estrutura bilateral da troca abaixo indicada.



Se quiséssemos solucionar este problema de acordo com os pressupostos do paradigma das estruturas elementares do parentesco diríamos que na perspectiva de Dora o pai renunciou à filha quer segundo o vértice do registo imaginário (identificação de Dora com a tia Malvine e com a mãe enquanto mulheres trocadas pelo pai), quer segundo o vértice do registo real (dada na qualidade de filha ao Sr. K, segundo o conteúdo manifesto expresso na ideia sobrevalorizada da troca). Teria sido dada na qualidade de futura esposa e na qualidade de filha. O problema é que a estrutura da troca obrigou-nos a entremear o registo imaginário com o registo real, isto é, para que a contra-dádiva de Dora ao Sr. K no registo real do aparelho psíquico de Dora fizesse sentido esta teria que entrar numa conjunção transitória de aliança (identificação imaginária com o primo) com um representante do Sr. K, um «filho» do Sr. K. Para que isto acontecesse teríamos que encontrar no relato de Freud algo que no registo imaginário das identificações de Dora equacionasse um «tio» na qualidade de categoria classificatória que, independentemente

de ser irmão da mãe ou do pai, estivesse de algum modo relacionado com o Sr. K. A descrição de Freud (1901/1996a) fornece-nos este material ao indicar que "De outra feita, Dora apareceu-me no pior mau humor, depois de vários dias em que estivera sempre no melhor dos ânimos. Não soube explicá-lo; estava muito contrariada, declarou; era aniversário de seu tio e ela não se animava a cumprimentá-lo, não sabia por quê. Minha arte interpretativa estava embotada nesse dia; deixei que ela continuasse falando e, de repente, ela se lembrou de que era também aniversário do Sr. K., facto este que não deixei de aproveitar contra ela. Já então não foi difícil explicar por que os lindos presentes que ela ganhara em seu aniversário, alguns dias antes, não lhe trouxeram nenhuma alegria. É que faltava um presente, o do Sr. K., que obviamente fora antes o mais precioso de todos" (p. 63)[566]. Apesar de não ser possível saber de que parte da família provém este tio avançamos a hipótese de ser um tio paterno uma vez a convivência de Dora com o lado da família do pai ser mais frequente, existindo além disso dois tios paternos (confirmados) contra um materno o que aumenta as probabilidades de maior contacto com os primeiros. Se for um tio paterno, então colocamos o seu suposto representante na forma de um primo e identificamo-lo com o primo a quem Dora foi buscar a apendicite. Na categoria dos tios paternos, mesmo que se tratasse do tio Karl cuja descendência não é referida no caso descrito por Freud, estávamos justificados em identificar este primo uma vez estar confirmada a sua existência e a identificação psicossomática com este já ter sido feita (os tios equivalem-se, logo os primos também). Isto significa que neste nível do aparelho psíquico, conforme o esquema acima reproduzido e de acordo com o que já referimos, Dora rejeitou (≠) a aliança imaginária com um eventual primo materno (significante da procura da mãe) invertendo-a na direcção do primo paterno enquanto representante do seu irmão Otto, logo do pai, permanecendo assim na estrutura patrilateral da procura do falo paterno.

[566] "Another time Dora came to me in the worst of tempers after having been uniformly cheerful for several days. She could give no explanation of this. She felt so contrary today, she said; it was her uncle's birthday, and she could not bring herself to congratulate him, she did not know why. My powers of interpretation were at a low ebb that day; I let her go on talking, and she suddenly recollected that it was Herr K.'s birthday too —a fact which I did not fail to use against her. And it was then no longer hard to explain why the handsome presents she had had on her own birthday a few days before had given her no pleasure. One gift was missing, and that was Herr K.'s, the gift which had plainly once been the most prized of all" (Freud, 1901/1981a, p. 59).

Tornamos a relembrar que a aliança de objectos no paradigma aqui proposto não significa necessariamente um matrimónio ou uma relação amorosa de facto, mas antes um investimento (*Besetzung*) psíquico no sentido de "(…) determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, um objecto, etc." (Laplanche & Pontalis, 1967/1994, p. 219) e, neste caso, a um lugar topológico de parentesco na estrutura de parentesco. A prima e o primo paternos enquanto objectos foram determinados pela estrutura da ideação sobrevalorizada da troca, de Dora, a ser investidos como forma de retomar a representação da relação recalcada com o Sr. K. Também a aliança entre o Sr. K e a tia Malvine, ou entre o tio materno e a tia paterna Malvine, não aconteceu no registo real, como facilmente se constata lendo o caso que Freud nos deixou. Esta aliança está representada como um investimento de Dora numa relação entre dois objectos (Sr. K e tia Malvine) que supostamente seria possível ter acontecido apenas de acordo com os pressupostos da sua ideia sobrevalorizada da troca. Por isso a denominamos por "aliança imaginária". Usamos aqui o registo imaginário na primeira acepção que Lacan (1938/1987) lhes deu quando se referiu aos complexos familiares onde a família é vista "como objecto e circunstância psíquica" (1938/1987, p. 23) através de *complexos* que reproduzem uma "uma certa realidade da ambiência" (1938/1987, p. 23) sob dois aspectos: "1) a sua forma representa esta realidade no que ela tem de objectivamente distinto numa dada etapa do desenvolvimento psíquico; esta etapa especifica a sua génese; 2) a sua actividade repete no vivido a realidade assim fixada, sempre que se produzem certas experiências que exigiriam uma objectivação superior desta realidade; estas experiências especificam o condicionamento do complexo" (pp. 23-24). Para Dora a "realidade da ambiência" é constituída pela troca de objectos a partir do momento em que se torna "objectivamente distinta" (na ideia sobrevalorizada da troca) "sempre que se produzem certas experiências" que voltam a sobredeterminar esta realidade tais como a cena traumática com o Sr. K no lago que funciona como a confirmação do interesse do pai na Sr.ª K dada em troca. Neste sentido o complexo da troca (também o podemos designar assim) já não é "um simples facto psíquico, porém uma imago, isto é, um conjunto de representações inconscientes que aparecem sob a forma mental de um processo mais geral" (Roudinesco & Plon, 1997/2000, p. 376). Este processo mais geral é caracterizado pela troca de objectos tal

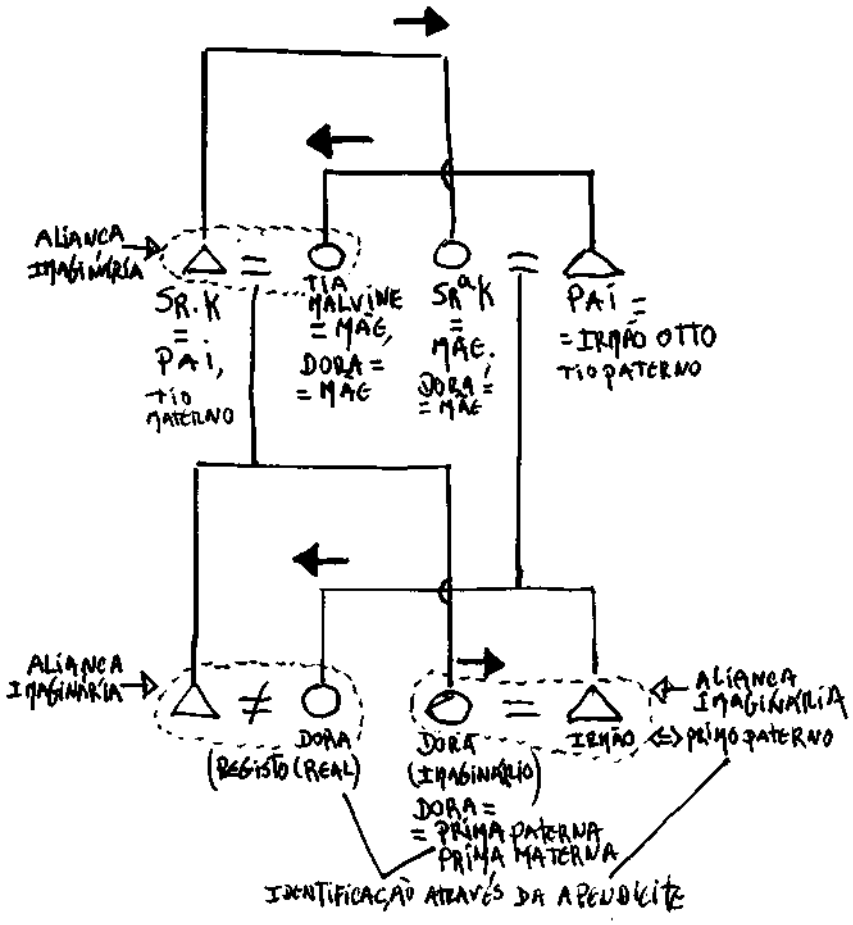
como aqui defendemos. E o mesmo se aplica às outras alianças imaginárias que o esquema apresente.

Portanto, a estrutura matrilateral (renúncia ao pai) está presente enquanto saída possível na ideação sobrevalorizada da troca, em Dora. A rapariga poderia, em análise, proceder à renúncia do pai. Isto nunca aconteceu, segundo Freud. A questão agora reside em como enquadrar no esquema da troca bilateral do aparelho psíquico de Dora a ausência de renúncia ao falo paterno? A estrutura bilateral (bissexualidade) ensina-nos que na mesma geração a uma mulher dada corresponde uma mulher recebida. Mas quando desdobrámos a estrutura na geração de Dora fizemo-lo acentuando a psicodinâmica do mecanismo segundo o qual a mesma mulher, desdobrada no registo real e imaginário passava a ser duas vezes dada na mesma direcção. Isto tinha prevalência sobre o facto de a ideia sobrevalorizada da troca estruturada segundo a estrutura de parentesco bilateral mostrar no seu conteúdo manifesto que as duas mulheres (Dora e Sr.ª K) eram imediatamente trocadas logo na mesma geração. Porque o "ego" na estrutura de parentesco é Dora e é da perspectiva desta que se trata tínhamos que dar conta das suas imagos enquanto futura «esposa» e enquanto «filha». Acontece que as estruturas elementares do parentesco estão assentes em pressupostos de natureza binária, dicotómica: dois sexos (masculino e feminino), oposição de gerações consecutivas ─ pais / filhos ─, credores e devedores de mulheres e respectivas unidades complementares destes opostos por intermédio das alianças que funcionam neste paradigma como conjunções não transitórias. Voltamos a referir sobre isto Lévi-Strauss (1949/1982) quando sublinhou que "(…) pensar as relações biológicas sob forma de sistemas de oposições, a saber, oposição entre os homens proprietários e as mulheres apropriadas, oposição, no meio destas últimas, entre as esposas, mulheres adquiridas, e as irmãs e filhas, mulheres cedidas, oposição entre dois tipos de laços, os de aliança e os de parentesco, oposição, nas linhagens, entre as séries consecutivas (compostas de indivíduos do mesmo sexo) e as séries alternadas (onde o sexo muda ao passar de um indivíduo ao seguinte)" sendo "a troca (…) o resultado imediato desses pares de oposições e (…) a dicotomia dos primos [o] reflexo da troca" (p. 175). Tal implica que ao nível das primas se estabeleça uma oposição complementar entre a filha do irmão da mãe (perspectiva matrilateral) e a filha da irmã

do pai (perspectiva patrilateral) condensadas na mesma pessoa tal como no último esquema mais atrás reproduzido, e depois uma segunda oposição complementar entre a figura das primas (uma filha da tia paterna Malvine) e a dos primos (um filho do tio paterno Ludwig) através da psicossomática da apendicite. Através da identificação com as primas (logo com a mãe e a Sr.ª K) Dora questiona-se sobre o que é ser mulher entre homens (apenas objecto de troca entre vontades masculinas?): "(…) é na medida em que Dora se interroga sobre o que é ser mulher que ela se exprime como o faz, por seus sintomas. Esses sintomas são elementos significantes, mas na medida em que, sob eles, corre um significado perpetuamente em movimento, que é a maneira como Dora aí se implica e se interessa" (Lacan, 1956-57/1995, p. 149). Não obstante, a tese de Lacan (1956-57/1995) não prevê a expressão dos sintomas mediante as figuras dos primos e dos tios como aqui mostramos. Através da identificação com o primo (logo com o irmão, o pai e o Sr. K) inveja a posse do falo paterno confundindo o seu desejo com o desejo do outro: "(…) a histérica experimenta a si mesma nas homenagens dirigidas a uma outra, e oferece a mulher, em quem adora seu próprio mistério ao homem cujo papel ela assume, sem dele poder usufruir. Na busca incessante do que é ser mulher, ela só pode enganar seu desejo, já que esse desejo é o desejo do outro, por não ter satisfeito a identificação narcísica que a teria preparado para satisfazer um e outro na posição de objecto" (pp. 453-454). A bissexualidade que sempre caracterizou Dora fê-la desejar a Sr.ª K através do desejo do Sr. K por si própria, tal como desejou a mãe através do desejo do pai (Édipo negativo) e o pai através da mãe (Édipo positivo).

O investimento numa das primas dá-se também pelo facto de esta fornecer a Dora o sintoma da apendicite enquanto significado da relação não reconhecida com o Sr. K, logo com o pai (função paterna do Sr. K). O que significa a identificação com o desgosto amoroso de uma das primas relativamente à irmã através da apendicite no seio da estrutura bilateral? Significa que ao identificar-se com esta prima, Dora está automaticamente a proceder ao investimento no seu irmão Otto enquanto representante do pai formando assim aquilo que já denominámos aqui por aliança imaginária. Ao identificar-se com a prima, Dora coloca-se no lugar da filha do irmão da mãe (prima cruzada matrilateral) dela e, portanto, situa-se no seio da estrutura matrilateral. O

problema é que se trata da aliança (investimento) entre duas mulheres não previsto pelas estruturas elementares do parentesco. A estrutura matrilateral choca com a componente homossexual das identificações de Dora não permitindo a liquidação do Édipo. Agora temos que interpretar o que significa este estado de coisas embora estritamente à luz do que prevêem as estruturas elementares do parentesco tal como se deixam deduzir a partir do esquema abaixo reproduzido.



Na medida em que se identifica com a prima Friedmann, filha da tia Malvine, Dora é contra-dada ao homem que ocupa o lugar do seu irmão. Podemos ver que esta mulher com quem Dora se identifica pela apendicite representa para o irmão de Dora a sua prima cruzada patrilateral sendo filha da irmã do seu pai. A aliança patrilateral (neste caso a identificação matrilateral) com a sua prima Friedmann significa que Dora está automaticamente a investir o irmão enquanto objecto incestuoso. Comparativamente à

geração dos pais, a mulher representada pela prima Friedmann corresponde à filha dada ao pai por intermédio do filho deste como compensação pela perda da mãe (tia Malvine) na geração anterior, segundo os pressupostos da ideia sobrevalorizada da troca, de Dora. Concluí-se, portanto, que na perspectiva da ideação sobrevalorizada da troca Dora está afinal a ser dada ao pai por intermédio do seu irmão ─ recordemo-nos da sua identificação com o irmão em tenra idade, da lembrança encobridora da masturbação segundo a qual "(…) o irmão costumava passar-lhe todas as suas doenças infecciosas, que nele mesmo eram brandas, mas nela assumiam uma forma grave" (Freud, 1901/1996a, p. 82, n. 2)[567], situação repetida com a prima e o primo, enquanto componente fixadora da libido no amor edipiano pelo pai e da sua aprovação relativamente ao caso amoroso de Phillip Bauer. É isto o que significa o bloqueio representado pela investimento matrilateral de Dora na prima Friedmann. Representa a componente homossexual recalcada na medida em que a identificação hipocondríaca psicossomática com a prima Friedmann contém a função materna sob a forma da figura da tia Malvine. Dora tenta ser o falo paterno na medida em que não renuncia a este tal como mostrado pela conjunção transitória da aliança imaginária da prima com o irmão Otto subjacente à sua identificação psicossomática com a mesma prima. Sendo o falo paterno Dora pode ocupar o lugar do pai junto da irmã deste, tia Malvine (significado da identificação pela apendicite com a prima Friedmann), junto da mãe e portanto junto de Peppina Zellenka, a Sr.ª K.

A estrutura matrilateral não se manifesta no caso Dora (embora prevista como possibilidade na estrutura bilateral) e isto traduz-se pela ausência de investimento (sublimação) na relação com o Sr. K. A bissexualidade manteve-se como característica constante ao longo de toda a história clínica de Dora. A novidade que aqui introduzimos consiste em explicar esta conclusão a que Freud chegou colocando-a no contexto das relações de Dora com as categorias classificatórias dos primos e dos tios que permeiam todo o drama narrado pelo criador da psicanálise. Fornecemos assim um paradigma aplicado à explicitação daquilo a que Eiguer (1983/1989) chamou "inconsciente familiar"

[567] "(…) her brother used regularly to pass on all his infectious illnesses to her, and that while he used to have them lightly she used, on the contrary, to have them severely" (Freud, 1901/1981a, p. 82, n.1).

(p. 30) formado por "objectos parentais interiorizados" (p. 30) durante a "escolha de objecto no momento de instalação da relação amorosa" (p. 29), conceito a que, como advertiu Camdessus (1996/1999), é "(…) necessário juntar (…) os irmãos, as irmãs e os primos" que "Desempenham o papel dos coros de antigamente e servem de caixa de ressonância ao inconsciente familiar" (p. 115).

Entre os Sonhos e as Estruturas Elementares do Parentesco no Aparelho Psíquico de Dora

O paradigma da troca de objectos tal como o temos vindo a empregar no contexto da presente exposição circunscreve a base psicodinâmica dos sonhos que Dora apresenta.

Há dois sonhos reproduzidos por Dora durante a análise com Freud (1901/1996a) e o primeiro apresenta o seguinte conteúdo manifesto: "*Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente: Mamãe ainda queria salvar sua caixa de jóias, mas papai disse: 'Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de jóias. Descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei'* " (p. 67)[568].

Vamos usar o esquema da troca bilateral de objectos a fim de traçarmos uma estrutura comum aos dois sonhos. Deste modo podemos ver no primeiro sonho acima transcrito que o seu conteúdo manifesto situa a história de Dora na geração dos pais. É a eles que pertence a acção e é neles que estão centradas as expectativas dos dois filhos, particularmente as de Dora. De notar também o facto de a ordem paterna ganhar prevalência sobre a materna. Pelo que podemos concluir, de acordo com os pressupostos da exposição até agora feita, que nos situamos na patrilinhagem de objectos. A partir daqui temos que entrar nos pormenores da explicação fornecida por Freud (1901/1996a).

Trata-se de um sonho recorrente (Freud, 1901/1996a, p. 67), repetitivo. Surgiu como reacção à cena traumática ocorrida no lago com o Sr. K (Freud, 1901/1996a, p. 68) onde este lhe terá demonstrado as suas intenções amorosas tentando dar-lhe um beijo forçado. Depois desta cena, e estando Dora hospedada no quarto do Sr. K., recebe deste uma visita inesperada no princípio da tarde, o que a desagrada. O Sr. K tira a chave do quarto, com a justificação de que este lhe pertence, e Dora passa a fazer os actos de higiene corrente e a

---

[568] "*A house was on fire. My father was standing beside my bed and woke me up. I dressed quickly. Mother wanted to stop and save her jewel-case; but Father said: "I refuse to let myself and my two children be burnt for the sake of your jewel-case." We hurried downstairs, and as soon as I was outside I woke up*" (Freud, 1901/1981a, p. 64).

vestir-se sempre à pressa com a preocupação de poder ser surpreendida (Freud, 1901/1996a, p. 69). A identificação a que o trabalho do sonho procede entre o Sr. K e o pai de Dora baseia-se no facto de, tal como o Sr. K o fez, ser um hábito de infância o pai abordar Dora próximo da cama onde esta dormia (Freud, 1901/1996a, p. 69).

Freud (1901/1996a, p. 71) começa por abordar a interpretação do sonho pelo vértice dos objectos materiais que circulam entre pessoas. Entram em cena as jóias em forma de gotas de pérolas reclamadas pela mãe ao pai de Dora, reclamação no entanto gorada na medida em que este resolveu trazer-lhe uma pulseira. Deste modo melhor seria que a desse a outra pessoa, tal a irritação da mãe de Dora. A cadeia associativa dos pensamentos de Dora aproveitou este facto para logo colocar a filha de Phillip Bauer como receptora do presente inicialmente destinado à mãe. Freud (1901/1996a) prossegue no tema das jóias e da caixa de jóias e Dora indica que também o Sr. K a presenteara com uma caixa de jóias. "— Então seria muito apropriado retribuir o presente", responde Freud (1901/1996a) aproveitando para esclarecer que "Talvez você não saiba que "caixa de jóias" é uma expressão muito apreciada para a mesma coisa a que você aludiu, não faz muito tempo, com a bolsinha que estava usando: os genitais femininos" (p. 71)[569]. Conclui-se nesta altura que o pai está a salvá-la de um perigo no qual a colocou (representação pelo oposto): o perigo da entrada do Sr. K no quarto onde ela se encontrava. Voltamos aqui à acusação fundamental de Dora ao pai segundo a qual este a teria trocado pela Sr.ª K. Para chegar à Srª K o próximo passo consiste em determinar o papel da mãe no sonho. Neste nível Freud (1901/1996a) apela ao núcleo edipiano positivo de Dora explicando que "Ela é, como você sabe, sua rival anterior nos favores de seu pai. No episódio da pulseira, você teria aceito de bom grado o que sua mãe rejeitou. Agora, vamos substituir "aceitar" por "dar" e "rejeitar" por "recusar". Isso quer dizer, então, que você estaria disposta a dar a seu pai o que sua mãe lhe recusava, e a coisa que se trata teria a ver com uma jóia. Pois bem, lembre-se agora da caixa de jóias que o Sr. K. lhe deu. Você tem aí o ponto de partida para uma sequência paralela de pensamentos, na qual seu pai deve ser substituído pelo Sr. K., tal como aconteceu na situação de ele estar

[569] "'Then a return-present would have been very appropriate. Perhaps you do not know that "jewel-case" [*"Schmuckkästchen"*] is a favourite expression for the same thing that you alluded to not long ago by means of the reticule you were wearing —for the female genitals, I mean'" (Freud, 1901/1981a, p. 69).

em frente a sua cama. Ele lhe deu uma caixa de jóias e, portanto, você tem de presenteá-lo com sua caixa de jóias; por isso falei há pouco em "retribuição do presente". Nessa sequência de pensamentos, sua mãe deve ser substituída pela Sra. K., que estava presente, ela sim, naquela ocasião. Logo, você está disposta a dar ao Sr. K. o que a mulher dele lhe recusa. Aí está o pensamento que você teve de recalcar com tanto esforço e que tornou necessária a transformação de todos os elementos em seu oposto" (p. 72)[570]. Demonstração notável ao nível psicodinâmico daquilo que o paradigma que aqui propomos prevê na sua aplicação: "Ninguém tem a liberdade de recusar um presente oferecido. Todos, homens e mulheres, tentam ultrapassar-se uns aos outros em generosidade" (Mauss, 1923-24/1988, p. 86). Generosidade apenas aparente. Não devolver o presente (contra-dádiva) significaria não dar representação a uma carga de afecto entrando assim no domínio do sonho enquanto formação do inconsciente, o que aconteceu. A devolução dos sentimentos recalcados inerentes ao objecto material (caixa de jóias) fez-se no sonho por outras vias: figuradas, deslocadas e condensadas. Daí que Freud apenas consiga esclarecer este ponto socorrendo-se de elementos externos ao sonho mas que o alimentam na qualidade de constituintes do trabalho do sonho.

Aproveitemos aqui a oportunidade para colocar em horizontes mais largos o que Freud teoriza. No âmbito da troca que fundamenta a psicopatologia histérica de Dora pessoas e objectos circulam pelas rotas da realização de desejos opostos mas complementares. Assim como nos sistemas de parentesco que permeiam a realidade vivida de outros povos, também as pessoas e as coisas, os sentimentos e os objectos materiais nos sonhos de Dora se fundem testemunhando a essência da generalidade do conceito de troca tal como referido nas palavras de Mauss (1923-24/1988): "Misturam-se as almas nas coisas;

[570] "She is, as you know, your former rival in your father's affections. In the incident of the bracelet, you would have been glad to accept what your mother had rejected. Now let us just put "give" instead of "accept" and "withhold" instead of "reject". Then it means that you were ready to give your father what your mother withheld from him; and the thing in question was connected with jewellery. Now bring your mind back to the jewel-case which Herr K. gave you. You have there the starting-point for a parallel line of thoughts, in which Herr K. is to be put in the place of your father just as he was in the matter of standing beside your bed. He gave you a jewel-case; so you are to give him your jewel-case. That was why I spoke just now of a "return-present". In this line of thoughts your mother must be replaced by Frau K. (You will not deny that she, at any rate, was present at the time.) So you are ready to give Herr K. what his wife withholds from him. That is the thought which has had to be repressed with so much energy and which has made it necessary for every one of its elements to be turned into its opposite" (Freud, 1901/1981a, p. 70).

misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente (…) a troca" (p. 86).

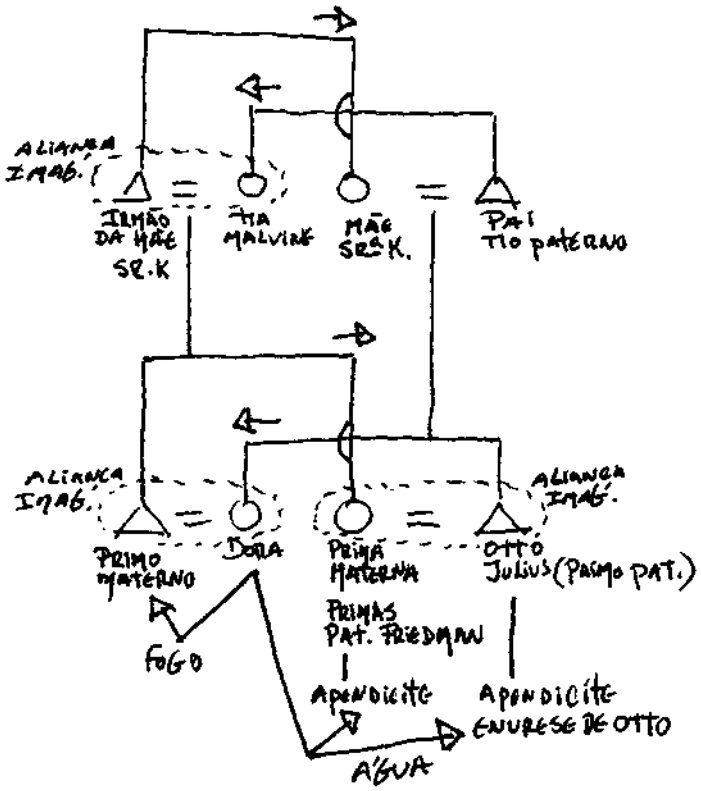
Freud (1901/1996a, p. 72) estabiliza a interpretação nesta altura referindo que Dora regrediu ao amor pelo pai para se proteger do amor que sentia pelo Sr. K. Mais importante ainda, Freud toca pela primeira vez no fenómeno da transferência. Tal como Dora se fazia acompanhar da presença paterna contra o Sr. K assim também se fez acompanhar pelo pai às consultas de Freud (1901/1996a, p. 72, n.2). Correlativamente interromperia a análise com Freud tal como interrompeu a relação em estado nascente do Sr. K com ela. Portanto, Freud, o Sr. K e o pai de Dora encontram-se identificados entre si.

Freud (1901/1996a) pretende abordar o tema do fogo que constitui o motivo principal do trabalho do sonho e do conteúdo manifesto apresentado e denunciador do núcleo infantil procurado. Para tal recorre à associação livre e pede a Dora que participe numa pequena experiência improvisada: "Iniciei sua elucidação com um pequeno experimento que, como de hábito, teve êxito. Casualmente, havia sobre a mesa uma grande caixa de fósforos. Pedi a Dora que olhasse em volta para ver se notava sobre a mesma algo de especial que não costumasse estar ali. Não viu nada. Perguntei-lhe então se sabia por que as crianças eram proibidas de brincar com fósforos. — "Sim, é por causa do perigo de incêndio. Os filhos de meu tio gostam muito de brincar com fósforos." — Não é só por isso. Elas são advertidas de "não brincar com fogo", e isso é acompanhado de uma certa crença" (p. 73)[571]. Detenhamos a atenção neste ponto a fim de retornarmos novamente ao cerne da tese que aqui propomos. Note-se que na associação livre Dora invoca a figura dos filhos do tio que brincam com fogo embora advertidos para não o fazerem. Uma vez que o pai de Dora teve, como já referido, uma irmã com duas filhas e dois irmãos, um

[571] "I opened the discussion of the subject with a little experiment, which was, as usual, successful. There happened to be a large match-stand on the table. I asked Dora to look round and see whether she noticed anything special on the table, something that was not there as a rule. She noticed nothing. I then asked her if she knew why children were forbidden to play with matches − 'Yes; on account of the risk of fire. My uncle's children are very fond of playing with matches.' − 'Not only on that account. They are warned not to "play with fire", and a particular belief is associated with the warning' " (Freud, 1901/1981a, p. 71).

solteiro (Karl) sem filhos e outro (Ludwig) com um filho (cf. Decker, 1991, pp. 42, 49-50), este tio aqui invocado por Dora é muito provavelmente um irmão da mãe. Este tio terá tido pelo menos um filho já referido e uma filha indicada por Freud apenas como uma prima "por parte da mãe" (Freud, 1901/1996a, p. 61)[572].

Passemos agora ao tema da oposição complementar entre o fogo e a água. Os filhos do tio materno de que Dora nos fala estão associados ao fogo por intermédio da associação livre na pequena experiência proposta por Freud. No nosso esquema da troca bilateral estes dois filhos passam a ser identificados como um filho e uma filha do irmão da mãe de Dora. A questão consiste agora em colocar o que Freud diz sobre a conclusão deste sonho na troca bilateral tal como se apresenta na figura abaixo indicada retirando daí as respectivas consequências sempre em coerência com o princípio da troca enquanto dádiva e contra-dádiva de objectos.



[572] "on her mother's side" (Freud, 1901/1981a, p. 57).

Poderíamos dizer, sinteticamente, que segundo Freud a filha de Phillip Bauer tenta apagar o fogo que sente pelo Sr. K ("causa actual essencial") com a água do pai ("acontecimento relevante da infância"). Mas a argumentação que Freud usa passa pelas identificações de Dora com os primos e com o irmão, tal como a troca bilateral de objectos nos mostra. Antes de mais recordemos que a nova configuração da troca de objectos prevê que segundo a ideia sobrevalorizada da troca Dora se identifique ou invista (conjunção transitória da aliança) no seu primo materno (filho do irmão da mãe) e simultaneamente na sua prima materna (filha do irmão da mãe). Isto implica que estas duas identificações sejam feitas em duas direcções opostas (ver o sentido das setas) por imposição dos fundamentos da troca de objectos. Na qualidade de filho do irmão da mãe, representante do seu pai, logo do irmão da mãe de Dora, o primo materno é o homem que recebe uma mulher (Dora) como compensação pela dádiva da sua mãe ─ eis novamente a configuração da aliança patrilateral enquanto manifestação do incesto pois o homem que deu uma mulher recebe a sua filha (substituta da mãe) como compensação para o seu filho (substituto de si próprio). Se recordarmos a acusação de Dora segundo a qual esta teria sido dada em troca da Sr.ª K, veremos que o Sr. K. se comporta como um tio (neste caso materno) na medida em que "dá" uma mulher com a qual a sexualidade cessou, e nesta dimensão equivalem-se como «irmãos» classificatórios. Isto coincide com a contra-dádiva de Dora feita pelo seu pai enquanto agente activo da troca. Em contrapartida e em direcção contrária, a identificação de Dora com a prima materna que lhe anuncia o Édipo através da manifestação do desejo pelo pai e da repulsa mortal pela mãe desemboca no investimento da aliança com o primo paterno identificado com o irmão Otto, representante do pai de Dora ─ relativamente a esta rapariga, Dora continua a ser sua prima cruzada patrilateral (ou seja, busca o incesto através dela) embora a prima materna seja prima cruzada matrilateral do homem (Otto, representante do pai) em quem investe na aliança imaginária. Pelo lado do primo materno e pelo lado da prima materna (filhos do mesmo irmão da mãe de Dora) os investimentos de Dora são opostos embora de igual configuração incestuosa. As "intensidades" (Freud, 1900-01/1996, p. 622)[573] dos investimentos de Dora "são transferíveis" (Freud, 1900-01/1996, p. 622)[574] para as

[573] "intensities" (Freud, 1900/1981b, p. 596).
[574] "can be transferred" (Freud, 1900/1981b, p. 596).

"representações intermediárias" (Freud, 1900-01/1996, p. 622)[575] dos primos que constituem "compromissos" (Freud, 1900-01/1996, p. 622)[576] entre os desejos dos irmãos, pais ou seus equivalentes da geração ascendente. O que o trabalho do sonho e os "processos psíquicos normais" (Freud, 1900-01/1996, p. 621)[577] inerentes às associações livres de Dora fizeram foi colocar "pensamentos mutuamente contraditórios" (Freud, 1900-01/1996, p. 623)[578] ─ pai que coloca e simultaneamente salva Dora do fogo ─ combinados "para formar condensações, como se não houvesse nenhuma contradição entre eles" (Freud, 1900-01/1996, p. 623)[579], ou seja, pensamentos incestuosos deslocados e condensados na figura dos primos maternos unidos enquanto irmãos ─ princípio da unidade dos germanos (Radcliffe-Brown, 1950/1982, p. 40).

No esquema acima reproduzido temos na geração de Dora a identificação com a prima materna, filha do irmão da mãe, que ao anunciar o Édipo positivo de Dora anuncia consequentemente a aliança imaginária da prima com o irmão de Dora, Otto (seta direccionada para a direita). A prima materna constitui o operador de abertura do Édipo no qual Dora faz a sua entrada através da aliança da prima com o irmão (identificação com a prima materna e com o irmão). O irmão representa o pai e a contra-dádiva regressiva de Dora ao irmão (logo, ao pai) traduz-se mediante a identificação de Dora com o irmão através enurese infantil enquanto tema contentor da água no sonho: "Pense em sua própria expressão: à *noite, pode acontecer uma desgraça que torne forçoso sair.* Não significaria isso uma necessidade física? E, se você transpuser essa desgraça para a infância, que outra coisa ela poderia ser senão molhar a cama? E o que é que se costuma fazer para evitar que as crianças molhem a cama? Não são elas despertadas do sono durante a noite, *exactamente como seu pai acordou você no sonho?* Esse seria, portanto, o acontecimento real que lhe permitiu substituir o Sr. K., que realmente a despertou do sono, por seu pai. Devo então inferir que você continuou a molhar a cama por mais tempo do que costuma acontecer com as crianças. O mesmo deve ter ocorrido com seu irmão,

[575] "'intermediate ideas'" (Freud, 1900/1981b, p. 596).
[576] "compromises" (Freud, 1900/1981b, p. 596).
[577] "normal psychic processes" (Freud, 1900/1981b, p. 595).
[578] "Thoughts which are mutually contradictory" (Freud, 1900/1981b, p. 596).
[579] "(…) often combine to form condensations, just as though there were no contradiction between them" (Freud, 1900/1981b, p. 596).

pois seu pai disse: *'Não quero que meus dois filhos...* pereçam'. Seu irmão nada tem a ver com a situação actual dos K., nem tampouco foi a L. Que dizem suas lembranças sobre isso? — "Quanto a mim, não sei nada" — respondeu ela —, "mas meu irmão molhava a cama até os seis ou sete anos, e muitas vezes isso lhe aconteceu até de dia." Eu estava a ponto de lhe fazer uma observação sobre como é mais fácil recordar uma coisa assim a respeito de um irmão do que de si mesmo, quando ela prosseguiu, com a memória recuperada: — "Sim, isso também me aconteceu por algum tempo, mas só no sétimo ou oitavo ano. Deve ter sido grave, porque agora me lembro que o médico foi consultado. Durou até pouco antes de minha asma nervosa"" (Freud, 1901/1996a, p. 74)[580]. Confirmação posterior disto mesmo vem quando Freud equaciona claramente a bissexualidade de Dora com a identificação levada a cabo com o irmão. Estando a masturbação relacionada com o acto mictório (tema onírico da água) por via do canal uretral, o irmão (representante do pai) evoca a regressão edipiana de Dora: "O irmão de Dora deve ter-se ligado de algum modo à aquisição do hábito da masturbação, pois, nesse contexto, ela me contou, com uma ênfase que denunciava uma "lembrança encobridora", que o irmão costumava passar-lhe todas as suas doenças infecciosas, que nele mesmo eram brandas, mas nela assumiam uma forma grave [p. 32]. No sonho, o irmão também era salvo da "destruição" [p. 67]; ele sofrera igualmente de enurese, mas superara esse hábito antes da irmã [p. 74]. Num certo sentido, a declaração de Dora de que até sua primeira enfermidade ela conseguira manter-se à altura do irmão, mas depois ficara para trás nos estudos, era também uma "lembrança encobridora". Era como se até ali ela tivesse sido um menino, e só então se houvesse transformado numa menina. Na realidade,

---

[580] "Think of the expressions you used: that *an accident might happen in the night,* and that *it might be necessary to leave the room.* Surely the allusion must be to a physical need? And if you transpose the accident into childhood what can it be but bed-wetting? But what is usually done to prevent children from wetting their bed? Are they not woken up in the night out of their sleep, *exactly as your father woke you up in the dream?* This, then, must be the actual occurrence which enabled you to substitute your father for Herr K., who really woke you up out of your sleep. I am accordingly driven to conclude that you were addicted to bed-wetting up to a later age than is usual with children. The same must also have been true of your brother; for your father said: "*I refuse to let my two children* go to their destruction. ...". Your brother has no other sort of connection with the real situation at the K.'s; he had not gone with you to L. and now, what have your recollections to say to this?'. 'I know nothing about myself,' was her reply, 'but my brother used to wet his bed up till his sixth or seventh year; and it used sometimes to happen to him in the daytime too.' I was on the point of remarking to her how much easier it is to remember things of that kind about one's brother than about oneself, when she continued the train of recollections which had been revived: 'Yes. I used to do it too, for some time, but not until my seventh or eighth year. It must have been serious, because I remember now that the doctor was called in. It lasted till a short time before my nervous asthma.'" (Freud, 1901/1981a, pp. 72-73).

ela fora uma garotinha traquinas, mas depois da "asma" se tornara tranquila e bem-comportada. Essa doença marcou nela a fronteira entre duas fases da vida sexual, a primeira das quais teve um carácter masculino, e a segunda, feminino" (Freud, 1901/1996a, p. 82, n. 2)[581]. Como diria Mitchel (2000), "Ela quer ser o seu irmão e ocupar a sua posição. A sua hysteria assenta neste desejo" (p. 106)[582]. A autora (Mitchell, 2000) atribui ao complexo fraterno, constituído pela relação entre Dora e o irmão Otto, toda a importância na constituição da histeria da paciente de Freud. No entanto não previu a importância dos primos enquanto formações secundárias que manifestam indirectamente as identificações entre irmãos. Esta configuração incestuosa (contra-dádiva com seta à direita) actua como oposto complementar da configuração patrilateral incestuosa (contra-dádiva de Dora com seta à esquerda) manifestando-se ambas as configurações na estrutura bilateral como "pensamentos mutuamente contraditórios" (Freud, 1900-01/1996, p. 623)[583] embora complementares. A configuração patrilateral (seta à esquerda) diz-nos que tal como o tio materno de Dora avisava o filho para não brincar com fósforos, protegendo-o assim do fogo, também Dora desejava que o pai fizesse o mesmo com ela. O investimento neste primo materno constitui o estado latente de uma regressão à protecção paterna por outros meios (manifestada na contra-dádiva da prima de Dora à direita). Na estrutura bilateral este primo representa na geração ascendente o tio materno que ocupa o mesmo lugar que o Sr. K na medida em que, segundo os pressupostos da acusação da troca lançada por Dora ao pai, esta teria sido trocada por uma mulher recebida pelo pai ─ a Sr.ª K. Ou seja, o tema do fogo que este primo evoca contém em estado latente a figura do Sr. K enquanto homem a quem Dora seria dada como recompensa. Ambas as contra-dádivas de Dora, à esquerda e à direita,

---

[581] "Dora's brother must have been concerned in some way with her having acquired the habit of masturbation; for in this connection she told me, with all the emphasis which betrays the presence of a 'screen memory', that her brother used regularly to pass on all his infectious illnesses to her, and that while he used to have them lightly she used, on the contrary, to have them severely [p. 22]. In the dream her brother as well as she was saved from 'destruction' [p. 64]; he, too, had been subject to bed-wetting, but had got over the habit before his sister [p. 72]. Her declaration that she had been able to keep abreast with her brother up to the time of her first illness, but that after that she had fallen behind him in her studies, was in a certain sense also a 'screen memory'. It was as though she had been a boy up till that moment, and had then become girlish for the first time. She had in truth been a wild creature; but after the 'asthma' she became quiet and well-behaved. That illness formed the boundary between two phases of her sexual life, of which the first was masculine in character, and the second feminine" (Freud, 1901/1981a, p. 82, n.1).

[582] "She wants to be her brother and in her brother's position. Her hysteria takes over this longing" (p. 106).

[583] "Thoughts which are mutually contradictory" (Freud, 1900/1981b, p. 596).

traduzem na sua unidade de opostos complementares assente na troca de objectos "a oposição entre água e fogo" (Freud, 1901/1996a, p. 73)[584]. A prevalência da água sobre o fogo a apagar é o conteúdo essencial do pensamento latente deste sonho na medida em que pela identificação com a prima materna e o investimento da aliança imaginária entre esta e o irmão Otto, Dora clama: "Papai, querido, protege-me de novo como fazias em minha infância, para que eu não molhe minha cama!" (Freud, 1901/1996a, p. 74, n. 2)[585]. Isto porque, pela contra-dádiva de Dora à esquerda na identificação projectiva da sua aliança imaginária com o primo materno, a filha de Phillip Bauer reconhece mas não admite que "A tentação é muito forte" (Freud, 1901/1996a, p. 74, n. 2)[586], tentação tradutora do amor pelo Sr. K que arde sem que o queira ver.

O primeiro sonho de Dora coloca, entretanto, a questão da sua transferência para Freud. Todas as manhãs, após o sonho, sentia o cheiro a fumo. Freud interpretou isto como um prolongamento do seu dito repetido para com ela segundo o qual "onde há fumo, há fogo" (Freud, 1901/1996a, p. 75)[587]. Os três homens ─ Freud, o pai de Dora e o Sr. K ─, pelo facto de serem fumadores foram condensados no aparelho psíquico de Dora. A moção recalcada ─ o amor pelo Sr. K ─ teria tornado ao consciente da rapariga através do significante do fumo em consequência do beijo dado por Hans Zellenka na cena traumática do lago. Freud terá achado, do mesmo modo, que Dora com certa probabilidade terá desejado ser beijada por ele próprio. O pensamento oposto defensivo, tal como tinha acontecido com o Sr. K, teve primazia e cortou a relação terapêutica estabelecida interrompendo a análise (cf. Freud, 1901/1996a, p. 75).

Neste ponto sublinhamos aquilo que a essência da nossa tese pode trazer também à dimensão do processo transferencial-contratransferencial, enquanto fundamento do processo psicanalítico, entendida a partir da concepção da troca de objectos.

---

[584] "antithesis of water and fire" (Freud, 1901/1981a, p. 72).
[585] "'Dear Father, protect me again as you used to in my childhood, and prevent my bed from being wetted!'" (Freud, 1901/1981a, p. 73, n.2).
[586] "'The temptation is so strong!'" (Freud, 1901/1981a, p. 73, n.2).
[587] "'There can be no smoke without fire!'" (Freud, 1901/1981a, p. 73).

Segundo Hanns (1996), “O substantivo *Übertragung* significa "transferência"; todavia, o termo alemão possui algumas conotações específicas. Conotativamente pode-se dizer que, em geral, no termo *übertragen* há um "arco" que mantém aceso o processo de ida e vinda, seja temporalmente, entre o passado e a actualidade, seja geograficamente, entre o longe e o perto, ou de uma pessoa a outra. Em alemão, o termo possui uma plasticidade e reversibilidade: aquilo que se busca, traz e deposita pode ser levado de novo embora para outro lugar e outro tempo. Genericamente refere-se à ideia de aplicar (transpor) de um contexto para outro uma estrutura, um modo de ser ou de se relacionar” (p. 412). Hanns (1996) conclui que “(…) é pelas características da transferência como elemento de passagem e trânsito entre tempos, pessoas e contextos que se torna possível o trabalho analítico” (p. 420). Tal como expusemos até agora, no caso Dora, a todo o objecto dado corresponde outro objecto contra-dado. A noção de objecto é por nós empregue não só relativamente às pessoas (tal como no paradigma analítico da relação de objecto) como também a objectos materiais com elas relacionados. O paradigma psicanalítico assente nos fenómenos transferenciais e contratransferenciais que Freud teorizou assenta num horizonte mais vasto: o da dádiva e contra-dádiva de pessoas e objectos enquanto um dos arquétipos essenciais fundadores do *ser* humano e da cultura. Ora, Freud neste aspecto não só teoriza a troca de personagens, objectos e sentimentos na dramática história de Dora ─ Freud como sujeito ─, como também ele próprio se imiscui no processo sem provavelmente disso se dar conta, pelo menos no tempo em que redigiu o caso Dora ─ Freud como objecto. Este duplo movimento manifesta o sujeito teorizador e o sujeito teorizado (objecto) por um processo que o ultrapassa e simultaneamente o ilumina: o processo da troca. A objectividade do processo da troca cristaliza-se através do duplo movimento de entrada e saída de Freud na história. Entra na história de Dora pela contratransferência, segundo algumas teses. Sai da história de Dora teorizando o processo transferencial na qualidade de sujeito fundador da psicanálise. Como é que Freud entra no drama da filha de Phillip Bauer, isto é, como é que denuncia o processo contratransferencial? Através do diálogo indirecto com os seus próprios objectos internalizados e significativos.

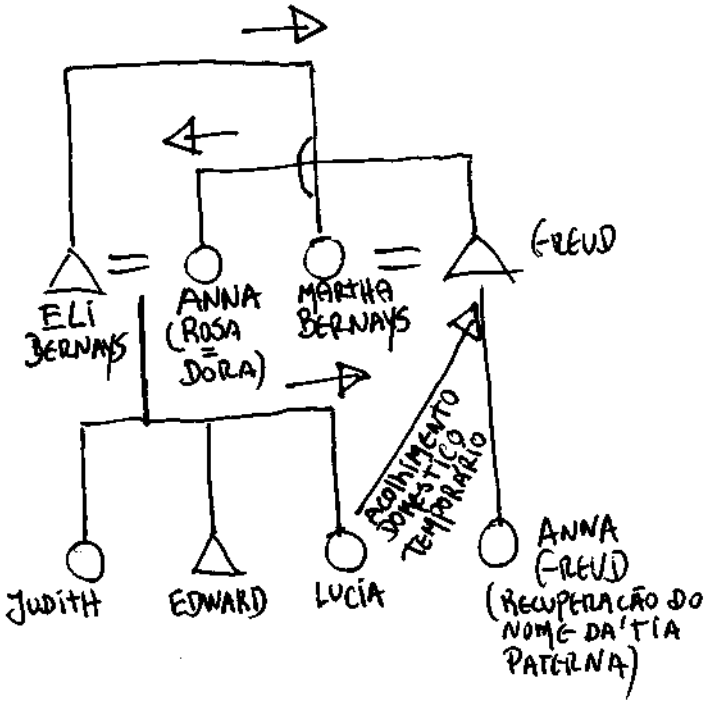
Este diálogo indirecto aparece ligado, segundo Berman (2002), às possíveis motivações de Freud ao colocar o pseudónimo de "Dora" a Ida Bauer, à referência ao período da amizade Freud/Fliess assim como às interferências da mulher deste último e à «contratransferência indirecta» na qual "o paciente representa um objeto para o analista" (Racker, 1982/1988, p. 121) influenciada pelas relações de Freud com Breuer e com Fliess.

Para Banks (1991) no primeiro sonho de Dora residem as transformações essenciais para comprovar a tese de Freud. Nos conceitos de "interdição" e "prescrição" (estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss) estão presentes a recusa do pai de Dora em deixar a filha arder no fogo que devorava a casa e o consequente desrespeito pela decisão da mãe de querer salvar as jóias. O pai teria afinal renunciado ao incesto com a filha ao não deixá-la ser devorada pelo fogo (sexualidade paterna): estaria aqui em linguagem simbólica o tabu do incesto. A noção de transformação ─ grupo de transformações, em Lévi-Strauss (1964/1991) ─ é também usada por Banks (1991) para explicar a passagem da primeira interpretação de Freud sobre a troca entre a caixa de jóias e Dora - o Sr. K. oferece uma caixa de jóias a Dora e Dora oferecer-se-ia enquanto mulher ao Sr. K. - à metáfora do fogo no sonho posteriormente associada a água (enurese infantil de Dora) e à masturbação da rapariga. Esta última seria uma transformação que esconderia no sonho o desejo invertido do pai e a sedução da rapariga ─ o salvamento de Dora pelo pai esconde o desejo do pai por Dora e a sedução infantil da rapariga dirigida à figura paterna, isto é, uma criança casta seria consumida pelo fogo e a caixa de jóias da mãe (genitália) seria salva (identidade, identificação pelos opostos). Também as noções de "prescrição" e "interdição" retiradas das *Estruturas Elementares do Parentesco*, de Lévi-Strauss, são entendidas como transformações uma da outra: prescrever uma mulher na aliança a um determinado grupo de pretendentes significa correlativa e simultâneamente interditá-la a outro grupo/s de pretendentes. E o mesmo para o seu inverso. A autora conclui assim pela universalidade dos princípios estruturais por definição uma consequência da sua repetição na consciência dos indivíduos (Lévi-Strauss) através do tempo e do espaço. A presença destes princípios nos temas do tabu do incesto, troca de mulheres e sedução no caso Dora (Freud) demonstra para Banks (1991) que tais princípios e temas estão profundamente

encastrados no pensamento e no inconsciente dos indivíduos. Segundo este modelo, a tese de Freud seria comprovada pois Dora teria que ser dada senão ao Sr. K. então a qualquer outro homem. O porquê da preferência pelo Sr. K. por Freud dever-se-ia, segundo Banks (1991), a processos contratransferenciais. Complementarmente, Banks (1991) acrescenta ainda a tese de que através dos conhecimentos linguísticos que Freud detinha sobre o grego, este terá dado inconscientemente o nome de Dora (que significa "dádiva", em grego) a Ida Bauer, confirmando assim sem o saber o paradigma do tabu do incesto, da troca de mulheres, da recusa, e da sedução. O nome "Dora" e a importância da caixa de jóias no sonho de Dora mostra ainda algumas afinidades com o mito de Pandora. Segundo este, Zeus criou a Mulher motivado pela raiva contra Prometeu que teria roubado o fogo aos homens. A primeira mulher, recipiente das dádivas de todos os deuses, teria sido Pandora ("dádiva das dádivas"). Tal como Dora, Pandora foi uma contra-dádiva dos deuses aos homens em virtude da perda do fogo dos homens para os deuses.

Amaral Dias (1988) equaciona por seu lado a contratransferência de Freud com a enigmática escolha do nome de Dora, sendo que "Uma das questões mais curiosas em Dora é precisamente «porquê Dora?». Isto é, qual o mecanismo que levou Freud a escolher como nome suposto o nome de Dora. Será que esta escolha, ela própria, não nos dirá algo sobre a contratransferência de Freud?" (p. 102). Na *Psicopatologia da Vida Quotidiana*, tal como referido por Amaral Dias (1988), Freud (1901/1996b) explica as vicissitudes da possível oferta de nomes referindo que "O campo de escolha parece muito vasto, mas, sem dúvida, alguns nomes estão antecipadamente excluídos: em primeiro lugar, o verdadeiro nome da doente, depois os nomes dos membros da minha família, cujo emprego me chocaria, e, finalmente, outros nomes de mulheres, demasiado bizarros e pretensiosos" (pp. 274-275). Note-se que depois disto seriamos levados a pensar que qualquer nome relacionado, fosse de que modo fosse, com algum elemento da família de Freud estaria fora de questão. Mas não é isto o que acontece: "(…) em vez de um grande número, um só nome vem oferecer-se, e com ele nenhum outro: o nome de *Dora.* Procuro o seu determinismo. Quem se chama Dora? A primeira ideia que me vem ao espírito e que podia ser tentado a repelir como inverosímil e que é o nome da criada de meninos da

minha irmã. (…) Recordo-me então de um pequeno acontecimento surgido na véspera à noite e que me traz o determinismo procurado. Vi em cima da mesa da sala de jantar da minha irmã uma carta com o endereço: «A Mademoiselle Rosa W...» Admirado, pergunto quem se chama assim. Sei que aquela a quem todos chamavam Dora se chamava, na realidade, Rosa, nome a que renunciara ao entrar ao serviço de minha irmã, porque esta se chamava igualmente Rosa. Então pensei, entristecido: «Estas pobres pessoas, nem mesmo lhes é permitido conservar os nomes!»" (p. 275). Dora é afinal, por associação, um nome substituto da irmã Rosa de Freud. A "contratransferência indirecta" (Racker, 1982/1988, p. 121) deve ser aqui tida em conta uma vez ser plausível poder pensar-se que Freud, através de Dora, possa estar a lidar com a irmã Rosa. Por isso dissemos que Freud se torna objecto do próprio processo de troca no caso Dora. Sendo da opinião de que Dora deveria ter aceite o amor do Sr. K e correspondendo isto à contra-dádiva do pai de Dora ao Sr. K, também Freud se coloca no lugar dos homens dadores de mulheres, lugar que prevê a contra-dádiva da irmã (Rosa = Dora) a outro homem, tal como previsto no paradigma que aqui empregamos. As possíveis significações de natureza psicodinâmica inerentes à aliança bilateral talvez não fossem desconhecidas de Freud uma vez que uma das irmãs de Freud, Anna, etariamente contígua à "(…) sua irmã preferida, Rosa" (Jones, 1953/1989b, p. 13), e transmissora do nome para a filha de Freud (Anna Freud), "(…) casou-se com o irmão de Martha, Eli Bernays" (Masson, 1985/1986, p. 35, n.1) tal como ilustrado no diagrama de parentesco abaixo reproduzido:



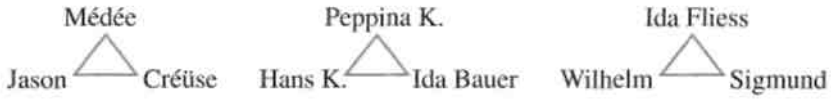
A família de Freud conheceu pelo menos uma configuração da aliança patrilateral. É «como se» os cunhados, Freud e Eli, tivessem trocado irmãs entre si. Até a antipatia inicial de Freud pelo cunhado esteve presente enquanto traço comum à configuração edipiana patrilateral sentida pelos irmãos a quem levam as irmãs e o mesmo terá sentido Eli na selecção que dispensava aos candidatos à irmã Martha, estratégia que terá tido os seus efeitos sobre o apaixonado Freud que se queixava dos "(…) poucos momentos em que Eli nos deixou a sós" (Jones, 1953/1989b, p. 116) levando Freud a pedir às "suas irmãs para se entenderem com Eli" (Jones, 1953/1989b, p. 115), seu "rival mais perigoso" (Jones, 1953/1989b, p. 127). A antipatia por Eli foi posteriormente ultrapassada, sublimada, através da recepção ─ espécie de contra-dádiva temporária ─ da filha da irmã Anna, Lúcia, em casa de Freud: "Em 1892, Eli visitou os Estados Unidos para aí averiguar as perspectivas e no ano seguinte buscou sua mulher, a fim de se estabelecerem em Nova Iorque. Nessa época, a antipatia de Freud tinha perdido toda a sua antiga intensidade. Não somente ajudou o cunhado nas dificuldades financeiras da emigração, como também se encarregou de um dos dois filhos, Lucie, que permaneceu com a família de Freud por um ano, até que as coisas se arranjassem no novo país. Pelo resto de suas vidas, os dois homens mantiveram relações em termos amigáveis. O

sentimento familiar persistiu, tendo Freud, anos depois, aceitado a oferta de seu brilhante sobrinho, Edward L. Bernays, para traduzir as *Conferências Introdutórias* e providenciar sua publicação nos Estados Unidos" (Jones, 1953/1989b, p. 129). As pulsões incestuosas relativas à "dádiva" da irmã Anna terão sido certamente experimentadas também no casamento da irmã Rosa. É «como se» Freud tivesse "dado" Rosa, tal como terá contra-dado Dora ao Sr. K depois de a receber do pai, Phillip Bauer. Mas Freud sentiu-se objecto de troca entre mulheres identificadas com homens. Sentiu-se trocado tal como a governanta Dora que circula entre as casas dos irmãos, Freud e Rosa. A passividade de ser submetido ao processo de troca suscita a homossexualidade que Dora projecta em Freud: "Freud sentiu-se pois tratado como uma governanta ou uma criada, despedida com aviso prévio de quinze dias, no interior de Dora. A contratransferência está aí, nas próprias palavras de Freud, contratransferência mal compreendida e naturalmente mal assumida por ele. Dora era assim um nome de quem não podia conservar o seu próprio nome, neste caso nome de homem, identidade masculina. Era ele próprio, Freud, tratado na análise em grande parte como governanta, mas incapaz de assumir na sua contratransferência os afectos homossexuais respectivos (…) O que de Freud não é permitido ver em Dora, não é só Dora, é Dora nele e ele em Dora" (Amaral Dias, 1988, pp. 102-103, 109). Neste sentido, a contratransferência negativa eivada de algum patriarcalismo de Freud para Dora pode ter constituído uma defesa contra o possível medo de alguma tentação relativamente à rapariga ─ Dora condensa duas pessoas, Dora enquanto paciente de Freud, e Dora como governanta da irmã Rose, logo como substituto incestuoso da própria Rose. A troca de objectos diz-nos assim que Freud recebe a dádiva de Dora, filha de Phillip Bauer, e faz a contra-dádiva anti-incestuosa da sua irmã Rosa[588], através do nome escolhido, a outro homem (neste caso o Sr. K). Amaral Dias (1988) continua o mesmo processo de análise e prolonga a problemática da presença da componente homossexual de Freud até às suas relações profissionais e de amizade sublinhando que "(…) há em toda a vida de Freud uma problemática homossexual sempre presente e sempre perturbadora: as relações de Freud com Breuer, Jung, Fliess

[588] Segundo Roudinesco (1997/2000, p. 320), Rosa tinha o nome real de Regina Debora. Note-se o significante composto pela afinidade sonora de De [*bora*] com Dora.

são exemplos bem conhecidos. Isto é, o que Freud não pôde suportar (…) em Dora, foi a sua angústia e a sua culpabilidade perante os seus fantasmas homossexuais" (p. 108).

Entramos assim na tese de This (2003) que liga a homossexualidade de Freud à intensa amizade com Fliess, facto que terá tido consequências na sua postura sobre o caso Dora. A mulher de Fliess tem uma particularidade que a relaciona com Ida Bauer: "Ida é o primeiro nome da mulher de Fliess. Em 1900, Freud persuadiu-se de que Ida, ciumenta da relação entre Sigmund e Wilhelm, fazia de tudo para os separar e recuperar o seu homem. Ao escrever «o caso Dora», lançará Freud um último grito de amor àquele que o abandona?" (This, 2003, p. 70)[589]. Para chegar a esta conclusão This (2003, p. 70) coloca três relações de triangulação em paralelo tal como descritas por Freud no caso Dora, abaixo reproduzidas:



Segundo Freud (1901/1996a), "Quando Dora se hospedava com os K., costumava partilhar o quarto com a Sra. K., sendo o marido desalojado. Dora era a confidente e conselheira da mulher em todas as dificuldades de sua vida conjugal; não havia nada de que não conversassem. Medeia ficou muito contente em ver Creusa tornar-se amiga de seus dois filhos, e também não fez nada para estorvar o relacionamento entre a moça e o pai das crianças" (p. 65)[590]. Tal como Medeia entregou os filhos a Creusa, assim o fez a Sr.ª K relativamente a Dora. Freud achava afinal que as intenções da Sr.ª K coincidiam com as do pai de Dora relativamente à filha: aproximá-la do Sr. K. Mas This (2003)

[589] "Ida est le prénom de la femme de Fliess. En 1900, Freud était persuadé qu' Ida, jalouse de la relation Sigmund-Wilhelm, faisait tout pour les séparer et récupérer son homme. En écrivant «le cas Dora», Freud lance-t-il un dernier cri d'amour à celui qui l'abandonne?" (This, 2003, p. 70).

[590] "When Dora stayed with the K.'s she used to share a bedroom with Frau K., and the husband used to be quartered elsewhere. She had been the wife's confidante and adviser in all the difficulties of her married life. There was nothing they had not talked about. Medea had been quite content that Creusa should make friends with her two children; and she certainly did nothing to interfere with the relations between the girl and the children's father" (Freud, 1901/1981a, p. 61).

censura Freud por ter pretendido forçar a relação de Dora com o Sr. K. Não obstante, descortina por detrás desta obstinação de Freud a homossexualidade latente deste para com Fliess e os ciúmes que terá sentido para com a mulher do seu amigo: "Se Freud parece dizer a Ida «é isto que tu desejas no fundo de ti mesma!», se a fala de empatia dele vai até este ponto, recusando reconhecer que uma adolescente deve ser apoiada no seu direito de orientar a sua vida amorosa relativamente a um rapaz da sua idade, se ele não a pode ajudar a orientar-se fiavelmente «num mundo de lobos com pele de cordeiros», talvez seja porque ele se encontra em dificuldades enquanto homem, tendo-lhe a sua transferência fornecido uma orientação afectiva em direcção à homossexualidade. Isto explicaria a sua dificuldade em compreender a sua paciente e as mulheres em geral" (p. 70)[591]. Mas Freud não desconhecia certamente a presença da componente homossexual na amizade com Fliess como o atesta uma carta a Ferenczi, de 6 de Outubro de 1910, reproduzida por Jones, onde refere sobre o amigo que "não tenho mais qualquer necessidade de revelar completamente minha personalidade (…) Desde o caso de Fliess, com cuja superação o senhor me viu recentemente ocupado, essa necessidade se extinguiu. Uma parte da catexia homossexual foi retirada e usada para ampliar meu próprio ego. Tive sucesso onde o paranóico fracassa" (Jones, 1953/1989c, p. 95). A presença de Ida em Freud e de Freud em Ida, para termos em mente a análise de Amaral Dias (cf. 1988, p.109), revela-se na contratransferência negativa de Freud sobre Dora traduzida no seu acordo relativamente à relação amorosa da moça com o Sr. K. Segundo a tese de This (2003), enquadrada no paradigma da troca de objectos, a dádiva de Dora ao Sr. K encontra o seu paralelo na dádiva homossexual latente de Freud a Fliess, em virtude da identificação latente entre Freud e Ida Fliess.

As relações de Freud com os seus objectos significativos mediadas pelas contratransferências feitas sobre Dora (contratransferências indirectas) e ainda as transferências de Dora sobre Freud, tudo reunido no quadro da troca de objectos, colocam

[591] "Si Freud paraît dire à Ida «c'est cela que tu souhaites au fond de toi-même!», s'il manque à ce point d'empathie, refusant de reconnaître qu'une adolescente doit être soutenue dans son droit à orienter sa vie amoureuse vers un garçon de son âge, s'il ne peut l'aider à s'orienter fiablement «dans un monde de loups revêtus de peaux d'agneaux», peut-être est-ce parce qu'il est en difficulté en tant qu'homme, son transfert l'orientant affectivement vers l'homosexualité. Cela expliquerait sa difficulté à comprendre sa patiente et les femmes en général" (p. 70).

a questão da "sede de vingança" (Freud, 1901/1996a, p. 96)[592] de Dora sobre os homens (pai, Sr. K e Freud) como motor de formação do segundo sonho. Não obstante, também a vingança de Freud sobre Dora fica patente na medida em que este a recusou perante a sua tentativa de retomar a análise algum tempo após a sua abrupta desistência.

Pouco antes da desistência de Dora um segundo sonho é reproduzido e tido em conta pela análise de Freud (1901/1996a): "*Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. 'Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir.' Fui então para a estação* [Bahnhof] *e perguntei umas cem vezes: 'Onde fica a estação?' Recebia sempre a resposta: 'Cinco minutos.' Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: 'Mais duas horas e meia.' Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: 'A mamãe e os outros já estão no cemitério* [Friedhof]'" (p. 93)[593]. De acordo com Freud este sonho "(…) transforma o propósito de fugir para o pai, entranhado no inconsciente, numa situação que mostra realizado o desejo de que o pai a salvasse do perigo. Para isso foi preciso pôr de lado um pensamento que constituía um obstáculo — o de que justamente o pai a expusera a esse

[592] "craving for revenge" (Freud, 1901/1981a, p. 95).

[593] "'I was walking about in a town which I did not know. I saw streets and squares which were strange to me. Then I came into a house where I lived, went to my room, and found a letter from Mother lying there. She wrote saying that as I had left home without my parents' knowledge she had not wished to write to me to say that Father was ill. "Now he is dead, and if you like you can come." I then went to the station ["Bahnhof"] and asked about a hundred times: "Where is the station?" I always got the answer: "Five minutes." I then saw a thick wood before me which I went into, and there I asked a man whom I met. He said to me: "Two and a half hours more." He offered to accompany me. But I refused and went alone. I saw the station in front of me and could not reach it. At the same time I had the usual feeling of anxiety that one has in dreams when one cannot move forward. Then I was at home. I must have been travelling in the meantime, but I know nothing about that. I walked into the porter's lodge, and enquired for our flat. The maidservant opened the door to me and replied that Mother and the others were already at the cemetery ["Friedhof"]'" (Freud, 1901/1981a, p. 94).

perigo. Quanto à moção hostil contra o pai (propensão à vingança), aqui suprimida, dela tomaremos conhecimento como um dos motores do segundo sonho" (Freud, 1901/1996a, p. 88)[594].

Segundo o paradigma que aqui propomos devemos procurar colocar em relevo as figuras de parentesco descendentes dos colaterais, os primos, e ver de que modo estes ilustram a troca de objectos através da estrutura de parentesco subjacente aos pensamentos do sonho.

Um dos pretendentes de Dora, o referido engenheiro, ter-lhe-á oferecido um álbum de fotografias "com paisagens de uma *estação* de *águas* alemã [itálicos nossos]" (Freud, 1901/1996a, p. 94)[595]. Note-se que se trata muito provavelmente de Ernst Adler, "(...) um engenheiro sem sucesso e compositor nascido em Budapeste, que viveu em Viena com os seus pais na zona de Leopoldstadt" (Decker, 1991, p. 151)[596] com quem Dora veio a contrair casamento em 6 de Dezembro de 1903 (cf. Decker, 1991) e que relativamente a ela teria a diferença etária de nove anos de idade (cf. Mahony, 1996, p. 14), a mesma diferença que separava os seus pais. Apoiados neste dado histórico devemos corrigir a reformulação que Freud (1901/1996a) fez às edições de 1909, 1912 e 1921 do caso Dora ao referir, sobre o engenheiro que apareceu no segundo sonho e com quem a filha de Phillip Bauer teria casado, que "Essa era uma ideia equivocada, como fiquei sabendo posteriormente" (p. 116, n. 3)[597]. Como Decker (1991) mostra, a ideia inicial de Freud estava correcta, as suas reformulações é que não ─ Dora contraiu casamento com o engenheiro húngaro aparecido no segundo sonho. Entretanto interpretámos isto como um traço pertencente à configuração edipiana de Dora. O pretendente está, portanto, ligado aos significantes "estação" (remetendo para "caixa") e "águas". Este é um dos ponto de

[594] "Her intention of flying to her father, which, as we have seen, reached down into the unconscious, was transformed by the dream into a situation which presented as fulfilled the wish that her father should save her from the danger. In this process it was necessary to put on one side a certain thought which stood in the way; for it was her father himself who had brought her into the danger. The hostile feeling against her father (her desire for revenge), which was here suppressed, was, as we shall discover, one of the motive forces of the second dream" (Freud, 1901/1981a, p. 89).
[595] "(…) she had been sent an album from a German health-resort" (Freud, 1901/1981a, p. 95).
[596] "(...) an unsuccessful engineer and composer born in Budapest, who lived in Vienna with his parents in the Leopoldstadt" (Decker, 1991, p. 151).
[597] "'This, as I afterwards learnt, was a mistaken notion'" (Freud, 1901/1981a, p. 122, n.2).

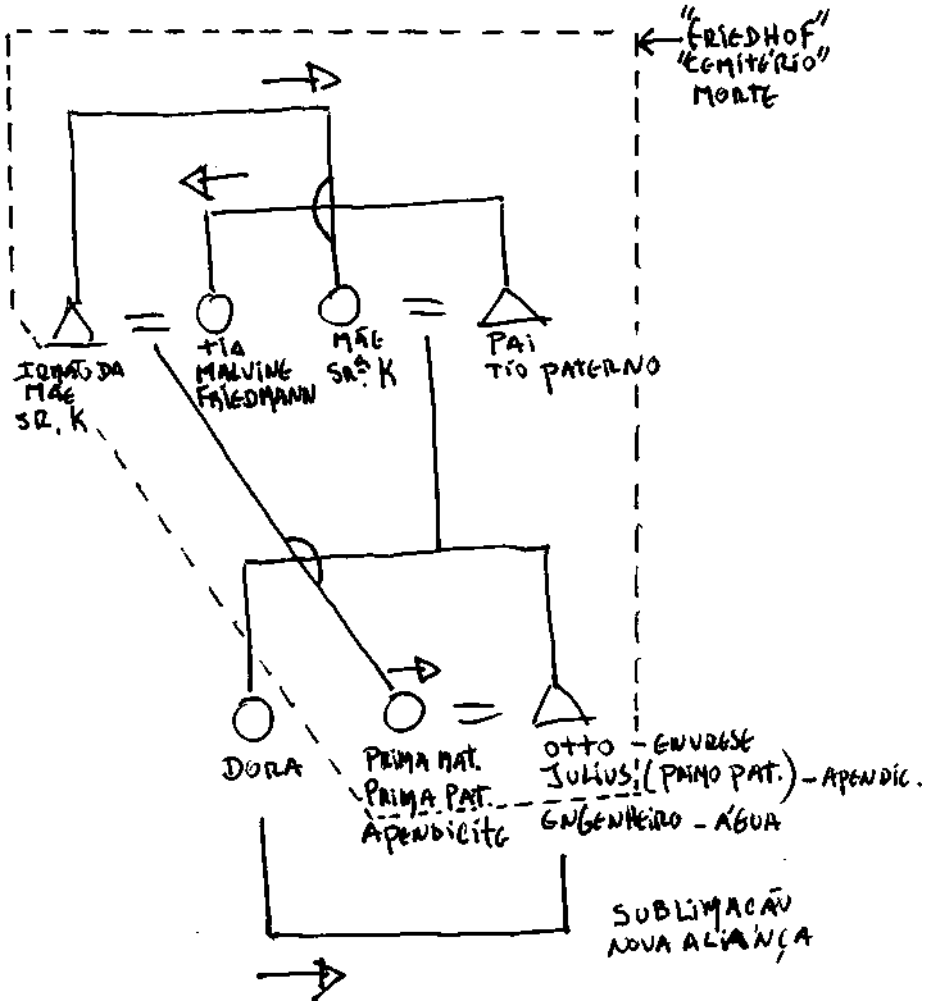
apoio que conseguimos detectar ancorado no primeiro sonho. No primeiro sonho a água remetia Dora, na identificação feita com as primas materna e paterna, para um investimento ou aliança imaginária com o primo paterno Julius enquanto representante do irmão e do pai de Dora. Este investimento na aliança patrilateral significava que através das identificações entre os primos Dora regredia para o núcleo edipiano da protecção paterna. O pai que prevenia a enurese nocturna de Dora controlava assim o fogo que esta sentia pelo Sr. K e com o qual não sabia lidar.

Freud (1901/1996a) aborda em seguida o tema da aparentemente arbitrária caminhada de Dora pela cidade para nos esclarecer que se tratava de uma "perambulação (…) sobredeterminada. Levou a um dos ensejos oferecidos durante o dia. Nas festas chegara a visita de um priminho a quem Dora teve de mostrar a cidade de Viena. Essa causa diurna decerto lhe fora sumamente indiferente. Mas o primo lhe trouxe à lembrança sua breve estada em Dresden pela primeira vez. Naquela ocasião, ela perambulara como uma estranha, embora não deixasse, naturalmente, de visitar a famosa galeria. Um outro primo, que estivera com eles e conhecia Dresden, quisera servir de guia no percurso pela galeria. *Mas ela o recusara e seguira sozinha,* detendo-se diante dos quadros que lhe agradavam" (pp. 94-95)[598]. Temos assim dois primos, um dos quais foi passivamente orientado por Dora, contrariamente ao outro que teve um papel activo ao servir-lhe de guia. É difícil identificar a genealogia exacta destes primos uma vez não haver qualquer indicação da sua posição relativamente aos ascendentes dada quer por Freud, quer por algum analista que se tivesse ocupado do caso Dora. No entanto, Decker (1991) indica-nos que "As fábricas de Phillip ficavam na no norte da Boémia, uma em Warnsdorf (Varnsdorf), logo após a fronteira com a Saxónia germânica (Dresden fica perto, em direcção a oeste), e outra em Nachod (Náchod), mais ou menos a cerca de uma ou duas

[598] "The wandering about in a strange town was overdetermined. It led back to one of the exciting causes from the day before. A young cousin of Dora's had come to stay with them for the holidays, and Dora had had to show him round Vienna. This cause was, it is true, a matter of complete indifference to her. But her cousin's visit reminded her of her own first brief visit to Dresden. On that occasion she had been a stranger and had wandered about, not failing, of course, to visit the famous picture gallery. Another [male] cousin of hers, who was with them and knew Dresden, had wanted to act as a guide and take her round the gallery. *But she declined and went alone,* and stopped in front of the pictures that appealed to her" (Freud, 1901/1981a, p. 96).

milhas a partir da actual fronteira Polaca" (p. 46)[599]. Se cruzarmos esta informação com a que Freud nos fornece ao referir que outro primo, além do primeiro, que estivera com Dora e conhecia Dresden chegou ao ponto de servir-lhe de guia, podemos concluir face aos dados disponíveis que se tratava com grande probabilidade do primo Julius, filho de Ludwig, o mais velho dos três irmãos do pai de Dora. Recordemos o facto de, entre os outros dois irmãos de Phillip, só uma irmã ter tido duas filhas. Perto de Dresden residia desde há longo tempo a família do pai, facto comprovado por ser lá que se encontravam as fábricas que detinha. Portanto, o primo que conhecia Dresden era muito provavelmente um primo paterno que, pelas razões indicadas, só poderia ser o primo Julius. Podemos notar em seguida a ambivalência afectiva projectada nos primos. Um é guiado por Dora, outro guia Dora. Mas aquele que quer orientar Dora pela cidade vê-se recusado, e esta segue sozinha. Vamos situar num diagrama genealógico a configuração com que aqui nos defrontamos:

[599] "Philipp's factories were in northern Bohemia, one in Warnsdorf (Varnsdorf), right across the border from German Saxony (Dresden is nearby, to the west), and another in Nachod (Náchod), a scant mile or two from today's Polish frontier" (Decker, 1991, p. 46).



Eis a estrutura genealógica do segundo sonho, assente na troca de objectos. A figura do engenheiro Ernst Adler na qualidade de pretendente amoroso de Dora condensa as figuras do primo paterno e do irmão Otto. Pela enurese do irmão de Dora e pela apendicite do primo paterno Julius o trabalho do sonho anuncia a figura do engenheiro que oferece a Dora um álbum com paisagens de uma *estação* de *águas*. Através das dores típicas da apendicite enquanto significante do desejo latente do parto, a identificação anterior com o primo paterno fá-lo aparecer no conteúdo manifesto do sonho constituindo assim uma representação do engenheiro. Numa perspectiva psicanalítica clássica Decker (1991) dá por assente, neste ponto, que Dora liquida a inveja do pénis no desejo realizado de ter um filho. A apendicite como via de identificação com o primo paterno deixava antever isto embora os pressupostos paradigmáticos de Decker (1991) não lho permitissem ver. Face à perplexidade sentida perante a confissão de Dora a Freud (cf. 1901/1996a, p. 116) de

que o casamento não a interessava estando na altura dedicada aos estudos (isto em 1900), Decker (1991) espanta-se com o facto de apenas dois anos e três quartos depois a filha de Phillip Bauer ter contraído matrimónio com Ernst Adler de quem veio a ter um filho, Kurt Hubert (cf. também Mahony, 1996, p. 14). Perante isto, Decker (1991) pergunta-se com surpresa "O que terá acontecido para mudar a mente de Dora? Terá sucumbido às pressões convencionais? Terão os seus pais forçado o seu casamento apesar das suas inclinações? Terá ela experienciado algum romance que tenha momentâneamente varrido tudo o que se passou antes? Terá sido motivada pela vontade de querer ter um filho? As evidências existentes suportam apenas a última hipótese, embora muita outra coisa tenha desempenhado o seu papel. Dora encontrou uma satisfação clara ao assumir uma posição materna relativamente aos dois filhos da Sr.ª K. Mais tarde, quando visitou Zwinger, permaneceu por duas horas perante a Madonna da Capela Sistina, 'absorvida em admiração silenciosa'. Quando Freud lhe perguntou sobre os motivos deste comportamento, ela apenas pôde responder com dificuldade, tendo dito por fim: 'A Madonna'. A Madonna de Rafael é, também ela, apenas uma rapariga, aparentemente com pouco mais de dezasseis anos de idade" (p. 151)[600]. Por isso Freud refere o desejo de vingança de Dora contra todos os homens emblematicamente dirigido ao Sr. K na medida em que a "Sua recusa a se deixar acompanhar, sua decisão de ir sozinha, talvez possa traduzir-se assim: "Já que você me tratou como a uma criada, deixo-o parado aí, sigo meu caminho sozinha e não me caso"" (Freud, 1901/1996a, p. 107, n. 1)[601]. Esta é a ilustração da componente heterossexual de Dora ─ o desejo de estar no lugar da Sr.ª K e não da governanta também apaixonada pelo mesmo homem.

Por outro lado a identificação com a prima bilateral anuncia a ambivalência relativa à escolha do engenheiro. Conforme já visto, por um lado a identificação com a prima

[600] "What had happened to change Dora's mind? Did she simply succumb to conventional pressures? Had her parents urged her to wed in spite of her inclinations? Did she experience a romance that momentarily swept all before it? Had she been moved by feelings of wanting a child? There is evidence only to support the latter, although much else probably played a role. Clearly Dora had found great emotional satisfaction in mothering the Ks' two children. Then later, when she had visited the Zwinger, she had remained for two hours in front of the *Sistine Madonna,* "rapt in silent admiration". When Freud had asked her what had drawn her so compellingly, she could only answer with difficulty, but at last said: "The Madonna." Raphael's Madonna is but a girl herself, apparently little older than sixteen" (Decker, 1991, p. 151).

[601] "'Since you have treated me like a servant, I shall take no more notice of you, I shall go my own way by myself, and not marry'" (Freud, 1901/1981a, p. 110).

materna evoca o quadro do Édipo e a identificação com a prima paterna Friedmann remete também, por sua vez, para o engenheiro mediante as dores da apendicite. A ambivalência da escolha do engenheiro aparece também no conteúdo manifesto na atitude tomada por Dora relativamente aos primos. Ora guia um primo, ora recusa ser guiada por outro. Na medida em que os «primos» (o sentido do termo é agora classificatório, abarcante quer dos primos maternos quer dos paternos) constituem ecrãs sobre os quais o Édipo de Dora é projectado, recusar ser guiada por um primo significa o recalcamento das moções edipianas em jogo. Aceitar ser guiada denuncia por sua vez o reconhecimento, embora velado, destas moções. Quanto às primas note-se que não aparecem no conteúdo manifesto do sonho. Mas aparece no entanto a sua mãe, tia Malvine Friedmann (cf. Freud, 1901/1996a, p. 107, n. 1), representada pelo cemitério (*friedhof*) contentor de todos os outros membros da família. Por isso colocamo-las em evidência uma vez que atestam a continuidade do primeiro sonho na estrutura transformada do segundo. Não afastando a hipótese de possivelmente estar presente neste sonho o complexo da mãe morta (Green, 1980/1983) enquanto identificação mortífera com a mãe depressiva, preferimos sublinhar a vertente sublimatória neste sonho. Dora refere que "*A mamãe e os outros já estão no cemitério* [Friedhof]'" (Freud, 1901/1996a, p. 93)[602]. A troca de objectos ensinou-nos que "os outros" são todos os que participam, na trama das múltiplas identificações, na ideia sobrevalorizada da troca de Dora. Colocá-los no cemitério (*friedhof*) é colocá-los no continente da tia paterna (Friedmann) enquanto mãe substituta já morta na altura do sonho (registo real) mas é também aniquilá-los enquanto sujeitos às vicissitudes da troca. Fazendo isto Dora julga escapar à troca a que supostamente terá sido submetida. Daí que o investimento no engenheiro, enquanto representante dos "(…) objectos exogâmicos, longínquos e livres" (Matos, 1982/2001, p. 123), se apresente na forma da aliança real que supostamente a colocaria fora do âmbito da troca de objectos. Acontece que o investimento no engenheiro constitui a parte final de uma rede de escolhas de objecto cheia de vicissitudes. Desde os pais, passando pelos primos e tios e culminando dramaticamente no Sr. K, a escolha do engenheiro condensa as marcas do passado. A diferença etária entre os dois repete a dos pais de Dora e o sonho condensa e desloca as figuras do irmão e dos primos para a figura do engenheiro. O

[602] "(…) Mother and the others were already at the cemetery ["Friedhof"]" (Freud, 1901/1981a, p. 94).

engenheiro oculta portanto a presença da figura paterna na escolha de objecto de Dora tal como a estrutura patrilateral do sonho nos esclarece ─ e esta configuração patrilateral pode talvez colher apoio nos dados fornecidos por Mahony (1996) quando nos esclarece que "Não tendo sucesso enquanto músico, o seu marido aceitou um lugar na fábrica do pai de Dora" (p. 14)[603]. Simultaneamente a procura do falo paterno através da escolha do engenheiro permite sublinhar a posição homossexual de Dora na medida em que ocupa o lugar do pai relativamente à mãe e à Sr.ª K, sua equivalente. A estrutura patrilateral também nos mostra outra dimensão da vingança contra os homens ─ estando na posse do falo paterno, Dora passa de objecto dado a dadora de objectos pois ocupa o lugar do pai que supostamente teria dado a sua tia paterna, equivalente da mãe, segundo a arquitectura da ideação sobrevalorizada da troca e por outro lado ocupa o lugar do homem que recebe a Sr.ª K. Só nesta medida se compreende que Freud nos refira a "quarta esfera de pensamentos" de Dora, "a mais profundamente ocultada — a do amor pela Sra. K. —, o facto de a fantasia de desfloração ser representada desde o ponto de vista do homem (identificação com o admirador agora residente no estrangeiro)", ou seja, a identificação com o engenheiro.

O segundo sonho de Dora abre a perspectiva do seu afastamento relativamente ao núcleo familiar, tal como Freud referiu, mas ao mesmo tempo deixa para o futuro o presságio das marcas negativas de identificações e escolhas de objecto não resolvidas no passado. Vinte e quatro anos depois Deutsch (1957/1979) confirma isto mesmo dando o seu testemunho ao referir sobre Dora que "É com ressentimento que ela exprime a sua convicção de que o seu marido lhe foi infiel; ela desejou o divórcio, mas nunca se resolveu a tal. Depois, com as lágrimas nos olhos, denunciou as exigências, a mesquinharia e o egoísmo dos homens. Estas considerações reenviaram-na de volta ao passado. Evocou com muita emoção o quanto sempre foi próxima do seu irmão, tornado em seguida líder de um partido político, e a quem acorre ainda hoje quando tem necessidade dele, diferentemente do seu pai que foi mesmo infiel à sua mãe. Ela censurou ainda ao seu pai uma aventura com uma jovem mulher casada que era amiga dela, e que,

[603] "Unsuccessful as a musician, her husband accepted a position in Dora's father's employ" (Mahony, 1996, p. 14).

Dora enquanto jovem rapariga, se ocupou dos filhos dela. Entretanto, o marido desta mulher tentou aproximar-se dela com avanços que Dora repeliu" (pp. 205-206)[604].

O primeiro sonho significou o afastamento do homem latentemente amado coroado pela fuga em direcção ao pai e o segundo sonho manifestou o desejo de afastamento do pai. No entanto a recuperação de Dora não se deu tal como Freud supôs (cf. 1901/1996a, p. 116). O testemunho de Deutsch (1957/1979) detecta, vinte e quatro anos depois do encontro com Freud, a presença da ideia sobrevalorizada da troca na Dora adulta. A desconfiança relativamente aos homens, na figura do marido, continuou. O desejo nunca levado a cabo de tentar o divórcio prevaleceu como a prova de uma vingança envergonhada contra os homens. Os pressupostos da troca de mulheres entre homens continuaram a assolar o aparelho psíquico de Dora.

Face à teorização que até aqui desenvolvemos podemos verificar que os pressupostos da troca de objectos se apresentaram na formulação acusatória de Dora com uma total clareza e transparência. A acusação de ser trocada entre homens manteve-se ao longo da história clínica contada por Freud através de sintomas e enredos. A troca de objectos enquanto paradigma explicativo estruturou todo o drama desde o princípio até ao seu final. Também os sonhos e suas transformações se encontram integralmente estruturados segundo os princípios da troca, da dádiva e contra-dádiva de objectos. Não atingimos os postulados da troca através das transformações dos sonhos, nem sequer através das transformações dos sintomas ou das personagens entre si. A troca é dada *a priori* no aparelho psíquico, ou seja, é anterior a qualquer formação psicopatológica que se venha a revelar em Dora tal como os sonhos, as ideias sobrevalorizadas, os actos falhados, as passagens ao acto, ou quaisquer outras. A troca e os seus postulados (dádiva e contra-dádiva concomitante) revelou-se como um *emblema* (Pereira, 2002) do aparelho psíquico

[604] "C'est avec ressentiment qu'elle exprima sa conviction de ce que son mari lui avait été infidèle; elle avait songé au divorce mais n'avait jamais pu s'y résoudre. Puis, les larmes aux yeux, elle dénonça les exigences, la mesquinerie et l'egoisme des hommes. Ces considérations la renvoyèrent à son passé. Elle évoqua avec beaucoup d'émotion combien elle avait toujours été proche de son frère, devenu par la suite leader d'un parti politique, et qui accourait encore aujourd'hui quand elle avait besoin de lui, tout à la différence de son père qui avait même été infidèle à sa mère. Elle reprochait aussi à son père une aventure avec une jeune femme mariée qui était une amie à elle, la patiente, el dont, jeune fille, elle s'était occupée des enfants. D'ailleurs, le mari de cette femme lui avait alors fait des avances qu'elle avait repoussèes" (pp. 206-206).

de Dora, apresentou-se como uma *troca emblemática*: a simplicidade com que foi enunciada manteve-se inalterada durante toda a narração da sua história particular.

Pereira (2002) constrói o conceito de sonho emblemático para o diferenciar do sonho clássico tal como teorizado por Freud (1900-01/1996, 1900/1996). No sonho emblemático "(…) o problema não respeita já às transformações que originam o sonho, mas antes às *transformações que o sonho origina*. Transformações do self, por introdução de factores coesivos quando a coesão do self é vivida como estando em perigo, ou transformações no sentido de uma geometria projectiva, em que uma imagem se oferece após modificações que, mais do que em qualquer outra situação, são atravessadas por invariantes: o sonho é, neste caso, *imagem do self*; mera *descrição* de si, espelho que pontua o estado interno e, na cena analítica, revela (*se revela*) à contemplação de outro. É a este aspecto do sonho, que atribuirei a designação do sonho emblemático" (p. 262). O sonho emblemático devolve-se, dá-se ao sujeito sem intermediário, sem representação. Tais sonhos não respondem "(…) a estados críticos da coesão do self, nem têm como resultado uma qualquer restauração. Não têm uma componente dramática significativa, mas também não são sonhos evacuativos. Por vezes reduzem-se a uma simples imagem. De igual modo, não é, evidentemente, a realização de desejo que está no primeiro plano, nem parecem evocar uma regressão profunda. Não têm uma função sintética de resolução de conflitos, nem de elaboração de novos conteúdos mentais. Não induzem associações, têm a dimensão estática que caracteriza o símbolo (Freud, 1900), mas são integráveis em mais largos contextos semióticos que marcam o processo analítico" (Pereira, 2002, p. 307). Estes sonhos dão-se ao sujeito na sua transparência, são como invólucros de vidro através dos quais se torna possível ver o interior a partir do exterior sem deformação dos seus conteúdos. Trata-se de "(…) sonhos, em suma, nos quais no self se (re)vê, manifestações especulares do self, que são partes do self e todo o self. Mas, para além deste carácter especular, são produções mentais dirigidas a um outro (o analista), e em que a vertente comunicacional e intra-comunicacional está no primeiro plano. De algum modo, são "maneiras de se dizer" numa linguagem imagética altamente condensada. Apresentações de si ─ mas para si e para o outro" (Pereira, 2002, p. 307). Sendo sonhos que se dirigem a um outro dando-se, ofertando-se, suscitam automaticamente uma

reacção, uma contra-dádiva. Suscitam a presença do outro num espaço cada vez mais largo de dádivas e contra-dádivas. As sucessivas dádivas e contra-dádivas de um sonho emblemático entre analisando e analista não suscitam no entanto "(…) verdadeiras associações livres, no sentido freudiano, mas apenas novas retranscrições do mesmo conteúdo do sonho: ou seja, continuará o sonho em linguagem verbal, sem que esse movimento contribua para melhor compreender o sentido do sonho, a não ser, na medida em que ele forneça novos contextos de significação e novas imagéticas verbais. Dito de outra maneira, aquilo que é dito acerca de um sonho emblemático, situa-se ao mesmo nível semiótico que o tecido visível do próprio sonho, e não a um suposto nível inferior, que estivesse mais perto, portanto, das redes associativas que o sonho teria originado" (Pereira, 2002, p. 323). O sentido que o sonho emblemático transporta e oferece não se dilata nem se contrai, permanecendo sempre inalterável. Deste modo a clássica relação freudiana entre conteúdo manifesto e conteúdo latente fica neste tipo de sonhos nivelada na medida em que "O conteúdo latente nestas elaborações oníricas emblemáticas, "está presente" no conteúdo manifesto, de tal forma que a barreira que os separa está muitíssimo diminuída ou mesmo ausente. É claro que existe a barreira semiótica própria de qualquer sistema de significação, mas não existe a barreira dinâmica que faz com que o conteúdo manifesto, camufle, por essência, o conteúdo latente. Ao contrário do sonho "clássico", poder-se-ia dizer que, nestes casos, trata-se de tomar o conteúdo do sonho à letra e como um todo, integrando-o no contexto mais vasto de semiotização, que é a dinâmica percebida da subjectividade do paciente e da intersubjectividade transfero-contransferencial. Assim sendo, o sonho emblemático não é disfarce a desvendar, mas material psíquico a integrar em contextos, cada vez mais amplos, num movimento inverso ao da interpretação redutora" (Pereira, 2002, p. 323). Precisamente a "interpretação" de Dora não é redutora mas integradora. O que Dora diz é que ela é a prova da existência da troca entre seres humanos. A troca pode ferir mas sobretudo pretende integrar, alargar o espaço da significação através da relação amplificada entre objectos. O processo de semiotização que Pereira (2002) refere está, no caso Dora, no domínio da troca tal como a explicámos. No paradigma de Pereira (2002) poderíamos dizer que o pai e os K impõem a Dora uma semiotização que a aliena, que a captura: transformam-na em objecto de troca das suas vontades ─ "De capturado pela fala do

outro, de preso nas malhas de uma semiótica que lhe é externa, o sujeito, pelo sonhar em geral, é certo, mas sobretudo pelo compasso dos seus sonhos emblemáticos, constrói um dispositivo de significação e resignificação, que está cada vez mais próximo de si, que é cada vez mais idiossincrático. E assim é porque, no sonho emblemático em particular, o sujeito, mais do camuflar-se, se revela" (Pereira, 2002, p. 323). A Dora só resta identificar-se com o processo de troca enquanto processo de semiotização gerador dos múltiplos significantes (sintomas, acusações) que pontuam a história que Freud nos conta e neste sentido Dora emblematiza o processo de troca, projectando-se no espaço da troca de objectos, projectando-se "(…) na sua globalidade nesse mesmo espaço, originando um duplo global imaginário, cuja função única, é a de ser enfim contemplado" (Pereira, 2002, p. 326). Revelando-se através da troca enquanto seu emblema, Dora contempla-se a si própria mediante o enredo da história apresentada e aqui recordamos as identificações feitas de um modo ou de outro com todos os personagens do drama. Sendo a troca o seu emblema, através da acusação simples e canónica da troca, Dora "(…) bem poderia dizer sem que mais nada viesse a dizer: isso [*a troca* (acrescentamento nosso)] é eu" (Pereira, 2002, p. 326).

Acontece no entanto que as características dos dois sonhos de Dora que aqui analisámos à luz dos postulados da troca de objectos não reúnem as condições epistémicas que Pereira (2002) exige para sustentação do conceito de "sonho emblemático". Os sonhos de Dora operam sobre transformações, são transformações entre si e transformações da troca. Jogam com o diferencial entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto sendo o segundo uma distorção do primeiro. Operam sob a elaboração secundária, o deslocamento, a condensação e a figurabilidade enquanto operadores do trabalho do sonho. São sonhos complexos, não são simples nem transparentes. Por isso referimos desde logo que é a acusação canónica da troca que apresenta as características dos sonhos emblemáticos de Pereira (2002). Isto implica termos que dar mais um passo procedendo à aproximação entre a ideação sobrevalorizada da troca enquanto produto da elaboração secundária, tal como formulada por Dora, e o sonho diurno ou devaneio tal como descrito por Freud (1900-01/1996). O sonho diurno ou devaneio opera sobretudo através de pensamentos e não através de imagens (cf. Freud, 1900-01/1996, p. 566). Por isso

denominámos a acusação de Dora como ideação sobrevalorizada da troca na medida em que se trata de um pensamento (embora extremamente condensado) estruturador de toda a psicopatologia da rapariga. Ao operar sobre pensamentos o devaneio usa principalmente a elaboração secundária enquanto operação ordenadora. Através da elaboração secundária o sujeito consegue ter "(…) livre vazão na criação de sonhos diurnos" (Freud, 1900-01/1996, p. 525)[605] não sendo esta "(…) inibida por quaisquer outras influências" (Freud, 1900-01/1996, p. 525)[606]. A elaboração secundária "(…) procura configurar o material que lhe é oferecido em algo semelhante a um sonho diurno. No entanto, se um desses sonhos diurnos já tiver sido formado na trama dos pensamentos oníricos esse quarto factor do trabalho do sonho preferirá apossar-se do sonho diurno já pronto e procurará introduzi-lo no conteúdo do sonho. Há alguns sonhos que consistem meramente na repetição de uma fantasia diurna que talvez tenha permanecido inconsciente" (Freud, 1900-01/1996, p. 525)[607]. Sendo os sonhos diurnos ou devaneios "(…) os precursores imediatos dos sintomas histéricos, ou pelo menos de uma série deles" (Freud, 1900-01/1996, p. 524)[608], estando "Os sintomas histéricos não (…) ligados a lembranças reais, mas a fantasias construídas com base em lembranças" (Freud, 1900-01/1996, p. 524)[609] pois a "frequente ocorrência de fantasias diurnas conscientes traz essas estruturas ao nosso conhecimento; mas tal como há fantasias conscientes dessa natureza, também há grande número de fantasias inconscientes, que têm de permanecer inconscientes por causa de seu conteúdo e por se originarem de material recalcado" (Freud, 1900-01/1996, p. 524)[610], referindo, ainda, Freud que "Uma investigação mais detida das características dessas fantasias diurnas revela-nos como é acertado que essas

[605] "(…) free vent in the creation of day-dreams" (Freud, 1900/1981b, p. 492).
[606] "inhibited by any other influences" (Freud, 1900/1981b, p. 492).
[607] "(…) seeks to mould the material offered to it into something like a day-dream. If, however, a day-dream of this kind has already been formed within the nexus of the dream-thoughts, this fourth factor in the dream-work will prefer to take possession of the ready-made day-dream and seek to introduce it into the content of the dream. There are some dreams which consist merely in the repetitition of a day-time phantasy which may perhaps have remained unconscious" (Freud, 1900/1981b, p. 492).
[608] "(…) the immediate forerunners of hysterical symptoms, or at least of a whole number of them" (Freud, 1900/1981b, p. 491).
[609] "Hysterical symptoms are not attached to actual memories, but to phantasies erected on the basis of memories" (Freud, 1900/1981b, p. 491).
[610] "The frequent occurrence of conscious day-time phantasies brings these structures to our knowledge; but just as there are phantasies of this kind which are conscious, so, too, there are unconscious ones in great numbers, which have to remain unconscious on account of their content and of their origin from repressed material" (Freud, 1900/1981b, pp. 491-492).

formações recebam a mesma designação que damos aos produtos de nosso pensamento durante a noite — ou seja, a designação de "sonhos"" (Freud, 1900-01/1996, p. 524)[611] partilhando "com os sonhos nocturnos um grande (524) número de suas propriedades" (Freud, 1900-01/1996, pp. 524-525)[612] podendo também a sua investigação servir "como a melhor e mais curta abordagem à compreensão dos sonhos nocturnos" (Freud, 1900-01/1996, pp. 524-525)[613], então concluímos pela aproximação entre as estruturas do sonho nocturno e do sonho diurno qualificando a acusação canónica da troca, de Dora, como um *devaneio emblemático* enquanto conceito usado no prolongamento do sonho emblemático de Pereira (2002). Podemos assim ver que a elaboração secundária introduziu a fantasia do sonho diurno ou devaneio da troca, de Dora, nos dois sonhos nocturnos. Os sonhos nocturnos de Dora, tal como todo o enredo, constituem transformações dos pressupostos da troca tal como analisados. Acontece que a troca emblemática de Dora é produto de uma captação por parte do aparelho psíquico que, mediante a elaboração secundária, a apresentou como devaneio emblemático. No entanto, os pressupostos da troca são mais do que um devaneio. O seu domínio joga na relação eu - outro através de todas as dimensões da vida psicossocial sejam elas pessoas, objectos materiais, instituições ou crenças. Esta postura coloca-nos para além das observações críticas de Gil (2001) a Freud (1900-01/1996, 1900/1996) sobre as limitações do sonho no acesso ao núcleo do inconsciente. Considerando o caso Dora tal como o interpretamos parece de facto que as expectativas do pensamento de vigília de Dora, expectativas relativas à sua ideação sobrevalorizada da troca, teriam sido transpostas para os dois sonhos apresentados e lá deformadas pelo trabalho do sonho. Diz-nos Freud (1900-01/1996), sobre o material perceptivo apresentado ao pensamento vigil ou pré-consciente, que "É próprio de nosso pensamento de vigília estabelecer ordem nesse material, nele estruturar relações e fazê-lo conformar-se a nossas expectativas de um todo inteligível" (p. 531). Aqui entra Gil (2001) para quem "O problema é então o seguinte: uma vez que estas expectativas são as expectativas do sujeito vigil, isso implica, parece, a

[611] "Closer investigation of the characteristics of these day-time phantasies shows us how right it is that these formations should bear the same name as we give to the products of our thought during the night—the name, that is, of 'dreams'" (Freud, 1900/1981b, p. 492).
[612] "They share a large number of their properties with night-dreams" (Freud, 1900/1981b, p. 492).
[613] "(…) their investigation might, in fact, have served as the shortest and best approach to an understanding of night-dreams" (Freud, 1900/1981b, p. 492).

possibilidade de distorções do conteúdo do sonho. Não se pode ter a certeza de que se trata de um simples arranjo formal — como pretende Freud — visando transformar numa narrativa minimamente coerente os fragmentos de imagens, sons, palavras, produzidos em diversos momentos do sono. Freud insiste na «influência electiva» da elaboração secundária sobre os conteúdos, ou seja, sobre a verdade do sonho. Que nos garante então que a elaboração dita secundária é apenas uma encenação não afectando os conteúdos e que o sonho não é portanto um artefacto, «reelaborado» pelas expectativas, desejos, etc., do eu *consciente?* A elaboração secundária poderá também ter preferido «pensamentos do sonho» menos significativos do que os postos de lado" (p. 195). Face a isto Gil (2001) desloca posteriormente a tese de Freud sobre os sonhos como via real de acesso ao inconsciente para a neurose e os sintomas. Seja como for, e especificamente sobre o paradigma da troca de objectos que aqui propomos, o que interessa sublinhar é que a ideação sobrevalorizada da troca enquanto *devaneio emblemático* no caso Dora estrutura os dois sonhos da rapariga (assim como toda a sua história clínica) tendo sido neles introduzida pela elaboração secundária. A escolha da ideação sobrevalorizada da troca pelos sonhos, mesmo partindo do princípio discutível de que estão limitados nas suas capacidades de acesso ao inconsciente segundo a problemática levantada por Gil (2001), prova que estes constituem estruturas de discernimento através da elaboração secundária na escolha de fenómenos que ultrapassam as motivações conscientes dos sujeitos que os representam. E portanto provam, como mostramos no caso Dora, que mesmo por vias indirectas (ilustração da troca) os sonhos acabam por aceder ao inconsciente. A desconcertante "coincidência" da acusação de Dora ao pai com as estruturas elementares do parentesco (Lévi-Strauss, 1949/1982) enquanto representantes de um dos pilares da ordenação cultural do fenómeno humano através das alianças concertadas entre homens e mulheres um pouco por todo o mundo constitui uma amostra disto mesmo.

O *devaneio emblemático da troca* foi para Dora, tanto no tempo da análise com Freud (1901/1996a) quanto no resto da sua vida, o invólucro imaginário de onde nunca conseguiu sair.

CONCLUSÃO

← Índice

Usámos na presente exposição o paradigma das estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss, com o objectivo essencial de o aplicar posteriormente ao caso Dora (Freud, 1901/1996a). Antes, procedemos à elucidação dos conceitos principais relativos às três estruturas elementares, nomeadamente, a estrutura bilateral da aliança com a prima cruzada bilateral, a estrutura patrilateral da aliança com prima cruzada patrilateral e a estrutura matrilateral da aliança com a prima cruzada matrilateral. Destacámos a representação do incesto na estrutura patrilateral. Identificámos posteriormente as transformações da pulsão incestuosa tanto na estrutura bilateral, quanto na matrilateral. Sublinhámos as afinidades da teoria de Lévi-Strauss com a de Freud na medida em que ambas assentam na teorização fulcral do incesto e suas manifestações transformadas.

Antes do caso Dora (Freud, 1901/1996a), exemplificámos como pode um aparelho psíquico sofrer o impacto de um sistema de parentesco de natureza matrilinear como no caso do etnógrafo Malinowski (1914-18/1989) nas ilhas Trobriand. Este ensaio serviu sobretudo de contraposição ao caso Dora. Face à angústia de separação, Malinowski (1914-18/1989) reconstrói no sistema de parentesco matrilinear trobriandês o objecto materno perdido. Dora procura, no sistema de parentesco complexo e patriarcal ocidental, o falo paterno e também o objecto materno ausente. Dora, no entanto, formula uma acusação cujo princípio no qual assenta está posto em prática no mundo de Malinowski (1914-18/1989) dominado pelo sistema de parentesco trobriandês: o da troca de mulheres entre homens. Ambos os sistemas de parentesco, o trobriandês e o ocidental, são ecrãs de projecção de dois indivíduos. Malinowski (1914-18/1989) projecta no sistema trobriandês o objecto materno perdido e a angústia de separação. Por seu turno, Dora manifesta verbalmente o pressuposto da troca de mulheres, pressuposto na base de muitos sistemas de parentesco não ocidentais como aquele em que Malinowski (1914-18/1989) vive enquanto observador participante. A diferença entre os dois reside em que Malinowski (1914-18/1989) tinha como objecto de análise um contentor organizado para as suas angústias edipianas ─ o sistema de estruturas elementares matrilineares trobriandês. Já

Dora teve que proceder à sobrevalorização de uma ideia, a da troca de mulheres, a fim de dar sentido à configuração edipiana pela qual passava na época da análise com Freud (1901/1996a). No entanto, ao fazê-lo no interior do seu sofrimento subjectivo, traçou com objectividade uma realidade que permeia a vivência de muitas mulheres submetidas aos sistemas de parentesco com estruturas elementares. Isto constituiu mais um passo para mostrarmos que a psicodinâmica inerente às estruturas elementares do parentesco é universal e constitui um dos traços essenciais destes sistemas que, por definição, constituem fenómenos sociais totais (Mauss, 1923-24/1988).

Chegámos ao caso Dora, de Freud (1901/1996a), a partir do paradigma das estruturas elementares do parentesco, de Lévi-Strauss (1949/1982). Aqui tratava-se de entender a formação de alianças a partir do princípio da troca de mulheres entre homens. O princípio da troca de mulheres e a acusação de Dora ao pai, acusação segundo a qual a rapariga seria objecto de troca como contrapartida da Sr.ª. K entre o pai e o Sr. K, convergiram. Sendo a acusação de Dora ao pai psicodinamicamente carregada procedemos desde o início à análise das estruturas elementares do parentesco a partir dos fundamentos da psicanálise. Esta análise revelou com sucesso a congruência entre as três estruturas elementares do parentesco (estrutura bilateral, patrilateral e matrilateral) e alguns dos construtos fundamentais da teoria analítica tais como a inveja do pénis, o Édipo positivo e negativo, entre outros.

O caso Dora constituiu assim a aplicação do paradigma das estruturas elementares do parentesco. A partir daqui mostrámos que o aparelho psíquico, neste caso de uma mulher, pode ser entendido a partir do princípio da troca de objectos. Através dos rastos dos sintomas, dos sonhos e das associações livres descrevemos o aparelho psíquico de Dora como um espaço de objectos onde se podem construir e desfazer alianças detectáveis através das identificações múltiplas entre personagens. Neste sentido tomámos à letra uma das definições de Freud (1900/1996), sobre os processos de identificação, para quem "(…) a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum deslocado, e, em terceiro, também para

expressar um elemento comum meramente *imaginário*. Visto que *desejar que duas pessoas tivessem um elemento comum muitas vezes coincide com a troca de uma pela outra* [itálico nosso], esta segunda relação também se expressa nos sonhos por meio da identificação" (p. 348). A diferença consiste no facto de termos aplicado sistematicamente, em todos os níveis da história clínica de Dora e não apenas aos sonhos, o princípio da troca. Neste sentido as identificações múltiplas na história de Dora formaram um conjunto coerente de troca de objectos condensado desde o início na acusação canónica da ideação sobrevalorizada da troca, por Dora.

A acusação de Dora ao pai manteve-se de tal modo intransformável, sólida, irredutível, simples e transparente manifestando-se segundo diversos vértices ao longo da história contada por Freud que procedemos à sua circunscrição através do conceito de *devaneio emblemático*. Um devaneio construído a partir do núcleo da ideia sobrevalorizada da troca que se manifestou através de vários conjuntos de identificações assentes na estrutura bilateral da troca de objectos embora com prevalência patrilateral pela procura do falo paterno. Este conceito colhe a sua fundamentação epistemológica e clínica a partir do conceito de *sonho emblemático*, de Pereira (2002).

Pelo caminho acentuámos a importância das identificações projectivas nos primos. Os primos são a figura central das projecções conscientes e inconscientes incestuosas dos irmãos das gerações anteriores. Embora o paradigma das estruturas elementares do parentesco já previsse na sua arquitectura a sua importância, conseguimos mostrar em pormenor neste caso como deverão ter funcionado em princípio os mecanismos inconscientes das projecções de Dora sobre os primos e as primas e o modo como isto se terá conjugado com a sua acusação de ser objecto de troca entre vontades masculinas. Na história da psicanálise, até onde nos foi possível investigar e constatar, nenhum autor destacou a importância da relação entre a acusação de Dora ao pai e o peso que têm os primos na história contada por Freud (1901/1996a).

REFERÊNCIAS

← Índice

Abraham, K. (1913/2000). Quelques remarques sur le rôle des grands-parents dans la psychologie des névroses (1913). In K. Abraham (Ed.), *Oeuvres Complètes / I (1907-1914)*. Paris: Payot & Rivages

Abraham, K. (1914/2000). Limitations et modifications du voyeurisme chez les névrosés. Remarques concernant des manifestations similaires dans la psychologie collective (1914). In K. Abraham (Ed.), *Oeuvres Complètes / I (1907-1914)*. Paris: Payot & Rivages (Orig.: 1914)

Abraham, K. (1914/2002). A Propos de l'exogamie névrotique. Contribution à l'étude comparée de la vie psychique des névrosés et des primitifs (1914). In K. Abraham (Ed.), *Oeuvres Complètes / I (1907-1914)*. Paris: Payot

Abraham, N. (1967/2001). L'écorce et le noyau. In N. Abraham & M. Torok (Eds.), *L'Écorce et le Noyau* (pp. 203-228). Paris: Flammarion (Orig.: *Critique*, 1968; A propos du *Vocabulaire de la Psychanalyse* de J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris, PUF, 1967)

Abraham, N. (1973/2001). La source de significance du langage (communion dans le mensonge sur le désir anasémique de cramponnement) (note). In N. Abraham & M. Torok (Eds.), *L'Écorce et le Noyau* (pp. 384-387). Paris: Flammarion (Orig.: 1973)

Abraham, N. (1974-75/2001). Notes du séminaire sur l'unité duelle et le fantôme. In N. Abraham & M. Torok (Eds.), *L'Écorce et le Noyau* (pp. 393-425). Paris: Flammarion (Orig.: 1974-1975)

Abraham, N., & Torok, M. (1973/2001). «L'objet perdu - moi». Notations sur l'identification endocryptique. In N. Abraham & M. Torok (Eds.), *L'Écorce et le Noyau* (pp. 295-317). Paris: Flammarion (Orig.: Conférence faite á la Société de Psychanalytique de Paris, lors de la séance du 20 mars 1973; *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, PUF, nº 3, 1975)

Abraham, N., & Torok, M. (1976). *Cryptonymie. Le Verbier de L'Homme aux Loups (Précédé de "Fors" par Jacques Derrida)*. Paris: Flammarion

Abraham, N., & Torok, M. (1978/2001). *L'Écorce et le Noyau*. Paris: Flammarion (Orig.: 1978)

Alter, S. G. (1999). *Darwinism and the Linguistic Image - Language, Race and Natural Theology in the Nineteenth Century*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press

Amaral Dias, C. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Edições Afrontamento

Amaral Dias, C. (2003). *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina

Anzieu, D. (1959/1990a). *A Auto-Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise, I* (Vol. I). Lisboa: Edições 70 (Orig: *L'Auto-Analyse de Freud*, PUF, 1959)

Anzieu, D. (1959/1990b). *A Auto-Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise, II* (Vol. II). Lisboa: Edições 70 (Orig: *L'Auto-Analyse de Freud*, PUF, 1959)

Anzieu, D. (1999). *Le Groupe et L'Inconscient - L'imaginaire groupal* (3 ed.). Paris: Dunod

Associação Psiquiátrica Americana. (1996). *DSM-IV - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (American Psychiatric Association)* (4ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores

Augé, M. (1975/s.d). *Os Domínios do Parentesco - Filiação, aliança matrimonial, residência*. Lisboa: Ed 70 (Orig: *Les Domaines de la Parenté*, 1975)

Austin, J. L. (1955/1965). *How to Do Things with Words (The William James Lectures Delivered at Harvard University in 1955)*. New York: Oxford University Press (Orig: 1955)

Bakan, D. (1958). *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*. Princeton, NJ: Van Nostrand

Banks, C. G. (1991). A dream of the incest taboo, exchange of women, and seduction: a reinterpretation of Freud's Dora. *Psychoanalysis and Contemporary Thought, 14,* 251-269

Baranes, J.-J. (1993). Devenir soi-même: avatars et statuts du transgénérationnel. In R. Kaes, H. Faimberg, M. Enriquez & J.-J. Baranes (Eds.), *Transmission de la Vie Psychique entre Générations* (pp. 170-190). Paris: Dunod

Barreiros, L. M. (2008). *Transformações Psicomitológicas no Rorschach (Tese de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica)*. ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Bastide, R. (1965/1968). *Sociologia das Doenças Mentais*. Lisboa: Europa-América (Orig.: *Sociologie des Maladies Mentales*, Flammarion, 1965)

Bastos, J. G. d. F. P. (2000). *Relatório da Cadeira de «Antropologia e Psicanálise» e Sumário Pormenorizado da Lição de Síntese*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Fac. Cienc. Soc. Hum. / Grupo de Disciplinas de Antropologia

Bataille, G. (1957/1988). *O Erotismo* (J. B. d. Costa, Trans. 3ª ed.). Lisboa: Edições Antígona (Orig.: 1957)

Bateson, G. (1936/1958). *Naven - A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. Stanford, California: Stanford University Press (Orig.: 1936)

Bateson, G. (1969/1987). Double bind. In G. Bateson (Ed.), *Steps to an Ecology of Mind - Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Northvale: Jason Aronson. (Orig: 1969)

Berman, E. (2002). Dora. In E. Erwin (Ed.), *The Freud Encyclopedia - Theory, Therapy and Culture*. New York and London: Routledge

Bettelheim, B. (1956/1991). *Viena de Freud e outros Ensaios*. Lisboa: Bertrand Editora (Orig: *Freud's Vienna and Other Essays*, 1956)

Bion, W. R. (1948-51/1970). *Experiências com Grupos - Os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.: "Experiences in groups", *Human Relations*, vol. I-IV, 1948-1951, In *Experiences in Groups and Other Papers*, Tavistock Publications, London, 1961)

Bion, W. R. (1948-51/1989). *Experiences in Groups: And Other Papers*. London: Tavistock Routledge (Orig.: Tavistock Publications Limited, 1961, 1948-51)

Bion, W. R. (1962/1991). *Learning from Experience*. London: Karnac (Orig: 1962)

Bion, W. R. (1963/1984). *Elements of Psychoanalysis*. London: Karnac Books (Orig: 1963)

Birtles, E. F. (2002). Why is Fairbairn Relevant Today - a modernist / postmodernist view. In F. Pereira & D. E. Scharff (Eds.), *Fairbairn and Relational Theory*. London: Karnac Books

Bloom, H. (1973/1991). *A Angústia da Influência - Uma Teoria da Poesia*. Lisboa: Cotovia (Orig: 1973)

Bonaparte, M. (1934). Psychanalyse et Etnographie. In E. E. Evans-Pritchard, R. Firth, B. Malinowski & I. Schapera (Eds.), *Essays Presented to C. G. Seligman*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd

Breuer, J., & Freud, S. (1893-95/1981). Studies on Hysteria (1893-95) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud [1886-1939]* (Vol. S. E., 2, pp. 1-323). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1893-95)

Breuer, J., & Freud, S. (1893-95/1996). *Estudos sobre a Histeria* (Vol. S. E., 2). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1893-95)

Budd, S. (1994). Transference revisited. In S. Budd & U. Sharma (Eds.), *The Healing Bond: The Patient-Practitioner Relationship and Therapeutic Responsibility*. New York: Routledge

Camdessus, B. (1996/1999). O trágico jogo das semelhanças. In B. Prieur (Ed.), *As Heranças Familiares* (pp. 107-118). Lisboa: Climepsi (Orig.: *Les Héritages Familiaux*, ESF Éditeur, Paris, 1996)

Changeux, J.-P. (1983/1991). *O Homem Neuronal* (A. J. P. Monteiro, Trans. 2 ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote (Orig.: *L'Homme Neuronal*, 1983)

Clifford, J. (1988). On Etnographic Self-Fashioning: Conrad and Malinowski. In J. Clifford (Ed.), *The Predicament of Culture - Twenty-Century Etnography, Lierature and Art* (pp. 92-113). Cambridge, Massachussets and London: Harvard University Press

Corrêa, P. D. (1975). Notas à guisa de introdução e prefácio (P. D. Corrêa, Trans.). In M. Klein (Ed.), *O Sentimento de Solidão - Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios* (2 ed., pp. 156). Rio de Janeiro: Imago (Orig: *Our Adult World and Other Essays*, William Heinemann Medical Books Limited, London, 1963 / 21º Congresso Internacional de Copenhague, 1959)

Cyrulnik, B. (1994/2001). O Sentimento Incestuoso (A. Marques, Trans.). In F. Héritier (Ed.), *O Incesto* (1ª ed., pp. 159). Lisboa: Pergaminho (Orig: *De L'Inceste*, Paris, Éditions Odile Jacob,1994)

Dadoun, R. (1972). Les ombilics du rêve. In AAVV (Ed.), *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Paris: Éditions Gallimard

Dahl, E. K. (1996, Jan 1). The Concept of Penis Envy Revisited: A child analyst listens to adult women. *Psychoanalytic Study of the Child*

Damásio, A. R. (1994/1995). *O Erro de Descartes - Emoção, razão e cérebro humano* (3 ed.). Lisboa: Publicações Europa-América (Orig.: *Descartes' Error. Emotion, Reason and the Human Brain*, 1994)

Darwin, C. (1859/1996). *The Origin of Species*. Oxford: Oxford University Press (Orig.: 1859)

Darwin, C. (1859/2005). *A Orígem das Espécies* (D. Batista, Trans.). Lisboa: Europa-América (Orig.: *The Origin of Species*, 1859)

Decker, H. S. (1991). *Freud, Dora and Vienna 1900*. New York: The Free Press

Deleuze, G. (1972/1977). Como reconhecer o estruturalismo? In F. Châtelet (Ed.), *História da Filosofia - Ideias, doutrinas: O Século XX (J. Bouveresse/G. Deleuze/C. Descamps/M. Fichant/G. Granel/P. Kaufmann/E. Pisier-Kouchner)* (pp. 245-273). Lisboa: Publicações Dom Quixote (Orig.: 1972)

Deleuze, G., & Guattari, F. (1966/1996). *O Anti-Édipo - Capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim (Orig: 1966)

Delrieux, A. (1993). *Lévi-Strauss, Lecteur de Freud: le Droit, l'Inceste, le Père et l'Echange des Femmes* (1ª ed.). Cahors, France: Points Hors Ligne

Dennett, D. C. (1995/2001). *A Ideia Perigosa de Darwin - Evolução e Sentido da Vida*. Lisboa: Temas e Debates, Actividades Editoriais, Lda (Orig: 1995)

Dennett, D. C. (2003/2005). *A Liberdade Evolui*. Lisboa: Temas e Debates, Actividades Editoriais, Lda (Orig: *Freedom Evolves*, 2003)

Deutsch, F. (1957/1979). Apostille au fragment de l'analyse d'un cas d'hystérie de Freud. In Aavv (Ed.), *Les Névroses - L'Homme et ses Conflits* (pp. 202-211): Tchou (Orig.: 1957; publicado sob o título "Dora ou le destin d'une hystérique", In Aavv (Ed.), *Les Névroses - L'Homme et ses Conflits*, Tchou, 1979)

Devereux, G. (1965/1978). Ethnopsychoanalytic Reflections on the Notion of Kinship (1965). In G. Devereux (Ed.), *Ethnopsychoanalysis - Psychoanalysis and Anthropology as Complementary Frames of Reference*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press

Devereux, G. (1967/1980). *De l'Angoisse à la Méthode dans les Sciences du Comportement* (1ª ed.). Aubier: Flammarion (Orig: *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*, Mouton et École Pratique des Hautes Études, 1967)

Devereux, G. (1972/1978). The argument. In G. Devereux (Ed.), *Ethnopsychoanalysis - Psychoanalysis and Anthropology as Complementary Frames of Reference* (pp. 1-19). Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press (Orig.: 1972)

Devereux, G. (1978). *Ethnopsychoanalysis - Psychoanalysis and Anthropology as Complementary Frames of Reference*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press

Dolle, J.-M. (1997/1999). *Para Compreender Jean Piaget* (L. Leitão, Trans.). Lisboa: Instituto Jean Piaget (Orig: 1997)

Dolto, F. (1981/1989). *A Dificuldade de Viver - O psicanalista e a prevenção das neuroses*. Lisboa: Dom Quixote (Orig.: *La Difficulté de Vivre*, Paris: Inter Éditions, 1981)

Doron, R. (1978/1979). *Elementos de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Estampa (Orig.: 1978)

Dosse, F. (1991). *Histoire du Structuralisme - Tome 1: le champ du signe (1945-1966)* (Vol. Tomo 1). Paris: Éditions la Découverte

Ducrot, O., & Todorov, T. (1978). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Dupré, M.-C. (1981, Juil.-Sept.). Sous l'Échange, l'Inceste - (Brève Relecture des «Structures Élémentaires de la Parenté»). *L'Homme, XXI (3),* 27-37

Durkheim, É. (1893/1967). *De la Division du Travail Social*. Paris: PUF (Orig.: 1893)

Durkheim, É. (1893/1989). *A Divisão do Trabalho Social* (Vol. 1). Lisboa: Editorial Presença (Orig.: 1893)

Durkheim, É. (1897/1989). *A Divisão do Trabalho Social* (Vol. 1). Lisboa: Editorial Presença (Orig.: 1897)

Durkheim, É. (1912/1968). *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse - Le système totémique en Australie*. Paris: Puf (Orig.: 1912)

Eco, U. (1973/1997). *O Signo* (5ª ed.). Lisboa: Editorial Presença (Orig: 1973)

Eiguer, A. (1983/1989). *Um Divã para a Família - Do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas (Orig.: *Un Divan pour la Famille - Du modèle groupal à la thérapie familiale psychanalytique*, 1983)

Ellis, H. (1901). *Studies in the Psychology of Sex - The Evolution of Modesty, The Phenomena of Sexual Periodicity, Auto-Erotism* (Vol. 1). Philadelphia: F. A. Davis Company

Ellis, H. (1927/2004). *Studies in the Psychology of Sex - Sex in Relation to Society* (Vol. 6): http://www.gutenberg.org/etext/13615 (Orig.: 1927)

Fairbairn, R. (1927-51/2000). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (A. Rabaça, Trans.). Lisboa: Vega (Orig: *Psycho-Analitic Studies of the Personality*, 1927-1951)

Fairbairn, R. (1940/1999). Schizoid Factors in the Personality. In R. Fairbairn (Ed.), *Psychoanalytic Studies of the Personality* (pp. 312). London: Routledge (Orig.: 1940)

Fairbairn, R. (1940/2000). Factores Esquizóides da Personalidade (A. Rabaça, Trans.). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 15-43). Lisboa: Vega (Orig: 1940)

Fairbairn, R. (1941/2000). Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses (1941). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 45-82). Lisboa: Vega (Orig.: *A Revised Psychopathology of the Psychoses and Psychoneuroses*, 1941)

Fairbairn, R. (1943/1999a). The repression and the return of bad objects (with special reference to the 'war neuroses'). In R. Fairbairn (Ed.), *Psychoanalytic Studies of the Personality* (pp. 59-81). London: Routledge (Orig.: 1943)

Fairbairn, R. (1943/1999b). The War Neuroses - Their nature and significance. In R. Fairbairn (Ed.), *Psychoanalytic Studies of the Personality* (pp. 256-288). London: Routledge (Orig.: 1943)

Fairbairn, R. (1943/2000a). As neuroses de guerra - a sua natureza e significado (1943). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 313-352). Lisboa: Vega

Fairbairn, R. (1943/2000b). O recalcamento e a reaparição dos objectos maus (com especial referência às neuroses de guerra) [1943]. In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 83-110). Lisboa: Vega

Fairbairn, R. (1944/1999). Endopsychic structure considered in terms of object-relationships. In R. Fairbairn (Ed.), *Psychoanalytic Studies of the Personality* (pp. 82-136). London: Routledge (Orig.: 1944)

Fairbairn, R. (1944/2000). Estrutura endopsíquica considerada em termos de relações de objecto (1944). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 111-176). Lisboa: Vega

Fairbairn, R. (1946/2000). Relações de objecto e estrutura dinâmica (1946). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 177-194). Lisboa: Vega (Orig.: "Object-Relationships and Dynamic Structure", 1946)

Fairbairn, R. (1949/2000). Passos no desenvolvimento de uma teoria das relações de objecto da personalidade (1949). In R. Fairbairn (Ed.), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 195-206). Lisboa: Vega

Fédida, P. (1996/1999). Não se escapa à herança. In B. Prieur (Ed.), *As Heranças Familiares* (pp. 63-70). Lisboa: Climepsi (Orig.: *Les Héritages Familiaux*, ESF Éditeur, Paris, 1996)

Fenichel, O. (1945/2000). *Teoría Psicoanalítica de las Neurosis*. Buenos Aires / Barcelona: Paidós (Orig: *The Psychoanalytical Theory of Neuroses*, New York: W.W. Norton Co. Inc., 1945)

Ferenczi, S. (1932/1992). Recalcamento (1932) [Notas e Fragmentos]. In S. Ferenczi (Ed.), *Psicanálise 4 - Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes (Orig.: 1932)

Ferreira, T. (1991). Ensaio sobre a Depressão Infantil. *Análise Psicológica, 1 (IX): 67-87*

Figueiredo, E. (1977). *O Chapéu Reclame de Cigarros - Contribuição para uma psicoterapia institucional*. Lisboa: Afrontamento

Fleming, M. (1983). A separação Adolescente-Progenitores. *Análise Psicológica, 4 (111),* 521-541

Fontanari, J. (2003). *Sobre a forma e as formas da transmissão psíquica e a precipitação da subjectividade sujeitada à estrutura.* Paper presented at the Jornada Interna do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade (ICPT-RS) - Departamento de Configurações Vinculares, Sociedade de Psicanálise das Organizações Vinculares, Porto Alegre, Brasil.

Fortes, M. (1949). *The Web of Kinship among the Tallensi: The Second Part of an Analysis of the Social Structure of a Trans-Volta Tribe*. London: Oxford University Press

Fortune, R. (1963/1977). *Os Feiticeiros de Dobu - A Antropologia Social dos Ilhéus de Dobu do Pacífico Ocidental* (S. T. d. Meneses, Trans.). Amadora: Bertrand (Orig: 1963)

Foucault, M. (1976/1990). *História da Sexualidade - A vontade de saber, Vol I* (10ª ed. Vol. I). Rio de Janeiro: Edições Graal, Lda. (Orig.: *Histoire de la Sexualité - La Volonté de Savoir, 1*, Paris: Gallimard, 1976; 1ª ed. brasileira, 1988)

Fournier, J. A. (1890). *Syphilis et Marriage*. Paris: Fracastoro, Girolamo

Fox, R. (1967). Totem and Taboo Reconsidered. In E. Leach (Ed.), *The Structural Study of Myth and Totemism* (pp. 161-178). London: Tavistock Publications

Fox, R. (1967/1986). *Parentesco e Casamento - Uma perspectiva antropológica*. Lisboa: Vega (Orig: *Kinship and Marriage*, Penguin Books, 1967)

Fox, R. (1983). *The Red Lamp of Incest - An inquiry into the origins of mind and society*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press

Freitas, E. J. D. d. (1991). O duplo registro de memória. *Sociedade Psicanalítica do Recife*

Freitas, E. J. D. d. (1991/2000). A Filogénese (A presença de Lamarck e Darwin na obra de Freud) (Cap 2). In E. J. D. d. Freitas (Ed.), *Psicofarmacologia Aplicada à Clínica* (pp. 3-14). Rio de Janeiro: EPUB (Orig.: 1991)

Freitas, E. J. D. d. (2000). Porque resolvi publicar "A Filogénese" no boletim (Cap 3). In E. J. D. d. Freitas (Ed.), *Psicofarmacologia Aplicada à Clínica* (pp. 15-19). Rio de Janeiro: EPUB

Freitas, E. J. D. d. (2008a). Resposta do Professor Dutra de Freitas2 (E-mail de 28 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008b). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 5 de Julho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008c). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 7 de Julho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008d). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 21 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008e). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 23 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008f). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 26 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008g). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 29 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freitas, E. J. D. d. (2008h). Resposta do Professor Dutra de Freitas (E-mail de 30 de Junho de 2008). In L. M. Barreiros (Ed.) (Correspondência via correio electrónico com o Professor Ednei Dutra de Freitas ed.).

Freud, A. (1936/1966). *The Ego and the Mechanisms of Defence* (C. Baines, Trans. 5th ed. Vol. II). New York: International Universities Press, Inc. (Orig: english translation, 1937; *Das Ich und die Abwehrmechanismen*, 1936)

Freud, S. (1886-99/1981). Pre-Psychoanalytic Publications and Unpublished Drafts (1886-99) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud [1886-1939]* (Vol. S. E., 1). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1886-99)

Freud, S. (1891/1979). *A Interpretação das Afasias - Um estudo crítico (1891)* (A. P. Ribeiro, Trans.). Lisboa: Edições 70 (Orig: *L'Interpretazione delle Afasie. Uno Studio Crítico*, Marsílio Editori, 1977 [ed. it] - base da presente edição portuguesa; *Zur Auffassung der Aphasien. Eine Kritische Studie*, 1891)

Freud, S. (1893/1996). Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas, 1893 (1888-1893). In S. Freud (Ed.), *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. S. E., 1). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1895/1981). Project for a Scientific Psychology (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Pre-Psychoanalytic Publications*

and Unpublished Drafts (1886-99) (Vol. S. E., 1, pp. 281-392). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1895)

Freud, S. (1896/1981). The Aetiology of Hysteria (1896) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *First Psychoanalytic Publications (1893-1899)* (Vol. S. E., 3, pp. 187-222). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1896)

Freud, S. (1896/1986). Carta a Fliess (6 de Dezembro de 1896) (D. V. Ribeiro, Trans.). In J. M. Masson (Ed.), *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (1ª ed., pp. 208-216). Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda (Orig: *The Freud / Fliess Correspondence*, Under the Berne Convention Sigmund Freud Copyrights, Ltd; J. M. Masson for the Editorial Matter, 1985)

Freud, S. (1896/1996a). A Etiologia da Histeria. In S. Freud (Ed.), *Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899), Vol III*. Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1896)

Freud, S. (1896/1996b). Rascunho K. As Neuroses de Defesa (*Um Conto de Fadas Natalino*) (1 Janeiro 1896). In S. Freud (Ed.), *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. S. E., 1). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1897/1981). Letter 75 (Nov, 14, 1897) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Pre-Psychoanalytic Publications and Unpublished Drafts (1886-99)* (Vol. S. E., 1). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1897)

Freud, S. (1897/1986). Carta a Fliess (15 de Outubro de 1897) (D. V. Ribeiro, Trans.). In J. M. Masson (Ed.), *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (1ª ed., pp. 271-274). Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda (Orig: *The Freud / Fliess Correspondence*, Under the Berne Convention Sigmund Freud Copyrights, Ltd; J. M. Masson for the Editorial Matter, 1985)

Freud, S. (1897/1996). Rascunho L. In S. Freud (Ed.), *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. S. E., 1, pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1897)

Freud, S. (1899/1986). Carta a Fliess (1 de Agosto de 1899) (D. V. Ribeiro, Trans.). In J. M. Masson (Ed.), *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (1ª ed., pp. 364-365). Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda (Orig: *The Freud / Fliess Correspondence*, Under the Berne Convention Sigmund Freud Copyrights, Ltd; J. M. Masson for the Editorial Matter, 1985)

Freud, S. (1900-01/1996). A Interpretação dos Sonhos (Segunda Parte). In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 1-24)* (Vol. S. E., 5). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1900-01)

Freud, S. (1900/1981a). The Interpretation of Dreams (First Part) (1900) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. S. E., 4, pp. 1-338). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1900)

Freud, S. (1900/1981b). The Interpretation of Dreams (Second Part) (1900) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Interpretation of Dreams (Second Part) and On Dreams (1900-1901)* (Vol. S. E., 5, pp. 339-625). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1900)

Freud, S. (1900/1996). A Interpretação dos Sonhos (Primeira Parte). In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 1-24)* (Vol. S. E., 4). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1901/1981a). Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria (1905 [1901]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *A Case of Hysteria, Three Essays on the Theory of Sexuality and other Works (1901-1905)* (Vol. S. E., 7, pp. 1-124). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1901)

Freud, S. (1901/1981b). The Psychopathology of Everyday Life (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud [1886-1939]* (Vol. S. E., 6, pp. 1-291). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1901)

Freud, S. (1901/1996a). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria, 1905 (1901). In S. Freud (Ed.), *Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)* (Vol. S. E., 7). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1901; publicado em 1905)

Freud, S. (1901/1996b). Sobre a Psicopatologia da Vida Quotidiana. In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. S. E., VI). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1901)

Freud, S. (1901/1996c). Sobre os Sonhos (1901). In S. Freud (Ed.), *A Interpretação dos Sonhos (Segunda Parte) (1900-1901)* (Vol. S. E., 5, pp. 655-700). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1905/1981). Three Essays on the Theory of Sexuality (1905) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *A Case of Hysteria, Three Essays on the Theory of Sexuality and Other Works (1901-1905)* (Vol. S. E., 7, pp. 125-248). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1905)

Freud, S. (1905/1996). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In S. Freud (Ed.), *Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)* (Vol. S. E., 7). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1907/1981). Creative Writers and Day-Dreaming (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Jensen's 'Gradiva' and Other Works (1906-1908)* (Vol. S. E., 9, pp. 141-154). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1907)

Freud, S. (1907/1996). Escritores Criativos e Devaneio, 1908 (1907). In S. Freud (Ed.), *«Gradiva» de Jensen e outros Trabalhos* (Vol. S. E., 9). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1907)

Freud, S. (1908/1981a). Hysterical Phantasies and their Relation to Bissexuality (1908) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Jensen's 'Gradiva' and Other Works (1906-1908)* (Vol. S. E., 9, pp. 155-166). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1908)

Freud, S. (1908/1981b). On the Sexual Theories of Children (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Jensen's 'Gradiva' and Other Works (1906-1908)* (Vol. S. E., 9, pp. 209-226). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1906-08)

Freud, S. (1908/1996a). Fantasias Histéricas e sua Relação com a Bissexualidade (1908). In S. Freud (Ed.), *«Gradiva» de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908)* (Vol. S. E., 9). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1908/1996b). Sobre as Teorias Sexuais das Crianças (1908). In S. Freud (Ed.), *«Gradiva» de Jensen e outros Trabalhos (1906-1908)* (Vol. S. E., 9). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1908)

Freud, S. (1909/1996). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909). In S. Freud (Ed.), *Duas Histórias Clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos") (1909)* (Vol. S. E., 10). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1910/1981). The Psycho-Analytic View of Psychogenic Disturbance of Vision (1910) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Five Lectures on Psycho-Analysis, Leonardo da Vinci and Other Works (1910)* (Vol. S. E., 11, pp. 209-218). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1910)

Freud, S. (1910/1996). A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogénica da Visão (1910). In S. Freud (Ed.), *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo Da Vinci e Outros Trabalhos* (Vol. S. E., 11). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1910)

Freud, S. (1911/1981). Psycho-Analytical Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides) (1911) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works (1911-1913)* (Vol. S. E., 12, pp. 9-84). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1911)

Freud, S. (1911/1996). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (*Dementia Paranoides*) (1911). In S. Freud (Ed.), *O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e Outros Trabalhos (1911-13)* (Vol. S. E., 12). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1912-13/1996). Totem e Tabu - Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos, 1913 (1912-13). In S. Freud (Ed.), *Totem e Tabu e outros Trabalhos (1913-1914)* (Vol. S. E., 13, pp. 21-168). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1912/1981). On the Universal Tendency to Debasement in the Sphere of Love (Contributions to the Psychology of Love II) (1912) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Five Lectures on Psycho-Analysis, Leonardo da Vinci and Other Works (1910)* (Vol. S. E., 11, pp. 177-190). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1912)

Freud, S. (1912/1996). Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor (Contribuições à Psicologia do Amor II) (1912). In S. Freud (Ed.), *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo Da Vinci e Outros Trabalhos* (Vol. S. E., 11). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1913/1981a). Observations and Examples from Analytic Practice (1913) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Totem and Taboo and Other Works (1913-1914)* (Vol. S. E., 13, pp. 193-200). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1913)

Freud, S. (1913/1981b). Totem and Taboo (1913 [1912-13]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Totem and Taboo and Other*

Works (1913-1914) (Vol. S. E., 13, pp. 1-161). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1955, 1 ed. SE / 1912-13)

Freud, S. (1913/1996). Observações e Exemplos da Prática Psicanalítica (1913). In S. Freud (Ed.), *Totem e Tabu e outros Trabalhos (1913-1914)* (Vol. S. E., 13). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1914/1981). Remembering, Repeating and Working-Through (Further Recommendations on the Technique of Psycho-Analysis II) (1914) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works (1911-1913)* (Vol. S. E., 12, pp. 145-156). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1914)

Freud, S. (1914/1991). On narcisism: an introduction. In S. Freud (Ed.), *On Metapsychology - The Theory of Psychoanalysis* (Vol. 11 / S. E., 14). London: Penguin Books (Orig.: *On Narcissism: An Introduction*, (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Articles About Metapsychology and Other Works* (1914-1916) (Vol. S. E., 14, pp. 67-104). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1914)

Freud, S. (1914/1996). Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II) (1914). In S. Freud (Ed.), *O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e Outros Trabalhos (1911-13)* (Vol. S. E., 12). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1915/1981a). Repression (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works (1914-1916)* (Vol. S. E., 14). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1981b). The Unconscious (1915) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Articles About Metapsychology and Other Works (1914-1916)* (Vol. S. E., 14, pp. 141-216). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1987a). Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto). In I. Grubrich-Simitis (Ed.), *Sigmund Freud - Neuroses de Transferência: uma síntese (Manuscrito recém-descoberto)* (pp. 65-82). Rio de Janeiro: Imago (Orig.: *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses,* org. de Ilse Grubrich-Simitis, Cambridge, Harvard University Press, Belknap Press, 1987; *Übersicht der Übertragungsneurosen* - Overview of the Transference Neuroses -, 1915).

Freud, S. (1915/1987b). Overview of the Transference Neuroses. In I. Grubrich-Simitis (Ed.), *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses*. Cambridge: Harvard University Press, Belknap Press (Orig.: *Übersicht der Übertragungsneurosen*, 1915)

Freud, S. (1915/1991a). Instincts and their vicissitudes. In S. Freud (Ed.), *On Metapsychology - The Theory of Psychoanalysis* (Vol. 11 / S. E., 14). London: Penguin Books (Orig.: *Instincts and Their Vicissitudes* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Articles About Metapsychology and Other Works* (1914-

1916) (Vol. S. E., 14, pp. 109-140). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1991b). Repression. In S. Freud (Ed.), *On Metapsychology - The Theory of Psychoanalysis* (Vol. 11 / S. E., 14). London: Penguin Books (Orig.: *Repression* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works (1914-1916)* (Vol. S. E., 14). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis, 1915)

Freud, S. (1915/1991c). The Unconscious - Appendix C (Words and Things). In S. Freud (Ed.), *On Metapsychology - The Theory of Psychoanalysis* (Vol. 11 / S. E., 14). London: Penguin Books (Orig.: *The Unconscious* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *On the History of the Psycho-Analytic Movement, Articles About Metapsychology and Other Works (1914-1916)* (Vol. S. E., 14). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1996a). Apêndice C - Palavras e Coisas. In S. Freud (Ed.), *O Inconsciente (1915). In S. Freud (Ed.), A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E., 14). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1915/1996b). O Inconsciente. In S. Freud (Ed.), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E. 14). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1996c). O Inconsciente - Apêndice C: Palavras e coisas In S. Freud (Ed.), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E., 14, pp. 217-222). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1996d). Os Instintos e suas Vicissitudes (1915). In S. Freud (Ed.), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E., 14). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1915)

Freud, S. (1915/1996e). Repressão (1915). In S. Freud (Ed.), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E., 14). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1915/1996f). Sobre o Narcisismo: uma introdução (1915). In S. Freud (Ed.), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos (1913-1916)* (Vol. S. E., 14). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1916-17/1981a). Lecture XXI - The Development of the Libido and the Sexual Organizations / [Part III] General Theory of the Neurosis (1917 [1916-17]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Introductory Lectures on Psycho-Analysis (1916-1917 [1915-1917]), Part III* (Vol. S. E., 16, pp. 320-338). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1916-17)

Freud, S. (1916-17/1981b). Lecture XXII - Some Thoughts on Development and Regression - Aetiology / [Part III] General Theory of the Neurosis (1917 [1916-17]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Introductory Lectures on Psycho-Analysis (1916-1917 [1915-1917]), Part III*

(Vol. S. E., 16, pp. 339-357). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1916-17)

Freud, S. (1916-17/1981c). Lecture XXIII - The Paths to the Formation of Symptoms / [Part III] General Theory of the Neurosis (1917 [1916-17]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Introductory Lectures on Psycho-Analysis (1916-1917 [1915-1917]), Part III* (Vol. S. E., 16, pp. 358-377). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1916-17)

Freud, S. (1916-17/1991). Lecture 22: Some Thoughts on Development and Regression Aetiology. In S. Freud (Ed.), *Introductory Lectures on Psychoanalysis, 1*. London: Penguin Books (Orig.: 1916-17)

Freud, S. (1916-17/1996a). Conferência XXI - O Desenvolvimento da Líbido e As Organizações Sexuais. In S. Freud (Ed.), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1916-17)* (Vol. S. E., 16). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1916-17)

Freud, S. (1916-17/1996b). Conferência XXII, Algumas Ideias sobre Desenvolvimento e Regressão - Etiologia. In S. Freud (Ed.), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1916-17)* (Vol. S. E., 16). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1916-17/1996c). Conferência XXIII - Os Caminhos para a Formação dos Sintomas. In S. Freud (Ed.), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1916-17)* (Vol. S. E., 16). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1917/1981). The Taboo of Virginity (Contributions to the Psychology of Love III) (1918 [1917]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Five Lectures on Psycho-Analysis, Leonardo da Vinci and Other Works (1910)* (Vol. S. E., 11, pp. 191-208). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1917)

Freud, S. (1920/1981). Beyond the Pleasure Principle (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works (1925-1926)* (Vol. S. E., 18, pp. 1-64). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1920)

Freud, S. (1920/1996). Além do Princípio de Prazer (1920). In S. Freud (Ed.), *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1925-1926)* (Vol. S. E., 18). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1920)

Freud, S. (1921/1991). Group Psychology and the Analysis of the Ego. In S. Freud (Ed.), *Civilization, Society and Religion* (Vol. 12, S. E. 18). London: Penguin Books (Orig: *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works (1925-1926)* (Vol. S. E., 18), London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis, 1921)

Freud, S. (1921/1996). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). In S. Freud (Ed.), *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1925-1926), Vol XVIII* (Vol. S. E., 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig: 1921)

Freud, S. (1922/1981). Remarks on the Theory and Practice of Dream-Interpretation as a Whole (1925) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 109-124). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1922)

Freud, S. (1922/1993). The Libido Theory. In S. Freud (Ed.), *Historical and Expository Works on Psychoanalysis* (Vol. 15 / S. E., 18). London: Penguin Books (Orig.: "The Libido Theory" In S. Freud (Ed.), *Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works (1925-1926)* (Vol. S. E., 18). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis, 1922)

Freud, S. (1922/1996a). Observações sobre a Teoria e a Prática da Interpretação de Sonhos, 1923 (1922). In S. Freud (Ed.), *O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923-1925)* (Vol. S. E., 19). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1922)

Freud, S. (1922/1996b). Teoria da líbido - Dois Verbetes de Enciclopédia, "Psicanálise" e "Teoria da Líbido", 1923 (1922). In S. Freud (Ed.), *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1925-1926)* (Vol. S. E., 18, pp. 271-276). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1923/1981). The Ego and the Id (1923) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and the Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 13-68). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1923)

Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id (1923). In S. Freud (Ed.), *O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 27-80). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1924/1981). The Dissolution of the Oedipus Complex (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 173-182). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1924)

Freud, S. (1924/1996). A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In S. Freud (Ed.), *O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923-1925)* (Vol. S. E., 19). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1925/1981a). Negation (1925) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 235-242). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1925)

Freud, S. (1925/1981b). Some Additional Notes on Dream-Interpretation (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 127-140). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1925)

Freud, S. (1925/1981c). Some Psychic Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes (1925) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Id and Ego and Other Works (1923-1925)* (Vol. S. E., 19, pp. 248-260). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1925)

Freud, S. (1925/1996a). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatómica entre os Sexos (1925). In S. Freud (Ed.), *O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923-1925)* (Vol. S. E., 19). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1925/1996b). Algumas Notas Adicionais sobre a Interpretação de Sonhos como um Todo (1925). In S. Freud (Ed.), *O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923-1925)* (Vol. S. E., 19). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1927-31/1996). O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas*

Completas de Sigmund Freud (Vol. S. E., 21). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1927-1931)

Freud, S. (1927/1981). The Future of an Illusion (1927) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Future of an Illusion, Civilization and Its Discontents and Other Works (1927-1931)* (Vol. S. E., 21, pp. 1-56). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1927)

Freud, S. (1927/1991). The Future of an Illusion. In S. Freud (Ed.), *Civilization, Society and Religion, 12* (Vol. 12, S. E., 21). London: Penguin Books (Orig: *The Future of an Illusion* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Future of an Illusion, Civilization and Its Discontents and Other Works* (1927-1931) (Vol. S. E., 21). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis, 1927)

Freud, S. (1929/1981). Civilization and Its Discontents (1930 [1929]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Future of an Illusion, Civilization and Its Discontents and Other Works (1927-1931)* (Vol. S. E., 21, pp. 57-146). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1929)

Freud, S. (1929/1991). Civilization and Its Discontents. In S. Freud (Ed.), *Civilization, Society and Religion* (Vol. 12 / S. E., 21, pp. 251-340). London: Penguin Books (Orig.: *Civilization and Its Discontents* (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *The Future of an Illusion, Civilization and Its Discontents and Other Works (1927-1931)* (Vol. S. E., 21). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis, 1929)

Freud, S. (1929/1996). O Mal-Estar na Civilização [1930 (1929)]. In S. Freud (Ed.), *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos (1927-1931)* (Vol. S. E., 21, pp. 73-150). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1929)

Freud, S. (1931/1996). A Aquisição e o Controle do Fogo, 1932 (1931). In S. Freud (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos (1932-1936)* (Vol. S. E., 22). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1932-33/1996). A Dissecção da Personalidade Psíquica. In S. Freud (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e Outros Trabalhos* (Vol. S. E., XXII, pp. 63-84). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1932/33)

Freud, S. (1932/1981a). Lecture XXX - Dreams and Occultism (1933 [1932]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis and Other Works (1932-1936)* (Vol. S. E., 22, pp. 31-56). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1981b). Lecture XXXI - The Dissection of the Psychical Personality (1933 [1932]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis and Other Works (1932-1936)* (Vol. S. E., 22, pp. 57-80). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1981c). Lecture XXXII - Anxiety and Instinctual Life (1933 [1932]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis and Other Works (1932-1936)* (Vol. S.

E., 22, pp. 81-111). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1981d). Lecture XXXIII - Femininity (1933 [1932]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis and Other Works (1932-1936)* (Vol. S. E., 22, pp. 112-135). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1996a). Conferência XXX - Sonhos e Ocultismo. In S. Freud (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos 1933 (1932)* (Vol. S. E., 18). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1996b). Conferência XXXII - Ansiedade e Vida Instintual. In S. Freud (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos 1933 (1932)* (Vol. S. E., 22). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1932)

Freud, S. (1932/1996c). Conferência XXXIII - Feminilidade. In S. Freud (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos 1933 (1932)* (Vol. S. E., 22). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: 1932)

Freud, S. (1937/1981). Analysis Terminable and Interminable (1937) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Moses and Monotheism, An Outline of Psycho-Analysis and Other Works (1937-1939)* (Vol. S. E., 23, pp. 216-254). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1937)

Freud, S. (1937/1996). Análise Terminável e Interminável (1937). In S. Freud (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros Trabalhos (1937-1939)* (Vol. S. E., 23). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1938/1981). Splitting of the Ego in the Process of Defence (1940 [1938]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Moses and Monotheism, An Outline of Psycho-Analysis and Other Works (1937-1939)* (Vol. S. E., 23, pp. 275-278). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1938)

Freud, S. (1938/1996). Esboço de Psicanálise, 1940 (1938). In S. Freud (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros Trabalhos (1937-1939)* (Vol. S. E., 23). Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1939/1981). Moses and Monotheism: Three Essays (1939 [1934-38]) (J. Strachey, A. Freud, A. Strachey & A. Tyson, Trans.). In S. Freud (Ed.), *Moses and Monotheism, An Outline of Psycho-Analysis and Other Works (1937-1939)* (Vol. S. E., 23, pp. 7-140). London: The Hogarth Press / Institute of Psychoanalysis (Orig.: 1934-38)

Freud, S. (1939/1996). Moisés e o Monoteísmo - Três Ensaios, 1939 (1934-38). In S. Freud (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros Trabalhos (1937-1939)* (Vol. S. E., 23). Rio de Janeiro: Imago Editora

Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à Metapsicologia Freudiana - artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente, vol 3* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Geertz, C. (1989/1996). *Works and Lives - The Anthropologist as Author*. Stanford: Stanford University Press (Orig: 1989)

Ghasarian, C. (1996/1999). *Introdução ao Estudo do Parentesco*. Lisboa: Terramar (Orig.: *Introduction à l'Étude de la Parenté*, Éditions du Seuil, 1996)

Gil, F. (2001). A prova em Freud: Seminário. In F. Gil (Ed.), *Mediações* (pp. 189-199). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Girard, R. (1972). *La Violence et le Sacré*. Paris: Éditions Bernard Grasset

Glenn, J. (1998). Book Review: Freud's Dora. A Psychoanalytic, Historical, and Textual Study. *Psychoanalytic Quarterly, 67 (3),* 507-509

Godelier, M. (1982). *La Production des Grands Hommes - Pouvoir et Domination Masculine chez les Baruya de Nouvelle-Guinée*. Paris: Fayard

Godelier, M. (1996). Meurtre du Père ou sacrifice de la sexualité? In M. Godelier & J. Hassoun (Eds.), *Meurtre du Père, Sacrifice de la Sexualité - Approches Anthropologiques et Psychanalytiques* (pp. 21-52): Éditions Arcanes

Godelier, M. (1996/2000). *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70 (Orig.: *L'Énigme du Don*, Librairie Arthème Fayard, 1996)

Gotman, A. (1996/1999). Delapidar a herança: deixar passar a sua vez ou delapidá-la. In B. Prieur (Ed.), *As Heranças Familiares* (pp. 51-62). Lisboa: Climepsi (Orig.: *Les Héritages Familiaux*, ESF Éditeur, Paris, 1996)

Green, A. (1980/1983). La mère morte (Chap VI). In A. Green (Ed.), *Narcisisme de Vie, Narcisisme de Mort* (pp. 222-253). Paris: Les Éditions de Minuit (Orig.: 1980)

Green, A. (1983). Atome de Parenté et Relations Oedipiennes. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *L'Identité - Séminaire Interdisciplinaire Dirigé par Claude Lévi-Strauss, Professeur au Collège de France 1974-1975*. Paris: PUF

Green, A. (1995). *La Causalité Psychique - Entre Nature et Culture*. Paris: Éditions Odile Jacob

Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1983/2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi (Orig.: *Object Relations in Psychoanalytic Theory*, Harvard University Press, 1983)

Hanns, L. A. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda

Hanus, M., & Strauss, M. (1988). Traumatismes sexuels et traumatismes narcissiques. *Revue Française de Psychanalyse, 6, Tome LII,* 1305-1319

Hegel, W. F. (1817/1894). *Philosophy of Mind* (W. Wallace, Trans.). Oxford: Clarendon Press (Orig.: *Phänomenologie des Geistes*, [Heidelberg 1817, rev. Berlin 1827, 1830]; *Encyclopaedia Philosophy of Spirit* as *Hegel's Philosophy of Mind*, tr. W. Wallace, 1894)

Heimann, P. (1969). Uma combinação de mecanismos de defesa em estados paranóides. In M. Klein, P. Heimann & R. E. Money-Kyrle (Eds.), *Novas Tendências na Psicanálise* (pp. 253-282). Rio de Janeiro: Zahar Editores

Herdt, G. H. (1981). *Guardians of the Flutes - Idioms of masculinity*. New York: Columbia University Press

Herdt, G. H. (1992a). Comportamiento Homossexual Ritual en los Cultos de Melanesia, 1862-1963: Una Introducción. In G. H. Herdt (Ed.), *Homossexualidad Ritual en Melanesia* (pp. 61-142). Madrid: Fundácion Universidad-Empresa

Herdt, G. H. (1992b). Transacciones de Semen en la Cultura Sambia. In G. H. Herdt (Ed.), *Homossexualidad Ritual en Melanesia* (pp. 225-270). Madrid: Fundácion Universidad-Empresa

Herdt, G. H. (Ed.). (1984/1992). *Homossexualidad Ritual en Melanesia*. Madrid: Fundácion Universidad-Empresa (Orig: Ritualized Homossexuality in Melanesia, 1984)

Héritier, F. (1979). Symbolique de l' Incest et de sa Prohibition. In M. Izard & P. Smith (Eds.), *La Fonction Symbolique*. Paris: Gallimard

Héritier, F. (1981). *L'Exercice de la Parenté*. Paris: Seuil

Héritier, F. (1989). Masculino/Feminino. In Aavv (Ed.), *Enciclopédia Einaudi («Parentesco»)* (Vol. 20, pp. 11-26). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Héritier, F. (1994). *Les Deux Soeurs et leur Mère - Anthropologie de l'Inceste*. Paris: Éditions Odile Jacob

Héritier, F. (1996/1998). *Masculino Feminino. O Pensamento da Diferença*. Lisboa: Instituto Piaget (Orig: 1996)

Héritier, F. (Ed.). (1994/2001). *O Incesto* (1ª ed.). Lisboa: Pergaminho (Orig: *De L'Inceste*, Paris, Éditions Odile Jacob,1994)

Hollingworth, L. S. (1928). *The Psychology of the Adolescent*. Nova Iorque: D. Appleton

Horney, K. (1924). On the Genesis of the Castration Complex in Women. *International Journal of Psycho-Analysis, VI*, 50-65 (Orig.: *Seventh International Psycho-Analytical Congress*, Berlin, Sept, 1922)

Horney, K. (1926). The flight from womanhood: The masculinity-complex in women, as viewed by men and by women. *International Journal of Psychoanalysis, VII,* 324-339

Horney, K. (1932). The dread of woman - Observations on a specific difference in the dread felt by men and by women respectively for the opposite sex. *International Journal of Psychoanalysis, XIII,* 348-360

Hunt, J. C. (1989). *Psychoanalytic Aspects of Fieldwork*. Newbury Park, California: Sage Publications

Irmen, F. (1968). *Dicionário Alemão-Português / Português-Alemão (Langenscheidts Taschenworterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache)*. Berlin / Munchen / Wien / Zurich: Langenscheidt KG

Jakobson, R. (1963). *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Minuit

Jakobson, R. (1977). *Seis Lições sobre o Som e o Sentido* (1 ed.). São Paulo: Moraes Editores

Jann, R. (1994). Darwin and the Anthropologists: Sexual Selection and Its Discontents. *Victorian Studies, 37*

Jones, E. (1924/1951). Mother-Right and the Sexual Ignorance of Savages. In E. Jones (Ed.), *Essays in Applied Psycho-Analysis II - Essays in Folklore, Anthropology and Religion* (Vol. 2). London and Toronto: The Hogarth Press Ltd and The Institute of Psycho-Analysis (Orig.: 1924)

Jones, E. (1927). The Early Development of Female Sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis, 8,* 459-463

Jones, E. (1935). Early Female Sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis, 16,* 263-274

Jones, E. (1953/1989a). Biologia (Cap X). In E. Jones (Ed.), *A Vida e a Obra de Sigmund Freud, Vol. III - Última Fase (1919-1939)* (Vol. 3, pp. 302-312). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: *The Life and Work of Sigmund Freud*, NY: Basic Books, 1981 [1953])

Jones, E. (1953/1989b). *A Vida e a Obra de Sigmund Freud, Vol. I - Os Anos de Formação e as Grandes Descobertas (1856-1900)* (J. C. Guimarães, Trans. Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago (Orig.: *The Life and Work of Sigmund Freud*, NY: Basic Books, 1981 [1953])

Jones, E. (1953/1989c). *A Vida e a Obra de Sigmund Freud, Vol. II - A Maturidade (1901-1919)* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: *The Life and Work of Sigmund Freud*, NY: Basic Books, 1981 [1953])

Jones, E. (1953/1989d). *A Vida e a Obra de Sigmund Freud, Vol. III - Última Fase (1919-1939)* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig.: *The Life and Work of Sigmund Freud*, NY: Basic Books, 1981 [1953])

Jorge, M. M. A. (1985). *Biologia, Informação e Conhecimento*. Lisboa: FCG

Jung, C. G. (1925/1971). Marriage as a Psychological Relationship. In J. Campbell (Ed.), *The Portable Jung*. New York: Penguin Books (Orig.: 1925)

Jung, C. G. (1936/2000). O arquétipo com referência especial ao conceito de anima. In C. G. Jung (Ed.), *Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo* (Vol. IX/1, pp. 447). Petrópolis: Editora Vozes (Orig.: *Zentralblat für Psychothérapie und ihre Grenzgebiete IX / 5*, Leipzig, 1936, p. 259-275. Revisto e publicado novamente em: *Von den Wurzeln des Bewusstseins. Studien über den Archetypus* (Ensaio II dos Ensaios Psicológicos "Psychologische Abhandlungen" IX), Rascher, Zurique 1954)

Jung, C. G. (1940/2000). A psicologia do arquétipo da criança. In C. G. Jung (Ed.), *Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo* (Vol. IX/1, pp. 151-180). Petrópolis: Editora Vozes (Orig.: *Das Göttliche Kind. In Mythologischer und Psychologischer Beleuchtung*, Pantheon Akademische Verlagsanstalt, Amsterdam-Leipzig, 1940)

Jung, C. G. (1961/2000). *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (Orig: *Memories, Dreams, Reflections*, Random House, 1961)

Jung, C. G. (1971/1999). *Ab-Reacção, Análise dos Sonhos, Transferência (XVI/2)* (L. Bonaventure, F. L. Boff, D. M. R. F. d. Silva & Jette Bonaventure (Comissão Responsável pela Organização e Tradução do Lançamento das obras de Carl Gustav Jung em Português), Trans. 4ª ed. Vol. XVI / 2). Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes (Orig: *Praxis der Psychotherapie (G. W. 16), Spezielle Probleme der Psychotherapie*, Walter-Verlag, AG Olten, 1971)

Kaës, R. (1999). *Les Théories Psychanalytiques du Groupe*. Paris: PUF

Kaës, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J.-J. (1993). *Transmission de la Vie Psychique entre Générations*. Paris: Dunod

Karme, L. (1981). A Clinical Report of Penis Envy: Its Multiple Meanings and Defensive Function. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis, 29,* 427-447

Kilborne, B. (1978). *Interprétations du Rêve au Marocs* (1ª ed.). Saint-Etienne (Loire): La Pensée Sauvage

Klein, M. (1922/1997). Uma neurose obsessiva em uma menina de seis anos de idade. In M. Klein (Ed.), *A Psicanálise de Crianças, 2* (Vol. 2, pp. 55-77). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig: 1975; baseado num artigo apresentado em Wurzburg, 1ª Confer. de Psicanalistas Alemães, 1924, Out)

Klein, M. (1928/1987). Early Stages of the Oedipus Conflict (1928). In J. Mitchell (Ed.), *The Selected Melanie Klein*. New York: The Free Press (Orig: 1928)

Klein, M. (1928/1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein (Ed.), *Amor, Culpa e Reparação e outros Trabalhos (1921-1945)* (pp. 214-227). Rio de Janeiro: Imago (Orig.: "Early Stages of the Oedipus Conflict", 1928)

Klein, M. (1930/1987). The Importance of Symbol Formation in the Development of the Ego (1930). In J. Mitchell (Ed.), *The Selected Melanie Klein*. New York: The Free Press (Orig: 1930)

Klein, M. (1930/1996). A importância da formação de simbolos no desenvolvimento do ego (1930). In M. Klein (Ed.), *Amor, Culpa e Reparação e outros Trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.: "The Importance of Symbol Formation in the Development of the Ego", 1930)

Klein, M. (1932a). The Effects of Early Anxiety-Situations on the Sexual Development of the Girl (Chapter XI) (A. Strachey, Trans.). In M. Klein (Ed.), *The Psycho-Analysis of Children* (pp. 268-325). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis

Klein, M. (1932b). *The Psycho-Analysis of Children* (A. Strachey, Trans.). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis

Klein, M. (1932/1997). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In M. Klein (Ed.), *A Psicanálise de Crianças, 2* (Vol. 2, pp. 213-257). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig: "The Effects of Early Anxiety-Situations on the Sexual Development of the Girl", 1975, 1932)

Klein, M. (1975/1997). A técnica de análise no período de latência. In M. Klein (Ed.), *A Psicanálise de Crianças, 2* (Vol. 2, pp. 78-98). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig: 1975)

Kohut, H. (1971/2001). *The Analysis of the Self - A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders*. Madison, Connecticut: International Universities Press, Inc. (Orig: 1971)

Kolb, L. C. (1977/1980). *Psiquiatria Clínica* (S. R. P. Alves, Trans.). Rio de Janeiro: Interamericana (Orig.: *Modern Clinical Psychiatry*, W. B. Saunders Company, 1977)

Lacan. (1965-66/1998). A ciência e a verdade (1965/66). In Lacan (Ed.), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Lacan, J. (1936/1987). *A Família*. Lisboa: Assírio & Alvim (Orig.: 1936)

Lacan, J. (1938/1987). *A Família*. Lisboa: Assírio & Alvim (Orig.: artigo escrito a pedido de Wallon, e publicado na *Encyclopédie Française*, tome VIII, em Março de 1938)

Lacan, J. (1949/1998). O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Lda (Orig.: Comunicação feita ao *XVII Congresso Internacional de Psicanálise*, Zurique, 17 de Julho de 1949)

Lacan, J. (1953-54/1986). *Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954)* (M. Belo, Trans. 1º ed. Vol. 1). Lisboa: Publicações Dom Quixote (Orig: *Les Écrits Techniques de Freud (Le Séminaire - Livre I)*, Paris, Éditions du Seuil, 1975)

Lacan, J. (1953/1966). Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse. In J. Lacan (Ed.), *Écrits I* (pp. 111-208). Paris: Seuil (Orig.: 1953)

Lacan, J. (1953/1998). Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edtior, Lda

(Orig.: *Relatório do Congresso de Roma, Istituto di Psicologia della Universitá di Roma*, 26-27 de Setembro de 1953). Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol.I, 1956, p.81 a 166.

Lacan, J. (1954-55/1992). *O Seminário, Livro 2 - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise* (M. C. L. Penot & L. Q. d. Andrade, Trans. 3ª ed. Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Orig: *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre II: Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse* (1954-1955), Éditions du Seuil, 1978)

Lacan, J. (1956-57). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre IV: La Relation d'Objet*. Paris: École Lacanienne

Lacan, J. (1956-57/1995). *O Seminário, Livro 4 - A Relação de Objecto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Orig: *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre IV: La Relation d'Objet*, 1956-1957)

Lacan, J. (1957-58/1999). *O Seminário, Livro 5 - As Formações do Inconsciente (1957-1958)* (V. Ribeiro, Trans. 1ª ed. Vol. 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Orig: *Le Séminaire de Jacques Lacan, Livre V: Les Formations de L' Inconscient (1957-1958)*, Éditions du Seuil, Paris, , 1958-58, 1998)

Lacan, J. (1957-1958). *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre V: Les Formations de l'Inconscient (1957-58)*. Paris: École Lacanienne de Psychanalyse

Lacan, J. (1957/1998). A Psicanálise e seu Ensino. In J. Lacan (Ed.), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Lda (Orig.: Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia, 23 de fevereiro de 1957. Publicado no *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, vol.XLIX, 1957, p.65 a 85).

Lacan, J. (1960/1998). Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In J. Lacan (Ed.), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Lda (Orig.: Comunicação feita num congresso reunido em Royaumont, por obséquio dos "Colóquios filosóficos internacionais", sob o título "A dialética", a convite de Jean Wahl, 19 a 23 de setembro de 1960)

Lacan, J. (1964/1998). Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista (V. Ribeiro, Trans.). In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (3ª ed., pp. 865-868). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ltda (Orig.: Resumo das intervenções num colóquio convocado pelo professor Enrico Castelli, sob o título de "Técnica e casuística", de 7 a 12 de Janeiro de 1964, na Universidade de Roma. Publicado em *Atti dei colloquio internazíonale su "Técnica e casistica"*, Roma, 1964)

Lampl-De Groot, J. (1964). Remarks on Genesis, Structuralization, and Functioning of the Mind. *Psychoanalytic Study of the Child, 19,* 48-58

Laplanche, J. (1987/1988). *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. Lisboa: Ed. 70 (Orig.: *Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse*, Paris, Puf, 1987)

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967/1994). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Edições 70 (Orig: *Vocabulaire de la Psychanalyse*, Presses Universitaires de France, 1967)

Laplantine, F. (1988). *L'Ethnopsychiatrie*. Paris: Presses Universitaire de France

Latour, C.-H. P. d. (1986). Le Discours de la Psychanalyse et la Parenté. *L'Homme (97-98), Janv.-Juin, XXVI (1-2), 93-106*

Layard, J. (1945/1982). The Incest Taboo and the Virgin Archetype. In J. Stroud & G. Thomas (Eds.), *Images of the Untouched* (pp. 145-184). Dallas, USA: Spring Publications, Inc (Orig.: *Eran-Jb.*, 12)

Layard, J. (1966). In the pursuit of first principles: The third uniting factor. *Journal of Analytical Psychology, 11 (1),* 41-49

Leach, E. (1954). *Political Systems of Highland Burma - A study of Kachin social structure*. London: The London School of Economics and Political Science

Leach, E. (1960/1979a). What should we mean by caste? In E. Leach (Ed.), *Aspects of Caste in South India, Ceylon and North-West Pakistan* (pp. 1-10). Cambridge: Syndics of the Cambridge University Press (Orig: 1960)

Leach, E. (1970/1989). *Claude Lévi-Strauss*. Chicago: University of Chicago Press (Orig.: 1970)

Leach, E. (1974). *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva

Leach, E. (Ed.). (1960/1979b). *Aspects of Caste in South India, Ceylon and North-West Pakistan*. Cambridge: Syndics of the Cambridge University Press (Orig: 1960)

Leach, E. R. (1961/1982). *Rethinking Anthropology*. New York: The Athlone Press (Orig.: 1961)

Lévi-Strauss, C. (1945/1958). L'analyse structurale en linguistique et anthropologie. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Anthropologie Structurale* (pp. 37-62). Paris: Plon (Orig: "L'analyse structurale en linguistique et anthropologie", Word, *Journal of the linguistic circle of New York*, vol I, nº2, Agos 1945, p. 1-21)

Lévi-Strauss, C. (1945/1970). A análise estrutural em linguística e em antropologia. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Antropologia Estrutural* (4ª ed., pp. 45-). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: L'analyse structurale en linguistique et anthropologie, *Word, Journal of the linguistic circle of New York*, vol I, nº2, Agos 1945, p. 1-21)

Lévi-Strauss, C. (1949/1973). *Les Structures Élémentaires de la Parenté* (4ª ed.). Paris, La Haye: Mouton & Co (Orig.: 1949)

Lévi-Strauss, C. (1949/1982). *As Estruturas Elementares do Parentesco* (2ª ed.). Petrópolis, Brasil: Editora Vozes (Orig: *Les Structures Élémentaires de la Parenté*, Mouton & Co, Maison des Sciences de L'Homme, 1967; [1949])

Lévi-Strauss, C. (1950). Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss. In M. Mauss (Ed.), *Sociologie et Anthropologie* (pp. vii-lii). Paris: Les Presses Universitaires de France

Lévi-Strauss, C. (1950/1974). Introdução à Obra de Marcel Mauss. In M. Mauss (Ed.), *Sociologia e Antropologia* (Vol. I, pp. 1-36). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Ltda / Editora da Universidade de São Paulo (Orig.: In *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Puf, 1950)

Lévi-Strauss, C. (1952/1958). Linguistique et anthropologie. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Anthropologie Structurale* (pp. 77-91). Paris: Plon (Orig: Conference of Anthropologists and Linguists, Bloomington, Indiana, 1952. Publicado segundo transcrição de gravação magnética em: Supplement to International Journal of American Linguistics, vol 19, Abr 1953, Mem 8)

Lévi-Strauss, C. (1952/1970). Linguística e antropologia. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Antropologia Estrutural* (4¨ ed., pp. 85-). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: *Conference of Anthropologists and Linguists*, Bloomington, Indiana, 1952.

Publicado segundo transcrição de gravação magnética em: *Supplement to International Journal of American Linguistics*, vol 19, Abr 1953, *Mem* 8)

Lévi-Strauss, C. (1955). *Tristes Tropiques*. Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1955/1958). La structure des mythes. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Anthropologie Structurale* (pp. 227-255). Paris: Plon (Orig.: D'après l'article original : The Structural Study of Myth, in : Myth, A Symposium, *Journal of American Folklore*, vol. 78, n° 270, oct.-déc. 1955, pp. 428-444 Traduit avec quelques compléments et modifications)

Lévi-Strauss, C. (1955/1970). A estrutura dos mitos. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Antropologia Estrutural* (pp. 237-). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: The structural study of myth, in: Myth, A Symposium, *Journal of American Folklore*, vol 78, nº 270, out-dez, 1955, pp. 428-444)

Lévi-Strauss, C. (1955/1993). *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70 (Orig: 1955)

Lévi-Strauss, C. (1956/1970). As organizações dualistas existem? In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Antropologia Estrutural* (4ª ed., pp. 155). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: "Les organisations dualistes existent-elles?", *Bijdragen tot de taal-, en Volkenkunde*, Deel, 112, 2e. Aflevering, 1956, pp. 99-128 [volume em homenagem ao Prof. J. P. B. de Josselin de Jong])

Lévi-Strauss, C. (1958). *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1958/1970). *Antropologia Estrutural* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: 1958)

Lévi-Strauss, C. (1962). *La Pensée Sauvage* (1ª ed.). Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1962/1976). *O Pensamento Selvagem* (M. C. d. C. e. S. e. A. d. O. Aguiar, Trans. 1ª ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional (Orig: *La Pensée Sauvage*, Paris: Librairie Plon, 1962)

Lévi-Strauss, C. (1964). *Mythologiques - Le Crut et le Cuit* (1ª ed. Vol. 1). Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1964/1991). *Mitológicas - O Crú e o Cozido* (B. Perrone-Moisés, Trans. 1ª ed. Vol. 1). São Paulo: Editora Brasiliense (Orig: *Le Crut et le Cuit*, Librairie Plon, 1964)

Lévi-Strauss, C. (1966/1973). Préface de la deuxième édition. In *Les Structures Élémentaires de la Parenté* (4ª ed., pp. xiv-xxx). Paris, La Haye: Mouton & Co (Orig.: 1966)

Lévi-Strauss, C. (1971). *Mythologiques - L'Homme Nu* (1ª ed. Vol. 4). Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1973). Réflexions sur l'atome de parenté. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Anthropologie Structurale Deux* (pp. 103-138). Paris: Plon

Lévi-Strauss, C. (1973/1993). Reflexões sobre o átomo de parentesco. In C. Lévi-Strauss (Ed.), *Antropologia Estrutural Dois* (4ª ed., pp. 90-). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Orig: *L'Homme, Revue Française d'Anthropologie*, XIII, 3, 1973 / *Anthropologie Structurale Deux*, Librairie Plon, Paris, 1973)

Lewin, B. D. (1958). *Dreams and the uses of Regression*. New York: International Universities Press, Inc

Lewin, B. D. (1968). *The Image and the Past*. New York: International Universities Press, Inc

Loewald, H. W. (1951). Ego and reality. *International Journal of Psychoanalysis, 32*

MacLennan, J. F. (1865/1876). *Studies in Ancient History. Comprising a reprint of Primitive Marriage, an Inquiry in to the origin of the Form of Capture in Marriage Ceremonies*. London: Bernard Quaritch (Orig.: 1865)

Mahony, P. J. (1996). *Freud´s Dora - A psychoanalytic, historical, and textual study*. New Haven and London: Yale University Press

Makari, G. J. (1997). Dora's hysteria and the maturation of Sigmund Freud's transference theory: A new historical interpretation. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 45,* 1061-1096

Malinowski, B. (1904-05/1993). Observations on Friederich Nietzsche's *The Birth of Tragedy* (1904/5). In R. J. Thornton & P. Skalník (Eds.), *The Early Writings of Bronislaw Malinowski* (pp. 67-88). Cambridge: Cambridge University Press

Malinowski, B. (1914-18/1989). *A Diary in the Strict Sense of the Term* (2th ed.). London: Athlon Press (Orig: 1914-18, 1967)

Malinowski, B. (1916/1988). Baloma, os espíritos dos mortos nas ilhas Trobriand. In B. Malinowski (Ed.), *Magia, Ciência e Religião* (pp. 157-272). Lisboa: Ed 70 (Orig.: In *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Vol 46, 1916)

Malinowski, B. (1922/1961). *Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanisian New Guinea*. London: E.P. Dutton (Orig: 1922)

Malinowski, B. (1924/1992). Psychoanalysis and Anthropology. In I. Strenski (Ed.), *Malinowski and the Work of Myth*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press

Malinowski, B. (1926/1988). O mito na psicologia primitiva. In B. Malinowski (Ed.), *Magia, Ciência e Religião* (pp. 97-155). Lisboa: Ed 70 (Orig.: *Myth in Primitive Psychology*. London: K. Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd., 1926)

Malinowski, B. (1926/1992). Myth in Primitive Psychology (1926). In I. Strenski (Ed.), *Malinowski and the Work of Myth* (pp. 77-116). Princeton, New Jersey: Princeton University Press (Orig.: 1926)

Malinowski, B. (1927/1937). *Sex and Repression in Savage Society* (2 ed.). London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Lmtd. (Orig.: 1927)

Malinowski, B. (1927/1982). El Padre en la Psicologia Primitiva. In B. Malinowski (Ed.), *Estudios de Psicologia Primitiva*. Barcelona: Paidos (Orig.: *The Father in Primitive Psychology*, London: K. Paul, Trench, Trubner & Co., ltd., 1927)

Malinowski, B. (1927/2000). *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Petrópolis: Editora Vozes (Orig.: *Sex and Repression in Savage Society*. London, New York,: K. Paul, Trench, Trubner & Co., Harcourt, Brace & company, inc, 1927)

Malinowski, B. (1929/1983). *A Vida Sexual dos Selvagens* (2 ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Orig.: *The sexual life of savages in North-Western Melanesia: an ethnographic account of courtship, marriage, and family life among the natives of the Trobriand Islands, British New Guinea*. London: G. Routledge & Sons, 1929; traduzido de *The Sexual life of Savages*, Paul R. Reynolds, Inc., 1979)

Malinowski, B. (1944/1970). *Uma Teoria Científica da Cultura* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores (Orig.: *A Scientific Theory of Culture*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1944)

Martinet, J. (1974/1983). *Chaves para a Semiologia*. Lisboa: Dom Quixote (Orig.: *Clefs pour la Sémiologie*, 1974)

Martinho, J. (1990). *O que é um Pai?* (1ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim

Martinho, J. (1999). *Ditos - Conferências Psicanalíticas* (1ª ed.). Lisboa: Fim de Século

Marx, K. (1844/1989). *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70 (Orig.: 1844; Edição utilizada - K. Marx, *Werke*, Bd. I: *Frühe Schriften*, hrsg. von H. J. Lieber/P. Fürth, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971)

Masson, J. M. (1985/1986). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (D. V. Ribeiro, Trans. 1ª ed.). Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda (Orig: *The Freud / Fliess Correspondence*, Under the Berne Convention Sigmund Freud Copyrights, Ltd; J. M. Masson for the Editorial Matter, 1985)

Matos, A. C. d. (1982/2001). A depressão, essa incógnita. In A. C. d. Matos (Ed.), *A Depressão - episódios de um percurso em busca do seu sentido* (pp. 123-126). Lisboa: Climepsi (Orig: Jornal do Médico, CIX, (1991): 937-938, Julho, 1982)

Mauss, M. (1923-24). Essai sur le Don. Forme et Raison de l'Échange dans les Sociétés Archaïques. *L'Année Sociologique, Seconde Série*

Mauss, M. (1923-24/1988). *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70 (Orig: *Essai sur le Don*, 1950; [1923-24])

Mead, M. (1935/2000). *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva (Orig.: *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*, 1935)

Mijolla, A. d. (Ed.). (2002/2005). *International Dictionary of Psychoanalysis / Dictionnaire Internationale de Psychanalyse*. Detroit / New York / San Francisco / San Diego / New Haven / Waterville / London / Munich: Thomson Dale (Orig.: *Dictionnaire International de la Psychanalyse*, 2002)

Minkowski, E. (1927/2002). *La Schizophrénie*. Paris: Éditions Payot & Rivages (Orig.: 1927)

Mitchell, J. (2000). *Mad Men and Medusas: Reclaiming hysteria*. New York: Basic Books

Morgan, L. H. (1877/s.d-a). *A Sociedade Primitiva* (M. H. B. Alves, Trans. 3 ed. Vol. I). Lisboa: Editorial Presença / Livraria Martins Fontes (Orig.: *Ancient Society*, 1877)

Morgan, L. H. (1877/s.d-b). *A Sociedade Primitiva* (M. H. B. Alves, Trans. 2 ed. Vol. II). Lisboa: Editorial Presença / Livraria Martins Fontes (Orig.: *Ancient Society*, 1877)

Moulton, R. (1970). A Survey and Reevaluation of the Concept of Penis Envy. *Contemporary Psychoanalysis, 7 (1),* 84-105

Nunberg, H., & Federn, E. (Eds.). (1906-08/1962). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society, 1906-1908 (Vol. I)* (Vol. I). New York: International Universities Press, Inc (Orig.: 1962 [1906-1908])

Organização Mundial de Saúde. (1992/1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10* (D. Caetano, M. L. Domingues & M. A. Marcolin, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas (Orig.: *The ICD-10 Classification of Mental and Behavioural Disorders. Clinical descriptions and diagnostic guidelines*, World Health Organization, 1992)

Paluch, A. K. (1981). The Polish Background to Malinowski's Work. *Man,* 276-285

Panoff, M., & Perrin, M. (1973/1979). *Dicionário de Etnologia*. Lisboa: Ediçoes 70 (Orig.: 1973)

Parsons, T. (1993). The Super-Ego and the Theory of Social Systems. In *Psychoanalytic Sociology I* (Vol. I, pp. 17-33). Vermont: Edward Elgar Publishing Limited

Pereira, F. (1990). Significação e Representação. *Análise Psicológica, 3 (VIII),* 327-338

Pereira, F. (2002). *Sonhar Ainda: Do Sonho-Desejo-Realizado ao Sonho Emblemático* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Perelberg, R. J. (1995). Transmission de la Vie Psychique Entre Générations (Review). *International Journal of Psycho-Analysis, 76,* 179-183

Piaget, J. (1932/1992). *Le Jugement Moral chez l'Enfant* (7e ed.). Paris: PUF (Orig: 1932)

Piaget, J. (1971/1986). *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Lisboa: Dom Quixote (Orig.: *La Naissance de l'Intelligence chez l'Enfant*, Delachaux & Niestlé, S.A., 1971)

Platão. (séc. V AC/2002). *A Alegoria da Caverna*. Lisboa: Ésquilo (Orig.: séc. V AC)

Platão. (séc. V AC/2003). *Fédon (Ou Acerca da Alma)*. Lisboa: Guimarães Editores (Orig.: séc. V AC)

Popper, K. (1961/1992). A lógica das ciências sociais. In K. Popper (Ed.), *Em busca de um Mundo Melhor* (pp. 71-86). Lisboa: Fragmentos (Orig.: Conferência de abertura das *Jornadas da Sociedade Alemã de Sociologia*, Tübingen, 1961. Esta conferencia foi publicada pela primeira vez na *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*,14.ª série, 1961, Caderno 2, p. 233-248)

Popper, K. R. (1962/1966). *The Open Society And Its Enemies* (5 ed. Vol. I-II) (Orig.: 1962)

Posinsky, S. H. (1970). The Elementary Structures of Kinship. *Psychoanalytic Quarterly, 39,* 331-333

Pulman, B. (2002). *Anthropologie et Psychanalyse - Malinowski contre Freud*. Paris: PUF

Racker, H. (1982/1988). *Estudos sobre Técnica Psicanalítica* (José C. A. Abreu, Trans. 3 ed.). Porto Alegre: Artes Médicas (Orig.: *Estudios sobre Técnica Psicoanalítica*, Paidós, Buenos Aires, 1982)

Radcliffe-Brown, A. R. (1935/1989). A Sucessão Patrilinear e Matrilinear. In A. R. Radcliffe-Brown (Ed.), *Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas* (pp. 53-78). Lisboa: Edições 70 (Orig.: *Iowa Law Review*, vol. xx, nº 2, Janeiro, 1935)

Radcliffe-Brown, A. R. (1939/1952). Taboo. In A. R. Radcliffe-Brown (Ed.), *Structure and Function in Primitive Society. Essays and addresses* (pp. 133-151). Glencoe, Illinois: The Free Press (Orig.: 1939)

Radcliffe-Brown, A. R. (1939/1989). Tabu. In A. R. Radcliffe-Brown (Ed.), *Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas* (pp. 195-225). Lisboa: Edições 70 (Orig.: *Conferência sobre Frazer*, 1939)

Radcliffe-Brown, A. R. (1940/1981). Prefácio. In M. Fortes & E. E. Evans-Pritchard (Eds.), *Sistemas Políticos Africanos* (pp. 3-24). Lisboa: FCG (Orig.: 1940)

Radcliffe-Brown, A. R. (1950). Introduction. In A. R. Radcliffe-Brown & D. Forde (Eds.), *African Systems of Kinship and Marriage* (pp. 1-85). London / New York / Toronto: International University Press / Oxford University Press

Radcliffe-Brown, A. R. (1950/1982). Introdução. In A. R. Radcliffe-Brown & D. Forde (Eds.), *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento* (pp. 9-114). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Orig.: *African Systems of Kinship and Marriage*, Oxford Univ. Press, 1950)

Rapport, N. (1997). «Surely Everythig Has Already Been Said About Malinowski's Diary». In *Transcendental Individual - Towards a Literary and Liberal Anthropology* (1ª ed., pp. 81-92). London and New York: Routledge

Reich, W. (1931/1988). *As Origens da Moral Sexual*. Lisboa: Dom Quixote (Orig.: 1931)

Reich, W. (1945/1979). *Análise do Carácter*. Lisboa: Dom Quixote (Orig. *Charakteranalyse*, 1945)

Rickels, L. A. (2002). *Nazi Psychoanalysis* (Vol. I). Minneapolis: University of Minnesota Press

Ricoeur, P. (1988). Estrutura e hermenêutica. In P. Ricoeur (Ed.), *O Conflito das Interpretações - Ensaios de hermenêutica* (pp. 28-62). Porto: Rés Editora

Ritvo, L. B. (1990/1992). *A Influência de Darwin sobre Freud - Um Conto de Duas Ciências* (J. C. C. Guimarães, Trans. 1ª ed.). Rio de Janeiro: Imago Editora (Orig: *Darwin's Influence on Freud - A Tale of Two Sciences*, Yale University,1990)

Riviere, J. (1955/1969). A Fantasia Inconsciente de um Mundo Interior Refletida em Exemplos da Literatura. In M. Klein, P. Heimann & R. E. Money-Kyrle (Eds.), *Temas de Psicanálise Aplicada* (pp. 50-79). Rio de Janeiro: Zahar Editores (Orig.: *New Directions in Psychoanalysis (Part Two)*, 1955)

Robert, M. (1964/1968). *A Revolução Psicanalítica* (J. M. L. d. Freitas, Trans. 1ª ed.). Lisboa e São Paulo: Moraes Editores (Orig: *La Révolution Psychanalytique*, Paris, Payot, 1964)

Rogow, A. A. (1979). Dora's brother. *International Review of Psychoanalysis, 6,* 239-259

Roudinesco, E., & Plon, M. (1997/2000). *Dicionário de Psicanálise* (I. S. Aubyn, Trans. 1ª ed.). Mira-Sintra - Mem-Martins: Editorial Inquérito (Orig: *Dictionnaire de la Psychanalyse*, Librairie Arthème Fayard, 1997)

Rubin, G. (1975). The Traffic in Women: notes on the political economy of sex. In R. R. Reiter (Ed.), *Toward an Anthropology of Women*. New York and London: Monthly Review Press

Rudnitzky, P. L. (1987). *Freud and Oedipus* (1ª ed.). New York: Columbia University Press

Sá, E. (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século

Sand, R. (1983). Confirmation in the Dora case. *International Revue of Psychoanalysis, 10,* 333-357

Santner, E. L. (1996). *My Own Private Germany: Daniel Paul Schreber's Secret History of Modernity*. Princeton, NJ: Princeton University Press

Saussure, F. d. (1916/1972). *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot (Orig.: publiée par Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger, [1916])

Saussure, F. d. (1916/1995). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote (Orig.: *Cours de Linguistique Générale*, Paris: Payot, 1971, [1916])

Schreber, D. P. (1903/2000). *Memoirs of my Nervous Illness* (Ida Macalpine & Richard A. Hunter, Trans.). New York: New York Review of Books (Orig.: *Denkwurdigkeiten eines Nervenkranken*, Leipzig, 1903; *Memoirs of my Nervous*

Ilness, translated and edited by Ida Macalpine & Richard A. Hunter, London: W. Doson, 1955)

Searles, H. (1960/1986). *L'Environnement Non Human*. Paris: Éditions Gallimard (Orig: 1960)

Slipp, S. (1984/1991). *Object Relations - A dynamic bridge between individual and family treatment*. Northvale, New Jersey / London: Jason Aronson Inc. (Orig. 1984)

Slöterdijk, P. (1996). *No Mesmo Barco. Ensaio sobre a hiperpolítica*. Lisboa: Século XXI (Orig.: *Im Selben Boot. Versuch uber die Hyperpolitik*, 1996)

Smith, J. M. (1986/1989). Estruturalismo *versus* selecção - É o darwinismo suficiente? (A. C. P. Dias, A. P. Oliveira, J. C. Fernandes & L. C. Rodrigues, Trans.). In S. Rose & L. Appignanesi (Eds.), *Para uma Nova Ciência* (1ª ed., pp. 55-64). Lisboa: Gradiva (Orig: *Science and Beyond*, The Institute of Contemporary Arts, 1986)

Smith, P. K., Cowie, H., & Blades, M. (1991/2001). *Compreender o Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget (Orig.: *Understanding Children's Development*; Peter K. Smith and Helen Cowie, 1991; Peter K. Smith, Helen Cowie and Mark Blades, 1998)

Smith, W. R. (1894/2002). *Religion of the Semites*. New Brunswick (USA) and London (UK): Transaction Publishers (Orig: 1984 [1894])

Sperber, D. (1968). Le Structuralisme en Anthropologie. In *Qu'est-ce que le Structuralisme?* (pp. 169-237). Paris: Éditions du Seuil

Spiro, M. (1982). *Oedipus in the Trobriands*. Chicago and London: The University of Chicago Press

Stocking Jr., G. W. (1986). Anthropology and the Science of the Irrational - Malinowski's Encounter with Freudian Psychoanalysis. In G. W. Stocking (Ed.), *Malinowski, Rivers, Benedict and Others - Essays on Culture and Personality* (Vol. 4, pp. 13-49). Wisconsin and London: The University of Wisconsin Press

Strenski, I. (1982). Correspondence - Malinowski: second positivism, second romanticism. *Man, 17,* 767-771

Sullivan, H. S. (1938). The data of psychiatry. *FPSS*

Sullivan, H. S. (1940). *Conceptions of Modern Psychiatry*. New York: Norton

Tarpley, H. (1993). Vagina Envy in Men. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis, 21 (3),* 457-465

This, B. (2003). Freud: l'Émergence de l'inconscient - par Bernard This. *Pour la Science - Édition Française de Scientific American,* 96 pp

Thornton, R. J., & Skalník, P. (Eds.). (1993). *The Early Writings of Bronislaw Malinowski*. Cambridge: Cambridge University Press

Torok, M. (1964/2001). La signification de l'«envie du pénis» chez la femme. In N. Abraham & M. Torok (Eds.), *L'Écorce et le Noyau* (pp. 132-171). Paris: Flammarion (Orig.: *La Sexualité Féminine, Nouvelles Recherches Psychanalytiques*, Paris, Payot, 1964)

Troubetzkoy, N. (1939/1949). *Príncipes de Phonologie*. Paris (Orig.: 1939)

Vermorel, H. (2002). Metapsychology of Hysteria: from Freud to Fairbairn and Beyond. In F. Pereira & D. E. Scharff (Eds.), *Fairbairn and Relational Theory*. London: Karnac Books

Vigotski, L. S. (1934/2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (P. Bezerra, Trans. 1 ed.). São Paulo: Martins Fontes (Orig.: Michliênie i Rietch, Moscow, 1934)

Wallon, H. (1975). Níveis e flutuações do eu. In H. Wallon (Ed.), *Objectivos e Métodos da Psicologia* (pp. 153-172). Estampa: Lisboa (Orig.: *L'Évolution Psychiatrique, I*, 1956)

Weber, M. (1904/1993). A "Objetividade" do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In M. Weber (Ed.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 107-154). São Paulo: Cortez Editora (Orig.: *Archiv für Sozialuissenschaft und Sozialpolitik* (Arquivo para ciência social e política social), Tomo 19, 1904)

Wengle, J. L. (1988). *Etnographers in the Field - The Psychology of Research*. Tuscalosa and London: The University of Alabama Press

Winnicott, D. W. (1935/2000). A defesa maníaca. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise - Obras escolhidas* (pp. 199-217). Rio de Janeiro: Imago (Orig.: *British Psycho-Analytical Society*, 1935, Dec 4)

Winnicott, D. W. (1949/2000). A mente e sua relação com o psicossoma. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise - Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.: Trabalho apresentado à Seção Médica da *British Psychological Society* em 14 de dezembro de 1949, e revisto em 1953. Publicado no *Brit. J. Med. Psychol*, vol. XXVII, 1954)

Winnicott, D. W. (1954/2000). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise - Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.: 1954)

Winnicott, D. W. (1956/2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise - Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.: 1956)

Wittgenstein, L. (1921/1995). Investigações Filosóficas. In L. Wittgenstein (Ed.), *Tratado Lógico-Filosófico e Investigações Filosóficas* (pp. 159-611). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Orig.: *Philosophical Investigations*, Basil Blackwell and Mott, Ltd, 1985)

Young, M. W. (1979). *The Etnography of Malinowski - The trobriand islands, 1915-18*. London and New York: Routledge and Keegan Paul Inc.